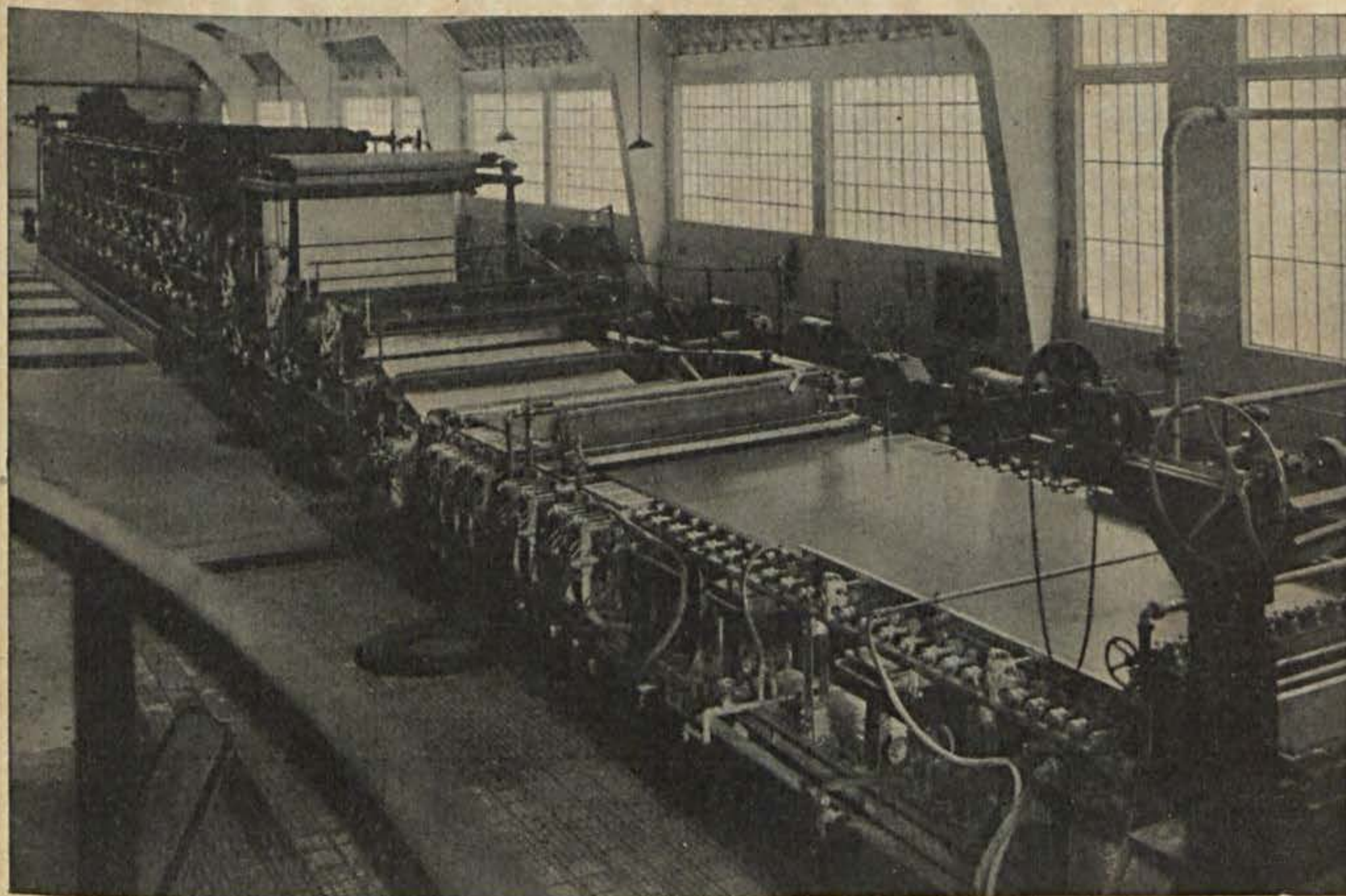
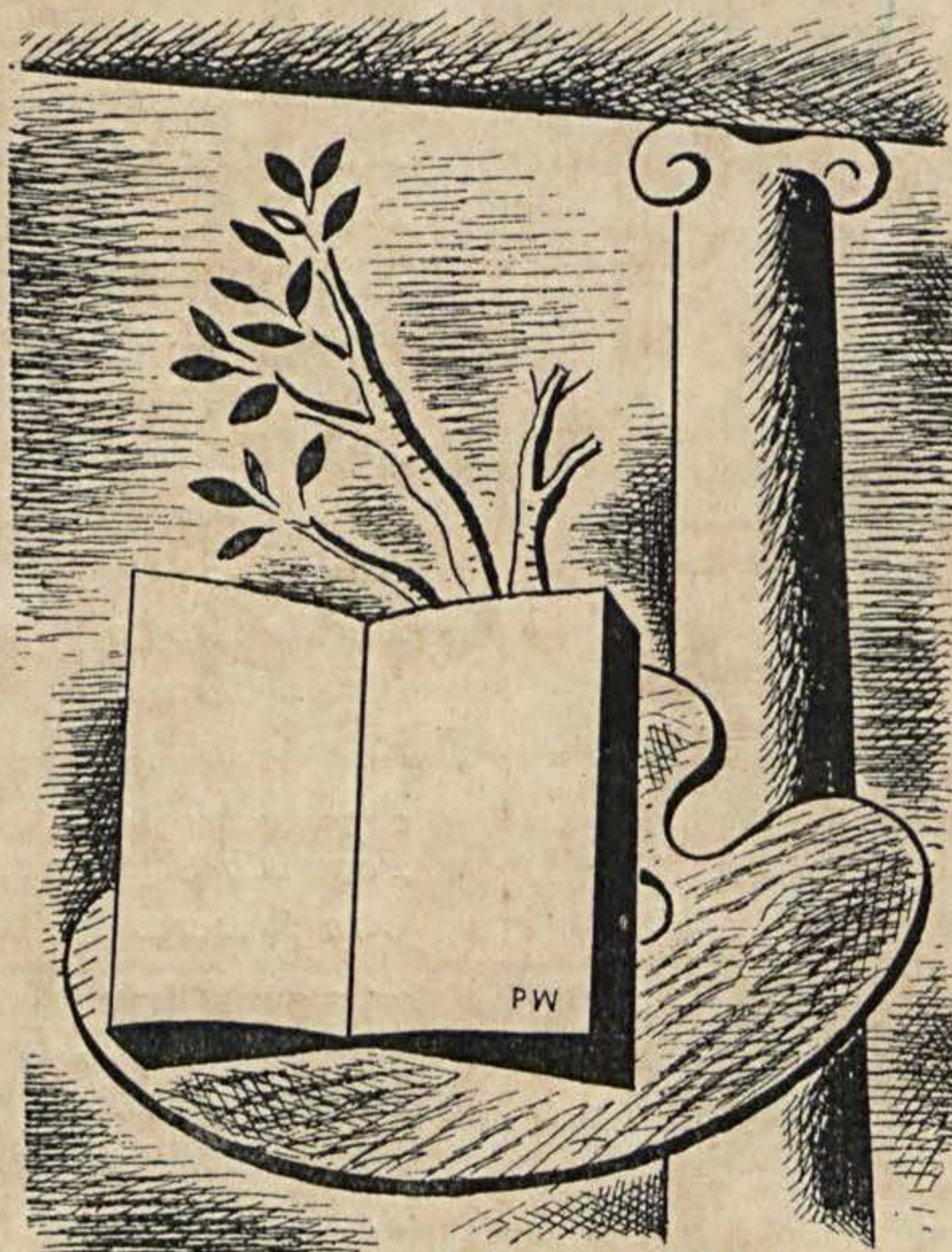
ANNUARIO BRASILEIRO
DE
LITERATURA

1937

Directores
Responsavel: Rogerio Pongetti
Intellectual: J. L. Costa Neves
Gerente: Rodolpho Pongetti

Redacção, Administração e Officinas:
Avenida Mem de Sá, 78
Rio de Janeiro

APOLICES
DO ESTADO
DE
MINAS
1000 CONTOS
500 CONTOS
100 CONTOS
50 CONTOS
UM
BILHETE
QUE NÃO FICA
BRANCO
SEM RISCO DE PERDER O SEU
DINHEIRO E AINDA RECEBENDO
OS JUROS
DE
5%
UMA APOLICE
MINEIRA
O HABILITARA' A CONCORRER A 701 PREMIOS QUE VARIAM DE 300$ A 1.000 CONTOS EM 80 SORTEIOS DURANTE 40 ANNOS..
Rodolpho

ANNUARIO BRASILEIRO DE LITERATURA

~ LETRAS-ARTES-SCIENCIAS ~

1937

Directores:
Responsavel: Rogerio Pongetti
Intellectual: J. L. Costa Neves
Gerente: Rodolpho Pongetti

Redacção, Administração e Officinas:
Avenida Mem de Sá, 78
Rio de Janeiro

Collaboram neste "Annuario":

J. L. Costa Neves
José Lins do Rego
Henrique Pongetti
Agrippino Grieco
Eduardo Frieiro
Hermeto Lima
Pedro Calmon
Alcides Bezerra
Mario Linhares
Mucio Leão
Aurelio Pinheiro
Mello Nobrega
A. Austregesilo
Luis Martins
Laudelino Freire
Lobivar Mattos
Aluizio Napoleão
Manuel Bandeira
José Augusto
Lemos Britto
Peregrino Junior
Raul Monteiro
Iturbides Serra
Affonso Costa
Carlos Rubens
Francisco Acquarone
Velho Sobrinho
Neves Manta
Modesto de Abreu
Arthur Martins Sampaio
Plinio de Mello
Alexandre da Costa
Rolando Pedreira
Almachio Diniz
Jorge de Lima
Henrique Castriciano

Othon Costa
Faustino Nascimento
Arnon de Mello
Pedro Barreto Falcão
Alziro Zarur
Phocion Serpa
Sebastião Fernandes
Telles de Meirelles
Ernani Fornari
Damon José de Siqueira
Paulo Magalhães
Branca Bagueira Martins Sampaio
Abilio de Carvalho
Eduardo M. Lustosa, S.J.
L. Nogueira de Paula
Ary de Mesquita
Silvio Julio
Fabio Luz
Murillo Araujo
Carlos Chiacchio
Alfredo Cumplido de Sant'Anna
Paulo Gustavo
Fernando Segismundo
Otto Prazeres
A. Tenorio d'Albuquerque
Austregesilo de Athayde
Albuquerque Lima
Alvaro Bomilcar
F. Pinto de Abreu
Decio Pacheco Silveira
Oswaldo Orico
Admar Cruz
Guilherme Figueiredo
J. Seven
Josué Mondelo
Raul Pedrosa

Ao Jorge de Lima com a velha amizade e a grande admiração do Pongetti 1-III-37

Leitor amigo!

NTES de deixal-o folhear este "ANNUARIO", quero dizer-lhe algumas palavras simples e despretenciosas.

A idéa da organização do "ANNUARIO BRASILEIRO DE LITERATURA" nasceu da verificação de uma grande lacuna.

Facto inconteste é o desenvolvimento constante e pasmoso do Brasil. Dizer-se isto é já incorrer-se num logar commum. Paciencia... Mas o que talvez não se saiba ou pelo menos pouco se saiba é que o nosso Paiz tambem avança intellectualmente. Ahi está, para quem quizer, a prova mathematica dos numeros. Augmentam os escriptores nacionaes de valor. Avultam os livros bons. Tomã um caracter definitivo o nosso romance brasileiro. *Percebe a gente que o Brasil vem adquirindo um estylo todo seu, personalissimo, peculiarissimo, inteiramente desembaraçado das velhas formas classicas portuguezas — formas sem duvida bellas, mas archaicas e inadaptaveis ao nosso ambiente de novo povo americano. (Os Estados Unidos tambem modificaram á sua moda e segundo suas conveniencias a lingua — bem mais pratica do que a lusa — da velha Inglaterra.) Possuimos, escriptos em linguagem brasileira, livros do valor de "A Bagaceira", "O Estrangeiro", "Banguê" e "Cacáu".*

Nossa critica literaria, si já teve um Sylvio Romero e um José Verissimo, apresenta hoje nomes honrados e criteriosos taes como Agrippino Grieco, Eloy Pontes, Carlos Chiachio.

Nossa poesia, de tradições tão bellas, continúa a brilhar e entre nossos poetas occorre citar Onestaldo de Pennafort, Murillo Araujo, Menotti del Pichia, Martins Fontes, Osorio Dutra.

Nossa erudição é representada soberbamente por Gilberto Freyre, Arthur Ramos, Alcides Bezerra, Eduardo Frieiro, Silvio Julio.

E deixamos de citar propositalmente, por não precisarem de lembrete, varios membros da Academia de Letras, como deixamos tambem de enumerar uma pleiade illustre de gente da velha guarda que, provinda da monarchia, venceu a phase tumultuaria da formação republicana e attingiu os nossos dias, coberta de glorias e tradições.

Territorio immenso, escassez de communicações, falta ou deficiencia de instrucção entre o povo, despreoccupação por parte dos poderes publicos, e varias outras causas de menor importancia, concorrem, entretanto, para manter quasi ignorados, a não ser nos ambitos em que vivem e agem, todos esses indices do nosso desenvolvimento intellectual.

* * *

Como consequencia desse desenvolvimento, empresas editoras innumeras foram surgindo em todo o territorio da patria. Outras, ha já muitos annos existentes, foram crescendo e mantêm hoje em dia uma industria do livro adeantada, digna dos maiores centros culturaes do mundo.

Vimos, em Porto Alegre, uma typographia fundada em 1883, "numa velha casa colonial de duas portas e uma vitrina", transformar-se numa das maiores casas editoras (si não a maior) do Brasil. Assistimos, em São Paulo, á transformação de uma pequena fabrica de livros na grande Editora Nacional. E aqui no Rio de Janeiro, constatamos quasi um milagre: um jovem, cheio de coragem e bôa vontade, tomar a peito a divulgação dos intellectuaes de merito e, em menos de quatro annos, construir um monumento admiravel, todo de marmore e granito, e nelle inscrever com letras de ouro nomes que ficarão para sempre nos fastos da nossa historia literaria — José Lins do Rego, Lucio Cardoso, Graciliano Ramos, Jorge Amado, Almir de Andrade, Sergio Buarque de Hollanda.

Foi a essa altura que nasceu o projecto da creação do "ANNUARIO BRASILEIRO DE LITERATURA". Uma das mais recentes casas editoras do Brasil propriedade de dois irmãos intelligentes e emprehendedores — os Pongetti — viu a utilidade e a opportunidade de um orgão de coordenação e de approximação que faltava para completar este surto admiravel da industria do livro brasileiro. Acompanhando com interesse o movimento livresco internacional, sabiam os Irmãos Pongetti que a França, a Italia, a Allemanha, a Inglaterra e muitas outras nações possuem innumeros almanachs e annuarios que completam com proficuidade a obra constructiva dos editores de livros. Viram que tambem o Brasil — este com maior razão, si se attentar na extensão do seu territorio e nas grandes distancias existentes entre seus centros mais populosos e cultos — precisava de uma publicação dessa natureza. E si bem o pensaram, melhor o levaram a cabo. Trata-se de emprehendimento de alta significação, cujos fructos beneficos todos hão de reconhecer: livreiros, leitores, autores e o proprio Governo, que terá no "ANNUARIO BRASILEIRO DE LITERATURA" um auxiliar efficiente para sua obra de educação popular.

Talvez este primeiro numero, elaborado ainda com alguma difficuldade — coisa aliás facil de se comprehender, não corresponda inteiramente

ao escopo em mira. Nem todos os editores patricios tiveram a bôa vontade ou o claro discernimento de prestar os esclarecimentos necessarios a completar e deixar sem falhas um orgão informativo como este. Talvez que com o apparecimento do primeiro numero vejam a razão de ser dos insistentes pedidos que lhes fizemos no devido tempo. Por exemplo, a estatistica do livro de literatura não nos foi possivel levantal-a, por falta absoluta de elementos para o fazer.

Outra coisa que tivemos em mente foi tirar-lhe o aspecto severo de um simples catalogo de livros. E sem querermos revestil-o da apparencia de uma revista illustrada, soubemos escolher um meio termo justo e razoavel. Assim, completamos a parte informativa com a publicação de artigos assignados pelos mais brilhantes intellectuaes brasileiros, artigos em via de regra dentro da finalidade do "ANNUARIO". *Ainda para dar-lhe um caracter mais eclectico, inserimos algumas poesias, estampamos numerosas illustrações, e procuramos realçar o valor dos nossos artistas contemporaneos por meio de primorosas trichromias, reproducção de quadros de pintores que encarnam as nossas varias tendencias artisticas. Em summa, nos esforçamos por fazer um trabalho perfeito, attrahente, interessante.*

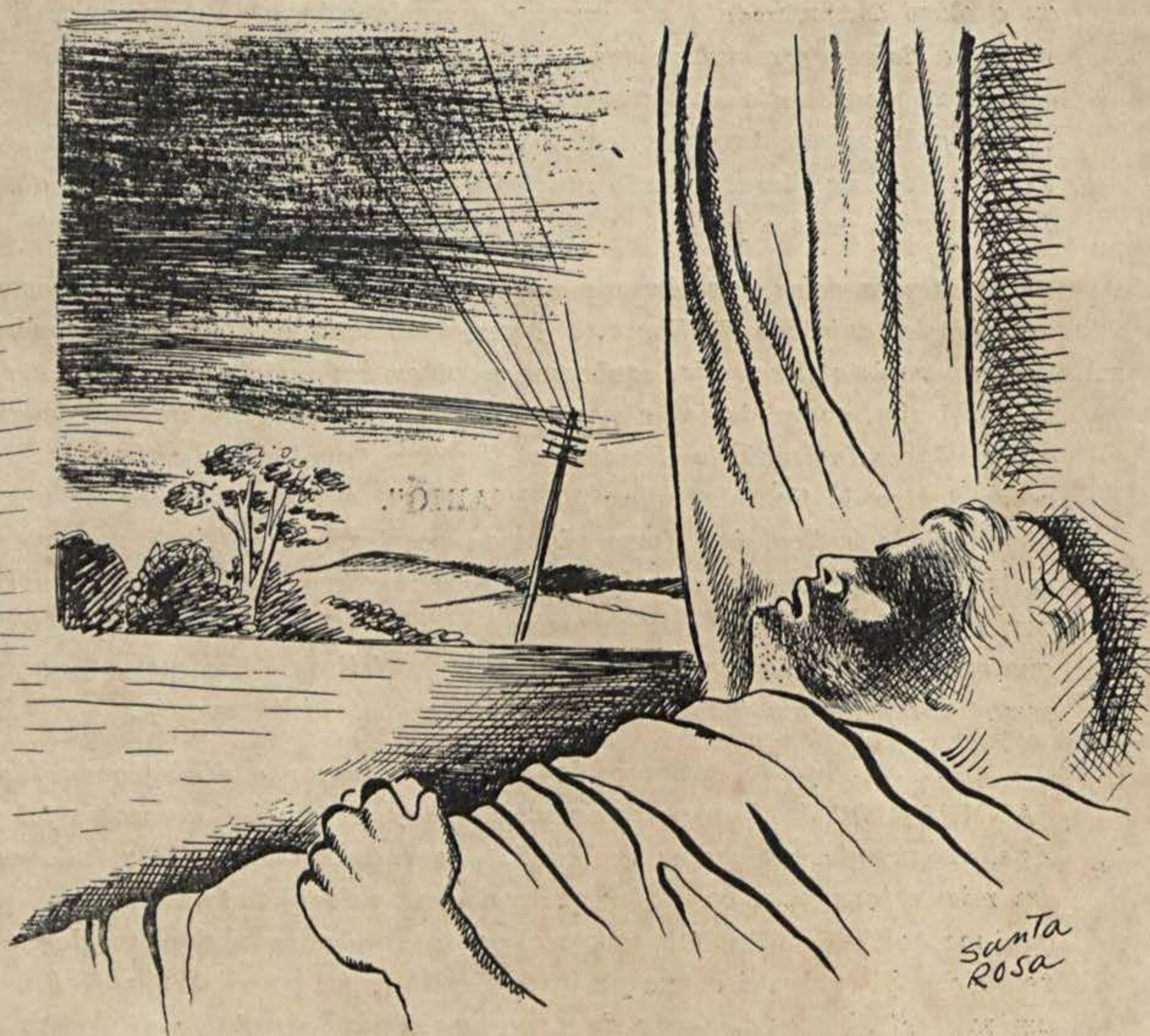
Seus editores, procurando a quem entregar a direcção de tão util "ANNUARIO", *lembraram-se do meu nome. Não sei si a escolha foi feliz. Apenas garanto que maior dedicação não encontrariam. Fiz tudo quanto em mim estava para converter um sonho numa realidade brilhante. Dediquei-me ao* "ANNUARIO" *com a abnegação de quem tudo quer dar e nada receber. Si consegui o que pretendia, melhor do que ninguem dirá o leitor amigo. E si, ainda, a vóz da experiencia dictar modificações para o futuro, acceital-as-ei com a submissão philosophica de quem aprendeu com Marco Aurelio que* "soffrer transformações não é um mal", *porquanto* "tudo que succede entre nós homens é util para o Universo", *dando-se á palavra "util" um significado outro do que aquelle que geralmente a creatura humana, com o seu immediatismo egoistico, lhe quer emprestar.*

Minha apresentação creio que foi, como o prometti, simples e despretenciosa. Si citei alguns nomes, si deixei na sombra outros de não menos valor, si fui por demais derramado com este e si secco em excesso com aquelle, o castigo já me havia preparado para o receber, de vez que quem prefacia uma obra, tanto como quem escreve versos num album, na opinião de um poeta portuguez:

Si não cita ninguem — mostra pobreza;
Si faz mil citações — é um pedante;
Si é prodigo em louvor — é repugnante;
Si não louva — não tem delicadeza.

Mas basta! Amigo leitor, póde entrar que a casa é sua.

J. L. COSTA NEVES

P U R E Z A

JOSÉ LINS DO REGO

(Capitulo II do livro a sahir)

Depois foi a doença de meu pae. Tivera uma syncope no escriptorio e o trouxera para casa muito mais pallido do que era.

O dr. Marques disse, com aquella voz grossa e arrastada:

— O Deodato está muito doente. Ha uns dois annos constatei-lhe uma grande lesão cardiaca. Isto é de familia. O pae e o irmão se foram assim.

E desde esse dia meu pae começou a agonisar. Mais de um mez com dyspnéas, arreado na cama, vivendo ás custas dos remedios do dr. Marques. Uma morte horrivel, um devorar vagaroso, uma vida comida com todas as dores. Parece que ainda o vejo, os olhos postos em mim, nos poucos minutos em que se livrava da falta de ar.

Vieram alguns parentes, para assistil-o. E junto delle fiquei noites inteiras, ao seu lado, vendo a cada instante que elle se ia para sempre. Mas não era o fim. Era a vida que ainda tinha qualquer coisa, um recurso qualquer para offerecer á fome, á ganancia da morte.

Felismina não dormia tambem. De vez em quando chegava-me ella com uma chicara de leite para que eu tomasse. E só arredava o pé quando eu bebia a ração. Por mais de uma vez tive que ser grosseiro com a boa negra, de tantas recommendações ella me cercava. Queria á força que eu fosse dormir, dizendo-me que de nada valia ficar por ali, que havia gente tomando conta do doente.

Meu pae tambem sentia aquillo. Uma occasião, quando a dyspnéa o deixara mais tranquillo, me chamou com um aceno para junto delle e me falou com voz sumida:

— Lourenço, vai dormir; eu estou melhor.

Sahi de junto delle para não chorar na sua frente. Era em mim que elle pensava com a morte na cabeceira de sua cama, no filho fraco a quem uma corrente de vento, umas botinas molhadas poderiam destruir a vida.

Morreu numa tarde Junho, ás cinco horas, com o céo de Madaglena escuro, com o tempo carregado de chuva. Vi-o estendido na cama, entregue de corpo e alma ao nada, de mãos cruzadas sobre o peito, de olhos fechados para sempre. Botaram o crucifixo do santuario de minha mãe na parede do quarto. Accenderam velas. Vestiram meu pae com seu traje de gala. E Felismina chorava alto como no dia do enterro de minha mãe.

Era a segunda vez que eu via a morte entrar naquella casarão da Madaglena.

Em dez curtos annos...

Henrique Pongetti

O progresso da industria brasileira de livros nestes ultimos annos faz a gente acreditar em certas tiradas patrioticas dos discursadores genero burro-civico allusivas "á grandeza infallivel do nosso futuro". Em nenhuma outra parte da vida nacional a transformação teve um geito tão perfeito de milagre como nas officinas graphicas. Arranha-céos nascem em Copacabana durante uma noite como cogumelos durante uma chuva. Casas de anões parecem parir Nova York em todos os cantos da cidade até hontem acocorada e medrosa como se as montanhas fossem cahir a cada momento. Automoveis e omnibus se cotucam reclamando ruas para correr, congestionando o trafego de uma capital que nasceu herniada pela incapacidade dos colonisadores de sonhar com futuras grandezas. Mas todas essas magicas materiaes são proprias do Brasil semi-virgem, rico a seu modo, cheio de chances, *de* golpes, *de dividas,* de *sortes grandes, "temos tudo", "maior paiz do mundo", "estamos á beira de um abysmo", "somos a nação do futuro: abysmo uma ova!" Nada do nosso progresso material nos espanta porque a terra nos habituou a esperar tudo das suas epidermes e das suas entranhas. Trilhos, lençóes de asphalto, arranha-céos, estradas suaves e refinadas entre a selvageria natural, tudo nos parece corriqueiro como se a terra que nos offerece varias colheitas num anno tivesse obrigação de apressar outras fundações.*

O que espanta o Brasil de hoje é a revelação espiritual contida nos boletins de producção das suas casas editoras de livros. Até dez annos atraz uns materialões sumiticos eram os donos do mercado de ideias indigenas e as suas gavetas sebentas de açougueiros natos, transviados casualmente das suas sinas, determinavam o movimento mental do paiz.. Fóra do pessimo livro didactico imposto aos collegios sem o controle das autoridades pedagogicas ou com seu criminoso e suspeito parecer favoravel, raramente uma obra de ficção merecia as honras dos prelos.. Ninguem queria saber de litteratura, de cultura superior, de obra que não fosse gavetalmente de lei. *Portugal traduzia dois romances europeus por anno e elles nos chegavam com o Guerra Junqueiro e o Julio Dantas glorificando a remessa. Quem não soubesse idiomas estrangeiros ficava burro com o dinheiro da intelligencia na mão. Os criticos litterarios*

eram chomeurs *permanentes e esperavam a sahida de um calhamaço qualquer como se espera a concha de sopa na fila da fome. Um milheiro sem possibilidades de segunda edição era norma para o grande escriptor de apenas dez annos atraz. Quem quizesse ser lido que pagasse a impressão e* deixasse de fricotes, *como dizia o livreiro millionario alisando o papelão das capas das suas minas de ouro e de besteiras didacticas. Quando o livro sahia com sua horrivel capa de relatorio do Ministerio da Agricultura, o mercador incumbido da distribuição mandava o caixeiro depositar o fardo no porão da loja, valla commum do talento nacional. Seis mezes depois o autor recebia a carga integral, escondia o fiasco no proprio porão e espalhava que "o livreco, graças a Deus, estava exgottado..." Nenhuma lei foi jamais invocada contra os sabotadores do pensamento nacional. Pelo contrario: nossos generosos plumitivos iam bater papo* na *livraria,* cavar *a collocação de um exemplar das suas obras na vitrina do centro, verdadeiro Premio Nobel só concedido aos* amigos do peito *da casa...*

Em 1937, *graças a Monteiro Lobato que desandou a imprimir livros de toda gente como um allucinado, fracassando commercialmente mas provando que os mais completos analphabetos do paiz eram os livreiros antigos, o Brasil lê como só imaginaramos que pudesse ler em* 1960.

A' experiencia industrial de Monteiro Lobato, grandiosa demais para sua época, devemos a revelação de um povo que queria livros e de livreiros que não sómente lhe negavam o pão do espirito como sacudiam o medalhão de brilhantes e se repimpavam todos ao taxal-o de analphabeto crasso. Dez annos de trabalho na industria desmascarada e desbravada por um paulista que agora quer dar petroleo aos livreiros transformados em vendedores de gazolinas americanas, dez curtos annos bastaram para um milagre tão inesperado. Vocês já viram que especie de livros nacionaes e estrangeiros o Brasil compra á Ariel Editora, á Civilização Brasileira, á Globo, ao José Olympio, aos meus irmãos Pongetti? Vocês já observaram que nós traduzimos immediatamente a melhor producção mundial e que se exgottam tiragens grandes de obras ditas para a elite, elite que ha dez annos era composta de cincoenta brasileiros que sabiam francez e achavam hediondo o casamento do pensamento europeu com o nosso barbaro idioma? Vocês já imaginaram as tiragens de Humberto de Campos tão perto do tempo em que Machado de Assis entregava ao seu editor benevolente, quasi com ares de vigarista, os manuscriptos de uma obra-mestra?

Dez annos, apenas... Os *arranha-céos nascem em Copacabana durante uma noite como cogumelos durante uma chuva. Mas foi o livro brasileiro que rehabilitou os oradores burro-civicos da sua sempre engatilhada confiança "no futuro incomparavel da nossa amada terra"...*

Alguns livros de 1936

Agrippino Grieco

Este artigo vae apenas tratar daquelles prosadores não sufficientemente distinguidos pela critica de 1936. Isto quer dizer que só terão razões para rejubilar os que não fôrem incluidos aqui, ou sejam os Gilberto Freyre, os José Lins do Rego, os Erico Verissimo, os Jorge Amado e outros a proposito dos quaes sahiram dezenas de estudos em jornaes e revistas.

Primeiro, assalta-me a duvida sobre si se falou muito ou pouco do Sr. Gustavo Barroso. No caso de haverem sido escassas as referencias aos seus livros, é que é difficil acompanhal-o na producção vertiginosa que o caracteriza. Leitores e criticos são forçados a deixal-o em meio da viagem. O homem é realmente o Fa Presto das nossas letras, deitando um livro em menos tempo do que o famoso Luca Giordano pintava uma téla. Seu cerebro parece beneficiado por aquelle espinafre tão util aos musculos do Popeye do cinema. E' volume após volume. E versando os assumptos os mais diversos. Como no caso de certos medicos, sua especialidade são todas as especialidades. Sim, causa assombro ver um cidadão dos tropicos, ainda não quinquagenario, e que dirige uma repartição e uma revista mundana, faz predicas civicas, passa os domingos jogando xadrez num club elegante, ter ainda lazeres para versar tantas letras e sciencias, discorrendo, em mais de cincoenta volumes, sobre ethnographia, philologia, heraldica, tradições militares, questões politicas européas, moral, uniformes do Exercito, bolchevismo, a guerra de Artigas e a guerra do Rosas, cangaceirismo, Atlantida, Byzancio, integralismo, banqueiros, semitismo, dando de quebra um romance e o catalogo geral do Museu Historico. E uma pergunta acode aos senhores de bom senso, que têm direito a desconfiar dessa miraculosa omnisciencia — entenderá elle mesmo de tudo isso, estará tudo isso certo? Porque, na Europa, só as questões de Byzancio absorvem uma vida toda, como no caso de Diehl e Schlumberger, sendo que lá existem outras bibliothecas, outros archivos, outros elementos de formação erudita que não aqui.

Das collectaneas de Humberto de Campos podemos assegurar, sem nenhum rancor ou inveja deante de um morto glorioso, que não despertaram grande interesse. Como que o publico já se fatigou de verter lagrimas, algo literarias, por esse grande martyr literario. O abuso do pathetico conclue quasi sempre em comicidade. E quando a gente percebe que as glandulas lacrimaes de um escriptor estão no seu tinteiro e que as gottas de pranto são apenas gottas de

tinta, a decepção é alarmante. Já é tempo de affirmar que de Humberto ficarão apenas as "Memorias", mesmo com o que nellas se observa de postiço, de arranjado para engodar os papalvos, de armado como em alçapões de theatro. Ha ahi, salvando tudo, bastante amargor humano, a tristeza de um cerebro que resiste ao esfrangalhamento da carne, os ultimos arquejos de um poeta á hora do irreparavel mallogro moral. Quanto ao mais, são chroniquetas destinadas a passar com os jornaes que as estamparam, não valendo o esforço dos que derrubaram arvores para fabricar o papel em que foram impressas. Paginas muito locaes, muito occasionaes, para merecer a vida duradoura do livro. E, no tocante aos seus contos, são perfeitamente dispensaveis numa terra em que o sol, os manjares bem adubados e o attrito na penumbra dos cinemas dispensam aphrodisiacos desses.

Em outro terreno, no da oratoria, encontramos o discurso do Sr. João Neves da Fontoura sobre Gaspar Silveira Martins. Esse homem, que fala tanto, pouco fez falar de si com essa allocução impressa em opusculo. E' que mesmo seus admiradores mais abnegados sentem que tal phraseado não resiste si levado á typographia. Valem, no Sr. Neves, o gesto, o olhar, a larynge: o pensamento vem por ultimo, si é que chega a vir. Tudo isso é barulho inutil como o do minuano. De Silveira Martins, o grande Gaspar, ficou apenas a recordação de uma sua providencia introduzindo bilhetes de loteria em retalhos, ficou o "gasparinho". Do Sr. João Neves ficará muito espanto para os que indaguem futuramente quaes as razões que o levaram á Academia de Letras.

Já um delicioso livro de que se deveria tratar muito mais: os "Dias idos e vividos", de Belmiro Braga. E' elle um bello lyrista e mal se chega a saber quando nelle fala o prosador ou o poeta. Para nós, Belmiro vive em estado de perpetua poesia, o que é quasi viver em estado de graça, no sentido mystico. Lendo o que elle diz da sua infancia e da sua adolescencia, é como si corressemos de novo a nossa propria infancia e a nossa propria adolescencia. E' como si elle se expressasse por todos nós, resuscitando para nós as creaturas amadas, recompondo as paizagens que foram os chromos, as vinhetas dos dias em que os nossos olhos de creança achavam tudo maravilhoso. E nem deixa de haver um nobre exemplo de resistencia no ardor com que esse roceirinho de um logarejo de Minas levou para a frente o seu desejo de vencer, em meio á incomprehensão ingenua dos parentes ou á incomprehensão hostil dos conterraneos que não lhe perdoavam os artiguetes e os sonetos. (Que importancia podem dar á poesia no papel aquelles que nem sequer sentem a poesia das coisas de em torno?).

Digno, sem duvida, de maior publicidade aqui no Rio o "Cabo das Tormentas" do Sr. Eduardo Frieiro. Este é um adoravel ensaista, é o nosso Charles Lamb, é um mestre de gosto civilizado. Foi typographo como Machado de Assis e escreve com a mesma finura. Da arte do livro nada ignora e poderia trabalhar nas casas de Didot ou Crès. Mas eu insistia em ver nelle apenas um critico de idéas, um exegeta de classicos e modernos das letras dos dois mundos. Agora, porém, deante daquelle "Cabo", que os leitores contornarão com menos perigo do que os navegantes lusos contornaram a ponta de terra celebrada por Luiz de Camões, vejo o romancista, encontro o mathematico dos problemas moraes, o feliz articulador de episodios, o estenographo dos dialogos da vida. Dantes afigurava-se-nos elle um misogyno, não havendo um rabo de saia bem descripto em suas primeiras narrações, simples rascunhos do optimo romance de agora. Mas aqui ha uma sexualidade bravia, um cheiro de carne excitada, ferozes gymnasticas de alcova. Tudo, de resto, expressado com elegancia, subtileza, sem auxilio de cantharidas, sem dedo apontando para os lupanares. E engraçado é que eu suppunha existir exaggero do romancista em localizando certas creaturas fogosas, freneticas, no ambiente quasi arcadiano de Bello Horizonte, cidade ainda garota onde pareceriam improvaveis essas corrupções de urbe velha. Todavia, depois de me assegurarem que tudo isso foi observado "in situ", quasi num decalque ao real, e até me sussurraram certos nomes conhecidos que apparecem mascarados no "Cabo das Tormentas".

Um volume posthumo de José Verissimo, "Letras e Literatos", chegou tarde demais para impressionar-nos. Nada mais precario que a critica aos livros. De todos os censores de todos os tempos só se salva

Sainte-Beuve porque escrevia bem, tão bem ou melhor do que os autores que julgava. Que me importa o juizo de um dado senhor a respeito de outro senhor si expresso em estylo rheumatico e sem nenhuma contribuição de talento pessoal? Bem sei que José Verissimo era honesto, muito honesto, embora louvasse os Magalhães de Azeredo em tom que seria menos affectuoso si elles não lhe frequentassem a redacção da revista. Mas o que accrescentava elle, em belleza ou pensamento, ás paginas lidas? Prosador de linguagem pedregosa, de uma esthetica de taba de tapuias, Verissimo só se mostrava forte em tratando de questões sociaes, especialmente dos problemas de ensino. Razoavel ao falar de romancistas, era, em passando á poesia, como um surdo num concerto de Brailowsky. Suas paginas sobre Cruz e Souza e Alphonsus de Guimaraens são milagres de incomprehensão. Esse inimigo pessoal do Symbolo ficará, a nosso ver, como sociologo e como autor de curiosas descripções da vida amazonica, genero em que elle deveria persistir, ao invés de metter-se a criticar com a sequidão e o amargor que o caracterizavam.

Peior ainda a exhumação das "Caricias", de Garcia Redondo, um chalaceiro á moda do Porto de 1880, caixeiro-viajante deitando espirito em hotel de Matto Grosso, a palitar os dentes, de collete desabotoado. Redondo, aliás quadradissimo, não vale o delicioso Arthur Azevedo e nem mesmo o attrahente Octavio de Teffé do "Para ler na cama". José Severiano de Rezende achava-o de uma parvoice insolvavel.

O Sr. Xavier Marques, autor dos "Praieiros", continúa a ser o maior escriptor da ilha de Itaparica. Por que quasi todos os nossos insulares têm o espirito assim limitado? Foi Vico que com aquella sua videncia genial accentuou que Creta custou a evoluir "perché isola"...

Doeu-me que não se falasse mais de um livro do Sr. Vianna Moog, o "Cyclo do ouro negro". Esse patricio já nos offerecera um volume sobre Petronio, Cervantes e Machado de Assis, trabalho de quem, mesmo chegando relativamente tarde, ainda encontrava estimaveis novidades a proposito dos jogos de ironia e paixão de entidades de tres povos e tres momentos historicos diversos. Agora offerece-nos elle uma visão global de terras e almas da Amazonia. Exilado politico, pôde o ensaista meridional ver por lá, com a boa perspectiva que lhe assegurava a mudança de ambiente, costumes e paizagens que fascinam e aterrorizam os literatos, enlevando os de inicio e acabando por desencorajal-os a todos. Naquellas terras do extremo Norte, encontrou o Sr. Moog uma especie de "bandeirante não theatralizado" e, indo da economia á ethnographia, disse coisas ponderosas a proposito da exploração da borracha, mas tambem recortou, com segurança de verdadeiro retratista de caracteres, os typos algo allucinantes que por alli perambulam, num romance picaresco que por vezes se carrega de sombras tragicas.

Nas "Façanhas de João das Botas", o Sr. Lucas A. Boiteux apresentou-nos uma figura quasi inedita em nossos fastos militares e que, emtanto, merecia maior popularidade. Marinheiro da Independencia, portuguez nato e, apesar disso, brasileiro, brasileirissimo sempre que se tratava de impôr a nossa nacionalidade ao mundo, João das Botas, intrepido Malazarte das aguas nortistas, metteu-se em proezas que, sendo de rigorosa historia, igualam as de um livro de aventuras escripto por Fenimore Cooper ou Marryat. Multiplicou-se em sortidas no Reconcavo bahiano, aturdindo os adversarios, sumindo-se e retornando como em golpes de magica, engendrando assaltos qde nem pareciam provir do cerebro de creatura de escassas relações com as letras. Fica evidenciado, no caso do Sr. Boiteux, que saber investigar ainda é uma fórma de inventar, que existem pelos nossos archivos dezenas de heroes bem mais sensarionaes, bem mais palpitantes de intensidade humana que os fabricados por novellistas amphibios, tão infelizes quando fazem os seus marujos descer á terra como quando mettem os burguezes das cidades em travessias prosaicas pelo oceano, com muita nausea e muito erro de technica maritima.

Houve um escriptor de fancaria que forçou um casal a perecer na cratera do Vesuvio, creio que em viagem de nupcias, mas, como os leitores protestassem contra a desapparição prematura de personagens tão sympathicas, elle as fez reverter ao mundo graças a uma erupção desse mesmo Vesuvio. Assim tambem João de Dornas Filho nos restituiu, de modo mais literario, o grande tribuno Silva Jardim, desapparecido no vulcão das proximidades de Napoles. E' bem

a recomposição do que disse e realizou o amigo de Theophilo Dias. Certas crepitações de enthusiasmo não compromettem o volume e o trabalho de joeira é sempre intelligente. Bem elucidada a catechese civica, a oratoria em marcha desse homem que se mostrava de uma bravura gelida deante do perigo e foi quasi um puritano á escosseza no repudio ás posições rendosas.

"Mana Maria", livro posthumo de Antonio de Alcantara Machado em tudo digno do admiravel chronista dos bairros italo-brasileiros da Paulicéa, marca o terrivel roubo infligido á nossa literatura pela prematurissima perda de um tal interprete de almas.

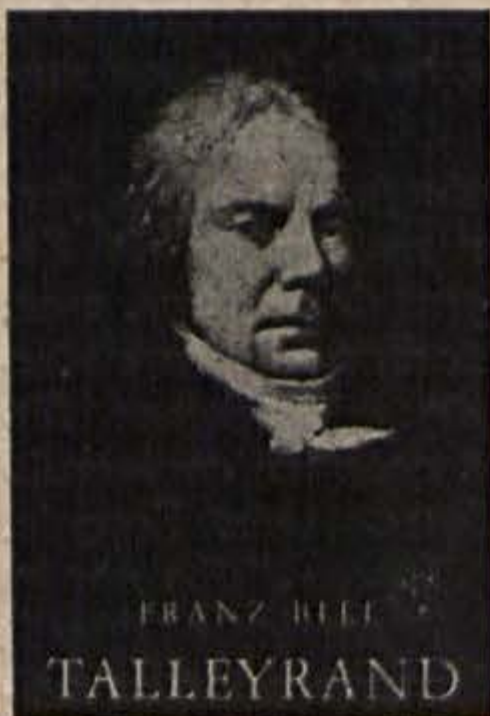
"Angustia" é, sem duvida alguma, o melhor dos tres romances até agora publicados pelo Sr. Graciliano Ramos. Dominio mais perfeito da materia plastica e da materia psychologica. Menos apego a irrisorios tiques exteriores e caça mais attenta á verdade profunda de protagonistas e comparsas. A paisagem, si não é escamoteada, tambem não inspira regabofes descriptivos de máo alumno de Antonio Parreiras. "Angustia" é um documentario moral notabilissimo.

Dizem que alguns leitores adquiriram o volume "Zacharias", do Sr. Vivaldo Coaracy, suppondo tratar-se de monographia referente ao notavel estadista do Segundo Imperio e ficaram meio decepcionados quando verificaram estar em jogo um trabalho de ficção...

Fazendo obra mais meritoria que a das viuvas espirituaes de Euclydes que vão todos os annos chorar-lhe na sepultura, repetindo as "tombales" de que falou Maupassant, o Sr. Lacerda Filho interrogou-lhe o livro, fariscando novidades nessa especie de compendio biblico da gente dos tropicos. Sem vaidades e rompantes de erudição, temos ahi o Euclydes homem e o Euclydes escriptor muito bem effigiados nos traços essenciaes que o differenciaram de tantos poltrões e tantos graphomanos.

O Sr. Tristão da Cunha, humanista das "Historias do bem e do mal", ainda crê na arte e na belleza, no periodo bem escripto. Mais ou menos como o philosopho grego, adormeceu um seculo e acordou em meio aos arranha-céus da Cidade-Macaca, da peior contrafacção de Nova York que até agora já ultimaram.

Quanto ás "Religiões negras", do Sr. Edison Carneiro, encerram bellas paginas sobre crendices bahianas, sobre a liturgia dos fanaticos, por vezes hereticos, que enchem de lendas e canções o mais poetico recanto do Brasil.

Finalmente, o "Machado de Assis", do Sr. Teixeira Soares, si não é volume organico e foi um atrouxemouxado, é superior ao quasi olvido em que o deixaram, a par da glorificação excessiva á obra da senhorita Lucia Miguel Pereira. O autor de "Quincas Borba" merecia mais e tambem os leitores do Sr. Teixeira Soares, e este os tratou um pouco dentro das suas funcções burocraticas, como se expedisse uma factura consular em Lisboa. Conjecturou muito, phantasiou, como os demais, o seu Machado, homem que tanto mais sibyllino se torna quanto mais pretendem elucidal-o, quanto mais volumes publicam sobre elle. Todavia, na parte relativa ao humorismo do mestre ha algumas coisas bem comprehendidas, senão de todo bem explicadas...

Carta Literaria do Brasil

Eduardo Frieiro

Ha quem creia que a vocação para as letras é mais frequente nos Estados setentptrionaes do Brasil que nos Estados meridionaes. E ha quem pense o contrario e affirme que o Sul se avantaja ao Norte quanto á producção de talentos. Na verdade, o espirito brilha onde quer brilhar, indifferente a parallelos e meridianos geographicos.

Não existe qualquer sombra de razão para se admittir a superioridade do Norte sôbre o Sul, ou vice-versa. Em que elementos se apoiaria semelhante juizo? Nos de qualidade? Nos de quantidade? Tanto uns como outros induziriam a conclusões inacceitaveis: os de qualidade por subjectivos e caciphosos; os de quantidade por demasiado simplistas.

Podia-se em todo o caso, como simples entretenimento, levantar uma pequena carta para apurar a frequencia do *homo scribens* nas varias regiões do Brasil. E' o que vamos esboçar aqui. Nossa carta fundar-se-á unicamente em algarismos, em dados estatisticos elementares. Quantos homens de letras produziu em quatrocentos annos a Bahia? Quantos o Maranhão, São Paulo ou Rio de Janeiro, no mesmo tempo? E quantos deu Minas, em dois seculos?

Faremos a conta, servindo-nos da nomenclatura que se encontra no excellente manual do sr. Afranio Peixoto, as *Noções de Historia da Literatura Brasileira*, primeira edição. Só recensearemos, entre os homens de lettas que ali figuram, os nascidos em territorio nacional. O primeiro que com esse caracter apparece no manual é Jeronymo Coelho de Albuquerque, nascido em Olinda em 1539, autor dumas *Memorias das guerras do Brasil durante as primeiras explorações*. O ultimo é o poeta cearense Juvenal Galeno, morto em 1931. Contamos pacientemente todos os nomes referentes aos varios Estados e mais o Districto Federal. Para a capital do paiz apuramos 84 nomes, principiando no do historiador Diogo Gomes Carneiro (1618-1676) e finalmente no do humanista Silva Ramos, desapparecido em 1930. Para o Estado do Rio arrolamos 27 nomes. Reunidos estes aos da Capital Federal, obtem-se o total de 111 nomes para toda a região fluminense, á qual pertence a hegemonia incontestavel da vida literaria brasileira.

Segue-se ao Rio de Janeiro em importancia numerica a velha Bahia: 83 nomes para todo o Estado. Um bom contigente. Comprehende-se: até fins do seculo dezoito era

a Bahia o centro mais povoado e a capital bahiana a primaz das letras e das artes no Brasil. Com a vinda de D. João Sexto, a supremacia passa difinitivamente para o Rio de Janeiro.

Em terceiro lugar vem Minas Geraes com 38 nomes, sendo o primeiro o do padre Martinho de Freitas Guimarães, poeta e orador sagrado, nascido em meiados do seculo dezoito, e o ultimo o do arcebispo Dom Silverio, fallecido em 1922. Não figuram na lista mineira alguns nomes de valores: os historiadores Marquez de Barbacena, conego Marinho, J. P. Xavier da Veiga, Diogo de Vasconcellos; os poetas Lucindo Filho, Marquez de Sapucahy, Oscar da Gama, Silvestre de Lima, Arthur França, Mendes de Oliveira; os criticos Augusto Franco e Raul Soares; o filosopho Silvio de Almeida e o publicista Aristides Maia.

O numero relativo a Minas é muito inferior ao do Rio e ao da Bahia. Explica-se. A vida social em Minas organiza-se na primeira metade do terceiro seculo da historia brasileira e só por essa altura apparecem os seus primeiros nomes literarios, isto é, duas centurias após os Bahianos, os Fluminenses, os Pernambucanos...

Ademais disso, Minas é um Estado mediterraneo, de economia rural e pastoril e população em extremo rarefeita num vastissimo territorio. Habitando cidadezinhas de vida pobre e retardada, longe dos grandes nucleos povoados e civilizados do litoral, e além disso pouco inclinados a emigrar para a metropole mental do paiz, os Mineiros não encontram ambiente propicio ás actividades do espirito, que tambem pedem estimulo e repercussão. As vocações, pela maior parte, são abafadas prematuramente. Houve, é certo, uma floração de grandes espiritos, os da chamada "Escola mineira", coincidindo com o fastigio social de Villa Rica, que se tornou na época do ouro um centro cultural de notavel importancia. Mas, pouco depois, Minas tombava em pobreza, declinava social e economicamente; e as artes e as letras, luxos da cultura, logo desaparecem quando lhes falta o *humus* da riqueza.

Pouco menor que a de Minas é a cifra correspondente a Pernambuco: 31 nomes. O censo de S. Paulo é inexplicavelmente diminuido: apenas 24. Vem immediatamente o Maranhão, com 18, e logo o Rio Grande do Sul, com 12. O Ceará tem 11, Sergipe 9, Alagoas 5, Pará 3. Rio Grande do Norte, Amazonas, Paraná e Santa Catharina, dois cada um. Parahyba, Goyaz e Matto Grosso, um cada um.

Se dividirmos o Brasil, "grosso modo", em duas metades, Norte e Sul, acabando o Norte na Bahia e principiando o Sul em Minas Geraes, teremos para o grupo sulista 189 nomes e para o nortista 170, não entrando nestes computos os dois algarismos relativos a Goyaz e Matto Grosso. O saldo a favor do Sul é de 19 nomes, para um total de 359. Não é grande a differença Advirta-se que a população do Sul é bem maior que a do Norte.

Em rigor, a contribuição do verdadeiro Sul (S. Paulo, Paraná, Santa Catharina e Rio Grande) é pequeninissima. Pode fazer crer, até, que o sulista é pouco inclinado ao meneio das letras. Mas esta crença só poderia justificar-se com relação ás gerações passadas, as unicas recenseadas aqui. Agora, não. Neste momento, a grande metropole paulistana é um centro intellectual muito activo, com valores proprios. O indice literario de S. Paulo, na hora actual, não está abaixo de sua importancia economica e social. Poderá dizer-se outro tanto do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, hoje a terceira cidade industrial do paiz, está adquirindo rapidamente o mesmo nivel elevado com relação á expansão literaria. Rio, S. Paulo e Porto Alegre formam agora os tres nucleos principaes e quasi unicos de producção do livro brasileiro. Tanto vale

dizer: Porto Alegre é um dos tres nucleos nacionaes irradiadores de cultura geral.

Quanto a valores, não se descobre tambem superioridade de Nortistas sobre Sulistas, ou ás avessas. Confrontam-se alguns nomes, entre os mais significativos. Poetas? No Norte, nasceram Gregorio de Mattos, Gonçalves Dias, Castro Alves, Junqueira Freire, Theophilo Dias, Augusto dos Anjos, Hermes Fontes... São filhos do Sul: Basilio da Gama, Gonçalves de Magalhães, Alvares de Azevedo, Casimiro, Fagundes Varella, Luiz Guimarães Junior, Cruz e Souza, Alphonsus de Guimaraens, Bilac, Luiz Delfino, Luiz Murat, Vicente de Carvalho... Todos da primeira escolha. Romancistas? Ao Norte, Alencar, Franklin Tavora, Aluizio Azevedo, Domingos Olympio, Graça Aranha... Ao Sul, Macedo, M. A. de Almeida, Bernardo Guimarães, Taunay, Machado de Assis, Julio Ribeiro, Pompéa, Lima Barreto... Historiadores, publicistas, ensaistas, criticos? Nortistas: J. F. Lisboa, Tobias Barreto, Sylvio Romero, Araripe Junior, Nabuco, Tavares Bastos, Rebouças, Ruy Barbosa, Capistrano de Abreu... Sulistas: Varnhagen, Justiniano José da Rocha, Torres Homem, Couto de Magalhães, J. Felicio dos Santos, Eduardo Prado, Lafayette, Salvador de Mendonça, Patrocinio, Miguel Lemos, Bocayuva, Carlos de Laet... Nativismo literario ? A um Maranhense, Gonçalves Dias, cabe a iniciativa de ter introduzido o indianismo no Brasil e poetizado o mytho do bom selvagem. Um Fluminense, Euclydes da Cunha, deu alento épico ao mytho do sertanejo varonil. Para uns é José de Alencar o maior romancista do Brasil. Para outros será Machado de Assis o maior... da lingua luso-brasileira.

Não se pode dizer que a planta literaria é mais bella ou mais vigorosa nesta ou naquella latitude. Nem que é differente. Si é verdade que ha mais de um typo especifico de Brasileiro, não é entretanto permittido fazer qualquer distincção entre os productos literarios de Mineiros e Cearenses, Paulistas e Bahianos, Cariocas e Gauchos...

Não falamos, está visto, de certos subproductos regionalistas, larvares, de escasso interesse para o caso. E ainda neste ponto não se notará differença. Tanto assim que, achando duvidosa a existencia de "literaturas regionaes" no Brasil, o erudito folklorista sr. Lindolpho Gomes perguntou se não seria melhor em tal caso falar em "literatura rural"; e inclinou-se pela affirmativa, a nosso ver com razão, "tendo em vista a quasi nenhuma differença nos costumes e no falar subdialectal das populações ruraes de nossa patria".

O facto capital é este: a lingua é uma só para quantos escrevem no Brasil, e só as linguas caracterizam nitidamente as literaturas e lhes conferem activa unidade. Outro denominador ou nivelador commum: imitação dos modelos europeus em toda a extensão do territorio nacional.

Literariamente, o Brasil é o Rio de Janeiro. Os Estados são seus affluentes, uns mais e outros menos caudalosos. E' no Rio que se *lançam* os *genios* provincianos. E fora do Rio, por ora, não se vê possibilidade de salvação.

Como quer que seja, a carta literaria do Brasil é ainda pobre, quantitativa e qualitativamente. Será, portanto, vã presumpção aspirar a qualquer primazia, tanto ao Sul como ao Norte.

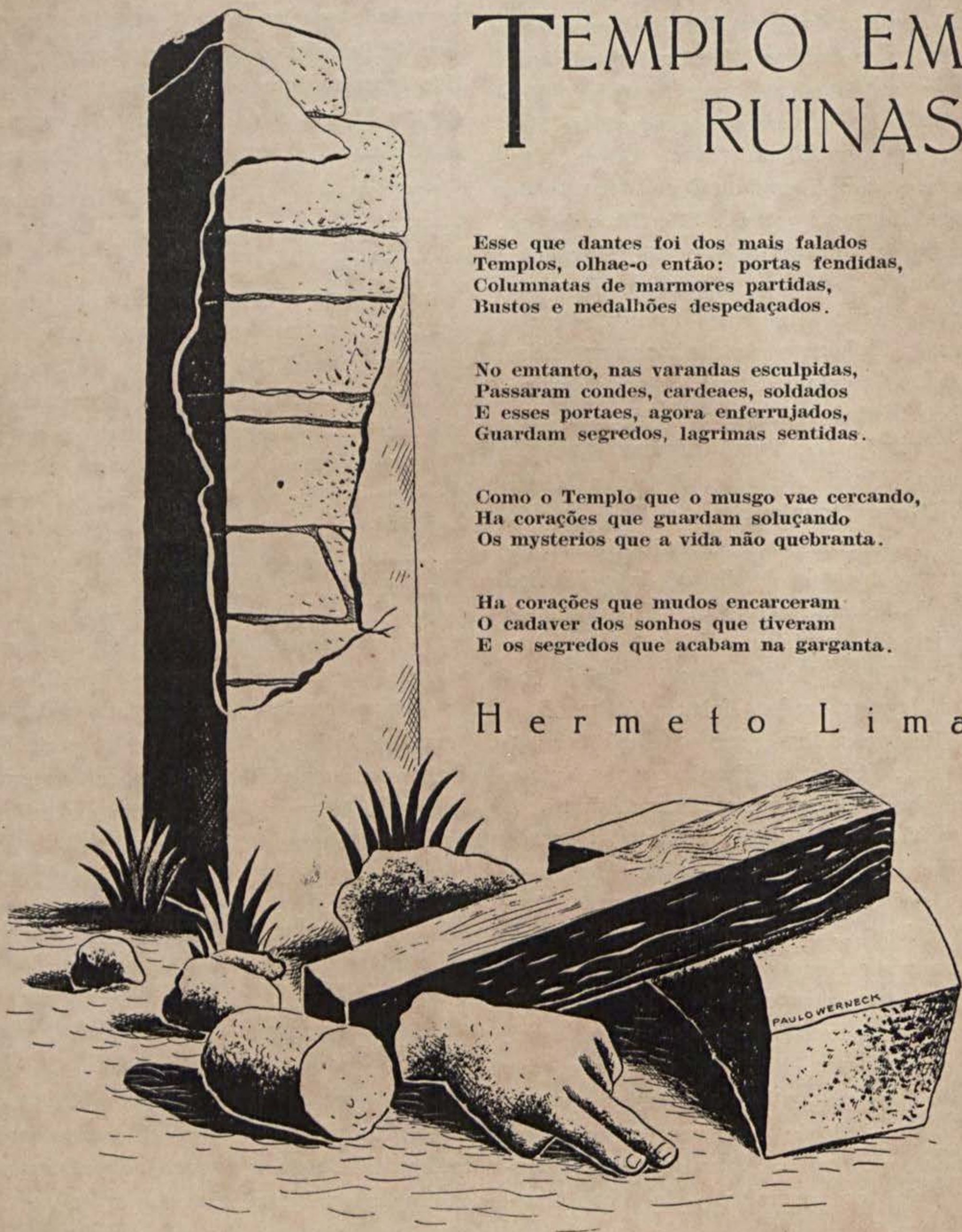
TEMPLO EM RUINAS

Esse que dantes foi dos mais falados
Templos, olhae-o então: portas fendidas,
Columnatas de marmores partidas,
Bustos e medalhões despedaçados.

No emtanto, nas varandas esculpidas,
Passaram condes, cardeaes, soldados
E esses portaes, agora enferrujados,
Guardam segredos, lagrimas sentidas.

Como o Templo que o musgo vae cercando,
Ha corações que guardam soluçando
Os mysterios que a vida não quebranta.

Ha corações que mudos encarceram
O cadaver dos sonhos que tiveram
E os segredos que acabam na garganta.

Hermeto Lima

O Padre Vieira — Por Brasil e Portugal

Pedro Calmon
(Da Academia Brasileira de Letras)

Por Brasil e Portugal — falou o Padre Antonio Vieira.

E' o patriarcha dos nossos oradores politicos.

Foi o primeiro na historia, tambem na arte de persuadir, na logica e na força da eloquencia, no desassombro e na exactidão da critica, na sua fé, comparavel á dos santos bispos defensores da Igreja, e no seu patriotismo, prophetico e candido a proposito da terra adoptiva. Incluiu-se entre as energias irresistiveis que formaram, definiram, individualisaram a nacionalidade. No pulpito esse jesuita portuguez, de coração brasileiro, era igual a Mathias de Albuquerque defendendo a colonia, a Nobrega doutrinando-a, a Mem de Sá dando-lhe justiça, aos missionarios da sua Companhia de Jesus que lhe levantaram os santuarios primitivos... Os Sermões, de 1638 a 1645, illuminam, numa época tenebrosa de guerras de exterminio, a tribuna sagrada, os seus altos privilegios, a preeminencia que ella tinha e a intuição de homem de Estado, de fundador de imperios, de creador de patrias, que possuia o maior pregador do seu tempo.

As chronicas, seccas e parciaes, não o reputaram como merecia. E' um vago capitulo pouco informado, o da intelligencia que organizou, e do verbo que resgatou o Brasil seiscentista. Disse-se dos ignacianos que instruiram a America com as missões, os collegios, a catechese, o genio economico, a pedagogia. Faltava accentuar o seu papel na conservação do territorio, o lusitanismo integral de sua acção no Brasil, aqui, como alhures, milicia vigilante do Papa, contra lutheranos francezes, inglezes, hollandezes, a expulsal-os do Rio de Janeiro com o soccorro mystico de S. Sebastião, a flagellal-os na Bahia com a palavra sublime de Vieira — mas, por Portugal... Porque estrangeiros, sobretudo porque protestantes, que traziam para a America o schisma religioso da Europa, acharam no caminho da invasão os aguerridos colonos, e — sentinellas da Santa Cruz — os seus caudilhos espirituaes, os jesuitas. Veiu a armada de Estacio de Sá: mais decisiva, foi a intervenção de Nobrega e Anchieta, armando contra Villegaignon os indios de suas aldeias. Vieram — lentas, grandes, frustras — as esquadras de D. Antonio de Oquendo, o Heróe Cantabro, e do conde da Torre: não deslocaram

no continente um unico mosqueteiro belga; entretanto levantou e moveu exercitos improvisados á voz de commando do padre jovem, que assumia o pulpito com a impavidez do soldado que escalasse a sua trincheira. Computamos os algarismos da resistencia e da restauração, os successos e os infortunios, desde a recuperação, de 1625, até o exodo, de 1635, desde o destroço de Nassau na Bahia até a expulsão dos flamengos de Recife. E' numerosa a galeria dos cabos, dos martyres, dos "campainhistas", dos emboscados, dos vingadores: fidalgos do reino, capitães de Espanha e Portugal, rudes senhores de engenho de Pernambuco, negros e gentios, ralé, nobreza, clero, que vinte annos de combates illustraram. Entre elles passa furtivamente uma pobre roupeta. Dir-se-ia não haver logar, no friso do triumpho, para o operario intellectual: Os outros rasgaram com as armas; elle cortara com o discurso. O seculo era dos guerreiros vestidos de ferro; elle orára com paixão. Emquanto aquelles estraçalhavam as hostes de Orange, se limitara, o discipulo de Fernão Cardim, a sacudir com a rhetorica os nervos dos irresolutos, a consciencia dos timidos, a alma dos fortes. E' reparar melhor: e então se verá que o gigante não brandia uma espada, porém dardejava os raios de uma convicção que varava os espiritos, esclarecia os cegos, impellia os inermes, conduzia os decididos, e ainda deixava no ar a noção de deveres em que ninguem pensava... Foram todos o braço; Vieira — muito mais que isto — é a razão; e o dirigiu.

Surge — como os apostolos apparecem sempre — nos imprevistos e tumultos da catastrophe. Aos oito annos, com o pae, escrivão dos aggravos da Relação do Brasil, viéra para a Bahia. Menino atado, de curto entendimento, estalara-se-lhe o cerebro, no alvoroço talvez da vocação encontrada, diante do altar de Nossa Senhora da Fé, na sua cathedral bahiana, vizinha da igreja do Collegio, onde professou. Redigiu, ainda menorista, a Annua da Companhia, que relatou a perda da cidade, em 1624. Dez annos depos era ali mestre de philosophia, lendo em compendio que escreveu, e pelo qual muito tempo se ensinou na Bahia: catechista de caboclos aldeiados, prégador, tão esforçado estudante que nenhum da Companhia poderia orgulhar-se, naquella terra, de saber as profundas cousas que elle aprendera. Já então a curiosidade universal, sobre o que está nos livros e, fóra destes, na sciencia encoberta, o apartara da categoria dos professores tranquillos, dos exegetas orthodoxos, dos evangelizadores serenos. O pendor dos problemas politicos estimulara-lhe o gosto das questões do mundo, e do tempo, e como que adivinhára o seu destino, annunciando antes dos outros a libertação portugueza, alistando-se entre os "sebastianistas" saudosos do seu "rei natural", encartando a poesia patriotica de Camões entre os textos das Escripturas, "vaticinando", predizendo, promettendo...

Foi quando Mauricio de Nassau assaltou a Bahia com poderosa frota.

Por toda parte, a monarchia dos Austrias, de Carlos V e Felippe II, se desmembrava. Era dos hollandezes a hora: na Europa preponderavam os seus capitães, no oceano os seus navios, nos climas tropicaes as suas expedições; e até um principe — o nobre primo do "stathouter" — chegára para consolidar, unificar, expandir as possessões conquistadas no Brasil! Que um fraco rei mais fraca a forte gente... Peior andava Portugal sem rei proprio. O conde duque de Olivares não prevenia a inquietação catalã, não desarmara o odio de Richelieu, não apaziguara as Provincias Unidas, confiara em vão na estrella do Sacro Imperio em guerra com a Reforma tedesca, e sem contentar os portuguezes, não pudera impedir que a marinha espanhola, decadente e dispersa, aos poucos desapparecesse do Atlantico... Reinava Felippe IV, o Grande. Assim o cognominára, antes que os fa-

ctos o justificassem, o ministro-valido. Alguem diria, — pois o infeliz Felippe foi o monarcha a quem mais dominios tiraram, nas suas desastrosas campanhas — que elle era grande como os buracos: perdendo terra... Conta-se que uma vez lhe comunicaram a tomada, pelos insurrectos, de duas praças flamengas: admirou-se muito, porque não sabia onde ficavam... Primor de habilidade cortezã, maravilha de stoicismo imperial aconteceu, quando Portugal se separou, com o duque de Bragança á frente, em 1640. O conde-duque avisou graciosamente: trazia parabens a S.M., porque o Bragança consentira em proclamar-se rei e assim seria annexado á corôa de Espanha o explendido patrimonio do senhor rebelde... Ao que respondeu o Rei: dar-se-ia um geito nisso...

Leves esperanças restavam á America portugueza, si dest'arte a governavam de Madrid! Nassau perseguia a bôa fortuna. Tão depressa aportara a Pernambuco, com os materiaes necessarios á edificação de um Estado prospero e vasto, como sahira á peleja batendo ao sul e ao norte os remanescentes da tropa, desnorteada e attonita, que por seis annos fechara aos intrusos as estradas do sertão. A sorte militar, parece, é uma sequencia de exitos que o general feliz não deve interromper. Si do rio São Francisco descesse o principe até á Bahia, entraria ahi de roldão com as guerrilhas portuguezas sem encontrar defesa séria. Preferiu, entretanto, forçal-a pelo mar. E os locaes, com a ajuda de Bagnuolo e dos veteranos de Pernambuco, ali mesmo o venceram e repelliram. Immenso triumpho, de mundial repercussão, não prenunciava a renascença de Espanha; era signal de que o lethargo portuguez se dissipava. Começou então a prégar o padre Antonio Vieira: para dar a Deus as graças pela victoria; para aconselhar ao Conde da Torre e aos tripulantes da grossa armada de 1639; para rejubilar-se com o governo fecundo do marquez de Montalvão; para animar os moradores tomados de horror ante o incendio dos engenhos do reconcavo; e depois, em Portugal, para onde fôra como um dos embaixadores da gente brasileira, para obrigar os subditos á obediencia e á collaboração, com D. João IV, o restaurador.

Os sermões de então foram um dia, no Maranhão e na Bahia, por ordem do Geral dos Jesuitas, revistos pelo insigne pregador: constituem, ainda hoje, os documentos mais vibrantes e bellos daquelle periodo historico em cujas sombras crepusculo e aurora se confundem, dynastias velhas e novas se embaraçam, Hollanda, Espanha e Portugal se chocam, e respira em ideaes mal definidos a primeira affirmação de sua vida moral a Patria que madrugava, o Brasil tão amado de Vieira...

Esse religioso "mazombo" (como uma feita se instituIou com ironia) poderia ter sido um dos maiores vultos da humanidade, na linha dos estadistas seus contemporaneos, como Richelieu e Olivares, Castello Melhor e Vauban e Colbert... Renunciou ás glorias pela disciplina ecclesiastica, e para ser apenas jesuita não perseverou na carreira politica e na diplomacia, que lhe franqueára a confiança de D. João IV, seu amigo e confidente. Deslumbrou as côrtes européas com a sua dialectica e á propria capella pontificia, em Roma, levou as exuberancias de sua oratoria: mas de passagem, para servir, tratar, resolver, voltando antes do fim, de medo a enredar-se tanto nos assumptos do mundo que lhe não sobrasse folego para os do céo. Depois de ir á França, Hollanda e Allemanha, com os seus lucidos projectos de pazes e allianças, que salvassem, de Castella, o pequenino reino de Portugal esgotado na guerra da independencia, o que achou de mais aprazivel para o seu temperamento audaz foi recolher-se ao Brasil para ensinar aos tapuyas. Dez annos, em seguida, perlustrou as selvas amazonicas, arriscando a vida entre os indios inimigos e as suas florestas palustres, resignado na sua tarefa de S. Fran-

cisco Xavier — elle, que abandonara os paços reaes e o governo do povo, para ser, no meio dos columis, *um* abauna *humilde como os que enfeitavam — bemaventurados e martyres — os paineis do tecto da sacristia do Collegio, na sua Bahia... Regressou á Europa: mas, outra geração á testa do Estado, para excusar-se diante do Santo Officio de suas atrevidas proposições, que cheiravam á heresia, a illuminismo, a velhas magias; para ajudar a livrar-se Portugal do frouxo rei Affonso VI, ganhando em troca o embravecido D. Pedro II; para recusar, no Vaticano, o titulo de director espiritual da rainha da Suecia, que lhe déra o Geral da Companhia; e, cançado dos homens, de sua pequenez, de suas miserias, retirar-se afinal para a Quinta do Tanque, na Bahia, restituindo á paisagem da infancia a velhice carregada de dissabores, de honrarias e de experiencia.*

"Não ha maior comedia que a minha vida (escreveria, em 1658); e, quando quero ou chorar ou rir, admirar-me ou dar graças a Deus, ou zombar do mundo, não tenho mais que olhar para mim." (Cartas, II, 384, *edição de* 1885).

E a ultima carta — do seu majestoso epistolario — que ditou na Bahia, ao pé da sepultura, nonagenario e desilludido, porém a lampada da indignação civica ardendo no fundo das pupilas que já não viam, repetia e prolongava o echo apostolico dos sermões da mocidade:

"Das cousas publicas não digo a V. Mcê. mais que ser o Brasil hoje um retrato e espelho de Portugal e tudo o que V. Mcê. diz dos apparatos de guerra sem gente nem dinheiro, das seáras dos vicios sem emenda, do infinito luxo sem cabedal e de todas as outras contradições do juizo humano."

E rematava, o derradeiro protesto contra a hypocrisia da intelligencia que não afiava mais, como outr'ora, o gume das armas, para as batalhas da patria recuperada, redimida e confirmada:

"Mas de cá escrevem-se mentiras e de lá responde-se com lisonjas, e neste voluntario engano está fundada toda a nossa conservação." (Cartas, II, 376).

São palavras que rompem o silencio dos tempos como o alento e a lição das épocas decisivas, quando, "por Brasil e Portugal", debaixo de uma doirada abobada de igreja, falou para o presente e para o futuro o padre Antonio Vieira.

INICIATIVA DE ALTA SIGNIFICAÇÃO

Entre as diversas iniciativas louvaveis tomadas pelas nossas estações de Radio, uma, importantissima sob varios pontos de vista, merece ser salientada.

Queremos referir-nos á secção creada na Radio Diffusora São Paulo S.A. pelo seu digno e esclarecido director-gerente, Dr. Decio Pacheco Silveira, para a divulgação das boas obras publicadas no Brasil.

O "ANNUARIO BRASILEIRO DE LITERATURA", que estriba toda a sua razão de ser precisamente na defesa e propagação da intellectualidade nacional, não póde deixar de consignar em suas paginas iniciativa de tamanho alcance.

Autores novos, que queiram ver suas obras diffundidas, autores velhos, já de grande publico, mas que não regeitam uma noticia interessante e justa, editores, desejosos de espalhar o livro bom cada vez em maiores proporções, devem, todos, enviar seus livros a esse util departamento da Radio Diffusora São Paulo, installada na Paulicéa, á rua Boa Vista, 1.

O "ANNUARIO" applaude e felicita o Dr. Decio Pacheco Silveira.

Aspectos anthropographicos da literatura nacional

Alcides Bezerra
Director do Archivo Nacional

O Brasil, depois de tres seculos de historia, apresentava no fim do periodo colonial cinco nucleos heterogeneos que haviam sido moldados por cinco ambientes diversos. Capistrano de Abreu, nos *Capitulos de Historia colonial,* foi quem mais claramente focalizou o assumpto, seguindo, aliás, as pegadas de Martius, Handelmann e João Ribeiro. As influencias telluricas haviam gravado no brasileiro a sua marca indelével, diversificando o amazonense do nordestino, o bahiano do paulista-mineiro e do gaúcho. Aquelles nucleos não se prezavam de maneira particular, pelo contrario se sentiam profundamente antagonicos, e o facto de se terem tornado independentes, unidos e sob a forma monarchica, explica-se por factores exoticos, concretizados na fuga de D. João VI, na sua permanencia durante varios annos aqui com a séde da monarchia e na acção politica de José Bonifacio e Pedro I, todos benemeritos da unidade nacional.

A literatura brasileira ha de forçosamente reflectir, nas suas obras mais typicas e representativas, aquella formação historica que aliás se basea em factos geographicos: a planicie amazonica, o solo semiarido do nordeste, o planalto central, a faixa litoreana, e as cochillas do Sul.

Os autores de cada zona traduzirão no seu temperamento, portanto no estylo e forma literaria, bem como em peculiaridades de linguagem, as aspirações, os aspectos, a vida daquelles ambientes tão antagonicos: a diversidade das paisagens naturaes determinará, e de facto determina, mudanças e differenciações na paisagem literaria.

Não ha, nem pode haver rigoroso determinismo: Alencar pintará o gaúcho, apezar de ser autor nordestino; Gastão Cruls, carioca, nos contará coisas extraordinarias da Amazonia mysteriosa; Euclydes da Cunha, fluminense, sentirá profundamente os sertões. E' que paira acima do particularismo o sentimento profundo da nacionalidade, herança cultural. E' que ha, em cada brasileiro, como bem notou Oliveira Lima, duplo patriotismo, o local e o geral, si não quizermos invocar a liberdade do artista de explorar o exotismo. O Brasil, no territorio, é enorme: encontramos o exotico dentro da propria patria.

Vamos particularizar, com alguns exemplos, a influencia da terra brasileira na creação literaria.

Em primeiro logar a planicie amazonica. Aqui é dominio pleno da agua e da floresta. Combinado o excessivo calor á humidade abundante, surge o viço innenarravel da vida vegetal. O homem, que é alli "um intruso" sente-se esmagado pela natureza. "Ha, diz Wallace, grandeza e solemnidade na floresta tropical, porém pouca belleza ou brilhantismo de côr. As enormes arvores escoradas de sapopembas, os troncos

gretados, as extraordinarias raizes aereas, as trepadeiras retorcidas e corrugadas e as elegantes palmeiras são o que fere a attenção. Porém tudo é lobrego e silencioso e o homem sente-se alliviado ao ver de novo o ceu azul e sentir os raios tostantes do sol."

Só num ambiente, como este, poderia Raul Bopp cantar:

A floresta vem caminhando
— Abra-se que eu quero entrar!
Movem-se raizes num fundo de oceano molle
Como esqueletos atolados
Aguas de barriga cheia
espreguiçam-se nos igapós
Estalam no tejuco
os beiços das sururupênas
— Arre que isso féde Cumpadre
— Então escorréga depressa
que ainda temos que furar dez leguas de matto
Um silencio podre vae marchando adeante de nós.

O estranho poema *Cobra Norato* dá-nos realmente uma impressão heleozoica.

A zona maranhense é uma zona de transição entre esse mundo primitivo, em formação, e as terras velhas do nordeste. O homem se fixou á margem dos rios, teve escravos, fez fortuna, leu os classicos, porque o regime dos ventos na costa, emquanto difficultava as relações com o resto do paiz, as facilitava com Lisboa. São Luiz — Athenas brasileira... Ali, em 1881, Aluizio de Azevedo descobriu o *mulato*, hoje thema predilecto da escola sociologica de Gilberto Freyre. Aluizio, no prefacio da 3.ª edição desse romance, desculpa-se de ter usado termos genuinamente portuguezes, respondendo a uma censura de Baptista Caetano: "O nosso philologo, diz o grande romancista, ignorava que em S. Luiz do Maranhão são frequentes certas expressões á moda de Portugal, e aquillo, pois, que se lhe afigurou macaqueado de C. Castello Branco, era simplesmente copiado do natural; assim é que lá se diz, por exemplo: "sapatos de polimento" e não *sapatos de verniz;* "quinta" e não *chacara;* "rebuçados" e não *balas;* "caneco" e não *barril,* etc.; como tambem se empregam palavras de todo desconhecidas no resto do Brasil, e creio que em Portugal, mas que por lá, na minha provincia, são muito communs: *muruchaba, pinincha, puça ,enzoneira, côfo, empanemar, moquear,* e mil outras estão nesse caso."

De um modo geral: tudo consequencias do regime dos ventos, facto geographico determinando uma differenciação literaria.

No Nordeste ha um phenomeno typico — a secca — em torno do qual tudo gira ou pelo menos devia girar si o homem não fosse animal tão rebelde aos ensinamentos da natureza. A catastrophe das seccas vive a pairar eternamente sobre todas as cabeças. E' o martyrio secular da terra, na expressão feliz de Euclydes da Cunha, que literariamente revelou a região com o seu livro extraordinario dos *Sertões*.

Ceará: José de Alencar — *Iracema,* os verdes mares bravios; Domingos Olympio, com *Luzia Homem;* Gustavo Barroso — *Terra de Sol*...

Parahyba: *Bagaceira* de José Americo de Almeida; *Manacaíra* de Coriolano de Medeiros; os romances do cyclo da canna de assucar de José Lins do Rego, lidos e admirados em todo o Brasil: *Menino de Engenho, Doidinho, Banguê, Moleque Ricardo, Usina*.

Pernambuco, não menos açoitado do flagello climático do que o Ceará e a Parahyba, não tem uma literatura de seccas porque o Rio S. Francisco lhe serve de escoadouro para as populações flagelladas. Os seus livros caracteristicos retratam a zona da matta, fertil, cheia de banguês, engenhos e usinas. Recordemos apenas o capitulo Massangana da *Minha formação* de Nabuco e os romances, inspirados na lavoura da canna, de Mario Sette — *Senhora de Engenho, O Palanquim dourado, O Vigia da Casa grande*...

Ao lado dessa literatura que rescende ao cheiro da terra, ha em Pernambuco, que tinha até ha pouco o unico porto transatlantico do Nordeste, uma literatura ultramarina, philosophica, inquieta, que outrora com Tobias Barreto fez allemanismo, e hoje com Gilberto Freyre procura vêr os phenomenos culturaes brasileiros á luz da sociologia norte-americana. Pontes de Miranda, alagoano, Gilberto Amado, sergipano, são de formação pernambucana e revelam tendencias universalistas.

Alagoas, deu-nos o Sr. Jorge de Lima com *Calunga,* magnifica amostra de romance interpretativo da alma profunda do torrão natal.

O caso de Sergipe é interessante: pequeno, isolado, pobre, tem dado ao paiz cabeças de primeira ordem: Tobias, Sylvio Roméro, Fausto Cardoso, Moreira Guimarães, philo-

sophos, Gilberto Amado, philosopho, ensaista, tendo a vantagem de exprimir-se num estylo elegante e requintado. O ex-presidente da Academia Brasileira de Letras, Laudelino Freire, é sergipano, alli occupa a cadeira de Ruy Barbosa, cujo apostolado de pureza linguistica continua.

O menino sergipano na escola mostra-se intelligente e precoce, vencendo os de outros Estados da mesma idade. Dou aqui uma hypothese para explicar o interessante caso sergipano: o isolamento geographico intensificou o mestiçamento, apurou a raça, em que houve inicialmente mescla de francezes, contrabandistas de pau brasil. A mescla franceza houve em todo o nordeste (a Parahyba teve na época colonial um posto francez), mas em Sergipe talvez tenha sido mais prolongada e intensa.

A Bahia offerece grande complexidade na sua vida intellectual. Salvador de 1549 a 1763 foi a capital do Brasil e desde a época colonial um centro apreciavel de condensação humana. Séde do governo, beneficiou-se desde os primeiros dias de importações culturaes. Nunca deixou de ter magistrados illustres, sacerdotes numerosos, bons professores. Esse ambiente fez de Salvador um fóco de tradição, um centro politico activissimo, e a riqueza, baseada na escravatura, propiciou-lhe intenso mestiçamento.

A lingua attingiu alli a maior pureza classica com Vieira, Ruy Barbosa, Carneiro Ribeiro, este apenas autor grammatical. Um medico bahiano, Francisco de Castro, é dos maiores classicos brasileiros e transmittiu a toda a classe, mesmo fóra dalli, a mania de lêr os velhos classicos lusitanos. Produziu estadistas como Cayrú e o Visconde do Rio Branco, poetas como Castro Alves, polygraphos como Afranio Peixoto e Almachio Diniz.

O bahiano é, em politica, apaixonado até a raiz dos cabellos e dá corpo e alma por uma polemica, mesmo literaria.

Mandando o classismo ás favas, modernos escriptores bahianos voltam-se para a sua terra e a sua gente. Nesse sentido, *Jubiabá* do Sr. Jorge Amado é um romance admiravel de vida e colorido local.

O Rio de Janeiro, como centro cosmopolita, apresenta-se-nos como parenthese antigeographico. Aqui, da mesma forma que na Bahia, os factores exoticos preponderam sobre os endogenos. Todavia Macedo, Machado de Assis, Lima Barreto, mortos, e, Gastão Cruls, felizmente vivo e forte, retratam a vida intima da cidade com um sentimento profundamente carioca. São escriptores genuinamente metropolitanos, forrados de larga sympathia humana.

O Brasil central (Matto Grosso e Goyaz, Rio S. Francisco) começa apenas a se revelar. Convém lembrar os nomes de Taunay, que não tendo nascido alli, viu, todavia, coisas admiraveis (*Innocencia, Ao Entardecer*); Carvalho Ramos, com *Tropas e boiadas;* D. Martins de Oliveira, *No paiz das Carnaúbas;* Manuel Ambrosio, com o seu *Brasil Interior* (S. Paulo, 1934), escripto no dialecto sanfranciscano, cheio de saborosos archaismos.

José de Mesquita, matto-grossense, discipulo de Machado de Assis, *conteur*, dá-nos nos *Annaes do Congresso das Academias e Sociedades de Cultura Literaria do Brasil*, vol. II, a proposito da Academia Matto-grossense de Letras bello escorço da actividade literaria no longinquo Estado brasileiro, onde ha nomes nada inferiores aos dos centros mais cultos.

Minas destaca-se como centro conservador. Mais do que a posição geographica terá influido nessa direcção de sua vida espiritual a actuação do Seminario de Marianna, verdadeira universidade theologica, e a influencia de notaveis bispos como D. Viçoso e D. Sylverio Gomes Pimenta. Citar nomes de mineiros illustres seria um nunca acabar. Nenhuma outra circumscripção geographica lhe leva a palma na producção de talentos de primeira ordem. A historia literaria e politica do Brasil está cheia de nomes mineiros.

Rompendo com a tradição, alteando-se sobre o horizonte geographico, alli destaca-se hoje um dos maiores espiritos entre nossos contemporaneos: Eduardo Frieiro, romancista, critico, jornalista, ensaista. Estreou, em 1927, com o *Club dos Graphomanos*, romance, deu-nos em 29, *O mameluco Boaventura*, em 30, *Inquietude, Melancolia*, em 36, *O Cabo das Tormentas*, tambem romances, afóra *O Brasileiro não é triste*, ensaio, e *A Illusão literaria*, talvez o nosso melhor livro de 1932. Saturado de cultura, o Sr. Eduardo Frieiro precisa agora abrir mais os olhos em torno do ambiente para nos dar livros definitivos, verdadeiramente á altura de sua grande capacidade literaria.

A serra do Cubatão isolou os paulistas da época colonial, incutiu-lhes intenso sen-

timento nativista, em cuja causação aliás tambem collaborou a miscegenação indiana. Nesse ambiente facil era brotarem chronistas e genealogistas. Exhumou-os Affonso de Taunay nos *Escriptores coloniaes*. Mathias Ayres, paulista, de proxima ascendencia portugueza, escapou á regra pela formação espiritual em ambiente europeu.

Hoje S. Paulo transformou-se no cadinho formidavel em que italianos, hespanhoes, allemães, hungaros e japonezes se caldeam, mas a influencia daquelle remoto passado ainda perdura nas obras de Menotti del Pichia (*Juca Mulato*), Antonio de Alcantara Machado, Guilherme de Almeida, Cassiano Ricardo, Mario de Andrade (*Macunaima*), Oswald de Andrade, Plinio Salgado...

A mistura de nativismo e exotismo caracteriza a moderna literatura paulista, que é a mais vigorosa, original e interessante dos nossos dias. Os seus principaes autores tornaram-se rapidamente nomes nacionaes, louvados, criticados, seguidos, imitados.

Agora o planalto paranaense. Aqui cedo a palavra a moderno e percuciente critico de lá oriundo, Andrade Muricy, que, em 1936, com *A nova literatura brasileira*, nos deu um balanço explendido das actuaes tendencias e correntes da literatura nacional.

"Brasil? Não é só o Nordeste, nem a Bahia, nem a Amazonia, nem a montanhosa Minas, nem as cochilhas gauchas. Brasil são tambem os planaltos do Paraná." Pincela a largos traços o ambiente dos morretes ondulados e dos ares purissimos e conclue: "Um Brasil que parece fantasioso aos proprios brasileiros. Que inspira obras que passam por importadas da Europa para olhos não advertidos, que poderão parecer frias e menos densas para quem julgar "Brasil" sómente a tragedia da Amazonia e do Nordeste, ou a rica fartura tropical de Bahia a S. Paulo. Causa de não serem entendidos Emiliano Perneta (o nosso Mistral, como delle escreveu Murillo Araujo), o mais paranaense dos poetas, Silveira Netto, o evocador das opulentas noites geladas do planalto curytibano; que explica a sobriedade atheniense do pensamento de Euzebio Motta; que, por não occorrer aos leitores vulgares, impede a comprehensão perfeita da obra de Tasso da Silveira."

Foi naquelle planalto de araucarias que Saint-Hilaire, ha um seculo, encontrou as mulheres mais bellas do Brasil: "As mulheres são algumas vezes de extrema belleza; têm a pelle rosada e uma delicadeza de traços que eu não tinha ainda notado em nenhuma outra brasileira."

Andrade Muricy notou por ali "casinhas novas de madeira, com varandas floridas de trepadeiras á frente." Não foi esse conforto introduzido pela colonização recente. Já no tempo de Saint-Hilaire observou elle: "Vêem-se poucas casas, mas são bem tratadas, acompanhadas de pequenos jardins cheios de macieiras e de pecegueiros."

Outra região individualizada, com caracteristicos mui proprios, encontramol-a no Rio Grande do Sul.

João Pinto da Silva, na sua excellente *Historia literaria do Rio Grande do Sul*, aprecia o desabrochar e o desenvolver da literatura ali com orientação anthropogeographica bem pronunciada. Frisa a ausencia paradoxal do espirito épico e a predominancia da nota lyrica. O regionalismo é apenas uma feição no conto, na poesia e no romance, havendo outras tendencias. A historia sempre despertou interesse ligado ao passado local revolucionario.

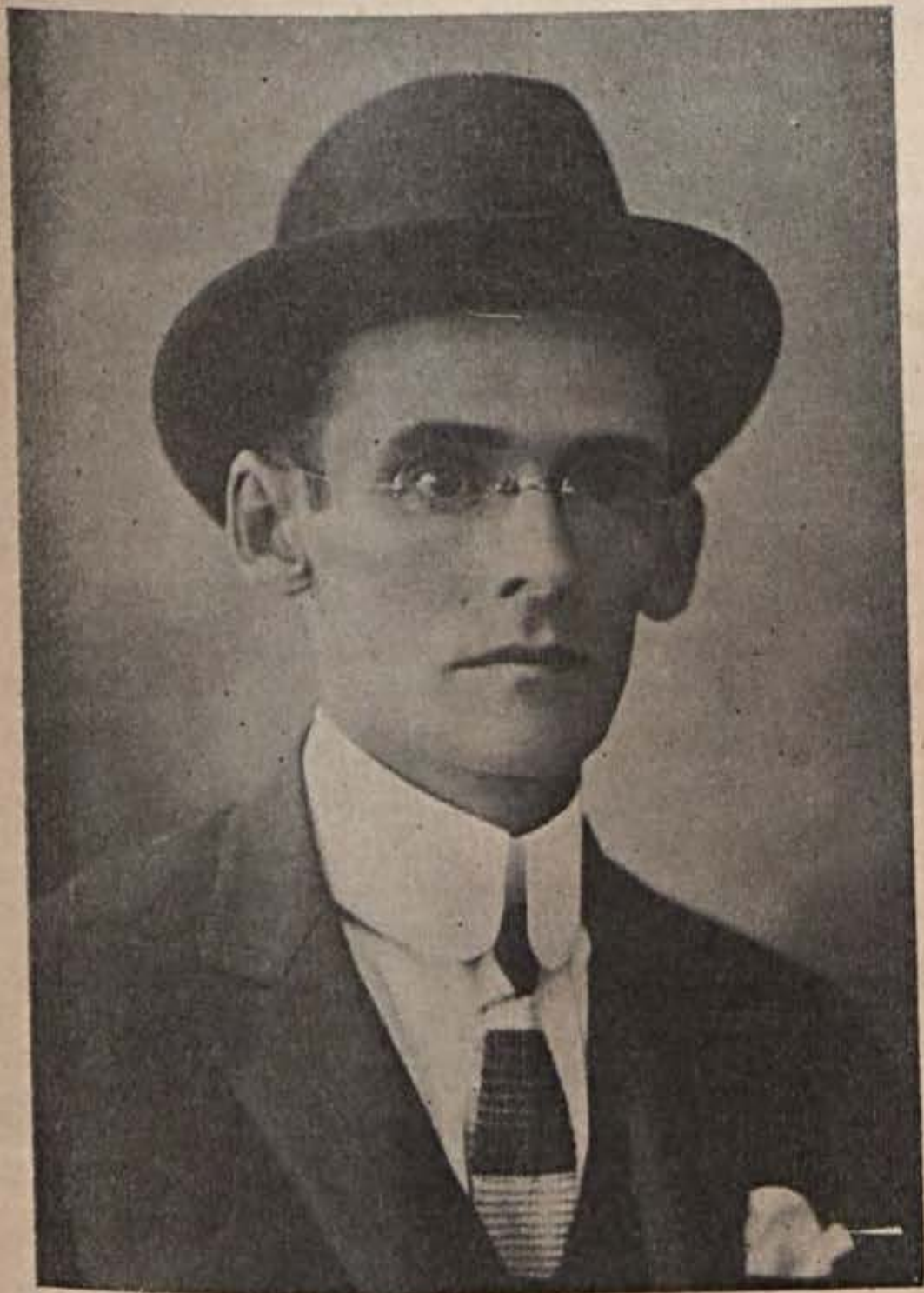
Apezar de pais immigrantista, na evolução cultural do Rio Grande não collaboraram os factores italo germanicos. As colonias dessa procedencia ficaram isoladas. Estado pobre até ha pouco tempo, a contribuição literaria foi insignificante no passado, e hoje ainda não corresponde ao nivel economico que é excellente.

Todavia de lá nos vieram os livros de Alcides Maya e dentre a nova geração destaca-se um Augusto Mayer, cujo *Machado de Assis* enfileira-se entre os melhores ensaios da literatura nacional.

Tudo leva a crer que dentro de pouco tempo o Rio Grande figurará entre os maiores fócos literarios do Brasil.

Sem se admittir os exaggeros de Taine sobre a influencia do meio na producção artistica, porque muitas vezes sobrelevam ao ambiente as forças remotas da cultura e os pendores intellectuaes de espiritos innovadores geniaes, não resta duvida que o panorama literario patrio não se esquiva ás influencias telluricas e historicas do nosso tablado geographico. Apresento essas ligeiras observações sobre os aspectos anthropogeographicos da literatura nacional tão sómente como hypothese de trabalho. E' sempre thema seductor desde os velhos gregos as correlações do homem com a terra que habita.

O Ceará literario

Mario Linhares

O Ceará, pelo fulgor das suas tradições, tem direito a figurar em posição conspicua nos fastos das letras nacionaes.

Ali, não se caracterizou ainda, como aliás em nenhum Estado do Brasil, uma existencia mental definida, sinão transitorios movimentos literarios que, entretanto, produziram bellos e opímos fructos.

Dentro mesmo do circulo das suas rudes condições mesologicas, — a alma cearense como que vive da vibração de um grande sonho interior, de um puro ideal de Belleza que a eleva acima da contingencia de sua atormentada vida material.

Fustigado pelos mais duros revezes, o seu animo não se abate; antes, retemperado na dôr, readolesce na esperança risonha, para continuar a sua pugna heroica.

Assim é que a fibra desse povo se tem affirmado perante a consciencia nacional pela sua acção varonil no surto destemeroso dos commettimentos mais nobres.

Na cooperação da grandeza superior dos destinos da nossa nacionalidade, os filhos dessa terra jamais deixaram de dar o melhor contingente, quer no campo da acção, quer no das idéas.

Ahi estão os exemplos que edificam.

Sem remontar a épocas longinquas como a da "Confederação do Equador", em que o Ceará escreveu, com Pernambuco, a pagina mais commovente da nossa historia republicana, — ahi estão, ainda sob a fervente admiração de todos, os lances inauditos de bravura dos generaes Tiburcio e Sampaio nos campos do Paraguay; ahi está a extincção da escravatura no seu territorio, já a 25 de Março de 1884, com antecipação de 4 annos, da gloriosa lei aurea de 1888.

No dominio do pensamento, ainda mais particularmente, é que esse estoico rincão brasileiro tem proeminado com singular galhardia, tomando a deanteira nas cruzadas mais grandiosas.

Não é exaggero.

Quem superou José de Alencar na concepção e na belleza do romance, no Brasil?

Juvenal Galeno não é ainda considerado o nosso maior poeta popular?

Quem se avantajou a João Brigido como jornalista pamphletario?

Clovis Bevilaqua não traçou, com mão de mestre, o projecto do nosso Codigo Civil, nivelando-se aos maiores jurisconsultos mundiaes?

Araripe Junior, esgrimindo-se na critica, mercê de uma vasta cultura e de uma alta visão objectiva, não foi o mais sereno analysta das nossas letras?

Ha maior autoridade, no conhecimento das minuciosidades da historia patria, que Capistrano de Abreu?

Raymundo de Farias Britto não culminou na philosophia? Alberto Nepomuceno na musica? José Avelino no jornalismo? Heraclito Graça na philologia? Thomaz Pompeu na geographia? Moura Brasil na oculistica? Barão de Studart na investigação dos factos e vultos do Ceará? Otto Alen-

car na mathematica? Paula Ney na satyra? Liberato Barroso e Alencar Araripe na jurisprudencia? e Justiniano de Serpa na tribuna parlamentar?

Quem, assim, possue seiva e força animica para dar de si tão vivos signaes de valor, não pode ficar sem os applausos da justiça unanime da Historia.

Entretanto, que sabemos nós, aqui, desta terra martyr, tão causticada de sol, onde, em grandes levas, as multidões espavoridas, sob o castigo da fome emigram, affrontando as solidões paludosas da Amazonia, numa luta sem igual do Homem com a Natureza?

Que sabemos nós, aqui, no pandemonio desta cidade maravilhosa, dessa terra que se afigura aos olhos dos *arrivistas* desabusados, — um peso morto para a Nação, um sorvedouro dos seus recursos exiguos, sem compensação á munificencia solícita dos governos compadecidos?

Não. O Ceará não symboliza um batel desarvorado que, a pedir soccorro, periclita sobre o maroiço de ondas convulsionadas.

*

* *

A vida cearense, sempre sujeita a terriveis crises climatericas, não tem nada de estavel e normal na progressão dos seus dias.

Parece mesmo que essa circumstancia é que contribue para caldear as energias dessa gente, na apparencia exhausta e sceptica, mas afoita sas suas determinações e abrasada de fé ardente no futuro.

Ali, os agrupamentos literarios em pouco se desfazem, com a dispersão da maioria dos seus membros, que cedem á força das necessidades oppressoras de cada dia.

Os sonhadores mais impenitentes, vencidos no torrão natal, exilam-se, buscando espaço para a expansão dos seus remigios.

Em Fortaleza, são raros os que, como Rodolpho Theophilo e Papi Junior, fazem renome, sem virem para o Rio.

Não intento fazer aqui mais do que uma rapida synthese da vida literaria de minha terra, — que já está a reclamar o seu historiador. Aliás, Cruz Filho já fez a este respeito, em sua "Historia do Ceará", um sucinto mas bem feito relato; e Silvio Julio, — escriptor que honra a sua geração pelo talento e rara operosidade, — traçou, no recente livro "Terra e Povo do Ceará", paginas brilhantes, em que a terra de Iracema é vista num explendido conjuncto panoramico.

O inicio das letras no Ceará deveria partir de 1860, — como era licito presumir, — com José de Alencar, mas este glorioso escriptor conterraneo, residindo sempre no Rio, onde formou seu espirito, nenhum incremento deu directamente á literatura na gleba natal.

E' verdade que, embora vivesse fóra, nunca esqueceu o Ceará e "Iracema" é um testemunho inconcusso disto. Nas paginas desse lindo poema — poema deve ser denominado esse poetico e commovente romance aborigene — está retratada toda a profunda emoção de saudade e amor do filho ausente.

Alencar culminou, incontestavelmente, como uma das figuras mais notaveis no movimento romantico do Brasil, mas o facto é que não se póde consignar o seu nome como marcando uma época em sua terra.

Até então a intellectualidade cearense fôra assignalada por uma acção jornalistica dispersiva e ephemera.

O jornalismo constituiu mesmo a primeira manifestação mental no Ceará. Era o orgão de defesa dos partidos cujos directores se faziam de jornalistas, divulgando, pela voz dos prélos, o seu programma ou atacando, — esta a funcção principal, — as facções contrarias. O classico artigo de fundo, vasado num academicismo bombastico, puxado á sustancia, foi typico como espelho da mentalidade daquella quadra famigerada de eleições a cacete ou actas falsas. Convém assignalar que o "Pedro II" (com mais de meio seculo de existencia, 1832-1889), o "Cearense" (1846) e a "Constituição" (1870), foram a pedra de toque dessa imprensa de que appareceu como figura de precipuo realce o senador Thomaz Pompeu de Souza Brasil (1818-1877), notavel politico de seu tempo, professor e autor de varias obras importantes, não devendo serem esquecidos os nomes de Tristão de Alencar Araripe (1821-1908) e Frederico Augusto Pamplona (1814-1865).

Já então em 1841 surgia João Brigido como jornalista vigoroso, redigindo o diario "O Cearense". Notabilizou sua vida nas lutas politicas, literarias e de imprensa, durante mais de 70 annos. Pertenceu em todo o regimen monarchico ao partido liberal, o qual representou na assembléa provincial e na Camara dos Deputados. Com o advento da Republica tornou-se uma figura independente nas lides partidarias de seu Estado, fundando e dirigindo jornaes de livre discussão politica, sendo o ultimo o "Unitario" cujo ardor e impeto de linguagem motivaram diversos ataques ás suas officinas, seguidos de empastelamento. Era em politica um lutador energico e destemeroso, emquanto que como erudito e historiador deixou dezenas de trabalhos interessan-

tissimos sobre as tradições e costumes de sua terra, escriptos esses lançados em linguagem pura e recheados de humorismo e satyra, que eram as qualidades primordiaes do seu estylo. Os seus trabalhos mais notaveis são: — "A Fortaleza em 1810"; "Historia do Ceará"; "Chronica Politica"; "Refutação á Biographia de Ferreira"; "Resumo Chronologico da Historia do Ceará"; "Ceará (lado comico)"; "Homens e Factos", etc. Em 1920, foi editado no Rio, o primeiro volume das suas "Obras Completas", contendo essa primeira parte cerca de 800 paginas. Era advogado provisionado e uma das figuras mais notaveis do fôro cearense, onde os seus pareceres juridicos eram grandemente acatados. Pertencia ao Instituto Historico Brasileiro e ao Instituto Archeologico de Pernambuco. Nascido em São João da Barra, na Provincia do Rio de Janeiro, foi seu pae Ignacio Brigido dos Santos, politico do primeiro Imperio e vulto saliente nos movimentos que acompanharam a proclamação da Independencia no Ceará. João Brigido com menos de um anno transportou-se para o Ceará, considerado de pleno direito sua terra natal. Nasceu a 1 de Dezembro de 1829 e falleceu em Fortaleza a 14 de Outubro de 1921, aos 93 annos de idade.

*
* *

Depois dessa phase incaracteristica, no sentido literario propriamente, foi que, de 1873 a 1875, se registou o primeiro e mais apreciavel surto mental, chefiado pelo jovem philosopho Raymundo Antonio da Rocha Lima, uma grande cerebração que a morte colheu logo aos 23 annos de edade.

Nesse tempo, foi admiravel a acção de um pugilo de moços de talento, estudiosos e audazes, nas reuniões do que chamavam — "Academia Franceza", passando em revista as novas idéas do seculo.

Com que enthusiasmo Capistrano de Abreu nos fala, no prefacio de "Critica e Literatura", de Rocha Lima, daquelles éstos juvenis: — "Quanta illusão! Quanta força! Quanta mocidade! França Leite advogava os direitos do comtismo puro e sustentava que o "Systême de Politique" era o complemento do "Cours de Philosophie". Mello descrevia a anatomia do cerebro com a exactidão do sabio e éstro do poeta. Pompeu Filho (Thomaz Pompeu) dissertava sobre a philosophia allemã e sobre a India, citando Laurent e combatendo Taine. Varella, — o garboso e abnegado paladino, — enristava lança a favor do racionalismo. Araripe Junior encobria com a mascara de Falstaff a alma dolorida de René. Felino falava da Revolução Franceza com o arrebatamento de Camillo Desmoulins. Lopes, ora candente como um raio de sol, ora lobrego como uma noite de Walpurgis, dava asas ao seu humor colossal. Por vezes, das margens do Amazonas chegava o éco de um voz, doce como a poesia das suas aguas sem fim, — a de Xilderico de Faria, hoje para sempre mudo no regaço do oceano. O mais moço de todos, Rocha Lima, era um dos que mais se distinguiam. A sua intelligencia plastica e comprehensiva assimilava as differentes theorias de maneira admiravel. A sua palavra espirituosa destacava aspectos novos nas questões mais abstrusas."

Concomitantemente, Franklin Tavora (João Franklin da Silveira Tavora, 1842 a 1888), lançando as bases da sua "Literatura do Norte", produzia excellentes romances de costumes regionaes. Sylvio Romero classificou-o como *o mais perfeito mestre do tradicionalismo aldeão*, com o "Cabelleira", "O Mulato" e esse admiravel "Lourenço" um dos melhores livros das nossas letras. Franklin tomou a peito pregar a differenciação de duas literaturas, a do Norte e a do Sul, dentro do nosso paiz e seus romances têm francamente esta preoccupação. No seu livro — "O Norte", que deixou inédito, define bem os seus pontos de vista, neste sentido.

O poeta Antonio Barbosa de Freitas appareceu em publico em 1879. Foi um grande bohemio que malbaratou seu estro alcandorado. Falleceu com pouco mais de 20 annos. A maioria das suas composições poeticas, inclusive a bellissima "Lenda do sol", foi posthumamente reunida em volume com o titulo de "Poesias", impresso em 1892.

Vem, em seguida, Antonio Bezerra (1841-1921), — poeta, prosador, historiographo e estudioso das sciencias naturaes. Publicou: "Sonhos de moço" (versos); "Notas de viagem"; "Algumas origens do Ceará"; "O Ceará e os cearenses", além de muitas outras pesquisas historicas.

*
* *

Depois disso, só em 1892 appareceu a "Padaria Espiritual" que tanto revolucionou a mentalidade cearense e, hoje, constitue um bello padrão de actividade.

A' sombra dessa modelar aggremiação formaram-se espiritos brilhantes como Rodolpho Theophilo, Antonio Salles, Adolpho Caminha, Livio Barreto, Waldemiro Cavalcanti, Arthur Theophilo, Tiburcio de Freitas, José Carlos Ribeiro, Sa-

bino Baptista, Cabral de Alencar, Xavier de Castro, Lopes Filho e outros.

Sem descer a falar particularmente sobre cada um desses escriptores, é de justiça salientar que o poeta Livio Barreto (1870-1895) autor de "Dolentes", já nesse tempo teve a intuição do symbolismo, antes mesmo de conhecer cousa alguma dessa escola; "Doente" e "Cravos Brancos" e outras composições suas revelam uma sensibilidade doentia, que se exterioriza em expressões de uma agudeza imprevista e em imagens de uma viva originalidade.

Adolpho Caminha (1867-1897), enfileirando-se á corrente reaccionaria do realismo de Zola, revelou-se um romancista de polpa com a publicação de "A Normalista", vindo a ter sómente digno emulo em Domingos Olympio (1850-1906), o consagrado autor de "Luzia-Homem", editado no Rio em 1903.

Rodolpho Theophilo (1853-1932), nascido ocasionalmente em São Salvador, foi levado com um mez de existencia para o Ceará, de onde eram os troncos de sua familia. Além de romancista festejado e poeta, foi o historiador das seccas do Ceará desde 1887.

O historiador do futuro que queira conhecer a odysséa da gleba alencarina, nos intimos lances do seu heroismo e da sua dôr, tem de procurar nas paginas dos seus livros o melhor subsidio para a construcção da sua obra, porque Rodolpho soube, com profunda sinceridade, traçar verdadeiros estudos de quadros reaes que muito valem como documento humano, nos varios conflictos do homem com o meio e a natureza rebelde. São suas principaes obras: — "Historia da Secca do Ceará" (1877-1880); "Os Brilhantes, romance (1895); "Maria Rita" romance (1897); "O Paroára", romance (1899); "Seccas no Ceará", (segunda metade do seculo XIX), 1901; "Variola e Vaccinação", um volume em 1905 e outro em 1910; "Memorias de um engrossador" (1912); "A Fome" (scenas da secca); "Homens e cousas do meu tempo", "Lyra Rustica", "Telesias", "A secca de 1919", "Scenas e Typos", "Reino de Quiato". Foi um pioneiro da abolição da escravatura. O Ceará deve-lhe serviços inestimaveis na campanha da extincção da variola, para o que se empenhou abnegadamente em trabalho tenaz e efficiente de vaccinação. E' um nome que ha-de sempre sobresair com relevo singular, que ha-de *ficar*, atravez dos tempos, como exemplo de intelligencia e de trabalho.

Em todo o paiz e mesmo em Portugal, grande foi a repercussão do movimento belletristico fomentado pela "Padaria Espiritual". "O Pão", — seu orgão na imprensa, é um valioso documento para estudo daquelle tempo.

*

* *

De um dissidio entre os "padeiros" resultou a fundação do "Centro Literario" que fez tambem época, deixando um passado de fúlgidos triumphos.

Sob os seus auspicios, foi publicado um grande numero de obras dos seus associados, uma pleiade de lídimos talentos como Rodrigues de Carvalho, Papi Junior, Alvaro Martins, Telles de Souza, Bomfim Sobrinho, Themistocles Machado, Vianna de Carvalho, Pedro Muniz, etc.

Adherbal de Carvalho, visitando Fortaleza, depois de ter estado em Recife, escreveu: — "O Ceará nada tem que invejar a Pernambuco. Nesse Estado a literatura já chega a ser uma mania. Não ha um cearense que não rabisque o seu conto, que não viva a idealizar o seu romance' O cearense é literato por indole e por nascimento. O que a natureza negou ao sólo, deu-o á saciedade ao povo: — a grandiosidade cerebral."

*

* *

Extinctos a "Padaria" e o "Centro", dahi para cá não mais se verificou nenhum movimento de nota, — a não ser o apparecimento de figuras isoladas, aliás de real valor, como Soriano de Albuquerque, em torno de quem se formou um nucleo de estudiosos, na Academia de Direito do Ceará. Joaquim Pimenta, um seu discipulo dilecto, é hoje um sociologo de renome. Fiuza de Pontes (1876-1909), um vigoroso artista do verso, fallecido com 33 annos apenas, deixou inedito um livro de poesias — "Dos tempos idos".

José Sombra! Que linda, cavalheiresca e seductora intelligencia! Que alma pura e envolvente, aberta só para o bem e para a luz! Pela sua cultura aprimorada, principalmente no dominio da philosophia, foi uma das mais nobres expressões de pensador. Muito bem, Djacir Menezes chamou-o de *"um espirito irmão de Farias Britto"*. Realmente, um *genio que foi um santo*, no dizer de Eça de Queiroz sobre Anthero. Um rude e inesperado desastre o victimou mortalmente, ainda moço, a 21 de Abril de 1932, consternando toda a sociedade em que vivia.

Alf. Castro, um pernambucano que, depois de pertencer ao grupo chefiado por Paulo de Arruda, em Recife, se transportou, por volta de 1903, para Fortaleza, onde exerceu as funcções de Pro-

curador da Republica. Culto, com uma illustração methodica, especialmente de critica de arte, eram as suas opiniões sempre acatadas. Poeta inspirado e correcto. Seu verso soffria incontestavelmente influencia de Heredia mas, o capricho da fórma não lhe matava a emoção. Falleceu em Fortaleza, a 1.° de Abril de 1926, deixando publicado um volume de versos — "De sonho em sonho". Sua penna deixou copiosos escriptos que dariam volumes.

Bomfim Sobrinho (1875-1900) um lyrico suave, algo elegiaco, deixou varios sonetos e balladilhas que correm ainda esparsos pelos jornaes.

José Albano era um poeta de raça, dos mais puros classicos de nossa lingua, educado na Europa e falando doze idiomas. Escreveu: — "Redondilhas", "Ode á Lingua Portugueza", "Comedia angelica", etc. Silvio Julio disse sobre elle: — "José Albano tem de ser lido e entendido por grupos escassos de mentalidades exoticas e difficeis, cuja formação se alcandore ás regiões dos Homeros e dos Virgilios através de successivos refinamentos. Sua musa pertence-lhe á propria compleição organica, que levou seu cerebro a cogitações transcendentes e desorbitadas, até alcançar a pureza esthetica dos padrões eternos."

Padre Antonio Thomaz, poeta simples e espontaneo. O singelo lyrismo dos seus sonetos grangeou-lhe enorme popularidade, sendo eleito "o principe dos poetas cearenses".

Cruz Filho, com a publicação de — "Poemas dos Bellos Dias" conquistou as insignias de verdadeiro e brilhante poeta, desses de que, como Antonio Salles, Soares Bulcão, Julio Maciel, Carlos Gondim, Leão de Vasconcellos, Filgueiras Lima e poucos outros, nos podemos ufanar.

Alba Valdez é uma intelligencia vigorosa que honra a mulher brasileira. Publicou dois livros de contos, — *Em Sonho* (1901), e *Dias de Luz* (1906) que tiveram repercussão no estrangeiro; tanto assim que alguns capitulos do *Em Sonho* foram traduzidos para o sueco, pelo illustre homem de letras Dr. Goron Bjorkman e publicados no *Illustreradt Hwad Nytt*, de Stokolmo.

Como se vê, não faltam ao Ceará valores mentaes.

Existem lá presentemente duas Academias de Letras, — o que demonstra a ausencia de cohesão, de unidade de vistas.

Ainda ha poucos dias, Affonso Costa, presidente da Academia Carioca, falava-me do esforço que la envidar para fundir as duas numa só. E' o velho e nobilitante sonho de fraternização desse illustre escriptor, sempre no afan de intercambiar, de unificar, de confederar as letras nacionaes, de molde a formar um bloco uno, forte, indestructivel.

Para isso, o Ceará possue um cabedal valioso, derramado em todos os recantos.

Fóra do Estado, além de Gustavo Barroso com uma consagração definitiva e excepcional, contam-se muitos outros em posto de relevo: — Alvaro Bomilcar, Frota Pessôa, Austregesilo de Athayde, Americo Facó, Leão de Vasconcellos, Assis Memoria, Osorio Lopes, Mozart e Clovis Monteiro, Xavier de Oliveira, Herman Lima, Elcias Lopes, Martins Capistrano, Saboia Ribeiro, Salles Campos, Joaquim Pimenta, Julio Ibiapina, Beni Carvalho, Helder Camara, Raymundo Arraes, Moreira de Azevedo, Waldemar Falcão, Julinha de Vasconcellos, Faustino Nascimento, Elias Malmann, Manoel Monteiro e muitos outros.

Dentro de Fortaleza ha uma phalange de intelligencias vigorosas, com Antonio Salles á frente como um dos principaes guias espirituaes: — Cruz Filho, Adonias Lima, Quintino Cunho, Leonardo Motta, Carlos Studart Filho, Antonio Furtado, Irineu Filho, Gastão Justa, Carlyle Martins, Gilberto Camara, Genuino de Castro, Jader de Carvalho, Josaphat Linhares, Sobreira Filho, Filgueiras Lima, Martins d'Alvarez, Heitor Marçal. Henriqueta Galeno, Rachel de Queiroz, Suzana de Alencar, etc., etc.

Dentre esses, merece destaque especial Djacir Menezes, — um jovem talento já amadurecido por estudos serios. Notaveis são os seus livros: — "Introducção á Sciencia do Direito"; "Principios de Sociologia"; "Psychologia"; "Pedagogia"; e "Economia Politica", todos editados pela Livraria Globo, de Porto Alegre.

A' margem desses grupos, ha, dispersa, uma élite de figuras brilhantes: — Alvaro Fernandes, José Lino da Justa, Adonias Lima, Castro Menezes, Alves Lima, Jorge de Souza, Carlos Camara, Eusebio de Souza, Antonio Theodoirco da Costa, Targino Filho, Livino de Carvalho, etc.

O Barão de Studart é ali a figura patriarchal. Garimpeiro infatigavel dos factos da nossa historia, o Ceará deve-lhe serviços immensos. Para isso sacrificou sua fortuna pessoal, sua saúde, tudo de quanto podia dispôr. Está quasi cego em consequencia do continuo, tenaz, — annos e annos seguidos, — manuseio e exame de livros e documentos pertinentes aos seus estudos. E' a alma e a vida do Instituto Historico. Suas innumeras publicações attestam-n'o. Livros como — "Diccionario bio-bibliographico cearense" (3 volumes); "Datas e factos para a Historia do Ceará" e varios outros de alto valor, comprovam os

(Conclue no fim do Annuario)

PROF. DR. ODO BUJWID

O 9.° Congresso Brasileiro de Esperanto, realizado no Rio de Janeiro em Novembro de 1936, teve a enorme satisfação de ver entre os seus participantes a eminente figura do Prof. Dr. Odo Bujwid, hygienista e bacteriologo polonez. Não é o illustre professor um extranho ao Brasil; aqui esteve em 1929, durante oito mezes, estudando, nas colonias polonezas do sul, a malaria, o cholera e outras molestias tropicaes; e aqui deixou a mais grata lembrança, quer no seio dos scientistas, quer entre os Esperantistas, quer nos nucleos da emigração poloneza.

O Prof. Bujwid, que foi collega do Dr. Zamenhof, autor do idioma internacional auxiliar Esperanto, é autor de mais de 200 trabalhos, livros e brochuras, escriptos em polonez, francez e allemão, referentes aos dominios da sua especialidade, e entre elles se encontra curiosa monographia sobre *As condições de salubridade no Brasil*. Foi um dos ouvintes do primeiro curso de bacteriologia creado pelo Prof. Koch, que inaugurou as pesquisas microbiologicas. Terminado o curso, voltou para Varsovia, onde organizou o primeiro laboratorio de bacteriologia, procedendo a varias experiencias que muito serviram a medicos e estudantes.

As descobertas de Pasteur despertaram a attenção do jovem scientista, que partiu para Paris, onde se familiarizou com os methodos de prophylaxia da raiva, pelos quaes se enthusiasmou, estabelecendo em Varsovia um laboratorio, unico então no genero, fóra da França, para tratamento do mal rabico segundo o processo Pasteur. Occupa, em seguida, a cathedra de Hygiene na Universidade de Cracovia, dedicando-se incansavelmente a novas e importantes pesquisas bacteriologicas.

Após a libertação da Polonia o Prof. Bujwid organizou o laboratorio de hygiene do Instituto Sanitario Militar, lecionando aos medicos um curso de aperfeiçoamento. Depois de aposentado, o notavel scientista continuou seus trabalhos, dedicando-se a seu thema predilecto, o estudo da tuberculose.

Não só na esphera scientifica revelou seus altos e reconhecidos meritos, por isso que os affirmou tambem na luta pelos direitos de sua patria, sendo pessoal collaborador do Marechal Pilsudski, e como convicto democrata intensificou o civismo das multidões.

Desde muitos annos o Prof. Bujwid é um dos mais fervorosos propagandistas do Esperanto. Actualmente é Presidente da "Delegação Esperantista Poloneza", Presidente da "Associação Scientifica Internacional Esperantista", redactor do *Pola Esperantisto*; no idioma auxiliar escreveu tambem obras scientificas, entre as quaes um curioso trabalho sobre *Higiena Vivado*.

Tomou parte no 28.° Congresso Universal de Esperanto, reunido em Vienna em 1936, tendo sido o presidente da "Universidade de Verão" do mesmo congresso. No anno corrente de 1937 os Esperantistas se reunirão, para o 29.° Congresso Universal de Esperanto, em Varsovia, sendo o Prof. Bujwid presidente da Commissão Organizadora.

Durante o 9.° Congresso Brasileiro de Esperanto, ultimamente realizado, o preclaro scientista polonez foi proposto, com immenso applauso, Socio Honorario da Liga Esperantista Brasileira e doou a esta uma photographia historica, onde se encontra com Zamenhof, ao lado dos seus collegas de Universidade.

Goulart de Andrade

Mucio Leão
Da Academia Brasileira de Letras

Goulart de Andrade

Goulart de Andrade morreu antes de completar os cincoenta e seis annos. Seu aspecto, entretanto, era já o de um homem que houvesse vivido perto de um seculo. Dolorosa, tristissima coisa era vel-o, nos ultimos tempos da vida! Goulart adoecera gravemente, ha cerca de oito annos. Seu organismo, que dispunha de resistencia phenomenal, ia-se mantendo, atravez de todas as rondas que, em torno delle, fazia a morte. Mas a sua decadencia physica era evidente. E era indizivelmente impressionante. Goulart, que fôra, até o momento em que adoeceu, um homem robusto, agil e expansivo, estava, como um pobre ancião, curvado, tropego, magro! Seu andar era vacilante e inseguro. A esclerose lhe andava devastando terrivelmente o cerebro. E sobretudo para as coisas actuaes a sua memoria era confusa e atrapalhada.

Poucas vezes, com effeito, a expressão ruina humana, *que tão repetida vemos por ahi, terá correspondido tanto á realidade, quanto no caso do poeta de "Numa Nuvem". E, entretanto, Goulart de Andrade teve, em seu grande infortunio, uma felicidade extrema: pôde conservar até ao fim as suas crenças na bondade divina e na bondade humana. Quanto á religião, elle encontrou nella soccorros infinitos. Num formoso quadro, Jesus esteve sempre diante dos seus olhos. E o poeta, que, no decorrer da vida, havia desaprendido tantas coisas da terra, aprendera, de novo, a rezar... Quanto ás coisas humanas, Goulart teve, no seu calvario atroz, uma razão de acreditar nellas: foi a dedicação com que o amou a esposa, D. Fernandina. Raras vezes o amor conjugal terá tido uma personificação mais bella e pungente, do que a que teve no lar de Goulart de Andrade. Alma heroica, ella lutou dia e noite ao lado delle, lutou por elle, contra as ameaças da morte. E quanta vez o suave poder das suas mãos de mulher logrou arrancar das sombras, que quasi já o cercavam, o companheiro dilecto!*

Tendo que escrever estas notas sobre José Maria Goulart de Andrade — notas que, é claro, deverão ser mais de impressão pessoal que de critica — eu proprio não sei até que ponto poderei ficar isento de minhas emoções de amigo e companheiro do poeta. Não sei até que ponto poderei deixar de lado a saudade ou o carinho, para falar sobre o escriptor com uma voz de imparcialidade, de justiça. Não sei tambem si não será prematuro tentar algum julgamento sobre elle, quando é bem certo que a lembrança de sua gentileza e de sua bondade está ainda tão perto de nós.

Seja como fôr, quero tentar aqui um bosquejo rapido da bella figura do poeta e do prosador que existiu em Goulart de Andrade. Não pretendo que exista nas minhas palavras o juizo definitivo das gerações futuras acerca desse homem de letras. Que ellas ajudem, porém, os futuros criticos a olharem em conjunto a obra e a figura do poeta, que ellas os auxiliem a comprehender certas feições dessa obra e dessa figura, eis tudo quanto desejo.

*

* *

No discurso com que recebeu, na Academia de Letras, o poeta de "Nevoas e Flammas", o Sr. Alberto de Oliveira lhe dizia:

"O escriptor em vós, Sr. Goulart de Andrade, é primacial e essencialmente o poeta. Outras partes se louvam em vossa penna, desde a de autor de composições theatraes ás do chronista e romancista, as quaes todas vos têm proporcionado occasião a vos revelardes verdadeiro homem de letras. Aquella, porém, a do poeta, a qualidade apollinea por excellencia, é o titulo mais bello, o vosso mais alto pregão de escriptor." Assim falava quem podia falar com autoridade incontestavel de critico e de observador dos factos literarios do Brasil.

Goulart de Andrade publicou, como poeta, tres collecções de trabalhos escolhidos as "Poesias" (primeira serie), em 1907; *as "Poesias", segunda serie (Nevoas e Flammas), em* 1911; *e as "Poesias", terceira serie (Occaso), em* 1934.

Nos seus versos, Goulart de Andrade sempre foi um artista exigente e caprichoso. Pertence elle á ultima geração parnasiana, que o Brasil possuiu. (Si é que podemos, sem impropriedade, chamar parnasiana a geração dos discipulos do Sr. Alberto de Oliveira, Bilac e Raymundo Correia).

Tinha pouco mais de 15 *annos, quando começou a escrever versos. Seu primeiro trabalho publicado recebeu o titulo de "Colo". Goulart de Andrade publicou-o em Maceió, num jornal do seu irmão Euzebio de Andrade, que mais tarde foi politico influente na Republica, deputado e senador federal.*

O facto de ter logrado publicar esse primeiro trabalho, animou-o a proseguir na carreira poetica. Logo elle imaginou e escreveu uma serie de doze sonetos, que enviou a um outro dos seus irmãos, Aristeu de Andrade. Aristeu era tambem poeta, e publicara um poema, "Noivado". José Maria affirmava ter sido elle o maior talento poetico de toda a familia.

Recebeu Aristeu os sonetos do irmão — e tranquillamente os condemnou á cesta.

O pobre José Maria, que nesse tempo frequentava a Escola Naval do Rio de Janeiro, ficou por algum tempo desalentado. Mas, se abandonou as musas, foi num arrufo ligeiro. Em breve regressou á doce companhia dellas. E então para não mais abandonal-as, senão quando o seu estado de saude não mais lhe permittiu a gloria e a consolação do trabalho.

Apaixonado dos assumptos da erudição, desde cedo Goulart de Andrade procurou reviver os antigos poemas de forma fixa, que nenhum poeta hoje em dia tenta. Desses generos, um encontrava, de vez em quando, um poeta que o tentava: era a balada. Bilac fizera baladas. Guimarães Passos, o Sr. Alberto de Oliveira tambem. Mas Goulart não ficou limitado ás baladas. Todas as fórmas dos velhos poetas o seduziram. A nomenclatura desses pequenos ou largos poemas é suggestiva, sonora e musical. Elle se aventurou aos laes, *aos* virolaes, *aos* triolets, *aos* rondós, *aos* rondeis, *aos* cantos reaes.

Esta ultima forma de poema é de uma difficuldade infernal. Os technicos mais ageis do verso o temem, e não se aventuram senão com mil precauções a investil-o. Goulart o dominou, o venceu, o reduziu a uma brincadeira, em suas mãos de esgrimista incomparavel. Eis um dos seus cantos reaes:

Rigida, heril, soberba, numa altura
Inaccessivel quasi, ergue o frontal
Para o azulado céu, sua moldura
Unica, para o resplendor astral.
A cidadella em marmore rosado.
Sinistramente fulgem pelo eirado
De esguia e branca torre de marfim,
As almenaras sobre as quaes por fim
Flutua ovante, num deslumbramento,
Longo, escuro, luzente e de setim,
O augusto pavilhão largado ao vento!

Chegam conquistadores na planura
Passa um pennacho de elmo e a côr de um brial.
Ora o fulgor de esplendida armadura
Ora um broquel de ouro polido. Qual
Fero, arrogante, em seu arnez dourado,
Qual cavalgando rapido, estribado,
Com alta lança e em alto, aureo selim,
Esse de pique, aquelle de espadim...
Todos olhando com desvairamento
A cidadella em que revôa, emfim,
O augusto pavilhão largado ao vento!

Um, animado de vontade impura
Obedece ao espirito do mal;
Outro só por audaz desenvoltura,
Por um capricho ou por inveja tal
Que, em se julgando um bem-aventurado
Fatuo, vem affrontar o duro fado.
Este o suborno tenta com o sequim.
Esse, embocando o estridulo clarim,
Deseja impor-se pelo atrevimento...
E indifferente ao frivolo motim,
O augusto pavilhão largado ao vento!

Impassivel a tudo, luz, fulgura
A cidadella com seu porte real.
Um halo iriado cinge-lhe a estatura
De claridade sobrenatural.
A multidão de um lado e de outro lado
Supplica, pede e clama iroso brado...
Mas como a vis frechadas um fortim,
Como a lua aos ladridos de um mastim,
Serena e linda pelo firmamento,
Se desdobra sereno e lindo assim,
O augusto pavilhão largado ao vento.

Por entre a turba que a paixão escura
Move, por entre o embate sem igual,
Em que cada senhor tão só procura
Derribar a prosapia do rival,
Um poeta chega, o olhar alevantado,
D'alma tirando um canto soluçado,
Lyra ornada de cravo e de jasmim...
Chega, e vê acenar-lhe no confim
Do horizonte, com desvanecimento,
Como uma asa de extranho cherubim,
O augusto pavilhão largado ao vento.

OFFERTA

Noiva, sem ouro ou arma no talim,
Por te vencer, de muito longe vim,
Só com o do verso melodioso acento...
Minha! E soltas a coma sobre mim:
O augusto pavilhão largado ao vento!

Era assim, com esse impeto, com essa vibração épica, que Goulart de Andrade fazia os seus cantos reaes. Mas a sua musa, que realizava, desta fórma, a mais vehemente e ardua das fórmas fixas da poesia, tinha, tambem, meiguices quasi ingenuas para realizar certos poemas delicados e subtis. Seus rondós e seus vilancetes são, ás vezes, doces e deliciosos de espontaneidade. Eis um delles, intitulado "Perfume", que está no volume das "Nevoas e Flammas":

E' tão cheiroso o teu véu
Que ao vêl-o a gente presume
Que não é véu, é perfume.

VOLTAS

Teu véu, desejada minha,
De tão leve e transparente
Menos se vê que se sente:
Ou melhor — mais se adivinha.
Nelle tanto olor se aninha
E é de nevoa tão escassa
Que atravez delle se passa.

Foi-se esgarçando, esgarçando
Tornou-se aereo, tornou-se
Fluido, de essencia tão doce
Que já nem sei como eu ando...
Doido sei que estou penando
(Tanto aroma em si resume!)
Que tens um véu de perfume.

E ao sorver o delicado
Cheiro teu indefinivel,
Creio que o véu invisivel
Em mim ficou enrolado.
Eis porque penso, anjo amado,
Que sentindo o olor do céu
Vivo dentro do teu véu.

As qualidades de vigor e emphase no estro, tambem as revelou Goulart de Andrade, nos seus "Cantos do Brasil Novo". E' um livro já da ultima phase de sua producção intellectual. E alli elle celebra coisas heroicas da vida e da alma brasileira, procurando estimular, na alma dos seus patricios, o amor da patria, o desejo de vel-a grande, forte, poderosa e formosa. Naquelles cantos entôa Goulart de Andrade os louvores á Terra, ao Céu e ao Mar do Brasil.

E' assim, por exemplo, que elle diz, entre os versos vibrantes do seu "Pean" aos vencedores do Campeonato Academico dos Jogos Olympicos:

Patria! Teu vulto altivo, á luz das horas de ouro,
Dos dias tropicaes, ha de erguer-se, em relevo,
No templo, onde refulge, entre festões de louro
Sob olhares de enlevo.

Força e, simultaneamente, delicadeza, exigencias de purista na arte, escolha de bellas palavras, que dessem sonoridades, brilhos, aurifulgencias aos seus versos... eis, em poucas palavras, o que era a poetica de Goulart de Andrade.

Elle proprio confessava, em trabalho escripto em 1923, essas tendencias parnasianas de sua arte: "Educara-me no respeito á disciplina classica, que, regrando a imaginação, bania do lyrismo os exaggeros da sensibilidade. A adjectivação tinha, pois, que ser colhida no glossario da poetica, de molde que o termo por ella qualificado se tornasse saliente e esculptural. O verbo deveria ser luzente e muito bem condicionado no estojo brunido de cada verso..." Eis ahi, em poucas linhas, como elle proprio nos apresentava a sua arte poetica.

Um estudo sobre o theatro de Goulart de Andrade poderia, com facilidade, ser incluido num estudo geral da obra poetica desse autor. E' um theatro quasi todo em verso. Goulart de Andrade escreve suas peças um pouco sob a influencia de Edmond Rostand, ou de Gabriel d'Annunzio. Tal de seus dramas, "Jesus" — lembra muito a "Samaritana" do poeta francez.

Suas peças são simples no entrecho, apaixonadas, vehementes, sensuaes aqui e alli. Em algumas, Goulart de Andrade expõe com delicadeza situações difficeis de exprimir. "Numa Nuvem", phantasia romantica em um acto, conta-nos a historia de uma menina cega, Yolanda. Um duque poderoso apaixona-se por ella e quer casar. Mas procura fazer-lhe crêr que é ainda novo, e bello, e forte. A menina vem, pela voz, a conhecer que elle é um velho; e então se apaixona por um jovem, Gilberto. A peça acaba num doce colloquio de todos, num generoso perdão do duque, que leva os amorosos para morarem no seu castello.

Nos "Inconfidentes" fixa-nos Goulart o momento em que os conjurados mineiros iniciaram a sua luta contra os desmandos de Portugal. Conta as provocações e as imprevidencias de Tiradentes. Conta a dolorosa melancolia de Alvarenga na enxovia, distante do lar, da esposa amada, das filhas queridas.

Um thema dilecto de Goulart de Andrade é o ciume. Tres, pelo menos, de suas peças têm como motivo o ciume — "Depois da Morte", "Renuncia", e "Sonata ao Luar". Apenas as situações são differentes. "Depois da Morte" é o drama de um homem que se casa com uma viuva e soffre as torturas do ciume do primeiro marido. A mulher acaba por se desfazer de todos os objectos que pudessem lembrar ao segundo esposo o que fôra o primeiro. Antes de se encerrar a peça, o ciumento marido dirige-se assim ao retrato do seu rival morto:

Não te poder vencer emquanto vivo! Embora!
Ella tambem foi tua e entre os braços, outróra,
A tiveste! Esse olhar, que é de bronze, procura
Inda achar o esplendor da sua formosura.
Ah, não avivarás a lembrança cruenta
De que a beijaste, e em mim, onda amarga e [sangrenta,
Levanta e me circunda e me arrepia todo.
Hoje és lama sómente! Hoje és sanie! Hoje és [lodo!
Que resta mais de ti? Recordações apenas...
Estas desfaço-as eu, si cuidas me envenenas,
E ponho-as porta fóra. Inda que foras vivo,
O dono della, ouviste? e eu apenas captivo
De seu encanto e seu amor, eu te expulsara
Daquelle coração, prenda custosa e rara.
Eu ahi reinarei, eu sozinho, eu sómente.
Vae! Não perturbes, não, esse idyllio innocente
Com o frio olhar que queima e que perfura e [escalda...

Dos outros episodios de ciume, um "Renuncia", é a historia de uma senhora, Esther, que sente ciumes do filho, Claudio. Está elle apaixonado por uma dama, Laura, viuva de trinta e seis annos. A mãe de Claudio interpõe-se entre os amorosos, e faz com que a viuva renuncie ao amor do rapaz.

Na outra peça, "Sonata ao Luar", o ciumento é um pae. Este, Elysio, vê a filha chegar á idade do sonho e do amor, e procura afastal-a do moço que ella ama.

Na vida literaria, as condições do ambiente, de sensibilidade, de receptividade ás idéas e ás emoções, modificam-se muito depressa. Relendo o theatro de Goulart de Andrade nós temos, muito nitidamente, essa evidencia. Tal theatro dá-nos a impressão de alguma coisa velha, já hoje incomprehensivel. Esse falar em versos rimados e metrificados, essa atmosphera que não é positivamente possivel imaginar na vida de todos os dias, todo esse clima poetico, e, peior do que poetico, rhetorico, em que o autor faz evoluirem os seus personagens e se desenvolver a acção dos seus episodios dramaticos — como tudo isso nos parece longinquo, deslocado, inconcebivel!

*

* *

As mesmas exigencias que teve como poeta, teve-as Goulart de Andrade como prosador. Seu estylo era claro, policiado, limpo. E tudo o que lhe sahia da penna havia de trazer aquelle toque de perfeição, sem o qual a sua sensibilidade exquisita não se dava por satisfeita.

A obra mais larga e ampla que Goulart de Andrade deixou em prosa, aquella em que pudemos encontrar todas as suas qualidades de estylista e architecto é o romance "Assumpção".

Esse romance foi sempre apontado como um livro auto-biographico. Nelle Goulart teria fixado um episodio amoroso de sua mocidade. Essa informação é, talvez, indiscreta. Mas, já agora, que o escriptor está morto, creio que não é imprudencia entrarmos um pouco nessa zona prohibida de sua personalidade. Pelo menos, não haverá mal em recolhermos uma ou outra indicação para os futuros biographos do poeta. Arthur Motta, que era caprichoso nas suas investigações, e que, segundo penso, recebeu do proprio Goulart de Andrade as notas para o estudo que lhe dedicou, diz que "Assumpção" é a narrativa de um caso pessoal.

Narrativa biographica, ou simples criação da fantasia do escriptor, — "Assumpção" narra o drama da alma de um poeta, Sylvio, repartido entre os seus deveres e os seus enlevos de amante. E' um romance de poesia, de imaginação, de sensualidade ás vezes exasperada. Está impregnado de dannunzianismo. Corresponde bem á época em que foi escripto, 1913. Antes de apparecer em livro, "Assumpção" surgira em folhetins no "Correio da Manhã".

Não sei si uma critica rigorosa e exigente salvaria "Assumpção". Um tribunal que procurasse destruir as obras brasileiras que não fixassem alguma coisa de nossa sensibilidade, de nossa psyychologia peculiar de povo, talvez o destruisse. Nelle, nada dos aspectos, nem dos costumes cariocas, como os pintam, por exemplo, os romances de Lima Barreto, contemporaneos do de Goulart de Andrade.

Nesse grupo dos trabalhos de Goulart de Andrade, deveriamos incluir a sua traducção da "Gloria de D. Ramiro", o bello romance de Henrique Larreta.

Essa traducção realizou-a Goulart com aquelle zelo, aquelle escrupulo, que punha em todas as suas obras. A novella fôra traduzida em varias linguas européas; alguns dos traductores eram nomes illustres nas suas literaturas. Em francez, por exemplo, o autor da versão fôra nada menos do que Remy de Gourmont.

Em conversa com Henrique Larreta, eu tive occasião de lhe ouvir algumas reservas ao trabalho de Goulart de Andrade. Não pude bem perceber qual era a razão dessas reservas. Larreta faz questão ás vezes de dizer as coisas por alto, sem fixar precisamente os seus pontos de vista.

Quero acreditar que tal queixa foi apenas um resultado do máu humor de um momento. D. Henrique Larreta via-se, no dia em que falou commigo, victima da visita de meia duzia de jornalistas impertinentes e curiosos, que em seu solar de Acelan, desejavam saber mil coisas miudas. Sua irritação encontrou um bom derivativo no pobre José Maria.

Isso occorreu quando eu estive em Buenos Aires, nos começos do anno passado.

Regressando ao Rio tive opportunidade de falar a Goulart de Andrade sobre o autor da "Gloria de D. Ramiro". Goulart quiz saber, então, si Larreta falara a seu respeito, si dissera alguma coisa acerca de sua traducção, si essa referencia fôra amavel... Tendo que responder, eu menti ao pobre amigo. Menti, com piedade e segurança, porque lhe disse que ouvira enthusiasticos elogios de Henrique Larreta á traducção brasileira do seu livro. Aqui o

confesso, sem nenhum remorso. Tenho pelo menos a alegria de haver evitado a Goulart de Andrade uma melancolia que deveria ter sido intensa.

E menti, ainda, com alegria, por um motivo: porque estou convencido de que a traducção de Goulart de Andrade é admiravel, no cuidado, na exactidão com que foi feita. Quem nos dirá si a "Gloria de D. Ramiro" em portuguez, na versão de Goulart de Andrade, não tem uma belleza maior do que o original de Henrique Larreta?

*

* *

Creia que a ultima das facetas intellectuaes que pudemos estudar em Goulart de Andrade é a sua manifestação como critico.

Sua obra de critica não é larga. Consta de um livro de discursos pronunciados na Academia — a "Cadeira numero seis"; de um livro de conferencias criticas, "Sementeira e Colheita"; e de varios trabalhos esparsos, publicados aqui e alli, principalmente na "Revista da Academia Brasileira de Letras".

A "Cadeira numero seis" encerra quatro discursos, os quaes têm como themas o Barão de Jaceguay, Casemiro de Abreu, Xavier Marques e Teixeira de Mello. O discurso sobre Xavier Marques foi pronunciado por occasião da entrada do illustre romancista na Academia. Os outros referem-se aos donos anteriores da cadeira occupada por Goulart. Fôra criada por Teixeira de Mello, e nella tivera assento depois o Barão de Jaceguay. Casemiro é o patrono.

Todos esses discursos são cheios de informação minuciosa. Seu autor tem a plena consciencia das suas responsabilidades.

Creio que Goulart de Andrade foi o unico dos academicos que até agora fez um livro especialmente dedicado aos anteriores donos de sua cadeira. O exemplo será digno de vingar. Quem acompanha os discursos da Academia sabe que só muito raramente elles correspondem ao que deveriam ser. Refiro-me especialmente aos discursos em que são estudados os academicos que chegam. Humberto de Campos, que fôra, na Academia, recebido por Luiz Murat, nem sequer mereceu um estudo superficial ao seu paranympho! Murat sahiu, em sua oração, a passear através de coisas metaphysicas; e deixou o novo collega inteiramente esquecido. Humberto appellou para aquelle que um dia viesse a substituil-o, — que o seu herdeiro academico fizesse a seu respeito o estudo consciente e serio que Murat não soubera, ou não quizera, fazer! Não sei si o canhestro successor de Humberto soube attender satisfactoriamente a esse pedido.

Quanto a Goulart, elle estudou a obra de Xavier Marques com uma minuciosidade severa. Eis uma razão para lhe sermos gratos, todos nós que amamos as coisas realizadas com justiça e dignidade.

Entre os trabalhos de critica publicados por Goulart de Andrade, ha alguns que devem ter um destaque especial. Sua discussão com Medeiros e Albuquerque a proposito de "Salomé", publicada em varios numeros da "Revista da Academia", está nesse caso. Goulart fizera um poema, interpretando a dansa dos sete véus, como sendo uma libertação que a princeza fazia dos sete peccados mortaes. Medeiros discutiu o assumpto. E' de vêr a agilidade com que Goulart esgrimiu, nesse torneio. E' de vêr, sobretudo, a maneira copiosa, segura, como elle se documentara para começar a escrever a sua phantasia biblica.

Mais seria, porém, do que essa discussão é o solido estudo em que Goulart de Andrade tenta uma comparação entre Camões e Milton. Desde os trabalhos feitos acerca dos "Lusiadas", no seculo XVIII por Guilherme Mickel, vem sendo tentada a approximação de certos episodios do poema portuguez com certos episodios do "Paraiso Perdido". A primiera traducção ingleza dos "Lusiadas" apparecera em 1655, e era da autoria de Sir Richard Fanshawe. Tudo indica que Milton a conheceu, e que, ao publicar, doze annos depois, o seu "Paraiso Perdido", recebera a influencia de Camões. Goulart de Andrade encontrou em tal ponto a discussão acerca das influencias de Camões sobre Milton. Seu trabalho consistiu em ampliar largamente a these, evidenciando que não sómente em certos episodios do poema, senão em todo o poema, Milton estivera sempre sob a influencia do grande cantor do Gama. Não posso saber até que ponto irá a exactidão da observação de Goulart de Andrade, e confesso que tenho o maior receio das approximações literarias. Emfim, com um pouco de boa vontade e de erudição, a these goularteana será facilmente defensavel.

"Sylva horrida"

Aurelio Pinheiro

Certamente a mais interessante e a mais extranha modalidade da flora, no meio norte brasileiro, é a *caatinga*—o *matto branco* dos selvicolas.

Creou-a a imprevidencia do aborigene, que, para obter a misera clareira onde espalhava grãos de cereaes e espetava talos de mandioca, extinguia pelo incendio a farta floresta que se estendia em torno da sua taba. O fogo matava as arvores, crestava o solo; e surgia, tempos depois, do solo adusto, a mattaria fina, atrophiada, esparsa, das interminaveis *caapueras*, em meio dos troncos escapos ás coivaras.

Mas, destruida a floresta primitiva, o indio tentava ainda aproveitar as ultimas reservas de fecundação; sobre as proprias *caapueras* arremessava as chammas exterminadoras. Então, sobre a terra árida, resequida, esterilizada, apparecia afinal, a vegetação barbara das caatingas, como a derradeira manifestação de vitalidade do torrão abandonado.

Para observar a flagrante aspereza do seu aspecto é preciso percorrer a gleba sertaneja na época sinistra das estiagens, quando o sólo sugado, ardendo sob o cauterio do sól no equinocio de Março, expõe tristemente a impressionante rudeza da sua flora.

Nos altiplanos desse desventurado nordeste espontam de trecho em trecho essas *manchas* alvacentas de arbustos que, pela rispidez, pela originalidade e pelo traço incisivamente aggressivo, dão a idéa de espectros immoveis, armados de farpas penetrantes, de acúleos solertes, de gumes perfidos, de garras fortes, simulando braços ameaçadores que o largo *vento da secca* agita e contorce.

No emmaranhado dos galhos recurvos, dos caules finos, das raizes que abrolham na argilla impermeavel e repontam nas faces lisas dos lagedos, vive toda uma fáuna assustadiça e rastejante, que raramente emigra para outras paragens, e resiste, occulta nas moitas e nas fendas das lages, á abrasadora soalheira.

Essa fáuna caracteristica, de serpentes venenosas, de lagartos ariscos, de escorpiões horrendos — onde se assignalam a *Lachesis atrox*, o *Crotalus terrificus*, a *Lacerta agilis*, o *Isomerus maculatus*, ora grotescos, ora repugnantes, ora mortiferos — ali vive no meio de espinhos, de galhadas, dos tufos cerrados das bromelias, na terra morna dos taboleiros.

E a *caatinga* desgrenhada, eriçada, hirsuta, ampara, defende, nutre toda essa fáuna asquerosa, como se ella contribuisse hediondamente para o seu torvo scenario de hostilidades.

Não lhe bastam para o conjuncto offensivo os *mandacarús* esguios, triangulares, erectos, abrindo no espaço os galhos espectraes, onde se encrustam os longos, agudos espinhos; os *chique-chiques* rasteiros alastrando-se por entre hervas ou galgando o pedregulho dos serrotes, como punhos hirtos rompendo da terra medonhamente cra-

vejados de estrepes; as *corôas de frade*, espheras presas á argilla ou á pedra núa, inaccessiveis, revestidas de centenas de estiletes e ostentando no alto, aprumada e formosa, sua flor côr de sangue.

Toda ella parece aprestada para uma lucta infernal contra o homem que a busca nas torturantes agonias das seccas; e decepa-lhe os cactus, arrebata-lhe os fructos, arranca-lhe rhizomas e bulbos que são as ultimas fontes da agua salvadora — e por fim, desesperado, a morrer de fome e de sêde, a incendeia para livrar-se da furia das serpentes e do supplicio dos espinhos.

Mas a lucta maior, mais viva, mais rude, ella a mantém contra os proprios phenomenos telluricos. E' a lucta silenciosa, tenaz, inverosimil — reacção brutal de vegetaes obscuros desafiando elementos formidaveis: o sól, que tudo extermina; a terra, onde tudo morre!

Entre esses dois vorazes inimigos, a *caatinga*, pertinaz e humilde, tece a trama da espantosa resistencia. Os seus arbustos recurvos e disformes esgalham-se desordenadamente, quasi sem caules, numa evidente heliophobia que os distende horizontalmente como serpes que tomassem nos ares prodigiosas attitudes de espreita de ataque.

As *catingueiras* cinzentas, baixas, entrelaçadas, formam a maioria dos specimens dessa flora bravia; e são mais rigidas, mais asperas, mais agrestes que os tojos dos desertos da Africa. Os *pés de papagaio* (*selaginella convolucta*) representam a mais extranha expressão de defesa vegetal.

A's primeiras ameaças da secca suas folhas se encolhem, transmudam-se em pequenos cones côr de chumbo unidos aos ramos que se dobram — e nessa attitude de submissos, atravessam todo o desatado furor da canicula. As *favellas*, typo admiravel das plantas xerophilas, absorvem pelas folhas toda a humidade do ar ambiente, e á noite — nas desoladas noites das seccas — ella, como um symbolo de bondade e de carinho, deixa cahir em torno, sobre as irmãs sequiosas, o orvalho que as reanima.

Outras especies lá vivem, lá se encontram, associadas, aggregadas, vicejando bravamente, num surdo combate ás scintillas solares e ao solo devastado que se desdobra na melancolia dos taboleiros como candente chapa de bronze.

*
* *

Essa é a lucta visivel, que todos observam e que a todos assombra. A outra, a lucta obscura, imperceptivel, interdicta á humana curiosidade, desenrola-se nas camadas ignotas do subsólo, onde as radiculas sedentas rompem continuos obstaculos, attingem inaudita profundidade, procurando a argilla humida.

Com esses magnificos privilegios de vitalidade, a *caatinga* tem contribuido singularmente para evitar que a immensa região do meio norte — onde permanece o mais puro typo da nossa raça — se transforme num vasto deserto. E embora malsinada, desprezada, esquecida, essa pobre *sylva horrida* de Martius será ainda por muitos annos o doce refugio de uma raça heroica de obstinados.

Baptista Cepellos e a critica

Mello Nóbrega

Existe na Bibliotheca Nacional, onde o encontrámos por indicação de Magalhães Junior, curioso volume catalogado como de autoria de Baptista Cepellos. Trata-se, em verdade, de um caderno em que o poeta colleccionou recortes de jornaes allusivos á sua obra e á sua pessôa.

A esse punhado hecterogeneo de apreciações e commentarios, quasi todos desautorizados, Cepellos deu titulo apparentemente pedante, mas que poreja fundo sarcasmo, accentuado por intencional cacophonia: *Album da Gloria*. O subtitulo completa o desapreço: *Elogios, descomposturas e asneiras*.

Alinham-se ahi, cuidadosamente seriadas, numerosas referencias dos jornaes da época aos primeiros livros do poeta paulista. Apreciações ligeiras, de criticos amadores, sem dicernimento nem penetração. A par de encomios exaggerados, mofinas anonymas, futeis e capciosas, em que se percebem inimizades pessoaes e rivalidades despeitadas.

A maior preciosidade desse repositorio é, sem duvida, um longo artigo do sr. Julio Prestes, áquelle tempo dado, ainda, a tentativas gôras de arte, peça digna de figurar, preeminentemente, em nosso abundantissimo *sottisier* literario.

E é pena que a collectanea se interrompa em 1906 e esteja muito desfalcada pelo interesse deshonesto dos consulentes.

Pois essa curiosa exposição de incapacidade julgadora foi, ou parece ter sido, o diapasão pelo qual se afinaram quasi todas as apreciações sobre os versos de Cepellos.

A critica, entre nós, foi, durante muito tempo, preciosamente o contrario do que desejava Raul Pompéa. Não ia muito além de um formulario pessoal de padrões aos quaes se comparavam obras de arte, na preoccupação escolar de regrinhas grammaticaes e rhetoricas. A predilecção biologica da mosca pelo estêrco, lamentada por Gourmont.

Accrescente-se a esse gôsto malsão o desequilibrio pendular de um joão-paulino que se inclinava reverentemente, ora para a camaradagem facil das redacções, ora para o dogmatismo irreductivel das academias...

Os mais independentes não ousavam ir muito adeante. Sorriam na tolerancia amavel de um João Ribeiro ou bracejavam nas crises epileptiformes de um Duque-Estrada.

Ha excepções — é certo — notadamente entre os modernos, mais sinceros e permeaveis, que, se têm ferrão como as abelhas, sabem tambem, como as abelhas, escolher as corollas mais ricas em pollen.

A verdadeira funcção do critico, quer se filie no objectivismo systematizado de Taine, ao dogmatismo solemne de Brumetière ou ao experimentalismo lombrosiano de Pierre Abraham, quer escorregue no sabor de pontos de vista pessoaes — a funcção do critico, não podendo ser férula cathedratica, não é, igualmente, displicencia sorridente de diletante.

Todos os poetas soffrem a incomprehensão alheia. Baudelaire, entre todos, póde ser apresentado como exemplo dessa tragedia intellectual. Escarnecido e condemnado, é hoje entanto, assumpto absorvente de muitas dezenas de estudos interpretativos e ninguem se peja de collocal-o á frente de todo o movimento poetico contemporaneo.

Baptista Cepellos, esquecido mesmo antes de morto, não conheceu senão o juizo inseguro de inimigos e amigos. As feridas abertas pelos primeiros eram cicatrizadas rapidamente pelo elogio balsamico dos outros.

Recorda-se, de quando em vez, a memoria do homem. A do poeta perdeu-se com seus livros, esgotados e raros, fóra do mercado e do registo de nossa historia literaria.

Os debates que essa obra inspirou não foram mais que pequenos escandalos — pró e contra — em cantos de terceiras paginas.

Tristão de Athayde poz em relevo, ha pouco tempo, os meritos da critica posthuma: "A morte *fixa* todos os aspectos de um autor, ao passo que a vida permitte todas as possibilidades de deflagração que a liberdade humana nos dá. De modo que podemos estudar um morto *acima* delle, considerando-o em conjuncto, e portanto examinando todos os aspectos de sua obra e esclarecendo cada um á equidistancia de todos os demais".

Depois de commentar a instabilidade do que James Joyce denominou *obra em curso*, o pensador catholico analisa os precalços da critica anthuma, traduzidos na acção de presença dos autores e aggravados pela perturbação da serenidade dos julgadores, sempre perplexos ante o imprevisto das creações subsequentes.

Cepellos não chegou a ser criticado. Foi apenas discutido.

Dahi a insegurança de tudo o que, sobre elle e sua obra, existe escripto, fragmentario e combativel.

Desprezadas as notas anonymas dos jornaes, o exame das apreciações mais dignas de respeito revela absoluta incapacidade critica.

Homens affeitos nos julgamentos literarios, como José Verissimo; poetas glorificados, como Vicente de Carvalho — todos os que pretenderam estudar a obra de Baptista Cepellos, — tendo-o perto demais soffreram as limitações de um campo visual muito restricto.

Enxergaram aspectos parciaes de uma figura e quizeram, por elles, reconstituir o corpo inteiro, como nesses trabalhos conjecturaes de paleontologia. em que. pela fórma e dimensões de um osso, graves doutores de gabinete pretendem surprehender toda a complexidade harmonica de uma vida. Generalização perigosa, maximé em se tratando de obra que apenas se iniciava, que havia de ser varia e multiforme e só muitos annos depois se definiria na totalização.

José Verissimo permaneceu nos fastos de nossa critica literaria como honra e exemplo de probidade profissional. O rigor de seu julgamentos valeu-lhe antonomasias pittorescas, inspiradas no sarcasmo facil das rodas de café. Para os confrades educados era o "*Severissimo*"; aos desaffectos a injuria azedava a homophonia, em "*Zebrissimo*..."

De bôa formação humanistica, affeito ao bom trato dos classicos, o escriptor paraense lutou em vão contra o mais grave dos empecilhos: a falta de sensibilidade. Sua critica é fria, e embóra bem intencionada, deixa-se ficar á superficie dos themas, empolgada pelo esfôrço de estudar semelhanças e procurar localizações.

José Verissimo, por outro lado, não admittia innovações, declarando illegitimas quaesquer tentativas audaciosas.

E como os autores não lhe obedeciam, como o sol a Josué, recebia com reserva as manifestações da gente nova.

Ficou-lhe, sempre, porém, um certo recato, traduzido em firme desejo de ser justo, dentro da insensibilidade constitucional que o inteiriçava.

E' isso, mais ou menos, o que entrou para á tradição de nossa chronica literaria.

Verissimo teve ensejo de julgar mais de uma geração de homens de letras. E no exercicio dessas funcções altissimas, dignou-se de dizer alguma cousa sobre o *Cysne Encantado* (*Estudos de literatura brasileira*, vol. 5).

Avêsso ás manifestações do decadentismo, equipára o poema de Cepellos ao de Almachio Diniz, *Eterno Incesto*, apparecido tambem em 1902. Rotulou-os, a ambos, summariamente, de peças romanticas com môlho de symbolismo e, alarmado com a abundante producção poetica do começo do seculo, recordou o distico maldoso de Filinto Elysio:

Quanto o anno é mais de safra em versaria,
Tanto mais escoimado, em Poesia.

O numero de poetas parecia ao summo sacerdote do bom-gosto brasileiro daquelles tempos "inteiramente desproporcional á nossa cultura mental e ás nossas necessidades espirituaes."

Seria interessante que esse novo cidadão da republica platonica fixasse a relação que tão

seguramente annunciava, esclarecendo essa equação literaria a três incognitas...

Era, entanto, uma simples opinião, vaga e discutivel, que, se não tinha fôrça de lei, tambem não dava aso a reproches. Um sorriso bastava para commenta-la...

Mas que esse mesmo critico, tão conciso e fulminante na condemnação, viesse, dez annos depois, a desdizer-se com escandalo, isto merece reparo especial, por ser brécha profunda aberta, na rigidez que o glorifica.

Accusando, em 1912, a remessa que Cepellos lhe fizera, de um exemplar da reedição do *Cysne*, Verissimo deixou, em três linhas escritas, escapar o adjectivo *formoso*, applicado ao poema. Uma palavra só, mas que poz em cheque, ou o pejorativo de *versaria*, ou a decantada integridade do critico...

Porque, si o maior defeito do *Cysne Encantado* era o de filiar-se á escola decadentista, esta eiva deveria estar aggravada, decennio depois, quando os excessos desse movimento já haviam passado para o archivo morto das literaturas.

Vicente de Carvalho tambem não procurou comprehender a sincera contribuição que Cepellos trazia ao verso brasileiro. Desmentiu com desenvoltura a affirmativa de André Salmon, de que só os poetas poderiam falar sobre obras de arte.

Enrique de Vilarreal, defendendo esse privilegio, suppoz a razão e a sensibilidade em face de um facto esthetico; a primeira animada pelo desejo invencivel de classificar, que empolga o ornithologo ante a plumagem colorida de um passaro, e a segunda ansiosa por integrar-se na creação alheia.

O delicioso cantor de *Poemas e Canções* portou-se, não como poeta, mas como juiz, que tambem era.

Accrescente-se ao habito de julgar pelas provas dos autos, uma dose forte de vaidade.

Vicente de Carvalho tinha a fraqueza de considerar-se o maior poeta de seu Estado e talvez do Brasil. Prova-o o desafio queixotesco que dirigiu á Academia Paulista, de cujos fundadores fôra excluido. Não podia acceitar esse repudio offensivo, deslembrado, muito depressa, de que, por já pertencer á Academia Brasileira, combatera, com muita acrimônia e poucos argumentos, a fundação do cenaculo regional.

Inteirado, por informação officiosa, de que a razão do desapreço estava na abundancia de poetas já acolhidos, empenhou-se em provar que, de havia muito, se dava á prosa de bom quilate. Colligiu muito do que espalhára em revistas e jornaes, promettendo sobranceiramente publicar três livros, trombetas irresistiveis, a cujo som ruiriam as muralhas da incredulidade academica... Dos volumes annunciados só o primeiro appareceu, porém.

Amontoam-se nelle como em loja de ferro-velho, as cousas mais disparatadas, desde o conto praieiro ao estudo sobre a valorização do café. Nem sabemos porque escaparam á furia anthologica trechos polpudos de sentenças e despachos, argumentados pelo juiz, nos intervallos de sua actividade poetica.

De permeio surgem apreciações literarias, exhumadas do gavetão discreto do esquecimento.

Nesse livro de amostras, incoherente como um orinthorino e baptisado com acêrto (*"Paginas soltas"*), encontrámos ligeira referencia ao *Cysne Encantado*.

A chronica principia desastradamente, considerando esse poema como obra de estréa. Logo a seguir, forte zargunchada no decadentismo, a que os versos innegavelmente se prendiam. E, depois, o indefectivel *ce que l'on pense bien*...:" "a clareza é uma das qualidades essenciaes do "escriptor; podia-se mesmo dizer que é o seu dever elementar..."

Quanto á originalidade: Ophir era a reencarnação do *bello senhor de olhos côr d'espr'ança*, de Guerra Junqueiro.

Outro defeito muito grave: o poeta, desacertadamente, entremeiára o livro de trechos em prosa, para descrever os scenarios, só á dialogação reservando a linguagem sagrada.

E ainda mais: alguns versos destoavam da harmonia geral, impondo-se ao metrificador maior attenção ás regras fixadas por Bilac, em sua *profissão de fé*.

Finalmente, o consôlo hypocrita com que era de habito adoçar a bocca dos novos, depois de convenientemente arrazados: "Trabalhe sua arte, o autor do *Cysne Encantado;* lime as suas obras futuras com a tenaz paciencia que não obteve esse poemeto, cuja publicação parece prematura; escoime-as dos defeitos que, no livro de que tratamos, fazem desagradavel sombra ás bellezas que o polvilham de ouro..."

Ahi está: um poeta lê o livro de outro poeta; entra, por elle, numa arca cheia de imagens e de rythmos; e, cégo e surdo, ao sahir, só encontra, para exteriorizar suas impressões, commentarios réles de marceneiro: *Você precisa restaurar a tampa desse movel...*

Não foram os olhos do parnasiano além do que lhes permittiam os preconceitos da escola. Deixa de causar espanto, em face desse exemplo, a frieza cautelosa de Machado de Assis,

quando teve de escrever qualquer cousa sobre os versos de *Vaidades*. Em carta de 30 de julho de 1908, endereçada a Cepellos, o velho academico excusou-se de não ter podido dedicar-lhes "a leitura precisa a um cabal juizo", do que pertinaz molestia impedia.

Vale a pena transcrever o trecho final desse documento verdadeiramente diplomatico: "Para um poeta que começa assim em tão verdes annos, uma leitura rapida não basta; fil-a entretanto, o bastante para vêr que ha notas de vigor e rasgos de colorido, surtos altos ao par de descuidos a que o autor de si mesmo acabará fugindo. Este juizo é sem autoridade e expresso com a timidez dos velhos".

Deixando de parte o *verdes annos* e o *autor que começa*, applicados a um poeta de mais de 30 annos que publicava seu quinto livro, reparem nesta habilidade prudente de nada affirmar e de nada negar: não leu os versos com a attenção devida, encontra-lhes qualidades e defeitos. E, ainda assim, apezar de não haver deixando escapar qualquer expressão compromettedora, a excusada modestia da confissão final...

Machado de Assis era unctuoso e precavido. Em corpo e em espirito. Sua vida está pontilhada de gestos incolores. Suas personagens movem-se mollemente, com phrases vagas, em paisagens imprecisas. Luiz Edmundo assim o definiu: "E', eternamente, o homem que escreve: Fulano nasceu na rua tal, isto é, dizem que nasceu; dahi, talvez, não tivesse nascido..."

A carta dirigida a Cepellos foi vasada nesse estylo e é um lamentavel attestado de irresponsabilidade...

Araripe Junior, por sua vez, prefaciando *Vaidades*, não confirmou sua apregoada segurança critica. Se acertou, vendo em Cepellos tendencia forte para os themas sociaes, é que a affirmativa estava ao alcance de qualquer leitor. Bastava ler o indice do livro para sentir essa preferencia.

Errou, porém, quando, ao sublinhar as notas amargas de muitas estrophes, concluiu, depois de ligeira referencia no problema da sinceridade em arte — que o pessimismo desses versos era velho estratagema literario.

Limitando-se a exame perfunctorio, no desejo de entregar o prefacio que lhe era insistentemente reclamado, Araripe Junior assignalou alguns poemas e compoz, á pressa, commentarios inexpressivos, como quem despacha displicentemente um pedido importuno...

Bilac, a seu turno, apresentando *Os Bandeirantes*, limitou-se a alinhavar considerações sobre o indianismo e sobre o decadentismo. Emquadrando essa dissertação, o começo e o fim do antilóquio excedem-se em encomios protocollares: Cepellos era capaz de rasgar horisontes novos á poesia, por haver descoberto um caminho novo, escrevendo poemas que se não confundiam com o commum, "por serem de um legitimo, original e excellente poeta".

Optima apresentação para effeitos commerciaes. Onde, porém, o merito critico desse trabalho firmado por penna de tamanha responsabilidade?

Por essas pégadas caminharam outros, remoendo elogios á poesia nacionalista, que surgia estuante de nova seiva.

João do Rio sahiu da trilha, em arroubos exclamatorios. E do livro não lêra senão o prefacio, abundantemente citado.

Prova-o o facto de, annos depois, attribuir os versos de *Os Bandeirantes* á autoria de Bilac, por uma associação de idéas que lhe haviam ficado na cabeça futil de chronista mundano...

Não foi sem motivo, assim que Baptista Cepellos lamentou a situação humilhante em que o punha a displicencia dos julgadores de livros:

"A critica literaria, no Brasil, é mesquinha e defficiente; de maneira que para fixar um juizo mais ou menos completo a respeito de uma obra de arte, é forçoso pesquisar as diversas opiniões, manifestadas não só nas folhas ephemeras da imprensa, mas até na correspondencia epistolar, sem caracter reservado."

*
* *

Manuel Galvez, em recente estudo sobre a autoridade critica, apontou os escólhos em que frequentemente naufraga o julgador, levado pela derivação incoercivel das correntes subjectivas: identidade ou antagonismo manifesto; formação cultural differente, desejo de estadear erudição, preoccupações materiaes.

E traçou, em seguida, o itinerario mental de quem, honestamente, procure penetrar obra alheia:

"O verdadeiro critico deve pôr-se, deante do livro que vai ler, em estado perfeito de humildade. Deve eliminar-se totalmente, deixando apenas sua sensibilidade á flôr da pelle. Virá depois o estudo, e ahi intervirão a intelligencia e a cultura literaria. A victoria do bom critico não depende da belleza e da elegancia das phra-

ses, nem da erudição e da opportunidade das citações, senão da maior ou menor comprehensão da obra que julga".

Entre zoilos e apologistas, o pensador espanhol absolve os ultimos, lembrando que Homero tambem cochichava e que a obra-prima de Cervantes é, sob muitos aspectos, o livro das imperfeições.

Capacitando-se da necessidade de ser humilde e tolerante, de reagir contra as proprias tendencias, de neutralizar-se quanto possivel, o critico tem de renunciar, num supremo sacrificio, á convicção vaidosa de que é o forjador de reputação, para não repetir a basofia tola do gallo que acreditava fazer nascer o sol com o seu cocoricó matutino.

"Quem não possua esse poder de abstracção — accrescenta Galvez — quem não seja sufficientemente imaginoso para fugir ás circumstancias que o rodeiam, nem bastante modesto para abandonar preconceitos, idéas e preferencias, nunca se approximará da verdade."

Essas palavras profundas, de sabor evangelico, deviam ser pronunciadas, todas as manhãs, pelos julgadores de livros.

Ninguem, estamos certos, ingressará nesse estado de graça. O que chamamos *personalidade*, somma de todos os orgulhos pequeninos que imprimem caracter, accentuando as divergencias individuaes, é crosta espessa demais para cahir, como a das chagas de Job, por virtude de simples acto de contricção.

Todo e qualquer julgamento envolverá sempre uma projecção subjectiva. E' a prisão perpetua da individualidade, lamentada por Anatole, no prefacio da *Vie littéraire*.

A critica deve, porém, acercar-se da verdade, porque só aos incultos é licita a sentença facil do gôsto pessoal.

E si lhe fôr impossivel deixar as sandalias á porta do templo, que caminhe sem ruido para não offender o recolhimento do officiante. Ademais, não é necessario haver communhão de crença para entender-se a belleza de uma oração...

*
* *

Foi nosso intuito, ao escrever o presente ensaio, longe de um poeta e proximo de sua obra, recordar uma personalidade fixada pela morte ha mais de vinte annos.

O esquecimento pesava inexplicavelmente sobre Baptista Cepellos. Seus livros são peças raras de alfarrabistas e bibliographos. Seu nome perde-se no anonymato dos *e muitos outros*, em nossas apressadas historias literarias.

Demo-nos ao trabalho de expor ao sol essa obra esquecida, esforçando-nos por definir-lhe a unidade e intentando localiza-la no pensamento brasileiro.

Abandonámos a poetica pela poesia, procurando nesta, quanto possivel, o poeta. Os accidentes technicos do verso pouco nos interessaram, a não ser quando orientavam ou traduziam a sensibilidade do artista.

Não sendo estudo critico nem reconstituição psychologica, este livro apresenta-se, modestamente, como simples tentativa de comprehensão. E se, ás vezes, assume aspectos pamphletarios, cruezas de expressão e violencias de attitude, é sempre á margem do thema, para ferir justamente os que não souberam ou não quizeram comprehender.

(Do livro *Baptista Cepellos*, a sahir).

Antigamente, em regra geral, quem fundava uma revista, adquiria um tratado de metrificação, procurava um grupo de cavalheiros mellenudos incumbidos de medir a extensão das tranças de Elvira, "a pallida e loira", estampava o retrato dos medalhões do Parnaso e acabava, depois de tres ou quatro numeros, dando um rombo na typographia. As publicações tinham nomes mellifluos e caracterisavam-se pelo seu horror á vulgaridade dos themas que não se circumscrevessem aos limites da metaphysica do sonho. Nada além dos dois mil réis lyricos da poesia e do belletrismo puro. Um dia, um homem resolveu fundar uma revista differente. Começou recusando a tranquilla situação de retiro da aposentadoria a que tinha direito, pelos vinte e cinco annos de serviço ininterrupto como chefe de enfermeiros da Assistencia a Psychopathas. Em vez do classico tratado de metrificação, comprou uma machina photographica. O segundo tropeço foi o da segunda palavra do titulo: por "domestica" a accepção vulgar designava a criada de servir, e o trabalho mais insano foi o de restaurar, no conceito publico, o sentido real do vocabulo. No espaço que classicamente se occupava com apuros estylisticos de assumptos literarios, appareciam ensinamentos sobre belleza objectiva. Ao em vez de canticos nephelibatas aos predicados de Eva, o "croquis" colorido do epithelio superposto do tecido das toilettes. Ao em vez de laudas á paysagem, o ensinamento sobre a decoração dos jardins. A poesia apparecia na symphonia em claro e escuro dos flagrantes dynamicos da existencia nacional. Jesus Gonçalves Fidalgo vencera e a sua revista alçou-se ás culminancias de uma instituição nacional, com uma tiragem de quarenta e cinco mil exemplares!

Antonio Sales
e seus Epigrammas

A satyra que não offende, mas arranha, e está posta em numero exiguo de versos, nem todos os autores a manejam com a finura e a propriedade do poeta cearense Antonio Sales, glorioso romancista e chronista dos melhores de nossa literatura. Senhor da technica marcialesca, sabe, entretanto, fugir ao realismo pesado e até mesmo immoral ás vezes do genial hispano-romano, pois seus rythmos faceis encerram leves ironias, que qualquer creatura pudibunda lerá sem corar.

Antonio Sales, conhecido pela novella de costumes *Aves de arribação* e pelas maravilhosas reminiscencias de sua juventude literaria, ao lado de Machado de Assis, José Verissimo, João Ribeiro, Olavo Bilac, Alberto de Oliveira, etc., além de varias obras de prosa e canções lyricas, tem prompta para o prelo uma caixa de alfinetes, isto é, um punhado de epigrammas, que não empallidecem confrontados com os de Quevedo ou Bocage.

Desta collectanea sorprehendente e risonha tiramos algumas peças ineditas, cujo brilho, estamos certos, encherá as paginas do nosso ANNUARIO de sadio humorismo, fidalgo e exemplar.

1. *Um philantropo*

Quando elle faz caridade,
procura logo um jornal
que de louval-o não deixe;
mas se engrossa o capital
á custa da humanidade,
— fica mudo como um peixe.

2. *Phrase errada*

— "E' muito cheio de si!"
Dizem de ti... Phrase errada!
Eu coisa alguma já vi
que esteja cheia — de nada.

3. *Só assim*

— "Não gosto de ouvir tolices!"
Exclamas, estomagado:
para que não as ouvisses,
devias ficar calado.

4. *Relatividade*

Passa na estrada um camello,
e um corcunda, palpitante
de emoção, exclama ao vêl-o:
— "Mas que animal elegante!"

5. *Uma illusão*

Eu conheço um plumitivo,
cheio de vaidade immensa,
que anda sempre pensativo...
E apenas pensa que pensa.

6. *A uma feia*

A fealdade é um direito;
por isso ninguem a accusa;
mas ser feia desse geito...
Perdão: a senhora abusa!

7. *A um ricaço gordo*

Gozando á larga a vidoca,
tira o pello a toda a gente;
nada o coração lhe toca:
a barriga o não consente.

8. *Um patriota*

Um demagogo exemplar:
com uma violencia louca,
levou a vida a clamar,
e só deixou de gritar
quando lhe encheram a bocca!

9. *Não mudou*

Em pequeno não tiveste
uma instrucção esmerada;
porém depois que cresceste...
não aprendeste mais nada.

10. *A um ambicioso*

Andas sempre de carreira
em busca de um bem que passa...
Olha: muito mais ligeira
do que a ambição — é a desgraça.

11. *Fidalgo*

Em tua genealogia,
fidalgo, vaes longe... até
que has de chegar algum dia
ao Congo, Angola ou Guiné...

12. *Núa e crúa*

A certa moça, na rua,
bradei com sinceridade:
— "Vossa Excellencia é a Verdade!"
— "Por que?!" — "Porque está tão núa!..."

13. *A uma dama mal afamada*

A opinião severissima
te condemna sem razão:
tu serias fidelissima
se fosses... mulher de Adão.

14. *A um poeta modernista*

Diz um poeta modernista
que a Arte é velocidade...
Se esse conceito é verdade,
— o *chauffeur* é um grande artista.

Apostrophe aos maldizentes

(Dedicada especialmente aos paes e aos educadores)

A. Austregesilo
(Da Academia Brasileira de Letras)

E' a ti, maldizente das coisas nacionaes, que me dirijo: enxergo-te por toda a parte; presinto-te de longe e sei que és abundante entre os quarenta e cinco milhões de brasileiros. Vejo-te, leio-te. Ouço-te sempre, adivinho-te á distancia. Outro dia, surprehendi-te em uma roda de diplomatas: testemunhei o falares da nossa civilização, do governo, dos costumes, do atrazo em que vivemos, e ouvi de ti essa exclamação de emphase *snob*: "Ninguem póde viver no Brasil, que é um paiz de negros e de analphabetos; a mulher é atrazada, mesquinha; o clima é ardente e preguiceiro; os politicos fatuos; o operario immundo; em fim, fracção aperfeiçoada da Africa." Ouvi-te e nada disse; porque tu, que te julgas perfeito, aqui nasceste, e a tua mãe, que é boa e santa, e a tua esposa modesta e distincta, são deste mesmo paiz. A tua palavra é falsa, porque, quando estás no estrangeiro, anseias por esta paisagem sem igual e pela simplicidade brasileira. Bem; deixo-te de lado, porque o teu desgosto é a expressão da falsa elegancia de tua vida infeliz; és nomade; és judeu errante; cala-te, leviano, e nunca balbucies aos teus e á tua propria consciencia os males do paiz, que só tem uma culpa, a de gerar filhos maldizentes.

Oh! distingo-te de novo, difamador nacional; agora és politico, e como estás provisoriamente no ostracismo, falas contra tudo e contra todos que te cercam. Não mais te lembras de que quando dominaste o cenaculo nacional, abusaste da força, dos sentimentos, dos instinctos e falseaste a propria palavra, porque foste eleito pela fraude, por favores de mandões, protegeste apaniguados, exerceste vinganças pessoaes e partidarias; sorriste e fizeste chorar; julgaste-te o mais feliz dos homens, triumphador de consciencias e corações; sangraste o erario publico; dominaste intelligencias fulgurantes com as tuas astucias; e agora, porque estás na opposição, porque as tuas ambições não foram satisfeitas, porque não venceste, gritas contra a honorabilidade da patria, dos homens, dos amigos, e esqueces, que tu só foste o movel dos teus erros, da tua queda, dos teus dispauterios, das tuas felonias. Malefico politico, emquanto estavas embriagado com a luz da posição, olvidaste a educação de teus filhos e o grande amor ao teu lar; pouco fizeste em prol da nação que te deu logar saliente e que te pagou pinguemente, que se sacrificou, para ver se fazias alguma coisa em beneficio della. E nada fizeste! Protegeste amigos e parentes, obedeceste á suggestão de mandantes, de paredros, de conjuncturas e não olhaste uma só vez para

esse grande e nobre paiz, sereno e majestoso, que só errou em criar filhos que menospresam o proprio torrão nativo. Profligas tudo e todos na atmosphera incolor de vencido, ou olvidado dos mandões do momento; e desabafas do arrependimento de te não locupletares, quando eras mandatario, ou caudilho, quando não condemnavas os homens e as coisas brasileiras.

Representas o ultimo dos indigenas, pois nos espinhos do ostracismo ou das tristezas em que vives, deves accusar-te, a ti só, cidadão pêco, ingrato, ambicioso, corroaz, cúpido e desfortunado, embora tenhas em alguns pés de meias a independencia dos teus dias futuros, conquistada, não por esforços, mas por negociatas depravantes, com que te bajularam e com as quaes delapidaste a fazenda publica. Accusa-te e purifica-te, baixo parlante politiqueiro, vasio, nullo e suspicaz, raposa ratonada, malevolo e ingrato, fingido de hoje, autoritario e vingativo de hontem; as tuas prerogativas são: lisonjarias de ante-hontem, arrogativas e filaucia de hontem, amargor e pessimismo de hoje, que é o dia da tua expiação de maldizente materno. Fica, fica, politico tristonho e féleo, acompanhado dos asseclas que apaniguaste no teu tempo neronico; deixo-te, porque divulgo, ao longe, um homem de patente... general...?, almirante...? que, ao canto de uma esquina, rebaixa o brio nacional, desacreditando a coragem, a instrucção de nossos militares, a escassez dos nossos meios guerreiros, a inepcia dos nossos officiaes, a pequice das unidades de combate de terra e mar; e sobretudo, ouço-o tristissimo a duvidar do nosso denodo porque o covarde é elle.

Approximou-se... E' o militar de patente alta; é como pensamos bifronte; ou se vira para a esquadra e é almirante reformado; ou fita os olhos no exercito e é um marechal. Está com o bolso cheio do soldo bojudo que lhe deu a nação, soldo maior do que o do tempo de vida militar activa e nobre. Por que falas, homem dourado, do teu paiz, das coisas nacionaes, da nossa esquadra, do exercito brasileiro, do nosso preparo tactico ou estrategico?

Por que descrês da victoria do Brasil quando se elle empenhar em qualquer prelio?

Covarde és tu, infimo de patriotismo e elevado de galões!

Segue o fulgor ardoroso dos officiaes que acreditam na grandeza da nossa raça; e inveja os tenentes audazes, os grandes capitães, o almirante rejuvenescido pelo calor do patriotismo, o general readolescido pelas idéas vigorosas da defensiva, porque a patria só é grande pela nobreza moral dos seus filhos, a qual é o desprezo á vida, quando ha affronta ao paiz; quando o pavilhão é provocado por facecias ou arrogancias de nações irrequietas ou prepotentes.

Militar mesquinho, endireita-te, perfila-te, arruma os teus ideaes e ensina a ti mesmo, que o Brasil ainda é o maior paiz sul-americano, em todos os aspectos, que no ibero-americanismo nenhum outro o sobrepujará, quando cada filho fôr uma particula do brio e do dever nacionaes.

Onde conquistaste teus galões, marinheiro, ou soldado maldizente?

Na paz? Nos favores e nos currilhos politicos? Nos passeios bonançosos da terra, ou nas excursões faceis de mar morto?

Então para que dizes que a nossa armada, ou o nosso exercito estão fallidos? Mentes, covarde; mentes, malandraço; mentes, mamulengo dourado. Deves pensar que a marinha e o exercito brasileiro até hoje não foram vencidos, pois desde o tempo colonial que a nação não teme derrotas; venceu ao indio, ao hollandez, ao francez, ao inglez, ao portuguez, ao paraguayo, e soube, apezar de a dôr intima, vencer e dominar as revoltas nacionaes quando fomentadas por ambições delirantes. E exercito e marinha, nunca vencidos, são raros no mundo; e jamais terão victorias sobre elles, porque os soldados e marinheiros, officiaes e praças estão aquecidos, dia e noite, por esse calor interno que está na massa do sangue, que é a propria circulação. Cala-te, cala-te, bagajeiro fardado de ouropel e de alma obscura; penetra em ti, dirradica esse cancro forte da maldição nacional, pois o Brasil ainda é generoso, ainda te sustenta; dá-te o pão e aos teus filhos para falares mal delle.

Envergonha-te, ao lado do teu par de armas que, abnegado e forte, exalta, ungido e enlevado de piedade religiosa, o amor á patria, mais que á familia e a si proprio! Que a consciencia te arranque os galões, detractor das coisas nacionaes; e lembra-te sempre, como indelevel estigma, que a nação te paga e tu a menospresas!...

— E tu, ridente e empaturrado capita-

lista? E tu, especulador de industrias e de commercio, porque dizes mal do Brasil?

Não és, seguramente, a regra na classe... Mas, por que despresas o solo nacional e exaltas as velhas civilizações européas? Onde ganhaste o ouro, onde enricaste, pretencioso principe do pedantismo? A tua argucia e o teu trabalho foram brotados na terra do sol e da arvore sempre verde. Aqui nasceste, aqui viveste, aqui collaboraste e adquiriste haveres.

Porque dizes systematicamente mal da nossa terra, dos nossos costumes, do povo que se escravizou para servir-te, que te apilhou as moedas; e elle está pobre e tu rico! Por que dizes mal de tudo e de todos?

Só pódes viver em Paris, toleirão envernizado? E's digno do exilio que escolheste; vive onde quizeres, mas não fales systematicamente da terra de teus paes, que fecundaram a gleba com lagrimas e suores, que te educaram e te apuraram a sagacidade, para conquistares a tua fazenda ratesca, os bens protegidos de favores alfandegarios, politicos e demoniacos.

Cerra teus dentes.

Come teu banquete, quebra perolas; derrama as bebidas fermentadas pelo tapete do teu palacio; goza, goza, epicurista insaciavel, mas não maldigas o bello e inegualavel gigante que, sorridente e bonacheirão, troça do mau filho, ao envez de odial-o. E' pae, já se vê, gerou-te. Lembra-te bem, pequenino Creso, deu-te negocios, dinheiro; offereceu-te os sonhos, que julgas de felicidade e pagas tanta generosidade dadivosa, escarnecendo, maldizendo "o paiz tropical, o paiz dos negros", desses pobres negros que trabalharam, ao sol e á chuva, para ganhares os mil contos que possues!...

Felizmente não és a regra; apenas uma fracção dos abastados; vae, foge; o Brasil não precisa de ti; singra os mares; exila-te. Sabes qual é a grande vingança desse generoso paiz? E' que nascera no teu peito uma molestia que não ousarás confessar: a saudade, a grande saudade da patria quente e florida, onde os amigos modestos e os parentes pobres vivem e cantam, e não precisam do calor artificial das estufas para cantar e viver... Embuça-te no teu capote dourado dos teus milhares e parte; a tua saudade será a vingança serena do solo que reflecte o Cruzeiro do Sul...

Maldizente das coisas nacionaes, mudaste de posição? Vejo-te burocrata, tardo, acidioso, incapaz de uma acção que não seja a inercia, a irreverencia aos teus superiores, e repetes o rythmo envenenado de falar mal da patria. Patria, coisa chula para os teus conceitos...

Porque rebaixas o teu paiz?

Queres gastar mais do que deves, e como os parcos ordenados te não chegam para o luxo crês o Brasil a ultima das nações, que não merece a independencia que conquistou, e que precisa viver da tutela estrangeira ou das rédeas dos povos fortes. Não pagaste o vendeiro e por isto o Brasil não presta; tens que assignar preguiçosamente o ponto, e por esta razão a vida nacional está em descalabro, em bancarrota, insoluvel. Não arranjaste a tua promoção e por este motivo a politica nacional vae em decadencia franca. Foste surprehendido em alguma falcatrua, e te envergonhas de ser brasileiro.

Vês burocrata futil e torporoso; só ha um mal que és tu: que renegas a patria, o solo, a terra da tua genetriz, porque vives ciumento dos outros que galgaram posições, que lograram rendas maiores, ou boas fazendas, porque trabalharam e venceram. E's um sanguesuga! Pois, muitissimos dos teus companheiros de trabalho se enobrecem de pertencer ao paiz caloroso e fertil, onde a luz abençôa a vida e tosta a face do trabalhador honesto. Os teus pares de repartição que não aspiram o teu parasitismo, apezar de a modesta posição, amam o solo e estão promptos a pegar em armas para a defesa da honra nacional.

Só tu, petimetre sugante, maldizes o Brasil, que commetteu a falta de ter gerado em sua gleba um fructo caduco como tu. Dorme, Bradipus, dorme burocrata inerte, e malfalante, pois tua vida é bola vasia de papelão. Dorme ao som das fanfarras enthusiasticas dos voluntarios briosos.

E tu, mocinho de salão? Já dançaste? Jogaste com os musculos e com as tuas articulações, nas curvas sinuosas da moderna Terpsichore?

Emquanto descanças ou passeias, falas mal do teu paiz? Que te elle fez de mal, piolhinho engommado, perfumoso e futil? Estou a ouvir-te: "No Brasil não ha cultura, não ha educação. As familias são atrazadas, as moças não sabem conversar".

"Tudo vae muito mal. A casa paterna é o reducto do aborrecimento; as ruas são

desertas; os bailes, sem finuras, sem linha, o theatro pessimo; só existe o detestavel cinema. Oh coisa horrivel! Como seria bom voar, sahir desta grande aldeia; viver onde sorri a civilização onde brota fogo o mundanismo!"

"Não ha gosto artistico nesta terra de pretos e de portuguezes; envergonho-me de ser brasileiro... Quizera ser hollandez ou francez... Morro de tedio.

"As noites não têm fim... Cidade insipida, paiz de tristes e desilludidos, maltrapilhos e mendicantes."

Estudas? E's empregado publico? Filho-familia?

Que vales, cigarrinho de ponta dourada? Que pesas franguelho de collarinho alvissimo e cara empoada? Para que serves, boneco de engonço? que nem sabes a lingua vernacula porque és quasi analphabeto. Olha bem para a tua alma cainha; inveja teus companheiros que estão alegres, contentes da sua vida, folgazões, soprados da brisa do optimismo, tomados de grande confiança no futuro da patria e promptos a executar as manobras militares; estão a trabalhar, aspirar, como naturalissima, a grandeza do Brasil, envoltos no vapor tepido da confiança nacional.

Vae trabalhar, delriço, má lingua; sê forte, honesto, laborioso e valente; deixa o cacoete de dizer mal do teu paiz, dos teus, de ti mesmo, porque a tua bocca exhala o vapor fetido da maledicencia... Foge, caniço palrador, babugem namoriqueiro, donjuan minguado, coisinha nacional, dengoso snobinho, fracção de gente, lingua envenenada em fórma caricata de homem.

Pede aos teus paes ou tutores que te ensinem a bella cartilha do amor e do respeito á patria, que é symbolo muito alto e sacratissimo.

Ainda estás em tempo de salvar-te; vae, junco encasacado; cresce e, illuminado nos sãos principios de patriotismo e honra, surgirás um dia, homem, cidadão, força, para a vida nacional.

Bem, deixo-te para ouvir as accusações e censuras que aquelles negociantes estrangeiros estão fazendo das nossas leis e dos nossos costumes. Estão riquissimos agora...

Depois de jantar, encervejados, ou vinhentos, censuram-nos, apodam a politica, a magistratura; lançam doestos ao caracter do brasileiro; e repisam o erroneo thema da indolencia nacional.

A razão é simples: foram nascidos na miseria e na humilhação; para aqui vieram maltrapões advenas; por este paiz deixaram a patria, para aventurar.

Trabalharam, venceram; ganharam rendas pingues, e agora, maledicos, detractam-nos; e agora ganem, mas a patria delles é estrangeira, a familia esquecida; e o ouro, que lhes é o pão e o prazer, foi extrahido do abençoado solo nacional.

Lembra-te, ingrato aventureiro que do nada vieste, e aqui cresceste; porque um povo bondoso e uma terra grande e maternal beijaram-te a fronte com solicitude; o sol, a flora, o bem acariciaram os dias amargos da tua vida de outrora e a terra hospitaleira que te agasalhou, fez-te rico e fortunoso.

Sê brasileiro de coração, hospede ingrato, porque a terra te ama, como estremece a todos os collaboradores do seu progresso.

Calae, calae o vosso despeito, medicos, advogados, engenheiros, juristas, poetas, jornalistas, homens de letras e homens de despeitos, cujo prazer unico, cuja descarga de nervos mal humorados é praguejar, systematicamente, contra esse torrão feliz, cujos habitantes não precisam da vida artificial dos aquecimentos e das estufas; cuja raça é boa e resistente e bem adaptada ás isothermicas, porque das muitas nações latino-americanas nehuma lhe sobrepujou.

Para que melhor prova? Si o brasileiro fosse um typo inferior, o Brasil não estaria na vanguarda dos ideaes do progresso, da harmonia sul-americana. O portuguez deu-nos o dourado sangue de mil e quinhentos; o negro, a couraça da resistencia tropical; o indio, a sagacidade diabolica; outras raças vieram para retocar as nossas impurezas e modificaram o sangue, e continuaram a depurar a energia activa que se tem desenvolvido espantosamente nos ultimos vinte annos.

Cala-te, pois, jornalista impenitente; podes gritar os erros dos administradores apagados, sorripiantes e gananciosos; castiga com o riso ou com o gladio os costumes nacionaes deleterios, mas não nos prognostiques decadencia e não ponhas nenhum paiz sul-americano acima do Brasil porque os não ha.

Medico parlante, Hipocrates improductivo e tardo, não repitas sempre que o clima e a raça emperram as rodas do carro do nosso progresso, e que o atrazo nacional é irreparavel; não ponhas metaphoras san-

grentas, não repitas o estribilho monstruoso que a preguiça tropical é incuravel; que o brasileiro é degenerado de corpo e alma.

Trabalha em beneficio da saude indigena; actua; menos palavras e mais acções. Medita acerca da nobre cruzada do saneamento do Brasil, pois assim revigoras a raça que é feita de bom metal, que apenas apresenta ligeiras parcellas de azinhavre, ou ferrugem. Sanea, e verificarás que a moeda é boa.

Advogado espertinho ou manhoso, trapacista e loquaz, cala-te. Ganha as tuas causas, mas não accuses os juizes, e não repitas aos teus freguezes que "a nação está perdida"; trabalha, trabalha; corrige-te a ti e repara bem no espelho da tua consciencia que tu és o elemento mau; o grão de areia que impede, ás vezes, a roldana girar.

Vae, estuda, opera e põe em tua frente a figura sincera da justiça, e não a caricatura della, mascarada pelas trapaças, cavilações, dolos forenses, rabulices, pois fazes como "trampões advogados que com manhas e astucias dilatavam as demandas e entretinham a justiça", como refere o clarissimo Frei Luiz de Souza, na "Vida do Arcebispo".

Foram teus planos abaixo? engenheiro desastrado. Queres falar mal da nação, porque erraste teus calculos aventureiros? Que culpa tem o Brasil do mau preparo pratico que possues e da tua sciencia livresca?

Foste logrado por ti mesmo e descarregas o desespero, o teu desastre contra o paiz que "está perdido, insoluvel, pois os politicos são cegos e perversos". Ha um cego mental que és tu. Vae estudar; frequenta as officinas; penetra honestamente na tua profissão e depois verás que o Brasil é grande e nobre, pae generoso e raro para os teus ideaes.

E tu, especulador da Bolsa, commerciante arruinado? E tu, fazendeiro atrazado e egoista? E tu negociante de maus aféres? As trapaças vão mal?

"O Brasil é um paiz perdido, bancarrota está sempre no limiar da sua vida". As chuvas não vieram, as geadas queimam o cafesal; as epidemias dizimam o gado, logo "a nação é desgraçada, o clima proprio para brutos; os governos imprevidentes"; e vem logo a exaltação dos outros paizes visinhos, em que o "céu é maravilhoso, as chuvas bem dirigidas, os microbios epidemogenicos benignos; os poderes publicos avisados e salvadores".

E tu, agricultor ambicioso, tiraste do seio terreal todo o luxo da tua vida, e dos teus, durante longos annos; e como foste desfortunoso em um anno de colheita, já gritas contra o solo, as estações, as coisas nacionaes, no pessimismo amargo de eterno descontente. Não te lembras que viveste na abastança, longo prazo, pela protecção dos ventos alizios da terra e dos governos; e mostras agora a estulta coragem de sempre elevares os paizes limitrophes, "onde a agricultura, a industria, a criação animal estão em ponto sublimado de adiantamento incomparavel"...

E's tu, rude agricola ciumento, o unico culpado. Só pensas em teu egoismo, nos proventos enormes que te pode dar o chão feracissimo; não te aperfeiçoas, porque és maldito, ganancioso; não miras, um momento, para o paiz que é grande, nobre, paternal e sereno.

Vae: educa-te e ensina os teus filhos a amar a terra productora; aperfeiçoal-a e floril-a; segue o exemplo dos teus paes que são gratas ás abundantes dadivas do terreno; e não maldigas os successos nacionaes, porque estás obcecado pela ambição negra do dinheiro, e assim, dizes mal, sempre mal, do solo, isto é, de ti mesmo...

Ama, pois, o fruto, o solo, a patria; enche-te de orgulho, por teres a ventura de assistir á florescencia e á frutificação da arvore fecunda.

Maldizentes brasileiros, filhos espurios, almas decompostas, embriagadas de fel, ide, deixae esta nobre e carinhosa patria, tão bella, tão tepida de amores, tão justa, e procurae, no estrangeiro, nos espinhos dolorosos da saudade, a expiação dos vossos desacertos...

Hamlet, critico de theatro

Luiz Martins

Eu acredito na renovação quotidiana da vida. Todos os dias apparecem coisas novas debaixo do sol, só para fazer picuinhas á sonora sabedoria do *Ecclesiastes*.

Por isso, amo as citações e os exemplos antigos. A experiencia dos mais velhos serve muitas vezes de bello escudo para a nossa intrepida teimosia de errar.

Ora, o theatro é um thema universal e um thema local. Interessa a todos os palcos da terra e aos cafés da Praça Tiradentes. Nos cafés da Praça Tiradentes se faz o que se convencionou chamar o "theatro brasileiro".

Amando a experiencia dos velhos exemplos, eu transcrevi ha tempos uma chronica de João do Rio sobre a situação do nosso theatro em 1908. Adaptavel sem discussões á nossa situação actual.

Isso em theatro local, theatro da Praça Tiradentes.

Passando agora para um panorama mais vasto — o theatro universal — eu vou citar Hamlet, um personagem velhissimo. Sim senhores, Hamlet. Nem mais nem menos.

Bernard Shaw, no prefacio da *Santa Joanna*, reduziu a bem triste situação a critica theatral de todos os paizes. Provavelmente, si Hamlet vivesse em nossos dias e fosse critico de theatro, o grande ironista irlandez abriria uma honrosa excepção para o tragico principe da Dinamarca.

Ouçamos o Acto III, scena II, do grande drama shakespereano. Fala Hamlet:

"Por favor, pronunciae a fala como eu vol-a pronunciei, a dançar sobre a lingua: mas se com ella encherdes a bocca, como fazem muitas de vossas figuras, era melhor ouvir os versos ditos pelo pregoeiro da cidade. Nem convém abanar tanto a mão; sêde commedidos, pois em pleno tufão de sentimentos deveis manter certa compostura. Oh! Irrita-me profundamente ouvir um robusto sujeito de cabelleira a rasgar a sua paixão em pedaços, em mil farrapos, demolindo os ouvidos da ralé do auditorio. Gostaria de mandar açoitar um sujeito assim..."

E Hamlet continua a sua sabia lição:

"Tampouco não vos deixeis amolentar; ajustae o gesto á palavra, a palavra ao gesto... tudo que é excesso escapa á funcção do theatro, cujo fim, tanto na origem como agora, era e é offerecer, de certo modo, um espelho á natureza."

"Ora, exaggerar ou arrastar certas coisas fóra de compasso, se bem que faça rir o tolo, só pode causar dó ao judicioso, cuja isolada censura ha de em vossa balança pesar mais que todo um theatro cheio de outros." (Ah! Ingenuo Hamlet, como te enganavas! No teu tempo, não sei, mas agora o que se dá é justamente o contrario...)

Tambem os "encarregados de fazerem os jograes" receberam conselhos do tão sympathico principe. Pedia-lhes Hamlet "que nada dissessem além do que fôra para elles assentado; que alguns ha entre elles que riem tambem, por haver certo numero de ouvintes vasios a rir com elles, ainda que nesse momento alguma passagem essencial da peça reclame attenção; é coisa soez e denota miseravel cobiça no bobo que a emprega."

Si Hamlet vivesse, não tem que ver, estava mesmo desgraçado...

ENCLISE DISSONANTE

Laudelino Freire
(Da Academia Brasileira de Letras)

A proposito da repetição do pronome complemento de verbos, que na phrase se succedem, ocorreu entre Ruy e Carneiro Ribeiro ligeiro desaccordo de que resultou ficar indicado determinado criterio, que habilita o escriptor a saber quando deve ou não repetir aquella particula.

Escrevera Ruy, na redacção do Codigo Civil: "sob pretexto de annota-*la*, commenta-*la* ou melhora-*la*."

Emendou Carneiro: "sob pretexto de annota-*la*, commentar ou melhorar."

Replica Ruy: "Não póde ser. Deve corrigir-se: annota-*la*, commenta-*la* ou melhora-*la*. Ou então: de *a* annotar, commentar, ou melhorar."

Confessa Carneiro: "Na phrase, que com razão o Dr. Ruy reprova, escapou-nos o repetir o pronome complemento depois dos dois ultimos verbos..."

A regra, portanto que, na opinião dos dois mestres deve regular o caso, póde ser assim resumida:

O pronome objecto, commum a dois ou mais verbos que na phrase se succedem, se é enclitico deve vir expresso depois de cada verbo, ou apenas expresso antes do primeiro e subentendido nos demais se é proclitico; v.g.: "sob pretexto de annota-*la*, commenta-*la* ou melhora-*la*, ou sob pretexto de *a* annotar, commentar ou melhorar."

Até onde, porém, o escrupulo no escrever permittirá a pratica desta regra, é o que tento esclarecer com o fim de mostrar que no caso da collocação dos pronomes complementos, a syntaxe enclitica expressa é de manifesta inferioridade á proclitica contracta.

Tomem-se a Ruy estes persuasivos exemplos:

— "Escasseavam-lhe... as luzes indispensaveis, para entender a linguagem empregada, rectifica-*la*, altera-*la*, melhora-*la*, substitui-*la*." (*Replica*, 11).

— "Força era concluir, portanto, que o aprofunda-*lo* e aprende-*lo*, o rele-*lo* e represa-*lo*, o confronta-*lo* e miudea-*lo*, tudo necessario para conhecer..." (Id. 11).

— "O mais... era não só exceder a tarefa, mas ainda falsea-*la* e compromette-*la*." (Id. 29).

— "Chega ao ponto... de trunca-*lo*, despontua-*lo*, repontua-*lo*." (Id. 31).

— "não lhe basta esgarabulhar a cada passo... da exposição preliminar para as notas, esquadrinha-*las*, e vareja-*las*, e vasculha-*las*, e enxovalha-*las*." (Id. 31).

Apesar de aforada por mestre tão autorizado, não é aconselhavel a syntaxe enclitica, porque della decorrem, e não ha como evitar, cacophonias desagradaveis com a repetição de *alas* e *talas*, *talos* e *alos*, *ilas* e *tilas*.

Ha, reconhece Ruy e reconhecemos todos, entre as palavras choques desharmonicos a que não é possivel obviar. Mas nesse caso se não inclue a construcção enclitica, facilmente substituivel.

Originam-se os vicios, que della resultam, as mais das vezes de não ter o escriptor em attenção que por via de regra os pronomes pospostos e repetidos soam mal e tornam inevitavelmente a phrase matracada e aspera.

Se Ruy, nos citados exemplos, tivesse usado da construcção proclitica contracta, evitar-se-iam aquelles *alos* em *trunca-lo, despontua-lo, repontua-lo* e aquellas *alas* em *esquadrinha-las, vareja-las* e *enxovalha-las*.

Sem duvida que se a regra fundamental, acima resumida, fosse indefectivel, nada poderia fazer o escriptor senão obedecer a ella.

Tal infallibilidade, porém, não ocorre. Tanto póde usar-se da fórma enclitica expressa, que é de todas a que menos convém, como da construcção elyptica.

Aqui está Ruy, em contraste com o dom divino da sua delicadeza auditiva, a empregar de novo a primeira: "mas que *me* encanta, *me* conforta, *me* reconcilia com as coisas asperas do nosso destino", quando melhor poderia ter dito contracta e procliticamente: "que *me* encanta, conforta e reconcilia";

como escreveu Castilho:

"e merece que *a* illustrem, alliviem e confortem." (*Colloquios*, IX);

como escreveu Camillo:

"A mysteriosa onda reparte-se em arroios que *se* travam, e dividem, e reunem, e separam outra vez." (*Martyres*, 61, 1861);

como escreveu Latino:

"que *os* levanta e canoniza." (*Varões*, I, 23); ou

Vieira:

"que *se* obram e executam." (Ap. Sel. Class. de L.F.); ou

Frei Luiz de Souza:

"mãos que *as* dispõem e cultivam." (H. de S. Domingos, 1767, introd.).

Não fica sem exemplo a fórma enclitica contracta. Empregou-a Garcia de Rezende, citado pelo professor Carneiro:

"Éreis obrigado a ter muita lealdade ao vosso rei; e servi*l-o* e ajudar a defender seus reinos."

Usou Herculano desta porventura insolita construcção, em que a força attractiva do relativo *que* se limita ao primeiro dos pronomes:

"A civilização não alcança oppôr barreiras á desordem, que *se* renova, transforma-*se*, multiplica-*se*, toma todos os aspectos, busca todos os preceitos." (*H. de Portugal*, I, 91), evidentemente melhor syntaxe do que se dissesse: "que *se* renova, *se* transforma, *se* multiplica."

São variantes estas, que levam o escriptor a dar preferencia á fórma proclitica, menos necessariamente quando della resulte ambiguidade.

O professor Carneiro, apesar de reconhecer que, quando os pronomes vêm depois dos verbos, a elypse de todos menos a do pronome do primeiro verbo, não é sem exemplo, recuou, sem maior fundamento, da emenda que fez á construcção enclitica de Ruy, no exemplo — "sob o pretexto de annota-*la*, commenta-*la* ou melhora-*la*."

Na memoravel polemica em que ambos se empenharam, nem sempre Ruy se avantajou ao professor bahiano. Enfrentaram-se como duas forças em situação de equilibrio: um com mais alto censo da vernaculidade, outro mais seguro na systematização dos factos linguisticos.

Se em alguns lanços o professor Carneiro cede o terreno porque se atém ao criterio rigorosamente grammatical, e Ruy avança porque admitte as novações inevitaveis da lingua, noutros perde-o Ruy porque, com a sua mais larga visão, se abalança ao arbitrio.

Mas o curioso neste caso é que Ruy, não admittindo que no periodo se supprimam termos communs, de cuja suppressão resultam as orações contractas, quiz ser mais grammatico do que o professor Carneiro.

Como quer que seja do desaccordo entre os dois grandes mestres resultou a condemnação de uma fórma syntatica que só desprimores traz á escripta com o matraquear de uma enclise desconcertada, dissonante e aspera.

Em conclusão: o pronome complemento commum a dois ou mais verbos que na phrase se succedem, deve vir sempre expresso antes do primeiro e subentendido nos demais, isto é, deve ser sempre proclitico, menos quando o inhiba a ambiguidade.

Synthese do movimento intellectual mattogrossense

Lobivar Mattos

A mocidade brasileira — Matto Grosso — O meio — Phenomeno politico-economico — O norte e o centro — Poetas — Generos literarios — Romance — O jornalismo — Gente nova — O modernismo no sul do Estado — Poetas modernos — Livros a sahir.

A gente nova do Brasil está farta de mentiras historicas e de invencionices criminosas. Está farta de saber que somos o maior e o mais rico paiz do mundo. A mocidade dos tempos que passam não supporta mais essa "dieta" que lhe foi imposta á força. Precisa de realidades em dóses especificas. E' necessario que lhes mostrem as coisas nuamente, sem mystificações nem deturpações, com absoluta sinceridade, porque ella não carece de estimulos falsos para viver. A mocidade brasileira já traz um vigoroso enthusiasmo nas veias...

*

Matto Grosso é o Estado mais esquecido da União. E o mais sacrificado. Em tudo por tudo. Desde sua situação geographica até as condições de vida de seu povo. Raramente é lembrado. E quando se fala nelle é praxe enleial-o em teias de mysterio e de sensacionalismo, de terror e de selvageria.

Neste momento, que considero opportuno, justamente por se discutir qual dos dois — se o norte ou se o sul do paiz — possue a supremacia intellectual, mais fecundidade e labor, não é nada mau fazer-se uma synthese das actividades literarias dos boróros e mostrar que Matto Grosso não é fertil sómente em onças e pantanaes, em petroleo e ouro, mas tambem em artistas e poetas, em prosadores e mumias, que não ficam a dever quase nada aos intellectuaes que vivem nos centros cultos do paiz.

*

A questão "meio" é aqui bastante complexa. Matto Grosso é tão grande que encontramos dentro delle 3 regiões distinctas e 3 povos com caracteristicas éthnicas diversas. Ao norte do Estado predominou a aventura paulista; ao centro a mistura paraguaya actúa em pequena escala e ao sul são visiveis os rastros dos mineiros, paulistas e gauchos.

*

Deixarei de falar no periodo inicial da literatura mattogrossense. E' bastante pobre. A época contemporanea é mais interessante. Salientarei, entretanto, um phenomeno politico-economico que surgiu ha pouco tempo e que, para o futuro, preoccupará grandemente os boróros.

Até os nossos dias a literatura mattogrossense, acanhadissima e enraizada num regionalismo egoista e num sentimentalismo piegas, é açambarcada pelo espirito cuyabano. Não só a literatura . A politica tambem. Em todo sector de actividade o espirito cuiabano se manifesta visivel e ás vezes mesmo com subtilezas aggressivas. Dahi o movimento separatista que se esboçou no sul do Estado e que ainda continúa subterraneamente encrestado no sangue e no gesto dos sulistas. Esse movimento, praticamente irrisorio, ainda voltará ao cartaz. E não demora muito, embora o espirito cuyabano continúe a predominar. Quer queiram, quer não queiram. Infelizmente não se pode esconder essa verdade. E' clara, nitida, patente, batatal — como diria Rubem Braga.

*

Cuyabá é o quartel general das letras mattogrossenses. D. Aquino Corrêa cha-

ma-a de "capital verde". Eu digo apenas: cidade pacata, cheinha de gente boa.

Por influencia do meio os immortaes e os mortaes do norte e do centro, produzem quase nada literariamente falando. São victimas do ambiente. Preguiçosos, indolentes e sem o estimulo dos ventiladores, que são as nossas ridiculas igrejinhas literarias, vivem dormindo numa inercia impressionante. E' claro que ha excepções...

Um poeta boróro, que faz parte da "nova geração", ha pouco tempo me obrigou a observar um phenomeno literario de grande importancia para esta synthese. O atrazo dos academicos e dos "sapos" da Academia. Disse-me o poeta: "— Menino: parece mentira, mas não entraram ainda nem no romantismo..." De facto, a observação do poeta é exacta. Não digo que ainda não chegaram no romantismo. Isso de chegar, já chegaram. Não conseguiram avançar mais. Nem um millimetro. Isso sim.

*

Como em toda a parte fervilham os poetas. Classicos, uns; romanticos, outros; alguns regionalistas, outros bucolicos, todos sentimentaes e sem um rasgo de intrepidez. Tambem em Matto Grosso vamos encontrar os poetas que querem á viva força "restaurar a poesia em Christo".

A maioria dos poetas boróros permanece no velho reducto dos moldes bolorentos. Poesia sem rima não é poesia — esse o estribilho quase generalisado.

Essa maioria não comprehende que a poesia dos nossos dias deve ser hygienica, arejada, cabriteante, sem metrica e sem rima. Com rythmo e idéa sómente. Os sonetos e as estrophes-pão de assucar dos poetas mattogrossenses, salientando os que nos chegam do norte, tomam porre de guaraná ralado e andam mettidos em trajes de gala: — collarinho duro, ceroula e o celebre "sapato chinez".

Mesmo assim devo ser justo e confessar que Matto Grosso possúe intellectuaes de talento. Só o talento se aproveita nelles. Se não evoluiram mais foi pela falta absoluta de intercambio literario, o que em nosso paiz é um problema de gravidade, que só será resolvido quando comprehendermos a importancia delle.

*

Em outros generos literarios pouquissimos intellectuaes tomaram posição. *Conteurs*, não digo excellentes, mas nas condições desse titulo, existem. O romance, entretanto, não tem representante em Matto Grosso, entre os velhos. Nem existe o verdadeiro romance mattogrossense. Taunay pretendeu enthusiasmar os boróros, aproveitando-se de variados panoramas locaes. Ninguem o comprehendeu. E' lamentavel, porque "historias dos que não têm historias" não faltam ali. Encontramos mesmo grande manancial. Maior do que o de petroleo, que só os bois conhecem... Scenarios propicios (Matte Laranjeira, Rio Cuiabá, Zonas fronteiriças, Usinas de assucar, Xarqueadas, Rio Taquary e suas fazendinhas, Nhecolandia e outros pontos), como exemplifico, constituem perspectivas interessantissimas para o romance moderno. Bonecos humanos só faltam amarrar uma cordinha no rabo e puxar a si mesmos. E' lamentavel que nem um dos seu intellectuaes conhecidos se dispuzesse a mostrar ao paiz o que se passa naquelle Estado central. E' dolorosamente lamentavel. O unico consolo que nos resta a nós outros é que a mocidade mattogrossense vai se orientando melhor, tomando rumos novos e nos promettendo para o futuro surpresas agradaveis.

*

O jornalismo, embora conte já com quase um seculo de existencia, é bastante rudimentar. Nem podia ser de outra fórma. Duas dezenas de jornaes em todo o Estado falam bem alto do esforço e da boa vontade de meia centena de abnegados.

*

Por medida de prudencia não citei nomes dos intellectuaes aposentados do norte e do centro. Por solidariedade citarei a gente nova, com a qual mantenho ligações e me dá mais liberdades para me expandir.

O surto modernista em Matto Grosso appareceu no sul, em Campo Grande, ha poucos annos e ainda não se alastrou por falta de ambiente comprehensivel e incentivante. Não que o sul não o favoreça, porque seu progresso é notorio. Mas o que ainda entrava a marcha da gente nova é a maioria esmagadora dos velhos e a influencia poderosa que essa inercia exerce no espirito dos que começam. Vencida essa barreira nenhuma outra impedirá o avanço da nova geração.

Cecilio Rocha é o chefe do modernismo

no sul do Estado. Deu o primeiro passo e o primeiro grito. Ernesto de Barros, Jary Gomes e Pythagoras de Moraes seguiram o poeta lyrico e pilhosopho. Fundaram, então, o jornalzinho literario — "Cruzeiro do Sul" que durou quatro longos mezes. Morreu depois por falta de verba... A "Folha da Serra" do Trouy foi um amparo carinhoso para elles. Cecilio revela-se um chronista admiravel. O poeta Jary Gomes publica em Ponta Porã um livro de poesias. Bateram palmas para o Jary: —Ahi, batuta! Pery Alves de Campos chega do Rio com vontade de trabalhar. Funda a Bibliotheca Publica de Campo Grande auxiliado pela gente nova.

Jary Gomes desapparece. Ernesto de Barros logo depois some tambem. Pythagoras de Moraes o acompanha fazendo *blagues* e caricaturando os companheiros. Cecilio Rocha, sozinho, continúa firme. Chega o Iturbides Serra de São Paulo. Poeta novo, prosador dextro e jovem como ninguem. Entra na roda e dansa com Cecilio a "cirandinha". Desabientados, sem apoio de especie alguma, estrangeiros numa cidade cosmopolita, quase naufragaram em noitadas bohemias.

Foi assim que surgiu o modernismo no sul de Matto Grosso.

*

A maioria dos poetas novos mattogrossenses nasceu em Corumbá, na "Princeza do Paraguay". Apollonio Pinto de Carvalho, Carlos Vandoni de Barros, Cecilio Rocha, Iturbides Serra, Jary Gomes, Manoel Wenceslau Leite de Barros, (Nequinho, para evitar confusão), Evagrio Rodrigues (que vive hoje em Minas e é considerado mineiro). Em Corumbá só se encontra actualmente o poeta Carlos Vandoni de Barros. Os outros desertaram. Estão espalhados. Os poetas velhos se apossaram do throno. Alcester de Castro, que poderia perfeitamente representar a gente nova, porque é jovem, foi boicotado pelos velhos e hoje só tem talento, quando poderia ter mais do que isso, se quizesse...

Em Campo Grande, "cidade vermelha", vamos encontrar os jovens Annibal Verlangieri, Waldemar Tessitore, Manoel Ballian, Altivo Ovando e os irmãos Geronymo e Alberto Bomfim. São os novissimos representantes do sul. Outros tomarão seus logares com mais elasticidade e sem a influencia dos velhos que desapparecem. O sul de Matto Grosso, não dou muitos annos, tornar-se-á o maior centro intellectual do Estado. Tudo indica e nos leva a fazer esse prognostico, mau grado o espanto de alguns intellectuaes nortistas, que costumam dizer, quando apparece um novo: — "não é da indole do sul, etc., produzir poetas e escriptores..."

*

Dentro em breve começarão a apparecer por aqui os livros da geração moderna mattogrossense. Cecilio Rocha, poeta delicado e subtil abandonou a poesia pela prosa e hoje é autor de um romance notavel — "Gentinha". Li-o, no original, quando passei em 1936 por Campo Grande. Romance moderno, forte, intrepido, movimentado. Cecilio não quer publical-o, allegando que o logar de "Gentinha" é na gaveta... Em compensação nos dará para o fim deste anno um romance sobre a vida fronteiriça de Matto Grosso. Optimo assumpto. Iturbides Serra tambem está engatilhando um romance para o fim deste anno. Esses dois romancistas desconhecidos virão trazer novas forças e novos panoramas para o romance moderno brasileiro.

Henrique Valle, o jovem *conteur* mattogrossense tambem nos dará o seu "Tangolomango" por todo este anno. Manoel Wenceslau Leite de Barros, ou Nequinho na intimidade, tambem nos promette para 1937 um volume de poemas — "Muxirúm". Poeta originalissimo:

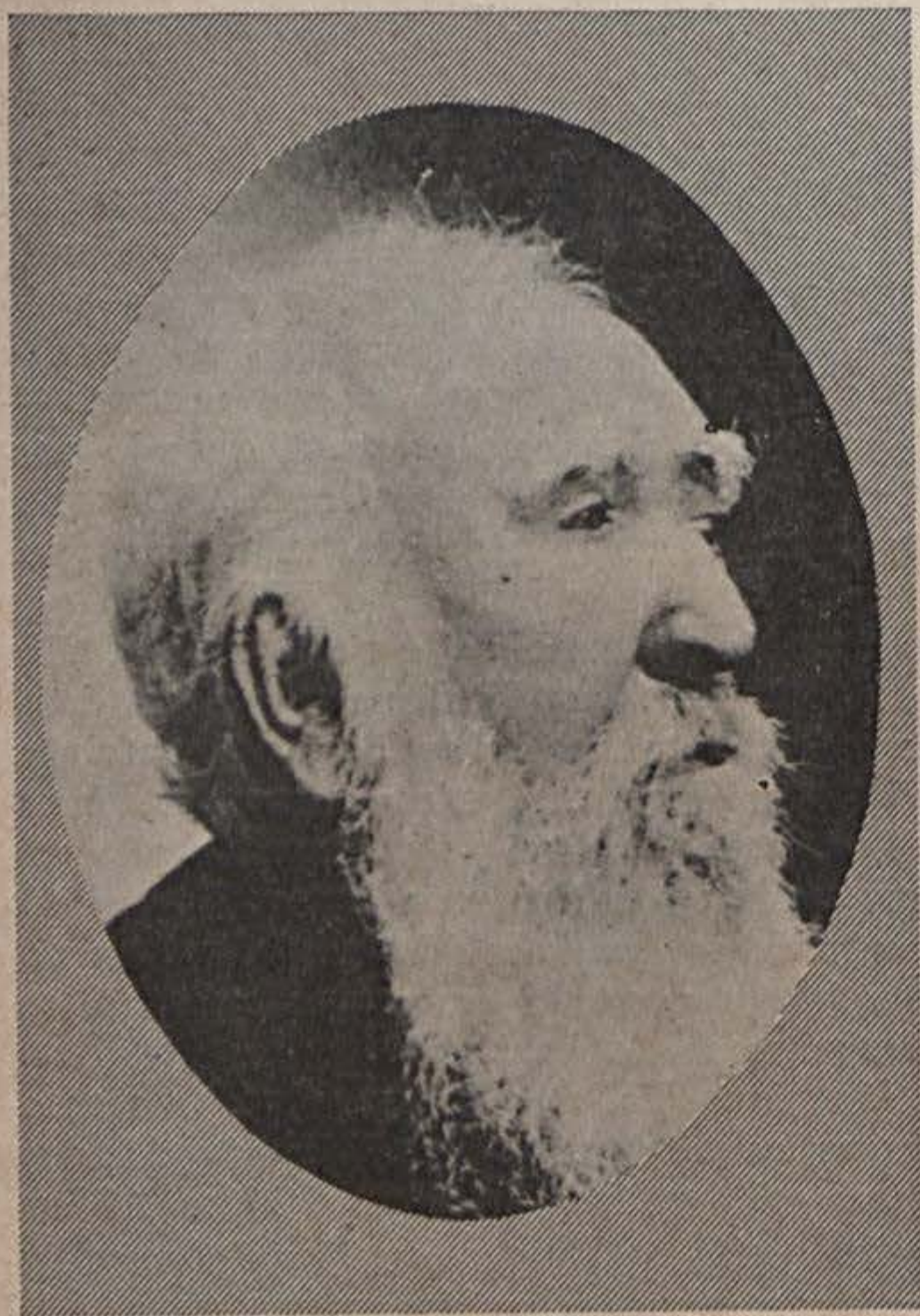
"aquelle morro bem que entorta a bunda
[da paisagem."

Esse o estylo do poeta de "Muxirúm". O soffrimento humano, os anseios e as revoltas surdas dos que soffrem inundam seus poemas.

Outros poetas, romancistas e *conteurs* bororós surgirão depois. Aguardemos a chegada dessa gente. A nova geração do sul de Matto Grosso ainda não sahiu dos bancos escolares. E isso é um bom symptoma.

*

Mais ou menos esta é a synthese do movimento intellectual mattogrossense. Como já disse Matto Grosso não é fertil sómente em onças e pantanaes, em petroleo e ouro, mas tambem em prosadores e poetas, em artistas e mumias...

JUVENAL GALENO

Juvenal Galeno, justificadamente considerado o maior poeta popular do Brasil, nasceu em 27 de Setembro de 1836, na cidade de Fortaleza, onde falleceu em abril de 1931, na provecta edade de 95 annos. Em sua juventude, aqui no Rio, tomou parte na roda illustre de Saldanha Marinho, Quintino Bocayuva, Joaquim Manuel de Macedo e Mello Moraes. Seu discreto temperamento tinha, porém, mais intima satisfação em frequentar a typographia de Paula Brito, onde travou cordial convivio com Machado de Assis, então apenas obscuro typographo. Foi Paula Brito quem o estimulou e induziu a publicar o seu primeiro livro de versos lyricos, intitulado — "Preludios". Foi, em nossas letras, um verdadeiro patriarcha, recolhido, ha annos, após a cegueira, á intimidade do seu lar, confortado por suas filhas Julinha e Henriqueta, tambem distinctas escriptoras, sem nada perturbar a serenidade olympica de sua santa velhice messianica, á semelhança de Tolstoi.

A arte de Galeno, tinha um encanto peculiar pela fascinação da sua ternura romantica. O traço mais interessante da sua personalidade de poeta é ter atravessado as phases mais tumultuosas da nossa evolução mental, sem jamais desnaturar-se ou corromper-se. Seu feitio principal foi o de cantor do nosso povo e costumes, uma especie de Beranger absorvido no amor á gleba natal. Sua obra prima é "Lendas e Canções Populares", onde a alma cearense se espelha fielmente nos varios aspectos das suas alegrias e soffrimentos. Gonçalves Dias jamais regateou os mais vivos applausos á musa desse grande rhapsodo. Ha muitos annos cegára, mas a lyra não se envolvêra nos véos da cegueira, emmudecendo para sempre; continuou a compor as suas canções, dictando-as á sua filha Henriqueta. A casa do poeta se transformou num templo espiritual onde o irresistivel encanto dos serões literarios ainda hoje conserva um ambiente de perfeita felicidade. E' um ponto de distincção social e artistico, que concentra o escol da mentalidade cearense.

Juvenal Galeno teve a alta virtude de permanecer brasileiro, esquivo ao proselytismo das influencias exóticas que nos deixam na triste condição de satelites mesquinhos, arrastados por forças extranhas.

Emquanto a maioria dos nossos vates procura exquisitos processos artisticos, novas escolas ou theorias, para se engolfar no labyrintho das idéas mais estrambolicas, na obsessão de uma bizarria absurda; emquanto essa maioria se aferra a tudo o que não é nosso, como si se envergonhasse de si mesma desdenhando das coisas mais expressivas da vida do nosso povo, — esse grande bardo entranha-se no amor fetichista da sua terra. Não é possivel imitar Verlaine, Guy de Maupassant ou Quental, quando não se tem as mesmas predisposições idiosyncrasicas ou não se soffre dos mesmos symptomas da enfermidade que os victima.

Ser parnasiano com a impassibilidade de Lecomte, sopitando a voz de uma alma nascida para as effusões indomitas do amor; ser symbolista com a deliquescencia de Mal-

Juvenal Galeno, aos 92 annos de idade, dictando a sua ultima producção; sua mulher e a Dra Henriqueta Galeno, sua filha e Secretaria.

larmé; ser futurista com os dislates de Marinetti, — dentro do ambiente de uma natureza nova palpitante de alegria e de alvoroço, — é o que pode haver de mais risivel, de mais grotesco. A poesia, acima do manejo caprichoso da metrica, representa, ao lado dos ideaes do espirito, a mais alta manifestação do genero humano.

Sylvio Romero disse que a poesia, como tudo que é humano, é filha da terra, por mais que a façamos fugir para o céo dos nossos devaneios, para o azulado infinito das nossas aspirações, e, como filha da terra, tem de lutar e soffrer ao nosso lado, tem de gemer as nossas dores e carpir as nossas maguas, dando exacta expressão da nossa alma.

Juvenal foi sempre o mais legitimo interprete do povo humilde de sua terra.

E tão bem se affinizou com as condições da existencia rustica do vaqueiro, do jangadeiro, do lavrador, do tabaréo, em suas alegrias ou folguedos, em suas maguas ou desalentos, que já hoje, é um dos mais illustres corypheus da poesia popular no Brasil, proclamado pela critica nacional.

Perante a campanha de nacionalismo que ahi vem se alastrando, — o nome de Juvenal é, tambem, um symbolo porque o seu affecto pelas coisas da nossa terra vive e palpita nas suas cantigas, reflectindo o sentir do seu povo e desenhando a melancolica paisagem dos seus campos e das suas praias. Convem assignalar aqui, de passagem, que nesse genero de literatura nativista, o Ceará é o Estado do Brasil que mais e melhor tem produzido.

Desde José de Alencar até hoje, as obras de costumes regionaes não deixam de ser a preoccupação dos seus escriptores. Ahi estão: Fránklin Tavora, Adolpho Caminha, Domingos Olympio, Rodolpho Theophilo, Papi Junior, Antonio Salles, Alvaro Martins, Gustavo Barroso, Leonardo Motta, Herman Lima e outros, que constituem a guarda avançada desse nobre movimento de nacionalização das nossas letras.

No meio de todos esses, Juvenal Galeno apparece como um vulto anachorético pela edade e pelo renome.

Voltemo-nos ás suas "Lendas e Canções Populares", para se ver a suave singeleza com que canta n'"A Jangada", os nossos rudes pescadores, affrontando as ondas bravias:

"Minha jangada de vela
Que vento queres levar?
Tu queres vento da terra?
Ou queres vento do mar?

Minha jangada de vela,
Que vento queres levar?

Quer socegada na praia,
Quer nos abysmos do mar,
Tu és, ó minha jangada,
A virgem do meu sonhar!
Minha jangada de vela
Que vento queres levar?

Eis aqui outro quadro pincelado com doce pureza, que retrata a vida tranquilla dos nossos campos:

Num valle verdoso e bello
Eu fiz a minha cazinha,
Levantei-a em poucos dias,
E' pobre mas bonitinha:

Não se assemelha á do nobre,
E' a choupana do pobre,
Bem pequena e singelinha

Como é bella a cazinha,
Que eu levantei!
Dentro della não invejo
Nem os palacios de um Rei"

No "Cajueiro pequenino", a mesma delicadeza e simplicidade:

"Cajueiro pequenino,
Carregadinho de flor
A' sombra das tuas folhas
Venho cantar meu amor.

Acompanhado somente
Da brisa pelo rumor,
Cajueiro pequenino
Carregadinho de flor,

Tu és um sonho querido
De minha vida infantil
Desde esse dia... me lembro
Era uma aurora de abril.

Por entre verdes hervinhas
Nasceste todo gentil
Cajueiro pequenino
De minha vida infantil".

Estas linhas não comportam uma copia maior de transcripções da obra do nosso aêdo, na qual a vida heroica e dolorosa do cearense é cantada em canções simples e emotivas.

Desde que a voz de Olavo Bilac buscou reaccender, no coração scéptico da mocidade, a chamma sagrada do sentimento patriotico, dizendo que o que nos arruina é a falta de ideal e confiança no futuro desta nacionalidade que ainda apenas desabrocha, como uma phantastica flôr de luz, ao alvorecer dos seus largos e imprescriptiveis destinos, — o povo brasileiro comprehendeu o dever moral da sua fé civica.

E é exactamente neste instante de geral conturbação, quando os espiritos dançam sobre um abysmo, que o Brasil mais necessita de ter uma alma para sentir melhor a sua vida interior e viver por si mesmo, livre de influencias alienigenas, animado da sua ingenita força espiritual.

Dahi porque o culto posthumo á figura conspicua do maior dos nossos cantores populares, cuja obra é um hymno apotheotico á patria, torna-se justo e indeclinavel, agora, mais do que nunca, nesta festividade centenaria do seu nascimento.

O seu nome ficou aureolado de um prestigio glorioso não só para o Ceará senão para todo o nosso paiz.

OS GENIOS E AS EPOCAS

Aluizio Napoleão

Ha qualquer coisa sublime na força do genio. E' digna mesmo de um estudo, essa força que nunca encontra obstaculos. Vemos sempre nos grandes homens uma capacidade infinita para a creação. Seja um Balzac ou um Napoleão, um Miguel Angelo ou um Schubert, um Pirandelo ou um Niestzche. Todos, sem excepção, lutaram contra o precomceito da sua época, seja na concepção e realisação da arte do romance ou na technica da conquista e da guerra, na harmonia da forma ou na transcendencia dos sons, no drama theatral ou na tortura interior do pensamento. Em todas essas formas da actividade humana, chamem-se ellas romance ou politica, esculptura ou musica, theatro ou philosophia, em todas, o que vemos é o triumpho daquella qualidade superior, porque, acima das contingencias humanas e da propria época, acima dos preconceitos e das formas por que se apresentam essas actividades, surge o cerebro creador, destruindo o que está estabelecido, quebrando as cadeias em que se confina a mediocridade. São condores, que atravessam não sómente os ceus, olhando para o mundo do seu tempo, lá em baixo, mas que cortam os seculos, numa ansia infinita de transporem os limites de sua época.

Que vemos, no rythmo da actividade humana, senão essas forças differentes e extranhas, quebrando a cadencia em que o viver humano se mantém? Que vemos, senão a intuição e o espirito desses homens, creando novas formas de expressão que procuram ultrapassar o que chamamos de humano? E' um Shaw, zombando do puritanismo de uma civilisação artificial, como a da Inglaterra actual; um Goethe, chamando para Weimar a attenção dos seus contemporaneos; Da Vinci, olhando para a eternidade através da physionomia e do sorriso transcendentes da Gioconda; um Wagner, quando deixa attonitos os seus posteros, na interpretação difficil de sua musica metaphysica.

Acima do romantismo, ou do realismo, na literatura; muito além do pragmatismo ou do positivismo, na philosophia; da republica ou do communismo na politica, estão os seus renovadores: Victor Hugo ou Marx, Augusto Comte ou Platão.

São homens que não se definem porque elles mesmos são a propria definição. Nelles, está mais do que o saber de seu tempo: está aquillo que o seu tempo não previu. As suas obras são marcos que fazem lembrar a sua época. Sem elles não haveria épocas, como sem cerebro não haveria homens.

Seres privilegiados da existencia, para elles não existem o espaço e o tempo, porque, como os deuses, possuem os genios a rara virtude da omnipresença e da omnisciencia.

D. Janaina

Manuel Bandeira

D. Janaína
Sereia do mar
D. Janaína
De maillot encarnado
D. Janaína
Vae se banhar.

D. Janaína
Princeza do mar
D. Janaína
Tem muitos amores
E' o rei do Congo
E' o rei da Aloanda
E' o sultão-dos-matos
E' S. Salavá!

Saravá, saravá,
D. Janaína
Princeza do mar!

D. Janaína
Princeza do mar
Dai-me licença
P'ra eu tambem brincar
No vosso reinado.

O Senado e a Democracia

José Augusto
(Deputado Federal)

Na impossibilidade pratica de realizar-se o governo directo do povo, o que é reconhecido por todos os escriptores do direito publico, e deante da generalização do systema representativo, que a sciencia politica todos os dias vae aperfeiçoando, não parece possivel aconselhar outro regime, dentro da pura doutrina democratica, que não seja o do parlamentarismo.

E' que sómente este tem flexibilidade sufficiente para permittir o contacto permanente do titular da soberania, que é o povo, com os seus delegados e, através destes, com o governo, afastando, por processos expedictos e simples, dos postos de direcção politica quantos não estejam traduzindo mais as aspirações e a confiança populares.

Tão exacta é essa affirmação que os proprios escriptores de tendencias contrarias á pura representação politica, e inclinados á participação do syndicalismo na direcção estatal, são obrigados a confessar, como fez Duguit: "Com os defeitos que não é possivel negar, o regime parlamentar é ainda o menos mau dos regimes possiveis, porque, a experiencia o demonstrou, é ainda o que melhor concilia as necessidades governamentaes com a garantia da liberdade; e, não é demais repetir, a fórma de governo que permittiu ao Paiz (a França) atravessar, sem embaraços e sem sobresaltos, sem golpe de Estado e sem revolução, o periodo tragico de 1914 a 1918, é um regime que já fez as suas provas."

Parece, assim, vencedora, dentro da democracia, a doutrina parlamentarista, contra a qual só se insurgem logicamente o reaccionarismo, com o corporativismo fascista, o communismo, com a sua finalidade de dictadura da clases proletaria, e as politicamente atrazadas nações latino-americanas que, no presidencialismo mal copiado dos Estados Unidos, não fazem mais do que legalizar os velhos habitos coloniaes do caciquismo, qualquer das tres correntes nitidamente anti-democratica.

Democracia representativa e parlamentarismo são, pois, termos que se completam, decorrendo um logica e necessariamente do outro: Não é possivel ter duas opiniões a respeito.

Onde a divergencia começa é no assentar si o parlamento deve compor-se de uma ou de duas Camaras. As razões invocadas em favor de qualquer das duas soluções são para considerar, e reclamam detido exame, já que praticamente as nações adoptam ora uma, ora outra, em obediencia a motivos peculiares á época ou a condições locaes.

As principaes razões allegadas contra o systema bicameral resumem-se no seguinte: *a*) a Camara Alta nasceu em época historica já superada, e para representar catego-

rias sociaes privilegiadas que a democracia desconhece e não têm mais razão de ser nos tempos presentes; *b*) a vontade nacional é una e indivisivel e não se comprehende que a traduzam duas Camaras distinctas, o que poderia conduzil-a a soluções contradictorias; *c*) a existencia de duas Camaras multiplica conflictos constitucionaes, aggravando os defeitos do parlamentarismo; *d*) o processo de preparação das leis, que o mundo moderno reclama celere e breve, torna-se irremediavelmente lento e tardo com o bicameralismo, etc.

Em sentido contrario, argumentam os adeptos do dualismo parlamentar: *a*) a esmagadora maioria das nações inclina-se para a solução dual, o que indica corresponder ella, no senso pratico dos povos, a uma necessidade indeclinavel; *b*) a dualidade tem funcção moderadora, servindo a Camara Alta para sopitar os pruridos innovadores da Camara popular; *c*) a dualidade premune a Nação contra o despotismo do parlamento; *d*) permitte mais reflexão e madureza na elaboração das leis.

Quaesquer que sejam as preferencias doutrinarias do estudioso dessa questão, o que é forçoso confessar é que a tendencia nova da democracia é no sentido da Camara unica.

A instituição do Senado, ou Camara Alta, perde de força e prestigio todos os dias, ora sendo radicalmente eliminada, ora soffrendo uma evidente *captis diminutio* em sua funcção, e em suas attribuições constitucionaes. Desse ponto de vista, é interessante examinar o que occorreu nas Côrtes Constituintes Hespanholas, ao elaborarem, ha um anno, apenas, o estatuto republicano da Nação.

O primitivo projecto de Constituição, redigido por uma commissão de juristas, sob a presidencia de Osorio y Gallardo, previa a instituição de um Senado, sem funcção politica, intervindo na confecção das leis como elemento de moderação e reflexão, mas sem poder decisorio, sem a faculdade de votar ou negar confiança ao governo, sem poder ser dissolvido, ou renovavel por metade dos seus membros de quatro em quatro annos.

Tratava-se de um Senado corporativo, integrado por elementos recrutados exclusivamente, em associações patronaes, operarias, profissionaes e culturaes, differente, assim, do typo classico de Senado conhecido nas varias nações. As razões dessa preferencia da commissão deu-as Osorio y Gallardo: "Os inconvenientes de uma Camara popular sem freios, as necessidades de maior apoio para o governo e os exemplos da immensa maioria dos povos".

Como se vê, os motivos são de fundo essencialmente conservador e não podiam prevalecer em um parlamento, como o que elaborou a constituição da Espanha, de feição radicalmente esquerdista.

As Côrtes Constituintes não acceitaram o projecto da commissão de juristas mandado elaborar pelo governo provisorio sob o fundamento de que sómente ellas tinham poder emanado directamente do povo não só para votar, mas tambem para elaborar um projecto de Constituição e a seguir designarem uma commissão de Deputados para formular nova proposição constitucional.

Nesta já não apparece o instituto do Senado, adoptando-se desse modo, o principio da Camara unica de origem popular. Jimenez de Asúa explanou detidamente as razões pelas quaes a commissão parlamentar, por elle presidida, desprezára a instituição senatorial, "un recuerdo de antano que el tiempo barrerá". "Não é possivel manter o velho Senado, dizia Asúa, porque se quizessemos resuscitar, com o Senado, o logar onde as excellencias da idade, da cultura ou da riqueza estivessem representadas, estabeleceriamos um conceito diverso, anti-igualitario, incompativel com o systema democratico; e si o que se pretende fazer com o Senado é estabelecer dois elementos entre o capital e o trabalho longe de encontrar uma solução, surgiriam mais profunda, mais forte, mais insondavelmente os antagonismos entre esses dois elementos. Não admittimos, pois, o Senado senão uma Camara só."

Em plenario o assumpto foi largamente debatido. A velha instituição obteve advogados notaveis e prestigiosos, entre elles Alcalá Zamora, o futuro primeiro presidente constitucional.

Não houve argumento de que se não soccorresse Alcalá Zamora: — a estructura social, o criterio federalista, o da dupla deliberação, a possibilidade do retrocesso politico, caso o futuro viesse a constituir uma Camara de tendencias direitistas, a experiencia historica e até a propria biologia, tendo em vista que a vida é continuidade e renovação. "Com a Camara unica, dizia Alcalá Zamora, a continuidade se

rompe, só com a Camara dupla a continuidade existe. E em uma republica democratica, em uma republica nascente, só o Senado póde encarnar a continuidade da vida, a continuidade sem a qual a vida se desconjuncta, assim como se entumece com a renovação." E, logo a seguir perguntava: "Em uma republica democratica e nascente, na qual a Camara corresponda á renovação, em que não existem nem a continuidade das tradições hostis e hostilizadas, nem a continuidade dos interesses acobertados e dispersos si se supprime o Senado, qual é o orgão de continuidade na vida dessa republica?"

A substituição do Senado pelos conselhos technicos foi uma das suggestões apresentadas, e a ella quero fazer referencia, porque no Brasil tambem ha quem defenda a peregrina idéa. Eis como Alcalá Zamora respondeu á proposta absurda: "O conselho technico jamais póde substituir o Senado; póde coexistir com elle; póde supprimirem-se ambos; póde existir um e outro não, porém, a equivalencia é tão arbitraria como aquella a que nos familiarizou a imagem de ensino das linguas vivas. São duas coisas totalmente distinctas: o conselho technico tem funcções antes da deliberação do Congresso; o Senado, no tempo, procede e delibera depois. O conselho technico adduz argumentos de ordem intellectual, o Senado contrapõe o seu criterio de vontade; o primeiro prepara, o outro contradiz. O conselho technico é a visão parcial e unilateral dos problemas; o Senado, a informação total e synthetica delles."

Outros constituintes falaram em defesa da mesma these, advogada tão brilhantemente por Alacalá Zamora, que para salvar o Senado procurava dar-lhe moldes novos e democraticos.

Prevaleceu, porém, o criterio adoptado pela commissão parlamentar, expresso nas palavras de Jimenez de Asúa, criterio que teve a defesa entre outros, do *leader* socialista Indalecio Prieto, em discurso em que se accentuam os traços dominantes do novo estatuto politico espanhol: "No caminho da fraude, da deformação e da trahição interna da Republica, dizia Prieto, é um passo consideravel a criação de um Senado que, fosse qual fosse sua estructura, só serviria para difficultar, entorpecer e, por vezes, attraiçoar os designios da democracia hespanhola, plasmada no suffragio universal e representada pelos deputados na unica Assembléa que tem plena legitimidade em uma democracia, funda, séria e honradamente sentida."

A oração de Indalecio Prieto, um dos chefes da corrente mais numerosa e avançada das Côrtes Constituintes, decidiu da sorte do Senado, que foi, dessa maneira, e conjunctamente com os conselhos tcehnicos, insinuados pelo reaccionarismo, e contra os quaes no mesmo discurso se insurgiu Prieto, fulminantemente condemnado.

Venceu, assim, na Espanha, a nova doutrina democratica contraria ao systema bicameral.

Penso que a questão da unidade ou da dualidade de Camaras Legislativas não affecta a substancia da democracia. O que é essencial é que esta seja representativa.

Si a representação deve caber a um ou a dois corpos collegiados, é um caso relativamente secundario, methodologico, processual, adjectivo, e não attinge á doutrina em sua substantividade, em suas necessidades logicas e conceituaes. E tanto assim é que as democracias mais prestigiosas do mundo, em sua grande e esmagadora maioria, adoptam e praticam o systema bicameral.

Mas o que é certo, e por isso mesmo cumpre declarar e confessar, é que ha, na revisão por que os tempos novos estão fazendo passar as instituições democraticas, uma tendencia marcada para cercear as funcções da Camara Alta, senão para eliminal-a totalmente, como ainda agora fez a recem-nascida Republica da Espanha.

Trata-se muito mais de uma birra, de uma ogerisa do espirito novo contra uma instituição que, nas suas origens, teve sabor e côr aristocraticos, do que mesmo de um consectario logicamente deduzido da pura theoria politica.

O SENADO E A DEMOCRACIA BRASILEIRA

Feita essa necessaria explanação preliminar, cabe agora examinar a questão em face da democracia brasileira.

Antes de tudo: será mesmo o Brasil uma democracia? Ha muito quem procure negal-o, ora appellando para o nosso grande coefficiente de massa popular analphabeta, ora attendendo-se aos tropeços e falhas que as instituições representativas e republicanas, por nós ensaiadas, encontraram na pratica.

Não obstante, cabe affirmar que o Brasil é realmente uma democracia. Toda a sua historia, todo o seu modo de ser como Nação, todos os seus ideaes politicos revelam sua vocação democratica e liberal.

As pugnas em que se empenhou no passado, as affirmações constantes de sua individualidade nacional demonstraram sempre como o Brasil só comprehende a vida civica em vista de conquistas liberaes as mais perfeitas. Prestigio e confiança publica só conseguem em nosso paiz os homens que encarnam aspirações de liberdade. Despotas e tyrannos jamais a Nação os supportou ou tolerou.

Seremos uma democracia rudimentar, ainda tacteante, em busca da perfeição que só o futuro nos póde legar, mas incontestavelmente só nos sentimos bem no regime democratico.

Voltando, porém, á questão que nos interessa, cabe examinar como deve se comportar a democracia brasileira em face da questão da unidade ou dualidade das Camaras Legislativas.

Já vimos que ha em doutrina bons argumentos conduzindo a uma ou outra solução, que a maioria das nações democraticas se inclina para a dualidade, que a mais recente dellas, na elaboração de sua carta politica, a Espanha, adoptou a Camara unica e que essa attitude obedeceu á influencia dos theoricos mais avançados, todos elles no sentido monista.

Ao Brasil fica, assim, livre o passo para escolher qualquer dos dois caminhos, sem ferir os pontos essenciaes da doutrina democratica, e consultando apenas as suas tendencias e as peculiaridades de sua vida politica. Desse ponto de vista, teriamos a allegar desde logo em favor da dualidade da assembléa a nossa tradição já secular, os serviços que o Senado, sobretudo o do Imperio, prestou á Nação, as grandes figuras nacionaes, Cotegipe, Zacharias, Torres Homem, Nabuco, Alencar, Caxias, Saraiva, Ruy Barbosa (este já no Senado republicano), que de sua tribuna se serviram para defender os grandes ideaes de liberdade e justiça, que sempre animaram o povo brasileiro.

Não ha como deixar de confessar a verdade de tudo isso, mas a simples tradição de um instituto, por mais cheio de serviços que se demonstre no passado, não póde, por si só, justificar a sua manutenção, mormente si as condições dos tempos novos revelam a desnecessidade do seu papel.

Cabe confessar que o Senado republicano brasileiro estava todos os dias perdendo força e prestigio, abdicando cada vez mais da missão que a Constituição lhe reservára, o que denota para o observador, collocado no terreno das idéas e não apenas no ambito estreito do partidarismo ou do personalismo, não corresponder mais elle a uma exigencia da nossa vida legislativa.

Uma visão pittoresca e sociologica do povo Suisso

Lemos Britto

Dumont Wilden, em pagina que a *Revue Belge* publicou, poz na bocca de um certo Philippe Foscany, austro-hungaro descendente de mãe franceza, residente quarenta longos annos em Paris, de cujo espirito deixara impregnar, e apezar de tudo banido como suspeito durante a Grande Guerra, uns conceitos de amarga philosophia sobre a Europa que surgiu do cataclysma, saturada de odios e encharcada de sangue.

E' uma Europa singular, quasi irreconhecivel pelos que se habituaram a vel-a engrinaldada dos louros de um passado de arte, de literatura, de sciencia, de eloquencia, de refinamento, a que se ergueu das crateras abertas pela artilharia no solo vulcanico de Verdun ou do vortice aberto no mar atlantico pelo opulento *Luzitania*, quando, torpilhado, afundou com a sua carga de gente innocente e de civilização. "O certo é que as attitudes intellectuaes, as formas do pensamento, o estylo que nós, os homens de 1900, tanto amamos, se acham completamente transformados."

"Europa brutal", esta, que faz sentir a Foscany e a seu amigo Eleuterio "a fadiga de viver". Diante della, especie de enferma tomada de impulsões epilepticas, oscilante entre as incertezas de uma moral impotente para substituir as sancções religiosas que destruiu, ou desprezou, e de uma politica sem rumo seguro, ora entregue á crueza das dictaduras irresponsaveis, ora á ferocidade da anarchia, os dous proclamam, no melancholico dialogo, que "o rythmo dessa decadencia se prolonga", mas affirmam que, em sã verdade, do cáos — "alguma cousa está a pique de nascer, uma civilização filha da nossa, filha ingrata da nossa", a qual, a despeito de sua ingratidão, nos leva a admiral-a.

Quando percorri parte da Europa em 1930 a crise, hoje chegada a esse ponto de saturação que, na historia, determina a ruptura da ordem social e juridica existente, crise social, crise politica ,crise religiosa, crise mental, fazia realmente trepidar todo o arcabouço da velha construcção, que nos habituaramos a contemplar de longe em arroubos de enthusiasmo admirativo. A Suissa afigurou-se-me, entretanto, uma zona neutra, uma região em cujas fronteiras os rijos ventos soprados de todos os quadrantes do céo perdiam o impeto e a força com que, por toda a parte, iam derribando instituições, devorando systemas, engulindo thronos, arrazando os mais bellos monumentos erguidos pela humanidade atravez de muitas gerações.

O estrepito revolucionario das idéas, o desfraldar de novas bandeiras sectarias, a arregimentação e a marcha do proletariado nos rumos de seus grandes destinos, o entrechoque dos partidos politicos, a effervescencia das modernas concepções do espirito humano na poesia e na prosa, na pintura, na architectura, na estatuaria, faziam do Velho Mundo um verdadeiro campo de batalha, o laboratorio onde se ultimavam os preparativos da maior reacção chimico-sociologica de todos os tempos, reacção-revolução que ahi está hoje se processando aos nossos olhos, na qual estamos irresistivelmente collaborando, como esses polypos das encostas maritimas que, sem darem mostras de sua actividade, constroem obra mais resistente e duradoira que a argila em que se apoiam. Nós outros, collaboradores anonymos da grande revolução, tambem estamos desempenhando, embora disto não nos apercebamos nitidamen-

te, um importante papel na historia do mundo.

Meus raciocinios, filhos da leitura e da observação, modificavam-se, entretanto, ao transpor a fronteira suissa, quando me vinham á memoria aquellas telas de paysagens quietas que fizeram a gloria de Franciscovitch. Era como si, passageiro de um navio açoitado por furiosos vagalhões, me visse de repente a sulcar as aguas de remançoso canal.

Cheguei á fronteira franco-suissa com o sol alto. A despeito disto densa neblina velava a face das cousas naturaes. Um novo espectaculo, porém, me esperava ali adiante. O insupportavel tunel de fumaça que acompanhava o comboio na serra, e o ranger de suas ferragens nas cremalheiras, iam cessar por encanto, desopprimindo-me os pulmões e o coração. Estava em Valorbe. Lá para traz, em Pontarlier e nas gargantas rochosas do Jura, parecia haver ficado o espirito novo, instavel e irrequieto daquella hora historica, e com elle a crise que muitos consideram o inicio de uma era esplendorosa e outros, como Nitti, apenas a derradeira etapa da grande decadencia...

Dir-se-ia que os caminhos de ferro electricos foram inventados para a Suissa, com o fim de não quebrarem a harmonia de sua tranquilidade quasi evangelica. A Suissa, paiz de cachoeiras e de rios que descem vertiginosamente das alturas geladas para os valles e os lagos que se comprimem nas depressões do macisso alpino, poude electrificar facilmente suas ferrovias, ganhando ao mesmo tempo em velocidade, em economia e em conforto. Nem mesmo as estradas de ferro da Allemanha deixaram em meu espirito uma impressão identica á que me ficou das linhas de aço que serpeiam atravez de todo o territorio helvetico. E Valorbe é, na sua insignificancia de cidadesinha de quatro mil e quinhentos habitantes, com as suas fundições e fabricas de limas para relogios, preguiçosamente reclinada no sopé do Mont d'Or, o ponto de partida dessa rêde de caminhos electricos, que constituem o orgulho dos suissos e a seducção dos estrangeiros.

De Valorbe a Lausane a distancia é diminuta, como, aliás, todas as distancias na Suissa, cuja linha mais extensa não alcança quatrocentos kilometros, de fronteira a fronteira. Ainda assim, que serie infinita de maravilhosas perspectivas se vae descortinando ao olhar do viajante, que não pode conter as expansões de enthusiasmo e encantamento!... Respira-se em Lausane um ar purissimo, e o panorama que ahi esmaga o observador é, sem exaggero, dos mais surprehendentes. O Lago Leman, cantado por tantos poetas, entre os quaes avulta Byron, pintado com extremos de arte por tantos escriptores, a começar por Voltaire e Jean Jacques Rousseau, reproduzido nos seus aspectos pitorescos ou empolgantes pelos maiores artistas da tela, inspirador de poemas e partituras a compositores geniaes, arrebata os que o contemplam com os olhos d'alma e não profanam a sua belleza incomparavel com as risadas metallicas de turistas superficiaes.

Suas aguas de um azul vivo e forte, que o vento encrespa e escama em milhares de razuras de ouro quando o sol as aquece, e que parecem de prata fluida quando o luar escorre dos vertices gelados das cordilheiras, o recorte polychromico de suas encostas e a vida alacre que lhe emprestam as velas e embarcações de todo feitio que singram em todas as direcções, dão ao Lago Leman um encanto singular, e é por isso que as almas sequiosas de belleza, de amor, de paz espiritual, de recolhimento e de meditação, o buscam, vindas de todos os pontos do orbe. Comprehende-se porque os homens de estado da Europa, ao procurarem um recanto tranquillo e sedativo onde se pudessem reunir para trocarem impressões de interesse dos povos, escolheram a vetusta Genebra, que se levanta ao fundo do lago, que é bem um lago sentimental, um lago espiritual, no seu permanente convite á elocrubação das mais puras expressões do pensamento.

Quando a guerra abrazou toda a Europa, a Suissa ficou tal qual "uma ilha de paz cercada de fogo", defendida, mais que por um exercito de Liliput, pela força moral e pela respeitabilidade de suas tradições.

A historia suissa perde-se na penumbra das eras longinquas. Depois daquelle povo primitivo que habitou suas cavernas, os Lacustres construiram moradas nessas aguas quietas, principalmente no Leman. Passaram por essas montanhas, uns estabelecendo-se, outros sendo repellidos, varios povos barbaros, entre os quaes os Helvetas, irmãos dos Celtas, que tão caro deviam pagar sua victoria de Garona sobre os legionarios de Roma, e ainda os mesmos ro-

manos, os allemães, os francos, os burgondios.

O caracter do povo suisso é, pois, de formação lenta, atravez de rudes peripecias, de extranhos soffrimentos, de duras provações, de sacrificios sem conta. Elle não amanheceu a vida num paraiso, á sombra de arvores frondosas, tendo á mão a fartura e os climas amenos. Fez-se na luta, na guerra, na migração de raças differentes, em valles defendidos por cordilheiras revestidas de gelos eternos. Suas leis dão, atravez do tempo, a medida desse caracter. O furto era punido com a morte e severos castigos se inflingiam aos que não dispensavam aos estrangeiros os primores da hospitalidade montanheza. Esse caracter vem se estratificando desde as origens da nacionalidade, e é na penumbra dos tempos immemoriaes que o suisso vae buscar as raizes de seu culto pela liberdade e de sua incompatibilidade com a tyrannia. O episodio de Orgétorix, chefe dos Helvetas, famoso pela emigração em massa de seu povo para as planicies ferteis das Galias, defendidas pela espada de Julio Cesar, tendo antes feito destruir cidades e plantações para que a saudade dellas os não fizesse retroceder, é caracteristico da fibra moral dos suissos. Orgétorix era, de facto, um chefe bravo e intrepido. Astuto, tenaz nas suas emprezas, juntava a suas virtudes a ambição. Ora, os helvetas não admittiam o dominio de um homem, e uma lei antiga mandava punir de morte todo aquelle que tentasse proclamar-se rei. Convidado a defender-se, o glorioso soldado sublevou-se. Mas vendo que seria vencido com os dez mil partidarios que o seguiam, preferiu suicidar-se a fugir ou retratar-se. Essa altivez individual e esse zelo pela liberdade collectiva, eu os ia encontrar estratificados na alma suissa.

....

O Conde de Keyserling, no livro que publicou na Allemanha, *Das Spektrum Europas*, que se traduz — analyse espectral da Europa, faz da Suissa o peior dos juizos. Existe uma profunda antinomia entre o espirito aristocratico deste fidalgo de genio e os habitos e costumes da burguezia rural que domina a Confederação Helvetica. Não a julga uma nação com as caracteristicas das demais, sim uma especie *sui-generis* de communidade simplista cuja visão social e capacidade de realisação se atrophiaram por força não só do ambiente montanhez como de seu fanatismo democratico, levado a um extremo tal que em vez de servir de tonico a suas energias raciaes, ankilosou-se, conduzindo a Suissa á "neutralidade perpetua", que elle reputa incompativel com a virilidade peculiar a toda nação livre. Para Keyserling "os verdadeiros suissos das montanhas, e é ahi que está o cerne da raça, têm alguma cousa de gnomo e de troglodita". (Pag. 217 da traducção franceza, edição Stock).

"Os suissos, diz elle, não estão em harmonia com sua verdadeira situação. Não sómente elles se acreditam ainda e sempre importantes como paiz e como povo á maneira dos allemães, inglezes e francezes; não sómente elles têm sempre a convicção sincera e verdadeiramente tocante de que a tradição a tudo sobreleva, mas ainda se consideram exemplares como nação e como idéa. Aos olhos do resto do mundo elles existem apenas como paiz de hoteleiros e de hoteis, no sentido mais largo, como os judeus só existem como negociantes." (Pagina 220).

Keyserling leva seu rancor ao ponto de negar aos suissos capacidade para qualquer emprehendimento social ou politico. Diante do juizo universal de que, nos congressos, elles dão os melhores presidentes e secretarios, elementos de equilibrio e arbitros de primeira ordem, explica que isto acontece porque se tratam apenas de funcções determinadas, para as quaes, "por acaso, uma nação parece particularmente predisposta". Os suissos poderiam rir da explicação simplista, quiçá ingenua, do sociologo; preferiram vaial-o quando elle se propoz mais tarde a realizar conferencias no paiz que havia injuriado. De facto, nesse mesmo livro o conde de Keyserling leva o seu exaggero ao ponto de sustentar que, "como typo nacional o suisso não tem logar entre os outros povos". Julga que o mal do povo suisso está em se haver deixado dominar pelo meio ambiente, e que "no mundo que nasce" esta antinomia deverá accentuar-se; perpetuando na Europa nova o typo de um estado livre da Idade Media, a Suissa só será encarada como uma cidade bem administrada. O povo será sempre camponez, "e camponez não muda, jamais".

Inimigo aberto e irretratavel das democracias, por entender que ellas fazem demasiadas concessões á opinião publica, nega que os suissos sejam pioneiros da liberdade, porque a liberdade que elles comprehendem não mais se ajusta ás aspirações e tendencias do Velho Mundo.

Tem o illustre philosopho uma visão unilateral neste julgamento. Os commentarios que faz destoam, mesmo, da magnitude de sua obra. Porque cada povo tem a sua mentalidade particular, propria, e seu ideal não pode ser o de buscar uma liberdade que satisfaça aos outros povos ou afine com a liberdade que elles aspiram, mas a que corresponda aos seus proprios ideaes e aspirações. Que interessará ao povo suisso o modo de pensar dos criticos a respeito da sua vida politica e social si elles estão satisfeitos com ella, si é assim que se sentem felizes e contentes? Os suissos têm mudado, evoluido, mas a seu geito, e não ao dos allemães do feitio de Keyserling, inimigo das democracias.

Ha que encarar uma civilisação pelos serviços que ella presta, primeiro ao seu proprio paiz, depois, ao genero humano. Mais ainda: pelos males que não acarreta a seu proprio povo e ao genero humano. Keyserling admira os povos guerreiros, os povos marinheiros, por sua intrepidez e espirito de renovação. Mas um povo como o suisso só pode ser montanhez e rural, pela razão muito simples de só dispor de um territorio de montanhas apertado entre os de outras nações, cada qual mais populosa e armada. A não ser que desenvolvesse o espirito marinheiro nas aguas quietas dos lagos Maior, Leman e de Constança...

Para mostrar a fragilidade dos argumentos de Keyserling não se carece de mais que perguntar si outros povos montanhezes, embora de maneira alguma "hoteleiros" e "trogloditas", prestaram á humanidade serviços maiores ou iguaes aos prestados pela Suissa. Ahi estão a Servia e o Montenegro. Tratam-se de povos montanhezes como o suisso. Amigos da guerra, bellicosos por natureza e tradição, elles não crearam uma civilização beneficiadora, viveram do odio e da destruição, levando muita vez o rastilho de suas guerras aos povos visinhos. Si, pois, verificarmos o numero de vidas que esses povos sacrificaram, os monumentos que destruiram, os males que semearam, e puzermos este activo de calamidades diante da vida da nação suissa, livre, trabalhadora, pacifica, á sombra de suas instituições, procurando sempre na sua simplicidade amparar todas as iniciativas humanitarias, todas as idéas de harmonia social, todos os projectos de cooperação européa, não vacillaremos em preferir esta civilização camponeza á outra, representada pelos dous povos citados, porque, beneficiando a humanidade, jamais lhe causou o menor prejuizo. O prestigio suisso resulta precisamente de sua força moral, nunca de um poder militar ou de um esplendor economico, e esta força moral é a consequencia logica de sua inquebrantavel sizudez e de seu culto da democracia liberal.

Enigma da mulher moderna

Peregrino Junior

Existirá de facto aquillo que se convencionou denominar — a mulher moderna? Existe sem duvida. Mas eu observo a proposito, em relação aos nossos escriptores, o mesmo phenomeno que Emmanuel Berl notou em relação aos escriptores francezes da actualidade: elles se interessam muito pouco pela chamada mulher moderna. Dir-se-ia que os nossos novellistas e romancistas, como os francezes, não vêem a mulher do seu tempo, ou viram o rosto, para não ve-la. Alguns ainda teimam em explorar o velho e estafadissimo thema do "eterno feminino" que é hoje uma bobagem sem sentido. Os outros nem isso. Os nossos melhores romancistas contemporaneos — José Lins do Rego, Gastão Cruls, Jorge Amado, Lucio Cardoso, Erico Verissimo, — não se interessaram ainda pela mulher nova do Brasil. Na França tambem é assim. Não se vêem mulheres modernas nem em Valery Larbaud, nem em Maurois, nem em Bernanoz, nem em Malraux, nem em Montherlant. Os dramaturgos francezes, como bem observa Berl, estão transformando a mulher num simples instrumento de replicas. Entretanto, Balzac, si tivesse conhecido a mulher do nosso tempo — tão complexa, tão inquieta, tão interessante, teria escripto sobre ella dez volumes. Será que hoje não ha mais Balzacs na literatura franceza? Em todo o caso, ha ainda um Mauriac, que tem olhos agudos e penetrantes. Nem por isto o assumpto tem sido aproveitado devidamente.

Entretanto, eu não creio que haja materia mais seductora para um romancista do que a mulher moderna, seja ella a secretaria, a dactylographa, a enfermeira, a advogada, a medica, a engenheira, a pequena funccionaria etc. Seria de maior interesse estudar as condições sociaes e economicas em que se debate, como havia de ser apaixonante auscultar-lhe o drama interior, a luta de consciencia, as inquietações de ordem moral e sentimental. Tudo isso, nas mãos de um verdadeiro romancista, será material de primeira ordem para o levantamento da carta topographica da vida actual da nossa sociedade. A verdade, porém, é que os romancistas passam pelo grande thema de cabeça baixa, sem vê-lo, distrahidos e indifferentes. Eu não comprehendo o mysterioso motivo dessa indifferença e dessa distração...

Nós possuimos alguns escriptores que poderiam dar-nos a chave desse mysterio da vida moderna: a psychologia da mulher do nosso tempo. O sr. Gastão Cruls, por exemplo, que soube ver na "Vertigem" um angulo tão curioso da nossa sociedade, por que não nos dá o romance da mulher-medica, da mulher-advogada, da mulher-engenheira? O sr. Marques Rebelo poderia dar — especialista em coisas da pequena burguesia suburbana — a novela da pequena funccionaria, da dactylographa-secretaria, da caixa ou da archivista. Ao sr. Jorge Amado ficaria talvez a parte mais grave e delicada do problema: a mulher proletaria — enfermeira, commerciaria, bancaria, costureira, caixeira, propagandista, operaria rural ou industrial, etc. Do sr. Erico Verissimo poderiamos tambem esperar, no capitulo, contribuição da maior importancia. Elle conhece tão bem aquelle ambiente das moças frivolas de Porto Alegre! Já nos deu, de resto, nos "Caminhos Cruzados", alguns typos de "moderna girl", cinematographica. Porque não mergulhou mais fundo no problema?

A alma feminina na hora presente, está sendo varrida por um sopro terrivel de inquietações e revoltas. Deixando o plano lyrico em que a collocara a mentalidade romantica do seculo passado, a mulher desceu para o contacto da terra e da vida, veiu hombrear-

GOYANA

Revejo-a. Surgem no meu pensamento
coisas queridas, seres predilectos;
revive em mim o desalmado, o cruento
perseguidor de passaros e insectos.

Revejo-a. Tenho, subito, presentes
scenas de longe sonho tumultuario;
sinto dentro de mim, revivescentes,
o nômade, o vadio, o temerario.

Martyrio! — Eis-me, emfim, no sitio amado,
no theatro de uma doce e obscura historia;
os tristes olhos cerro e o meu passado
vejo nitidamente com a memoria.

. . . .

Os livros... que massada! Todo dia
preso ás lições, e os bem-te-vis, a essa hora,
livres, no espaço... Que semsaboria
o estudo! Quanta festa lá por fóra!

Tanta paisagem seductora, tanto
suggestivo painel se desenrola
aos meus olhos, que troco pelo encanto
da Natureza a insipidez da escola.

Fujo para o *Tanquinho* — a velha herdade
do meu Avô de tradições austeras
de honra e de coração, na intimidade,
aberto sempre ás expansões sinceras;

subo ás arvores, desço aos precipicios,
embrenho-me nos mattos. A loucura
da liberdade, isenta dos supplicios
implacaveis do *bolo* e da clausura;

essa loucura, logo se apodera
de mim: — o Capivara, corto-o a nado.
— E minha Mãe, ansiosa, á minha espera...
— E meu Pae, taciturno, com cuidado...

Muda-se (não sei como) o desatino
em paz; muda-se (como? não percebo...)
a impulsibilidade do menino
na alma contemplativa do mancebo.

Rapaz. Emfim! Deseseis annos. Poeta.
A turbulenta, a insolita alegria
cede logo á aspiração inquieta,
dolorosa, de Amor e de Poesia...

RAUL MONTEIRO

---

se, no trabalho e na luta, com o homem, transformando-se em sua companheira, quando não em sua competidora. Esse facto subverteu completamente as relações de ordem moral e social existentes entre os dois sexos, e criou para a mulher uma serie de problemas extremamente complexos. O seu drama interior complica-se; e a sua alma enriqueceu-se de experiencias novas; o seu coração conheceu novas provações e talvez novas necessidades; a sua vida, em summa, se transformou de modo radical. Para melhor? Para peior? Essas e outras interrogações esperam ainda a resposta dos psychologos. Em todo caso, uma coisa está provada: a mulher de hoje é um ser novo, integralmente diverso da mulher do começo do seculo, da mulher de antes da guerra. A vida della é outra; a alma é outra tambem.

Esse thema é actual e palpitante. Merecia, pois, a attenção dos romancistas do nosso tempo. Inexplicavelmente, porém, elles o regeitam e desconhecem. Por que? E' o que resta apurar. Certamente elles estão meditando e investigando... Tenhamos paciencia, esperemos mais um pouco, que elles nos vão dar a chave do enigma da mulher moderna...

O ROMANCE REAL

Iturbides Serra

O romance é uma maneira de schematizar aspectos e gestos. Os homens não comseguem identificar o rythmo de sua realidade com a complexidade symphonica, com o tumulto anguloso do conjunto diffuso da vida. Cada typo humano é simples. Definido. Tem contorno preciso na dimensão exterior de seu clima, no seu mecanismo individual. Restringe-se com facilidade ás variações typicas de sua capacidade mensuravel. Mas quando elle entra na configuração social e procura funccionar pela norma de um fim qualquer, começa o barulho e o attricto de destinos.

As scenas se deslocam. Os planos individuaes fazem-se planos collectivos. Surgem os grandes e complicados atropelos de massas impulsivas e desorientadas; essa vulgar movimentação mechanica de rebanhos selvagens.

Nenhuma sciencia comprehende a totalidade superficial e profunda desses deslocamentos humanos. A analyse aqui não póde isolar um trecho, seccionar um movimento. Seria artificializar e mentir. Immobilizar essa grande corrente de ar da historia humana.

O romance, o romance certo, verdadeiro, o romance de alguns romancistas de hoje, é *um processo scientifico movel,* que acompanha o fluxo da vida. Fóra disso elle perde a logica de uma definição essencial *e necessaria.* E' impossivel caracterizal-o como simplesmente artistico, porque nesse caso não teria sentido objectivo. Tem que ser um methodo de expressão e construcção. Justamente porque acompanha os problemas, as indecisões, as angustias e as syncopes irregulares dos grupos sociaes. Elle não tem justificação em si mesmo. E' justificado pelos ambientes a que se gruda.

O romancista, nestes instantes, não deve possuir individualidade personalizada. Perde o direito falso de criar um regionalismo subjectivo. De empanturrar-se com seu proprio egoismo literario. Os factos que se ligam com exclusividade pormenorisada a si mesmo não vibrariam por força na sensibilidade dos outros. E muito menos provocariam abalos de consciencias ou de idéas.

Na nova sciencia do romance os cachos de situações que fluctuam á tona das percepções das sociedades e as crises interiores do individuo com a multiplicidade de ambientes devem orientar-se sempre numa directriz humana, á procura de soluções e conquistas.

No Brasil de poucos annos para cá é que se póde falar em livros feitos com essa tendencia e com essa sinceridade esthetica. O resto, a literatura de quintal que ficou para traz, só tem um interesse de museu, uma leve e ordinaria importancia historica. Assim mesmo até o ponto em que explique a consequencia normal ou anormal da evolução do romance novo.

Vejam vocês. Um livro de Alencar, autor derramado nas prateleiras mais vistosas da literatura nacional, mostra uma maneira burocratica, limpinha, sem arrepios. Cousas bem classificadas, cheirosas. Tudo nelle corre em linha recta. Aquelle indio Pery é uma pilheria de estylo. Muito bem feito. Musculos medidos, parnasianos, robusto e de uma agudeza intellectual magnificamente genial. Um bugre delicioso. Nas informações unanimes da anthropologia brasileira a personagem é um artificialismo hellenico. Iracema... Tudo isso é superhumanização. Abstracionismo asseiado. Bonito mesmo... Esthetica feita na calma monotona e imperturbavel dos escriptorios, longe da observação e da realidade. No caso, longe do sertão... e da fealdade fundamente brachicephala do selvagem.

Macedo anda ahi, com mais deformação. Mocinhos delicados, castos, assexuados. Amores escorregadios, melados num platonismo sentimental, que foge á comprehensão da vida e ao equilibrio funccional do homem. Machado de Assis continúa. Olhou as cousas. Venceu com naturalidade. Suas

figuras, é certo, não têm objectividade larga. Invariavelmente subjectivas e patriarchaes, domesticas. A época? Possivel. Mas a vida tambem corria. A vida sempre correu em caudaes. E havia tanta cousa tumultuosa, arrastando tanta cousa extraordinaria nos grandes fermentos anonymos que as ruas segregam...

Agora, ultimamente, os autores voltavam-se para themas de amplitude complexa e pratica. Domingos Olympio procura orientação. Seu livro é dos primeiros a exaltar a epopéa calma e fatalista de uma gente. *Luzia Homem* é apanhada em plena retirada, no Ceará. Especie de heroina. Mas a origem de sua heroicidade é vulgar, fluente. Não uma superposição sem causas. Aquella gente miseravel e suja, faminta até os ossos ou exalta ou deprime. Luzia Homem é uma exaltação. Explicação facil. Comprehensivel. Logica.

Zé Americo tambem. Mas a *Bagaceira* é olhada por cima. O humano em seu romance é accessorio. Quasi não entra. Muito differente de Malraux. Não se vê o homem? Vê-se, sim. Mas de longe, rolando impreciso nas manchas moveis que entopem as estradas. Paysagem. Paysagem gorda. Paysagem magra. Paysagem ossuda. Seccura. Ar estorricado. Zé Americo aproveita o ambiente soberbamente. Paisagismo. Soffrimento exterior. A angustia tragica dos scenarios. *Boqueirão* e *Coiteiros*, a mesma cousa. A terra é quem vive.

O Quinze não. Tem um pouco de humanismo. A scenographia chega a ter retirantes e retiradas. Rachel de Queiroz faz tudo com riscos finos e fugidios. Mas já se sente o gosto doloroso da fome. Ella mostra comprehender o destino cyclico e sem rectas, no tempo, daquelle povo triste. E comprehensão aqui é exigencia necessaria.

A evolução avança nessas formulas. Publicam-se photographias de monstros desconhecidos. O paiz vae conhecendo seus abysmos.

Lins do Rego, para encurtar, mostra topicos sociaes menos dolorosos. Com identica sonancia e symptomas tragicos. Historía o cyclo da canna. Prega o ouvido no rythmo das cousas. O tradicionalismo manual de uma industria ronceira. Depois, ruptura. Movimento novo. Alta do assucar. Producção ás carreiras. Transbordamento. Cannaviaes crescendo. Cannaviaes enchendo de um verde barulhento e sympathico a pelle envelhecida das fazendas. E dentro disso a digestão mal feita de uma raça, de uma porção de homens. Gente pequena. Esquecida. Vidas sem distancias. O moleque Ricardo foge. Mas o moleque Ricardo se desambienta fóra daquella rotina agricola e moral. A cidade pesa e é desconhecida. A cidade não tem caminhos. E o moleque não sabe, mas procura um caminho qualquer. Mais tarde a Usina tritura os mocambeiros cansados. E o caminho do moleque Ricardo dá voltas longas e inuteis e vem acabar no mesmo terreiro sujo da fazenda. Cyclo da canna. Cyclo do homem da canna. Dá no mesmo... No fim, canna e homem são espremidos, quebrados... Ficam bagaço.

Os autores vão mettendo o nariz no mundo. Caminham em beccos sinuosos. Mettem-se nas aristocracias urbanas. Enterram a mão na lama. E' preciso. A vida está em toda a parte. Varam bairros operarios. E saem gritando, quando são sinceros, que aquillo tudo está fedendo. Que morre gente de fome e de tuberculose. Chegam mesmo a falar de individuos extranhos que só conhecem uma rua na immensidade de ruas da metropole. A rua tortuosa e sem variação que vae de casa até o buraco da fabrica. Immundicie...

Amando Fontes, por exemplo, escreve uma novella admiravel. *Corumbas* é de um realismo exuberante. Familia sem dinheiro nenhum. Com muita angustia. Tinha o destino amarrado no limite agudo e immovel da chaminé da officina. Vem a dissolução. As Corumbas moças têm necessidade de achar melhor a venda meúda do sexo. Prostituição. Fuga. Uma pequena familia. Synthese. Sim. Uma grande synthese de muitas pequenas familias brasileiras.

Jorge Amado. Dá um mergulho no mysticismo das macumbas. Pae de santo. Nevrose. Facadas. Degenerescencia. O negro tambem soffre. O negro tambem pensa. Luta quotidiana. Interminavel. Incomprehensivel. Sem um sentido. Depois em frente ao mar, em face do barulho livre do oceano, a angustia da libertação.

Percebe-se o problema. A fluidez dos themas, acompanhando um ondular cosmico.

Variam os locaes. Continúa a mesma insufficiencia de felicidade. Erico Verissimo põe quatro livros na rua. Primeiro um ly-

(Conclue no fim do Annuario)

Apresentação de um poeta

Manuel Bandeira

Augusto Meyer manda-me do Rio Grande do Sul duas pequenas collecções de poemas manuscriptos de Mario Quintana—*Nocturnos* e *Onze variações sobre um mesmo thema*. E commenta:

"A meu ver, é a coisa mais interessante que depois de 30 aqui no Rio Grande, esse poeta..."

Abro ao acaso os *Nocturnos*:

"Os caminhos estão cheios de tentações.

Os nossos pés arrastam-se na areia lubrica...

Oh! tomemos os barcos das nuvens!

Enfunemos as velas dos ventos!

Os nossos labios tensos incomodam-nos como estranhas mordaças.

Vamos! vamos lançar no espaço — alto, cada vez mais alto! — a rede das [estrelas...

Mas vem da terra, sobe da terra, insistente, pesado,

Um cheiro quente de cabellos...

A Esphinge mia como uma gata.

E o seu grito agudo agita a insomnia dos adolescentes palidos,

O somno febril das virgens nos seus leitos.

De que nos serve agora o Christo do Corcovado?!

Ha um longo, um arquejante fremito nas palmeiras, em torno...

A Noite negra, demoradamente,

Aperta o mundo entre os seus joelhos."

Viro a pagina e leio:

"A Noite é uma enorme Esphinge de granito negro

Lá fora.

Eu accendo a minha lampada de cabeceira.

Estou lendo Sherlock Holmes.

Mas, nos ventres, ha fetos pensativos desenvolvendo-se...

E ha cabellos que estão crescendo, lentamente, por debaixo da terra,

Junto com as raizes humidas...

E ha canceres... canceres!... distendendo-se... como lentos dedos...

Impossivel, meu caro doutor Watson, seguir o fio desta sua confusa e deli-
[ciosa historia.

Uma Noite amassa pavor nas entrelinhas.

E' um grude espesso, obscuro...

Vontade de gritar nomes serenos:

PALAS, NAUSICAA, ATHENA. Ai, mas os deuses se foram...

Só tu ahi ficaste...

Só tu, do fundo da noite immensa, a agonizares eternamente na tua cruz!...

São dois poemas bem dentro da noite, esses. Mas no ultimo, oito versos apenas, ha todos os estremecimentos, todas as alleluias, todos os clarins da Aurora:

"O vento verga as arvores, o vento clamoroso da Aurora...

Tu vens precedida pelos vôos altos

Pela marcha lenta das nuvens...

Tu vens do mar, commandando as frotas do Descobrimento!

Minh'alma é tremula da revoada dos Archanjos.

Eu escancaro amplamente as janellas.

Tu vens montada no claro touro da Aurora.

Os clarins de ouro dos teus cabellos cantam na luz!"

As *Onze variações sobre um mesmo thema estão cheias* do "terrivel, do irremovivel silencio do Idolo". Que idolo? O Anjo de Pedra:

"Deixa subirem os sons agudos, os sons estridulos do jazz no ar.

Deixa subirem: são repuxos: caem...

Somente ficarão os arroios correndo sem rumor dentro da noite...

E junto a cada arroio, nos campos ermos,

Um Anjo de Pedra estará postado.

O Anjo de Pedra que está sempre, immovel, por detrás de tudo...

Nos salões de festas... por entre o fumo das batalhas... nos comicios das
[praças publicas...

E em cujos olhos sem pupilas, brancos e parados,

Nada do mundo se reflecte..."

"Mas isso é uma impressão pessoal", accrescentou Augusto Meyer ao elogio que fez de Mario Quintana. Pois a minha impressão pessoal coincide com a do poeta que faz o Rio Grande grande.

Academia Carioca de Letras

Affonso Costa
(Presidente da Academia Carioca de Letras)

Sempre se disse mal das academias de letras, desde a primeira que se instituiu, sem que jamais os maldizentes tivessem forças para extinguir-lhes a existencia. Em tais casos já se reconhece que a maledicencia é um simples prazer sarcastico.

Dada a regra, ainda sem excepção, a Academia Carioca de Letras *sentiu* ataques de adversarios, ataques que se valiam do ridiculo e adversarios que não eram capazes da persistencia na acção das contumelias. Façamos-lhes a justiça do reconhecimento.

Nasceu ella com o nome de Academia Pedro II, a 8 de abril de 1926, no porão da casa n. 24 á rua Affonso Penna, então residencia do escriptor e jurista Solidonio Leite, do qual um filho, o Atico Leite, era dos fundadores. Data dahi a chufa — veio de um porão, clandestinamente porque o advogado e intellectual lhe não tomava a paternidade, e ainda com um nome que era visivelmente estranho, senão extravagante, em face dos objectivos da instituição, nada *patrionovista*.

Varios os fundadores, todos rapazes e quase na totalidade estudantes.

Como é tambem de regra, mas esta pejada e eivada de excepções, fundadores havia que lá foram ter assim á moda de voluntarios feitos a corda. Com a mesma facilidade da admissão, se despediam. Nunca imaginaram as possibilidades do futuro. Tantos membros depois eram admittidos, como quantos se divorciavam de pronto.

Ao amanhecer de 1930 havia já mudado o nome de baptismo, crismada com o de Academia Carioca de Letras. Os fundadores sem espirito de *conservar,* desertaram da casa. Outros vieram, inclusive Modesto de Abreu, hoje o decano dos academicos e por isto mais estimado ainda entre os seus pares do que já o é pelos seus merecimentos.

Victor Alves e Oton Costa entraram ainda sob o titulo de Pedro II. Zeferino Barroso e Henrique Orciuoli são de 1930.

Contando então seis annos, em 1932, ainda quase andava de gatinhas, tão raquitica, tão infantil nas suas pretensões. Pertenciam-lhe ao quadro, empossados uns e outros apenas escolhidos, Focion Serpa, Candido Jucá (filho), Carlos Rubens, Cumplido de Santana, Alcides Bezerra, Atilio Milano e Hermeto Lima.

Estes, acompanhados de alguns que não continuaram depois na casa, promoveram um movimento revolucionario pretendendo a extinção do instituto existente, para a fundação de outro sob o mesmo titulo e que do antigo apenas conservasse a tradição e poucos membros... O movimento foi victorioso e a 13 de julho de 1832 uma Academia Carioca de Letras apparecia com visos de efficiencia.

Da acta da segunda fundação constam os seguintes nomes assignando-a: Alcides Bezerra, Victor Alves, Candido Jucá (filho), Henrique Orciuoli, Carlos Rubens, Otton Costa, Focion Serpa, Atilio Milano, Castilhos Goycochêa, Modesto de Abreu, Cumplido de Santana, Jacques Raymundo, Affonso Costa, Hermeto Lima, Zeferino Barroso.

Goycochêa, Jacques e Affonso Costa eram candidatos, já inscriptos para a Academia, e na reorganização desta foram chamados a pertencer-lhe effectivamente.

Feitos os estatutos, na forma destes foram escolhidos para completar as primeiras 20 cadeiras os srs. Heitor Moniz, Henrique Lagden, Leoncio Correia, Saladino de Gusmão e J. C. de Mello e Sousa. Os quatro primeiros attenderam ao convite, ficando vaga a cadeira destinada ao ultimo.

Em 1933 e 1934 são preenchidas as 10 cadeiras demais, embora continuando em vacancia a em que se assentaria Mello e Sousa. Vieram, pois, Lindolpho Gomes, João Lyra Filho (na vaga por fallecimento de Victor Alves), Paulo de Magalhães, Raul Pederneiras, Fabio Luz, Prado Ribeiro, Alvarenga Fonseca, Martins de Oliveira, Honorio Silvestre, Almachio Diniz e Nogueira da Silva.

Como na reforma dos estatutos, decorrente da revolução de 1932, ficasse organizado o quadro dos patronos, todo de nomes de escriptores cariocas, os academicos foram distribuidos pelas respectivas cadeiras patronimicas, aqui reproduzidas pela ordem chronologica dos patronos:

		Patronos	*Academicos*
Cadeiras	1	Antonio José da Silva	— Candido Jucá (filho)
"	2	Pizarro e Araujo	— Almachio Diniz
"	3	A. de Moraes Silva	— Lindolpho Gomes
"	4	Monte Alverne	— Honorio Silvestre
"	5	Evaristo da Veiga	— Heitor Moniz
"	6	Justiniano da Rocha	— Raul Pederneiras
"	7	Martins Pena	— Alvarenga Fonseca
"	8	Francisco Octaviano	— Cumplido de Sant'anna
"	9	Laurindo Rabello	— Fabio Luz
"	10	Manuel de Almeida	— Prado Ribeiro
"	11	Quintino Bocayuva	— Affonso Costa
"	12	França Junior	— Atilio Milano
"	13	Machado de Assis	— Modesto de Abreu
"	14	Visconde de Taunay	— Alcides Bezerra
"	15	Luiz Guimarães	— Hermeto Lima
"	16	Barão do Rio Branco	— João Lyra Filho
"	17	Ferreira de Araujo	— Leoncio Correia
"	18	Vieira Fazenda	— Nogueira da Silva
"	19	Carlos de Laet	— Henrique Lagden
"	20	Gonzaga Duque	— Carlos Rubens
"	21	Tito Livio de Castro	— Saladino de Gusmão
"	22	Olavo Bilac	— Henrique Orciuoli
"	23	Mario Pedreneiras	— Zeferino Barroso
"	24	Alberto Faria	— Othon Costa
"	25	Mario de Alencar	— vaga
"	26	Mario Barreto	— Jacques Raymundo
"	27	Lima Barreto	— Phocion Serpa
"	28	João do Rio	— Paulo de Magalhães
"	29	Vicente Licinio	— Castilhos Goycochêa
"	30	Moacyr de Almeida	— Martins de Oliveira

A Academia Carioca de Letras é hoje uma instituição respeitavel, pelo que realiza e pela orientação em que se colloca em face da cultura nacional. Funccionando ordinariamente e por semana, effectuando sessões publicas e conferencias para o versar de assumptos relativos á intelligencia, ás letras e á cultura em geral, em particular se limita a uma acção pronunciada e efficiente nos dominios de suas attribuições, que não vão além das do Districto Federal. E', como as demais academias de letras do Brasil, uma associação regional, cuidando dos interesses regionaes.

Embora assim, mantém com as suas congeneres, dada a situação geographica em que se encontra, relações de intercambio que permittem o conhecimento reciproco de suas actividades e de seus valores representativos. E foi sob a emulação desse serviço que tomou a hombros, e realizou brilhantemente, o 1.º Congresso das Academias de

(Segue no fim do Annuario)

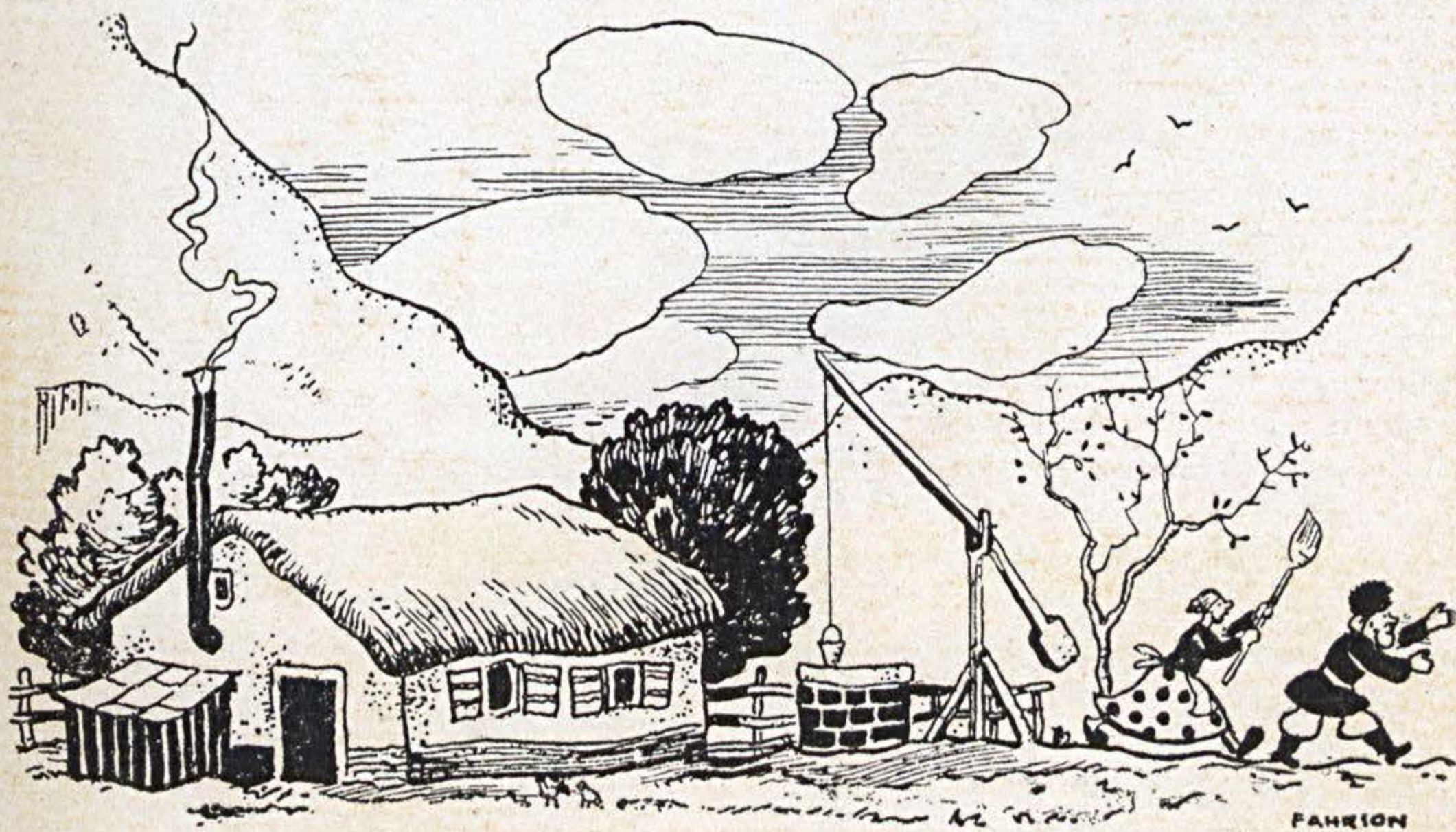
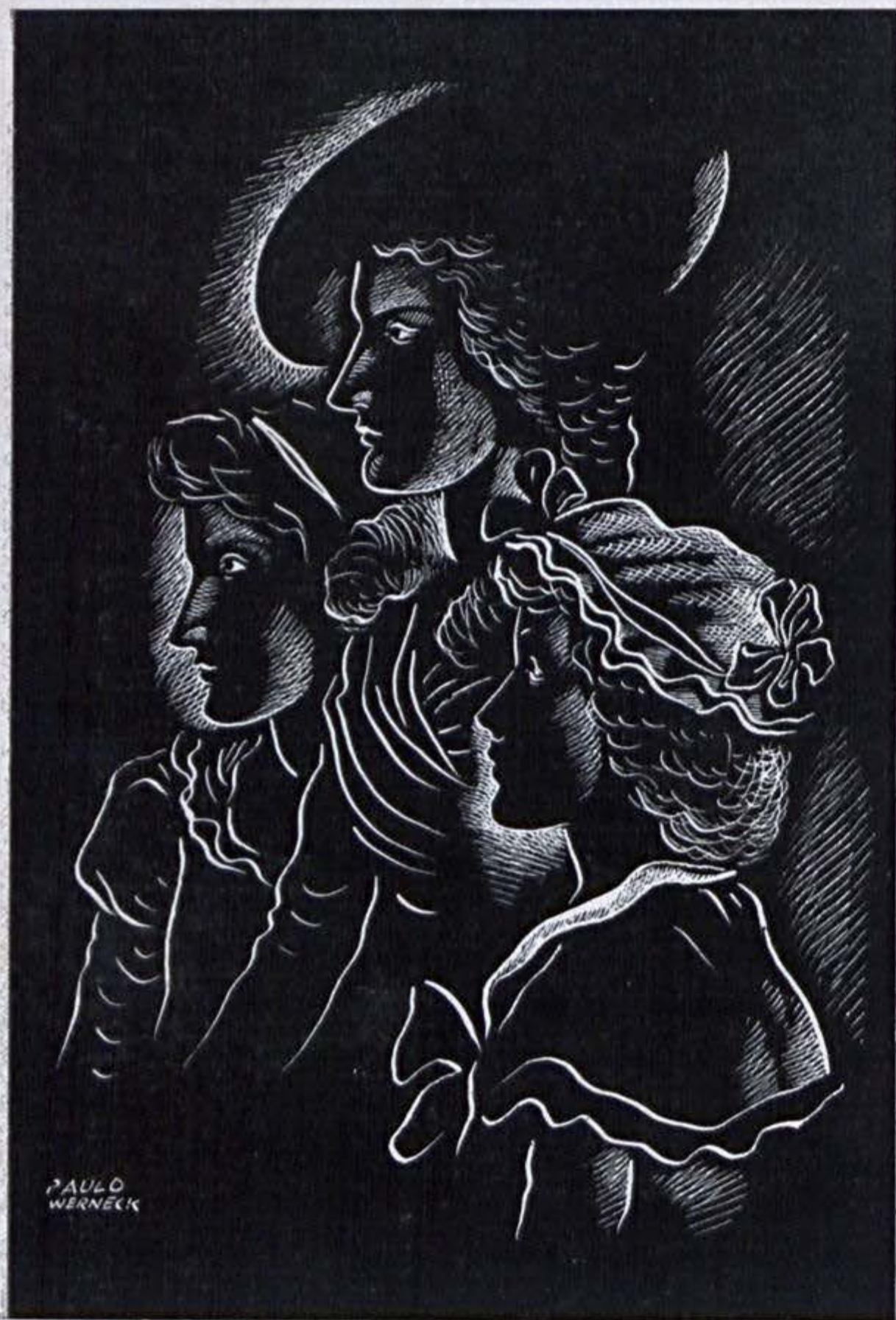
Uma illustração de Santa Rosa para
"HISTORIAS DA VELHA TOTONIA"
de José Lins do Rego

A Illustração no Livro Brasileiro

J. L. Costa Neves

Eis um assumpto sobre o qual pouco se tem a falar. Com effeito, sem que nos faltem artistas capazes de dar a esse genero um grande realce, a incipiente industria do livro no Brasil ainda não lhes proporcionou grandes ensejos para demonstrar tudo de que são capazes.

Com excepção da literatura infantil, a qual por sua propria natureza requer a gravura como complemento para mais facil comprehensão do seu texto por parte da petizada; com excepção do livro didactico ou do livro scientifico — cujas illustrações, de resto, nada apresentam de novo ou attrahente, por isso que em geral são decalcadas ou reproduzidas de outras obras mais antigas, nacionaes ou estrangeiras — que mais se tem visto, de real merito, entre nós?

Muito pouca coisa, convenhamos. Raras iniciativas, isoladas, — pouco comprehendidas pelo publico, allegam os responsaveis — de um ou outro editor corajoso. A rigor duas: uma da Editora Nacional, incumbindo J. Watsh Rodrigues de illustrar — e por vezes melhorar seu deficiente texto — os livros historicos de Paulo Setubal; e outra dos Irmãos Pongetti, creando a "Collecção Moderna Illustrada", onde figuram pequenos romances e novellas de escriptores contemporaneos com gravuras de Paulo Werneck. Ambas iniciativas louvaveis, merecedoras de applausos e estimulo.

Um desenho de João Fahrion para livro infantil.

Illustração de Paulo Werneck. "Retrato de uma actriz", de André Maurois.

E mais nada...

Sou francamente pelo livro illustrado. Ha certos generos então que exigem a illustração. O conto, por exemplo. Ainda o anno passado, uma das maiores casas editoras da França tirou em primorosa edição a obra completa de Maupassant. E os contos maravilhosos deste francez de classe tornam-se ainda mais interessantes. Depois o romance de costumes ou o romance historico. Balzac, de interpretação tão difficil, encontrou em Charles Huard o maior complemento ao seu senso philosophico da vida. Loti, tambem, teve a sorte de encontrar mais de um bom interpretador para a sua obra tão exotica, tão varia, tão subtil. E Dickens, e Victor Hugo...

Poderiamos tambem citar, e muito a proposito, o maior illustrador de todos os tempos, o maior genio da gravura, o homem que reproduzindo com o lapis o que outros homens conceberam com a chamma scintillante dos seus cerebros privilegiados, tornou-se tão grande como esses seres de excepção e vive, com elles, até hoje e com elles permanecerá na memoria dos homens até o fim dos seculos: Gustavo Doré. E chego ao cumulo de só conceber "A Divina Comedia" ou "O Paraiso Perdido", ou as "Fabulas de La Fontaine" confundindo num só todo seus autores e seu illustrador...

De facto, fixa-se melhor a imagem evocada, guardam-se mais nitidamente os detalhes descriptos, si o autor tem a ajudal-o a habilidade de um illustrador de merito.

Tambem, si não fôr um artista que comprehenda intimamente o autor que illustra, que o siga nos seus mais occultos meandros intellectuaes, que o julgue e interprete sem o menor vislumbre de dubiedade ou insegurança, melhor será que a tanto não se aventure. Dahi a infelicidade ou a inoppor-

Desenho de Gilberto Trompowsky. "Reisinho desdescalço", de Henrique Pongetti.

tunidade de tantas e tantas illustrações. Com effeito, ha autores de difficil interpretação por parte dos pintores e desenhistas. Ao que se saiba, Dostoiewsky, por exemplo, com aquella sua cara de cretino e corpo de burguez vendeiro... Que attentado!

Não fujamos, porém, á nossa materia. Falemos da illustração no livro brasileiro

Trichromia. Trabalho de J. Carlos para a capa do livro "Dora, pedacinho de gente", de Benjamim Costallat.

não encontrou illustradores. Tambem, pudera... Seus romances, tão pouco descriptivos, tão intensamente animicos, tão interiores, tão perdidos no escuro (escuro ou claro?) do sub-consciente, devem infundir receio á superficialidade dos homens, e certamente, estes não encontrarão tintas ou traços para concretizar as personagens dostoiewskyanas. Os americanos quizeram representar Raskolnikoff pelo Petter Lorre, (quasi poderiamos dizer: falemos da não existencia da illustração no livro brasileiro). Que mais vemos, além das duas tentativas de inicio referidas? Nada... Infelizmente, nada... No emtanto, não nos faltam obras altamente illustraveis e artistas esplendidamente aproveitaveis. Toda a producção nacionalista de Alencar, a obra curiosa e licenciosa de Azevedo, o romance fino e ironico de Machado de Assis,

a prosa labyrinthica e impeccavel de Coelho Netto, poderiam ser entregues sem receio de insuccesso ao lapis habilidoso de Henrique Cavalleiro, de Oswaldo Texeira, de

F. Acquarone é autor e illustrador do livro "Os grandes bemfeitores da Humanidade". Reproduzimos um dos seus bellos desenhos.

Santa Rosa, de Carlos Cavalcanti, de Paulo Werneck.

Mas de que serve pisar-se o terreno incerto das hypotheses ou malhar no ferro frio da impassividade dos nossos editores, quando até os nossos grandes livros são cedidos á ganancia de empresas estrangeiras (estrangeiras, propriamente, não; — internacionaes, porquanto judaicas) que só visam grandes lucros? Valha-nos ao menos a idéa de que na mão *delles* ainda temos a opportunidade de possuir uma collecção completa e de luxo das obras do creador de *Quincas Borba* ou do autor da nossa mais completa *Historia do Brasil*. Antes isso...

Será tarefa do tempo essa da illustração do nosso livro de literatura. As empresas editoras verão, com o augmento do pu-

Uma illustração de **Paulo Werneck** para
"OS OLHOS DO IRMÃO ETERNO"
de **Stefan Zweig.**

blico ledor, com o progresso da nossa industria do papel, com o maior interesse pela educação e bôa orientação do povo por parte dos poderes publicos — aos quaes compete, entre muitas attribuições, a de crear bibliothecas modelos em todas as escolas sob a fiscalização official — a necessidade de apresentar livros mais attrahentes, onde os nossos artistas de valor tenham occasião de patentear os seus predicados e habilidades.

Trichromia. Original de Gilberto Trompowsky para o livro "Mãe da Lua", de Oswaldo Orico.

Por emquanto, aos nossos desenhistas apenas se tem permittido revelar-se na literatura para a infancia. Tornando-se indispensavel prender a attenção da meninada por alguma coisa mais do que o simples texto, torna-se preciso o concurso do illustrador.

E' possivel citar-se meia duzia de nomes, e paginas mais ou menos interessantes apresentam-se de vez em quando nessa especialidade.

Henrique Cavalleiro na "Historia do Paiz das Fadas", de Gondim da Fonseca, produ-

ziu estampas de notavel delicadeza e fino talento.

J. Carlos, illustrando diversas historietas infantis, mostra ser um desenhista original e inconfundivel.

Um dos excellentes desenhos de Paulo Werneck na novella de Ernani Fornari "Emquanto ella dorme".

João Fahrion, cooperando com a sua arte apurada e discreta (um verdadeiro desenhista para creanças), vem dando especial realce á collecção infantil da Livraria do Globo.

F. Acquarone, fixando com propriedade passagens interessantes de "A Volta do Mundo por dois Garotos", impõe seu nome no genero.

Santa Rosa, ás vezes tão exaggerado mas sempre tão Santa Rosa, acaba de se revelar em "As Historias da Velha Totonia", de Lins do Rego, um bello desenhista para a *cambada meúda* (elle gosta muito de expressões como esta).

Cicero Valladares, que na Bibliotheca Infantil de "O Tico-Tico", tem dado sempre tão bôas provas de si, podia, sem receio, ter illustrado Perrault ou os irmãos Grimm.

Paulo Werneck, de traços sobrios, por vezes simples de mais, mas interessante quando quer ser interessante, é um dos melhores illustradores do Brasil.

E Gilberto Trompowsky, o consagrado decorador patricio, mostra-se não menos habil desenhista de textos infantis, ao interpretar o "Reisinho Descalço", de Henrique Pongetti e "Mãe da Lua", de Oswaldo Orico.

E Edgard Goetz, da "Globo", e Alceu o delicado desenhista infantil do supplemento de "O Jornal"...

Poderia citar alguns outros. Creio, porém, que enumerei os melhores, salvo alguma omissão. Cifra escassa. Escassa principalmente pela falta de estimulo. Não ha mingoa de artistas de merito entre nós, ha, sim, desinteresse e displicencia por parte de quem lê e de quem apresenta o livro. Vamos, todavia, entrar numa nova phase. O Ministerio da Educação, sob sabia orientação, vem incentivando a nossa gente do livro: escriptores, editores, illustradores. Acaba, por exemplo, de instituir premios para livros infantis. Será um concurso interessante e outros serão organizados em seguida. Dias melhores, e proximos, nos estão reservados. Escriptores de merecimento, desenhistas de valor breve terão suas opportunidades, porque a industria do livro no Brasil está se tornando um facto incontestavel.

Luiz Perlotti, *esculptor argentino, veio ao Brasil*

O esculptor argentino Luiz Perlotti, em seu gabinete de trabalho, numa photographia tirada no anno de 1926, em Buenos Aires, e até agora inédita.

LUIZ Perlotti visitou-nos em 1936 e, no Rio de Janeiro, expoz alguns de seus trabalhos, que foram apreciadissimos. O esculptor argentino revelou aos artistas nacionaes a incrivel, a infinita riqueza de themas americanistas, que, espiritualizados pela alma do estheta, si não criam novos processos technicos, indiscutivelmente dão ao conjunto do genio latino, adaptado ás terras de Colón, uma physionomia bastante curiosa e quiçá caracteristica.

Luiz Perlotti vale-se da madeira dura como materia prima para seus magnificos rasgos de inspiração. Com ella, as mãos do habil mestre tornam palpaveis os sonhos multi-seculares, as velhas tragedias e a ignea alegria das classes desprotegidas e incultas do Novo Mundo. Elle não encosta á materia prima o politico de gesticulação imitada, o mimetico e abastado industrial de pantagruelica pança, nem o condecorado figurão de fardões vistosos, porque o gaúcho expontaneo e forte, o melancolico aimará, o quichua mudo em seu martyrio, o servo resignado dos hervaes e os outros homens de carne e osso deste enorme continente que nos coube lhe prendem o coração e o pensamento.

A obra esculptorica de Luiz Perlotti é um continuado symbolismo dos ideaes e actividades dos povos da America. Nella notam-se, em combinação transcendente, elementos de varia origem: o fundo psychico é e tinha de ser europeu, porém as manifestações particulares que se agglomeram a seu redor são oriundas da complexidade da alma desses typos que já descem á escuridão da memoria e ainda projectam sombras no presente.

O Brasil encontrou em Luiz Perlotti um amigo de verdade, que, por diversas occasiões, traduziu seu enthusiasmo pelos nossos motivos gravando na madeira dura imagens representativas de sentimentos que nos são caros. Além de tudo, o esculptor argentino, em Buenos Aires, desinteressadamente, nunca deixou de buscar a convivencia de brasileiros, que, na sua hospitaleira casa, se sentem á vontade e como no proprio lar.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A PINTURA BRASILEIRA

(PHRASES DE UM DISCURSO)

Carlos Rubens
(Da Academia Carioca de Letras)

Gonzaga Duque affirmou que a colonia Le Breton concorreu, involuntariamente, para retirar á nossa arte a feição nativa e a originalidade e mostrou como os nossos primeiros artistas, destacadamente Leandro Joaquim, não deixaram de evidenciar notavel aptidão para o colorido e muita disposição para o estudo da natureza bruta.

Com o ensinamento da colonia desappareceram os nossos coloristas e paisagistas, para dar lugar a artistas mais instruidos porém menos habilidosos.

Tendo classificado a nossa existencia em dois periodos, *manifestação* e *movimento*, adianta que os pintores do primeiro se inspiraram na Biblia, na mythologia e na historia antiga, emquanto os do segundo daquelles pouco differençavam. E proseguia:

"O romance, a poesia, a historia do paiz nenhuma influencia tiveram nessas obras que permaneceram inviolaveis ao pallido alvorecer do pensamento nacional. Onde o *Y-Juca-Pirama*, os *Tymbiras*, o *Guarany*? Onde as scenas tão commoventes da Cachoeira de Paulo Affonso, as descripções tão verdadeiras do poemeto de Varella, os personagens tão sympathicos de Bernardo Guimarães, os typos communs e bem delineados de Manoel de Almeida e Macedo? Onde a vida dos nossos tropeiros, a representação das scenas da roça, da existencia das fazendas, os costumes dos escravos? Onde os assumptos de nossa historia, aquelles assumptos que indiscutivelmente nos falam da formação da patria, os episodios das bandeiras e da catechese, os factos da Independencia e da Inconfidencia? E Gonzaga Duque inqueria á certa altura:

Este desnacionalismo ameaça continuar? Suas palavras não tiveram resposta.

Quem olha a arte que ahi anda, espesinhada, humilhada, inalterada, sente a falta de sentimento, de ar local, de ambiente, de caracteristicos indigenas. Falta-lhe espirito nativo, expressão brasileira.

Nasceu sem o *humour* da terra moça, embalou-se ao fulgor de sóes extranhos, ambientou-se noutras patrias. Nossas pinturas foram sempre alheias á vida nacional, á maravilha da natureza circundante, á parte ao espirito nacionalista. A arte que fazem sob varias influencias não tem feição nativa.

A estadia na Europa, que devia ser apenas de aperfeiçoamento technico, desvia-lhes as tendencias, rouba-lhes o *facies* nacional, desnorteia-os. Transforma-os.

Quando regressam com a gloria do Premio de Viagem vêm differentes. Estrangeiros.

Os assumptos nacionaes não os preoccupam. A natureza os atemoriza. Acham-na irritante e oppressiva... porque a não interpretam com a luz, a côr e os verdes que a tornam singular.

Os acontecimentos que deviam viver na téla — lição escripta com a palheta — como se perpetuam no livro, são esquecidos ou propositadamente renegados.

— Que factos nacionaes? — perguntam. Onde assumptos brasileiros? Que é brasilidade?

Entretanto, os factos ahi estão desafiando pinceis habeis. Os assumptos idem. O espirito de brasilidade pulsando, sadio, nelles mesmos, porque elles são brasileiros. Que não temos motivos? Mentira. Que não temos historia? Ainda mentira. Que não temos ambiente? Sempre mentira.

O descobrimento, a meninice da nacionalização, a catechese dos selvicolas, os jesuitas abrindo roteiros á civilisação, a audacia das bandeiras rasgando o sertão bravio, são motivos.

O despertar do sentimento nacional no Brasil jovem arremettendo contra o invasor, defendendo a posse da terra maravilhosa, as campanhas contra reinóes, francezes e espanhoes, as luctas pela inconfidencia mineira — são motivos.

A epopéa negra dos palmares, Felippe Camarão, Ararigboia, Calabar, Maria Quiteria, as heroinas de Tejucupapo, Benta Pereira — são motivos.

Ainda motivos as luctas pela Republica e pela Abolição, as lendas, os costumes e as tradições. Repontam os motivos na alegre faina das lavouras, nos labores da industria, nas actividades de todo o dia.

Se nos faltassem acontecimentos lyricos ou heroicos, inspiração de toda ordem, ahi estaria a natureza fecundante, rica e inegualavelmente formosa, ahi estaria a terra farta e moça na graça de sua belleza triumphal, musa feiticeira e eterna, chamando poetas e pintores ao extase da sua poesia infinita. E da obra feita com esses motivos, interpretados com a luz propria, com o seu ar proprio e a sua feição propria, resultaria uma pintura caracteristica, uma pintura nossa, uma pintura brasileira, a pintura que, confiamos em Deus, um dia virá.

O momento de renovação por que passa o espirito universal ha-de influir tambem na nossa arte e orientar os nossos artistas para uma melhor comprehensão de brasilidade.

Posso concluir como Gonzaga Duque, quando dizia que si o povo se apura para uma definida aspiração nacional, si os factores da sua formação lhe transmittiram intensamente o seu sentir e o seu modo de ser, que nós, felizmente, contamos; si a sua expressão depende de uma só lingua, embora adoptada e corrompida, este povo virá ter, indubitavelmente, a sua arte.

"— Esperemos, pois, por esse dia proximo, e arte caracteristica, verdadeiramente brasileira, surgirá desta natureza admiravel, desta luz de ouro, da alma popular feita com a nostalgia do indio, a infallibilidade animal do africano e a alma lyrica do portuguez marujo e exul. Ella surgirá então, integra, palpitante, impressionantemente bella, como surgiram sob a febre tremente dos cinzeis os marmores hellenicos, arrancados á adoração profunda da Forma soberana e immortal!"

CAPITÚ

QUADRO de Joaquim da Rocha Ferreira, indicado pelo Jury do Salão de Bellas Artes de 1936 ao Premio de Viagem. Um dos melhores quadros do anno. Talvez influisse nessa decisão o caracter bem brasileiro do trabalho, inspirado numa das personagens de Machado de Assis.

SOMNO

TELA com que Manoel Constantino conquistou o Premio de Viagem á Europa, do Salão de Bellas Artes de 1936. Esse trabalho do notavel pintor patricio, realmente de grande merito, motivou divergencias entre o Jury e o Conselho, razão pela qual não ficou definida a escolha do seu autor ao premio maximo da pintura nacional.

A arte da Illustração

F. Acquarone

"Quando escrevo e falo em mim, no singular, supponho uma confabulação com o leitor; por isso mesmo, póde elle examinar, discutir, duvidar e até rir; quando me armo, porém, com o temivel Nós, falo como mestre, e então é necessario que elle se submetta."

(BRILLAT-SAVARIN — Prefacio da "Physiologia do Gosto").

Ha livros illustrados e livros que contêm illustrações... O livro verdadeiramente illustrado é aquelle cujos desenhos vêm, de fórma positiva, fixar-lhe o ambiente, mostrando aos olhos do leitor, scenas e aspectos descriptos pelo autor.

Para attingir a tanto, é necessario que o illustrador penetre o espirito da obra a illustrar, completando graphicamente o pensamento do escriptor.

Entre nós, é animadora a marcha do livro illustrado; anda por aqui, todavia, uma extranhã desorientação nesse terreno.

Os editores já sentiram a influencia que exerce sobre o publico, como elemento de preferencia, o livro com desenhos de fulano ou sicrano.

Tanto a literatura infantil, como a literatura juvenil e a policial, a de aventuras, o romance ou a novella de costumes, tudo, tudo o que é livro, — mesmo os scientificos, — deve ser completado com "bonecos", apresentando dest'arte uma suggestão dupla ao leitor.

Para os espiritos jovens, especialmente, isto representa uma vantagem de valor indiscutivel.

Nos livros destinados á juventude, o desenho exerce um notavel papel esclarecedor e funcciona como um auxiliar da imaginação, ajudando o leitor a "fazer uma idéa real" do que está lendo.

Descendo dos jovens ás creanças até dez annos, a vantagem, então, já não é mais discutivel, mas necessaria.

E' que nessa idade o espirito precisa antes "ver" a scena que o autor propõe, ao invés de "imaginal-a", mediante simples leitura.

O mundo objectivo das creanças é por demais restricto, os seus conhecimentos cingem-se apenas ás coisas que as cercam.

Descreva-lhes alguem, de mil fórmas possiveis, um animal extranho ou qualquer coisa que ellas nunca tenham visto, e difficilmente os leitoresinhos farão uma idéa exacta do que se pretende descrever.

Apresente-se-lhes, porém, um desenho dessa mesma coisa descripta e elles nunca mais a esquecerão.

Como elemento de fixação de imagens no espirito infantil a illustração é, pois, insubstituivel. De resto, já é por demais sabido que a memoria visual grava de maneira mais profunda do que a memoria mental.

De que maneira, porém, devem ser apresentados os modelos que se fixarão na retina das creanças e as acompanharão para sempre, visto que as impressões colhidas na infancia tornam-se indeleveis para o resto da vida?...

Como se deve illustrar um livro? Qual o "estylo" de desenho mais apropriado? "Ecco il problema!"...

Antes da "civilisação" *yankee* ter abafado o mundo com a sua alegria ruidosa, a creança, coitadinha, não merecia lá muita consideração da gente graúda...

No velho mundo, — velhissimo mesmo, — as idéas maduras absorviam o cerebro dos homens,

gerando nelles uma série de "pensamentos graves e problemas de grande responsabilidade".

A creatura, emquanto pequenina, não preoccupava ninguem. Só valia alguma coisa quando crescia e ficava da altura das pessôas grandes...

O europeu, de fórma geral, fez-se homem sem nunca ter sido creança. As gerações ainda jovens pendiam a cabeça para a meditação religiosa, philosophia, moral, ou o que o diabo seja...

Da nebulosa idade-média o europeu entrou naquelle romantismo morbido em que creanças de doze e quinze annos apenas suspiravam pallidas, anemicas e chloroticas, lendo e imitando os Werthers, os Jocelyns, os Abelardos, etc. O typo ideal chegou a ser a mulher roida pela tuberculose, rolando os olhos macilentos no fundo de grandes olheiras iodadas. Os homens afiavam as pennas de pato e... tome verso!...

E' facil imaginar o que não seria a vida das creanças, verdadeiramente creanças, em tal época e em tal ambiente.

Educação infantil!... Nunca ninguem conseguira pronunciar essas duas palavras juntas!...

Os pobresinhos de calças de veludo até os pés, ou com oito saias cobrindo-lhes pudicamente as perninhas "immoraes", viviam postergados nas alcovas sem ar e nas aguas-furtadas. Não appareciam ás visitas, não se sentavam á mesa com as pessôas grandes, mas... aprendiam o latim ministrado por preceptores sinistros, que empunhavam vastas palmatorias.

Livros infantis — é claro — não podiam existir.

Apenas, na Allemanha, os irmãos Grimm e, em França, Perrault e o abbade Schimidt tentavam alguma coisa no genero.

Todo o mundo sabe, no entanto, que as suas maravilhosas historias de fadas eram, infelizmente, narradas em linguagem pouco accessivel ás creanças. Hoje, são ellas conhecidas, mercê de vulgarisações mais simples, posteriormente feitas.

Era este o ambiente em que se "educavam" as creanças européas... Cá deste lado, porém, a America já era mais do que uma promessa da grande realisação que seria mais tarde. Gente nova, sem tradições e sem velharias no espirito, pullulando em um scenario amplissimo e vigoroso de terras ainda virgens, mas de fertilidade espantosa, era natural que enveredasse por rumos novos, provocando completa subversão nos chamados "processos" de civilisação...

Nestas bandas do Atlantico ninguem comprehendeu a anemia nem a tysica como ideal de coisa alguma. O typo forte, saudavel, eugenico tornou-se dominante.

Para tanto era necessaria a educação physica, a gymnastica e, no mundo dos pequeninos, a puericultura. E toda a gente voltou os olhos para a creança...

Estava ali o germen das futuras gerações! Para se obter uma arvore forte e vigorosa, era mistér cuidar da plantinha, emquanto tenra.

Surgiu, então, um mundo de cuidados e de processos de educação do corpo e do espirito.

A garotada é que lucrou. Arrancaram-lhe a roupinha inutil e ella veiu para as praias e para os parques. E tome comidas com vitaminas. Regimen de ar e luz; e centenas e centenas de volumes foram escriptos para ensinar a toda a gente a cuidar das plantinhas tenras...

Quanto aos collegios, nem é bom falar nelles. Surgiram mil e um processos de modelar o espirito de accordo com o physico.

A par de tudo isso, um diluvio de livros contendo todas as especies de literatura inundou o paiz, extravasou além fronteiras e impoz ao resto do globo o exemplo americano, que acabava de enthronizar Sua Magestade a Creança!... E a creança começou, de facto, a reinar.

Festas infantis; theatro infantil; jornaes infantis; cinema infantil; literatura infantil... A creança, sempre a creança, dominando toda a gente grande...

*
* *

Tudo isto, que ahi ficou dito, vem a proposito de livros illustrados. Mas... como assim?

E' simples. Os unicos livros, hoje em dia, que os editores mandar encher de bonecos, são os de literatura infantil.

Como já ficou demonstrado que aos americanos do Norte cabe a paternidade desse movimento mundial "pró-parvula", é logico que deve caber tambem a elles a palavra mais autorisada no assumpto.

Partindo, por exemplo, do criterio já exposto, de que a creança, commodamente, não se deve entregar ao trabalho exhaustivo de "imaginar", mas, antes, "ver" o que se lhe pretende ensinar, chegaram os *yankees* á conclusão de que as illustrações de livros infantis devem representar a realidade, o mais exactamente possivel. A propria caricatura é anti-didactica.

O espirito das creanças não se habitua ás deformações. Antes, as repelle. Cá por mim, não vou na opinião de muita gente que affirma a preferencia dos garotos pelos desenhos ingenuos, feitos por elles mesmos.

O chamado "dadaismo" não passou de blague... Então, porque uma creança, inhabilmente, não póde fazer obra bôa, vae preferir tudo o que é imperfeito?...

Claro que não. Affirmo isto, porque já colhi a respeito muitas opiniões de gente miuda "abalisada"...

Chega-se, portanto, ao seguinte: os desenhos para os livros de creanças devem reproduzir fielmente o mundo que as cerca; e, nisso, os americanos são insuperaveis. Basta folhear os maravilhosos volumes infantis que se editam ás centenas na terra estadunidense.

Os romances policiaes tambem são magnificamente desenhados; e as collecções femininas; e as notabilissimas historias de mocinho no Oeste Americano, cheias de "cow-boys", indios e "trincas" de bandidos...

Ha, nesses livros, composições artisticas que valem por verdadeiros quadros.

Aquarellas, sanguineas, oleos, gouaches, bicos-de-penna, têmperas, carvões, tudo, tudo o que é processo de desenho ou pintura se encontra nas paginas de taes livros, bem como nos milhares de jornaes, revistas, supplementos, e no campo extensissimo da publicidade.

Illustração, para mim, é a americana. E' desenho de verdade, sem tapeação nem enfeites...

Os artistas indigenas que passam a vida diante dos cavaletes, borrando telas ,costumam estirar o beiço, em ar desdenhoso, e, do alto da sua autoridade miguelangelesca, soltam bolas:

— Ora! Arte mercantil! Arte industrial!...

Mas a gente vae ás exposições e aos "salões" daqui, e o que é que vê?

Uma porção de paysagens mostrando o Pão de Assucar, o Corcovado e outros morros no meio de mangueiras e bananeiras.

Tudo, quasi tudo muito sujo e mal desenhado. (Ha poucas excepções, é claro). Quando surge uma figura, é aquella lindeza: nús contorcionistas, deformados, clamando por intervenções orthopedicas.

Na hora da composição, então, (o que é rarissimo) vae tudo por agua abaixo: perspectiva, ambientação, anatomia, proporção, etc., etc.

A's vezes o artista aqui resolve invadir o campo da illustração, trazendo para o papel impresso o peso das suas medalhas... E do seu lapis vão nascendo os bonecos mal traçados, sem vigor e sem volume que nós todos vemos.

E' que a illustração constitue um genero especial e que reclama aptidões proprias.

Além disso requer um longo e pertinaz treino — para o artista poder "desenhar de cór".

Aqui, os livros illustrados que apparecem cada anno, já se contam por dezenas. Bem illustrados? Mal illustrados? Questão de preferencia...

O numero de illustradores é ainda diminuto. Ha os *academicos*, os *modernistas*, os que sabem desenhar e os que não sabem mesmo desenhar... Os "modernos"! Essa febre de procurar expressões novas na Arte — cujos principios são immutaveis e eternos, — invadiu a pintura, o desenho e, portanto, a illustração.

Para mim, a arte moderna se compraz na expressão do inexprimivel, na traducção vaga de perplexidades do espirito, de impressões confusas do sub-consciente, de nebulosas interrogações de uma alma que se procura a si mesma. A este esforço de gravar o "impreciso", o "indefinivel", o "longinquo", corresponde sempre uma technica imprecisa, ou melhor, a ausencia completa de technica.

Estas considerações de Julio Dantas, — um dos mais perfeitos espiritos de estheta que conheço, — applicam-se á maravilha, tanto á poesia como á pintura modernas, cuja "carencia de nitidez e de logica na expressão, attribue a muitas composições com caracter accentuadamente enigmatico".

Deduz-se, por ahi, que as illustrações de livros, pelos artistas modernistas, não logram lá muito effeito.

O publico, — o livro é destinado ás massas e não a meia duzia de eleitos, — não digere essas irregularidades, essas arithmias, essas dismorphéas no desenho que não se sujeita aos canones nem precisa de aprendizado algum...

Felizmente, não é só aqui que se verifica essa precaução em acceitar taes livros... Em França, os volumes mais lindamente illustrados são aquelles que trazem as aquarellas de René Lelang, R. Vincent, Herouard e tantos outros.

Gustavo Doré, o notabilissimo Doré, desenhava as composições mais phantasticas possiveis sem nunca esquecer que a anatomia é uma sciencia rigorosa e bem definida. J. Matania, esse formidavel italiano, contractado em Londres, é o typo perfeito do "academico"... Apenas, para fazer o que Matania faz é preciso possuir alguma coisa de genial. Coisa identica se passa com Roque Gameiro, que encheu de aquarellas incriveis as obras-primas literarias de Portugal.

Ségrelles, conhecido no mundo inteiro, illustrou, — não ha muito tempo, — o "Inferno" de Dante. Entre a sua arte e a de Doré medeiam abysmos. Ségrelles, todavia, interpretou as visões dantescas com a precisão e a correcção im-

peccaveis da sua maneira pessoal e que o tornaram um dos mais respeitaveis artistas deste planeta.

Muita gente diz que os americanos servem-se da photographia, do pantographo, do aerographo e... de algo mais.

Não importa! A mim, pelo menos, não me interessam os "processos" com os quaes se realiza uma obra de arte, (desde que não haja o plagio). O que eu quero vêr é o resultado obtido.

Como sahiu ella? Admiravel?... Pois então está acabado...

De que serve cingir-se o artista ao uso exclusivo do modelo (em logar de desenhar de cór), a "tirar" a paysagem *in loco* (em logar de "creal-a") se, no fim de contas, sae coisa inferior?

Escolastica em pintura é coisa que não deve existir.

De resto, os que falam assim, falam apenas de má lingua.

Vamos e venhamos; para fazer aquellas illustrações attrahentissimas que os americanos espalham por toda a parte, é preciso saber desenhar e saber pintar... E quem julgar o contrario, que experimente...

Quanto á moderna escola do deformismo, esta sim, é que não apresenta lá muitas difficuldades.

Acho, comtudo, que ella mesmo poderá ser acceita em determinados casos, como em volumes de poesia ou prosa filiados ás modernas tendencias estheticas; em livros "surrealistas", literatura em que o autor se compraz (como artista de meios-tons) em dissertações subjectivas e mostra repugnancia pelas fórmas nitidas de expressão.

No que respeita, entretanto, aos livros infantis, o desenho "deformista" ahi não encontra campo favoravel.

Para mim, chega a ser condemnavel. Duvido mesmo que haja algum criterio que possa aconselhar o desenho surrealista como elemento capaz de auxiliar a formação mental das creanças.

Em outros campos, porém, a arte dos modernistas attinge o seu "climax". Na publicidade, por exemplo.

O annuncio ou o cartaz, — o reclamo, emfim, — seja elle de que maneira fôr, torna-se sempre attrahente, graças ao synthetismo moderno. Os seus autores reduzem tudo ao minimo, ao simplissimo e apresentam, muitas vezes, impressões infelizes. Procurando a accentuação e o equilibrio das massas de conjuncto, em desprezo quasi absoluto dos detalhes, conseguem, não raro, effeitos surprehendentes.

Mas isto é na publicidade, cujo fim é impressionar em rapido *coup d'œil*. Além disso, publicidade é para gente grande.

Endereçado ao mundo infantil, o padrão de desenho deve ser, pois, o correcto, expressivo, cem por cento "verdadeiro".

Por isso mesmo é que julgo inconsistentes as razões, (quando ellas existem) de muitos editores apresentarem continuamente livros illustrados com esses aleijões modernos que muita gente, por snobismo, "admira" sem saber porquê... Nem consigo mesmo comprehender como é que nos dias de hoje, abarrotados de educação physica e eugenia; dias em que se cultivam as fórmas raras da belleza pura e da plastica perfeita; em que as praias e as piscinas attestam como que um retorno áquelle mundo olympico de outrora, um nucleo de cavalheiros, cheios de bôas intenções mas de visão errada, ande por ahi, pintando figuras horrorosas ,de pés e mãos inchados, sem elegancia de linhas nem eurythmia de contornos!... Muitas dellas dão até a impressão de morpheticos ou impaludados...

E eu fico pensando: será possivel que taes individuos mantem mesmo um sonho de belleza, um ideal de perfeição em torno desses monstrengos, que elles nos apresentam como a ultima expressão da Arte?!...

"Chi lo sà?!" Em todo o caso, eu só desejaria, — como aquelle critico de não sei onde, — que essas figuras um dia "criassem vida" e surgissem deante dos autores de seus dias, atirando-se a elles, em um extranho connubio da creatura com o creador...

*
* *

Tudo o que ficou dito acima não passa de uma confabulação toda intima, sem a estulta pretenção de criticar os processos ou as directrizes artisticas de quem quer que seja.

Louvo-me apenas na propria sinceridade que me obriga a expôr os pensamentos, sem mystificações... Admiro, comtudo, — sem restricção de especie alguma — o longo e porfiado esforço dessa colmeia incansavel de artistas, amigos ou inimigos — mas collegas todos — que lutam em torno de um ideal collimado.

Illustradores, caricaturistas, pintores, academicos ou modernistas, a todos, emfim, incumbe, cada qual em seu sector, o levantamento espiritual das gerações de hoje.

Através do livro especialmente, elles semeiam em profusão tudo o que de bello irá florir no futuro.

A esses, portanto, os applausos irrestrictos de toda a gente de bôa vontade.

Biographos e Historiadores

Velho Sobrinho

Biographar não é historiar. Particularizando a vida de uma determinada personagem, preoccupa-se o biographo, tão sómente, com os factos historicos que directamente se prendem á vida daquella que pretende biographar, sem perder de vista o vulto que se move no ambiente historico, despido aquelle ainda da preoccupação do estudo ou analyse dos acontecimentos, para focalisar apenas a individualidade a retratar. Para o historiador, já o scenario é mais amplo. Perdido o cunho individual, o seu estudo se prende mais aos factos que ás personagens, méros actores ou comparsas então dos feitos que marcam a evolução de um povo no decorrer dos seculos. A uns e a outros, entretanto, verdade e exactidão são as condições exigidas, a par de clareza, simplicidade, polidez e concisão.

Juiz sereno e imparcial, o historiador, deprimindo ou exaltando, será levado fatalmente ao estudo de antecedentes de toda a ordem, de fórma a poder ajuizar conscienciosamente a conducta de um homem em determinado facto ou periodo historico que pretende registar ou assignalar. Não póde, assim, a historia ser immediata e apressada. Na pesquisa paciente de archivos que dizem respeito aos vultos e ás épocas historicas, no cotejo de documentos, no estudo minucioso das condições que os levaram a certas e determinadas attitudes, o historiador não se apressará no julgamento sobretudo dos contemporaneos. A biographia, porém, póde ser imminente. Simples relatar da vida do biographado, nunca será um panegyrico nem uma diatribe, antes uma fonte de informações seguras para aquelles que a consultam, buscando factos que devem servir de base á sua opinião acerca do homem de quem se escreve, e não lhe interessando a opinião daquelle que sobre elle escreve. Cornelio Nepote é bem um modelo do biographo imparcial. Escrevendo sobre Amilcar ou Annibal, Catão ou Atico, não foi romano nem carthaginez, foi apenas um biographo, relatando as suas vidas com veracidade e sem paixão.

Um celebre jurisconsulto dizia da biographia dos contemporaneos: — "Seria para se desejar que se não fizesse nenhuma; mas logo que appareceu a primeira, a segunda se tornou necessaria." Isso porque a multiplicidade nasceu da parcialidade. Certos autores, commentando e deturpando os factos, ultrapassaram os limites do genero, sendo preciso contradizel-os e apontar-lhes os erros, porque nem todos eram involuntarios, trazendo a replica o cunho do espirito de reacção. Dahi a multiplicidade de estudos biographicos, acarretando, ao biographo consciencioso, grandes embaraços no apuro da verdade. Voltaire, escrevendo a "Vida de Carlos XII"; Robertson, a "Vida de Carlos V", e Watson a "Vida de Felippe II de Espanha", de que Thomson foi o continuador, tornaram-se verdadeiros padrões no genero biographia historica.

Foram estas as considerações que nos occorreram quando, ha cerca de 15 annos, começámos a colligir apontamentos para o "Diccionario Bio-Bibliographico Brasileiro", cujo 1.º volume se acha a termo de publicação.

IMPRESSÕES, N. 3

Neves-Manta

1. DO GENERO HUMANO...

1.

A familia contemporanea está dividida em dois grupos formidaveis: os syntonos, — typos communicativos, praticos, desenvoltos, parlapatões, tranquillos, humoristicos e vibrateis; e os esquizoides, — frios uns, distinctos outros, egoisticos, seccos, laconicos, sempre idealistas. Nestes dois grupos se encontra realmente toda a collectividade humana. E assim, nem mesmo Freud — em cujos estudos de psycanalyse, através de uma retrospecção psycanalytica, já se encontraram nuanças de homo-sexualidade — escapa á chave dos reformadores coêvos. Não só Freud. A nata da philosophia humana tambem. Os pensadores luminosos — Bergson, de *Le Rire*, á frente. E Rodin, de *Le Penseur*. Wilde, das *Ballades*. Carco, de *Jesus la Caille*. André Gide, de *L'Immoraliste*, etc., etc. Ninguem, em summa, foge ao quadro nosographico da sciencia krestschmeriana!...

2.

Ao primeiro lance d'olhos, ha exaggeros na synthese do psychologo allemão.

Todavia, encarados o caracter, o temperamento e a constituição individual nos pontos devidos, os exaggeros inexistem. E Kretschmer tem razão.

3.

A familia contemporanea está realmente dividida em dois grupos: syntonos e esquizoides. Entre os dois, a mentalidade mais forte é a dos segundos.E no terreno das espraiações intellectuaes sua projecção tem sido maxima.

Esquizoide foi Shakespeare. Machado de Assis foi-o tambem, com ter sido um epileptico. Raul Pompéa, ainda, imbuido sempre na sua existencia interior. Na sua interioridade augusta. Foi Chopin, que se furtava aos raios da luz matutina. E tinha ansias de exalçamento na serenidade dos retiros penumbrosos, onde a autocontemplação quase narcisica de suas harmonias funebres encontrava motivo para as excogitações dos pensamentos musicaes.

Esquizoide foi Ibsen, cujo theatro (d'*Os Espectros* a *Uma Casa de Bonecas*) viveu e "viverá pela imagem das lutas e dos conflictos humanos", a que elle soube emprestar immorredoura vitalidade. — Ibsen, precursor do socialismo moderno, e que viveu

sozinho num mundo seu, tendo por guia uma chamma perenne de eterna existencia interior.

Esquizoide é, finalmente, D'Annunzio. Arredio já hoje. Reintegrado no seu eu. Vivendo para si. Abstracto da fugacidade chocante da mechanica moderna e dissociado do mundo contemporaneo pela d'annunziolatria de todas as suas manifestações estheticas, politicas ou sociaes, não admitte outra que não a sua philosophia. Delle, do luminoso d'*O Innocente*, se poderia dizer com precisão, traçando-se-lhe a psychlogia, que é um individuo cujas reacções instinctivas neste instante não correspondem, em absoluto, á intensidade dos phenomenos plasticos ou sociogenicos. A vida é-lhe indifferente, quasi. Ou antes, indifferente lhe é.

Imbuido numa tunica negra, diz-se Francisco de Assis, o asceta. Mas não pratica, como o santo dos christãos! Prefere delle, tão só, a tunica. E talvez a serenidade de alguns gestos mysticos.

A D'Annunzio, por isto, bem se lhe applicaria o conceito oscarwildeano. Conceito que explica de uma maneira admiravel o motivo da entidade nosologica, a que Bleuler ligou para sempre o nome.

Nada do que diariamente se desenrola tem a minima importancia...

4.

Já vale a pena, em verdade, ter-se talento para se ter na testa, a fogo, um diagnostico rutilante! E quando este talento assume as proporções da genialidade, é quando mais florejam os brotos pujantes das arvores encantadoras! Eu, de mim para mim, entre a communicabilidade sympathica dos futebóleres syntonicos, admiro muito mais a misanthropia aggressiva da philosophia esquizoidica. A' sua arte, á sua sciencia me inclinaria numa homenagem...

5.

Que importa á humanidade que as rosas candidas e bellas de um roseiral florido e maravilhoso, ascendem da cerne tosca de uma natureza enferma?

2. O CRIME E AS ENDOCRINOSES

1.

A imaginação da gente, não raro, póde mais que a casuistica do experimentador. E, sem se querer, presente-se muita vez o que paira para trás das cortinas do futuro: adivinha-se. Faz-se mistér na vida por isso mesmo deixar-se muita vez o cerebro á vontade. Na sua irresponsabilidade de orgam autonomo...

2.

Ha annos escrevi:

"Com o surto novo da endocrinologia, um capitulo, parece-me, ainda não foi esmiuçado com a devida percusciencia: aquelle que liga á mente a glandula e entresacha o pensamento quotidiano ao hormonio visceral. Assim, a neurose de muitos, se bem — permitta-se-nos — uma neurose psychógena, isto é, mais um reflexo do encephalo enfermo que do nervo expauperado; assim a neurose de muitos teria com mais facilidade uma explicativa no terreno glandular do que uma deducção positiva no proprio ambito da psychiatria contemporanea. Entretanto, não nos esqueçamos que uma e outra, endocrinopathologia e psychopatologia, se abraçam e se casam — e um ponto até existe tão extricto e unítono, em que ambas, como complemento inapartavel uma da outra, se ajuntam e se apertam de tal geito, que difficultam um raciocinio lateral. Dess'arte, a psychopatologia moderna imprescinde das glandulas e do encephalo; não só a psychopathologia, a criminalogia tambem... Mas, no dia em que no criminoso vulgar a sciencia antes da justiça — essa outra sciencia da vida — a sciencia aperfeiçoadissima souber sondar, não por agulhas de Babinski nem por estetoscopios de Laênnec, as tendencias da cerebralidade intoxicada, na presente ou na passada geração, a face do crime se transmudará. E o assassino de occasião, plethorico ou apathico, hipersaudavel ou atrophico, magnanimo ou pessimo, imbecil ou genial, terá ás paginas da serena medicina o perdão humano e a reclusão hospitalar. Provada a acção toxemica do alcool, da cocaina, da morphina e de outros entorpecentes classi-

cos; provado o estado neuropsychotico como resultante da funcção endócrina perturbada, o assassino como o homem será não o caso commum dos tribunaes, mas, nas condições que se gizaram, o recluso dos frenicomios de uma nação!"

3.

Os trechos acima, por mim firmados, publiquei-os, como capitulo de um livro, no *Diario de Medicina*, em 1925. Mauricio de Medeiros ainda o dirigia. Em seguida, quando os enfexei em volume (*A Individualidade, etc.*", Rio 1928; *A Arte e a Neurose de João do Rio,* Rio 1934) as idéas permaneceram. E maior interesse não despertaram. E não teriam, por certo, se não surgira ha pouco mais de dois annos, o formidavel trabalho de Ruiz-Fuñes, cathedratico de Direito Penal na Universidade de Murcia e Premio Lombroso de 1927, com 350 paginas, — sem duvida alguma uma obra perfeita, — mas que, embora citando approximadamente 500 autores, em linhas geraes, reaffirma apenas o que eu subscriptara havia annos, antes por intuição psychologica que por conclusão experimental...

3. O GENIO DYNAMICO

1.

No estudo moderno da dôr, a vida de Goethe — através das paginas profundamente sentidas de *Werther* — é um capitulo: mostra-se vincada de soffrimento e exaltada de abnegação.

Como a delle — a de outros...

2.

Sua paixão que teve ascensões incandescentes e recúos tristissimos, era bem a expressiva physionomia de um intimo tostado pela conveniencia social.

Todavia, longe de diminuir-lhe os puros sentimentos passionaes, — robustecia-os. Consolidava-os numa compungida insulação, tornando-o jamais um misanthropo — emotivo sempre.

Fel-o isto inscrever, a letras douradas de emoção, num pergaminho da existencia humana, a historia da vida de um homem — a delle mesmo — capaz de por um riso de mulher vender o coração, offerecendo num holocausto de dores o proprio sangue das veias.

Dessarte, o poeta tornou-se na encarnação perfeita dum heroe do amor.

3.

Não só os typos carlylianos, que synthetizam uma fé, norteiam uma sciencia ou devassam uma raça, reflectem o vigor de um principio esthetico ou a consolação de um estado emotivo! Não. Outros, a quem me afiz numa admiração particularissima, viçaram, floriram, enchendo o mundo da arte, e derramando pela propria arte na vida purificadora gotas de prata de lagrimas doloridas e sons apagados de campanarios interiores.

No numero destes, tanto quanto todos, e por vezes mais: Goethe.

4.

Na vida do sabio anormal como na do homem perfeito, por mais infenso ao affecto feminino, ha sempre como inicio artistico um sorriso gracioso de donzella ou como fim esthetico uma gota orvalhada de lagrima de menina.

Por isso mesmo, todos os heroes de Carlyle — guerreiros como Napoleão ou artistas como Walter Scott; todos os super-homens de D'Annunzio, bohemios de Murger ou viajantes de Loti, tiveram a povoar-lhes o berço da vida a graça de um sorriso á Bovary ou a lagrima de uma dôr á Lescault...

Todavia, um pouco mais que elles, Goethe.

Goethe, de quem tanto se diz — do affecto, do espirito e do ser — e de cujo engenho brotou, nativa e viva como uma rosa vermelha, langue e bella, a figura pallida de Carlota; Goethe, cuja unica paixão — principio e fim de um soffrimento! — elevou o artista a Deus, fazendo-o viver para sempre e revelando aos olhos da humanidade, além do artista e sobre o artista, o homem!

Cruz e Souza, Virgilio Varzea e Horacio Carvalho

As duas photographias que, nesta pagina, offerecemos aos intellectuaes brasileiros, são ambas de 1891 e tiradas no mesmo local — a Photographia Americana, antiga Casa Guimarães, de Alves Ferreira & Roltgen, á rua dos Ourives, 38, Capital Federal.

A primeira é um retrato insulado de Cruz e Souza, o **Poeta Negro**, que a dedicou a seu amigo Horacio Carvalho, mallogrado literato, com as seguintes palavras, escriptas no verso: **"Aos profundos laços indissoluveis que nos prendem pelo coração e pelo espirito, meu adorado e idolatrado Horacio, devo eu agora a alegria radiante e saudosa de enviar-te esta expressão da minha physionomia, que não é, no entanto, não exprime intensamente ainda toda a grandeza do meu affecto por ti. — CRUZ E SOUZA. Rio de Janeiro, 16 de Dezembro de 1891."**

A segunda é um grupo: á direita, sentado, Cruz e Souza; no centro, de pé, Virgilio Varzea, e á esquerda, encostado a uma cerca imitada em cimento, Horacio Carvalho.

Nota-se que Cruz e Souza, no grupo, veste a mesma roupa com que se photographára sósinho, naquella opportunidade.

Não precisamos dizer que as duas photographias têm immenso valor historico, como igualmente a retumbante dedicatoria de Cruz e Souza já acima copiada.

A moda actual das biographias, que até entre nós deu algumas obras de relativo merito, não favoreceu a revivescencia da memoria um tanto obscurecida do **Poeta Negro**. Conste, todavia, que muitos de seus discipulos e admiradores guardam, em archivos particulares, elementos interessantes a respeito da vida e da obra do discutido estheta catharinense. As duas photographias, por exemplo, que nos inspiram esta nota, cedeu-no-las o escriptor Sylvio Julio, cujos estudos sobre a arte e as lutas de Cruz e Souza quiçá cheguem a imprimir-se algum dia.

Casimiro de Abreu

Modesto de Abreu
(Da Acad. Carioca de Letras)

O poeta das *Primaveras* poderia ser com propriedade cognominado o nosso poeta "da adolescencia", como Castro Alves o foi "da mocidade". Nenhum escriptor brasileiro, de facto, foi mais simples, mais espontaneo,- mais ingenuo no verso, que o desventurado bardo fluminense. Como muito bem accentuou Ronald de Carvalho no seu "grande livro" — a *Pequena Historia da Literatura Brasileira* — deve-se tal milagre á sua "ignorancia tranquilla de qualquer systema philosophico, literario ou scientifico", pois lhe deu, essa ignorancia, "a sorridente sabedoria que vem de uma alma livre, sem compromissos de nenhuma especie, clara e transparente como um veio dagua que, na sua humildade rasa e confiante, vae reflectindo o mundo sem sentir, e levando em cada palheta mobil e errante, ora o brilho da estrella millenar, ora a sombra da asa ephemera e passageira".

Ao contrario do que succedeu á poesia de Fagundes Varella, Alvares de Azevedo, Gonçalves Dias e Castro Alves, na lyrica de Casimiro nenhum conceito social, nenhuma attitude critica diante dos problemas universaes, nada, a não ser a pura emoção, se encontra representado ou traduzido intencionalmente. São duas notas predominantes: a saudade da patria, o encanto da natureza, o amor juvenil, a tristeza e o presentimento da morte consequente ao pleno conhecimento do seu mal — o terrivel *mal do seculo*. Como na *Canção do Exilio* de G. Dias, o poeta supplicava ao seu Deus que lhe desse de novo "os gozos do seu lar", que lhe permittisse "dormir á sombra dos coqueiros" e o deixasse sentar-se "á beira do riacho, das tardes ao cahir":

"Dá-me os sitios gentis onde eu brincava,
Lá na quadra infantil;
Dá que eu veja uma vez o céu da patria,
O céu do meu Brasil."

Rarissimos talvez dentre os nossos escriptores mais influentes contribuiram tanto como o vate de Indayassú para o caracter primitivo, essencialmente romantico, do patriotismo brasileiro, que ainda hoje se manifesta em balbucies de enternecimento pelas nossas bellezas naturaes, sem ver outros factores mais e mais preponderantes na conceituação crescentemente complexa do Brasil como paiz e como nação. Versos seus de caracter patriotico propagaram-se tanto, que se converteram em definições lapidares da extensão geographica da terra ou em attitudes e tendencias do espirito nacional:

"E' um paiz majestoso
Essa terra de Tupá,
Desde o Amazonas ao Prata,
Do Rio Grande ao Pará!"

"Tem tantas bellezas, tantas,
A minha terra natal,
Que nem as sonha um poeta
E nem as canta um mortal."

"Todos cantam sua terra,
Tambem vou cantar a minha:
Nas debeis cordas da lyra
Hei de fazel-a rainha."

"Si brasileiro eu nasci,
Brasileiro hei de morrer;
Que um filho daquellas mattas
Ama o céu que o viu nascer.

Chora sim, porque tem prantos,
E são sentidos e santos,
Si chora pelos encantos
Que nunca mais ha de ver.

Chora sim, como eu suspiro
Por esses campos que eu amo,
Pelas mangueiras copadas
E o canto do gaturamo;
Pelo rio caudaloso,
Pelo prado tão relvoso
E pelo tiê formoso
Da goiabeira no ramo!"

A contemplação embevecida da natureza suggere-lhe constantemente quadros e imagens de pezar e tristeza, sentimentos de ternura e piedade que se voltam não raro para os obscuros e delicados dramas dos pequenos seres, victimas da brutalidade consciente dos homens ou do inexoravel determinismo inconsciente das cousas. E em tudo o poeta se revê e aos humildes soffredores ignorados se identifica:

"Sou como a pomba, e como as vozes della
E' triste o meu cantar;
— Flôr dos tropicos — cá na Europa fria
Eu definho, chorando noite e dia
Saudades do meu lar.

A jurity suspira sobre as folhas
Seu canto de saudade:
Hymno de angustia, férvido lamento,
Um poema de amor e sentimento,
Um grito de orphandade!

Depois... o caçador chega cantando,
A' pomba faz o tiro...
A bala acerta, e ella cae de bruços,
E a voz lhe morre nos gentis soluços,
No final suspiro..."

A tristeza é por assim dizer ingenita nos versos de Casimiro de Abreu. Mesmo nos poemas menos sombrios, essa dolencia queixosa subjaz formando como que o fundo do quadro. Em *Meus oito annos* — modelo maximo de espontaneidade no versejar em toda a nossa poesia lyrica — ella se entrevê na saudade da "infancia querida que os annos não trazem mais", quando "respira a alma innocencia, como perfumes a flôr". "Em vez das maguas de agora", tinha então o poeta as caricias da mãe e os beijos da irmã! Era o tempo feliz em que, "livre filho das montanhas" elle ia

"...bem satisfeito,
Da camisa aberto o peito,
Pés descalços, braços nús,
Correndo pelas campinas,
A' roda das cachoeiras,
Atraz das asas ligeiras
Das borboletas azues!"

A verdade desses versos é daquellas que encontram immediatamente a sancção de todos os corações. Uma velha canção franceza dizia que "todos nós tivemos vinte annos". Com razão mais evidente, diremos com Casimiro que todos tivemos nossos "oito annos." E nada mais será necessario para entendermos o poeta e com elle vibrarmos no accento elegiaco de seus queixumes. E' tambem Casimiro um poeta de amor, e, como tal, ainda é a tristeza a nota fundamental de sua poética. Porque a timidez, que o avassalava nos arroubos amorosos, é predicado inherente aos tristes:

"E's bella, eu moço; tens amor, eu — medo."

Poeta do amor juvenil, da tristeza, da saudade, do amor á patria, da simplicidade e da vida livre dos campos, no molde da *aurea mediocritas* do epicurista de Tibur, não foi Casimiro de Abreu outra coisa sinão poeta. Mesmo o drama que deixou, e no qual revive a dolorosa e obscura tragedia final do immortal épico dos *Lusiadas*, amparado apenas pelo fiel *Jáu*, mesmo esse trabalho de theatro, de pequeno folego para a grandeza da concepção, é obra de puro poeta, e, além do mais, em verso. A Casimiro não lhe era familiar outra linguagem; poeta ingenito como o vate dos *Tristes* e da *Arte amatoria*,

"Sponte sua carmen numeros veniebat ad aptos;
et, quod tentabat scribere, versus erat."

(OVIDIO, *Tristia*, IV).

O nome de Casimiro de Abreu é, assim, daquelles que merecem com maior direito as homenagens de quantos saibam ainda amar no verso a belleza da simplicidade, a

(Concluc no fim do Annuario)

A harmonia social e o conceito de liberdade de pensar e opinar segundo a philosophia positiva

Arthur Martins Sampaio

A harmonia social depende sobretudo da uniformidade de nossos sentimentos, pensamentos e actos. Ella jamais se poderá estabelecer emquanto não fôr eliminada, dentre os homens, a discordia moral, intellectual e pratica; emquanto a conducta de uns não sendo o coroamento da palavra e esta a expressão do sentimento, for contraria á de outros, as convicções oppostas, e reinar entre os homens um egoismo isolador que os inimisa e separa.

Sua base fundamental consiste em dar á vida humana um destino que permitta estabelecer a cooperação affectiva entre os homens, pois só o refinamento moral do individuo pode estabelecer a harmonia social.

Todo o ser sociavel experimenta, naturalmente, a disposição de servir os outros, ainda que, muitas vezes, não saiba aprecial-a devidamente, por desconhecer que é ella o germen da vida social.

O trabalho, na especie humana, corresponde aos esforços empregados ao serviço do futuro social, pois as actividades praticas, theoricas e estheticas do homem só constituem trabalho quando se destinam a satisfazer as necessidades materiaes, intellectuaes e moraes da sociedade. E, sendo todos os officios que prestam um serviço social igualmente dignos do homem, é mais meritorio o que fôr mais penoso.

A cooperação affectiva entre os seres humanos existe latente na mais elementar das sociedades, que é a Familia, a qual determina a transformação moral dos laços affectivos egoistas, animaes e passageiros, em altruistas sociaes e permanentes, habilitando o homem para desenvolver os sentimentos de amizade, de respeito, de bondade e protecção.

Mas os laços moraes generosos, que ligam os homens entre si, não bastam para estabelecer a harmonia social; é preciso que todos os seres humanos se colliguem em torno de um mesmo centro que os inspire e lhes desperte o sentimento adormecido da solidariedade humana.

Sente-se, assim, que o amor da Familia, tão salutar em beneficios pessoaes, deve ser subordinado ao amor da Patria, bem comprehendido, sem o fortalecimento que tem resultado de odio a outros povos, mas purificado pelas relações internacionaes que tornam as nações mais amigas umas das outras e mais desejosas de cooperação.

Mas, de todos os centros de convergencia, o mais capaz de attrahir, simultaneamente, os sentimentos mais profundos de veneração, de sympathia e de bondade do nosso coração, é a Humanidade, que comprehende todas as Patrias e todas as Familias, de todos os tempos e logares.

E' o amor della que nos ensina a venerar e admirar o Passado, a fraternizar e cooperar com o Presente e a servir com enthusiasmo bondoso o Futuro, sem cogitar de compensações, nem de applausos, visto como por mais que se faça, nunca se dá tanto como se recebe.

A par da harmonia moral, faz-se mister o estabelecimento, tambem, da harmonia mental, não só em cada individuo, como entre os diversos individuos que compõem a sociedade.

E' preciso que cada qual não pretenda ter um conceito proprio da natureza; não se guie só pelo que pensa, como se pensasse melhor que os demais; não procure a verdade absoluta para não cair em divagações inuteis e estereis, cheias de inco-

herencias incapazes de concorrer para a harmonia mental entre os homens, uma vez que o universo deve ser apreciado sob o ponto de vista subjectivo, e, portanto, relativo, de conformidade com as necessidades moraes, intellectuaes e materiaes da natureza humana.

E' indispensavel que a razão individual se subordine a uma fé collectiva, a um conceito geral do mundo, da sociedade e do homem, derivado de concepções scientificas, que se imponham aos espiritos, na apreciação dos phenomenos astronomicos, physicos, chimicos, biologicos, sociologicos e moraes.

Para que a sciencia constitua uma verdadeira fé collectiva que domine a razão individual e estabeleça a harmonia mental nos individuos e na Sociedade, é indispensavel subordinar o objectivo ao subjectivo, o abstracto ao concreto.

Como coroamento da harmonia moral e intellectual, temos a harmonia material, que só se poderá obter, voluntariamente, quando todos os que cooperam tiverem o desejo de concorrer em beneficio do Futuro.

A vida social, na ordem material, se caracteriza pelo trabalho pratico, que suppõe a existencia de necessidades a satisfazer nos outros e a capacidade de cada qual produzir mais do que consome para manter-se na vida.

O excesso da producção sobre o consumo constitue o capital, que, servindo de base ao organismo social, permite a separação dos officios e o concurso dos esforços, sem o que cada um teria que destinar sua actividade a procurar aquillo de que necessitasse.

O capital, constituido pelas provisões de consumo e instrumentos de producção, é social na sua origem e na sua applicação, porque é formado pelo Passado, conservado e desenvolvido pelo Presente, para ser transmittido ao Futuro.

Emquanto o trabalho humano não se destinar ao serviço do Futuro, subsistirá a desharmonia entre os que se julgam proprietarios absolutos do Capital, e os que pensam que trabalham para enriquecel-os e aspiram substituil-os. Igual desharmonia reinará entre os capitalistas que se exploram entre si e que se associam para explorar os povos, incitando-os a todas as extravagancias damnosas, taes como as guerras, si ellas convém ao seu enriquecimento.

Quando patricios e operarios se convencerem simultaneamente de que têm mais deveres do que direitos; quando aquelles comprehenderem que não podem dispôr do capital como lhes aprouver, porque são simples depositarios e administradores delle; quando estes tiverem garantida a sua subsistencia e a das Familias; e, sentindo a dignidade de seus officios, não aspirarem ao patriciado, cheio de responsabilidades e incommodos; quando se dignificarem o mando e a obediencia e todos se olharem como amigos e collaborarem com enthusiasmo para o bem estar das Familias, das Patrias e da Humanidade, surgirá, então, a Harmonia Social.

Mas, emquanto não raiar essa nova era, e não raiará tão cedo, em que preponderem os sentimentos de apego, veneração e bondade entre os homens e estes falem como pensem e façam o que digam, de modo a não conduzirem a erro quem acredite na sua palavra, hoje duplamente enganosa, porque nem é o reflexo do sentimento, nem tem a confirmação da conducta, cumprenos, ao menos, implantar a tolerancia e o respeito.

*
* *

Um phenomeno qualquer opera-se livremente quando só intervem na sua producção suas leis proprias, a que elle se submette, sem as violar; e sua liberdade desapparece desde o momento em que entram a perturbal-o phenomenos regidos por leis de outra ordem. Assim, por exemplo, diz-se que um corpo cae livremente quando sua queda está submettida só á sua lei propria, que é a lei da gravidade; mas si entre o plano superior em que o corpo se acha e o inferior horizontal a que deve chegar se interpõe um plano inclinado solido, já o corpo não cae livremente porque já não está submettido sómente ás leis proprias da queda dos corpos, uma vez que tambem influem sobre elle as do plano inclinado.

A rigor, um corpo só é livre em sua queda quando cae na vertical, isto é, perpendicular á superficie da terra e quando os espaços percorridos augmentam proporcionalmente aos quadrados dos tempos empregados em percorrel-os a partir da origem do movimento.

Ora, como esta lei só se verifica no vacuo, segue-se dahi que todo corpo que vejamos cortando o espaço, seja qual fôr a direcção e a velocidade, dando a impressão de grande independencia, nunca é livre.

Do mesmo modo o sangue circula livremente nas arterias e nas veias quando está submettido a suas leis physiologicas proprias, e não circula livremente quando a ruptura de alguns vasos o faz derramar fóra dellas com maior liberdade apparente.

O mesmo occorre com a liberdade espiritual de pensar e de opinar que não póde consistir sinão na submissão destes phenomenos ás leis respectivas.

O pensamento é um phenomeno logico de caracter individual ou moral, que só póde estar submettido ás leis logicas.

A liberdade de pensar não é absoluta, sem duvida alguma, mas é só condicionada ás leis do entendimento humano.

Ninguem póde pensar o que quer, caprichosamente, sem limitação de nenhuma especie, como alguns pretendem, porque o pensamento, estando submettido á logica não póde servir para expressar extravagancias que ninguem entenda. Não se póde pensar que dois e tres sejam oito, nem que o quadrado da hypothenusa de um triangulo rectangulo seja egual á tangente de um dos angulos, porque isso vae contra a logica, isto é, contra os dados da experiencia sensivel e contra as leis do entendimento.

E' absurdo pois a pretenção de limitar a liberdade de pensamento com a introducção de phenomenos heterogeneos ao pensamento mesmo, perturbadores delle.

E' evidente que si alguem é entorpecido ou decapitado fica privado da liberdade de pensar, e o mesmo lhe occorre si por pensar o perseguem de qualquer modo, encarcerando-o.

E' evidente tambem que ainda que esteja em liberdade o individuo, póde seu pensamento não funccionar correctamente, por defeito de sua capacidade mental retardada ou por uma educação insufficiente ou nociva, que tenha deformado sua intelligencia; o individuo cuja intelligencia falha, não segue as leis logicas e não pensa livremente; outro tanto se passa com o apaixonado ou o intoxicado por algum veneno.

Em todos estes casos a liberdade falta porque se introduzem no phenomeno logico do pensamento, phenomenos de outra ordem, heterogeneos. Comprehende-se que em nenhum destes casos a pretexto de restabelecer a normalidade, ás vezes impossivel, se recorra a procedimentos que tendem unicamente a aggravar mais o desequilibrio.

Ha, todavia, um caso especial: o caso pathologico da loucura, da alienação mental. E' evidente que uma mente enferma carece de liberdade de pensar, pela introducção em seus phenomenos logicos de uma nova categoria de phenomenos, os pathologicos, que tambem perturbam o funccionamento normal da intelligencia. Neste caso razões de humanidade exigem o tratamento medico deste enfermo dando-se-lhe repouso e livrando-o das preoccupações que o dominem.

Distincta da liberdade de pensar é a liberdade de opinar. Pensar é um phenomeno moral, individual; opinar é já um phenomeno social, submettido a leis sociaes homogeneas.

Opinar não está submettido apenas ás leis logicas, está tambem submettido a leis sociaes intellectuaes ou espirituaes, e não a leis sociaes materiaes, arbitrarias, variaveis, que preconisam hoje o que condemnaram hontem.

As opiniões estão limitadas por outras opiniões; pela reacção espiritual que ellas produzem no meio da collectividade em que se emittem. Emquanto as opiniões, phenomeno espiritual ou intellectual, estejam submettidas só á reacção de opiniões oppostas, porque com umas opiniões é que se deve demonstrar o equivoco em que elabora quem sustenta outras, haverá liberdade de opinar; ella cessará, porém, quando se lhe oppuzer a violencia. Vê-se dahi que o direito de pensar e de emittir opinião, de ter uma crença, e praticar-lhe livremente o culto, por mais extravagante que pareça a quem não a adopte; o de ensinar e communicar pela palavra o que temos como verdadeiro, constituem a nossa individualidade a tal ponto que, si viessemos a alienar taes direitos, ou si a lei nos fixasse limites quanto ao seu uso ou alguem arrogasse a si a faculdade de nos dirigir impondo-nos opiniões, uma crença, um ensino, uma verdade official, perderiamos a liberdade, que é o que temos de mais sagrado, não poderiamos desenvolver livremente a nossa personalidade e estariamos submettidos a injustificavel servidão.

SERVIÇO DE COOPERAÇÃO INTELLECTUAL

Plinio de Mello

Nossos serviços de expansão cultural e artistica ainda estão no periodo da infancia.

No Brasil, onde a politica absorve quasi todas as attenções, esquece-se a grande utilidade desse trabalho intellectual.

O estrangeiro tem uma idéa vaga do que os brasileiros são capazes de produzir no terreno do pensamento, do espirito.

Os chamados homens de relevo não querem dar a minima importancia a esse caso. Quando alguem apparece com desejo de organizar um departamento destinado a tirar nossa expansão cultural e artistica do estado de meninice, surgem, então, collocando mil obstaculos, tudo difficultando, com simulado pessimismo, porque contraria suas ambições politicas.

Julgam que não devemos gastar dinheiro com serviços desse genero. Estão, porém, de accordo em que o governo os commissione para irem a paizes europeus, americanos, muitas vezes sómente para passear.

*
* *

Comtudo, já se tem uma secção no Ministerio das Relações Exteriores destinada a fazer-nos conhecidos lá fóra.

A verba que lhe cabe é, entretanto, pequena, mesquinha, ridicula. E isto quando as nações estão preoccupadas em fundar o maior numero possivel de ministerios de propaganda. Acham que, hoje em dia, a victoria de qualquer iniciativa depende muito do reclamo. Os Estados Unidos, dirigidos por um homem da tempera de Roosevelt, a Allemanha, com o pulso de ferro de Hitler, Portugal, orientado pelo dynamico Salazar, e outros paizes têm afastado todos os escolhos do caminho de quem se interesse por assumptos dessa natureza.

Assim mesmo, o Serviço de Cooperação Intellectual de nosso Itamaraty, até ha pouco sob a direcção do consul Ildefonso Falcão, que allia uma inteligencia brilhante a um espirito pratico, vivo e moderno, vem dando bons fructos.

Ildefonso Falcão adquiriu excellentes livros de nossos escriptores mais notaveis e offereceu-os aos grandes institutos culturaes do estrangeiro.

Essas obras despertaram crescente interesse pelas coisas do Brasil, justificando as conferencias que effectuaram sobre nós.

O Prof. W. R. Ralliday, reitor do *King's College*, em Londres, ao receber livros brasileiros determinou a realização de uma serie de palestras a respeito de nosso desenvolvimento cultural.

Em Paris, o offerecimento de uma bibliotheca motivou a creação de centros brasileiros de cultura.

E ainda ha quem diga que esse serviço é luxo...

*
* *

Não devemos, por mais tempo, olhar com criminoso descaso para problema de tal magnitude.

E' preciso que appareçam homens de bôa vontade, como Ildefonso Falcão, para levar avante essa idéa e que o governo os apoie para o bem de nosso povo e adeantamento de nosso paiz.

O mercado e a producção de livros no Rio Grande do Sul

Alexandre Da Costa

Durante mais de um decennio as letras riograndenses do sul constituiram um phenomeno de exotismo, inteiramente emancipado de quaesquer raizes locaes. Alcides Maya, que viera dos ultimos dias da geração anterior áquella que por volta de mil novecentos e quinze se deixou fascinantemente prender pelas paysagens enfermas de Rodenbach, de Samain e de Stephane Mallarmé, ficou inteiramente só, com a ficção campechana de "Ruinas Vivas" e com os fragmentos rythmicos de "Agua Parada". Homero Prates evocava silhuetas slavas sobre "um nevado chão de pelles da Sidonia"; falava-se "em dedos com anneis sem pedrarias" e a poesia, geographicamente oscillava entre Bruges e Florença, causando surpreza egual á da implantação da ideologia de Comte entre os "cow-boys" pampeanos, quando na popria França parlamentar o schema do philosopho se insulara nos capitulos academicos.

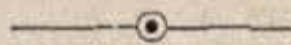
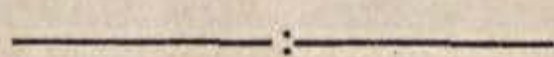
"Quando o outomno voltar e trouxer a tristeza das lentas brumas frias e das tardes lentas", era a linguagem dos moços no periodo vesperal da conflagração; alludiam ás "espumeas ondulações de véos de tulle ao vento" e bertinizavam languorosamente as moças que estylizavam a sua belleza pela de Leda Gys e de Véra Vergani. Os ligeiros enredos novellêscos, muito raros, plasmavam, na pallidez de cêra de personagens enfermos, cujas linhas ainda se podem encontrar nos carvões dolorosos que nos ficaram de Antonius, amores de renuncia e de mórte. Mas havia uma razão de ambiente, de côr e de paysagem para esse surto de exotismo literario. No Rio Grande do Sul, no outomno as arvores amarellecem e no inverno bracejam esqueleticamente, como naufragos na bruma. A adolescencia da geração subsequente áquella que se dispersara pelo mundo, pagou, ainda, o tributo mallarmista do decadentismo até alertar-se para os canticos solares, americanos, pelo clangor ronaldeano. Insurgidos contra quaesquer aggremiações, todos esses espiritos collocaram-se sempre á distancia de emprehendimentos academicos, fugindo tanto do Centro Gaúcho como das academias locaes de letras, que, aliás, parallelizavam o conservantismo tradicional dos jogos de "christãos e mouros" e das "argollinhas", num culto regional sem o pittoresco do poncho

universitario de Elias Regules e do cancioneiro do Viejo Pancho, nem a literatura de policia rural dos novellistas platinos.

Alcides Maya, por esse tempo, fixa-se na Metropole Sulina. Desincompatibilisa a gaucheria por obra e graça da sua palavra de conversador incomparavel, contando, sem estropear a linguagem, e falseando deliciosamente detalhes, "causos" de salvajadas pugillisticas (conflictos de doze, morte de dez); lapida o lance barbaro, com um saboroso "luxo dispersivo de coragem"; evoca lendas; conta a historia de uma pedra, de um esqueleto de passaro; cinematísa com golpes de um Eisestein, o dramalhão piratinyno de capa e espada.

Os poetas e os escriptores renunciam á bruma, renegam as cidades mórtas, enrolam as flammulas symbolistas e lançam-se ao poema regional, ao cancioneiro popular, aos estudos politicos e sociaes, ao romance chamado de analyse, ou de these.

Começa, então, a verdadeira producção literaria do Rio Grande do Sul; preparado o terreno por Mansueto Bernardi e João Pinto da Silva organiza-se, industrialmente, como uma actividade regular. A acção de ambos na direcção editorial da "Livraria do Globo" é habilmente desenvolvida: importação das melhores obras e publicações periodicas, sua collocação accessivel no mercado da capital e do interior; lançam a moda da conta aberta e em branco para as novidades literarias; estabelecem a preferencia editorial e remunerada para os trabalhos de utilidade objectiva. Erico Verissimo succede-os no posto, do qual não se afasta, nem mesmo quando ao verificar-se o esplendor de sua carreira literaria, lhe offerecem o scenario dominante da Capital da Republica.

A actual capacidade de leitura livresca global do Rio Grande do Sul alcança approximadamente 1% da população.

José Guilherme

Traços ligeiros sobre a vida deste grande jornalista da imprensa brasileira

Rolando Pedreira

No jornalismo contemporaneo José Guilherme foi, incontestavelmente, uma figura de relevo inconfundivel.

O fulgurante jornalista era um destes caracteres que desmentem o postulado rigorista que faz do individuo um producto quasi mecanico do seu meio. Era um seleccionado pelo instincto proprio. Guardava sua independencia, sua existencia autonoma, seus fins predeterminados, differentes, por vezes, da sociedade que o cercava.

A sua vida de profissional da penna foi uma linha recta. Não ha um só deslise. Nem mesmo uma leve suspeita contra sua probidade funccional. Na imprensa carioca destas duas ultimas decadas, ninguem o superou na dignidade com que soube conduzir-se dentro de sua delicada funcção de director intellectual de dois grandes diarios, ao mesmo tempo. José Guilherme foi um profissional do jornal de que se póde ufanar não sómente a imprensa do Brasil, mas tambem a do mundo contemporaneo. Talento, cultura, poder maravilhoso de percepção, forte visão psychologica, coragem de attitudes, desprendimento, generosidade — todos estes requesitos que formam a estructura dos grandes mentores da opinião publica — tinha-os José Guilherme. Apaixonado dos bons trabalhos de nossa literatura, acompanhava, *pari passu*, todo o movimento literario brasileiro, com o qual sempre estava em dia.

O inolvidavel Humberto de Campos, procurando traçar-lhe o perfil, em brilhante chronica sobre sua morte, assim focou o retrahimento a que se votara o grande jornalista brasileiro:

"Era como certas cataléas da Amazonia, que dão em plena selva as mais bellas flores do mundo, e que florescem porque é seu destino florescer e não para attrairem o olhar de um homem, ou um simples zumbido de abelha. Envergonhava-se, parece, de ter talento e cultura em uma imprensa em que tanta gente faz alarde da propria ignorancia.

Quem o visse taciturno assim, e assim apparentemente insociavel, imaginal-o-ia, talvez, um cantaro em que fermentasse o vinho da inveja, do despeito e da revolta. E, no entanto, não havia melhor alma nem coração mais limpo. Tinha a volupia do louvor, escrevia elogios modelares a escriptores a quem conhecia, e, quando algum destes apparecia na redacção para agradecer-lhe a gentileza, escapava-se da sala ou afundava o rosto nas tiras em que fixava o pensamento agil, como se o elogiado lhe estivesse pedindo satisfação por um insulto ou um desaforo."

E era assim mesmo.

*
* *

José Guilherme era natural da cidade de Trahiras, no Estado de Minas Geraes.

Fez o curso de humanidades no famoso collegio *Caraça*, estabelecimento modelar, donde têm sahido, nestas duas ultimas gerações, as mais fortes intelligencias do grande Estado montanhez. O superior, fel-o na Faculdade de Direito de São Paulo. Bacharelou-se em sciencias juridicas e sociaes, após cinco annos de um curso brilhantissimo.

Formado, José Guilherme, retorna á sua terra natal, iniciando ahi, com successo, sua vida de advogado. Orador fluente e imaginoso, versando suas petições em linguagem escorreita e arrazoando com a segurança e a proficiencia proprias dos consummados causidicos, não tardou em conseguir situação de fastigio no fôro de Trahiras. Mas a carreira jornalistica tem seducções irresistiveis para o temperamento incon-

tentado do jovem advogado. Elle se julga, exercendo a profissão de advogado, como que em seára alheia. Sua vocação real, a que lhe desperta enthusiasmos incontidos e lhe torna nostalgico dos dias vividos na redacção do *Correio Paulistano,* o grande diario bandeirante de tradições tão gloriosas, aonde serviu por algum tempo como redactor, não é a nobre e generosa sciencia do Direito. Jornalista por temperamento e por indole, elle sente por demais acanhada a amplitude que lhe commina os textos severos dos Codigos. José Guilherme não póde ater-se a este imperativo categorico da lei escripta. Revolta-se. Aborrece a profissão de advogado. O que elle quer é um jornal, onde possa dar largas ao que lhe está corroendo o systema nervoso. Idealisa um jornal local e funda o *Trahirense,* o primeiro orgam de publicidade que veio a lume na terra de nascimento do grande jornalista.

O periodico de José Guilherme é recebido com grandes regosijos, mas, dentro em pouco, começa a tumultuar a vida de Trahiras, até então pacata e feliz. Scinde-se a mocidade citadina em dois grupos: os que exalçam e os que denigrem os escriptos do *Trahirense.* José Guilherme faz proselytos, mas cria tambem inimigos rancorosos. A inimizade cordeal que sempre imperou nas fileiras dos partidos politicos de Trahiras, só quebrada nos dias rumorosos das eleições, desapparece, açoitada pelo latego em que se transmudaram as pequeninas mas ardentes columnas do *Trahirense.*

A guerra desencadeada contra o destemido periodico, mata-o. Suspenso, por falta de recursos materiaes, José Guilherme torna-se desolado e sente a impossibilidade de permanecer em Trahiras. O jornal lhe havia creado uma atmosphera irrespiravel. Mas o desapparecimento do *Trahirense* era como que um fecho de ouro na primeira etapa de sua vida de jornalista. Como os domadores de feras, ficara odiado, mas temido.

*
* *

Da pequena cidade de Trahiras, José Guilherme transporta-se para a grande metropole brasileira. Como um predestinado, elle traz comsigo mesmo a certeza de vencer. E vence. A sua estréa na imprensa carioca é seguida de uma serie de triumphos brilhantissimos. O fogoso redactor do *Trahirense* desapparece para resurgir, como que por encanto, no orientador ponderado, sobrio, meticuloso, versando todos os assumptos com a clarividencia dos authenticos mentores da opinião publica. A sua invulgar capacidade de produzir artigos brilhantes, por mais esteril que fosse o thema, deixa perplexos os seus companheiros de trabalho. A sua fama de grande jornalista se alastra pelos bastidores da imprensa carioca. O talento jornalistico de José Guilherme é de tal maneira vigoroso que o *virus* da inveja dos pseudos jornalistas, destes nullos que enxameam as redacções dos grandes jornaes da metropole, não consegue desprestigiar. Despeitados, fazem-lhe a guerra do silencio. O feitio retrahido do grande jornalista ajuda-os neste torvo mistér. E José Guilherme, o principe dos jornalistas dos seus dias na imprensa carioca, é quasi um desconhecido. No entanto, elle dirige, ao mesmo tempo, dois grandes jornaes diarios — a *Gazeta de Noticias,* de tradições gloriosas, e *A Noticia,* o mais intellectual e o mais vibrante dos vespertinos da imprensa brasileira. Dos collegas de José Guilherme sómente um engrandece-lhe a memoria: Candido de Campos. Jámais ouvi, na Associação Brasileira de Imprensa, a mais leve referencia á memoria do inclyto jornalista. Pobres de espirito, que não sabem cultuar os valores authenticos da classe! Salamonde, Dermeval da Fonseca, Nuno de Andrade, Eliseu Cesar, José Guilherme e tantos outros nomes que engrandeceram a imprensa brasileira, são inteira e propositadamente esquecidos, para não offuscar o ouro falso dos medalhões. Em regra, só tem reverencias a memoria daquelles jornalistas que souberam amealhar. A' memoria destes, sim, fazem salamaleques periodicos. O ouro de lei da intelligencia nada vale para os mentores da Associação Brasileira de Imprensa.

*
* *

As producções de José Guilherme (artigos, chronicas, perfis, trabalhos de critica literaria) seleccionadas e reunidas, dariam livros. E um livro lhe perpetuaria a memoria.

Por que a Associação Brasileira de Imprensa não tem esta generosa iniciativa?

A minha Prioridade Nietzscheana no Brasil

Almachio Diniz
(Da Academia Bahiana de Letras e da Academia Carioca de Letras)

Depois de um minucioso estudo sobre a carreira de doloroso enfermo, percorrida por FREDERIC NIETZSCHE, um dos estudiosos clinicos da Allemanha moderna, dr. E. F. PODACH, em seu livro vertido para o francês como *L'Effondrement de Nietzsche* (Paris, 4.ª ed., s. d.), diz simplesmente:

"FRIEDRICH NIETSCHE morreu em Weimar, a 25 de Agosto, ao meio dia" (*Op. cit.*, pag. 185).

O traspasse de um dos maiores philosophos indicativos do seculo XIX, menciona-se, laconicamente, num livro, em que, com amplitude, se estudou a sua vida de enfermo mental. Encerrando o seu estudo philosophico sobre o creador dos discursos de Zarathustra (*Also sprach Zarathustra*), WILL DURANT, em *The story of Philosophy: the lives and opinions of the great philosophers* (New York, ed. de 1930), registra seccamente:

"Morreu em 1900. Raramente um homem pagou maior preço pelo genio" (*Op. cit.*, trad port., pag. 466).

Outro biographo, que traçou *La Vie de Fredéric Nietzsche* (Paris, s.d.), DANIEL HALÉVY conclue laconicamente o seu interessante trabalho:

"FREDERIC NIETZSCHE morreu em Weimar, em 25 de Agosto de 1900" (*Op. cit.*, pag. 381).

Parece que se procura, propositadamente, esquecer o facto da morte, porque vive, cada vez mais viva, a grande philosophia do solitario viajante do Sils Marie. Não foi muito, portanto, que um jornal bahiano, reeditasse a nova da morte de NIETZSCHE, numa terra em que, ao tempo do triste acontecimento, até eu mesmo indagaria, revelando inteira ignorancia, quem seria, ou teria sido, o portador desse nome extranho. Todavia, dentro de dias, como uma repercussão da noticia da morte, nos mostruarios das duas livrarias da capital provinciana, appareceram os primeiros exemplares do *Ainsi partait Zarathustra,* versão francêsa do *Also sprach Zarathustra,* editado pela *Mercure de France,* mas impresso em Leipzig, MDCCCXCVIII.

Permaneci indifferente deante do exquisito livro de NIETZSCHE. Não me despertou interesse a sua morte. Mas, em Janeiro de 1901, o professor TILLEMONT FONTES, da Faculdade de Medicina da Bahia, onde exercia a cathedra de molestias mentaes, presenteava-me com um exemplar do *Ainsi parlait Zarathrustra,* confessando o seu abominio:

— Intragavel...

E accrescentou que não houve forças que o fizessem comprehender aquelle NIETZSCHE desconhecido.

O nome do autor repontou-me á memoria. Vira a noticia laconica de sua morte. Recordava-me do surto de seu livro traduzido nas livrarias. Aceitei o offerecimento do livro. E, quando, tendo-o lido, confessei a grande admiração, pelo autor, de que me possui, e procurei devolvel-o, o professor TILLEMONT agraciou-me liberalmente:

— Não o quero... Guarde-o para si!

Assim, começou o meu gosto, o meu enthusiasmo attingindo, em certa epoca, a um verdadeiro fanatismo, a minha admiração pelo *Also sprach Zarathustra* e por seu pujante autor. Aquella traducção francêsa foi a primeira cellula da bibliographia que fiz e de que, muitas vezes, me tenho valido.

I

O *Assim falou Zarathustra,* de NIETZSCHE, tomou a vanguarda de meus livros

predilectos. Quando mêses depois de ter começado a compulsal-o assiduamente, citando-o e recitando-o, a qualquer pretexto, em Junho de 1901, sob o pseudonymo de ACHILLES DONATO, editei a revista *Mercurio,* em seu primeiro numero (publicado a 5 de Junho), logo depois de um *Antiloquio* de poucas linhas, em que misturei VICTOR HUGO, ROSSI e EDOUARD LABOULLAYE, inseri, conservando a lingua francêsa da traducção de HENRI ALBERT, aquella pagina soberba do *Lire et écrire* (*Von Lesen und Schreiben*), em suas primeiras oito maximas. Encontrei ali um farto codigo de principios para as realisações mais sinceras dos escriptores de sagacidade. Empolgou-me aquella ordem inaugural de escrever com o proprio sangue, porque o sangue é espirito: "De tudo quanto se escreve, não prezo senão o que se tenha escripto com o seu proprio sangue. Escreve com sangue e aprenderás que o sangue é espirito." (*Von allem Geschriebenen liebe ich nur Das, was einer mit seinem Blute schreibt. Schreibe mit Blut: und du wirst erfahren, das Blut Geist ist*). Convenci-me da larga visão philosophica daquelle outro preceito do mesmo discurso de Zarathustra: "Aquelle que escreve em maximas, com sangue, não quer ser lido, mas apprehendido pelo coração." (*Wer in Blut und Sprüchen schreibt, der will nicht gelesen, sondern auswendig gelernt werden*). Cheguei a fazer escola com os conselhos varios de NIETZSCME e, como a tinta vermelha lembrava o sangue, foi com a tinta vermelha que se imprimiu a capa do primeiro numero da revista *Mercurio,* bem como foi com sangue, ou tinta encarnada, que se fez a publicação de todo o seu segundo numero (Bahia, 20, VI, 901).

Mas, ninguem ali conhecia FREDERIC NIETZSCHE. A sua pagina divulgada, causou o mais desenvolto interesse. Felizmente eram tão extranhos o autor e a obra, que se não permittiram improvisamentos de conhecimentos, que só muito mais tarde se revelaram. Toda a bibliographia brasileira, de então, passava ao largo do autor de *Die Unfchuld des Werdens* e de toda a sua obra. Sentia-se, entretanto, uma primeira infiltração, atravez da traducção francêsa de HENRI ALBERT, feita do sexto volume das *Obras completas de Frederic Nietzsche,* publicada em Agosto de 1894, pela livraria de C. G. Naumann, de Leipsig, aos cuidados do *Nietzsche-Archiv*.

Noticiando o apparecimento da *Mercurio,* um jornal (*A Bahia,* n. 1.659, de 15 de Junho de 1901) achou que NIETZSCHE era pouco, como os demais de quem se deram publicações, novo, para figurar em "um orgão de novos". Aliás, ainda pouco transportado para as linguas latinas, ninguem haveria de ser mais novo, para a literatura bahiana, do que um autor que ainda não se passara do allemão para a nossa lingua. Em completa verdade, antes de mim, só EGAS MUNIZ (*Pethion de Villar*) empossando-se, a 10 de Março de 1900, na cadeira de lingua alleman, do Gymnasio da Bahia, invocou FREDERIC NIETZSCHE, ao fazer esta peroração: "E si, por acaso, sentirdes prenuncios de desfallecimentos, gravae na memoria, como um sublime viatico, estas palavras do assombroso autor de *Also sprach Zarathustra,* FRIEDERICH (?) NIETZSCHE, o mais celebre philosopho da Allemanha contemporanea: *"Si esta vida tem por vertice a velhice, tambem tem, como remate, a sabedoria, essa blandiciosa irradiação de uma constante alegria intellectual. Tanto uma como outra, a sabedoria e a velhice, haveis de encontrar no termino da mesma subida. Assim o quiz a natureza! E quando soar a hora, e que ella vos não apavore, em que se approximem as brumas da morte, que o vosso ultimo gesto seja um arranco para a luz e o vosso ultimo suspiro um canto de triumpho!"* (FRED. NIETZSCHE, *Menschliches Allzumenshliches. Ein Buch fuer freie Geister,* pag. 268)". Alem disto, nas letras provincianas da Bahia, até á divulgação da *Mercurio,* nada mais se registrou. E, na literatura desta capital, só um ou outro fragmento servindo de epigraphe a trabalhos de nacionaes. Só em 1902, e depois de publicado o meu primeiro livro — *Eterno Incesto* — appareceu, no *Correio da Manhan,* de Rio, de JOSÉ VERISSIMO, um artigo — *Um Nietzsche differente* — tomando por assumpto os trabalhos — *Frederic Nietzsche,* de EUGÈNE DE ROBERTY (Paris, 1900), e *Les idées sociales de Nietzsche,* de ALFRED FOUILLÉE, na *Revue des Deux Mondes* (Paris, 15 mai 1902), mais tarde contemplado no volume de *Homens e cousas extrangeiras* (Rio, 1909). Impressionou o cabotinismo de VERISSIMO, escrevendo sobre *Um Nietzsche differente,* assim como si já tivesse escripto sobre um outro NIETSCHE. Mas, estava nisto a divulgação nietzscheana no Brasil, da capital ás provincias, até 1902 e pouco mais em sensaboronas escre-

vinhações de Elisio de Carvalho, de cujos escriptos, dizia-se, outros seriam os autores...

II

Antes de ser autor de livro, ainda, nos primeiros mêses de 1902, pelo jornal *A Bahia*, em serie de oito artigos — *Almas Artistas* — que lancei sobre a *Rosa Mystica*, de Julio Afranio, hoje Afranio Peixoto, numerosas vezes, desde o primeiro artigo, invoquei o nome, a obra, o ensinamento e a minha preferencia por Frederic Nietzsche, por vezes, revelando um fascinio completo. No primeiro, escrevi: "Frederic Nietzsche, Alma de Deus, num corpo de Humano, profundamente livre dos arruinamentos das Paixões, que corrompem os Homens, no Crepusculo de uma Raça, victima de uma Senilidade Ultra-Decadente, ditando á vida dos Povos o *"Ainsi parlait Zarathustra"* — Biblia Esplendida e Inesquecivel, foi invencido e viverá, por sempre e sempre... E é por isso que falamos...", (*A Bahia*, Fevereiro de 1902). No segundo, prosegui: "A Biblia, com o soccorro de nojosa serpente, vem apresentar-nos a Mulher como a fonte do Crime... Nietzsche, o maior pensador, no Oceano de um Mundo, pinta-a como o affastamento das Harmonias..." (*A Bahia*, Fevereiro de 1902). No sexto, penetrei, o mais que poude, na exposição do Superhomem e na sua modelação para typos de autores contemporaneos, fazendo longas citações da traducção francêsa de *Also sprach Zarathustra*. Tive, então, noticia de que João Ribeiro fizera no *Almanach Garnier*, divulgações do *Uebermensoh* e do *Adlermensch*... E, no meu setimo artigo, reiterei-me em citações de Nietzsche sobre a mulher...

Em seguida, fui autor de livro. Appareceu o *Eterno Incesto* (Bahia, 1902), em cujo portico inscrevi, como advertencia propria, o seguinte: "*...un livre pour tout le monde et personne*... Nietzsche, *Ainsi parlait Zarathustra*", o que teria sido textualmente: *"Ein buch für Alle und Kurien"*, si, tomado á edição alleman. Em dedicatoria, inscrevi solemnemente: "...a Leda... Alma de Minha Alma... Mulher do Futuro... Contricções de um Crente, Oração de Fé... para a Alma Sagrada de Frederic Nietzschel a.d.". E como escudo transcrevi da traducção francêsa do *Also sprach Zarathustra*, mais este fragmento: "O Ciel au-dessus de moi, ciel clair, ciel profond! abime de lumière! En te contemplant, je frisonne de désir divin... Me jeter à ta hauteur — c'est là *ma* profondeur! M'abriter sous ta pureté — c'est là *mon* innocence! Le dieu est voilé par sa beauté: *ainsi* tu caches les étoiles. Tu ne parles point: *ainsi* tu m'annonces ta sagesse. Nietzsche, *Ainsi parlait Zarathustra*". (O livro, assim epigraphado, trouxe as datas de "Estio de 1901", quando foi escripto (pag. 167) e 30 de Junho de 1902, quando acabou de imprimir-se (pag. 168). A critica de então, destacou as approximações que tive de Nietzsche. De prompto, escrevendo em *A Bahia* (de 22 de Julho de 1902), annotava Afranio Peixoto: "A leitura assidua de Nietzsche deu talvez ao autor o gosto das locuções aphoristicas: a idéa ahi apparece em sua nudez paradisiaca. Em summa, o *Eterno Incesto*, é uma revolta de arte, contra um grande crime social, em que, com o latego das verdades crueis de Nietzsche, doutrina-se o evangelismo casto de Tolstoi, numa forma nova, que invejaria aos progonos dos mais ousados credos literarios do symbolismo, magnificentismo e quejandos." E, para terminar, disse o primeiro critico do *Eterno Incesto*: "O grande pensador do *Also spricht Zarathustra* teve em vida dois leitores: — Burckhardt e Taine, e Stéphan Mallarmé, no seu tempo, um só — Theodor de Wizewa, que o comprehendesse. Não é tambem o seu livro, na linguagem do mestre querido, "um livro para todo mundo e para ninguem"?" Pouco importando que Afranio nem conhecesse direito o titulo do livro de Nietzsche, que é — *Also sprach Zarathustra* — e não — *Also spricht Zarathustra* — o que se nota em seu julgamento, é o registro de intimidades do autor de *Eterno Incesto*, com o de *Worte für werdende Menschen*. A influencia deste grande philosopho foi sendo assignalada por Candido de Castro (in *Nova Cruzada*, Bahia, 1903), Carlos D. Fernandes (in *A Provincia do Pará*, Belem, 1903), Flexa Ribeiro (in *A Folha do Norte*, Belem, 1903) e outros. Eu mesmo repetia o prestigio de Nietzsche sobre o que escrevia: *Exegeses* (Caracteres e caprichos do dia) 24, *Uma pagina nephelibata*, Sobre o anniversario de um primogenito..." (in *A Bahia*, de 30 de Junho de 1903). A verdade foi que actualisei, com vehemencia, o meu deslumbramento nietzscheano, esboçado, aliás,

nos artigos, que, em duas series, inseri (*O Tempo*, Bahia, Julho de 1901) em diario, respondendo com — *As syncopadas de um pretencioso, os babaréus de um allucinado, a prehistoria de uma craneação minuscula* — ás perfidias de EGAS MONIZ, (*Pethion de Villar*) sobre *Mercurio*, alapado no anonymato da redacção de *A Bahia*, em 1901...

III

A concepção do *superhomem* (*uebermensch*) ou do *homem-aguia* (*adlermensch*) de FREDERIC NIETZSCHE, nunca foi, para mim, simplesmente imaginosa, como para outros o foi. Sempre adoptei-a com o seu verdadeiro fundamento biologico, mais de caracterisação scientifica, do que de visão philosophica. Com este pensar, em 1904, não perdi opportunidade de estudar, mais do que ler, o *Also sprach Zarathustra*, estudo, que partiu do confronto do original allemão, com a traducção francêsa imposta por HENRI ALBERT, concluindo, á vista das facilidades desta, por sua mais completa abominação. Depois de ter feito algumas traducções de discursos, como o sobre *Os Poetas* (*Von den Dichtern*), publicada pela *A Bahia* (1903), divulguei as minhas conclusões fundamentaes, numa serie de quatro artigos (*A Bahia*, 1904), sob o titulo geral de *Conceitos do Superhomem*, e sob os especiaes de — *Estudos sobre a philosophia de Frederic Nietzsche e a de seus continuadores, Introducção*, § 1.° *O livro de Zarathustra;* § 2.° *Bases da theoria do superhomem;* § 3.° *O Adlermensch*, artigos que, refundidos, appareceram, em 1909, como capitulo do *Questões actuaes de Philosophia e Direito* (Rio, H. Garnier, editor), sob a denominação propria de — *O Superhomem*. Já então, em 1904, outros escriptores mostravam-se conhecedores da obra de NIETZSCHE, como ROCHA POMBO, em folhetins do *Correio da Manhan* (Rio, 1903), no romance *No hospicio*, depois (1905) publicado em livro, sobre o qual dei artigo, que constitue capitulo do *Zoilos e Esthetas* (Porto, 1908). Prosegui nas minhas attenções. Traduzi outros discursos, como aquelle sobre *O Filho e o Casamento* (*Von Kind und Ehe*), que se divulgou nas paginas de *Labor* (Bahia, 1905). Num compendio de Philosophia do Direito (*Ensaios philosophicos sobre o mecanismo do direito*, 1.° volume, Bahia, 1906), annotei, em dois capitulos, a significação das theorias de NIETZSCHE, num, sobre *O Psychico* (pags. 159 a 166), tratando da selecção intellectual para o *Adlermensch*, e noutro, sobre a *Sociedade Humana* (pags. 167 a 178), reprovando a doutrina do isolamento. Dentro de *Zoilos e Esthetas* (Porto, 1908), não appareceram poucas allusões ao autor de *Der Wille zur Macht* (*A vontade de poder*), especialmente naquellas paginas, em que, sob a denominação de *Uma theoria de critica literaria*, disse sobre *"O que eu li. — Como produzi os meus livros. — Uma theoria de critica"* (a pags. 169-185). E, em 1910, transcrevendo da *Revista de Sociologia Brasileira* (Fortaleza, Ceará), de SORIANO DE ALBUQUERQUE, está no meu livro — *Sociologia e critica* (Porto, 1910), um estudo comparativo — *A moral de Nietzsche e a de Spencer* (pags. 379-409) — no qual proclamei como *"Moraes da força! — não só a de* NIETZSCHE, *como tambem a de* SPENCER", de geraes impressões, que se concretisaram, então, nas saudações de PONTES DE MIRANDA — "Queira aceitar felicitações pelo *"A moral de Nietzsche e a de Spencer"*, em que se revela um espirito de alto senso critico e investigador". Depois de iniciar-me nos estudos de NIETZSCHE, levei-os, é certo, ao termo necessario. Não faltou aspecto para me interessar. Tal é o que se contem, no que appareceu na revista *Sciencias e Letras* (Rio, 1912), de CLOVIS e AMELIA BEVILAQUA, sob a razão de — *A loucura divina de Frederic Nietzsche*.

IV

Já se lia mais, mas, ainda se lia pouco, em 1912, a obra de NIETZSCHE. O meu estudo, de que sahiram, apenas, dois trechos na citada revista, continuando, em grande parte inedito, vizou salientar que, para o autor de *Also sprach Zarathustra*, todos os deuses estavam mortos, devendo ser substituidos pelo Sobrehumano, proclamando-se FREDERIC NIETZSCHE o Sobrehumano, pelo que seria o deus, que faltava á humanidade contemporanea. E, si assim podia eu concluir, dentro dos discursos de Zarathustra, grandes corroborações encontraria no *Ecce homo* e no *Antichristo* (*Gotzendammerunge, Der Antichrist, Ecce homo, Gedichte*, mit nachwort von Prof. AL-

FRED BEAUMIER, Alfred Kröner, Verlag, Leipsig, s.d.), si procurados a respeito. Até então, os dois problemas maximos da philosophia de NIETZSCHE, o biologico, expresso na ideação do *superhomem* (*Uebermensch*), e o religioso, contido na deificação do mesmo superhomem, não tinham interessado aos divulgadores da grande obra nietzscheana. De modo que, tanto num caso, quanto no outro, fui a quem coube a prioridade de tratar desses assumptos, pelo menos no Brasil. Lancei-lhe uma dedicatoria a HENRI LICHTENBERGER, um dos grandes fomentadores francêses do nietzschsismo. E o illustre escriptor francês, de cuja bibliographia constavam livros eruditos sobre o philosopho allemão (*La philosophie de Nietzsche,* em 7.ª edição, desde 1902, e *Aphorismes et fragments choisis de Nietzsche,* já em 2.ª edição em 1902), escreveu-me, a proposito, do seguinte modo, em 18 de Julho de 1912: "Tous mes remerciements, cher collègue et ami, pour le bel article sur Nietzsche que vous me faites l'honneur de me dédier. Excusez-moi si je ne vous écris pas plus longuement en ce moment; mais je suis absorbé au delà de toute expression par des commissions d'examens que je préside. Je me remettrai à mes travaux sur Nietzsche, dès que j'aurai un peu de loisir et espère pouvoir vous adresser l'an prochain une étude entièrement nouvelle et plus fournie que la prémière sur le grand philosophe. En attendant, merci encore de votre envoi et croyez-moi votre bien sincèrement dévoué, H. LICHTENBERGER." Mas, tenho deixado inedito, por não divulgal-o todo, o referido estudo — *A loucura divina de Frederic Nietzsche,* até ao presente momento. Na verdade, depois disto, deixei de mais me aprofundar em estudos sobre a grande obra philosophica de NIETZSCHE. Não me destitui da velha e profunda admiração, nem ao menos, a diminui do seu intenso surto inaugural. Sinto em mim, como ha de sentil-o, si não tanto, muito mais intensamente, BENITO MUSSOLINI (*A amante do Cardeal,* traducção directa de Ferreira da Fonseca, in prologo da edição espanhola, *"O anti-clericalismo de Mussolini"*, Lisbôa, s. d., pag. 6), o convencimento da philosophia da força, como o fundamento dos modernos criterios philosophicos, que contrariam o lobishomismo da sombria restauração thomista. Não seria possivel que, na epoca da cupola do edificio de minha cultura, me voltasse para contestar, negar ou subverter os seus alicerces. Fui dos primeiros, dos mais antigos leitores e interpretes da philosophia nietzscheana no Brasil. E' questão de datas. E' questão de factos. Quando o vejo citado agora não tenho inveja da erudição dos que o fazem. Tenho é saudades dos tempos, já remotos, em que, isoladamente — posso o dizer — eu o citava e, por isto mesmo, era recebido com reservas, em minhas citações. Depois das philosophias e das acções de MUSSOLINI e de HITLER, na Italia e na Allemanha, fez-se moda a evocação de FREDERIC NIETZSCHE. Entretanto, evoquei-o eu, antes de todos, não porque fôsse evocado o philosopho por expressões extrangeiras, mas porqce o entendi e muito me compenetrei de suas audacias e revelações.

Frequentemente a leitura de um bom livro tem feito a fortuna de um homem e decidido sua orientação na Vida. — Emerson.

Factores Economicos

A industria do papel, no Brasil, inscreve-se entre os mais importantes factôres da economia nacional, tal o gráo de desenvolvimento a que attingiu nesses ultimos annos. Não se trata de uma industria incipiente, ou de uma iniciativa sem elementos de vida proprios, capaz de desapparecer de um momento para outro. Essa industria fixou-se no paiz, cresceu, ampliou-se e hoje basta ás necessidades do consumo, apresentando um producto de primeira qualidade, nos varios dominios de sua actividade. As estatisticas demonstram que para um consumo de... 110.000.000 de kilos de papel os fabricantes estrangeiros só puderam concorrer com um contingente minimo de 4.500.000 kilos de papeis especialisados o que representa apenas cerca de 4 % do consumo total. A concorrencia estrangeira não foi batida completamente, porque esses typos de papeis que são importados, com excepção do papel "couché", que já se trata de fabricar no paiz, apresentam consumo tão diminuto, que a sua fabricação não corresponde aos sacrificios do capital a empregar.

Sem embargo da situação de destaque, conquistada por essa industria, com 27 fabricas installadas no paiz, não raro se ouve o rumor de uma campanha surda contra a mesma, movida por interesses subalternos e vehiculada irreflectidamente por intellectuaes, alheios ao que se passa nos bastidores.

E' verdade que já se vae fazendo luz sobre essas machinações, não se deixando arrastar por ellas os espiritos reflectidos, que lobrigam os verdadeiros intentos dos inimigos dessa industria. A pratica fraudulenta do contrabando de papel, que, durante annos, se fez desenfreadamente, no Brasil, á sombra dos favôres concedidos á imprensa, deve ter deixado saudades áquelles que se viram de um momento para outro privados de lucros faceis e deshonestos, cohibidos pela acção energica e patriotica do governo, que, por meio de simples linhas d'agua, resguardou os interesses lesados do Thesouro Nacional e salvou de fallencia certa a industria nacional de papel, victima da concorrencia desleal do papel estrangeiro contrabandeado.

E esta saudade, sempre viva e latente, manifesta-se constantemente, quando pretextos surgem para pleitear, por meios legaes, como são as isenções de direitos aquillo que era antes conseguido fóra da lei, facilitando ainda o restabelecimento do extincto contrabando, que consiste em lançar no mercado os papeis importados no gozo de favôres especiaes.

Que as rendas aduaneiras sejam lesadas. Que o Fisco seja desmoralizado. Que a industria nacional seja sacrificada. Nada importa. Parece que o essencial é que o papel, para certas actividades, custe menos alguns tostões por kilo, differença essa que, por insignificante, é de se pôr em duvida que chegue ás mãos do consumidor.

Explica-se, assim, as hostilidades que, constantemente, se abrem contra a industria nacional de papel, visando desmoralizal-a, e das quaes ella se tem defendido sempre galhardamente, porque tem a seu lado a justiça e a honestidade.

Outro argumento levianamente invocado, com o fito de diminuir a expressão da industria do papel, no Brasil, é o de que ella não fabrica o papel para a imprensa, dando a falsa persuasão de que não se póde fabricar aqui este typo de papel.

Tambem este argumento é injusto por não ser apresentado com a devida clareza.

O facto é que a industria nacional produz todos os typos e qualidades de papel e, particularmente, o de impressão, em sua maior amplitude; do papel mais barato ao papel mais caro, desde o que se destina á impressão de maior luxo, até a impressão mais commum, como é a de jornaes. Limita-se, porém, a fabricar o mesmo papel usado pela imprensa sómente para as necessidades do commercio e das artes graphicas, renunciando ao abastecimento dos grandes jornaes do paiz, pelas razões expostas a seguir:

O desenvolvimento economico e politico do mundo deu á imprensa jornalistica de cada paiz uma missão cultural tão importante, que se passou a considerar como indubitavel necessidade confeccionar esse orgão da opinião publica por preços tão reduzidos, de modo a poder o jornal ser adquirido por qualquer pessoa.

Por isso, a imprensa necessita do papel por um preço minimo, pois o preço de venda do jornal, muitas vezes, representa menos que o custo do papel nelle empregado. E esse preço minimo só póde ser alcançado com producção intensissima, e de tal vulto que reclama condições especialisimas das nações que a ella se entregam. Por esta razão, sendo embora um papel commum, facil de ser produzido por qualquer fabrica, o papel para a imprensa tornou-se, industrialmente, um producto especializado, tanto que, em rigor, constitue virtual monopolio de poucas nações, como a Suecia, a Noruega, a Finlandia e o Canadá, que o fornecem a todas as partes do mundo, mesmo a paizes que possuem adeantadissima industria de papel.

Eis porque a industria não abastece os jornaes do papel que elles necessitam, e applaude as medidas adoptadas pelo governo, concedendo um regimen especial para a importação do papel estrangeiro destinado especialmente aos jornaes, desde que seja mantida a intelligente caracterização especifica da marca d'agua, que não permitte o abuso do desvio desse papel para applicações outras que não sejam as da imprensa brasileira.

Mahomet a viuva Khadidja e outros arabes

(Trechos de um livro a ser publicado)

Jorge de Lima

Os semitas como temos estudado ao longo deste pequeno resumo da historia do mundo, figuram em todas as phases das antigas civilisações. E de quando em quando, ao pensarmos que a sua historia terminou, surge o semita para collaborar na interminavel narrativa da humanidade. Assim assistimos ao nascimento, ao progresso e á morte de Carthago fundada por intelligentes semitas phenicios, traficantes extraordinarios que em luta com os romanos perdem Carthago. E os dominadores arrasam a cidade. A intromissão activa do semita não findara porém em Carthago. Já vimos que durante oito seculos os romanos tiveram o mundo nas mãos. Os semitas não alteravam durante oitocentos annos a ordem das coisas nem a marcha das historias do mundo. Christo tinha sido havia alguns seculos crucificado pelos semitas. Mas de repente, no setimo seculo, simples pastores semitas, nomades, sem ambição, arregimentam-se sob a palavra de Mahomet e dos desertos da Asia chegam dentro da civilisação européa para dizer que Mahomet era um propheta estupendo e que Allah era o unico Deus verdadeiro.

Mahomet fundador do islamismo ou mahometismo era filho de Abdallah e de Amina. Natural de Mecca nasceu camelleiro de vocação e mystico doentio por hereditariedade. Contam que nos tempos de menino e de rapazote foi amiude accommettido de ataques epilepticos. Quando recuperava os sentidos depois destas terriveis crises, dizia ter ouvido falas do archanjo Gabriel contando-lhe coisas que devia fazer mais tarde. Assim instruido (conforme incutia nos outros) pelo Archanjo, mas verdadeiramente industriado pelos diversos povos com que convivia por força de sua profissão de caravaneiro, achou que a missão de propheta seria melhor do que a de simples camelleiro.

Elle ficara sempre e sempre com os seus conhecimentos mais vastos pelo convivio com christãos e judeus com quem conversava demoradamente em suas viagens repetidas. Mahomet percebeu um dia que tinha chegado a opportunidade de virar em propheta de seus conterraneos. Os prophetas do christianismo só precisavam para o serem do auxilio do Espirito Santo. Mahomet porém, não contando com este auxilio, tinha de recorrer a factores economi-

cos para a publicidade de suas idéas. Então se casou com a dona de seus camellos, ficando dono delles e dos cabedaes bastante opulentos da viuva Khadídja, agora sua esposa.

Quando se viu bem amparado pela fortuna da mulher preveniu a seus conhecidos de Mecca que elle apenas acabava de ser escolhido por Allah afim de propagar a verdade e salvar o mundo. O pessoal de Mecca aturdido por essas constantes declarações de Mahomet que elles julgavam embustes, resolveu tomar do propheta um desforço pessoal castigando aquellas imposturas. Prevenido do proposito dos concidadãos de Mecca, Mahomet fugiu de noite para Yatreb — hoje Medina acompanhado de um fiel discipulo por nome Abu-Bekr. Esta fuga representa uma phase culminante na historia do Mahometismo. Acontecia isto no anno 622 de nossa era. A época ficou com o nome de Hegira ou o "anno da grande fuga". Em Yatreb, Mahomet desconhecido como marido da viuva Khadidja ficou immediatamente reputado formidavel propheta. Durante sete annos fez prodigios, predições e revelações extraordinarias a ponto de empolgar a multidão. Mahomet era muito intelligente. Ficou fortissimo e ficou com vontade de se vingar do pessoal de Mecca que no começo não quiz acreditar na sua nova profissão de propheta de Allah.

Então foi a Mecca com um bocado bom de fieis: matou e espancou grande parte de sua população, convencendo os restantes de que Allah lhe dera força para ser um grande propheta. O povo ficou sabendo. Mahomet apprendeu com os christãos muitas coisas e essas coisas mais ou menos deformadas transmittia a sua gente. No mais promettia uma posse immediata de um paraiso divertido depois da morte, prohibiu o uso de bebidas, e recommendava muita paciencia com a sorte que coubesse a cada um. Allah mandava, Allah devia ser obedecido: era o destino, não se devia forçar. Mahomet era intelligente: quiz obter as bôas graças dos poderosos e tornar imperialista a totalidade das tribus arabes sob sua chefia. Era conveniente pois favorecer certas pretenções dos ricos. Permittiu que cada fiel pudesse ter em sua companhia e sob o mesmo tecto quatro esposas. Só os grandes proprietarios de caravanas podiam aguentar com a despesa de quatro mulheres indolentes e nada trabalhadoras, segregadas pela força dos costumes dentro dos harens. Essa permissão favoreceu unicamente aos faustosos proprietarios. Um dia uma febre atacou o propheta que veiu a morrer no anno 632 depois de Christo.

Abu-Bekr — seu sogro e companheiro de fuga — succede a Mahomet na qualidade de califa e de guia dos mahometanos. Durou dois annos e foi substituido por Omar-Ibn-Al-Khattab — guerreiro nato que ao conhecer a opportunidade de agir com aquella multidão a que a superstição tinha transformado de pastores em soldados, conquista em menos de dez annos a Palestina, a Syria, o Egypto, a Persia, e a Phenicia — todas estas nações em declinio ou agonizantes como organização militar. Quando Omar morreu, Ali que era marido de uma filha de Mahomet passou a chefe espiritual e guia do povo. Entretanto como houvesse tremenda dissidencia entre Ali e alguns pontos doutrinarios estabelecidos pelo propheta de Allah, exterminaram Ali. Seria melhor tornar então o califado hereditario. Ficando hereditario, o califa ficou monarcha, ficou chefe de Igreja, ficou chefe militar, arregimentou cavalleiros e deliberou impor ao mundo a religião do finado marido de Khadidja ao mundo. Nesse tempo os fieis tinham construido ás margens do Euphrates, perto de Babylonia, uma cidade a que denominaram Bagdad. Finalmente, no anno 700 o general Tarik atravessava o estreito de Gibraltar ou Gibel-al-Tarik (montanha de Tarik). Em pouco tempo organizava batalha e vencia o rei dos Visigodos. Atravessa os Pyrineus, vence o duque de Aquitania e segue com o seu formidavel exercito de fanaticos em caminho de Paris. Tinha decorrido, apenas um seculo da morte de Mahomet e já os seus adeptos se encontravam junto de Paris como portadores militares da palavra do mestre. Mas o chefe dos francos — Carlos Martel expulsa, rechassa a horda de mussulmanos do chão da França. Estabelecem-se então na Espanha. Na Espanha Abd-er-Rahman installa o califado de Córdova. Este dominio mourisco durou em terras de Espanha sete seculos. Granada fôra a ultima cidade mourisca cuja queda marcou o fim do reinado mussulmano na civilização européa.

Os mais notaveis successores de Mahomet foram Abubecre, Omar Otman, Ali, os Omniadas. Estes reinaram em Damasco de 661 a 744. Desthronados pelos abássidas foram fundar em Cordova, na Espanha, uma segunda dynastia. Os abássidas constituem um outro grande califado — o de Bagdad. Mais tarde surgiu em Cairo, na Africa, um terceiro califado — dos Fatimitas ou descendentes de Fatima, filha preferida de Mahomet e mulher de Ali. O mais illustre califa de Bagdad, Harun-Al Raschid rodeava-se de poetas, escriptores e sabios. Ao seu tempo compuzeram-se as historias das Mil e Uma Noites. Foi mesmo Harun-Al Raschid quem privou da amizade de Carlos Magno. A este famoso imperador mandou o califa arabe presentes extraordinarios e as Chaves do Santo Sepulchro.

Mahomet se gabava de não saber ler nem escrever mas o seu povo por certo não vingou na suprema ignorancia do propheta: — Cordova chegou a possuir sob o dominio arabe oitocentas escolas publicas e setenta bibliothecas. Os seus estudiosos vulgarizaram os livros egypcios, gregos e persas que traduziram e espalharam no occidente. Dois famosos medicos analysaram e criticaram as obras de Aristoteles. Transportaram tambem para o Occidente a palmeira, o arroz, a amoreira, a canna de assucar. Em poesia, o caracter extremamente sensual do islamismo privou os seus poetas da verdadeira inspiração, não deixando os seus vates ultrapassar o plano da lenda e o circulo fechado de paixões terrenas. A esculptura como a pintura tiveram peor sorte do que a poesia. O Alcorão prohibe qualquer representação do homem por intermedio dessas artes. Privados dessas altissimas manifestações do espirito graças a profunda ignorancia de Mahomet, os arabes culminaram na architectura em que manifestaram a sua poesia um tanto opulenta e complicada de arabescos e columnas e todo o estylo que trouxeram do byzantino e do persa.

Carta-prefacio para um livro de versos

Henrique Castriciano

Meu caro Mario Linhares:

A sua bondade me absolverá do peccado em que incorri, conservando por tanto tempo — vae para dois mezes! — o seu precioso volume de *Poesias*.

Desejava lel-o no campo, mal cahissem as primeiras chuvas, na alegria do sertão nos dias de inverno.

O inverno não veio até agora; ainda assim me invadiu não sei que nostalgia destes logares de soffrimento.

E trouxe commigo o seu precioso manuscripto.

Estamos em plena secca. Ha mais de um anno não chove.

E eu, ha tres dias aqui, sinto como nunca senti o martyrio de nossa terra, a melancolia selvagem dos rincões em que passei boa parte da meninice. E' infinita a minha tristeza ao visitar paragens só de mim lembradas, na saudade com que todos recordamos as paginas da existencia para sempre volvidas.

Hontem, ergui-me da rêde aos prenuncios do amanhecer.

Segui por sinuosas veredas até chegar á estrada real, em cuja margem eu suppunha encontrar velhos casebres de pobres amigos de outros tempos.

Regressei logo: ha talvez duas decadas não vejo esses conhecidos e muitas das casinhas toscas em que habitavam estão reduzidas a tapéra.

Senti bem o drama em que se abysmaram tantas existencias humildes e preferi não indagar do fim que lhes deu o destino.

Fazia um luar muito branco, luar de sonho e de encantamento. Quedei-me um instante á beira do caminho; depois regressei silencioso. Só então observei o contraste do meu silencio de ephemero no meio das vozes eternas que maldiziam e clamavam na aridez que me cercava. Era o impetuoso fragor das ventanias; gemidos supplices do gado moribundo; protestos de cães contra a fome que lhes dilacerava as entranhas; e, como á margem do inaudito tumulto, duas vozes sahiam da sombra nitidas, implacaveis: — o pio do caboré e o bocejo sarcastico da mãe da lua.

Veio depois a manhã ao grito alviçareiro dos tétéos; os ventos ululantes silenciaram de repente; as fogueiras accesas pelos vaqueiros ao romper da aurora, para a queima da macambira e do chique-chique destinados á alimentação do gado, perderam a côr rubra á claridade vibrante do sol.

Vim para o pouso e abri o seu livro.

São poesias de vigorosa belleza, traduzindo a sensibilidade de seu temperamento de emotivo. São versos primorosos, como *Solemnia verba, Minha filha, Morte de Iracema, Canção do exilio, Praia do Meio, Renascimento* e outros e outros.

Não obedecem a um plano. Foram escriptos na trepidação dos multiplos acasos da existencia humana nos dias de hoje; são rapidos clarões da vida, breves resôos da alma, em contacto com o mundo exterior. E esplendem quasi todos elles o fulgor e o martyrio da natureza nortista:

A SECCA

Ceará. Pleno sertão. Agosto. Um sol de brasa
Queima impiedosamente o ventre da floresta.
O ar, pesado, asphyxia. O espaço nem uma asa
De ave corta. A adustão flores e fructos cresta.

Fuzila o dia. Em furia, o vento, dentre a fresta
De abertas rochas, silva. A' sêde que o abrasa,
O touro escarva o chão e, ao mormaço da sesta,
A dor da planta á dor dos passaros se casa.

Nenhum riacho a collear o amplo seio do bosque.
E' ardente o solo, é secco o arbusto, é triste o [prado;
E nenhuma héra ao tronco annoso ha que se [enrosque.

Calma. Pela explanada apenas se ouve o pio
Dos annuns e o mugir convulsivo do gado,
Sob a caustica luz desses dias de estio.

Creio que você não tencionou escrever uma obra regionalista. Quem ler, porém, os seus versos sente, desde logo, o calor do norte: — tudo nelles é vibração tropical. E o cuidado com que você maneja o verso, dando á fórma os requintes do parnasianismo, augmentada o brilho das estrophes, como si você expuzesse ao sol um punhado de joias depois de as polir com intenso

carinho. Eu sei que a gente nova não tolera os parnasianos. Ha certa justiça nesta apreciação. O excessivo polimento torna a poesia, ás vezes, monotona. Melhor será não pensar em escolas, quando se faz versos. Cada geração tem o seu estylo, que o escriptor assimila sem necessidade de acurado estudo. Mas, sendo a poesia o reflexo do sentimento de todos, a expressão deve ser natural e simples para ser de todos bem comprehendida. De outro modo, o autor não transmittirá, com a ambicionada intensidade, as proprias emoções, casando-as ao sentimento alheio.

Cada um de nós sente a seu modo os phenomenos do mundo, embora a explicação destes venha de longe e, de fonte religiosa, scientifica ou simplesmente emotiva, constitua o ponto de partida de series infinitas de sensações, das quaes o poeta é naturalmente o transmissor principal. Elle é um estuario de idéas abstractas, de imagens que lhe chegam ao subconsciente através de emoções suggeridas pela vida exterior, crystalizando-se, tomando a fórma concreta do verso.

Assim, o romantismo, o parnasianismo, o symbolismo e, por ultimo, o futurismo, são élos de uma só cadeia. E as lutas successivas de taes escolas são crises que fazem rir os sabios como Renan, envelhecido no estudo de gerações e gerações que se guerrearam e... passaram.

Lembra-se você da resposta do desencantado autor da *Vida de Jesus* a Jules Hurot, em 1894, quando este, a proposito da evolução intellectual da França, o interrogou a respeito dos credos literarios que, então, se degladiavam encarniçadamente em Paris?

— "São creanças que chupam o dedo..."

As creanças de hoje atacam com furia as de hontem; serão, por sua vez, aggredidas pelas d'amanhã.

Não vale a pena condemnar os movimentos de repulsa da mocidade. E' a seiva dos primeiros annos.

Lamentemos, porém, a sua falta de coragem para os altos emprehendimentos e não lhes occultemos quanto é inutil e vã essa certeza de navegarem por mares nunca dantes navegados, quando innumeros e antiquissimos argonautas sulcaram as mesmas aguas e interrogaram os mesmos horizontes.

Guerra á metrica, á rima, á grammatica? Mas os velhos poetas latinos não rimaram. Na lingua portugueza, são tantos os versos brancos! E sempre existiram poetas inimigos da syntaxe e da rima.

Lembro apenas um, dos maiores de todas as épocas. *"A grammatica esmaga a poesia; não foi feita para nós outros..." "Devemos falar como a palavra nos vem aos labios..." "Si me interrogarem sobre o que se appellida verso, responderei francamente que rythmo, medida, cadencia, rima ou consonancia de certos sons semelhantes no fim da linha cadenciada, se me afigura bastante indifferente á poesia nesta época avançada e verdadeiramente intellectual dos povos modernos."* São palavras de Alphonse de Lamartine, ha perto de um seculo.

Sómente, elle não comprehenderia os versos sem elevação da maioria dos poetas de agora, a ironia apressada delles, toda em fragmentos, á semelhança das cobertas de tacos dos retirantes sertanejos.

Causa pena ver a attitude mental de certa parte da juventude, não pelo constante desprezo ás regras do verso, mas pela absoluta indifferença aos grandes problemas da hora presente.

Sabe-se que, no Brasil, a poesia e o romance nunca influiram como deviam na vida nacional.

Terão concorrido um pouco para o advento da Abolição, com os admiraveis surtos lyricos de Castro Alves. Essa influencia, nem de longe se poderia medir com a acção ao mesmo tempo demolidora e constructora da *Cabana do Pae Thomaz,* de Henrieta B. Stowe. Ainda assim, ninguem negará aos romanticos do Brasil sincera e commovida preoccupação de libertal-o da influencia mental lusitana, de descrever com enthusiasmo a nossa natureza, de defender com energia a raça que os reinóes aqui encontraram e, na eterna injustiça dos fortes, dominaram maltratando.

O parnasianismo não realizou tanto, mas a acção pessoal dos seus progonos na Abolição e na Republica não foi pequena: basta lembrar a influencia de Bilac nos ultimos annos.

E' inquietante a acção social negativa de muitos novos.

Os livros que publicam são, em assombrosa maioria, verdadeiros *bluffs*, si é possivel juntar as duas palavras. Poucas paginas. Nenhuma idéa, nenhuma emoção. E grosso papel, para illudir melhor. Isso é um aspecto psychologico lamentavel da crise actual da civilização brasileira. Posso estar em erro, mas creio firmemente no

poder da palavra escripta em phases chaóticas como a que atravessamos. Os romancistas e poetas slavos, os romancistas francezes antecessores da Revolução de 1848 e, ainda ha pouco, no momento da Grande Guerra, d'Annunzio, fôram elementos de real vigor dynamico.

Onde, entre os moços de hoje, os successores de Gonçalves Dias, de Alencar, de Castro Alves?

Estes cantaram o martyrio dos indios e dos escravos; os moços de agora ainda não poderam ver e ouvir a agonia dos descendentes de escravos e indios.

Não obstante aquelle estridente grito de dôr do formidavel Euclydes, nos *Sertões*, milhares de párias brasileiros estão morrendo de peste e de fome, nas cidades e nos campos. E não encontram quem, na poesia e em romances successivos, exhiba, aos olhos do paiz que não sabe avaliar o proprio soffrimento, as suas chagas de mendigo, no meio da mais fertil natureza do mundo.

Quasi todos os romancistas se limitam a contar historias apressadas de gente que não é bem nossa; os poetas desferem rapidas lôas sem medida nem rythmo nem profundeza, apregoando um nacionalismo de superficie, ás vezes apenas circumscripto á alteração errada da prosodia popular ou a vagas reminiscencias das senzalas, através de sambas e cateretês.

Certo,ninguem exigirá dos nossos romancistas o largo sôpro de renovamento espiritual despertado em escriptores como Duhamel e Remarque pela immensa tragedia de 1914.

Ninguem pedirá igualmente aos poetas versos com a originalidade dos melhores de E. Verharem e Witman annunciadores da musa em que a Humanidade futura, em plena victoria da machina, synthetizará os enthusiasmos e os desencantos da Especie...

Por feliz acaso, venho de ler, no *Pragmatismo* de William James, trechos do poema *A vós!* do grande poeta americano. São consoladoras exhortações a um anonymo, homem ou mulher, um desconhecido a quem o pensador envia um sorriso de ternura e de piedade.

Nós nem sequer tentamos nos approximar das paragens onde vibram accordes como os desses versos immortaes. Estamos acostumados ao isolamento uns dos outros, desde os primeiros annos do nascimento do Brasil, á falta de grandes guias espirituaes, desapparecidos com os Jesuitas, principaes fundadores da unidade patria.

A literatura, mesmo sem programma, mantendo a tradição da lingua e transmittindo á Nação o sentimento dos autores, filhos da mesma gente, auxiliou como poude a expansão dessa unidade.

Agora, entre os poetas, são raros os que, como você, seguem o rumo de outrora, observado a cada passo no seu enthusiasmo, no seu temperamento vibratil, no seu cada vez mais acentuado brilho de artista consciencioso.

Tudo nas *Poesias* denota o mais são brasileirismo. E faz bem a alma sentir o amor com que você fala constantemente na terra do seu nascimento, — o Ceará, irmão e companheiro de minha terra, o Rio Grande do Norte, sempre confundidos em identicas aspirações, através da angustia profunda que é quasi toda a historia do Brasil septentrional.

* *

...E, emquanto releio estas linhas traçadas hontem, reproduz-se a mesma scena que descrevi então. Ouço o mesmo côro vindo dos cerros pedregosos e contemplo a ascensão do dia, em allucinante claridade.

A luz como que se infiltra nas vozes desse côro, mudado de subito em profundo clamor. E' o estouro dos alyseos em redemoinhos brutaes, o mugido do gado faminto e arquejante, é o lamento da cauam bravia, alongando pelas quebradas a sua voz quasi humana, é o aboio dos vaqueiros outrora saudoso mas sereno, agora transformado na tristeza da oração dos mortos...

Sêres e cousas reagem e clamam em instantes de incomparavel dôr.

Depois, um resignado silencio: repousa o coração da terra, para logo acordar em desesperado sobresalto.

Embora! Esse coração não morre, não morrerá jamais.

Como todos os aedos da região, affirma-o você, em estrophes magnificas:

"O sol abrase; o vento açoite; o chão escalde;
e as arvores, erguendo aos céus os braços nús,
rinjam; e muja o gado e a terra inteira, embalde
clame, ao poder brutal do castigo da luz,

— O másculo vigor do teu sêr não se abate,
da Dôr fira-te, embora, o seio o agudo chuço,
sabes, estoica, unir nas furias do combate,
os gritos da victoria aos ais do teu soluço!"

Uma apresentação

Pedro Calmon

A senhorinha Dylke de Barbosa Rodrigues escreveu um livro forte e bello sobre o tragico, tremendo episodio dos Cabanos do Pará. Bisneta do heroico Angelim, o caudilho esplendido e generoso daquella revolução rude, amando enternecidamente a grande terra amazonica, cujas maravilhas naturaes os Barbosa Rodrigues não se cançaram de estudar, a distincta autora patricia podia, como ninguem mais, traçar em linhas originaes o quadro da epopéa cabocla. Isso ella fez, obedecendo aos louvaveis impulsos de um civismo feminino e de uma arte, que por certo darão ás letras brasileiras modelos perfeitos e duraveis.

O drama da Cabanagem tem os aspectos agrestes, o matiz barbaro e a indole selvatica das insurreições populares que se embrulham nas coleras da natureza e se diluem nas manifestações bravias da alma sertaneja. O seu nativismo é commovente: apresenta, na verdade de um sentimento vivo, o zelo tormentado dos homens simples pelo torrão do berço. O seu liberalismo é lyrico: mostra uma exaltada geração de moços fazendeiros a pagar com o sangue o seu tributo ás idéas caras da Independencia, em odio ao passado de submissão e immobilidade. Palpitam alli, sobretudo, as alviçaras do espirito novo, da raça despertada; as incoherentes esperanças do povo sacudido do seu velho somno pelos estimulos de um patriotismo regional, irritado e ardente; o destemor e a galhardia de uma gente combativa, que arriscou, á sorte das batalhas, patrimonio, vida e sonho.

Os equivocos do periodo regencial geraram o tumulto creador das lutas mais espontaneas, ferozes e ingenuas de toda a nossa historia social. Foi um decennio afogueado pelos incendios ateados, de norte a sul, no paiz inteiro. Rôta a velha disciplina, subvertida a ordem, anti-obscurecidos os valores espirituaes, ou deformados pela paixão rural e intolerante dos partidos desatinados, o pre-romantismo brasileiro tomou de uma espada e a brandiu sobre a crise nacionalista, immensa e terrivel. A tempestade não teve direcção: foi devastadora e repentina. Enrolou no seu turbilhão a alma jovem da patria. Passou rugindo e derrubando. Quando voltou a serenidade de uma doce manhã reparadora, foi que se viu que houvera, nos impetos monstruosos da tormenta, mais alegoria do

que força atroz. A unidade nacional persistia, integra. A paz moral regressou aos lares com os paisanos armados, que depunham as carabinas para retomar a enxada. Os cabecilhas façanhudos transformaram-se facilmente em cidadãos tranquillos. O governo imperial, sabio e manso, congraçou as hostes exhaustas com a opportuna amnistia que lhes esqueceu os crimes. A justiça politica consumou a definitiva pacificação, e cada Provincia, esquecidos os resentimentos tradicionaes na promessa de um futuro constructivo, fez por olvidar as scenas crueis de outróra. Mas o orgulho civico, dos lendarios pelejadores mortos, a idéa de que tinham batalhado á frente de multidões enthusiastas e confiantes, encarnando as melhores virtudes, de sacrificio e audacia, de um povo energico, insensivelmente levantaram altares ao culto daquelles antepassados invictos. Afervorou-se com o tempo. Ganhou, nas perspectivas amplas da literatura retrospectiva, a importancia de uma devoção instinctiva. Confundia a uns e outros, rebeldes e legalistas dos combates de 1835, na mesma tonalidade poetica em que se misturam os personagens do poema, e as grandiosas energias que elle canta. A evolução da chronica para a epopéa se processou assim: no fundo, a commovida curiosidade das origens sentimentaes do Brasil moderno ergueu monumentos onde cruzes humildes assignalavam matanças iniquas. Antes de tudo o que se explicava, o que se comprehendia e o que se commemorava era o genio irrequieto e liberal dos brasileiros!

Neste volume, a sensibilidade delicada e a intelligencia de uma escriptora que aprimorou a vocação na investigação dos problemas de antanho, revive intenso, contradictorio, espantoso e melancolico, o martyrologio dos Cabanos.

E' de leitura leve, proveitosa e educativa.

Num painel apenas, da theoria dos retabulos das nossas guerras civis, achamos as linhas distinctivas da sociedade que convulsivamente adquire a sua physionomia propria. Surprehendemos — no horror da catastrophe — a solidificação de um terreno definitivo. Julgamos perceber a final conciliação do homem primitivo com a civilização que o atordoa e a terra que o escraviza. Tambem sanguineas são as cores do céu, sobre os morticinios fratricidas de ha cem annos. Vermelhas de aurora. Tintas de madrugada. Inicio de um largo dia fecundo e brando.

A inquietação moderna

Othon Costa
(Da Academia Carioca de Letras)

Essa inquietação que assignala o espirito moderno não é um phenomeno de pequena significação, um phenomeno isolado, sem antecedentes e consequentes, como que manifestando-se num ou noutro individuo, numa ou noutra sociedade, por uma causa efficiente desconhecida. Quem, no momento que passa, se detiver, por mera curiosidade, como observador attento, deante do scenario universal desse cosmorama de cousas surprehendentes, verá que essa inquietação moderna é um phenomeno geral, um symptoma do estado actual do espirito humano, resultante de uma saturação cultural millenar, que fatalmente faria irromper, em todos os espiritos, com a evidencia alarmante de um clamor universal, esse principio de desordem, essa tremenda confusão, esse cáos de incertezas, em que só a duvida é verdadeira e só o scepticismo é logico, toda essa nebulosa tumultuaria, em summa, que, na apparencia desorientadora de um cataclysmo, denuncia um periodo de transição para um mundo, talvez melhor, de paz e tranquillidade, em que as nossas aspirações de todos os dias se tornem, afinal, uma realidade venturosa, pelo menos para as gerações futuras.

O homem moderno é um eterno incontentado. Da passibilidade satisfeita do homem antigo, passamos á velocidade immoderada do homem de hoje. O homem deste seculo tem a volupia da carreira. Quer correr em todos os sentidos: si, horizontalmente, o mundo vae cessando, é preciso subir, cada vez mais, para ter uma noção vertical das cousas e acabar com a significação obscura do mysterio. Tantos seculos de vida especulativa, de constante invasão pelos dominios da propria alma, mostraram ao homem o sentido exterior da vida. Entre o philosopho antigo e o sabio moderno ha muitos seculos de experiencia. Socrates, no seculo XX, seria um absurdo, emquanto que considerado no seu tempo, foi um dos transformadores do pensamento humano. A experiencia, para o homem antigo, era o ensinamento natural, quasi sempre doloroso, que os annos lhe davam; o homem contemporaneo parte da experiencia. A simples phantasia actual de uma viagem á lua interessa mais do que uma introspecção do inconsciente. O homem deste seculo sabe que a relatividade é a unica cousa absoluta, mas procura o absoluto mesmo na relatividade das cousas. E' que deste ponto de vista pragmatico da experiencia ou do "empirismo radical", para adoptar um conceito bergsoniano, "notre raison est moins satisfaite. Elle se sent moins à son aise dans un monde où elle ne retrouve plus, comme dans un miroir, sa propre image".

Todavia a sua aspiração proteica de tudo conhecer pela curiosidade da intelligencia, e de tudo conquistar pelo dominio da vontade, está sempre a debater-se no circulo de ferro daquella fatalidade obscura, de que fala Spencer, que sulca, na estrada real da vida, o destino irreparavel de todos os seres. Apezar do seu livre arbitrio, que innumeraveis questões tem suscitado, o orgulhoso *homo sapiens*, de Linneu, nem sempre consegue dispôr livremente de seu destino. Uns querem subir e, para esta ascensão, fazem da existencia uma escada de fogo: quando suppõem que estão brilhando, na luminosidade da gloria, estão apenas morrendo queimados. Outros nascem do fastigio, com a fortuna de um nome glorioso, ou com o nome glorioso de uma fortuna, e, assim, conseguem fazer da vida uma estrada suave para o alto. Ha, porém, os infelizes que nasceram para descer e, dentro desta fatalidade abysmal, têm os olhos

ESTEVÃO CRUZ

O anno de 1936 não nos deixou sem nos levar alguma coisa de caro e de precioso: morreu Estevão Cruz, nos ultimos dias de Dezembro!

Levando-o comsigo, 1936 deixou-nos um grande desconsolo e abriu um claro difficilmente preenchivel na nossa literatura didactica, que Estevão Cruz enriqueceu com uma serie de obras utilissimas e brilhantes.

Com apenas 34 annos de edade, Estevão Cruz, dono de uma das mais completas culturas do Brasil e de um dos melhores corações que já conhecemos, deixa um nome que, pela obra, pelo talento e pela bondade de seu portador, sobreviverá á sua morte physica.

---

voltados para baixo, para a chafurda dos miseraveis, das creaturas inferiores, que assignalam, na orographia social, o valle doloroso dos soffrimentos humanos.

Qualquer que seja, entretanto, a directriz do homem actual, a velocidade terá de ser um factor predominante. Acciona-se mais do que se medita, e esta falta de serenidade reflectida, que está na proporção directa da lucta pela vida, si vae passando quasi despercebida ao julgamento superficial de nossos dias, será, de futuro, melhor comprehendida, quando a fria imparcialidade dos pósteros tiver de meditar sobre o acervo das idéas e realizações dos dias utilitarios e intranquillos do nosso tempo. Evidentemente, si o nosso esforço, por vezes, titanesco, tem frustado ou vae se fazendo em vão, na sua precipua finalidade, a culpa é muito menos nossa do que mesmo de um determinismo historico, que accumulou nos dias que passam, de esforços dispersivos em busca da felicidade impossivel, quasi todos os factores que têm anniquilado as mais poderosas civilizações.

Essa irrealização da propria Realidade é que, não raro, dá origem á inquietação moderna. Os homens querem o que não têm e, por uma extranha e pueril compensação, erguem o seu clamor delirante que faz a intranquillidade do mundo. O homem infeliz não quer ver a felicidade de ninguem. E o egoismo é o eixo da terra.

Dentro da philosophia e da arte, da religião e da sciencia, da politica e da literatura, em tudo e por tudo perpassa a mesma inquietação, que faz a physionomia do momento que passa. O philosopho moderno é uma especie de mercadejador ambulante de idéas; é um Keyserling que corre o mundo mais á caça de dinheiro do que de emoções e pensamentos novos.

O artista é um insatisfeito; mais variavel do que as mulheres, procura, para a sua arte nova, um conceito integral, e acaba por negar a propria esthesia, na construcção de monstrengos e titeres ridiculos, em que não se sabe verdadeiramente o que pretendeu realizar, na sua hecteroclita concepção de arte moderna. Em tudo, finalmente, se nos deparam as mesmas pungentes incertezas, as mesmas aspirações irrealizadas, a mesma intranquillidade reinante, como alguem que, perdido na encruzilhada, não mais soubesse encontrar o caminho de sua casa, que é, como o proprio caminho de seu destino...

Estevão Cruz nasceu em Victoria, no Estado de Pernambuco, no anno de 1902, tendo feito em Recife o seu curso de humanidades. Mostrou, desde cedo, vocação para o magisterio.

Antes de escrever os admiraveis compendios que hoje o Brasil conhece e admira, trabalhou longos annos como professor, indo desde a escola primaria do interior de Pernambuco até aos cursos secundarios das grandes capitaes do paiz.

Psychologo por intuição e por cultura, fez varias observações preciosas em obras pedagogicas.

Só muitos annos mais tarde é que lançou a sua primeira obra didactica *Compendio de Philosophia,* que alcançou um exito positivo e tornou logo conhecido o seu autor. Seguiram-se outros trabalhos: *Theoria da Literatura, Anthologia da Lingua Portugueza, Programma de vernaculo, Programma de Latim,* e essa soberba *Historia Universal da Literatura,* a obra mais completa que, nesse genero, já se escreveu em lingua portugueza.

Com o desapparecimento de Estevão Cruz, perdem as letras brasileiras um dos seus mais brilhantes collaboradores e a Pedagogia nacional um dos seus mais esforçados e completos constructores.

Vivendo minutos de dynamismo entre os 213 orgãos diarios da Imprensa Brasileira, no "LUX - JORNAL"

Como se pode saber o que dizem os jornaes de todo o Brasil sobre qualquer assumpto

A secção de recortes

"ANNUARIO BRASILEIRO DE LITERATURA" visitou os escriptorios de "LUX JORNAL", a convite dos seus directores, snrs. Mario Domingues e Vicente Lima.

Ahi teve occasião de verificar a actividade dynamica posta em pratica pelo seu pessoal, compulsando 213 orgãos diarios da imprensa brasileira.

Percorremos as suas varias secções e em todas observamos o mesmo apuro technico, formando um conjuncto effectivamente modelar. Recortadores, remarcadores e carimbadores entregam-se a um trabalho paciente para attender ás centenas de assignantes dos serviços "LUX".

"LUX JORNAL" recebe, lê e recorta todos os jornaes diarios do Brasil e por um systema original de trabalho, pesquiza nesses 213 jornaes as noticias do interior de seus assignantes, remettendo, diariamente, os recortes dessas noticias, com indicação do nome, data e localidade do jornal que as publicou.

Foram seus fundadores Mario Domingues e Vicente Lima, homens affeitos ás lides do jornalismo, que se dedicaram á profissão com a tempera dos grandes realizadores.

Como empresa jornalistica o "LUX" possue tambem um corpo selecto de experimentados redactores, distribuindo frequentemente collaborações á imprensa, principalmente á Estadoal. Agora, intensificando esse serviço, resolveu estabelecer a collaboração permanente sobre o movimento literario em todo o Paiz. Recebendo livros das empresas editoras, fará uma noticia sobre o apparecimento desses livros, divulgando-a nos jornaes dos Estados. Essa é, como se vê, uma util creação do "LUX", em proveito do livro brasileiro, iniciativa a que o "ANNUARIO BRASILEIRO DE LITERATURA" dá o mais irrestricto apoio.

"O ANNUARIO BRASILEIRO DE LITERATURA" deixou a séde do "LUX JORNAL", á rua Buenos Ayres 176, agradavelmente impressionado e com prazer transmitte aos seus leitores de todo o Brasil a noticia dessa sua visita.

Os dez grandes mortos do anno que findou

Faustino Nascimento

Se a veneração pelos mortos, de um modo geral, é um acto sublime de piedade e compaixão, um gesto de solidariedade humana, que engrandece e dignifica, o seu culto, passa, comtudo, a assumir o caracter de um simples preito de justiça ou o cumprimento de um elementar dever de gratidão, com relação áquelles que deixaram após si, na poeira inconsistente do tempo, traços indeleveis e immorredoiros de sua passagem pela terra. E' o que acontece com esse notabilissimo decemvirato, que exercia, até bem pouco tempo, a sua soberania mental em todo o mundo culto e que a morte veio impiedosamente destruir, durante o anno fatidico de 1936. E' verdade que só a existencia physica, material desses soberanos da intelligencia foi attingida pelo golpe inesperado da Parca inexoravel. O seu pensamento, através de sua obra, a sua doutrina, através da sua theoria, o seu exemplo, através do seu passado, a lição pratica de sua vida mesma ficam eternamente a orientar as gerações que lhes succedem. E' aqui que se applica, com absoluta propriedade, a sentença famosa do celebre fundador do Positivismo: "Os vivos são sempre e cada vez mais governados pelos mortos". E foi partindo deste principio tambem, de certo, que notavel historiador da Grande Guerra, tratando das batalhas decisivas do Marne, e de Verdun, affirmou, algures, que os soldados vencedores eram guiados mais pelos mortos do que pelos vivos, pois tinham o senso das responsabilidades que lhes pesavam aos hombros pelas tradições dos seus antepassados. E seguiam o seu exemplo, redobrando de força, de coragem e de bravura, afim de que pudessem considerar-se dignos continuadores de suas glorias preteritas.

Eis por que nunca é demais rememorar os nomes e os feitos desses dez notaveis vultos da literatura e do pensamento universaes que tiveram o rythmo de sua vida para sempre interrompido, durante o decorrer do anno que findou.

Cada um desses egregios personagens constitue um universo ápart e. O pensamento, a arte, a doutrina de um muita vez estão em completo antagonismo com o pensamento, a arte e a doutrina de qualquer dos outros. O meio, a raça, o tempo, — os determinismos historicos, em summa, actuaram differentemente em cada uma dessas predestinadas e privilegiadas cerebrações. Basta mesmo considerar que, entre esses dez preeminentes varões hoje desapparecidos, se encontram um russo, dois italianos, tres francezes, dois inglezes, um allemão e um hespanhol. Não ha, porém, aqui fronteiras de paizes. Diante da grandeza e majestade de sua obra, diante do exemplo edificante de sua vida, para os homens de pensamento e de cultura, elles são considerados como caracteristicos cidadãos do mundo.

Podemos discordar de suas idéas e doutrinas, devemos mesmo combater aquellas que nos não pareçam verdadeiras, mas nem por isso deixaremos de reconhecer, admirar e proclamar a grandeza do seu valor, a elevada significação do precioso contingente, com que cada um contribuiu para a obra da civilização e da cultura universaes.

Para nós, povo jovem da jovem America, que temos a dita de ir podendo aproveitar a lição da experiencia das velhas civilizações do Velho Continente, cresce de vulto a importancia da obra desses pro-homens da cultura do nosso tempo.

Porque, embora não tenhamos no Brasil nem na America os mesmos problemas da Europa, ou melhor, da Eurasia, nem por isso deixamos de tambem viver esta hora de inquietação, de angustia e de incertezas para toda a humanidade, quia homines sumus.

E nada mais importante, em um momento como este, do que recapitular, mesmo num rapido registro ou numa apressada resenha, o que fôram e o que fizeram esses dez grandes mortos do anno que findou:

MAXIMO GORKI

O nome verdadeiro do grande escriptor

slavo era Aleksey Maksimovich Peschkov. A cidade em que nasceu, em 14 de Março de 1868, tambem já não conserva hoje o nome de Nizcnij Novgorod. A partir de 1932, como homenagem ao seu illustre filho, passou a chamar-se Gorkij.

Gorkij, que em lingua russa quer dizer — O AMARGO — foi o pseudonymo literario que o escriptor adoptou e com o qual se tornou mundialmente conhecido. E essa escolha proveio certamente do facto de haver soffrido muito na vida e desde criança o autor de "Foma Gordeew", pois Gorki, se bem que originario de familia burgueza, se achou sozinho e desamparado no mundo desde mui tenra idade: aos sete annos, era orphão. Teve, assim, necessidade de lutar, experimentando todo o amargo travo que a vida offerecia áquelles que não tinham para quem recorrer.

Dos dezoito aos vinte annos approximou-se Gorki dos revolucionarios de então. Esses formavam o partido denominado Populista, em luta com os nobres, propugnando pelas reivindicações das massas populares. Era o inicio da sua atribulada vida politica na Russia czarista. Foi preso nessa occasião. Mas não se deixou amofinar. Continuou a sua tarefa com a sua paixão pela leitura, sempre em busca de mais illustração para o seu espirito. A publicação do seu trabalho intitulado "Makar Cudra", em um jornal de Tifflis marcou-lhe um primeiro successo. Continuou a escrever, publicando contos e esboços literarios nos jornaes de Novgorod. Os seus dois primeiros volumes foram editados sómente em 1898. Com esses foi admittido como membro honorario á Academia de S. Petersburgo, de cujo seio o Czar mandou riscar-lhe o nome em 1902. Gorki continuou a escrever, dando caracter cada vez mais social aos seus escriptos e publicou, nessa época, contos, romances e obras theatraes. São de então "Foma Gordeew", "Os Tres", "Annunciador de Tempestade", "Pequenos Burgueses" e "Os Filhos do Sol".

Em 1905 Gorki se viu envolvido numa conspiração e foi então preso, por ordem do Czar, na fortaleza de S. Pedro e S. Paulo em S. Petersburgo. O escriptor já possuia, a esse tempo, renome universal. Suas obras percorriam a Europa, traduzidas nas principaes linguas. E de toda parte surgiram os protestos junto ao governo russo que acabou por mandar pôr em liberdade o famoso escriptor, em 1906. Gorki emigrou então para a Italia, estabelecendo-se em Capri, onde organizou com outros patricios seus um centro de propaganda revolucionaria. Data de então a sua tendencia social revolucionaria que se tornou bem caracterizada no periodo que se extende de 1907 a 1912, no qual fez amizade com Lenine. Entretanto, não era mais bolchevista por occasião das revoluções de Fevereiro e Outubro de 1917, que terminaram por implantar a dictadura do proletariado na antiga patria de Catharina, a Grande. Participou, não obstante, da organização da actividade cultural dos Soviets.

Gorki esteve de novo na Italia, de 1921 a 1928, em tratamento de saúde. Voltou á U.R.S.S. e integrou-se no novo estado de cousas, vindo a fallecer o anno passado, aos sessenta e oito annos de idade.

Lendo-se a obra de Gorki, verifica-se que o escriptor não mudou de orientação literaria, nem de concepção ideologica em toda a sua longa trajectoria pela vida. Os assumptos tratados na adolescencia conti-

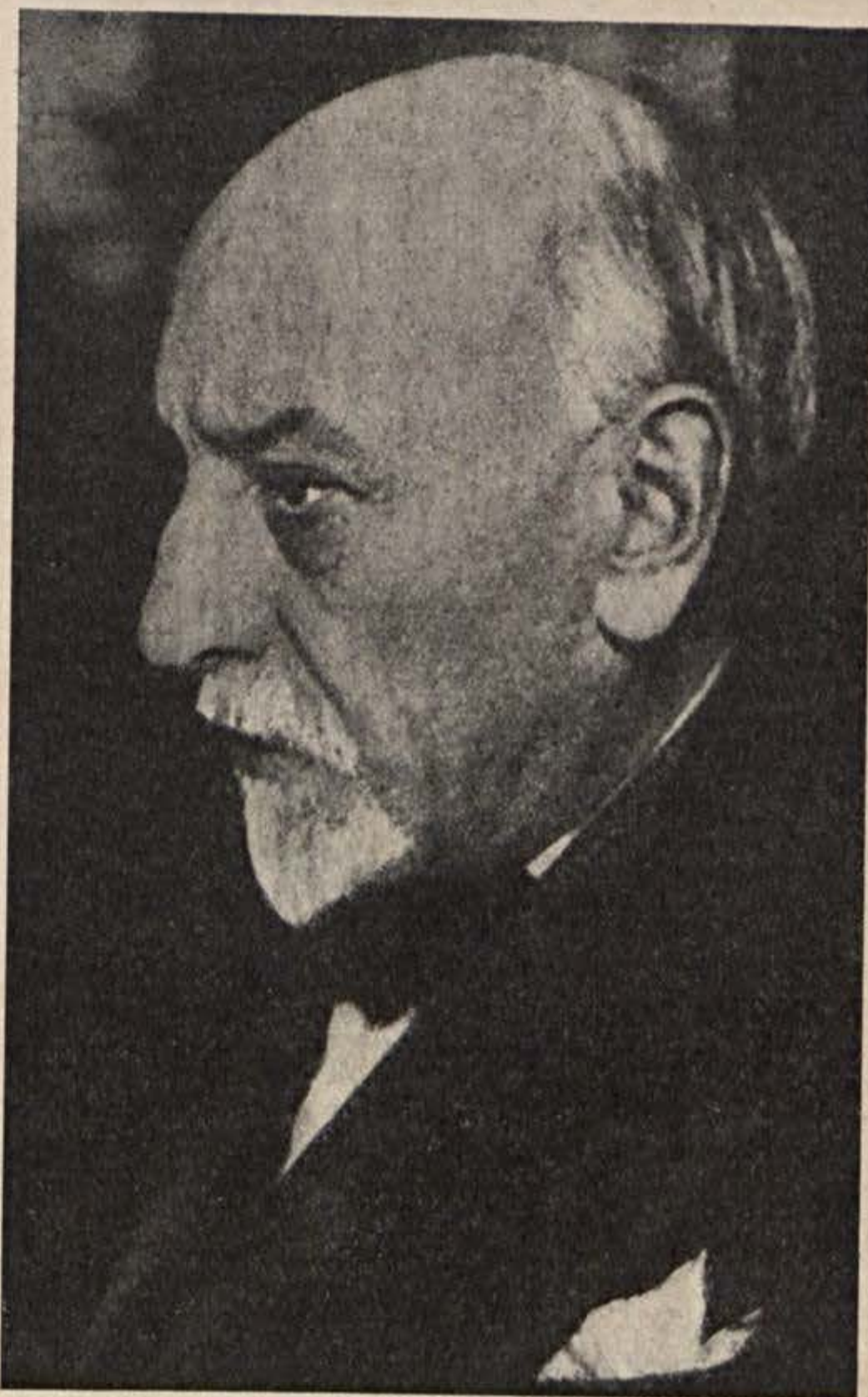
nuam a interessal-o em plena maturidade: a sua constante inspiração auto-biographica, a vida dos vagabundos, o sentimento de revolta contra a oppressão do absolutismo, a angustia e a miseria do povo, no meio do qual viveu e com o qual soffreu nos melhores annos de sua existencia.

Gorki escreveu tambem ensaios de critica: Tolstoi, Chekov, Andreew e artigos sobre a individualidade complexa de Lenine. Possuia vivacidade de estylo, colorido de linguagem e era profundo psychologo.

PIRANDELLO

Luigi Pirandello nasceu em Girgenti, na Italia, aos vinte e oito de Junho de 1867. Estudou em sua cidade natal e em Palermo e cursou mais tarde a Faculdade de Letras da Universidade de Roma. Foi alumno predilecto de Monaci e dedicou-se com grande carinho ao estudo de philologia romanica. A conselho de seu mestre, transferiu-se para a Universidade de Bonn, na Allemanha, em 1888, onde publicou os seus primeiros trabalhos literarios, começando pelo volume de versos "Pasqua di Gea". Escreveu depois em allemão a these laureada e em que demonstrou o seu extraordinario pendor humanistico: "Laute und Lautentwickelung der Mundart von Girgenti" ("Do accento e sua evolução, no dialecto girgentino"). Traduziu, nessa época, as celebres "Elegias Romanas", de Goethe, e regressou á Italia em 1890.

Capuana, que pontificava então nas letras da Peninsula ("Fanfulla", "Capitan Fracassa") incita-o a escrever em prosa, e o jovem e laureado humanista compoz a novella "Amore Senz'Amore" e a comedia "L'Amica delle mogli". A seguir escreve o seu primeiro romance: "L'Esclusa", no qual reponta já com vigor o sadio e original humorismo pirandeliano. Depois de compor a nova comedia "L'uomo, la bestia e la virtù", atira-se resolutamente, mas com impeto verdadeiramente genial, a escrever novellas: "Lontano", "La maestrina Boccarmé", "Beffe della morte e della vita", "Bianche e nere", etc.

Giuseppe Capuana pertencia porém a uma corrente nitidamente regionalista. E Pirandello logo se liberta desse ambito estreito e faz-se campeão da unidade italiana, ainda não consolidada de todo, no mundo das letras e das idéas. E a sua arte toma o caracter de um pronunciado ascencionismo social, onde apparecem os themas predilectos da paixão, do ciume, da velhice e da morte. E escreveu, em 1904, o seu grande romance "IL FU MATTIA PASCAL", em que procura fundir a materia e o estylo de sua arte prodigiosa, mostrando todo o seu poder de narrador eximio.

Vêm depois as obras: "L'umorismo e Arte e Scienza", "I vecchi e i giovani" e os livros nascidos da Grande Guerra: "E domani. . . lunedi", "Bereche e la Guerra", "Erba del nostro orto", "Un cavallo nella luna".

O grande merito de Pirandello está principalmente na criação do novo theatro, que nasceu agora como fórma extrema de arte lyrica e experiencia literaria.

Novellista e dramaturgo, traz da narrativa, do conto e da novella os mesmos themas para o drama. E dá-nos então a impressão de um ibsenista original, agitando magistralmente o drama terrivel da angustia em que se debate a burguesia do nosso tempo.

O theatro pirandeliano tem este traço

caracteristico: nelle o mundo apparece como uma continua invenção pessoal. A burguesia vive em palco permanente em que só é real a convenção; mas esta, mao grado seu, está em plena dissolução!

Pirandello era dotado de uma extraordinaria capacidade de trabalho intellectual. Basta referir que, no espaço de tres semanas escreveu a celebre obra "SEI PERSONAGI IN CERCA D'AUTORE" e, nas duas semanas seguintes, compôs o seu "Enrico IV" (1921).

Em 1934 *recebeu o premio Nobel de Literatura.*

BENELLI

Sem Benelli é uma outra expressão legitima dessa intelligencia latina vivaz e prompta, audaciosa e empolgante. Foi poeta e dramaturgo, autor e actor ao mesmo tempo. Nasceu em Prato, no anno de 1875, *vindo, destarte, a fallecer aos* 61 *annos de edade. Os seus primeiros trabalhos datam de* 1906: *"La Terra" e "Gaia Scienza". As obras, porém, que lhe deram maior notoriedade foram "La Maschera di Bruto" e "Cena delle Beffe", "L'Amore dei Tre Re"* (1910), *"Rosmunda"* (1911), *"Gorgona"* (1913), *"Nozze dei Centauri"* (1915), *"L'Arzigogolo"* (1922), *"L'Amorosa Tragedia"* (1925), *"Il Vezzo di Perle"* (1926) *e "Orfeo e Proserpina* (1929).

Além de poeta e dramaturgo, de phrase ductil e sonora e de notavel expressão verbal, Benelli era tambem um orador de grandes meritos. Essa ultima qualidade e o facto de ter sido combatente na Grande Guerra, gozando de grande prestigio junto ás classes militares italianas, valeram-lhe a eleição de deputado ao Parlamento, em 1921.

Foi director de uma companhia dramatica, posto em que teve opportunidade de revelar as suas notaveis qualidades de interprete das proprias obras que escreveu.

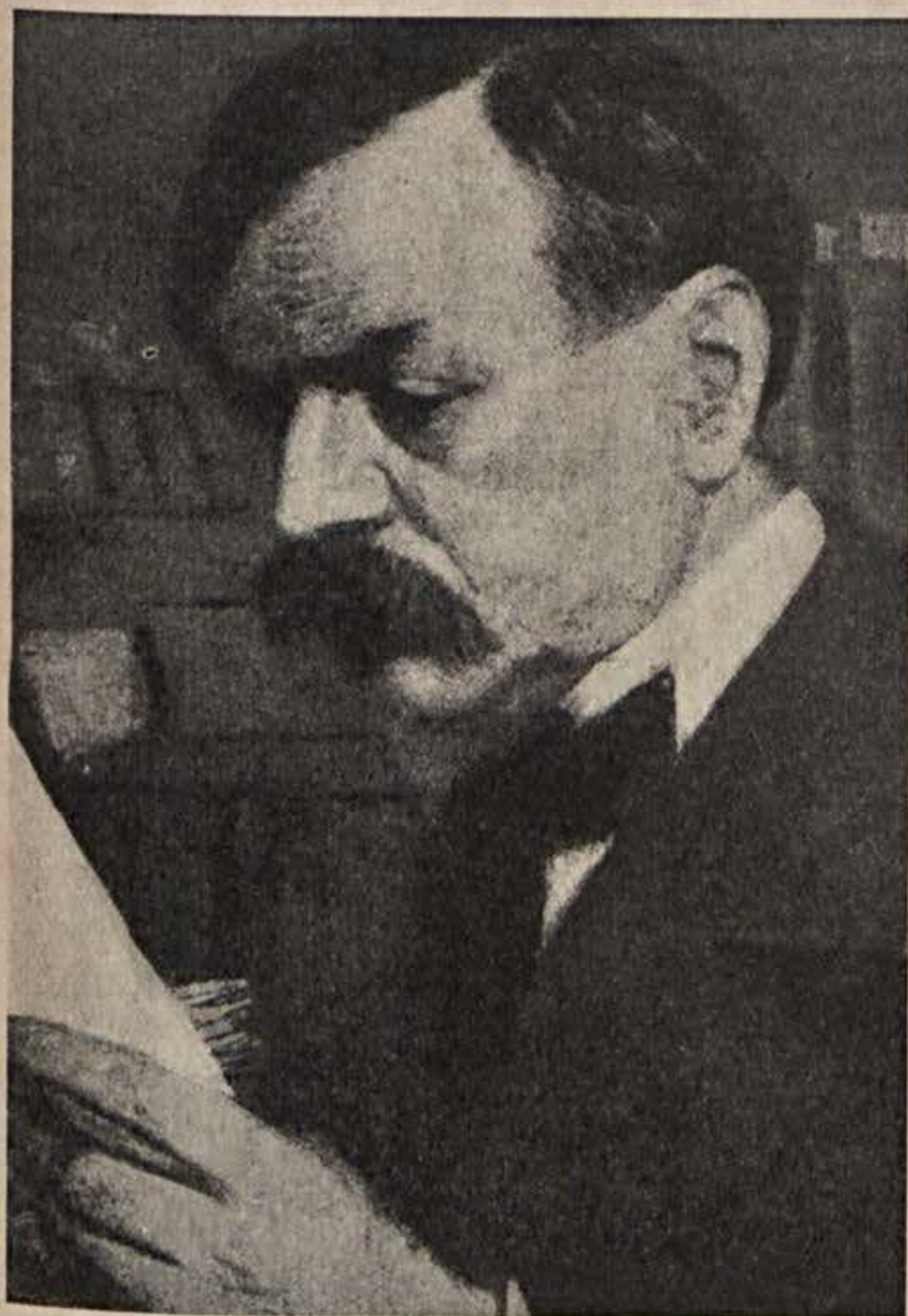
O seu ultimo poema "Orfeo e Proserpina" indica que o poeta se orientava seguramente para a poesia de sentido profundamente philosophico. Assim, depois de haver explorado os themas da Idade Media e da Renascença Italiana, encaminhava-se agora para a região sublime das bellezas hellenicas, pois nos seus ultimos versos encontramos um sabor typicamente pythagorico que nos faz relembrar os "versos de ouro" do vate grego.

BOURGET

Paul Bourget foi sobretudo a incarnação do genio gaulez, nos nossos dias: poeta, romancista, philosopho e critico literario. Nasceu em Amiens, em 2 *de Setembro de* 1852. *Começou sua carreira literaria com alguns volumes de versos: "Au Bord de la Mer"* (1872), *"La Vie Inquiète"* (1875), *"Edel"* (1878) *e "Les Aveux"* (1882). *Paul Bourget revelava, nessas suas primeiras composições poeticas, uma influencia marcadamente lamartiniana: a delicadeza dos accentos, a musica elegiaca, a inquietude cosmica.*

Veio depois naturalmente a influencia dos grandes nomes em voga: Stendhal, Baudelaire, Renan, Taine.

Em 1885, *publica o livro "Essais de Psychologie Contemporaine". Vêm mais tarde as "Pages de Critique et de Doctrine"* (1912) *e dez annos depois* (1922) *as "Nouvelles pages de Critique et de Doctrine".*

Talvez devido ao facto de ter sido estudante de Medicina, Bourget revelou nos seus escriptos um gosto accentuado pelas cousas da sciencia de Hippocrates, pois nos

seus trabalhos de critica á sociedade em que viveu, procurou sempre "curar os males" de que a achava inçada. Foi um propugnador do tradicionalismo monarchico e catholico na França e um oppositor de Zola e dos naturalistas, tendo combatido, mais tarde, o determinismo tainiano. Escreveu, entre outros: "Cruelle Enigme", "Un crime d'amour", "Mensonges", "Un coeur de femme", "Une idylle tragique", "Etape", "Barricade", "Le Démon de Midi", "Le Sens de la Mort".

Bourget foi um defensor das idéas philosophicas de Joseph de Maistre e Bonald e um admirador intransigente da theoria social de Georges Sorel, alliada ao seu nunca desmentido senso conservador bem gaulez. Escreveu tambem livros de viagens: "Sensations d'Italie" (1891) e "Outre mer, notes sur l'Amérique (1895).

Era membro da Academia Franceza desde 1894. Falleceu com quasi 84 annos.

BARBUSSE

Henri Barbusse, nascido em Asnières (França) em 17 de Maio de 1873, appareceu em 1895, sob o patrocinio do poeta Catulle Mendès, com um volume de versos intitulado "Pleureuses". Tinha então vinte e dois annos. Aos trinta, isto é, em 1903 escreveu o seu primeiro romance "Les Suppliants". E, cinco annos mais tarde "L'Enfer". Esta é uma das obras mais conhecidas do poeta sovietophilo, preoccupado então com a obsessão do instincto sexual e o pensamento da morte. Em 1914 publicou uma collectanea de novellas sob o titulo "Nous Autres", e, em 1916, o seu livro de guerra "Le Feu". Dahi por diante, tomou paixão pela polemica e pela politica. E as suas novas obras e a sua vida mesma passam a ser de combate. E publica: "Clarté" (1919), "Paroles d'un combattant" (1920), "La lueur dans l'abîme" (1920) "Le cou-

teau entre les dents" (1921), "Quelques coins d'un coeur" (1921), "Les enchaînements" (1925) e "Judas" (1927).

Viveu na U.R.S.S. os seus ultimos an-

nos, usufruindo o prestigio de sua gloria literaria, dedicado á propaganda do sovietismo.

LÉON DAUDET

Léon Daudet nasceu em Paris, em 16 de Novembro de 1867, sendo já portador de um nome de grande responsabilidade: seu pae era o poeta e romancista Alphonse Daudet, que veio a fallecer em 1897, vinte annos após o nascimento de Léon. Em 1891, o jovem Daudet desposa uma neta de Victor Hugo, — Jeanne, da qual, entretanto, se divorciou quatro annos mais tarde.

Encontramos na vida de Léon Daudet traços de semelhança com o outro autor illustre, tambem seu compatriota, já atraz referido, — Paul Bourget. Como este, foi tambem estudante de Medicina, combateu os materialistas (medicos) e a escola leiga, foi um denodado campeão do nacionalismo monarchico. A essa conversão ao nacionalismo monarchico foi levado pela revolta que lhe causou o caso Dreyffus e tambem pela grande influencia que sobre elle exerceu a propaganda de Henri Vaugeois, o famoso fundador de "L'Action Française" (1908), orgão que passou a ser dirigido e orientado por Léon Daudet, através de lutas e peripecias de toda a sorte.

Léon Daudet é o typo do combatente decidido, do homem que se entrega de corpo e alma ao serviço da causa que abraçou.

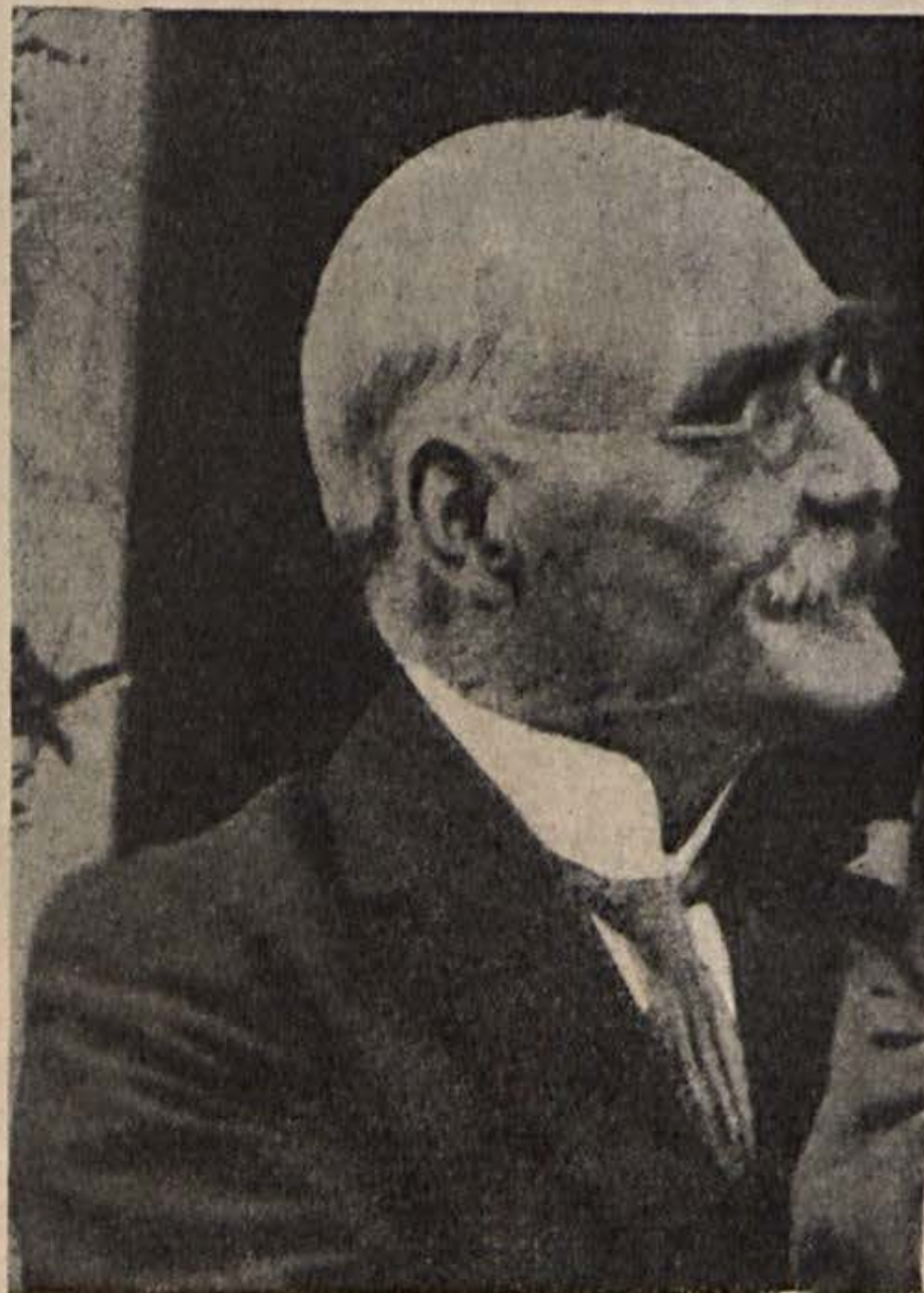
Escreveu os romances: "L'astre noire" (1893), "Les Morticoles" (1894), "Les Primaires" (1906). O seu livro "L'Avant-Guerre" publicado em 1913, continha a denuncia da invasão allemã na França, em tempo de paz, e fez successo.

Em 1927, achava-se preso o escriptor, em virtude de um processo de injuria. Fugiu da prisão e refugiou-se na Belgica, de onde rgeressou a Paris em 1930, quando foi perdoado pelo Presidente da Republica.

Pertencia á Academia Goncourt, para a qual foi eleito em 1900.

KIPLING

Rudyard Kipling, apezar de inglez, não nasceu na Inglaterra. Veio á luz no coração do British Empire, em Bombaim, em plena India, aos 30 de Dezembro de 1865. Seu pae, que gozava da fama de grande artista, era, então, o director do Museu de Lahore.

Depois de fazer os seus estudos na Inglaterra, Kipling voltou á India, aos dezesete annos e foi escolhido para o cargo de sub-director da "Civil and Military Gazette", de Lahore. Em 1886, já então com vinte e um annos, publicou o seu primeiro livro de versos: "Departmental Ditties", e, no anno seguinte, a collecção de contos "Plain Tales From The Hills". Nos dois annos que se seguiram, o jovem escriptor conquista, antes mesmo dos vinte e quatro annos, o logar de um dos mestres da literatura de ficção, tão do gosto dos inglezes.

E apparecem os livros: "Soldiers Three", "The Story of the Gudsbys", "In Black and White", "Under the Deodars", "The Phantom' Rickshaw" e "Wee Willie Winkee", — continuação este ultimo, em forma e substancia, dos "Plain Tales From The Hills".

De 1887 a 1889, Kipling viajou através da India, da China, do Japão e da America, publicando, nesse ultimo anno, os dois notaveis volumes "From Sea to Sea". Em 1891, publica "Life's Handicap" e, em 1905, o drama "Lippincott's Magazine".

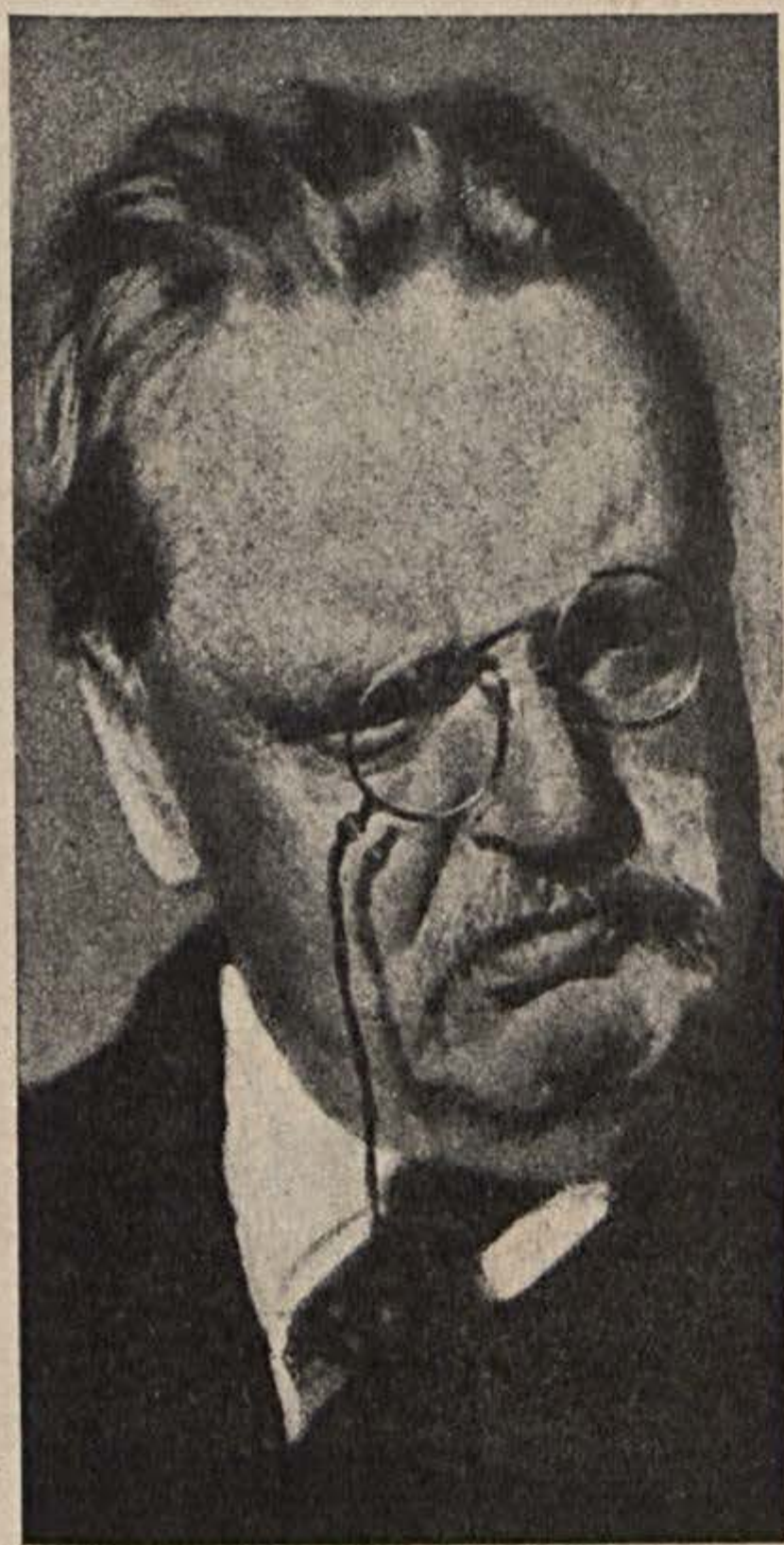
Com a publicação da ballada "East and West" e a composição dos poemas "Flag of England" e "The Seven Seas" (1896), consagrou-se definitivamente como um gran-

de genio do verso inglez e o interprete supremo do sentimento imperial da Inglaterra do seu tempo.

Kipling, além de poeta vigoroso, estranho aos convencionalismos de escola ou de capellas literarias, dotado de um grande poder de observação vitalizado por uma imaginação prodigiosa, foi tambem um mestre refinado da prosa ingleza, possuindo frescura de invenção, variedade de caracteres e vigor de narração.

Em 1907 *foi-lhe conferido o premio Nobel de literatura.*

CHESTERTON

Gilbert Keith Chesterton nasceu em Londres, em 29 *de Maio de* 1874, *e começou a*

sua vida como pintor. Escrevia pequenos artigos em varios jornaes da capital britannica, geralmente sobre assumptos de arte. Nesse interim, publicou um livro de versos que foi bem recebido pela critica. Passou então a collaborar nos principaes jornaes inglezes.

Chesterton tinha a fibra do lutador e do reformador sincero. E, destarte, atira-se, com vigor e fé, na luta contra o convencionalismo e o egoismo caracteristicos da sociedade ingleza dos fins do seculo passado. Bate-se denodadamente por uma nova época de sinceridade e de justiça. Abandona, assim, as hostes do liberalismo e funda, sob a influencia do seu amigo e companheiro Hillaire Belloc, a theoria do Distributismo. *Fundou então a revista hebdomadaria intitulada "G. K.'s Weekly", (Semanario de Gilbert Keith), para ser o orgão da sociedade "Distributist League for the Restoration of Liberty by the Distribution of Propriety".*

Em 1922 *converteu-se ao catholicismo, tornando-se um dos mais fervorosos batalhadores pela causa da Igreja, em nossos dias.*

Em 1925 *foi laureado em letras* honoris causa, *pela famosa Universidade de Edimburgo.*

Foi jornalista e reporter de grande nomeada. E, apezar de desapparecer dentre os vivos em plena maturidade, deixou uma obra bastante volumosa, como romancista, narrador, ensaista, poeta, critico, polemista e theatrologo. Os seus ensaios sobre Browning e Dickens contam-se entre as melhores obras que jamais se escreveram sobre o assumpto.

SPENGLER

Oswald Spengler foi o extraordinario reformador da philosophia da historia. Nasceu na Allemanha aos vinte e oito de Maio de 1880, *tendo fallecido relativamente moço ainda, aos cincoenta e seis annos de edade.*

O contingente de Spengler é decisivo para a interpretação da historia, como sciencia da cultura. Até então, havia os conceitos mais dispares para a concepção scientifica dos "factos". Hegel sustentava que o desenrolar dos successos e acontecimentos humanos nada mais era senão o resultado automatico da dialectica dos conceitos. Chamberlain filiava a historia simplesmente na anthropologia. Buckle, Taine e Ratzel affirmavam que a historia era apenas um capitulo da geographia, em ultima analyse. E Karl Marx, fundando a sua celebre theoria do materialismo historico, fazia a historia depender exclusivamente da economia.

Foi preciso que surgisse Spengler e fundasse as bases autonomas da nova philo-

sophia que supera a propria concepção comtiana e a de todos os adeptos da escola sociologica.

Para Spengler, a verdadeira substancia, o verdadeiro objecto da historia, como sciencia, é a cultura, tida, por assim dizer, como individuo biologico áparte, independente das raças e dos meios, obedecendo a um determinismo proprio, como todos os demais sêres. A cultura tem, assim como todos os viventes, a sua infancia, a sua juventude, a sua maturidade e a sua decrepitude. Foi o que expoz genialmente em sua obra "Der Untergang des Abentlandes" (A Decadencia do Occidente).

Spengler, além da sua obra capital, em que expõe o novo methodo scientifico da philosophia da histori,a deixou outros livros de valor, como "Preussentum und Sozialismus" (Prussianismo e Socialismo) e "Jahre der Entscheidung" (Annos decisivos).

UNAMUNO

MIGUEL DE UNAMUNO foi o ultimo grande morto do anno que findou.

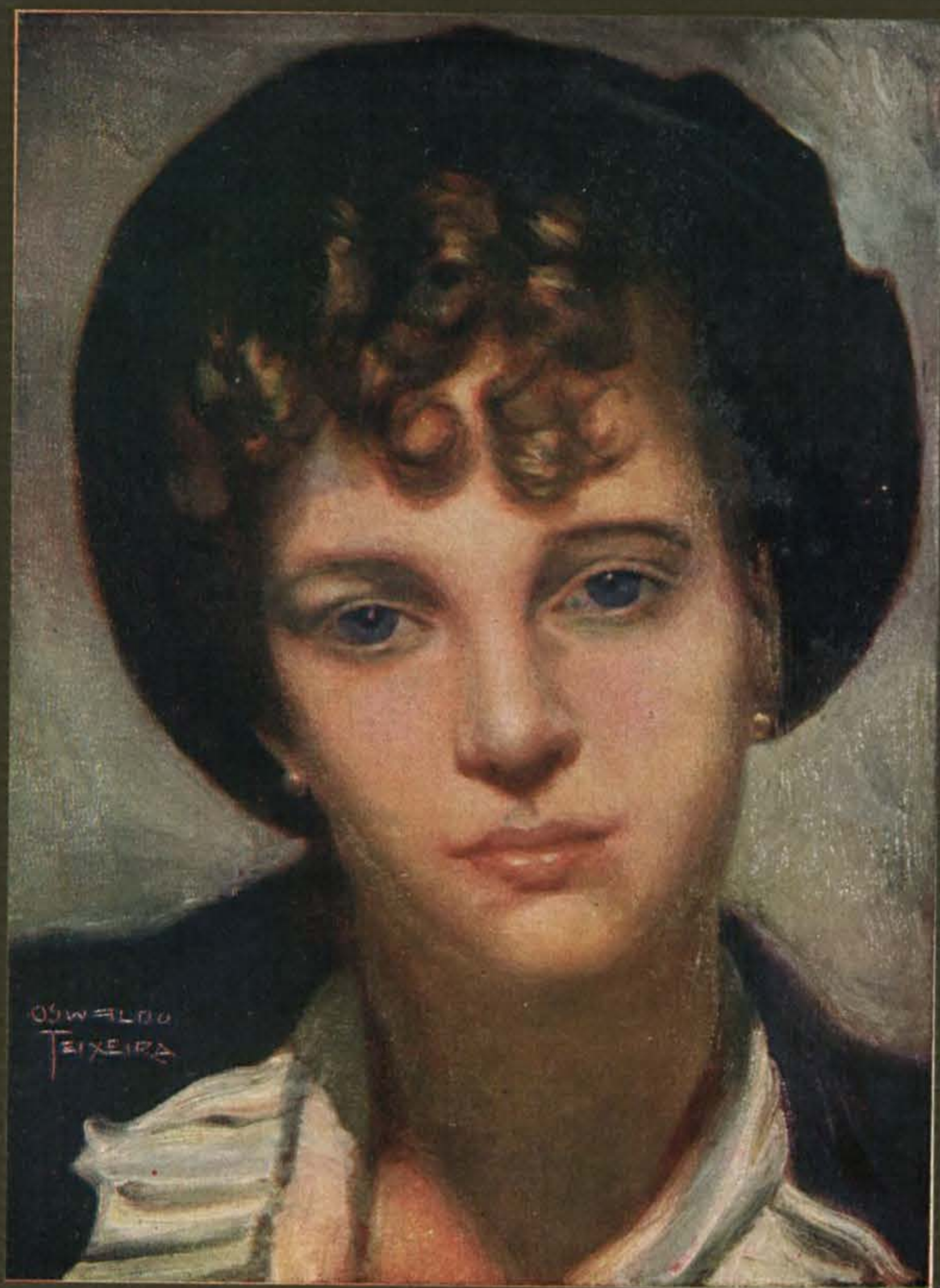
Nasceu nas provincias vascongadas (Hespanha), em 29 de Setembro de 1864.

Para se fazer uma idéa do que foi como escriptor este representante legitimo do genio latino em terras de Hespanha, basta passar em reclame a sua obra de poeta, ensaista, philosopho, romancista e critico literario.

Delle disse Rubén Darío: "La originalidad de este hombre, dicen las gentes, está en desir todo lo contrario de lo que dicen los demás, en dar vuelta como a un guante a las ideas usuales. Este es el señalado y censurado prurito de paradojismo. Esto causa, naturalmente la estupefaccion de los que no tienen nada que oponer al impetu ordenado de los carneros de Panurgo.

Unamuno, de la pajarita de papel ha ido a la tribuna pública, a la conferencia; se ha hecho notar en el movimiento social de su patria, y ha tenido el singular valor de decir lo que él cree: la verdad, sin temor a inmediatas y temibles hostilidades. Siempre, como veis, un poeta."

Os seus famosos "Ensayos" (1916-1918), em sete grossos volumes, causaram a mais funda impressão no mundo literario, que já admirava o poeta de "Rosario de Sonetos Liricos" (1911), o prosador de "El Espejo de la Muerte" (1913), que continuou sua trajectoria genial com "Del Sentimiento Tragico de la Vida", "Niebla", "Paz en la Guerra", "Vida de Don Quijote y Sancho", "Amor y Pedagogia" e tantas outras obras justamente celebres.

Foi por muito tempo reitor da Universidade de Salamanca.

"ROMANTICA"
de **Oswaldo Teixeira**

AS LETRAS EM NATAL

Mario Linhares

A vida literaria de Natal é bem pouco conhecida aqui, entre nós.

Talvez, para isso concorra a imprensa local que se adstringe aos immediatos interesses das facções partidarias, de que são orgãos e com circulação limitada áquelle mesmo ambito.

Sem citar Henrique Castriciano, viajado e culto, nome consagrado no paiz que se fez no grupo de Olavo Bilac e outros expoentes; sem citar Antonio de Souza, espirito de escol, autor dos romances — *Flôr do sertão, Gizinha* e *Alma Bravia;* sem citar Felippe Guerra e outros da velha guarda, — Natal é um viveiro de almas inquietas e visionarias que cuidam das cousas da intelligencia como uma necessidade biologica, convictas da verdade biblica de que "não só de pão vive o homem".

De fórma que lá se lê muito. As livrarias vivem cheias. O gosto literario é uma realidade. E não é só o literato que busca os livros. Do commerciario ao desembargador ha a mesma febre pelas boas leituras, a mesma sêde de cultura.

E' obvio, pois, que, em ali se chegando, se encontrem rapazes anonymos, obscuros, sem velleidade, que trocam idéas com brilho, com graça surprehendentes. Por outro lado, o desembargador não nos fala sómente sobre casos juridicos; mas, sabe deletrear sobre literatura com apurado senso esthetico.

Não quero me referir apenas a Antonio Soares que é poeta e historiador applaudido; porém, aos demais, como, por exemplo, o digno presidente do Tribunal, Dr. João Dionysio Filgueiras, de trato austero e fidalgo, cujas palestras constituiam vivo prazer para mim.

Num meio assim, pobre e pequenino, a literatura é uma floração expontanea e explendida.

A poesia, principalmente, tem cultores apaixonados. Os versos dos seus bardos são cantados, em modinhas lyricas, ao som de violões dextros e harmoniosos.

A *Alma do Norte,* — grupo de garrulos bohemios impenitentes, — é uma nota alacre de encantamento. Jayme Wanderley, Renato Caldas, Carlos Siqueira, Santos Lima e outros dão á capital potyguar a animação de um romantismo sadio e envolvente, fazendo-nos viver dentro de um constante devaneio.

E' preciso frisar que Jayme Wanderley, com ser um bohemio, é poeta de alma luminosa e emoção profunda, comprovadas com seu bello livro *Fogo Sagrado*. Tem a publicar — *Espinho de Jurema,* feixe de poesias regionaes em que a vida e os costumes da cidade natal se retratam com expressiva fidelidade, em poemas que são quadros vivos, reaes, palpitantes. E' um padrão da boa poesia modernista, escoimada daquellas notas forçadas de *espalhafato* e *despudor,* que Andrade Muricy aponta, na Introducção de sua excellente — *A Nova Literatura Brasileira,* como elemento de universal antipathia ao movimento novo.

Renato Caldas é um humorista que faz versos espirituosos, com certa malicia, cheios de um chiste irresistivel e contagioso. Potyguar Fernandes é outra indole interessante de humorista que, antes de redigir o semanario *Xute,* com franco exito, — já, em 1915, havia revelado, com a publicação de *Alma alegre,* collecção de contos facetos, os recursos de sua verve fina e desopilante. Virgilio Trindade, tambem, outro que não deve ser esquecido, possue o condão da ironia bem temperada, por vezes satyrica, que era a arma de Juvenal — *Castigat ridendo mores*.

Entre outras figuras, sobresae Jorge Fernandes, — um aedo que offusca a maioria dos modernistas brasileiros. Sou insuspeito para falar, porque nunca me affiz aos destemperos futuristicos. Fui sempre um inadaptado ás deturpações grotescas da arte, da logica e do bom senso. Estou com Leibniz quando diz que *a Natureza não dá saltos*. Não sou um retrogrado; quero a renovação, mas processada com seriedade. com belleza, sem absurdo. Por isso nunca fui no arrastão dos franchinotes que pro-

curam acanalhar os mais delicados sentimentos. Dahi a minha sympathia por Jorge Fernandes, — esquivo dessas normas chocantes e dando-nos uma obra que é um sápido fructo sylvestre. A gente vê nos seus cantos *algo de nuevo;* muito embora, pela ausencia completa de rima, de metrificação e de rythmo, não se possa chamar de versos o que elle escreve. E' mais uma prosa dividida, fraccionada e arrumada em fórma de tal; mas, ha em tudo aquillo uma larga emanação de poesia, poesia da melhor que poderemos encontrar nos recónditos rincões brasilicos. Sim, poesia impressiva de quadros e scenas nativistas. Aqui fóra, raros fazem trabalho semelhante. Entretanto, Jorge Fernandes vive em Natal com uma modestia excessiva, excusando-se a qualquer destaque, fugindo de si mesmo.

Othoniel Menezes, autor de dois livros — *Germen* e *Jardim tropical,* — é considerado um dos melhores poetas de sua terra.

Sebastião Fernandes, juiz integro e poeta inspirado, vive recolhido aos seus penates, no remanso carinhoso da familia, evitando despertar a attenção sobre si. Tem-se a impressão de que alguma injustiça o chocou fundamente, tornando-o refractario á evidencia, quasi misanthropo. E' pena. Possue elle attributos raros de uma requintada sensibilidade artistica que o faria, se o quizesse, o maior entre os seus pares. Quando o leio, de longe, constato-lhe a força do estro de amplos vôos, de surtos firmes.

Carolina Wanderley, não sei porque, vive tambem afastada de tudo e de todos. Dir-se-ia que ha um desgosto irremediavel em seu coração, tal a renuncia a que se entregou, resolutamente. Depois de ter dado sobejas provas de talento, em versos da mais expontanea inspiração, não se comprehende como tenha sustado uma ascensão tão auspiciosa.

Palmyra Wanderley, ao contrario de Carolina, sua prima, é um espirito vivo, expansivo e captivante. Tem para tudo um riso sadio e communicativo. Seu magnetismo pessoal irradia sympathia, em torno de si, por onde passa. Coração de ouro e intelligencia de ouro, ouro de lei. Quando patrocina uma festa de arte ou de caridade, o exito é previsto, certo, por força da sua graça, da seducção dos seus encantos physicos, moraes e intellectuaes. Henrique Castriciano, falando-me a seu respeito com ufania, affirmou ser ella — "uma flôr de civilização".

Realmente, em todo o norte do Brasil não conheço nenhuma figura feminina contemporanea que se lhe avantage em vigor da cultura mental. Com a publicação dos livros *Esmeraldas* e *Roseira brava,* conseguiu transpor as fronteiras do seu torrão natal, conquistando um renome que a propria Academia Brasileira de Letras confirmou com menção honrosa. Palmyra é uma linda poetisa. Sua alma recebeu o toque magico do influxo divino e abriu-lhe as portas de um destino imprescreptivel.

*
* *

Mas, não quero apenas occupar-me dos poetas.

Ha, ali, tambem, prosadores excellentes que honram sua terra. Nesse numero estão: Bruno Pereira, Padre Luiz do Monte, Monsenhor Landim, Adherbal de França, Edgard Barbosa, Miguel Seabra, Otto Guerra e outros que formam uma pleiade galharda que traz o meio em effervescencia belletristica.

Luiz da Camara Cascudo merece, porém, referencia especial, pelas credenciaes do seu authentico valor.

Talento poliedrico: — jornalista, chronista, critico, historiador, genealogista, etc., penetra, com garbo, em todos os assumptos que lhe despertam a curiosidade, com animo vivaz e percuciente.

Autor de varios livros editados fóra do Estado, collaborador assiduo de jornaes e revistas, principalmente, do Rio e de São Paulo, seu nome corre o paiz, de ponta a ponta. Escreve com exhuberancia, com agilidade, com graça, com bonhomia, servido por estylo escorreito, leve, jovial, por vezes, chistoso. Não ha nelle a preoccupação da phrase feita, da foguetaria vocabular, com que muitos procuram encher o vasio das idéas.

Convivi comsigo, em Natal e pude verificar como offerece elle um optimo exemplo de labor aos moços de sua geração.

Sim. Trabalha infatigavelmente com fé, com alegria, com enthusiasmo.

Luiz da Camara Cascudo mostra como, pelo estudo e trabalho, se vence, sem viver no Rio, longe dos corrilhos, das igrejinhas literarias.

Januario Cicco, — clinico dos mais acatados, — é, tambem, uma intelligencia sug-

gestiva. A' sua penna devem-se alguns livros em que a cultura do scientista corre parelha com a elegancia do escriptor plastico e animoso. Ahi estão seus volumes: — *Notas de um medico da Provincia, Euthanasia* e outros.

A par destes, o Instituto Historico é uma colmeia de homens cultos e operosos, dignos de estima. Ultimamente, fundou-se a Academia Norte-riograndense de Letras, sob a presidencia de Henrique Castriciano, o que é uma nota de grande significação.

*
* *

Ahi estão as minhas reminiscencias de Natal, numa permanencia de 3 annos (1931 a 1934). Não quiz fazer um estudo das letras na capital do Rio Grande do Norte, o qual exigiria uma investigação mais acurada. Falei daquelles com quem privei mais intimamente.

Fóra do Estado ha outras figuras de vincado merecimento. Tobias Monteiro e Tavares de Lyra são historiadores que suscitam admiração e respeito; Angyone Costa muito se recommenda por trabalhos do porte de — *Introducção á archeologia brasileira* ou *A inquietação das abelhas;* José Augusto, Eloy de Souza e Georgino Avelino são jornalistas vibrantes, de grande relevo; Peregrino Junior desfructa lidimo prestigio nas rodas literarias do Rio como chronista e contista; Dioclecio D. Duarte tem se imposto, — comquanto politico muito amorosamente voltado para os interesses das suas plagas, — como escriptor de varios estudos sociaes; Aurelio Pinheiro distinguiu-se brilhantemente com os seus livros — *Gleba tumultuaria* e *Macau;* João Lyra Filho tem recebido frequentes applausos da critica; Octacilio Alecrim é um temivel pamphletario; Heitor Carrilho, joven e já illustre psychiatra, mostra, em suas publicações, ser autoridade nos assumptos de sua especialidade; e Araujo Filho, em Recife, conquistou palmas definitivas; e Rodolpho Garcia, erudito insuperavel das coisas coloniaes.

*
* *

Como se vê, a pequenina terra de Nisia Floresta e Auta de Souza mantém o fogo sagrado das idéas e não fica em posição inferior ás demais unidades da Federação.

Um romance do Nordeste

Arnon de Mello

Em seu ultimo livro, José Lins do Rego faz da usina de assucar do nordeste seu grande personagem, que se espraia por todas as paginas, que alcança todos os detalhes da historia, que se desdobra, que está com sua acção e suas consequencias em toda parte.

O enredo é doloroso, humano. Bocados da familia dos Mellos, descendentes do velho José Paulino, com o Dr. Juca á frente, se deixam levar pelas seducções da Usina. E esta entra com festa no antigo banguê Santa Rosa, a principio devagarinho, como que pisando em ovos, na ponta dos pés, cheia de afagos para daqui a pouco dominar tudo e todos com seus caprichos. Communica desde logo ao Sr. Juca e a seus fiscaes sua insensibilidade, sua crueldade, sua deshumanidade. João Rouco, o velho Theodoro, Chico Baixinho, antigos moradores de Zé Paulino, com direitos por assim dizer adquiridos, porque moravam na varzea ha uma porção de annos plantando seu roçado, sua fava, seu algodão, vêem-se do dia para a noite jogados na caatinga, nos altos. Usina era usina e sua fome de terras não dava margem a considerações de ordem sentimental. Coração era um vocabulo inexpressivo que ella desconhecia e fazia questão que o desconhecessem seus alliados. Até o rio, o generoso e violento rio Parahyba que, nas suas horas de raiva, não respeitava valentões mas que, nos momentos de calma, de tanto milho, gerimum, feijão, batata doce, presenteava o povo, foi tragado, devorado pela comedora insaciavel. A usina queria tudo, no seu egoismo terrivel: homens para trabalharem dia e noite para ella, terras para só produzirem seu grande alimento e rios para lhe darem agua até dizer basta. Que morressem de fome os caboclos, que damnasse o velho Feliciano, que a lingua de Generosa não parasse de falar mal dos novos tempos, pouco lhe importava. O que ella queria eram escravos e latifundios. Escravos que, com o regimen de trabalho imposto "tombando canna a gente inteira não sabiam se eram gente de verdade" consideravam o captiveiro clima bem melhor para arrastar a vida. Não respeitava, no seu delirio, a dominadora, nem os ossos do infeliz Joaquim, que ella teve a coragem de mastigar numa hora de mau humor. E suas exigencias, suas imposições, seus caprichos tinham de ser obedecidos, pois do contrario perigaria o lucro de 100 % que promettia ao usineiro.

Os Mellos se submettiam docilmente a tudo, eram todos cortejos para ella. Faziam-lhe as vontades como um captivo medroso deante do relho do feitor. Nada havia para elles acima do dever de lisongeal-a. Mas no dia em que não lhe puderam attender inteiramente ás solicitações, o monstro começou a fazer cara feia, a protestar, a

desandar, a dar para traz. E o Dr. Juca foi se vendo aos poucos abandonado, desapossado, com seus dominios diminuidos com a melancolia de um paiz mutilado. O éco de sua voz já não attingia as longas distancias de outrora. Suas ordens não tinham a mesma força. Estreitava-se seu campo de actividade. Reduzia-se sua área de mando. Ficava em nada o raio de sua acção. O cofre de Vergara estava fechado para seus gastos. As necessidades o rodeavam. A miseria rondava-lhe a casa, com ares sinistros. Seria mesmo obrigado a ir pedir emprestimo (o que desaponta a familia, ainda com restos bem vivos de aristocracia rural) a Marreira o curioso negro de "Banguê", hoje alto commerciante no Pilar, que só faz ligeiros passeios aereos por "Usina", dando vontade á gente de pedir a José Lins do Rego que lhe feche a porta, o deixe mais um pouquinho comnosco.

E o interessante é que, emquanto a desgraça toma conta a passos largos do Dr. Juca, o "povo" parece melhorar de situação. Já pode plantar suas coisinhas no leito de elle descer para a varzea macia do Parahyba. Já podem as negras penetrar de novo na cozinha da casa grande e dormir em quartos bem melhores do que os da antiga senzala. Todos já podem chupar canna sem receio de entrar na "macaca" do vigia. A zanga do monstro prejudicava o Dr. Juca, mas beneficiava o "povo" de alguma forma...

A Usina, com suas tentações e seu poderio, seduziu e escravizou todo o mundo, mas não seduziu nem escravizou D. Dondon. A mulher do usineiro nunca foi na realidade usineira. Era sempre, mesmo nas alturas, a bôa senhora de engenho do Páo d'Arco, que não levava Usina muito a serio e dava até a impressão de estar repetindo o "com tanto que isso dure". A Usina não lhe arrancou o coração generoso, não lhe roubou a alma de santa, não lhe subtrahiu em nada a riqueza de bondade.

Ella continuou a querer bem ás negras, a dar remedios de homeopathia ao povo doente, a se recordar com saudade da vida simples e suave que levava no velho banguê, a amar o passado de pouco luxo e a despresar o presente de farturas. Não a abala, assim a pobreza e, "não fosse a doença do Juca", tudo estaria bem. Vimol-a, num grande momento, quando o rival de seu marido, o Dr. Luiz, victorioso, offerece-lhe um engenho para trabalhar:

— "Não estava de esmola. Tinham muito bem onde cair.

A voz de D. Dondon não era a sua voz mansa e doce. Era um falar duro, cortado na garganta. Falava de pé e disse ao Dr. Luiz o que não quizera dizer."

E o Dr. Luiz vae embora gosar o triumpho, descançar na sua rêde de varanda, grande para fazer melhor o balanço de seus negocios com Deus. Deus constitue quasi um novo titulo na sua escripturação mercantil. Tem-lhe dado algumas igrejas e espera, em troca, que Deus lhe dê "agua e sol para seus partidos de canna, lenha para o fogo de sua usina, forças para o braço do vigia e saude para seus filhos. E' verdade que praticou ultimamente alguns males, mas sua mulher deu ainda ha pouco dois contos para a igreja do padre Almeida. Estava liquidada a conta, portanto. No caso da usina do Dr. Juca, de que é agora dono, tudo sahiu como elle queria. Pois vae botar-lhe o nome de Santa Margarida. Os santos têm sido sempre para elle muito bons pagadores.

O sentido nacionalista da obra de Tavares Bastos

Pedro Barreto Falcão

Tavares Bastos, nome que enche de orgulho a historia intellectual de Alagôas, foi, sem exaggero, um dos maiores vultos do pensamento nacional, em todos os tempos, e a sua obra, que se projectou em varios sectores do saber humano, se caracteriza por inexcedivel coragem moral, por impetuosa força constructiva e sobretudo por um profundo sentido nacionalista.

Numa época em que os grandes homens, de ordinario agachados á sombra das conveniencias partidarias, eram antes grandes politicos que grandes brasileiros, Tavares Bastos, do jornal ou da tribuna parlamentar, com as fulgurações de seu talento privilegiado, a serviço de solida cultura, agitava com o maior desassombro e altivez os problemas que mais de perto tocavam os destinos nacionaes.

Em 1856, academico de direito na velha Faculdade de São Paulo, com a edade apenas de 17 annos, debatia a questão servil, propondo-lhe a solução que se afigurava mais justa e mais prudente, que era a da "lenta emancipação".

Nessa these, que adoptou como eixo de sua campanha, vislumbrava-se já o tacto de um verdadeiro homem de estado.

A irreflexão e o excesso de generosidade e exaltação, tão peculiares á mocidade, não o levaram para o partido da solução violenta.

Poder-se-á dizer que, tão jovem, entregando-se a essa campanha, fôra antes tocado pela poesia idealista que ao sentir dos poetas nativos matisava o grande problema negreiro, cuja solução brusca tanto concorreu para a queda do Imperio.

A isso todavia responderiam os assumptos escolhidos para sua these de doutoramento, apresentada pouco tempo depois, versando magnificamente opportunas questões de puro sentido economico e social. Assumptos interessantes, não resta duvida, mas completamente despojados de qualquer traço poetico, que facilmente pudesse attrahir o espirito inquieto e sonhador da juventude.

Eram elles os seguintes: — *"Sobre quem recaem os impostos lançados sobre os generos produzidos e consumidos no paiz? Sobre o productor ou sobre o consumidor?"*.

"O que succede quanto aos generos importados e exportados?".

Iniciava-se assim a obra do Estadista.

Em 1860 publicava o pamphleto "Os males do presente e as esperanças do futuro", no dizer de Carlos Pontes "uma admiravel synthese de psychologia historica, acompanhando, no rythmo das edades e nesta eterna ondulação do progresso, o processus de elaboração social e moral da nossa gente e da nossa terra", e procurando descobrir, em admiravel analyse retrospectiva, "nas matrizes viciosas da nossa formação os erros e as faltas do presente: — na herança ingrata de taras perigosas, a causa remota dos nossos males".

Eleito deputado geral por Alagôas, em 1861, com 22 annos de edade, a sua acção parlamentar transmitte ainda mais brilho e maior efficiencia á obra, já iniciada, de reconstrucção nacional, sobre bases racionaes, pugnando pela nossa libertação das influencias de um passado vicioso e esteril, e desenvolvendo tremenda reacção contra o arrojo cynico e as investidas da mediocridade e da incompetencia.

Desvendou-se assim o mundo dos "interesses reaes, dos grandes melhoramentos, das liberdades praticas, da administração verdadeira", abrindo-nos larga janella sobre o futuro, por onde começamos a descortinar o vasto panorama da vida nacional, e impellindo-nos vigorosamente para dentro das estonteantes "realidades brasileiras".

Foi elle um verdadeiro precursor de Alberto Torres, cuja obra, sob multiplos aspectos, se harmoniza admiravelmente com a sua.

Sendo, ao seu tempo, um dos maiores espiritos e uma das mais respeitaveis culturas, "cabeça, como dizia Ruy, que commensurava todas as questões do nosso futuro", naturalmente por isso mesmo, e mais por haver combatido o Ministerio dominante, foi, pelo Visconde de Inhauma, dispensado do cargo de official maior da Secretaria da Marinha, que occupava desde 1859, com a pecha de "incompetente para o serviço publico".

A' demissão injusta e deprimente, respondeu com as famosas "Cartas do Solitario", publicadas no "Correio Mercantil", do Rio de Janeiro. Essas cartas, de incomparavel valor intellectual, despertaram o maior interesse nacional, repercutindo até no estrangeiro, onde muitas dellas foram transcriptas depois de traduzidas.

Foram ellas em numero de trinta, tendo sido publicada a primeira a 19 de Setembro de 1861, e a ultima em 30 de Março de 1862. Enfeixadas em volume, tiveram a primeira edição nesse mesmo anno, sahindo a segunda em 1863.

Somente depois de publicada a ultima, foi que o "Correio Mercantil" revelou o nome do autor. Tal era porém seu valor sob qualquer aspecto, que ninguem suspeitara fossem de Tavares Bastos, attribuindo-se sua autoria aos vultos então mais destacados do pensamento nacional.

Estava portanto fragorosamente desmentido o ministro politiqueiro, com a impressionante demonstração de capacidade intellectual do funccionario que fôra demittido por "incompetencia para o serviço publico".

Nessa obra se agitam as mais serias questões do momento, os mais variados problemas da formação brasileira, com profundas raizes no passado e em projecção vertical para o futuro.

Não o attrahiam somente os problemas de ordem economica ou politica, mas tambem os de natureza social e moral.

Austero e absolutamente intransigente em questões de moral, não cedia um ponto em sua conducta politica.

E' conhecido o facto de, por um principio de amor á verdade, recusar-se a augmentar um anno de edade, que lhe faltava para matricular-se na Academia.

Em suas attitudes e em seus conceitos politicos, sente-se o predominio de um pensamento sereno e esclarecido, e a affirmação soberana e altiva de um verdadeiro homem de caracter.

Espirito democratico, por indole e por educação, para elle a liberdade não devia ser privilegio de ninguem.

"Onde tudo é livre, — dizia — todos são felizes. Onde todos são fracos, haverá sempre um despota que seja forte".

No enunciado deste ultimo periodo está bem evidente um traço energico de seu feitio moral e suggere o combate desenvolvido contra o despotismo que, já naquelle tempo, repontava insolente dentro de certa fraqueza nacional.

E toda a sua vida foi assim cheia de lucta e agitação, de uma lucta bem orientada, fecunda e corajosa, em busca de soluções adequadas para as grandes questões vinculadas aos destinos nacionaes.

Aos dezesete annos equacionava a questão servil, e morreu, pode-se dizer, estudando e trabalhando pelos interesses brasileiros.

Na Europa, já enfermo, aonde fôra aliás em tratamento de saúde, em vez de descançar, dedicava-se afanosamente ao estudo de assumptos pedagogicos, procurando informar-se do progresso scientifico do velho mundo e colhendo material para ainda mais fundamentar as theses e as reformas defendidas e propostas em suas obras.

E tal era a sua coragem para a lucta, o desejo de trabalhar, da tribuna da Camara, pelos idéaes brasileiros, que, pouco mais de um mez antes de seu fallecimento, em carta a um amigo, de Genebra, elle dizia:

"Presumo que em Alagôas não nos faltará a hostilidade do governo. Paciencia! Repito-lhe o que acabo de escrever a meu pae: — Mais do que nunca estou decidido e resignado a perder a eleição, caso para vencel-a careça de auxilio directo ou indirecto do governo. Se está elle decidido a intervir nas eleições, faça-o sem a nossa cumplicidade, desde que não podemos reprimir a força com a força".

E conclue:

"Se pudessemos, deveriamos fazel-o, mas é obvio que isoladamente nenhuma provincia pode conter o governo de Sua Majestade. Paciencia, pois, até que chegue o dia da desforra, que não será muito longe".

Se no terreno politico a sua conducta se caracteriza por essa forte reacção do despotismo da corôa e por um amplo trabalho

de soerguimento do caracter nacional, na esphera das realizações praticas os projectos de leis e decretos que elaborou, e pelos quaes se bateu galhardamente, constituem o mais vivo attestado do profundo sentido nacionalista de sua obra.

Em uma pagina de seu diario intimo, elle balanceava assim o seu activo de trabalhos pelo Brasil:

"A minha propaganda não tem sido esteril. Em dois annos, quatro grandes actos: em 65, a navegação para os Estados Unidos; em 66, a cabotagem (Dec. de 27 de Março), a emancipação dos escravos da nação (Dec. de 5 de Novembro) e a abertura do Amazonas (Dec. de 7 de Dezembro)".

Este ultimo, conforme elle mesmo accentua, contem mais de uma idéa: — abrir o Amazonas, que é a mais extensiva, e habilitar o maior numero de portos, o que reclamava desde 62.

Somente a campanha jornalistica e parlamentar desenvolvida em prol da franquia do Amazonas, que lhe teria valido uma cadeira de deputado geral por aquelle Estado se gentilmente não a recusasse, porque preferia sempre representar seu estado natal, seria bastante para firmal-o no conceito nacional como verdadeiro benemerito.

A respeito escreve judiciosamente Alberto de Faria:

"A preoccupação dos espiritos cultos no Brasil não poude, por muitos annos, desviar-se desse serio problema.

"A' frente do movimento, com brilho excepcional de uma penna dessas que bem poderiam ter legado á imprensa moderna lições de elegancia e de profundeza, Tavares Bastos agitava a questão nas famosas "Cartas do Solitario".

Além disso, em momento decisivo, attingia mais fundo o amago da questão, tentando romper o que elle proprio chamava de "muralha chineza", que era o privilegio pertencente a Mauá, e ao qual estava vinculada a sorte de grande e prospera empresa de navegação naquelle rio.

Apesar de adversario desse grande patriota, a quem o Brasil deve os maiores emprehendimento praticos pelo nosso progresso material, Tavares Bastos constituiu-se a força que mais concorreu para que elle abrisse mão de tal privilegio. E foi graças a isso, a esse trabalho e ao gesto de admiravel desprendimento de Mauá, que, pode-se dizer, o arrastou á fallencia, pelos enormes e previstos prejuizos acarretados, que o Amazonas em 1867 foi aberto ás marinhas do mundo.

São de um paraense, o illustre historiador d' "As Regiões Amazonicas", as seguintes palavras:

"Duas épocas têm os povos das regiões amazonicas a consignar em sua historia entre as que mais contribuiram para o seu desenvolvimento: uma é a do decreto que autorizou a creação da "Companhia Navegação e Commercio do Amazonas", a segunda é a do decreto marcando a data da abertura do Amazonas ao commercio de todas as nações".

Em 1866 publicou "O Valle do Amazonas", livro que ainda hoje, e talvez mais do que nunca, é digno de ser lido e meditado por todos os brasileiros que se interessam pelas coisas nacionaes.

Depois das "Cartas do Solitario", porém, seu trabalho mais serio, pela amplitude de conhecimentos e pelo grande sentido naciolista que encerra, é sem duvida "A provincia", publicado em 1870.

A essa obra, julgada genial por Julio de Castilhos, e monumental por Campos Salles, deve elle a reputação, logo firmada, e hoje ainda mais reconhecida, de um dos nossos maiores pensadores politicos.

Publicou ainda varios pamphletos politicos, como "Os males do presente e as esperanças do futuro" (1860); "A situação e o partido liberal" (1872); "A opinião e a Corôa" (1873); bem como o livro "A Reforma Eleitoral e Parlamentar e Constituição da Magistratura", obras essas pouquissimo conhecidas. De uma dellas, a primeira, só existe hoje um exemplar, na Bibliotheca Nacional.

Além dessas, deixou Tavares Bastos vasto acervo de trabalhos ineditos, estudando os mais variados assumptos de economia, finanças, administração publica, politica, etc. Só á Bibliotheca Nacional sua familia offertou 59 cadernos e 15 grandes pastas, ficando ainda em seu poder trabalhos dos tempos academicos e suas "memorias", em 4 cadernos, datados de 1862 e 1863.

A literatura no radio

Alziro Zarur

O invento de Marconi rasgou novas perspectivas á humanidade insatisfeita, ansiosa de novas sensações ou, pelo menos, de sensações renovadas, visto que nada existe de novo e uma vez que o proprio *nihil novi sub sole* é o que ha de mais velho no mundo...

O facto, porém, é que para o radio convergiram todas as attenções, naturalmente na espectativa de coisas essencialmente agradaveis. E a realidade, francamente, não satisfaz á espectativa. Cumpre-lhe, pois, saber attenuar os effeitos das coisas essencialmente desagradaveis que transmitte...

No Brasil, especialmente, mercê do praticismo infame da época, declaradamente do *foot-ball* e do *catch-as-catch-can,* dos bestialogicos parlamentares e das chantages solemnes, o radio se limita a vehicular tudo o que temos de soberanamente inferior e deprimente. Com o seu unico objectivo de contentar a ralé, vê na literatura bombastica dos annuncios a literatura de verdade e faz da mais torpe das gyrias o seu apanagio por excellencia...

Ingressando no *broadcasting* depois de alguns annos de labuta diaria no jornal, que já não troca a literatura profunda de um Dostoiewski pela superficialidade policial de um Edgar Wallace, trouxe commigo a esperança quasi ridicula de trazer a literatura para o radio.

Confesso que a principio quasi desisti, em vista do adoravel desprezo que o radio vem dedicando aos artistas, no Brasil. E' possivel que o jornal ainda considere sêres viventes os "degenerados superiores" do doutor Möbius. O radio, no emtanto, não tomou conhecimento dos nossos escriptores, dos nossos pintores, dos nossos poetas. Nunca se fez, sequer, uma pequena, uma pequeninha resenha artistico-literaria ou bibliographica. Dir-se-ia que no Brasil ninguem escreve, ninguem pinta, ninguem sente, ninguem produz e ninguem lê...

Na PRE-3, Radio Transmissora Brasileira, encontrei, porém, alguma liberdade. Fiz uma tentativa litero-musical com immenso receio de cahir no ridiculo. E até hoje venho, embora transigindo com o gosto mediano do publico, lendo coisas de certo valor literario. O facto é que a tentativa surtiu effeitos immediatos, atravez de uma correspondencia ininterrupta que chega aos

studios de PRE-3. Quem foi que disse que a literatura morreu?...

Está provado, portanto, que a literatura no radio tem franca acceitação. Tudo depende de muito boa vontade... E foi assim pensando que resolvi traçar um plano literario-radiophonico de resultados incontestaveis, um movimento cultural sem precedentes no *broadcasting* nacional. Sirva de appello vehemente este trabalho despretencioso a todos os intellectuaes do Brasil. Precisamos sacudir a massa intoxicada de batuques africanos e demagogias interminaveis. Cumpre-nos instruir, educar, dirigir o povo, obrigal-o a pensar, a estudar, a comprehender para dominar os seus destinos, consciente da sua força formidavel.

Em duas palavras: pretendo criar, com o apoio dos nossos artistas — compositores, poetas, cantores, theatrologos, chronistas, esculptores, escriptores em geral, um programma diario com tudo o que existe de grande e de bello em materia de arte. Um programma em que predomine a literatura brasileira sob todas as suas modalidades. Com resenhas biblographicas, novidades artisticas, palestras, conferencias, recitaes, esse programma visa congregar os homens de valor do Brasil contemporaneo, iniciando um serio intercambio cultural entre a elite carioca e as dos demais Estados brasileiros.

Dos resultados de tal iniciativa no radio, nestes tempos em que os proprios jornaes e revistas olham com admiravel desprezo as criações do cerebro e do coração, podem fazer um calculo os illustrados leitores deste *Annuario Brasileiro de Literatura*, publicação que honra as letras nacionaes.

E é confiando no apoio dos nossos intellectuaes e nos applausos dos que sabem valorizar as iniciativas culturaes que deixo aqui este appello:

— Irmãos de todo o Brasil! Vamos pensar, vamos sentir, vamos escrever! Vamos estudar, irmãos! Trabalhemos pelo futuro da Patria!

A gloria de Machado de Assis

(Á MARGEM DE UM LUMINOSO PREFACIO)

Phocion Serpa
(Da Academia Carioca de Letras)

Si não é de Platão, realmente, confira-se-lhe, ainda assim, a paternidade da anedocta em que o grego teria comparado a gloria dos homens ao mel de certas abelhas.

As substancias todas, por mais incriveis ou antagonicas, na sua essencia, nos seus valores chimicos e estructuraes, podem, por um phenomeno ainda não revelado, tomar parte na fabricação desse nectar, da mesma maneira que, na faixa do arco-iris, preexistem todas as côres e nuances do espectro solar!

A graça ironica, do pae da sabedoria antiga, vem de molde a esclarecer, em terreno egualmente fugidio, os louvores ou restricções com que a critica, tomada no seu duplo sentido: artistico ou scientifico, procura interpretar, através dos seus methodos de pesquisa, a belleza de uma obra de arte.

— Que é a Arte? Estará, a sua definição, naquillo de Zola, isto é... *un coin de la nature vu par un temperament?*

— E, esse temperamento, que será elle, ainda?!

— Que será, portanto, a critica?

— Não caberá acaso, a essa sciencia, ou a esse ramo da literatura, a mesma explicação com que o *philosopho solitario* allude, irreverentemente, á *medicina dos doutores*, chamando-a de *arte de conjecturar?!*

"Na classe dos conhecimentos humanos, — preceitúa o anonymo autor invocado, — deve-se pôr esta Arte, (isto é, a medicina), no mesmo lugar, em que se põe a de decifrar Hyerogriphos e de compor Almanachs."

Porque, é ainda o mesmo autor quem fala: ..."Um medico assassinando os paes, vem a saber curar os filhos, quando não continúa o assassinato até os netos"...

A critica, muitas vezes, toma o aspecto da medicina, como estamos verificando.

Essas divagações têm por motivo Machado de Assis. Esse Machado de Assis, em intenção de quem, Graça Aranha foi pedir de emprestimo, a Carlyle, o mais justo e definitivo dos conceitos, fazendo-o penetrar, assim, na historia da literatura brasileira sob o prestigio de uma etiqueta *made in England*, e que lhe assentaria como si fosse talhada e obedecendo ao rigor da medida prévia.

Machado de Assis passou a ser, literariamente, um *accidente*.

Desde então, elle apparece nos fastos do belletrismo nacional, no mesmo pé de egualdade em que se colloca o seu paiz de origem, sempre que se defrontam as razões historicas, da descoberta.

Acaso e *accidente*, porventura, não se equivalem?

Escolhido pelo *Institut de Coopération Intellectuelle de la Societé des Nations*, para inaugurar a série dos escriptores brasileiros a serem apresentados á admiração universal, do mundo civilizado, através o prestigio da lingua franceza, coube, muito naturalmente, ao Snr. Afranio Peixoto, traçar o *avant-propos* dessa publicação.

Esse prefacio, erudito, gracioso e encantador, do mestre, eu o encontrei na REVISTA DA ACADEMIA BRASILEIRA, no seu numero 175, de Julho deste anno.

Lendo-o, admirando-o e meditando-o, resuscitei, sem esforço, da memoria, a sentença do grego, que assemelha a gloria dos homens, a uma substancia heteroclita, amalgama ou mistura dos velhos e novos chimicos, cujo equivalente, em linguagem poetica, é o mel de abelhas.

Em pouco menos de tres paginas, da REVISTA, o Snr. Afranio Peixoto resume, graciosamente, de um modo admiravel e, quasi perfeito, as excellencias do nosso maior engenho literario, manejando, sem deslises, a lingua de Montaigne, ajuntando-lhe, porém, aquelle sabor inconfundivel, do estrangeiro que, mesmo pensando e discorrendo, primorosamente, num idioma exotico, nelle introduz, inconscientemente, aqui e ali, o pico, o boleio, a graça, emfim, da propria lingua materna.

Conceitos puros e formosos palpitam através a prosa do panegyrista enthusiasta e medido, que, ainda assim, resumindo numa phrase, o seu pensamento mais profundo, escreve, com toda a justiça:

"Machado de Assis est pourtant un des auteurs brésiliens les plus traduisibles, parce qu'il est un des moins brésiliens qui soient"...

O conceito, posto que, na apparencia, restrictivo, dilata e franqueia á gloria de Machado de Assis, uma altura e um esplendor universaes.

Todavia, na esteira de taes applausos, onde fagulham os elogios mais expressivos, e onde reluzem os predicados mais pomposos e enaltecedores, colloca tambem, o Snr. Afranio Peixoto, á guisa de excusa, algumas particularidades que serviriam talvez, de ponto de referencia, a quem desejasse, percorrendo minucias e pesando contrastes, acertar, sem probabilidade de erros, nas caracteristicas essenciaes do artista.

Delinea-se, desde logo, a linha judiciosa do seu criterio de julgador imparcial, desejoso de ser claro e recto e perfeito, e, ainda, tanto quanto possivel, definitivo, na composição de um retrato psychologico destinado a retinas estrangeiras, ás quaes, o miniaturista interessado em fazer resaltar, pela verdade, todas as harmonias caprichosas do modelo, procura transferir a visão nitida e instantanea, do escriptor primoroso, de um grande paiz desconhecido.

E' ahi, precisamente, na minucia das suas nuances criticas, que me aventuro collocar á margem, um leve reparo de amador.

Para tanto, faz-se necessario recuar um pouco, no tempo, na critica, e nas paginas esquecidas dos livros.

Certamente, ninguem olvidou ainda que foi Medeiros e Albuquerque quem procurou explicar, certa vez, a elegancia inimitavel do estylo, de Machado de Assis, recorrendo a um artificio muito do seu agrado.

Para Medeiros e Albuquerque, a phrase curta, o periodo breve e elegante, do autor do D. CASMURRO, nada mais eram que a imagem trasladada, para o papel, da sua gagueira incuravel, innata e invencivel.

Machado de Assis, homem de folego pequeno, como acontece ao commum dos tartamudos, não devia a belleza ou a graça da sua maneira de escrever, nem ao gosto longamente apurado nos mestres, nem ainda, aos seus pendores literarios, mas, precisa e unicamente a um defeito na mechanica dos orgãos da palavra.

Si elle assim não fôsse, na sua constituição biologica, elle teria sido, neste paiz da emphase, possivelmente, um arrebatado, um torrencial, um escachoante, filiado, como Ruy Barbosa, á larga progenie do venerando Padre Vieira.

Ninguem se aventurou mesmo por gracejo, a indagar de Medeiros, por que esse prosador correcto, por ser gago, era, egualmente, um excellente poeta, em cujos versos o tartamudo desapparecia, tambem...

Todos estamos a imaginar, como Medeiros e Albuquerque seria homem para replicar, escorando a sua critica numa galhofa que tem ares de axioma, na meia sciencia do povo.

E, já agora, a sciencia de Sainte-Beuve ou de Taine ou de George Brandès, recolherá em uma das suas ampoulas, para processos identicos, o reactivo indispensavel a eventualidades semelhantes, pelo menos, os que occorrerem na literatura indigena.

Dada, porém, que fôsse verdadeiramente exacta, essa formula critica, resuscitada com todas as honras, no *avant-propos*, pelo meu eminente mestre, Snr. Afranio Peixoto, as generalisações seriam inevitaveis.

Tanto assim que, fazendo incidir sobre Medeiros e Albuquerque, os mesmos principios por elle invocados, para explicar o estylo de Machado de Assis, muita gente poderia collocal-o, sem maior esforço, no mesmo capitulo em que elle incluiu o autor de QUINCAS-BORBA!

O Snr. Afranio Peixoto alia ás muitas e invejaveis excellencias do seu espirito, uma palavra que, em tudo, corresponde ás mil nuances de uma dicção impeccavel e harmoniosa, tanto no tom quanto na extensão, sem a mais leve disartria que pudesse empanal-a, afeiando-a.

Mas, nem por isso, evita a cada passo esses periodos meudos, tão do gosto de Machado de Assis.

Ahi mesmo, nesse radioso prefacio, enxameiam os exemplos.

E, é mesmo, cedendo á fórma de um periodo que tanto tem de breve quanto de incisivo e elegante, que elle o inicia, confessando:

— "Je n'aime pas les traductions"... Pouco adiante, vemol-o escrever: — "Mais la traduction est une hommage, une consécration. Elle flatte un auteur et honore un pays"...

Todavia, si esses periodos parecerem demasiado longos, não faltarão outros, de tres palavras apenas: "Il est introspectif", ou, "Il est malicieux"...

Em relação a Medeiros e Albuquerque, taes coisas não se passam de modo differente.

O estylo anhelante conquistou proselytos!

Eu possuo de Medeiros e Albuquerque, que foi um escriptor abundante, nem sempre correcto, mas absolutamente interessante, varios volumes, e, a qualquer delles poderiam ser tomadas as provas do que affirmo.

UM HOMEM PRATICO, que tenho á mão, é um delles.

Essa brochura de contos, appareceu em 1898; sua origem é explicada pelo autor, na ultima pa-

gina do livro, do modo pelo qual se vae ouvir: "Os contos reunidos neste volume foram publicads entre 1888 e 1893"...

E' uma informação preciosa. Preciosa, principalmente, porque, a época parece excluir o autor de qualquer espirito de imitação no que respeita o estylo de Machado de Assis, estylo que elle apóda de gagueira e que, afinal viria a adoptar tambem.

Pois bem, nesse volume remoto, Medeiros e Albuquerque, que jamais experimentou os effeitos do tartamudismo, usa e abusa dos periodos pequeninos, em tudo semelhantes, ou, pelo menos, da mesma extensão dos de Machado de Assis.

Vejamos alguns exemplos. Logo á primeira pagina iniciando um dos contos, Medeiros começa a descrever a personagem, por esse modo:

— "Vinha macilento, cadaverico. A bocca entreaberta, resfolegava, ruidosa. As costas arqueavam-se muito na subida. A cada passo parava para respirar"...

E' preciso notar, tambem, que estou citando encadeadamente, os periodos.

Evidentemente, a intenção do autor é collocar deante dos olhos do leitor, por intermedio de periodos breves, a photographia, o physico debilitado, desse tuberculoso que vae, a custo, galgando uma ladeira.

Prosegue: "Um accesso de tosse sacudiu-lhe o peito a suffocal-o quasi. O suor escorria em bagas, preto do pó da estrada"...

Finalmente, porém, o desgraçado attinge o termo da subida, e, Medeiros, num periodo brevissimo arremata: "SENTOU-SE".

Não disponho de elementos para informar si esse é o livro de estréa de Medeiros e Albuquerque, mas não tenho a menor duvida, accentuando que o estylo por elle empregado nos exemplos citados, é absolutamnte defensavel, tanto elle corresponde á acção e ás imagens.

Seria um truismo desnecessario, repetir que o melhor estylo será sempre o que melhor se amolde á natureza dos assumptos, procurando ajustar-se ás mysteriosas curvas das imagens que occorrem ao nosso pensamento e as quaes desejamos transferir, com o mesmo colorido e emoção, ao entendimento alheio.

"Um dos verdadeiros predicados do escriptor, — escreve Fialho de Almeida, — é saber elle destrinçar, na variedade de tantos milhares de fórmas literarias, qual seja propria para exprimir fielmente um certo assumpto."

E, é ainda o inimitavel colorista da lingua portugueza, quem accrescenta — "Ter o estylo proprio dos seus assumptos é achar para cada genero de literatura uma prosodia propria e uma syntaxe: o estylo desarticulado e curto para as narrativas contemporaneas; o estylo colante, sobrio, mas orchestral, para as narrativas d'assumpto antigo, onde o effeito reside na erudição da côr e na pompa syllabar; o estylo limpido e leve para os descriptivos da paisagem; gravativo e largo no elogio dos grandes homens; cortado em zig-zag, aberto ao ar, para os assumptos humoristicos; e para os de satyra silvando entre imprecações e gargalhadas"...

Vejamos, porém, um outro livro de Medeiros e Albuquerque.

Vejamos, mesmo, o seu ultimo volume: HOMENS E COUSAS DA ACADEMIA.

Entre o primeiro, que é de 1898, e o ultimo, apparecido em 1934, correram 36 annos!

Aquelle, como vimos, é um livro de contos, este agora, não deixa de ser de memorias. Apesar disso o estylo de Medeiros não variou muito.

Comecemos pelo principio, isto é, pelo prefacio. Esse prefacio tem por titulo uma phrase: "O que ha neste livro", phrase curta, como convém a todos os titulos. Querendo explical-a e, simultaneamente, querendo fazer graça, Medeiros deixa cair da penna o seguinte: "O titulo dado a este livro não indica precisamente o que nelle ha."

Ninguem dirá que seja um longo periodo...

Contando, e contando deliciosamente, como elle sabia fazel-o, "como nasceu a Academia", Medeiros escreve periodos assim, que se succedem e encadeiam, — e eu tenho apenas o trabalho de repetir: "Minha vaidade, porém aconselhou-me que puzesse aqui esse depoimento. Como elle é verdadeiro, não tive duvida em satisfazel-a. Ha tão poucas cousas de que me posso gabar"...

Reporta-se, no lance tomado para exemplo, ás suas desintelligencias com o seu confrade Osorio Duque-Estrada, e relata:

"E' interessante revelar porque Osorio Duque-Estrada me perseguiu durante muito tempo com verdadeiro odio. Porque eu lhe fiz perder a cadeira de Historia, que algum tempo exerceu no Collegio Pedro II. E isto occorreu de um modo curioso. Era ministro do Interior o Dr. Felix Gaspar, que fôra meu collega na Camara dos Deputados. Certa vez, eu o fui procurar..."

Medeiros e Albuquerque, Afranio Peixoto e Machado de Assis, são escriptores, para os quaes o ponto e virgula é, absolutamente, desnecessario.

Basta, porém. Não é meu intento, fatigar quem quer que seja, multiplicando citações que exemplificariam meu asserto e se espalham, fartamente, por todas as paginas de Medeiros e Albuquerque.

Demais, si eu me alongasse em demasia, poderia dar a falsa impressão de estar poupando o

autor do luminoso prefacio, para, irreverentemente, ajustar contas com um illustre escriptor, infelizmente, desapparecido.

Não é isso, na realidade, o que acontece.

Afranio Peixoto reeditou pura e simplesmente, intencionalmente, ou não, um conceito nascido da penna humoristica do seu confrade Medeiros e Albuquerque. Era natural, portanto, que Medeiros e Albuquerque fôsse chamado ao debate.

Além disso, devo accrescentar, com toda a lealdade que, por duas vezes unicas, me approximei do fascinante escriptor, cuja verve de chronista e cujas scintillações de palestrador, nunca deixei de proclamar e admirar.

O primeiro desses encontros, foi por apresentação, na Avenida, de Alberto de Oliveira, e, só então, tive ensejo de verificar quanto Medeiros era surdo. A segunda vez, o intermediario foi um livro de minha autoria, enviado pelo correio e que viria dar á costa, desafortunadamente, num sebo da rua de S. José, e á margem de cujas paginas ficaram signaes indeleveis da curiosidade de Medeiros e da sua critica: assignalando e emendando uma data historica, evidentemente errada; annotando certos conceitos meus, aparentados, soffrivelmente, com qualquer sombra de psyanalyse... Foi só. Não existem, portanto, motivos para desaggravos tardios, inuteis e deselegantes.

Acompanhando, todavia, as asserções criticas, de Medeiros, em relação aos curiosos resultados a que elle chega, no caso de Machado de Assis, poder-se-ia, como represalia, affirmar, a seu respeito, que a segurança dos seus raciocinios, a trama da sua logica, o ponto meudo das malhas da sua rêde de argumentador terrivel, intelligente e tenaz, todas essas qualidades, emfim, que o faziam temivel, na argumentação, elle as devia, sem duvida, á sua dureza auditiva!

Sendo surdo não ouvindo os seus contendores, tornava-se o seu estylo, em dados momentos, de uma claridade perturbadora, proseguindo, nos seus escriptos, de principio ao fim, sem um hiato, sem uma brecha, sem a mais leve contradicção... alheia!

Para o eminente mestre, Snr. Afranio Peixoto: "heureusement que Machado de Assis était bègue"...

E' possivel que o elogiado, talvez não fosse da mesma opinião...

Vejamos, porém, outro ponto.

Esse outro ponto diz, de perto, com a faculdade de imaginação do autor de: ENTRE SANTOS, A CARTOMANTE, O SINEIRO DA GLORIA, O APOLOGO DA AGULHA E A LINHA, e tantas outras paginas de requintada phantasia desse fabulista contemporaneo.

Entretanto, na respeitavel opinião do meu presado e querido mestre, Afranio Peixoto: "Il est malicieux. Donc humoriste, pas très âcre, mais à la Sterne, à la Dickens, à la Daudet, un peu imaginatif"...

Pouco imaginativo?

Quem nol-o affirma é o illustre autor de ESPHYNGE, explicando ainda que: "Il ne se passe presque rien dans ses livres: la vie y coule, quotidienne." "Il pouvait écrire des dizaines de volumes, comme la fait Marcel Proust. Il a été empèché parce qu'il était bègue, ce qui rendait sa phrase courte, sans haleine, hachée, à la mesure de sa respiration"...

E o Snr. Afranio Peixoto, nesse lance, não quiz alludir, não se sabe por que motivos, á ogerisa de Machado de Assis, ás confidencias e, particularmente ainda, aos *derramados*.

A conclusão, porém, assim como tudo o mais, desse prefacio, é um elogio á altura do eminente escriptor brasileiro, affirmando o Snr. Afranio Peixoto, que: "Il meritait donc les honneurs de la traduction, par un maître écrivain, et le Brésil cette edition, par la Cooperation Intellectuelle."

Retratista á maneira de Delacroix, o Snr. Afranio Peixoto não desdenha o claro-escuro, nem a justaposição dos tons complementares, posta em relevo na palheta do grande mestre francez, na apreciação de Mauclair.

Invocando um outro gago celebre, José Maria de Heredia, o Snr. Afranio Peixoto colloca o nosso Joaquim Maria, em excellente companhia, perante a critica, e perante os seus justos louvores, sem ir buscar á Russia, um Dostoiewsky ou um Tourgueneff, para explicar o seu mal divino, ou acorrental-o na mesma desdita, a um outro soffredor daquelle flagello que Machado de Assis, por periphrase e civilidade, resumia nestas palavras acanhadas: "aquelle outro mal, sabes? o outro..."

E' bem possivel, que, todo esse conjunto de miserias physicas, possa explicar e esclarecer o nobre engenho de tão grande artista.

Mas, de que lhe serviriam taes accrescimos inuteis, si elle, como Baudelaire, no dizer de Theophile Gautier ..."avait le malheur de bien écrire, ce qui a le don d'horripiler les sots de tous les pays"...

O Snr. Afranio Peixoto, a cuja intelligencia consagrei sempre a mais profunda e reverenciosa admiração, sabe, por experiencia propria, como esse *malheur de bien écrire* atormenta os tolos e accende o despeito no coração dos invejosos.

O desenvolvimento da educação publica no Pará

As iniciativas do Governo Revolucionario — A actuação do Dr. José Malcher — Ouvindo o representante do Pará no Primeiro Congresso de Educação e Estatistica no Rio de Janeiro — Belém, séde da segunda exposição nacional de estatistica e educação.

Dr. Oswaldo Orico

Dentre os Estados que figuraram no recente Congresso de Educação e Estatistica, realizado nesta Capital, o Pará foi dos que mais se destacaram. Haja vista ter sido o unico a apresentar o album estatistico de 1936, onde se evidencia o admiravel *controle* e a efficiencia dos serviços do departamento de Educação, sob o governo do Dr. José da Gama Malcher. Representando o seu Estado, veio o antigo director de Educação e ex-Secretario Geral do Estado, o eminente homem de letras Dr. Oswaldo Orico, a cuja orientação, em grande parte, se deve o surto que tomou o ensino paraense. Procuramos ouvil-o, para melhor esplanação aos nossos leitores.

Fomos perguntando logo, á queima roupa:

— Como deixou o seu Estado?

— Em optimas condições, inteiramente tranquillo, sem as lutas politicas terriveis que inhibiam o governo de sabia e efficiente administração. Economicamente, muito bem, sendo de notar que a alta da borracha e da castanha e o emprego do timbó asseguram ao paraense riqueza facil em proximos dias.

— Quanto á instrucção...

— Sim, a esse ponto é que eu desejava chegar. Comprehenderam os ultimos administradores que, nesse ponto, repousa a grandeza do Estado. Emprehenderam essa obra valorosa que vem dando, realmente, esplendidos resultados. A proposito: trouxe para o Congresso um interessantissimo trabalho do Prof. Paulo Eleuterio, lente do Gymnasio Paraense, contendo estudo do problema educacional brasileiro, e traços geraes de um plano triennal de educação para o Brasil.

A revolução trouxe á minha terra, em relação á instrucção primaria, largos beneficios que o serviço de estatistica claramente demonstra.

Oswaldo Orico levantou-se e nos mostrou um mappa, onde se observa que, em 1930, o Estado contava 20.543 alumnos matriculados nos diversos grupos, escolas nocturnas, jardins de infancia, escolas agrupadas. Com a administração do Tenente Coronel Magalhães Barata, esse total se elevou ex-

traordinariamente, quasi attingindo ao triplo: 51.871 alumnos. O Dr. Malcher continuou o labor meritorio de seu antecessor,

Dr. José Malcher

e, pela estatistica de 1936, podemos notar que esse numero foi elevado de 29.721, contando o Pará, actualmente, 81.592 alumnos matriculados em suas escolas.

— Temos intensificado, tambem, a educação civica. O governo da União deve tratar o mais breve possivel dessa grande questão, isto é, procurar estabelecer a verdadeira idéa de patria, desenvolvendo o amor á terra no espirito dos cidadãos de amanhã. Realizámos conferencias, festas, sessões civicas em varias escolas e estatuimos entre os professores o desenvolvimento de pequenas theses nas varias classes. Só assim procedendo poderemos salvar a intelligencia brasileira das idéas dissolventes que tentam dominar o Paiz.

Além disso, figura no Congresso, na Sessão cultural, a producção bibliographica paraense ou collectanea de livros escolares, por offertas de seus editores, constantes de 45 obras diversas com os esclarecimentos indispensaveis á consulta e curiosidade dos professores visitantes da Exposição.

Em uma de suas recentes sessões, o Conselho Nacional de Estatistica approvou um voto de louvor ao governo do Pará pela sua estatistica official de ensino.

A segunda exposição nacional de estatistica e educação se realizará em Dezembro deste anno, tendo sido escolhida a cidade de Belém para séde do importante certamen.

Nesse sentido está o Dr. Oswaldo Orico, como delegado do governo do Pará, tratando com a Directoria da A.B.E. e com os poderes publicos, para que a segunda exposição se revista de maior brilhantismo e da maxima efficiencia.

Livros para a infancia

Sebastião Fernandes

Todos sabem que os pedagogos modernos condemnam os livros chamados classicos para as crianças. Dizem que são recreativos sem nenhum sentido educacional. E accrescentam que com a marcha da sciencia e dos problemas modernos apresentam falhas sensiveis. Posto que não se saiba bem si os livros feitos dentro das leis canonicas da pedagogia moderna terão essa immortalidade em muitos casos seculares dos outros. Sabido que livros feitos de encomenda e dentro dessas bases duras e frias imposições jamais conseguirão uma immortalidadezinha. Duram o mesmo que os decretos e os dictadores...

Si a literatura infantil requer predicados especiaes: simplicidade, clareza, naturalidade, principalmente nos dialogos, movimento da acção, graça espontanea, dotes emfim que só figuras excepcionaes das letras podem reunir; exclue logo esses literatozinhos ou melhor professores que antes de darem siquer uma pagina de boa literatura lançam-se na aventura de uma licção romanticamente escripta.

Uma coisa é fazer um livro completo do ponto de vista pedagogico, outro é compor paginas que se tornarão famosas para o mais exigente publico — a clientela meúda.

Porque escrever para crianças é compor a mais difficil literatura. O genero exige a simplicidade sem todavia ser banal. A phantasia deve ser dosada para fugir da tolice. Que puritano poderia compor aquella maravilha: "O Rouxinol e a Rosa", do tão peccador Wilde, temperando o real e o sublime sem um laivo de trivialidade? E' mesmo sabido que até nas notas biographicas os que escreveram para a infancia e são até hoje queridos não tiveram a folha corrida dos moralistas...

E no emtanto, nada de pregação moral, historia com adjetivos adocicados, porque toda a criança tem pavor aos conselhos principalmente presumpçosos. Criança gosta é de recreio. O livro ha-de ter a sabedoria de brincar para ensinar. E' de todo impossivel achar paginas para os guris entre gente apaixonada por algum credo religioso ou politico. Todo sectarista fica impossibilitado de escrever uma pagina para a infancia. Porque antes de tudo o apaixonado é um cégo. E sabemos que os cégos começam por não conhecer as bellezas da vida. Falará em vida futura, felicidades vindouras, falará em tudo que para elle é sublime mas as crianças o desprezarão como aos velhos cacetes que não conhecem o ridiculo.

Os estylos alambicados, ôcos tornam-se insipidos gerando sempre ambiente falso e desagradavel mesmo para os que não são exigentes como as crianças que trocam um cavallo enfeitado e com rodas por um cabo de vassoura sem que os mestres expliquem o porque da preferencia.

Mesmo não levando para o lado do sublime, as creações phantasmagoricas e como desejam alguns excluindo das scenas feericas os anjos, dragões, fadas e si quezerem os principes e reis... nada *irrealizavel,* nada de decepções futuras porque elles irão para um mundo pratico e por demais desilludivel...

Como bem accentuou Mucio Leão, o livro CORAÇÃO não é propriamente indicado para as nossas crianças. Em primeiro logar está cheio duma exaltação patriotica por uma paiz que não é o nosso, tem fundo militarista e depois "é todo um desenrolar de dramas e de soffrimento."

Portanto nada de propinarmos ás crianças scenas pungentes, que deixam um resabio de melancolia no leitor.

A idade é de folguedo, como é que vamos entregar-lhe um livro todo pontilhado de tragedia?

E assim a desambientação. Ninguem cal-

(Conclue no fim do Annuario)

Musa indiscreta

I

A MULHER

Vaidoso ser gentil que nos fascina!...
— Debil e fraca e ao mesmo tempo austera;
Forte, indomavel: — truculenta féra
E mansa pomba; timida e divina!

Governa o Mundo, fragil e franzina..
— Perfida, ás vezes; falsa, outras sincera,
E como do amor, do odio se apodéra
Sem que o seu coração ninguem defina.

Anjo e demonio, flôr; deusa e serpente:
Sempre que chóra, o pranto seu nos mente
Tal como sempre que sorri nos logra.

E' como noiva um sonho de ventura,
E como terna Mãi, tão santa e pura,
Como demais medonha como... sogra!

II

MODERNICE

Hoje o poeta, como antigamente,
As imagens não cita que citava
Quando os primores da mulher cantava
Na sua lyra d'ouro, resplendente.

E' que esfriou aquelle amor ardente
Que em outro tempo os vates inspirava;
Nenhum a chama mais como chamava
De tudo que ha de bello e de... innocente.

Nenhum os olhos seus, idolatrados,
Da côr da noite os acha, que, pintados,
Mostram de mais da tinta os desacatos.

E a bocca que das rosas tinha outrora
A purpurina côr, passou agora
A ter a rubra côr dos seus sapatos.

III

DE CALÇAS...

Essa tal moda tanto propalada
De que as mulheres calças vão usar
Bem claramente faz annunciar
Que lhes anda a cabeça transtornada.

Porque a mulher votou e foi votada
Não acho que já deve ella pensar
Que de sexo mudou e se julgar
Inteiramente ao homem comparada.

Não saia, pois, da saia, que elegante
A torna e tentadora, provocante,
E de belleza, ás vezes, magistral.

Tudo nos roube, todos os haveres,
Mas as calças nos deixe, que as mulheres
Vestidas de homem, nem no Carnaval!...

IV

FEMINISTA

Tal como tú, eu sei mulher nenhuma
Mais fortemente corações domina
E do veneno sei que lhes propina
A tua mão alvissima de espuma.

Além de bella, dizem-te ladina!...
Attractivos não ha quem mais resuma...
E leve sendo mais do que uma pluma
O "peso", tens tambem d'uma... bobina!

O grande Santo Ambrozio se te visse
Peior nos falaria das mulheres
D'ellas dizendo o dobro do que disse.

— E's, entretanto, um favo appetecido;
Feminista feroz, mas que bem queres,
Seja lá como fôr, achar marido!...

Telles de Meirelles

Uma visita como poucas

Ernani Fornari

Ora, isso aconteceu em fins de 1930.

Hélios, o inolvidável Hélios Selinger que todo o Rio Grande adora, e que andou por lá, ha coisa de dez annos, a desbocejar a arte indigena, ora promovendo amostras de pintura e o SALÃO DE OUTOMNO, ora reunindo e congraçando artistas e poetas em farras e ceiátas memoráveis, foi me jogando para dentro de um taxi, com ares mysteriosos, depois de pantagruélica mastigação regada a velho *Alcobaça,* no GAIATO DE LISBÔA.

Eramos cinco. Literatos e pintores — uma irreverente turminha de arripiar cabellos mesmo a carecas inveterados.

— Aonde vamos? — perguntei, escabriado.

E Hélios, num sorriso de gengivas:

— Vou te levar a uma casa. Aguenta firme e não perguntes, que é surpresa. Em todo caso posso adeantar que vaes conhecer a creatura mais deliciosa do mundo...

Deante dos elogios enthusiasticos que se faziam á pessoa a ser visitada, pensei commigo: "Isso é volta de mulheres. Só a mulheres, artistas e literatos elogiam com tal abundancia de alma..."

E alto, para todos, meio receioso:

— Mas... mas eu commi tanto...

Uma dessas gargalhadas de arrebentar aneurismas estrugiu, como uma *ressaca* (não estivessemos nós preparados para isso!), abalando tudo. O proprio carro, com o motor já em movimento, parecia sacudido de convulsões.

Num encabulamento difficilmente imaginável, aninhei-me, muito encolhido, num canto do auto, a lingua tolhida de vergonha, os olhos espasmados de surpresa.

Teria eu cometido alguma *gaffe?*

— Ai!... eu arrebento... eu estouro... — e espojavam-se de riso — Por favor, bemzinho, não "diz" mais nada hoje, sim?!...

*

* *

Durante todo o percurso, aquelles bohemios não fizeram outra coisa senão enfeitar a *desconhecida creatura* com os mais retumbantes e sonoros adjectivos. Só se ouviam "colossal", "batuta", "estupenda", "extraordinaria", "do outro mundo". Que sei mais!

Pensei na excessiva actividade que um estômago demasiadamente atravancado é obrigado a desenvolver, a bem de levar a bom termo sua nobre e alta missão de distribuidor de succos; pensei na poderosa influencia que um velho *Alcobaça,* depois de descer á complicada engrenagem digestiva, para prestar seu "valioso concurso" á elaboração difficil de tanto alimentos condimentados, subindo, geitosamente, cérebro acima, exerce sobre a palavra — e encontrei ahi a explicação para todo aquelle exaggero vocabular.

Consequencias de digestão trabalhosa! Euphoria e optimismo de fundo gastro-alcoolico.

Quando chegámos ao destino e o chauffeur riscou um phosphoro para ler o thermometro dos prejuizos, é que vi como era longe a casa daquella *raridade*: 11$800 de taxi!

(Ainda hei de escrever algo sobre "O adjectivo como encurtador de distancias").

*
* *

Um bangalô, um lindo bangalô erguido no centro de pequeno e bem cuidado jardim.

Escuridão avelludada — o velludo das noites cariocas! — polvilhada de astros.

De dentro da casa, desertava, por uma porta lateral, um barulho doméstico de talheres em combate, e um quadrilátero de luz estendia sobre a grama rasourada um scintillante tapete de ouro.

Hélios entrou na frente, invadindo aquelle socego perfumado a bogary, com essa semcerimonia cordial e bohemia que elle põe em todas as constravenções que commette. Eu, para exhibir bôas maneiras, fiquei parado perto do portão Os tres restantes discutiam com o portuguez do auto, o qual dava por paus e por pedras por ter sido posta em dúvida a integridade funccional do taximetro...

Ouvi a voz de Hélios:

— Bom proveito!

E outra voz, clara, timbrada, *sorridente*, de dentro do bangalô:

— Alô! E' você querido?!...

— Você conhece o Fornari?

— Muito! Como não! entra, pessoal!

E o Hélios, para mim:

— Vem cá, Fornari!

Fui entrando. Uma sala de refeições. Em volta da mesa, numerosas pessôas jantavam.

Em pé, á soleira da porta, um typo alto, (mais de sete cabeças!) agil, inquieto, nervosissimo, extraordinariamente sympathico, foi logo me abraçando, com essa expontaneidade de que só são capazes as creanças, os borrachos e os poetas. Tudo nelle abraçava — os olhos, a bocca, as rugas. (Umas rugas differentes das que os annos dão, — *plis d'expression* — diga-se em tempo!) a voz, os cabellos longos e corridos, a gesticulação admiravel. Tudo. Tudo era offerta. Tudo era acolhida naquella creatura.

*
* *

Mas, Senhor, onde já vira eu aquella cara?... Aquelle sujeito não me era estranho, não... Ah! lembrava-me agora! Fôra, talvez, na "PARA TODOS..."! Sim; diversas vezes, e, se não me enganava, através do lapis fazedor de brincadeiras pesadas de J. Carlos. De uma *charge*, principalmente: "elle", uma baratinha — temivel "baratinha" substituida em 1930 por pachorrento e prosáico Ford — e mulheres (muitas mulheres!), em disparada louca...

— Você já conhece o Olegário, não é? — e indicou — Este é o Olegário Marianno!

Respondi da mesma maneira que antes ouvira delle, com a differença que eu não mentia, por cortezia:

— Ora, muito! Como não!

Entrei.

—Você vai sentando por ahi, emquanto termino de jantar, não é assim? Vocês já jantaram? Sem cerimonia, heim? Aqui não ha disso. A casa é nossa. A' vontade! — e foi me empurrando, com familiaridade, como coisa sua, que eu de facto já era, pois Olegario Marianno arruma um geito de provar, todos os dias, a existencia dessa coisa de que a gente sempre duvida — o amor á primeira vista.

Sentei-me, encantado da vida. Realmente, a casa era nossa! E como não ser, si ali dentro tudo era tão bom, si a gente se sentia tão bem e si era recebido assim tão camaradamente? Tudo naquela serena e confortavel mansão respirava cordialidade, franqueza, poesia, simplicidade — uma simplicidade fina, altissima, *subjectiva*. Quero dizer: uma simplicidade que não estava nos móveis, que eram ricos, mas na sua disposição. Não sei si me faço entender.

Cigarras por todos os lados. De mármore, de louça, de vidro, de madeira, de bronze. De tudo. Parece-me que até de galalite havia uma sobre o *foyer* e várias de verdade no jardim. Não fôra elle o poeta das cigarras! Livros por toda parte. Paredes completamente revestidas de grandes e valiosas telas. Quadros em abundancia, no *hall*, na sala de jantar, no gabinete, no *fumoir*, nos vãos da escada, no chão, encostados ás paredes, por não haver mais lugar onde collocal-os. A profusão, entretanto, longe de monotonizar e de dar ao ambiente esse ar empaturrado de *bric-á-brac* das galerias de certos colleciona-

dores com muito dinheiro e nenhum gosto, dava — coisa singular! — ás salas de Olegario Marianno uma atmosphera de sobriedade, apuro, *confort*, e profunda religiosidade de templo, onde os santos eram representados por Dante, Paul Fort, Beethoven, Rostand, Bilac, etc. Uma atmosphera que se renovava, a todo momento, aos *olhos boquiabertos* do visitante, — tal o senso esthetico que presidira á collecção das telas e á distribuição dos objectos.

Emfim, verdadeira casa de grande poeta, cujo coração e espírito são do tamanho de sua grandeza poética.

Casa nada academica de Academico gosadissimo.

*
* *

— Fornari, recita para o Olegario ouvir a "CONQUISTA DA SERRA", — intimou Hélios, inquisitorial e intranquillo, ansioso, talvez, por justificar a sua apresentação e ver extincta, quanto antes, a sua responsabilidade de introductor.

Olegario, sentado á minha frente, attento, estampada no rosto a conformação de todos os martyres, estava por tudo. Assim como assim, pensaria commigo o poeta vigoroso das "POTRANCAS", na vida nem tudo são rosas... E entregou-se á minha malvadeza, numa postura de acceitação, com um estoicismo e espirito de sacrificio que commoveriam a um outro que não fosse eu, que, naquelle instante, só tinha uma preoccupação: a de demonstrar que não era por alí nenhum cretino... Embora um pouco encalistrado e constrangido, temendo mesmo um incidente (não esqueçamos que o poeta acabára de jantar!), pondo em serviço as mais elegantes attitudes do meu repertorio mundano e os melhores "bons modos" hauridos, na adolescencia, nos livros de civilidade, empurrei-lhe a primeira poesia. E veiu mais outra. E veiu outra ainda. E outra. Impiedosamente. Satanicamente. O meu perigoso provincianismo literário exultava, delirava, estrepitava dentro de mim, cada vez que o bichão sacudia a cabeça, approvando, approvando, approvando sempre. Eu abusava da confiança que me era dada, confesso para vergonha minha. Mas quem poderia resistir ás intimações de Hélios, que, engalfinhado ao receio de que eu pudesse passar por imbecil, tinha a necessidade (era essa, provavelmente, a sua verdadeira intenção) de mostrar a Olegário que, agora, não *lhe trazia* um camarada sopa, não! Precisava (soube-o mais tarde) rehabilitar-se de *certa* apresentação feita, anteriormente, ao autor do "MEU BRASIL". Peccado antigo! No fundo, não era a mim que Hélios procurava exaltar: mas ao seu tino de expositor, á sua *intelligencia de achar*. Objecto inconsciente de sua esperteza, eu estava alí como Pilatos no Crédo. O actor, sem o saber, era o successo artístico do empresário...

Quando terminei, Olegário olhou disfarçadamente para Hélios, que se derretia todo, radiante, orgulhoso da *sua* habilidade, cigarro pendente do beiço, naquelle seu sorriso mongólico de olho apertado. Todo elle queria dizer: "Conheceu, papudo?" No olhar do poeta para o pintor, li isto, que me lisongeou enormemente: — "Tens 300 dias de indulgencia plenária!"

Neste ponto, generalizou-se a palestra. Passei a elogiar, sinceramente, alguns quadros, o poeta, seus versos, suas estatuetas, etc. Disse-lhe o quanto era elle amado no Rio Grande do Sul. Para demonstrar-lhe qualidades de *causeur*, contei-lhe algumas anedotas revolucionarias. Elle, para não ficar atraz, (assim o suppuz, no momento) contou-me algumas literarias. Chamou a esposa para ouvir as revolucionárias. Repetí-as, infantilmente. Dona Maria Clara, encerrada num inconsolável vestido preto, ouviu-as com benevolencia modesta, ar compungido de imagem sacra, expressão pura e clara como o seu nome, com aquella physionomia compassiva de esposa que trouxe para a vida a maravilhosa predestinação de ser mãe do proprio marido, aquella creança grande, boníssima, é verdade, mas arteira e manhosa, e que, momentos antes, implicára com a comida — pasmem as admiradoras do grande lyrico! — pois o nosso aédo, ás vezes, implica com a comida...

E Deus viu que tudo o que havia feito estava bem!

E tudo acabou bem, com a graça de Deus.

*
* *

Ao tomar o automóvel de Olegário, que insistira em me levar ao hotel, quasi não ha-

via espaço para me sentar. O carro estava abarrotado de quadros, livros, *bibelots*, o diabo!

— Que é isso, Olegario? Mudança? — perguntei, á guisa de chiste (!)

Sorriu (não pelo "chiste", é claro).

— Não; isso tudo é pra você.

— Pra mim?!

— Sim. Se você elogiou tudo o que ahi está, é porque gostou. Gostou, não gostou? Logo é seu, por direito de gôsto. Eu cá penso assim: é de minha propriedade tudo aquillo de que gósto. Há uma coisa que você elogiou e que não está ahi. Mas póde estar certo de que ella já é sua, inteiramente — aqui o "dégas", — e poz o carro em movimento.

Olhei, sarapantado, para o Hélios, para o Rocha Ferreira, para os outros. Sorriam todos. Rocha Ferreira sacudiu os hombros, rindo da minha basbaquice.

— E' isso mesmo, *seu* gaucho; — disse — o geitão do pernambucano é esse, que quer agora?... Tambem, você plantou-se a elogiar tudo que via! E' o que succede. Cheguei a ficar frio quando você principiou, palavra!

— Mas... mas eu não sabia que elle era assim.

— Pois saiba agora. Cheguei a temer que você fôsse elogiar a casa. Arre, que si você cahisse nessa asneira!...

— Por Deus, Rocha! Que poderia acontecer?

— Que poderia acontecer? Que pergunta! Olhe, peça ao Manoel Faria que lhe diga.

Manoel Faria, do alto do seu incrivel collarinho, lançou um olhar para o poeta, que estava engolfado na direção do automóvel, afim de certificar-se de que elle não nos estava ouvindo, e segredou-me:

— Nada mais, nada menos do que irmos *de a pé*, e a casa de automóvel.

— E'?!!

— Nem tinha discussão. Você teria de leval-a para o Sul, nem que fosse ás costas...

Adorável poeta! *Seu* mãos abertas! "colosso"! "batuta"! "estupendo"! "do outro mundo"!

E eu que pensei que os culpados dêsses barulhentos adjectivos fossem o 'Alcobaça" e a "digestão difficil"!

— Pessoal, nada de adjectivos, para não encurtar a distancia!

*
* *

E pensei commigo:

De outra feita, quando eu voltar ao Rio, hei de elogiar o automovel do Poeta, si Deus quizer.

Tambem, será essa a unica maneira mais ou menos honesta de eu me tornar, um dia, proprietario de vehiculo...

*
* *

Hoje vivo no Rio. Sou seu companheiro de todas as horas. Ainda não tive animo, porém, de elogiar-lhe o lindo carro.

Receio de que o *tiro* falhe pela primeira vez?

Não.

Remorso de vel-o passar a andar de bonde...

ALTER EGO

(*Do livro inedito "Memorias de Diogenes Ventura"*)

Damon José da Siqueira

O professor Tradens informa-nos, a paginas 31 de sua obra *A felicidade está em nós mesmos*:

"O egoismo negativo gerará o ciume, a inveja, a cobiça e provocará as differentes fórmas do homicidio."

....

E' egoismo (refere-se ao unanimista) racional, nobre, humano, a paixão de se corrigir e de se aperfeiçoar. E isso com que intuito? Não para offuscar a outrem, mas para o corrigir e o aperfeiçoar, porque outrem é um outro si mesmo."

Por sua vez informa o professor Charles Nicolle a paginas 4 de seu livro *A Natureza*:

"Onde nós reconhecemos uma relação entre effeito e causa, o aborigene da Australia não vê liame algum. Uma flexa attinge a um homem e o mata; foi o nosso aborigene mesmo quem atirou a flexa para se defender; elle a viu deixar o arco, tocar o homem; elle verifica o ferimento e o estado de cadaver do attingido. Não estabelece, entretanto, relação alguma directa entre a flexa e a morte. Segundo seu pensar foi uma força estranha, immaterial que matou."

Comparando os dois trechos transcriptos, veio-me a preoccupação de saber como é que o aborigene do professor Nicolle póde ser outro eu mesmo do professor Tradens.

Si eu matasse, o autor do homicidio seria eu; o aborigene da Australia mata e não é o autor do homicidio.

Correspondem essas differenças a fórmas differentes de mentalidade, a gráos differentes de evolução?

Mas, si outrem é outro eu mesmo, aquelle aborigene da Australia sou eu mesmo matando em legitima defesa, mas acreditando que o que matou foi uma força estranha, immaterial.

Essa apreciação unanimistica do professor Tradens é sobremodo interessante para, por meio della, ver cada qual seu proprio eu no eu alheio.

Para a justificação, porém, da legitima defesa a percepção do aborigene da Australia é mais efficaz, porque quem mata não é quem exercita a legitima defesa, mas sim uma força estranha, immaterial, que exclue a responsabilidade pessoal.

A idéa, porém, de outrem ser outro eu mesmo, sem passar, ao mesmo tempo e em identicas condições, pelas mesmas provações por que passo, é de mais difficil intelligencia, quanto ao seu conteúdo.

Outro eu mesmo deverá significar outro sêr identico a mim no tempo e no espaço, como no pensamento, portador das mesmas necessidades sentidas ao mesmo tempo, coincidente em tudo, emfim, commigo mesmo.

Acceitando sem rigorismo a identidade, admittindo-a em principio e substancia, como fazer comprehender ao aborigene da Australia que eu sou elle mesmo e que elle é eu mesmo? Si elle não estabelece relação de causalidade, como estabelecerá a de identidade?

(*Conclue no fim do Annuario*)

JANGADEIROS

(CONTO)

Paulo de Magalhães
Da "Academia Carioca de Letras"

— "Treis noite despois do minguante nóis estemo aqui."

Zé Raymundo falava sem desviar os olhos da jangada. De cócoras, na areia, elle amarrava o barrilete da agua sobre o estrado tosco.

Do outro lado, Vicente, seu companheiro de sempre, forcejava experimentando a resistencia dos paus cruzados daquelle "navio" primitivo.

Garotos semi-nús, de côr terrosa, corriam, alvoraçados, em torno da jangada e á voz de Zé Raymundo ou de Vicente passavam-lhes, solértes, os objectos que iam completar o equipamento summarissimo da embarcação.

Depois davam corridinhas até a cabana meio escondida entre palmeiras, num monticulo proximo, gritando que "papai qué" isso ou aquillo e que "padrinho qué" mais azeite."

A' porta da choça uma cabocla nutrida, de quadris rotundos, ageitava o seio gordo para que a boquinha soffrega de um petiz côr de ferro velho sugasse o leite farto.

A cada solicitação gritada dos garotos a cabocla virava a cabeça para dentro do casebre e repetia o pedido em voz pausada, preguiçosamente.

Apparecia, então, descabellada, magra, esgrouviada, angulosa — mais espantalho que mulher... — Severina, companheira de Zé Raymundo e mãe de treze dos dezoito garotos que enxameavam pela praia, em torno da jangada.

As crianças disputavam o prazer de levar a faca pequena do Vicente ou a corda de embira do Zé Raymundo e o mais experto que as transportasse provocava protestos choramingados dos demais.

A partida da jangada era sempre uma festa para as crianças daquella praia tristonha, perdida entre dois promontorios e enfeitada apenas pela garridice de algumas palmeiras esbeltas que o vento fazia estremecer em continuos salamaléques empennachados...

— "Tá tudo?"

— "Tá."

— "Antão vamo."

A criançada poz-se a gritar para a cabana "que elles já ia"...

Severina, com poucos trapos sobre os ossos, veio caminhando com o Dóca, de tres mezes de idade, esganchado á ilharga e parou perto da jangada.

— "Já vão?"

— "Vamo".

Eusebia, a mulher do Vicente, escondeu o seio que o fedelho côr de ferro velho não queria largar, e veio, vagarosa e somnolenta, rebolando os quadris rotundos.

Zé Raymundo passou os olhos pela jangada a ver se faltava alguma coisa e agarrando num travessão disse:

— "Levanta!"

Vicente segurou do outro lado. A garotada ajudou o transporte. A jangada recebeu o beijo de uma vaga mansa e ficou balouçando.

— "Inté a vórta..."

— Inté"...

Vicente, em cima da jangada, fez um gesto de partida. Zé Raymundo saltou, lépido, para a prancha. As crianças gritavam e saracoteavam numa algazarra festiva.

* * *

Duas horas depois Zé Raymundo olhava a praia distante.

As palmeiras, tocadas pelo vento, faziam gestos indefinidos que eram, talvez, o adeus de suas caboclas e dos seus caboclinhos côr de ferro velho...

A noite cahiu, mansamente, sobre um céo sem nuvens, sobre um mar sem ondas.

* * *

Passaram dias, passaram noites. A jangada cada vez mais se afastava da terra e entrava pelo mar.

Numa tarde de vento frio e chuva miuda, Zé Raymundo e Vicente avistaram no horizonte um navio enorme:

— "E' dos grande."

— "E'."

O magestoso transatlantico francez passou perto da jangada.

Os passageiros correram todos para o "deck". Os officiaes do navio repararam naquelle fragilissimo tablado de paus cruzados e tiveram a convicção de que aquillo era um resto de naufragio...

Ordens foram dadas para que o navio se acercasse da jangada.

Da ponte, o proprio commandante, com o porta-voz, gritou para os jangadeiros:

— "Vous avez besoin des seccours?"

Os dois jangadeiros entreolharam-se sem comprehender nem o gesto, nem as palavras.

Vicente, serenamente, disse para Zé Raymundo:

— "Qué quêles qué?"

O francez repetia enervado:

— "Vous avez besoin des seccours?"

Zé Raymundo coçou o queixo, olhou para o navio, remirou o companheiro e, ingenuamente, sinceramente, inconsciente do seu heroismo, da sua audacia e da sua força, exclamou:

— "Será quêles tão pedindo reboque?!..."

9.º Congresso Brasileiro de Esperanto

De 12 a 17 de Novembro de 1936 realizou-se no Rio de Janeiro o 9.º Congresso Brasileiro de Esperanto, promovido pela Liga Esperantista Brasileira, sob o alto patrocinio do Exmo. Sr. Dr. Getulio Vargas e presidencia de honra dos Srs. Dr. Antonio Carlos, presidente da Camara dos Deputados, Dr. Macedo Soares, ministro das Relações Exteriores, Dr. Marques dos Reis, ministro da Viação e Obras Publicas, Dr. Gustavo Capanema, ministro da Educação, e conego Olympio de Mello, prefeito interino do Districto Federal.

Na sua commissão de honra figuravam os mais distinctos nomes que brilham nos nossos meios literarios, scientificos, administrativos, etc.

Adheriram ao congresso dois departamentos officiaes — a Directoria Geral de Informações, Estatistica e Divulgação do Ministerio da Educação e o Instituto de Pesquisas Educacionaes, da Secretaria Geral de Educação da Prefeitura do Districto Federal — cerca de 20 associações scientificas, literarias, jornalisticas, religiosas, pacifistas, etc., a "Argentina Esperanto-Kolegio", de Buenos Aires, e diversos grupos esperantistas.

Entre as pessoas adherentes citaremos o Professor Dr. Odo Bujwid, da Universidade de Cracovia, que veio tomar parte no congresso como representante da Polonia, e o Prof. Padre Stellacci, capellão do vapor "Neptunia".

Fizeram-se representar no certamen esperantista os governadores dos seguintes Estados: Amazonas, Maranhão, Piauhy, Ceará, Rio Grande do Norte, Parahyba, Sergipe, Espirito Santo, Santa Catharina, Minaes Geraes e Goyaz. A Camara Municipal do Rio de Janeiro fez-se representar por tres vereadores.

Votaram moções de congratulações pela realização do congresso a Camara Federal, cuja proposta continha 30 assignaturas, e as Assembléas Estaduaes do Rio Grande do Norte e do Rio de Janeiro.

O congresso teve um brilho invulgar e certamente seus resultados corresponderão aos esforços da Commissão Organizadora, cujo presidente, Dr. Viterbo de Carvalho, é o actual director da Imprensa Nacional.

Grande foi o apoio que o congresso recebeu do Governo Federal.

O Sr. Ministro da Viação concedeu franquia telegraphica e abatimento de 50 % nas passagens dos congressistas nos trens da Estrada de Ferro Central do Brasil e autorizou a emissão de um sello commemorativo do congresso e outro da Feira de Amostras com dizeres em portuguez e Esperanto.

O Sr. Ministro das Relações Exteriores autorizou a impressão na Imprensa Nacional de um guia illustrado do Rio de Janeiro com texto em Esperanto, além de outros impressos do congresso e cedeu os salões de conferencias e da Bibliotheca para as sessões solemnes. No salão de leitura da Bibliotheca foi installada uma exposição de livros, prospectos, guias, cartazes, cartões postaes e sellos esperantistas, a qual foi muito apreciada.

A sessão de inauguração foi presidida pelo consul Dr. Guimarães Rosa, representando o Sr. Ministro do Exterior e a de encerramento pelo proprio Dr. Macedo Soares, que quiz assim demonstrar publicamente seu apoio integral ao movimento esperantista.

Entre essas duas sessões solemnes realizou-se outra commemorativa do 30.º anniversario da acceitação do Esperanto como linguagem clara nos telegraphos pelo governo do Brasil. Essa sessão foi presidida pelo Sr. Vieira de Mello, representando o Dr. Marques dos Reis, ministro da Viação e Obras Publicas, cujo discurso foi muito applaudido.

A sessão de inauguração foi iniciada com os hymnos brasileiro e esperantista cantados pelo conhecido corpo coral do Prof. Barroso Netto, no qual tomaram parte cerca de quarenta senhoras e senhoritas e alguns homens.

Fez o discurso inaugural o illustre jornalista e homem de letras Dr. Domingos Barbosa, representante do governador do Estado do Maranhão.

Entre as innumeras saudações feitas pelos representantes de associações esperantistas e não esperantistas destacaremos a do Prof. Dr. Odo Bujwid e da esperantista brasileira Sra. Marques do Couto, que foram muito applaudidas.

A distincta declamadora Srta. Maria Sabina recitou em Esperanto a poesia "Sub la verda standardo" e em portuguez, a poesia de sua lavra "Minha terra", que é um verdadeiro hymno de louvor ao Brasil.

Na sessão commemorativa da acceitação do Esperanto nos Telegraphos como linguagem clara foram divulgados os nomes dos vencedores do concurso de traducção organisado pela Liga Esperantista Brasileira por intermedio da revista "O Malho", que teve grande repercussão.

Fez uma conferencia sobre a "Literatura e o Esperanto" o Dr. Affonso Costa, presidente da Academia Carioca de Letras.

Na sessão de encerramento saudou o congresso em nome do Prefeito interino, conego Dr. Olympio de Mello, o Prof. Eustorgio Wanderley.

O Prof. Odo Bujwid offereceu á Liga Esperantista Brasileira uma photographia, onde se encontram elle e Zamenhof entre seus collegas por occasião do 25.° anniversario de formatura. Agradecendo o Prof. Mello e Souza fez uma saudação especial ao eminente esperantista polonez, o qual foi acclamado membro honorario da Liga Esperantista Brasileira.

O Dr. Macedo Soares, que presidiu á sessão, fez entrega de uma medalha com a effigie de Zamenhof á Srta. Maria Yeda Moraes, classificada em 1.° lugar no concurso de traducção, a qual fez uma bella saudação ao congresso.

Fez o discurso de encerramento o Prof. Dr. Everardo Backeuser, presidente effectivo do congresso, que falou em Esperanto e em portuguez, sendo muito applaudido.

No concerto, organisado pelo maestro Querino de Oliveira, cantaram em Esperanto as senhoritas Odette Maia e Dyla Cruz.

O Sr. Dr. Thadeu Grabowski, ministro da Polonia no Brasil, offereceu aos congressistas um chá na respectiva Legação, tendo sido o convite redigido em Esperanto. Foi tambem nesse idioma que o secretario da Legação saudou os esperantistas. Respondeu á saudação o Prof. Dr. Porto Carrero Netto, secretario geral do congresso.

Numa das sessões do trabalho foi acclamado presidente perpetuo da Liga Esperantista Brasileira o engenheiro Alberto Couto Fernandes.

Os congressistas visitaram a Feira de Amostras e fizeram excursões ao Pão de Assucar e á Ilha de Paquetá.

Os esperantistas catholicos mandaram resar uma missa na Igreja de Santo Antonio dos Pobres, cujo celebrante, o vigario padre Dr. Felicio Magaldi, fez uma bellissima pratica sobre o Esperanto. Durante a missa cantaram as senhoritas Dyla Cruz e Odette Maia, tendo sido a Ave Maria cantada em Esperanto. Tomaram parte na orchestra os maestros Oscar Monteiro Lazarn, Moacyr Lisserra e Tiberio Cancelli.

O Dr. Raul Azevedo, director regional dos Correios e Telegraphos, mandou installar no Palacio Itamaraty durante as sessões do congresso uma agencia postal, que fez uso de um carimbo especial com dizeres em Esperanto, e fez editar novas cartas postaes illustradas com phrases redigidas nas principaes linguas nacionaes e em Esperanto.

A mesa do congresso e a Liga Esperantista Brasileira receberam innumeros telegrammas e cartas de saudações e congratulações.

O congresso votou moções de agradecimentos ao Exmo. Sr. Dr. Getulio Vargas, sob cujo patrocinio se realisou o certamen esperantista, aos presidentes de honra e membros da Commissão de Honra, ao governo da Polonia, na pessoa do ministro Dr. Thadeu Grabrowski, á Camara Federal e ás Assembléas Legislativas dos Estados do Rio Grande do Norte e Rio de Janeiro, á Commissão Organizadora do Congresso, á Imprensa Brasileira, ás Sociedades de Radio, á Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, á Argentina Esperanto-Kolegio, ao padre Prof. Agostino Stellacci, ás associações não esperantistas que adheriram ou se fizeram representar, e a todas as pessoas que prestaram apoio moral ou material ao congresso.

Apresentaram theses, que foram approvadas nas sessões de trabalho, os Srs. Ismael Gomes Braga, Dr. Jacy Rego Barros e Mario Braga.

O congresso resolveu que a Liga Esperantista Brasileira adherisse á "Internacia Ligo-Esperanto", com séde em Londres, conferindo áquella a faculdade de escolher o local e a data mais conveniente para realisação do 10.° Congresso Brasileiro de Esperanto.

O divorcio é a dissolução da familia

Branca Bagueira Martins Sampaio

O que constitue a sociedade é o conjuncto de familias bem organizadas.

O divorcio é a dissolução da familia e, consequentemente, a dissolução da sociedade.

O divorcio é, pois, uma pratica das mais prejudiciaes á Humanidade.

As principaes victimas do divorcio são as crianças, filhas de paes divorciados.

E' commum ouvir-se dizer: o divorcio é um remedio para os casamentos infelizes. E' um erro.

Mesmo na hypothese de que o divorcio fosse um remedio para esses casos, não se deveria adoptal-o; porque todas as praticas que servem para solucionar casos particulares, em detrimento da sociedade, são condemnaveis.

Nunca se deve sacrificar os interesses sociaes aos individuaes, mas sim os do individuo aos da especie.

Em vez de ser uma solução para os casos de desgraça conjugal, o divorcio é o factor que mais contribue para escandalos matrimoniaes.

Sem o divorcio, os conjuges procuram ter paciencia com as imperfeições um do outro, e têm todo o interesse em evitar scenas degradantes, pois sabem que têm que se aturar mutuamente durante toda a vida.

Assim, desenvolvendo a paciencia, vão ficando melhores e vão tornando cada vez mais suave a cadeia que os liga.

Com o divorcio, porém, não se dá isso. Não ha mais necessidade de desenvolver a paciencia nem de se melhorar, pois quando se casam já sabem de antemão que, si não se derem bem, é só descasar e tentar novamente a sorte.

De uma simples disputa que se transformaria em pacificação benefica no primeiro caso, resulta uma ruptura irrevogavel do vinculo sagrado, no segundo.

Ha quem diga que o divorcio é uma defesa para a mulher, victima de um marido egoista e brutal.

Puro engano. Para esses casos extremos só ha uma solução, o desquite legal. Estou a ouvir muitas vozes exclamando: Como póde uma mulher negar ás outras mulheres o direito á felicidade!?

Em primeiro lugar pergunto eu: quem póde garantir que uma mulher divorciada, que contrae segundas nupcias, vae ser feliz e não vae deparar com um marido tanto ou mais egoista que o primeiro?

Vós me respondereis: Seria muito azar e, depois, ainda restaria o recurso de outro divorcio e de outra experiencia.

Por ventura ignoraes o que uma mulher perde em cada uma dessas experiencias?

Logo na primeira experiencia, mesmo na hypothese de ella ter a sorte de encontrar, no segundo marido, um bom marido, isto

é, um homem normal, ella começaria immediatamente a soffrer as consequencias da sua situação falsa.

Não póde haver felicidade conjugal sem haver; além do amor, o respeito mutuo.

Ora, esse homem, ao se lembrar de que essa mulher já tinha sido de outro ou mais antes de ser sua, teria todos os sentimentos de ternura, que porventura ella lhe inspirasse, fatalmente perturbados pela imagem do seu predecessor.

O homem não perdoa as feridas feitas no seu amor proprio e esse marido humilhado, com a natural grosseria da alma masculina faria, mesmo involuntariamente, recahir sobre essa mulher todas as humilhações.

E' essa, na melhor das hypotheses, a miragem de felicidade com que vós, partidarios do divorcio acenaes como defesa e garantia para as mulheres que são infelizes no primeiro casamento.

Ainda não é tudo.

Essa mulher, decepcionada pelo segundo casamento, recorreria naturalmente, de accordo com os seus principios, ao terceiro, ao quarto, etc., em busca de uma felicidade chimerica que ella nunca encontraria, porque felicidade é uma coisa que só encontra quem póde dar. Ella, no entanto, vae insensivelmente relaxando os seus sentimentos e perdendo a sua dignidade.

Vós me direis: si falaes assim é porque fostes feliz no casamento e, por isso, vos julgaes no direito de condemnar as outras pobres soffredoras.

Não é tal; si falo assim é porque, sendo feliz e, por conseguinte, não tendo interesse directo no assumpto, posso meditar sobre elle e analysal-o com calma e a justeza precisas, sem, comtudo, condemnar as que pensam e agem de modo differente.

Longe de condemnal-as muito as lastimo, pois tenho a convicção de que em troca da felicidade almejada ellas complicam a sua existencia, augmentam a sua desgraça, cavam a sua ruina e perturbam a sociedade.

Abordemos o ponto capital da questão: o problema dos filhos. São elles os que mais soffrem com o divorcio, esses pequeninos seres que são jogados no mundo sem ninguem lhes perguntar si isso lhes convém.

Pensemos na tremenda responsabilidade que pesa sobre os paes em relação a elles.

Não se trata apenas de lhes garantir o sustento material; os paes têm obrigação de trabalhar pelo seu aperfeiçoamento moral e pela sua felicidade. E, tanto a moralidade dos filhos, como a sua felicidade, depende em grande parte dos exemplos e da conducta dos paes.

A vós, mães brasileiras, que tendes os vossos lares bem organizados, e que vedes os vossos queridos filhinhos crescerem no dôce aconchego da familia, partilhando os seus carinhos e as suas graças entre vós e vossos esposos, eu dirijo este appello:

Lançae o vosso olhar piedoso para as pobres criancinhas que não tiveram a ventura de nascer num lar como o vosso, mas que abriram os seus olhinhos innocentes para contemplar a desunião de seus proprios paes.

Imaginae o cáos desses cerebrosinhos infantis, cujos paes são divorciados e recasados!

Fazei uma idéa do soffrimento de uma criança que está começando a comprehender a vida, ao ver que seu pae é marido de uma mulher que não é sua mãe e que sua mãe é a mulher de um homem que não é seu pae!

E' em beneficio destas victimas innocentes do divorcio que appello para vós, mães de familias brasileiras: unamo-nos e fundemos a Liga Brasileira contra o divorcio.

Honestidade e bondade

Abilio de Carvalho

A primeira condição para exercer o poder é ter honestidade.

Administrações malfazejas são administrações doentes. Acontece ao Estado o mesmo que ao individuo: a mente deshonesta e trapaceira nunca póde ter perfeita saude physica. A improbidade e a fraude trazem intranquillidade e morte para o espirito e o corpo. Existe uma honestidade material que nos impelle a fazer o que é recto e justo aos nossos irmãos no mundo das coisas materiaes. Ha outra honestidade superior e espiritual, que se refere totalmente ás nossas relações comnosco mesmo e cujos resultados vão muito além da honestidade que recusa furtar e paga pontualmente suas dividas.

A honestidade superior consiste, em primeiro logar, na qualidade de ter um vivo desejo de saber o melhor caminho a seguir na vida. Assim, se expressa Prentice Mulford. Os maus são infelizes, exclamava Marco Aurelio.

O poeta Horacio achava que a felicidade está aqui, ali, em toda a parte em que a alma nos estiver em socego.

Cicero, definindo o governo perfeito, disse que não basta ao Principe ser honesto, mas lhe é preciso cercar-se de pessoas honestas.

"Os principes não podem exigir virtudes no povo, quando lhe dão o exemplo dos vicios", disse o grande orador romano.

Para Luiz Proal, a probidade é a maior das forças e a suprema habilidade.

De todos os talentos, o de governar é o mais difficil e o mais raro, disse madame de Somery.

Para Solon, o legislador atheniense, o melhor governo é o menos mau, isto pela difficuldade de ser perfeito.

Governar é escolher, pensava Levis.

E' pelos seus defeitos que governamos melhor aquelles, de quem somos amados. (Madame de Staël).

Larochefoucauld dizia que a fortuna e o capricho governam o mundo, emquanto La Bamelle affirmava que as leis governam os povos e os costumes governam os principes.

A palavra *Lei* vem de *ler*, porque em Roma o magistrado lia ao povo as deliberações tomadas, para serem observadas.

A lei, disse Salleiles, não é uma autoridade viva, mas vive pela interpretação que lhe dá o juiz.

A lei forma-se no seio do povo. (Savigny). As leis são os preceitos firmes do ponto a que chegou a vida. O direito é a propria vida.

Toda a lei que se applica sem um pouco de sympathia torna-se uma injustiça. A piedade para tudo é util.

O principio divino do Poder cedeu logar ao principio humano da vontade popular. A lei das Doze Taboas dizia: "O que o povo resolver em ultimo logar, será lei." A opinião governa o mundo, escreveu Pascal.

O povo escolhe o governo, mas este deve ter um fim educacional.

"Os povos são com o tempo, o que os governos querem que elles sejam."

Numa sociedade bem organizada todos os homens teriam trabalho, os invalidos amparo, a infancia protecção e ninguem soffreria fome.

Spencer Perceval, homem de Estado inglez, morto em 1812, proclamava que "um governo não tem desculpa si, por sua causa, por effeito de seus calculos errados ou criminosos, um só governado morre de fome".

Esse estadista britannico tinha uma comprehensão humana de funcção de governar, o que falta aos *carniceiros* russos e aos Estados burguezes.

Ha no povo um sentimento profundo de justiça. Elle estima as resoluções promptas e firmes. Alguem já o comparou ao cavallo que gosta de sentir no cavalleiro o pulso forte.

A primeira qualidade do governante, depois da honestidade, é a energia. Em terceiro logar a bondade.

Os homens decididos acham sempre quem os acompanhe; formam partidarios devota-

dos e levantam exercitos. Mussolini, Kemal, Hitler e Salazar são grandes figuras politicas, que emergiram da penumbra, para a luz intensa da Europa. Como acreditou Pompeu poder fazer, elles batem com o pé o solo e delle levantam legiões.

Vir significa força e virtude.

O povo aprecia as punições rapidas, embora com o tempo voltem as suas qualidades de generosidade e tolerancia.

A 12 de Julho de 1829 falleceu em Portugal D. Diogo de Souza Coutinho, Conde do Rio Pardo, Tenente General, Vedor da Casa Real, Conselheiro de Fazenda, ex-capitão general do Maranhão e de S. Pedro do Rio Grande do Sul, deixando a grande herança util de mil e duzentos contos de réis.

Chegando isto ao conhecimento de D. Miguel, immediatamente desapossou aos herdeiros e fez recolher ao Erario a herança, dizendo: "Vosso testador não me consta que tivesse heranças nem bens patrimoniaes: toda a vida foi empregado pelo governo em commissões e governos militares; nestes empregos era-lhe prohibido negociar e os ordenados apenas chegavam para sua decente sustentação; logo, essa enorme herança que testou, ou foi roubada á Fazenda Real, ou a meus vassallos: no 1.° caso pertence-me; e no 2.°, como não se sabe a quem restituir, tambem pertence-me."

A *Gazeta da Bahia*, de 22 de Maio de 1930, citada pelo Sr. Dr. João Severiano da Fonseca, na *Viagem ao Redor do Brasil*, pag. 43 da segunda parte, disse ter sido essa a unica coisa boa feita pelo Principe no seu odioso reinado. "Esse acto de D. Miguel foi despotico, pois que nem no governo absoluto o podia fazer sem preceder-se um julgado; mas, algumas vezes ha despotismos que agradam e parecem não offender as leis, quando recaem sobre um homem que foi o assolador do Maranhão, deixando não menos de cento e quatorze cidadãos presos de potencia, na cadeia da Nesga, (debaixo do palacio) quando se retirou e foi governar o Rio Grande do Sul."

Para punir a nobreza e os funccionarios peculatarios e concussionarios, sob Luiz XIV, em França, foram instituidas Camaras de Justiça, que depois de terem feito alguns delles morrer de morte natural, na forca, arrecadou bens que renderam ao Thesouro mais de duzentos milhões de francos.

Si no mundo moderno se usasse de rigor na investigação das fortunas que ostentam certos figurões da politica, da administração e do commercio, em relações com o governo, e os gastos que fazem, certamente os pequenos e obscuros ladrões punidos em nome da moral e da lei, sentir-se-iam honrados pela companhia. Mas não! O crime só é punido, quando é diminuto. As fortunas rapidas são apenas manifestações de talento, golpes de Bolsa, *negocios licitos*. O pirata tem um navio; o conquistador, uma esquadra.

"Quantas vezes em Roma, exclamou Vieira, se viu enforcar um ladrão por ter furtado um carneiro e no mesmo dia se receber em triumpho um Consul por ter pilhado uma provincia?".

Pune-se o assassinato individual e se tem admiração pelos guerreiros. Grandes assassinos são chamados reformadores da sociedade. Os mesmos homens que teriam repugnancia em hombrear com um matador feroz, se assentam á mesa e assignam tratados com Stalin, Azana e Largo Caballero, *que têm cheiro de carniça*.

As mesmas sociedades que organizam obras de assistencia á infancia, á velhice e aos doentes, apoiam os que na Espanha empanam a ferocidade dos Vandalos, porque o governo é a expressão da vontade popular, está sagrado pela Lei, como si o Direito pudesse estar fóra da humanidade.

Os governos punem os que vendem venenos e entorpecentes, porque, podem matar ou viciar certos individuos, entretanto, permittem a venda de material bellico para que outros povos se matem, espalhando ao mesmo tempo a devastação e a miseria.

Civilização de alienados!

"JUSTITIA SOCIALIS"

PROBLEMAS TERMINOGICOS AO REDOR DE UM NOVO CONCEITO (*)

Eduardo M. Lustosa, S. J.

O termo "justiça social" é relativamente novo e, como tal, exposto a um sentido vago.

A linguagem do jornalismo apossou-se delle, bem como desse outro: "questões sociaes", sem jamais se haver preoccupado com a respectiva definição.

Que cousa é justiça social? Como inseril-a no indice geral das virtudes humanas e sobretudo na sua categoria geral da justiça?

Não só a linguagem periodistica senão tambem o proprio falar dos technicos e mestres descuidou largo tempo da delimitação exacta desse termo commodo, sonoro, mas elastico e complexo: a justiça social.

Sem duvida, a vulgarização do vocabulo se deve em grande parte ás encyclicas dos Papas. A designação passou a distinguir seus proprios autores: Leão XIII e Pio XI, os Papas da justiça social.

Mas, nem por isso se aclarou o conteudo da formula magica.

Só depois da energica insistencia com que a *Quadragesimo anno* manuseou a idéa, descrevendo-a, amplificando-a, propondo-a como grande remedio da questão social, é que os autores se dedicaram á investigação precisa da sua noção e classificação no quadro geral da moral sociologica.

E' admiravel a diversidade com que se exprimem, podendo-se catalogar, pelo menos, uma duzia de opiniões, resumiveis, porém, em duas correntes: a innovadora, dos que vêem na *Justitia socialis* algo de inteiramente novo e autonomo no reino das virtudes; a conservadora, que trata de reduzir o rebelde e complexo neologismo aos moldes antigos da philosophia e theologia escolastica.

Procuraremos resumir essas opiniões, juntando-lhes nossa critica e conclusão.

I

O *Manuale Theologiae Moralis*, de Prümmer, (1), póde ser tomado como typo dos tratados classicos que se aferram á terminologia tradicional. Para elle, justiça social é synonimo de justiça geral ou legal, isto é, daquella virtude que inclina o homem ao bem commum da sociedade.

Schilling (2), veterano da sociologia catholica, analysando a encyclica *Quadragesimo anno*, julgou encontrar um conceito bastante distincto para separal-o da justiça legal classica, comprehendendo-o totalmente subordinado a esta. Assim, a justiça social seria uma parte integrante da justiça legal e precisamente aquella que zela pelo equilibrio dos bens economicos.

Schmitt (3), numa reedição do *De principiis*, de Noldin, insere um appendice sobre o nosso assumpto. Depois de distinguir nitidamente a justiça social da legal por seu objecto e por seu fim (que não é só a sociedade civil, mas toda a humanidade e cada membro della), reduz finalmente uma a outra, porque na realidade é a justiça legal que regula os deveres sociaes dos cidadãos.

Messner (4) acompanha a divisão de Schilling, mas subdivide a *Justitia boni*

(*) Transcripto de *Estudios*, de Buenos Aires, numero de Agosto p. passado.

(1) D. Pruemmer, O.P. — *Manuale Theologiae Moralis*, 115, Friburgo in Br., 1928, 67.

(2) O. Schilling — *Katholische Wirtschaftsethik*, Munich, 1933, 69. Cfrt. tambem *Christliche Sozial und Rechtsphilosophie*, Munich, 1933, 64.

(3) H. Noldin-A. Schmitt, S.J. — *De principiis*, Innsbruck, 1934, 274 sgs.

(4) J. Messner — *Zum Begriff der sozialen Gerechtigkeit*, in "Die Soziale Frage und der Katholizismus", Paderborn, 1931, 432.

communis em *Justitia legalis* (propria do Estado) e *Justitia socialis* (propria da sociedade economica), com esta nota peculiar que como sujeito de direitos sociaes considera tão só a corporação ou organização profissional.

Schrattenholzer (5) adopta uma posição symetricamente inversa, fazendo da justiça legal uma parcella da social, e não vice-versa.

A' justiça social compete regular os homens em suas relações com os outros. Na repartição dos bens terrenos, a justiça social deve procurar que os homens sejam livres de se unir em sociedades; uma dellas é o Estado, fonte da justiça legal. Mas, tanto esta como todas as outras organizações estão regidas pela virtude suprema da justiça social.

Brucculeri (6) não se aparta muito das opiniões precedentes. Attribue á justiça social um papel analogo ao da justiça legal, accentuando no emtanto a noção de *imperium* exercido por esta ultima sobre todas as outras virtudes. A justiça social participaria assim da virtude geral de subordinar as demais.

As soluções expostas até aqui encaram a justiça social como:

identica — subordinada — subordinante

em relação á justiça legal.

Seu traço commum é não situar o novo conceito fóra da orbita da justiça legal ou geral.

Os autores, mesmo assim, sentem cada vez mais a necessidade de ampliar a esphera da justiça social. A technologia corrente e a propria encyclica *Quadragesimo anno* attribuem-lhe taes objectivos que, de uma ou de outra maneira, tem que exorbitar dos limites da justiça legal.

II

Kleinhappl (7), opta por uma completa autonomia.

A justiça social, tal qual a descreve e propõe *Qaudragesimo anno,* é uma especie distincta e inedita de justiça. Ella vem pôr em evidencia, não deveres novos, mas contidos tão só implicitamente na classificação das virtudes. A encyclica desperta sua noção e urge sua obrigatoriedade. São deveres de varias ordens e attingem todos a posse da terra, destinada por sua propria natureza a todos os homens. De tal modo que quem tem bens superfluos incorre na obrigação de os dividir com os necessitados.

Os argumentos com que pretende Kleinhappl excluir a idéa legal dos limites da justiça social são approximadamente:

1.° — A encyclica não fala jámais de *Justitia legalis*.

2.° — A justiça social tem como *funcção propria* a recta repartição dos bens (Q. a., II, 2) (8); o que não coincide com a funcção legal.

3.° — Seu *objectum materiale,* portanto, são os bens economicos.

4.° — Seu *objectum formale*: o direito de cada homem ou corporação á participação dos mesmos bens, ao passo que a legal só se occupa com o bem publico do Estado.

5.° — O *terminus* da justiça social é, não só a sociedade, mas tambem a corporação, a classe e cada homem emquanto homem (II, 4). O *terminus* da justiça legal é o Estado.

6.° — O *subjectum* da justiça social é o homem *simpliciter* (II, 5); da legal, *o civis*.

7.° — A justiça legal reune todas as actividades dos subditos e os dirige ao bem commum: é uma *coordenação*. A social tende a distribuir perfeitamente pelos homens os bens economicos: é uma *dispersão*.

8.° — Finalmente, á objecção de que a *Quadragesimo anno* attribue como fim á justiça social o *bem commum,* contesta distinguindo entre *bonum realiter commune* (fim do Estado) e *bonum logice commune* (collecção de bens individuaes, fim da justiça social). (Cfr. Q. a., II, 4; II, 5; III, 1).

---

(5) A. Schrattenholzer — *Die Lehre von der ntuerlichen Gerechtigkeit und die Eigentumsfrage.* "Neue Ordnung", 7 (1931), 145 sgs.

(6) A. Brucculeri, S.J. — *La Giustizia sociale*. "Civiltá Cattolica", Março, Abril, Maio, 1936.

(7) J. Kleinhappl, S.J. — *Der Begriff der "justitia socialis" und das Rundschreiben "Quadragesimo anno". "Zeitschrift fur die Katholische Theologi"*, 54 (1934), 364 sgs.

(8) As citações de Kleinhappl estão feitas segundo a divisão que se vê á margem da encyclica em sua primeira publicação na *Acta Apostolicae Sedis*, 23 (1931), 177 sgs. Seguiremos a mesma divisão.

Esta concepção concreta, realista e pessoal despertou em muitos sociologos vehemente opposição.

Entre elles Schuster (9), renovando a lição de Pesch, elaborou um novo systema de conciliação entre os dados classicos da sciencia e a doutrina dos textos pontificios.

Henrique Pesch foi um dos mais notaveis sociologos catholicos dos nossos tempos. Não falta quem opine haverem sido muitas de suas concepções mestras ratificadas e confirmadas pela *Quadragesimo anno*.

Em seu *Lehrbuch der Nationalökonomie* (10) ha uma pagina breve mas muito opportuna para nosso thema. Começa por dissipar a nevoa que paira sobre o conceito de justiça social. A justiça social póde ser comprehendida sob uma significação generalissima na qual se expressa toda rectidão e moralidade, incluindo assim até a propria caridade.

Si se toma na accepção de virtude propria da sociedade, ella se distingue da caridade, que é o segundo grande principio social.

Por justiça social pode-se tambem entender metaphoricamente a ordem social objectiva, que consiste na concordia do estado de facto da sociedade com o ideal do direito.

Finalmente, num sentido estricto e exacto, justiça social é a que se contrapõe á *individual*. E' o complexo dos direitos da sociedade com respeito a seus membros e autoridades. Comprehende, pois, tanto a justiça *contributiva* (legal), como a *distributiva*, e só se opõe á *commutativa*, que é a individual. A circumstancia que separa a contributiva da distributiva é que a primeira exige dos subditos a cooperação ao bem social em formação (*in fieri*), emquanto a segunda exige a recta distribuição e gozo do bem social realizado (*in facto esse*).

Como se acaba de vêr, a justiça social para Pesch é a applicação da justiça social no campo economico, com uma repercussão distributiva.

Ha nella aspiração e pressão, unificação e expansão, synthese e analyse do bem commum. O conceito integral de justiça social tem, pois, dois momentos: *bonum commune in fieri, bonum commune in facto esse*.

Tonneau (11), exercendo sua severa critica sobre varias monographias, nas quaes vinha exposto o novo conceito, faz taboa-rasa de todas ellas. A seu vêr, andaram todos errados na pesquisa de uma adequada catalogação da insubordinada neologia sociologica. Tenta elle então restaurar o criterio thomista de distincção das virtudes (12). Este criterio, uno e permanente, é o objecto formal mesmo do habito virtuoso. Não ha motivo para se distrahir com outros elementos, quer seja o sujeito, quer seja o fim, quer seja o objecto material.

Ora, bem. A justiça é essencialmente uma virtude altruista: *ad alterum*. Logo, o altruismo será o indice de sua distincção. Quantos forem os *bens de outro*, tantos serão as especies de justiça. Si o *outro* é um *todo*, a justiça será geral; si o outro fôr uma *parte*, a justiça será particular. A justiça legal zela pelo bem de todos; logo, é uma justiça geral.

A distributiva e a commutativa respeitam o *bem do individuo;* logo, é particular. Mas, a justiça social?

Como seu nome indica, trata do *bem da sociedade;* logo, é uma justiça geral ou legal.

Apesar disso, confessa Tonneau que hoje, praticamente, se outorgam á justiça social muitas funcções da distributiva e que a *Quadragesimo anno* se conforma com este costume.

Assim é que, sob o rotulo social, a ver-

---

(9) J.B. Schuster, S.J. — *Das Verhaeltnis von iustitia legalis und distributiva zur iustitia socialis in Quadragesimo anno mil besonderer Beruecksichtigung der Lehre von Heinrch Pesch, S.J.*, Scrolastik, 11, (1936) 225, srs. Cfr. tambem Brucculeri e Tonneau, Scholastik, 10 (1935), 159.

(10) H. Pesch, S.J. — *Lehrbuch der Nationaloekonomie*, II, 1925, Friburgo, 274. Cfr. ibidem, pags. 272 e 276. Cfr. G. Renard: *Théorie de l'Institution*, 1, 24, Paris, 1930. A justiça social de Pesch coincide com a institucional de Renard.

(11) J. Tonneau, O.P. — *Critique bibliographique*, "Bulletin Thomiste", IV (1935), 495.

(12) S. Thomaz — *Summa Theologica*, 1.ª, 2.ª, q. 60, a. 5:2.ª, q. 61, aa. 1, 2; q. 58, aa. 5, 6, 7.

dadeira justiça distributiva se propõe a repartir equitativamente os bens e commodidades sociaes.

*
* *

Comparando essas tres tentativas de classificação, poderemos reduzil-as a tres schemas:

KLEINHAPPL

JUSTITIA { socialis / legalis / distributiva / commutativa

PESCH-SCHUSTER

JUSTITIA {
- socialis { legalis (bonum commune in fieri) / distributiva (bonum commune in facto esse)
- individualis (commutativa)

TONNEAU

JUSTITIA {
- generalis (bonum totius) } socialis
- particularis.... (bonum partis) { distributiva } socialis / commutativa

A solução Kleinhappl revela uma tendencia empirica. Dando-se conta da tarefa multipla que á *Justitia socialis* outorga a *Quadragesimo anno*, vê-se que ella se desloca do triptico classico das justiças aristotelicas. Só assim corresponderia a classificação á realidade concreta dos textos e da linguagem dos sociologos.

A solução Tonneau colloca-se no extremo opposto por sua fidelidade á tradição. O mais que concede á pratica é uma impropriedade de locução. Uma grande provincia da justiça social dever-se-ia desmembrar e voltar a denominar-se distributiva. A justiça legal seria condecorada com o epitheto de social, para melhor marcar sua actuação no seio da sociedade.

O schema Pesch-Schuster apresenta na realidade uma posição conciliadora.

Sem admittir a revolucionaria novidade de Kleinhappl, esforça-se por engastal-a na trilogia, analysando seu rythmo em dois tempos: *in fieri,* funcção legal ou contributiva; *in facto esse,* funcção distributiva.

Poder-se-á tambem observar que as classificações Tonneau e Pesch-Schuster coincidem materialmente e que uma simples inversão de posições bastaria para identifical-as inteiramente. Ao passo que Pesch adopta como criterio o ambito da justiça (individual ou social), Tonneau se aferra ao indice thomista do objecto (geral ou particular). Conforme o primeiro ou o segundo criterio, a justiça distributiva vem catalogada como social ou particular.

III

Levando em conta as contribuições destes autorizados representantes do pensamento sociologico na Igreja, podemos nesta altura dar balanço ás opiniões, destacando as harmonias e articulando um esboço de synthese.

A *Justitia socialis* já se nos apresenta de um principio como conceito extremamente rico, extenso e comprehensivo ao mesmo tempo. Impossivel é encerral-o com uma etiqueta commoda: heterogeneo e analogico, escapa á tyrannia de uma classificação rigorosa que, por habito profissional, lhe quizeram impor os theoricos. Nem por isso pensamos que se tenha de o considerar isento de qualquer catalogação especifica. Por commodidade, distinguiremos um ponto de vista especulativo e outro pratico.

Mas, de antemão, entendamo-nos a respeito do conteudo material desta locução, justiça social, tal como figura no vocabulario de revistas e cathedras; tal como o ratificou e desenvolveu a encyclica de Pio IX (13). Não ha duvida que se acommodou á

---

(13) Guarda a encyclica uma uniformidade de terminologia? Excepto em um ponto (II, 5), em que contrapõe a *justitia socialis* á *caritas socialis* (e, portanto, inclue a commutativa); a *Quadra-*

linguagem corrente e não provocou disputas (14).

Pois bem: que caracteristicas presta a *Quadragesimo anno* á *justitia socialis?*

1. — Governar a ordem economica, refreando tanto a livre concorrencia como o monopolio (15).

2. — Prover á recta distribuição dos bens terrenos, de modo que uma classe não exclua a outra em sua prossessão (16).

3. — Supprir as deficiencias do contracto de salario, de modo que os operarios encontrem sempre razoavel emprego do seu trabalho e recebam uma remuneração vital e familiar (17).

Si agora queremos, debaixo de um angulo de visão theorico, catalogar idéa tão ampla na categoria da justiça, precisamos de um criterio de divisão. Não se vê motivo algum para nos afastarmos do modulo commum do objecto formal. Com que utilidade acudir a outros elementos em materia de justiça, quando nas outras virtudes basta esta noção para destacar umas das outras?

Appliquemos, pois, o mencionado criterio.

Salta aos olhos que não ha aqui um objecto unico; o *bonum alterius* objecto e razão de ser da *justitia socialis*, é, ora um *bonus totius*, como na funcção primeira; ora um *bonus partis*, como nas funcções 2 e 3.

A justiça social não é, pois, univoca e independente, invade o campo das duas especies de justiça: a geral e a particular, sem ser absorvida totalmente por ellas. E' um syncretismo de virtudes, mais do que uma virtude em estado puro.

Mas, como se encontram os elementos de ambas as justiças no seio da justiça social? Juxtapostas ou hierarchizadas?

Aqui nos soccorre a feliz distincção de Pesch entre *bonum commune in fieri* e *bonum commune, in facto esse*.

Ha para Pesch uma justiça social em sentido metaphorico: é o mesmo objecto que aspira a realizar a justiça da sociedade.

Esta ordem objectiva é o bem estar social e consiste na harmonia das circumstancias de facto com as exigencias ideaes do direito.

Realizar esta ordem — tal a missão da justiça social em seu sentido proprio. — Nessa exigencia social, ha um movimento de synergia — a justiça exige de cada homem a cooperação de sua actividade para a realização do bem commum — funcção legal. Uma vez realizado o bem commum, segue-se a funcção distributiva, que é uma tendencia para diffundir este bem pelos necessitados. Ha então uma expansão, uma divisão de bens, uma circulação de energias accumuladas.

Mas, as condições sociaes estão ás vezes de tal modo desequilibradas que não ha possibilidade de emprego do trabalho nem ha retribuição justa e vital do operario. A justiça social intervem então para sup-

---

gesimo anno distingue constantemente a social da commutativa ou *strictissima justitia* (II, 1); "Mutuae utrorunque relationes (scil. dominii et laboris) ad strictissimæ justitiæ leges exigi debent... ipsa populorum publica justitia... al justitiæ socialis normam humanam consortinem conformare debent." Cfr. A.A. Sedis, 1, c., pag. 212.

(14) Testificam-no Tonneau, 1. cit., 498, e Schuster, 1. c., 233, 234.

(15) "Perquam necessarium igitur est rem oeconomicam vero atque efficaci principio directivo iterum subdi et subici... oeconomicus potentatus frenari et regi non potest a seipso. Altiora igitur et nobiliora exquirenda sunt... socialis nimirun justitia et caritas socialis." (III, 5).

"Liberum certamen certis ac debitis limitabus septum, magis etiam oeconomicus potentatus publicæ autoritari... subdantur operter." (III, 1). Cfr. A.A.S., 1. c., pags. 206, 212.

(16) "Quamobrem divitæ quæ per incrementa oeconomica-socialia iugiter amplificantur opertet ut... immune servetur societatis universae commune bonum Hac justitiæ socialis legem altera classis alteram ab emolumentorum participatione excludere vetatur." (11, 2). Cfr. A.A.S., pagina 196.

(17) "Alienum est igitur a justitia sociali ut... salaria nimis deprimantur aut extollantur, eademque postulat ut... salaria ita regantur ut quam plurimi operam locare... possint." (11, 4). "Omni igitur ope enitendum est ut mercedem patres familias percipiant sat amplam quæ communibus domesticis necessitatibus convenienter subveniant. Quod si in præsentibus rerum adiunctis non semper id praestari poterit, postulat, iustitia socialis, ut eae mutationes quamprimum inducantur, quibus cuivis adulto operario iusmodi salaria firmentur." (11,4) A.A.S., pags. 200, 202.

prir os defeitos da justiça commutativa e appella para o seu supremo tribunal.

*
* *

Como explicar essa transcendencia invasora da justiça social em todas as ordens de justiça? Podemos apontar tres razões: ella tem sua séde primaria, como vimos, na justiça legal, com a qual conserva um maximo de semelhança e visinhança. Assim é que a justiça legal é uma justiça geral, isto é, tem a propriedade de presidir e commandar os actos de todas as virtudes.

Logo, comprehende-se como a justiça exorbite de sua séde para intervir na competencia da justiça particular (18).

Outra causa poderia ser a propria natureza do seu objecto principal: a propriedade e o trabalho. Idéa já cara aos antigos Padres da Igreja, acceita communmente pela ethica tradicional: a propriedade (e por consequencia o trabalho) tem uma dupla caracteristica individual e social.

Só um individualismo egoista ou um socialismo exaggerado puderam obliterar qualquer das duas funcções. Desta maneira, a virtude, que se proponha regular o recto uso da propriedade, tem necessariamente que cumprir um duplo officio: individual e social (19).

A terceira razão — e esta nos parece suprema e complexiva: é que o conceito de justiça social é essencialmente dynamico e transborda de uma classificação estreita (20).

A divisão antiga e tradicional immobiliza as noções numa analyse estatica. Poder-se-ia falar assim de uma justiça legal que prescinde do bem particular; de uma justiça distributiva e commutativa, que abstrahe do bem commum. E' uma consideração abstracta e parcial. Em compensação, a justiça social descripta na *Quadragesimo anno* não póde ter uma séde fixa; não se acommoda a um estatismo rigido. Apezar de sua grande semelhança com a justiça legal e do imperio que sobre ella se exerce, immediatamente transpõe os seus limites, uma vez realizado o bem commum. O seu potencial de vida toma uma direcção regressiva ao bem particular e assume um caracter de justiça distributiva. Entre a justiça commutativa e a legal, por um lado, entre a distributiva e commutativa por outro, regem relações de theologia. Exemplo: o contracto de trabalho que está sempre reclamando subsidio da justiça social, quer seja em seu officio distributivo (possibilidade de alugar trabalho), quer em seu officio legal (justa retribuição do operario) (21).

---

(18) Cfr. S. Thomaz, 2.ª q. 58, a. 5, 6. Esta é a propria significação da *virtus generalis*, o ter *imperium* sobre outras virtudes: "actus omnium virtutem possunt ad iustitiam pertinere, secundum quod ordinat hominem ad bonum commune. Et quantum ad hoc justitia virtus generalis." Prummer (o., c., 67), amplia este conceito ao fim e objecto "illa igitur virtus... vocatur virtus generalis et quidem partim ex *objecto et fine*, quia scilicet bonum sociale est bonum generale; partim ex effectu et proprio munere..."

(19) Sobre o caracter social de propriedade e as doutrinas patristicas, cfr. Cathrein: *Philosophia Moralis*, 14, Friburgo, 1927, 455-7; Vermeersch: *Quaestiones de iustitia*, 2, Brux., 1904, 198, 237; De Lugo: *De Iustitia et Iure*, Veneza, 1718, D. 6,1; Lessius: *De Iustitia et Iure*, 1, 2, 5, Lovaina, 1605.

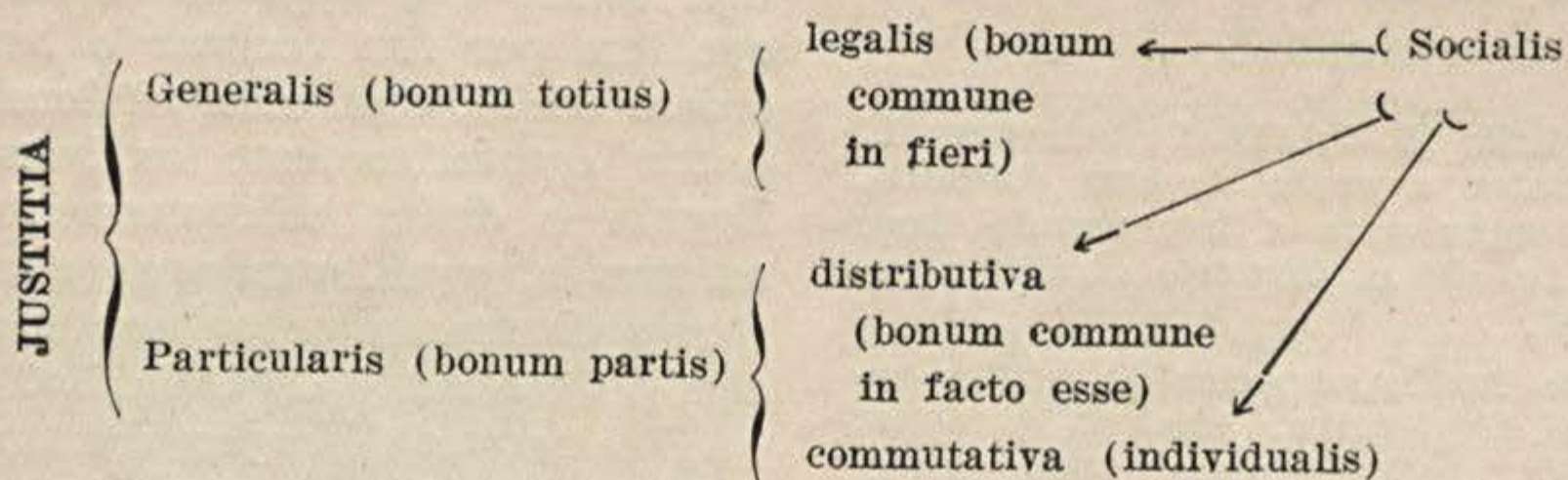
W. Heinen dá da justiça social uma definição que tem como centro precisamente este caracter da propriedade: "A *iustitia socialis* é aquella virtude que trata de urgir a funcção social da propriedade e com isso crea uma ordem social e economica, em que este fim é realizado de accordo com as constantes necessidades do bem commum." *De iustitia socialis*, in "Scientia Sacra". Festgabe, Cardinal Schulte, Colonia, 1935. Cfr. A. Deneffe. S.J.: "Scholastik", 10, 1935.

(20) Pesch já tinha assignalado este factor de progresso na justiça social: "A justiça social exige o cumprimento de todos os deveres, assim como a realização effectiva de todos os direitos que têm por objecto o bem social. Ella não se satisfaz com a tranquillidade da ordem; é tambem principio de progresso, a dynamica de uma sã evolução, desenvolvimento ou reforma das relações existentes." (*Lehrb. d. National-okonomie*, II pag. 274). Schuster, retomando o motivo, desenvolve-o e delle tira importantes conclusões: "Segue-se disto que a exigencia da justiça não é em primeira linha de natureza positiva nem se apoia apenas numa lei positiva. Só a lei natural, a exigencia do direito natural possue esse dynamismo..." (*L. c.*, pag. 299). E mais adiante desenvolve detidamente a curva finalista da justiça em que se entremesclam os ramos da triade aristotelica. (Pags. 238, sgs.).

(21) Sobre o papel suppletorio da justiça social na questão trabalho-salario. Cfr. J. Faidherbe. O.P.: *La justice distributive*, Paris, 1934. Ir.,: *Le droit de la justice distributive*, "Revue

A justiça social é, pois, dotada de uma finalidade reversivel, indo do individuo á sociedade, voltando da sociedade ao individuo, e despistando em sua rota aos que tentam encerral-a em rigoroso compartimento.

Penetra o direito publico e privado, estabelece o intercambio entre o social e o individual. E' a mesma systole e diastole da vida social em flagrante funccionamento.

Apresentariamos num schema approximativo essa concepção dynamica da justiça social:

E o ponto de vista pratico?

Reservariamos a solução Kleinhappl para este aspecto do problema.

Ninguem como elle, que saibamos, fixou tão nitidamente as caracteristicas e funcções da justiça social, segundo o espirito da encyclica *Quadragesimo anno*.

De facto, tal é a complexidade e originalidade do conceito que nos occupa, que tudo tende a reclamar seja tratado em pé de autonomia. Precisamente porque abarca toda a idéa de justiça e suas subdivisões e entranha além disso, uma potencia de movimento, deve ser tratada á parte como uma novidade conceitual, tanto mais impressionante quanto nos revelou objectos e sujeitos de direito contidos apenas longe e implicitamente nas dobras da antiga divisão trina (22).

Não poderiamos, no emtanto, acceitar a plena independencia reclamada por Kleinhappl.

Para tanto nos movem as seguintes considerações:

1. — Só á força de attenuar o conteudo da justiça legal se consegue isolar de sua orbita a justiça social. Na realidade, são espheras que se compenetram e têm pelo menos muitos pontos de intersecção (23).

2. — A consideração do *subjectum, terminus* ou *objectum materiale*, é extranha ao criterio uno e permanente da divisão das virtudes. Ainda aqui Kleinhappl reduz e estreita os conceitos para poder apartal-os (24).

3. — A encyclica quiz manter-se no fio da tradição e acommodar-se á linguagem ordinaria entendida por todos. Assim se deve entender, portanto, a expressão *bonum commu-*

des Sciences Philosophiques et Théologiques", tomo 22, pag. 47, 1933. Cfr. as criticas de Kleinhapl: *Scholastik*, t. 10, pag. 469, 1935, e Janssen: *Ephemerides Thelologicae Lovanienses*, t. 12, pagina 407, 1935.

(22) Não seria o unico exemplo de uma virtude heterogenea tratada em pé de autonomia. A penitencia para muitos theologos e a pobreza não são virtudes especiaes, mas virtudes geraes ou aggregados de virtudes. Cfr. Galtier: *De Paenitentia*, Paris, 23, 1923; Vermeerch: *Theologia Moralis*, t. III, 134, Roma, 1927.

(23) Nem a justiça social tão pouco tem por objecto exclusivo a economia. Prova do contrario: *Q. a.*, 11, 5. "*Ipsa populorum atque adeo socialis vitae totius instituta* imbuantur oportet." A vinda do regime corporativo é outra missão propria da justiça social que excede o campo meramente economico .Cfr. Schuster: 1 c., paginas 234-5; Tonneau: 1 c., pag. 498.

(24). Ademais, termo da justiça legal não é só o Estado. O *bonum totius* pode ser da classe, profissão, corporação, da humanidade inteira. Cfr. Shuster: 1 c., pag. 231. A communidade das nações, ainda no estado inorganico e muito mais numa federação organica, é considerada como *terminus* da justiça legal; os Estados singulares, e não só os *cives*, serão, pois, sujeitos á justiça legal. Cfr. Vermeersch: *Questiones de Iustitia*, 53; Yves de la Brière, S.J.: *La communauté des puissances*, pag. 376, Paris, 1932; L. Taparelli, S.J.: *Saggio-teoretico e pratico di diritto naturale*, pag. 83, Napoles, 1850; A. Verdross: *Die Verfassung der Voelkerrechtsgemeinschaft*, paginas 57, 92, Vienna, 1926. Da justiça legal diz expressamente Santo Thomaz: 2-2, 58, 6: "Et sic est in principe principaliter et quasi architectonice, in subditis autem secundario et quasi administrative."

ne da *justitia legalis*, a qual não fica assim excluida do texto pontificio(25).

4. — A antinomia *coordenação-dispersão* só subsiste si se esquecer a dupla funcção da justiça social e seu aspecto dynamico (26).

Seria superfluo dar uma definição da idéa que serviu de objecto a todas estas linhas. E' facil tarefa uma vez situada a justiça social entre as suas irmãs maiores. Sem pretender mais que uma descripção, que reflecte em suas linhas mestras os ensinamentos da *Quadragesimo anno*, a justiça social nos apparece como a virtude que tem por fim realizar o bem estar da ordem social, com uma tendencia para repartir equitativamente os bens naturaes. Regula e dirige soberanamente a ordem economica, equilibrando as classes sociaes e supprimindo eventualmente as defifiencias do contracto do trabalho.

Só uma consideração dynamica de sua natureza é capaz de conciliar as exigencias especulativas da theoria tradicional e os dados determinados e complexos da vida economica e das normas pontificiaes.

---

(25) *Q.a.*, 11, 2; 11, 5; 111, 1; Schuster: 1. c., pag. 233. Sobre a noção de bem commum, chamamos a attenção para a interessante these de S. Michel: *La nation thomiste de bien commun*, Paris, 1932.

(26) Além de Pesch, advertem na justiça social uma phase distributiva. Genicot-Salsmans: *Theologia Moralis*, 1, 462, Bruxellas, 1932; Schuster, pags. 235, 239; Tonneau, pag. 498. A justiça distributiva tem um caracter mixto. Individual por seu objecto, é social pelo seu sujeito e funcção. Apraz-nos a divisão que dá Vermeersch de *jus mediatum* e *immediatum*. Este é o proprio da commutativa; o *mediatum* é o que tem o todo respeito das partes ou as partes respeito do que é o todo ,e esse o proprio da legal e distributiva. Só mediatamente a justiça é, pois, uma justiça individual ou particular. (*Theologiae moralis*, t. 11, 432, 1928). O foco de todo o direito será sempre o homem. O *objecto* da mesma sociedade, no principio e no fim, é o bem do individuo. A noção dynamica da justiça social põe em plena evidencia esta verdade, esquecida ás vezes na vivisecção do direito e da justiça, operada pelos classicadores estaticos e theoricos.

A evolução do ensino da Economia Politica no Brasil e o problema dos cursos especializados de sciencias sociaes, politicas e economicas

L. Nogueira de Paula

(Professor Cathedratico da Universidade do Brasil)

O primeiro acto de politica economica brasileira, na legitima accepção do termo e que marca accentuadamente o inicio da nossa emancipação social e, consequentemente, de nossa libertação politica, foi a Carta Regia de 28 de Janeiro de 1808 que abriu os portos brasileiros ao commercio das nações amigas.

Mas, toda a grandiosidade desse acto de que o Principe Regente fôra méro executor é obra de meditação e de estudo, de sciencia e de cultura de um dos maiores precursores de nossa nacionalidade.

Quero referir-me ao Visconde de Cayrú e á sua obra.

Foi, ainda, o Visconde de Cayrú quem, por sua elevada cultura e abnegado patriotismo, inspirou, aconselhou e conseguiu a creação da primeira cadeira de Economia Politica no Brasil, por decreto do Principe Regente de 23 de Fevereiro de 1808, tendo tido, ainda, a honra de occupar a primeira cathedra de sciencias economicas no Rio de Janeiro, cuja finalidade objectiva era a formação cultural dos administradores e estadistas brasileiros.

Vinte annos mais tarde, isto é, a 11 de Agosto de 1827, eram creadas mais duas cadeiras de Economia Politica: — uma, em São Paulo e outra, em Olinda.

Na de São Paulo, honraram a cathedra, o Visconde de Caravellas, Silva Carrão, Vieira de Carvalho, Almeida Nogueira e tantos outros.

Na de Olinda, os vultos eminentes de Autram da Matta e Albuquerque, de Aprigio Guimarães, etc., têm transmittido a sciencia economica a varias gerações de alumnos.

Com a fundação da Escola Polytechnica do Rio de Janeiro, por decreto de 24 de Maio de 1873, que a emancipou da antiga Escola Central, foi na mesma creada a cadeira de Economia Politica a qual tem sido occupada pelos nomes eminentes do Visconde e do Barão do Rio Branco, de Vieira Souto, de Aarão Reis, de Tobias Moscoso.

A obra iniciada por Cayrú e continuada pelos grandes vultos citados não pereceu.

Uma nova geração de professores rege as cathedras de Economia das Faculdades de Direito do Amazonas, do Pará, do Maranhão, do Piauhy, do Ceará, de Alagôas, do Recife, da Bahia, do Espirito Santo, de Nictheroy, de Bello Horizonte, de São Paulo, do Paraná, do Rio Grande do Sul e de Goyaz e dez cathedras de sciencias economicas, no Rio de Janeiro: — sendo duas, na Escola Polytechnica; tres, na Faculdade de Direito; duas, na Escola Nacional de Bellas Artes; uma, na Escola Nacional

de Chimica; uma, na Escola Nacional de Agronomia; e uma, na Escola Technica do Exercito.

Ora, a disciplina economica, pelas exigencias da vida hodierna, tem necessidade imperiosa de adoptar para sempre um methodo racional e scientifico que lhe garanta, com a exactidão que o espirito aconselha e a technica permitte, a previsibilidade indispensavel dos phenomenos economicos, pois, na investigação e na exposição da Sciencia Economica, o ensino dispersivo, ora ministrado, não póde fornecer á collectividade os mesmos fructos que lhe daria um ensino coordenado, homogeneo e integral.

Essa necessidade imperiosa de coordenação dos estudos economicos num todo harmonico levou, no Brasil, o Governo Provisorio a prever no § 2.°, do art. 1.°, do Decreto n. 19.852, de 1931, que deu nova organização ao ensino superior universitario, a creação, em tempo opportuno, da Faculdade de Sciencias Politicas e Economicas da Universidade do Rio de Janeiro.

Motivos imperiosos, porém, têm retardado a realização dessa obra.

Não obstante, vem funccionando entre nós, com regularidade e efficiencia, varios cursos superiores de administração e finanças, devidamente fiscalizados pelo Governo Federal, nos termos do Decreto n. 20.158, de 30 de Junho de 1931.

Esses cursos, com um caracter eminentemente social, têm por finalidade exclusiva diffundir o ensino superior de administração e finanças.

Graças ao amparo official, taes cursos, identicos aos já existentes na Capital da Republica, têm sido creados nas Capitaes dos Estados da Bahia, de São Paulo e do Rio Grande do Sul.

Em 1934, fundou-se na Capital da Bahia, a Faculdade de Sciencias Economicas.

No Rio Grande do Sul, o Governo Federal officializou pelo decreto n. 23.993, de 12 de Maio de 1934, a Faculdade de Sciencias Politicas e Economicas de Porto Alegre.

Ao elevado senso administrativo do Interventor Armando de Salles Oliveira deve-se a fundação da Faculdade de Sciencias Economicas e Commerciaes da Universidade de São Paulo, creada pelo decreto estadual n. 6.283, de 25 de Janeiro de 1934.

Em 20 de Agosto de 1935, transcorreu o 1.° centenario da morte do Visconde de Cayrú — o instituidor do ensino das sciencias economicas no Brasil — sem que a Capital da Republica tivesse, ainda, o seu curso superior de Sciencias Politicas e Economicas.

Foi sempre aspiração de cultura universitaria brasileira commemorar o *seculo de Cayrú* com a fundação, na capital do paiz, do curso superior universitario de sciencias politicas e economicas, com objectivos exclusivamente culturaes e finalidades puramente scientificas, ao lado do curso superior de administração e finanças que já funcciona regido pela lei do ensino technico commercial.

Era preciso que se inaugurasse, portanto, no 1.° centenario da morte do primeiro economista brasileiro, o primeiro Curso Universitario de Sciencias Politicas e Economicas da Capital da Republica, sob um cunho rigorosamente scientifico e de modo a que ficasse plenamente assegurado o ensino das cadeiras methodologicas ou propedeuticas no 1.° anno; o das cadeiras scientificas ou culturaes, no 2.° anno; e finalmente, o das cadeiras politicas ou applicadas no 3.° anno, como fecho á organização cultural de uma Instituição que, por certo, influirá nos destinos da nacionalidade brasileira.

Compellido por esse objectivo e attendendo áquella aspiração, a 14 de Dezembro de 1935, o Sr. Presidente da Republica encaminhava ao Poder Legislativo o projecto de reforma do Ministerio da Educação, elaborado pelo Ministro Gustavo Capanema, e no qual se propunha a creação da Faculdade de Sciencias Politicas e Economicas da Universidade do Brasil.

A 30 do mesmo mez e anno o Senador Waldemar Falcão apresentava ao Senado Brasileiro o projecto de lei, n. 58 de 1935, creando aquelle importante estabelecimento de ensino, projecto esse que recebeu, respectivamente, a 8 de Dezembro de 1936 e a 22 de Janeiro de 1937, pareceres favoraveis das commissões de Educação e de Finanças.

No momento, o pensamento economico da Nação espera ansioso a conversão, em lei, dessa patriotica iniciativa.

*
* *

As *Faculdades de Sciencias Politicas e Economica* devem ser institutos de alta investigação social, politica e economica para a formação das elites culturaes do paiz, e,

ao mesmo tempo, escolas technicas de efficiencia comprovada para a formação de peritos em administração, finanças, organização industrial, providencia social, etc.

O *ensino superior* ministrado deverá ter por objectivo:

I — desenvolver os estudos scientificos sobre organização social, politica e economica;

II — constituir-se em centro de documentação e pesquisa dos problemas sociaes, politicos e economicos que interessem á formação e ao desenvolvimento normal da actividade publica e da organização economica;

III — promover a formação de technicos e profissionaes especiaiizados nos diversos ramos da actividade economica, bem como para as altas funcções da vida administrativa e politica do Paiz.

Para a consecussão dessa finalidade as *Faculdades de Sciencias Politicas e Economicas* deverão manter:

a) — *cursos geraes* para promover o desenvolvimento e a divulgação das sciencias sociaes, politicas e economicas;

b) — *cursos especializados* destinados á formação de technicos ou profissionaes para os diversos ramos da administração publica ou da actividade economica;

c) — *gabinetes de documentação e pesquisas* de assumptos sociaes, politicos e economicos;

d) — *publicações technico-scientificas* para a divulgação da cultura economica, no Brasil.

Os *cursos geraes* deverão ser de tres naturezas:

I — Curso Superior de Sciencias Sociaes.

II — Curso Superior de Sciencias Politicas.

III — Curso Superior de Sciencias Economicas.

Curso Superior de Sciencias Sociaes

1.° ANNO

I — *PSYCHOLOGIA SOCIAL E ECONOMICA*
II — *GEOGRAPHIA HUMANA E ECONOMICA*
III — *HISTORIA DA CIVILIZAÇÃO*
IV — *ANTHROPOLOGIA E ETHNOLOGIA*
V — *INSTITUIÇÕES DE DIREITO PUBLICO.*

2.° ANNO

I — *HYGIENE DO TRABALHO*
II — *HISTORIA DAS INSTITUIÇÕES POLITICAS*
III — *SOCIOLOGIA*
IV — *ECONOMIA POLITICA*
V — *INSTITUIÇÕES DE DIREITO PRIVADO.*

3.° ANNO

I — *HISTORIA DA FORMAÇÃO POLITICA DO BRASIL*
II — *SCIENCIA DAS FINANÇAS*
III — *SCIENCIA DA ADMINISTRAÇÃO*
IV — *DIREITO INTERNACIONAL E DIPLOMACIA*
V — *POLITICA RURAL E COLONIZAÇÃO.*

Curso Superior de Sciencias Politicas

1.° ANNO

I — *PSYCHOLOGIA SOCIAL E ECONOMICA*
II — *GEOGRAPHIA HUMANA E ECONOMICA*
III — *HISTORIA DA CIVILIZAÇÃO*
IV — *HISTORIA DAS DOUTRINAS ECONOMICAS*
V — *INSTITUIÇÕES DE DIREITO PUBLICO.*

2.° ANNO

I — *SOCIOLOGIA*
II — *ECONOMIA POLITICA*
III — *SCIENCIA DAS FINANÇAS*
IV — *HISTORIA DAS INSTITUIÇÕES POLITICAS*
V — *DIREITO INTERNACIONAL E DIPLOMACIA.*

3.° ANNO

I — *HISTORIA DA FORMAÇÃO POLITICA DO BRASIL*
II — *ORGANIZAÇÃO SCIENTIFICA DO TRABALHO*
III — *SCIENCIA DA ADMINISTRAÇÃO*
IV — *POLITICA ECONOMICA E LEGISLAÇÃO CONSULAR*
V — *POLITICA FINANCEIRA E LEGISLAÇÃO FISCAL.*

Curso Superior de Sciencias Economicas

1.° ANNO

I — *MATHEMATICA SUPERIOR*
II — *ESTATISTICA METHODOLOGICA*
III — *PSYCHOLOGIA SOCIAL E ECONOMICA*
IV — *GEOGRAPHIA HUMANA E ECONOMICA*
V — *HISTORIA DAS DOUTRINAS ECONOMICAS.*

2.° ANNO

I — *CONTABILIDADE GERAL*
II — *ECONOMIA MATHEMATICA*
III — *SCIENCIA DAS FINANÇAS*
IV — *SCIENCIA DA ADMINISTRAÇÃO*
V — *DIREITO COMMERCIAL.*

3.° ANNO

I — *ECONOMIA POLITICA*
II — *HISTORIA ECONOMICA*
III — *ORGANIZAÇÃO SCIENTIFICA DO TRABALHO*
IV — *DIREITO INTERNACIONAL E DIPLOMACIA*
V — *POLITICA ECONOMICA E LEGISLAÇÃO CONSULAR.*

Esses cursos com 15 cadeiras cada um poderão ser divididos em 3 annos e tanto quanto possivel as cadeiras deverão ser distribuidas de fórma a que fique assegurado o ensino das cadeiras methodologicas ou propedeuticas no 1. anno; o das cadeiras scientificas ou culturaes no 2.° anno; e, finalmente, o das cadeiras politicas ou applicadas no 3.° anno.

Teremos, assim, assegurado os tres estadios do ensino:

I — o do methodo;
II — o da sciencia;
III — o da applicação.

Os cursos puramente culturaes destinam-se ao desenvolvimento das sciencias sociaes, politicas e economicas.

As suas cadeiras basicas — methodologicas ou scientificas — devem ter denominação synthetica ou limitativa e encerrar um programma de ensino *intensivo* ou *aprofundado*.

As cadeiras juridicas devem, pelo contrario, encerrar programmas absolutamente geraes. As Faculdades de Sciencias Politicas e Economicas são institutos de altos estudos: — não lhes interessa a fórma juridica dos actos sociaes e sim o fundamento das instituições de que promanam.

O bacharel em sciencias sociaes, politicas ou economicas não vae fazer applicações immediatas do direito, e sim investigar a natureza das instituições ou o fundamento das relações juridicas.

Os *cursos especializados* poderão ser dos seguintes typos:

I — Curso Superior de Organização Administrativa.

II — Curso Superior de Organização Commercial e Industrial.

III — Curso Superior de Organização Bancaria e Actuarial.

Esses cursos exclusivamente technicos visam a formação de profissionaes para a actividade publica e industrial do Paiz.

Curso Superior de Organização Administrativa

1.° ANNO

I — *ESTATISTICA METHODOLOGICA*
II — *CONTABILIDADE PUBLICA*
III — *SCIENCIA DA ADMINISTRAÇÃO*
IV — *HISTORIA ADMINISTRATIVA DO BRASIL*
V — *INSTITUIÇÕES DE DIREITO PUBLICO.*

2.° ANNO

I — *ECONOMIA POLITICA*
II — *SCIENCIA DAS FINANÇAS*
III — *ORGANIZAÇÃO SCIENTIFICA DO TRABALHO*
IV — *DIREITO ADMINISTRATIVO*
V — *INSTITUIÇÕES DE DIREITO PRIVADO.*

Curso Superior de Organização Commercial e Industrial

1.° ANNO

I — *MATHEMATICA FINANCEIRA*
II — *ESTATISTICA METHODOLOGICA*
III — *CONTABILIDADE INDUSTRIAL*
IV — *ECONOMIA POLITICA*
V — *DIREITO INDUSTRIAL E LEGISLAÇÃO DO TRABALHO.*

2.° ANNO

I — *DIREITO COMMERC. TERRESTRE, MARITIMO E AEREO*
II — *POLITICA ECONOMICA E LEGISLAÇÃO CONSULAR*
III — *MERCEOLOGIA E TECHNOLOGIA INDUSTRIAL*
IV — *ORGANIZAÇÃO SCIENTIFICA DO TRABALHO*
V — *SCIENCIA DA ADMINISTRAÇÃO.*

Curso Superior de Organização Bancaria e Actuarial

1.º ANNO

I — *MATHEMATICA SUPERIOR*
II — *ESTATISTICA METHODOLOGICA*
III — *CONTABILIDADE BANCARIA E ACTUARIAL*
IV — *ECONOMIA POLITICA*
V — *DIREITO INDUSTRIAL E LEGISLAÇÃO DO TRABALHO.*

2.º ANNO

I — *MATHEMATICA FINANCEIRA*
II — *SCIENCIA DAS FINANÇAS*
III — *ECONOMIA BANCARIA E INSTITUIÇÕES DE SEGURO*
IV — *LEGISLAÇÃO BANCARIA E DE SEGUROS*
V — *ORGANIZAÇÃO SCIENTIFICA DO TRABALHO.*

Esses cursos com 10 cadeiras cada um deverão ser divididos em 2 annos de fórma a que fique assegurada a hierarchia scientifica das materias ministradas.

As suas cadeiras basicas terão igualmente denominações syntheticas e programmas de ensino *intensivo* ou *aprofundado*.

As cadeiras especializadas terão uma feição pratica, com objectivos immediatos.

Os *gabinetes de documentação e pesquisas* visarão colligir, interpretar e diffundir os conhecimentos technicos e scientificos relacionados com os problemas sociaes, politicos e economicos que interessam a actividade publica e a organização economica do Estado.

Esses gabinetes podem ser organizados da seguinte fórma:

I — Gabinete de Estatistica e Contabilidade;
II — Gabinete de Psychologia e Hygiene;
III — Gabinete de Geographia e Historia;
IV — Gabinete de Ethnologia e Sociologia;
V — Gabinete de Organização Racional do Trabalho.

Cada gabinete deverá ter o material escolar necessario ao ensino individual dos alumnos, bem como, devidamente archivada, a documentação correspondente á sua finalidade.

As *publicações technico-scientificas* têm por objecto a divulgação da cultura economica no Brasil.

A publicação principal será em fórma de revista, bimensal, com a denominação de "REVISTA BRASILEIRA DE SCIENCIAS ECONOMICAS".

O texto de cada numero da revista conterá quatro partes:

a) — uma *ineditorial* — contendo artigos de caracter technico, scientifico ou doutrinario sobre qualquer assumpto relativo ás materias leccionadas na Faculdade;

b) — uma *secção didatica* — contendo trabalhos expositivos sobre assumptos dos programmas das cadeiras da Faculdade;

c) — uma *secção de collaboração academica* — inserindo artigos subscritos por alumnos da Faculdade;

d) — uma parte relativa a *factos e informações* — contendo, obrigatoriamente todas as occurrencias da vida administrativa da Faculdade, bem como tudo o que possa interessar ao intercambio cultural e scientifico dos docentes e discentes da Faculdade.

As Faculdades de Sciencias Politicas e Economicas sendo verdadeiros institutos de altos estudos, os seus cursos, por certo, attrahirão muitos interessados já diplomados em outros ramos da actividade profissional.

Essas pessoas, possuidoras de um diploma universitario, poderão ser dispensadas do exame vestibular.

Assim, poderão matricular-se no primeiro anno dos cursos geraes de sciencias sociaes, politicas e economicas, independentemente de exame vestibular:

a) — os diplomados em direito,
b) — " " " medicina,
c) — " " " engenharia,
d) — " " " architectura,
e) — " " " chim. industrial,
f) — " " " odontologia,
g) — " " " pharmacologia,
h) — " " " agricultura,

e bem assim os officiaes do exercito e da marinha, os diplomados pela Escola de Professores do Instituto de Educação do Districto Federal ou pelos institutos congeneres dos Estados, os diplomados em administração e finanças do ensino commercial, os peritos contadores e os actuarios diplomados de accôrdo com o decreto numero 20.158, de 30 de Junho de 1931.

Para que o *diploma* de bacharel em sciencias politicas e economicas não se degenere numa simples dignidade academica sem interesse immediato, mas se torne na realidade brasileira um titulo profissional de alto valor technico-scientifico, attrahindo ao mesmo tempo uma elite intellectual para tão importante ramo da actividade humana, é mistér que se lhe reconheçam officialmente as *regalias* que o conjunto das disciplinas estudadas conferirá innegavelmente aos portadores de taes titulos.

Assim, o diploma de bacharel em sciencias politicas e economicas deverá conferir aos seus titulares:

a) — *direito de perferencia* nas nomeações para os altos cargos da administração publica, assim no tocante ás repartições de Fazenda e actividades correlatas, como no referente aos serviços diplomaticos e consulares, dentro do paiz e no estrangeiro; (Dec. n. 20.158, de 30-VI-931 — arts. 75 e 78);

b) — *presumpção de merecimento* para promoção ou accesso em cargos publicos e bem assim para o desempenho, em commissão, de elevados cargos de administração e direcção em qualquer dos serviços publicos subordinados ao Governo, sendo considerado como elemento de grande apreço na avaliação da capacidade dos funccionarios;

c) — *direito de inscripção em concurso* para o provimento dos cargos de professores dos estabelecimentos de ensino commercial; (Dec. n. 20.158, de 30-VI-931 — art. 75);

d) — *direito de requerer ou procurar em juizo* de primeira instancia, nas causas administrativas e nas contenciosas de natureza puramente commercial, sujeitos, porém, ao regimem do dec. n. 22.478, de 20-11-933.

Attendendo ás necessidades sociaes, politicas, economicas, administrativas e culturaes do Brasil, as cadeiras da Faculdade de Sciencias Politicas e Economicas, deverão ter as seguintes limitações de materias:

MATHEMATICA SUPERIOR: — Elementos de geometria analytica, de calculo infinitesimal e de mechanica racional necessarios ao estudo das sciencias economicas e suas applicações.

MATHEMATICA FINANCEIRA: — Operações financeiras a curto e a longo prazo; operações financeiras de bolsas e de bancos.

ESTATISTICA METHODOLOGICA: — Estudo da methodologia estatistica e de suas applicações ás sciencias sociaes, politicas e economicas.

CONTABILIDADE GERAL: — Methodos geraes de contabilidade e de escripturação; a contabilidade como methodo subsidiario da sciencia economica.

CONTABILIDADE PUBLICA: — Principios geraes de contabilidade publica; contabilidade Federal, Estadoal e Municipal; contabilidade publica brasileira.

CONTABILIDADE INDUSTRIAL: — Inventario e balanço dos estabelecimentos industriaes; preço de custo; fundo de reserva e lucro industrial; sua apuração e escripturação contabil.

CONTABILIDADE BANCARIA E ACTUARIAL: — Contabilidade applicada a bancos, casas bancarias, instituições de previdencia e companhias de seguro.

PSYCHOLOGIA SOCIAL E ECONOMICA: — Estudos dos factos psychicos indi-

viduaes e collectivos; leis geraes de coexistencia e successão.

HYGIENE DO TRABALHO: — Principios geraes de hygiene do trabalho; problemas modernos das agglomerações urbanas.

GEOGRAPHIA HUMANA E ECONOMICA: — Nomenclatura e origem dos productos mineraes, vegetaes e animaes; mercados internacionaes; vias de communicação.

HISTORIA DA CIVILIZAÇÃO: — Evolução dos factos que contribuiram para a formação das nacionalidades e dos Estados; historia antiga, medieval, moderna e contemporanea.

HISTORIA DAS DOUTRINAS ECONOMICAS: — Estudo da evolução do pensamento economico e de suas tendencias actuaes, precedido da exposição historica dos principaes factos economicos da humanidade.

HISTORIA ECONOMICA: — Historia da formação economica do Mundo e de sua repercussão na vida politica da humanidade; principaes factos da economia brasileira.

HISTORIA DAS INSTITUIÇÕES POLITICAS: — Estudo da evolução das doutrinas politicas e de suas tendencias actuaes, precedido da exposição historica dos principaes acontecimentos politicos da humanidade.

HISTORIA DA FORMAÇÃO POLITICA DO BRASIL: — Evolução dos factos que contribuiram para a formação da estructura politica do Estado Brasileiro; o Brasil Colonia, o Brasil Imperio, e o Brasil Republica.

HISTORIA ADMINISTRATIVA DO BRASIL: — Administração colonial portugueza; Brasil Colonia; Brasil Imperio; Brasil Republica.

ANTHROPOLOGIA E ETHNOLOGIA: — Formação das raças e seus caracteres differenciaes; estatica, cinematica e a dynamica das populações; anthropologia physica e natural.

SOCIOLOGIA: — Estudo da sociologia geral e das instituições sociaes; os elementos, os processos e as finalidades da vida social.

ECONOMIA POLITICA: — Os fundamentos da sciencia economica; os elementos, os processos e as finalidades da vida economica.

ECONOMIA BANCARIA E INSTITUIÇÕES DE SEGUROS: — Estudo das Instituições de credito; organização e funccionamento dos estabelecimentos bancarios; politica bancaria internacional; instituições de seguro e de previdencia social.

ECONOMIA MATHEMATICA: — Os fundamentos da economia mathematica; estatica, cinematica e dynamica economicas.

SCIENCIA DAS FINANÇAS: — Receita, despesa e orçamento do Estado; credito e debitos publicos.

ORGANIZAÇÃO SCIENTIFICA DO TRABALHO: — Politica de producção; principios, methodos e systemas de organização do trabalho; organização technica e administrativa das empresas.

MERCEOLOGIA E TECHNOLOGIA INDUSTRIAL: — Nomenclatura e origem das materias primas; terminologia e classificação dos productos manufacturados; technologia industrial.

SCIENCIA DA ADMINISTRAÇÃO: — Principios de sciencia da administração; necessidades sociaes do Estado e os meios proprios de satisfazel-as.

INSTITUIÇÕES DE DIREITO PUBLICO: — Estudo das instituições de direito publico e de seus fundamentos sociaes; funcções, caracteristicas e tendencias do Estado moderno; direito constitucional brasileiro.

DIREITO ADMINISTRATIVO: — Principios geraes de administração; organização e funccionamento da actividade administrativa; direito administrativo brasileiro.

DIREITO INTERNACIONAL E DIPLOMACIA: — Principios geraes de direito publico internacional; pessoas e obrigações juridicas internacionaes; organização diplomatica e suas funcções politicas e economicas.

INSTITUIÇÕES DE DIREITO PRIVADO: — Pessoas; bens e factos juridicos; direito de familia, das cousas, das obrigações e das successões; direito civil brasileiro.

DIREITO COMMERCIAL: — Relações juridicas decorrentes do commercio; direito cambial comparado; direito commercial terrestre, maritimo e aereo.

DIREITO INDUSTRIAL E LEGISLAÇÃO DO TRABALHO: — Direito industrial brasileiro; legislação do trabalho; sua significação social, politica e economica.

LEGISLAÇÃO BANCARIA E DE SEGUROS: — Estudo especiaizado das leis e regulamentos relativos a bancos e systemas bancarios, instituições de previdencia e companhias de seguro.

POLITICA ECONOMICA E LEGISLAÇÃO CONSULAR: — Politica commercial, industrial e de transporte; regimen aduaneiro comparado; legislação consular.

POLITICA FINANCEIRA E LEGISLAÇÃO FISCAL: — Politica monetaria, tributaria e orçamentaria; estudo das leis e regulamentos fiscaes.

POLITICA RURAL E COLONIZAÇÃO: — O problema agrario e sua importancia economica; principios geraes de colonização.

Essas cadeiras, para os effeitos didacticos de organização dos programmas, devem ser grupadas por secções de disciplinas analogas, como demonstra o quadro abaixo:

I Secção — *MATHEMATICA*

1 — Mathematica Superior.
2 — Mathematica Financeira.

II Secção — *ESTATISTICA*

1 — Estatistica Methodologica.

III Secção — *CONTABILIDADE*

1 — Contabilidade Geral.
2 — Contabilidade Industrial.
3 — Contabilidade Bancaria e Actuarial.
4 — Contabilidade Publica.

IV Secção — *PSYCHOLOGIA*

1 — Psychologia Social e Economica.

V Secção — *HYGIENE*

1 — Hygiene do Trabalho.

VI Secção — *GEOGRAPHIA*

1 — Geographia Humana e Economica.

VII Secção — *HISTORIA*

1 — Historia da Civilização.
2 — Historia Economica.
3 — Historia das Doutrinas Economicas.
4 — Historia das Instituições Politicas.
5 — Historia da Formação Politica do Brasil.
6 — Historia Administrativa do Brasil.

VIII Secção — *ETHNOLOGIA*

1 — Anthropologia e Ethnologia.

IX Secção — *SOCIOLOGIA*

1 — Sociologia.

X Secção — *ECONOMIA*

1 — Economia Politica.
2 — Economia Mathematica.
3 — Economia Bancaria e Instituições de Seguro.

XI Secção — *FINANÇAS*

1 — Sciencia das Finanças.

XII Secção — *ORGANIZAÇÃO*

1 — Organização Scientifica do Trabalho.
2 — Merceologia e Technologia Industrial.

XIII Secção — *ADMINISTRAÇÃO*

1 — Sciencia da Administração.

XIV Secção — *DIREITO*

1 — Instituições de Direito Publico.
2 — Direito Administrativo.
3 — Direito Internacional e Diplomacia.
4 — Instituições de Direito Privado.
5 — Direito Commercial.
6 — Direito Industrial e Legislação do Trabalho.
7 — Legislação Bancaria e de Seguros.

XV Secção — *POLITICA*

1 — Politica Economica e Legislação Consular.
2 — Politica Financeira e Legislação Fiscal.
3 — Politica Rural e Colonização.

Eis, em linhas geraes, como poderá ser resolvido o momentoso problema dos cursos especializados de sciencias sociaes, politicas e economicas com efficiencia para o ensino superior do paiz e proveito real para a cultura collectiva.

HERCULES E O GENIO

J. L. Costa Neves

"Bem vês que falta pouco: avante, meu amigo!
Por que parar assim a geito de um fracasso,
Depois que já galgaste o mais rude pedaço
E enérgico venceste o mais negro perigo?

O temor não te tolhe; esmaga-te o cansaço,
Ou a magua, talvez, de negarem-te abrigo . . .
Visto que te encontrei, eu agora te sigo
E te hei de sustentar com meus musculos de aço".

O Genio ouve-o falar: uma lágrima vérte,
Sorri, depois, quedando a contemplal-o inérte,
Emquanto leva ao peito um derradeiro hausto.

"Não respondes? Pois bem: eu quero levantar-te.
Um semi-deus serás, amado em toda parte!"
Era tarde, porém... Morrêra o Genio, exhausto!

Ill. de G. Lisbôa

A Viagem do Dr. Stekel ao Brasil

Ary de Mesquita

A acceitação de uma sciencia ou ramo de sciencia psychologica não depende do valor desta sciencia, porém, do meio que a recebe. O mesmo acontece com todo genero de conhecimentos, e a verificação de tal proposição é tanto mais facil quanto mais elles se relacionam com as *certezas* da cultura em que se vão integrar. Uma theoria mathematica, porque repousa sobre convenções acceitas em todo o mundo civilizado, poderá ser assimilada indifferentemente por qualquer povo, visto que os seus principios não attingem nunca as idéas de tonalidade affectiva, justamente as que se não rendem á argumentação logica, e constituem o fundo da alma de uma nação.

A opposição que se lhe depara se resume em conceitos racionaes que se discutem sem desencadear odios e revoltas. Uma theoria psychologica, ou social, principalmente, quando contraria as idéas fundamentaes de um determinado povo, encontra, qualquer que seja o seu valor intrinseco, uma grande resistencia por parte deste povo. Essa resistencia se fará sentir até o momento em que, por uma reciproca adaptação, for possivel a assimilação da idéa nova pelas já existentes.

E' claro que uma theoria, sem embargo da sua incompatibilidade com o meio, encontrará sempre acolhimento em alguns individuos onde demoram como que archivadas, até que acontecimentos locaes ou de repercussão local propiciem interpretações que lhes dê aso a se communicarem a outros individuos ou grupos de individuos. Mas isso não é integração de uma idéa em uma cultura. A integração só se verifica propriamente quando o novo elemento cultural forma systema com o *já sabido*, sem entrar em conflicto com a parte affectiva da civilização. Ainda ha outra caracteristica da integração: a existencia activa da nova idéa. Nas culturas, só se podem considerar realmente existentes as idéas que se tornam factores dynamicos de cultura. Os principios que existirem sem agir não se engranzaram aos principios basilares da cultura. São idéas registradas nos repertorios da erudição, mas que não penetraram no imo do espirito nacional.

A Psychanalyse, no Brasil, encontrou resistencias formidaveis. Resistencias moraes, intellectuaes, constituindo a resistencia da cultura brasileira, e os obstaculos materiaes, como, por exemplo, sermos poucos os brasileiros que sabemos o allemão, e a bi-

bliographia psychanalytica estar quasi exclusivamente escripta nesse idioma.

Não falei em cultura brasileira querendo significar que a tenhamos autochthone, mas indicando com taes palavras que chamo de brasileira a cultura constituida por idéas ha muito importadas do estrangeiro, e que se evolvem com associações feitas no Brasil por brasileiros. Negar que tenhamos cultura propria por não constituirmos raça historica, ou tirarmos conclusões brasileiras de premissas estrangeiras, corresponde a negar o esplendor e a originalidade do Direito allemão, porque se estructurou em varios fundamentos latinos. Os principios de Physica de que se servia Santos Dumont eram europeus, mas a aviação é brasileira.

O primeiro óbice de ordem moral que a Psychanalyse teve de enfrentar foi a presumpção de immoralidade que lhe assacaram por motivo das investigações que fez na sexualidade. A valer tal censura, a anatomia tambem devia ser malsinada de obscena porque não distingue partes nobres de pudendas. Uma vez verificada a origem instinctiva e affectiva das perturbações psychicas independentes de factores anatomo-physiologicos, impunha-se a observação da sexualidade em todos os sentidos.

Outro obstaculo que a Psychanalyse encontrou no Brasil foi o principio moral religioso da expiação pelo remorso. A Psychanalyse tendo descoberto que o *sentimento de culpa* é justamente o remorso elevado a um expoente pathologico procurando punição, e que em todos os parapathicos (1) invariavelmente o encontramos (2), não podia deixar de lhe declarar guerra, e dar combate incessante. Por um phenomeno curioso, transpomos o remorso de um delicto para outro, por fim, sentindo-o por delicto imaginario (3). Como estes ultimos são grandes e encontram forte opposição do eu moral é que os não consummamos, o que não impede que delles concebamos o maior remorso. E os paes em consequencia daquella concepção do remorso agem de tal modo ante os filhos que desde cedo lhes infundem a tendencia para se arrependerem dolorosamente de infimas travessuras, em seus espiritos não formados, propriciando a preponderancia das associações em torno dos delictos. Mas o *sentimento de culpa* não obsta á perpetração de grandes crimes, portanto a sociedade não tem interesse em conserva-lo. O portador do *sentimento de culpa*, ás vezes, soffre por uma palavra que não chegou a proferir, e commette realmente um crime grave porque elle não se relaciona com o nucleo do seu *Schuldbewusstsein*.

Depois surgiu um entrave de ordem intellectual (sob outro aspecto póde ser considerado de ordem moral) : o livre arbitrio. O principio de que a nossa vontade é absolutamente livre, e os actos psychicos não obedecem á causalidade, é incompativel com as observações da Psychanalyse e da Psychologia. O psychanalysta (como conheço alguns) que não quer admittir o determinismo universal, pelo menos, tem de convir na grande frequencia de actos determinados, principalmente entre os anormaes. Aliás, tal noção já foi tacitamente reconhecida pelo senso commum, nos paizes que admittem, em jury, a allegação de perturbação de sentidos.

Finalmente, dezenas de affirmações da Psychiatria antiga se oppunham á nova sciencia; e os fautores daquella, ora por se julgarem esbulhados, dando-se por falsas muitas das moedas que até alli se consideraram verdadeiras, ora pela força da inercia, que lhes retinha inactivos os espiritos que teriam de encarar um velho problema por um novo prisma, combatiam a Psychanalyse, ás vezes, impertinentemente.

Mas, aos poucos, varios medicos e leigos estudiosos começaram a estudar a nova Psychotherapia, applicando e experimentando de uma ou outra maneira os methodos psychanalyticos.

Vencida, em parte, essa primeira serie de resistencias, á Psychanalyse veio deparar-se outra que a esperava.

Nos paizes de civilização recente, á conta da timidez intellectual que os caracteriza, as mais das vezes, só um pequeno grupo de letrados tem coragem de professar um novo methodo e, assim mesmo, sem animo de o excogitar incondicionalmente, fóra da sua fórma classica.

No Brasil, todos os psychanalystas (refi-

---

(1) Termo proposto por Stekel para substituir o vocabulo *nevrophata*, talvez por neste o sentido não concordar com a etymologia.

(2) Veja-se W. Stekel — *Das Liebe Ich*, 37 (Dritte Auflage).

(3) *Die Geschlechtekälte der Frau*. 53. (Dritte Auflage).

ro-me aos que vulgarizam a Psychanalyse) são freudianos orthodoxos. Além dos preceitos do grande e velho mestre só admittem alguns da *Psychologia Individual* de Alfred Adler, porque a sua incorporação á doutrina freudiana já se tinha feito nos proprios consultorios de Vienna.

Freud é na realidade um formidavel genio, mas Aristoteles tambem o foi, entretanto hoje julgamos exagerada a dictadura intellectual que exerceu na Idade Media. A sciencia está em constante evolução, e, em algumas quadras da historia, como a que atravessamos agora, a sua marcha é tão acelerada que se faz mister uma constante revisão nos dados scientificos.

Para certos psychanalistas, levar um adminículo ao progresso da Psychanalyse é um délicto tal e qual como era, para os positivistas, aventar um conceito que não tivesse sido preestabelecido pelo autor do Systema de Politica Positiva. Devem, porém, recordar que todos os systemas do seculo passado, justamente á conta de tal intransigencia, que corresponde á negação formal do progresso indefinido, o Positivismo é o mais desmoralizado e decahido.

No meu julgamento, corrigir e ampliar a Freud, não é deservi-lo, mas concorrer para a sua maior gloria, aperfeiçoando a sciencia filha do seu genio.

Infelizmente os psychanalistas brasileiros repensam mais os raciocinios de Freud do que concluem das suas premissas.

A Psychanalyse orthodoxa estava, assim, destinada a merecer, sozinha, as attenções, quando um acontecimento inesperado provocou factos que vão suscitar outras concepções de algumas molestias mentaes e dos accessorios de seus tratamentos. Modificar-se-ão algumas manobras psychanaliticas, especialmente no que toca ás relações entre medico e doente. Experimentar-se-á a attitude activa do medico, o que reduz muito o tempo do tratamento. Parallelamente, a interpretação onirica, de modo mais pratico, começará a ser feita nos primeiros contactos, e outras simplificações reduzirão as probabilidades de estacionamento da cura.

Refiro-me á viagem que ha seis mezes fez o Dr. Wilhelm Stekel ao Rio de Janeiro, onde realizou uma serie de conferencias e um admiravel curso sobre a sua doutrina. O Dr. Wilhelm Stekel não é propriamente um dissidente, como Adler e Jung, que chegaram a crear escolas a parte. Stekel é mais um continuador que o propugnador de um scisma. Continuador é o estudioso que prosegue nas conclusões de principios enunciados por outro pensador. Acontece, todavia, que, uma vez por outra, o homem de talento tem de corrigir o homem de genio. Desde que as asserções aventadas não refutem nenhuma das bases da doutrina, e sejam propostas com identica finalidade, são consideradas continuação e nunca dissidencia.

A verdade é que Wilhelm Stekel, nas suas conferencias, estudou alguns casos á luz dos seus processos e, no curso, apresentou uma synthese das suas idéas. Estuda-las aqui, seria estender estas linhas muito além do que comporta um artigo. Mais tarde farei a exposição dos seus processos de analyse do Sadismo, Impotencia, Onanismo, Fetichismo, Masochismo, em relação á Psychanalyse orthodoxa e ás escolas dissidentes.

Agora darei sómente o titulo de uma duzia de livros do Dr. Stekel, que me parecem utilissimos e, ao que me consta, nem de nome são conhecidos entre a maioria dos interessados. Alguns deviam ser lidos por todos os homens cultos do Brasil. Assim se evitaria uma infinidade de desventuras que se prolongam por descendencias inteiras.

O trato conjugal, geralmente mal comprehendido, seria nobilitado pela maneira serena e moral de ser encarado. A maxima parte dos homens não percebe que aos trinta annos continúa com os mesmos conhecimentos praticos da sexualidade, que lhe foram, ás vezes, ministrados viciosa e erroneamente, por prostitutas e ignorantes, quando eram ainda adolescentes. Esses homens se casam, e vão iniciar na vida sexual uma creatura que nada sabe, ou tem noções falsas do que vae realizar. Depois, nascem os filhos, e sem o menor conhecimento da alma infantil, começam a educar. Isto é, a applicar normas correctivas que só não amolgam as temperas previlegiadas. E assim cresce o numero de infelizes e degenerados.

A obra de Wilhelm Stebel se divide em duas partes: — a popular e a scientifica. A primeira é composta de prelecções feitas para o povo em geral, com o intuito de instrui-lo praticamente sobre a educação dos filhos, o modo de agir deante delles (educação pelo exemplo, que elle considera o

mais efficaz), as relações entre esposos, escolha de conjuge, hygiene psychica, etc. De envolta com muito ensinamento proveitoso, encontramos varias affirmações que, como não foram feitas para o nosso povo, religioso na grande maioria, podem produzir consequencias oppostas ás desejadas. Os dados para a sua elaboração forma colhidos num paiz de moral decadente, de modo que os quadros apresentados tendem geralmente a suscitar no leitor a idéa pessimista da corrupção progressiva da sociedade. Portanto, mesmo as obras populares de Stekel só podem ser lidas com aproveitamento completo por pessoas cultas, capazes de comprehender a relatividade dos conceitos nellas emittidos.

A obra scientifica de Stekel é o seu grande titulo de gloria, o monumento que ergueu á Psychotherapia moderna.

Psychanalistas, psychologos, crimonologistas, devem não só le-la como estuda-la minuciosamente. Bem sei que varios autores julgam a Psychanalyse privativa dos medicos. Todavia Freud (1) no prefacio de um dos livros de Pfister, psychanalysta leigo, disse expressamente: "A pratica da Psychanalyse não exige tanto educação medica como educação psychologica e conhecimento humano." No Brasil quasi todos os freudianos não acompanham o mestre neste ponto. Querem o previlegio de esquadrinhar a alma humana. Talvez haja em tal opinião de um orthodoxo um mixto de vaidade e de medo á concorrencia intellectual. Esquecem, porém, esses senhores, que a Psychanalyse hoje é indispensavel ao aprofundado estudo da Sociologia, Psychologia dos povos, e Criminologia. Em vez de muitos, citarei um só exemplo: o conselheiro Dr. Erich Wulffen, no seu livro *Das Weib als Sexualverbrecherin* ("A mulher como criminosa sexual"), escripto principalmente para juristas, cita varios psychanalistas, entre elles o Dr. Wilhelm Stekel.

Da serie *Störungen des Trieb = und Affektlebens* ("Perturbações da vida instinctiva e affectiva"), em dez volumes, indico aos estudiosos brasileiros os seguintes: *Nervöse Angstzustände und ihre Behandlung* ("Estados nervosos de angustia e seu tratamento"); *Onanie und Homosexualität* ("Onanismo e homosexualidade"); *Die geschlechtekälte der Frau* ("Frieza sexual feminina"); *Die Impotenz des Mannes* ("A impotencia masculina"); *Der Fetichismus* ("O fetichismo"); *Sadismus und Masochismus* ("Sadismo e masochismo"), todos imprescindiveis aos verdadeiramente interessados no assumpto.

Die Sprach des Traums ("A linguagem do sonho") ,como clareza de exposição, é superior ao *Traumdeutung* ("Significação do Sonho") de Freud. Novas idéas enriqueceram o material existente e factos curiosos se vieram sommar aos anteriores.

Die Träume der Dichter ("Os sonhos dos poetas"), é, para mim, o que melhor já se escreveu sobre o thema. Depois delle deve se ler *Der Künstler* ("O artista"), de Otto Rank, que póde lhe servir de conclusão, pois estuda a inspiração poetica na sua manifestação exterior, na arte.

Todos esses livros me vieram directamente da Austria, por preços elevados. O facto dos livros austriacos não terem, como os allemães, um desconto de 25 % lhes difficulta muito a entrada em nossa praça. De costume, só vêm por encommenda. Quanto a traducções, é bem possivel que já haja algumas em francez. Stekel, ha mezes, me disse que a livraria Payot estava providenciando na publicação de varios.

O illustre scientista tambem publicou, que me viesse ás mãos, um pequeno e primoroso livro de estudos psychanaliticos. Tem sómente dezoito artigos e uma conclusão, tudo em duzentas paginas. Mas pela levesa subtil dos seus conceitos, pelo profundo das suas observações, merece lido por quantos amam a sabedoria e a elegancia intellectual: *Das Liebe Ich* ("O querido eu").

Sei que o Dr. Stekel tem dado á estampa um numero enorme de obras. Sua bibliographia é tanto mais formidavel quanto della fazem parte varios trabalhos scientificos de longo folego. Aos poucos elles virão ao Brasil. Primeiro, accessiveis a numero restricto, vêm no original, depois, em traducção, como já começaram, vêm para satisfazer a circulo mais amplo de leitores. Mas elles vêm. Cumprirão sua missão: — impulsionar a Psychanalyse que aqui adormece na orthodoxia intransigente.

---

(1). Freud — Schriften zur Neurosenlehre, pag. 317 (Auflage — 1931).

Significação Politica do Paraguay

Silvio Julio

Não obedece a urgencias da vaidade individual, nem da phantasia lyrica, a campanha ibero-americanista que, no Brasil, foi começada por poucos intellectuaes não fanatizados pelo exclusivismo da cultura franceza. Motivos elevados e praticos a orientam. Embora tardiamente iniciada entre nós, ou mesmo insufficientemente comprehendida até hoje, ella é a ponte de communicação entre os mutuos interesses dos povos do Novo Mundo, e serve de arado que prepara a terra de onde se erguerão as arvores acolhedoras e generosas do futuro. Agora, a idéa. Mas um dia, — o pensamento victorioso nas consciencias, — o que é doutrina tornar-se-á commercio, industria, lucro palpavel, e ninguem acreditará que coisa tão logica e tão simples já tivesse soffrido combates.

Desde o romantismo predominava, no Brasil, o gosto parisiense, de sorte que nossos literatos desconheciam o formidavel movimento da Allemanha, da Russia, da Italia, da Espanha, da Inglaterra, da Scandinavia, em materia artistico-scientifica. Qualquer romancista de terceira classe, que nos remettesse o mercado luteciano, fazia-se popular e recebia consagrações. Mestres sublimes da Espanha, da Italia, da Russia, da Allemanha, da Inglaterra, da Escandinavia, quando por acaso mencionados, viam-se através da critica nacionalista, do criterio patriotico de Sainte-Beuve, Brunetière, Faguet, Lemaître e Sarcey, optimos talentos, porém mal informados dos factos de além-fronteira. Deste modo, generalizára-se o absurdo systema de tudo se attribuir á raça incomparavel, unica, divina de Hugo e de Comte, emquanto não se consagrava um minuto de attenção a genios de outros rincões.

A maior victima de semelhante cegueira não ha duvida que foi a America Espanhola. Os parnasianistas, os realistas e os symbolistas liam somente em *langue d'oïl*, e seus modelos jamais se buscavam fóra das Gallias. O resto, para elles, era reflexo da supremacia da intelligencia franceza, que obscureceu os maiores focos de sabedoria da humanidade por uma especie de fatalismo irremovivel, definitivo, inevitavel.

Compenetrámo-nos da inferioridade da America Espanhola em todas as manifestações do espirito, e chegamos a ignorar os motivos dos soffrimentos de suas populações. Sem uma serena e demorada investigação dessas causas, não é razoavel que olhemos com pedantismo, e á luz da incomprehensão parisiense, tragedias gigantescas que, no palco da historia, durante meio seculo, os hispano-americanos representaram. Parallelizando, a idade-média da Europa talvez que não se nos depare mais santa ou menos selvagem do que a idade-media da America Espanhola, porquanto, cada uma agitada dos tufões que os choques das idéas geram, as duas se confundem como exponenciação de uma juventude inexperiente que se deslumbra aos fulgores solares da refinada, e luxuosa, e fatigada civilização que perdeu sua finalidade no tempo. Do sadio infantilismo barbaro, em confusão com a ancianidade repintada de Roma, origina-se o que ainda agora é vida para as sociedades contemporaneas. Da demagogia individualista dos caudilhos, em mistura com o secco e singelo unitarismo que a metropole heroica, mas vetusta, implantára no Novo-Mundo, promanou tambem o progresso actual das nações hispano-americanas. Aos que não sentem a belleza imponente da alvorada que é a idade-média da Europa, tão religiosa em suas batalhas, quanto em seus mosteiros, não digamos que a idade-média da America Espanhola, tão mystica em suas arrancadas ferozes pela liberdade quanto em sua inclinação para os encantos da literatura, serviu de escola aos descendentes de Bolivar e San Martin. A espada escreveu com sangue o que a penna hoje cinzela com tinta: o codigo sacrosanto das garantias publicas

e privadas dos cidadãos hispano-americanos. Sim. O cidadão hispano-americano de nossos dias não se atreve a desrespeitar a tradição de altivez e independencia, que custou, a seus avós e a seus paes, martyrios, sacrificios, abnegações exemplares. As sombras de Bolivar, San Martin, Sucre, O' Higgins e Miranda lhe apontam as ruinas tristes e os tumulos impollutos que a fé e a coragem semeiaram do Mexico á Patagonia, em convulsões de chammas, para que, contemplando o horror do testemunho, elle não se acovarde diante de tyrannos e de invasores, convencido de que a escravidão é a morte.

Está na moda diminuir o apostolado dos que, eschylianamente, enfrentam as iras dos despotas. Não seguiremos a estrada que tem sido percorrida pelos algemados sem esperança. Aos perseguidores do pensamento, aos encarceradores da dignidade, aos assassinos da consciencia, continuaremos preferindo os épicos cavalleiros andantes do direito. A' pata do cavallo de Atila, continuaremos preferindo a cruz de Christo. E só assim as gerações desta hora nebulosa perceberão que a idade-média da Europa não significou apenas crueldade e atrazo, como não significou apenas atrazo e crueldade a titanica idade-média da America Espanhola.

Nada procuramos saber de suas aspirações e bravuras. Nada, que fosse admiravel, quizemos vêr no seu republicanismo a ferro e fogo, e o condemnamos de olhos fechados. Nem a presença de um Sarmiento, de um Alberdi, de um Mitre, de um Montalvo, de dezenas de magnificos intellectuaes sob as baterias do regimen caudilhesco, nem mesmo a actividade mental de esplendidos polemistas, sociologos e poetas da época das guerras civis bastou para que atenuassemos a impiedosa sentença. Interessava aos politicos ligados á casa de Bragança que nosso povo acreditasse na incuravel anarchia, na cavernaria brutalidade da America Espanhola.

Vinha de longe o injustificavel e perigoso estado de animo.

Nos tempos coloniaes, o odio dos arrogantes e temerarios portuguezes contra os espanhoes aguerridos e bravos causou estragos nestas plagas. O portuguez sempre tentou diminuir o espanhol. A colonização portugueza, embora digna de encomios, nunca se desenvolveu, horizontal ou verticalmente, como a espanhola. A Espanha dominava regiões muito mais vastas do que as do altivo e galhardo Portugal. As possessões espanholas eram muito mais difficeis e variadas do que as pouco accidentadas e felicissimas que foram portuguezas. Aquellas alargavam-se entre o gelo eterno das montanhas inaccessiveis e o calor suffocante das planuras alagadiças. Estas pairavam, uniformes, numa zona quente. Os espanhóes corriam de norte a sul e de leste a oeste, dos Estados Unidos á Patagonia e do Atlantico ao Pacifico, assimilando tribus e Estados poderosos. Os portuguezes tiveram a facilidade de se collocarem num pedaço pouco accidentado do continente, onde encontraram selvicolas broncos, fracos, desorganizados. Ninguem ousará nivelar a conquista dos imperios mexicano e peruano com a das aldeias indigenas do Brasil. Apesar de tudo isto, a maneira completa por que a Espanha civilizou seus territorios mostra que o esforçado e activo Portugal não conseguiu nunca igualal-a.

Militarmente, juridicamente, culturalmente, o progresso das colonias espanholas superou, do seculo XVI ao seculo XIX, o das portuguezas. Sabe-o o mundo inteiro. A potencia guerreira da Espanha representou-se na America com um vigor que a de Portugal jamais patenteou. Os combates aos corsarios forçaram-n'a á construcção de fortificações apparelhadas, á creação e manutenção de esquadras, á formação de milicias preventivas, que seu visinho e rival imitou, mas em proporções menores. Não se conhece em Portugal um corpo doutrinario de determinações officiaes que se destinassem ao governo do Brasil, cuja grandeza lembre a das *Leyes de Indias*, lidimo orgulho do direito que a Espanha alcandorára desde as *Siete Partidas* de Affonso, o Sabio. Referentemente á instrucção, Portugal não realizou a centesima parte do que a Espanha fez. Primaria, secundaria ou superior, a das colonias espanholas pairou acima da insignificante, e mesmo nulla, das colonias portuguezas. O parallelo seria esmagador. Portugal não inaugurou uma unica universidade e a Espanha vivificou dezesete, a partir de 1538, fundação da de Santo Domingo, e de 21 de Setembro de 1551, data da lei que mandou construir as do Mexico e do Perú. Portugal não nos permittiu o uso da imprensa e a Espanha a protegeu, de modo que, de 1500 a 1808, no Brasil nada se conseguia legal e autorizadamente compôr para a circulação, emquanto pelas suas vizinhanças os livros se preparavam, não raros, nem todos mediocres. Para um tomo de autor portuguez, houve quinze, vinte e trinta de autor espanhol, e sobrepujam Gandavo, Gabriel Soares, Bento Teixeira Pinto e o incognito burilador dos *Dialogos das grandezas do Brasil*, em estylo, em genio, em tudo, Bartolomé de las Casas, Juan de Zumárraga, Alonso de Ercilla, Bernardo de Valbuena, José de Acosta, Cieza de Leon, Oviedo y Valdes, López de Gómara, Díaz del Castillo, González de Eslava, Juan de Castellanos, Barco Centenera, Miramontes y Zuazola, e mil outros, que alicerçam a opinião do *yankee* Alfred Coester: *poucos successos historicos foram tão amplamente protegidos por uma documentação escripta como a da conquista da America*. Pela falta de casas de ensino e de typographias, os brasileiros natos não surgem no campo das lusitanas artes e sciencias senão em 1627, e com manuscriptos. Os hispano-americanos os antecederam de perto de setenta annos, e penetraram na immortalidade alguns, que se revelaram eruditos e talentosos emulos dos belletristas da metropole. Manoel de Moraes, Eusebio de Mattos, Antonio de Sá, Botelho de Oliveira, Gregorio de Mattos Guerra, Vicente do Salvador, Diogo Gomes Carneiro, Nuno Marques Pereira e pouquissimos brasileiros natos não se medem, de fórma nenhuma, com os hispano-americanos Garcilaso Inca, Fernando de Alba Ixtlilxochitl, Pedro de Oña, Francisco de Terrazas, Amarilis, Ruíz de Alarcón, Blas Valera e meia duzia de engenhos afortunados que os precederam e legaram aos posteros paginas inesqueciveis. Estabeleça-se uma exacta e documentada comparação dos templos, pontes, aqueductos, monumentos e cidades da America Espanhola e do Brasil, de 1492 a

1810. Ainda aqui a Espanha derrota Portugal. Aqui e em quasi tudo. A relativa retrogradação da America Espanhola é posterior á sua libertação. O progresso verdadeiro do Brasil começou após sua independencia.

Ao portuguez, sempre o espanhol pareceu inimigo perigoso. Este conceito, pelos tempos coloniaes, afastou brasileiros de hispano-americanos. Julgavam-se portuguezes os brasileiros. Os hispano-americanos consideravam-se espanhóes. Não foi, portanto, o idioma o fulcro da desconfiança e da separação, que então a literatura portugueza copiava a literatura espanhola e em espanhol escrevia quasi todo intellectual portuguez dos seculos XVI e XVII.

O despeito desempenhou sua missão antipathica, e os prejuizos padeceu-os o Novo-Mundo. Até á peleja pela emancipação, os hispano-americanos gosavam de recursos civilizadores mais fartos do que os dos brasileiros. Mexico e Perú vanguardeavam o progresso de nosso continente.

A partir de 1810, tudo mudou. Catastrophicamente, a America Espanhola adquiriu sua liberdade com incendios, degolas, arrazamentos, vinganças, batalhas e commoções sociaes. O Brasil não, que trocou a gloria dos holocaustos cruentos por uma politica accommodaticia e domestica. Não tivemos Carabobo, Boyacá, Pechincha, Bombomá, Junín, Ayacucho, Maipú e Chacabuco, porém caminhámos, burguez e vagarosamente, pela estrada da paz, do commercio, da industria. Em quanto a America Espanhola arrancava, a pulso, de sua metropole o direito de maioridade, atogando-se em sangue e atordoando-se com o barulho dos canhões, o Brasil ia, calado e caimo, num passinho lento, aperfeiçoando o pouco que lhe deram os lusitanos. Afinal, os hispano-americanos sahiram das epopéas, cobertos de louros, para as ruinas do preterito laborioso, quando os brasileiros colhiam os primeiros frutos de um trabalho que nunca se precipitou e de uma recente, além de parcimoniosa cultura. A America Espanhola educou heróes e o Brasil administradores, fazendeiros, professores e diplomatas.

Após a época emancipadora, a crise economica, politica, militar, scientifica, literaria, moral e até psychica attinge ao auge na America Espanhola, dilacerada pelo militarismo furibundo de soldados mettidos a estadistas. O Brasil, todavia, solidificava sua estructura nacional com a escravidão e o imperio. Lá, o desespero de democratas sonhadores, que queriam applicar a exercitos maximas inventadas para povos. Aqui, o nada brilhante, porém seguro, cauto conservantismo evitava os golpes de republicanos e abolicionistas. A America Espanhola era quixotesca. O Brasil, sanchopansesco. Duas philosophias respeitaveis, apesar de oppostas.

Si, de 1810 para cá, o Brasil melhorou e peiorou a America Espanhola, a estes rumos, a estes systemas tudo se deve. Contra o furacão das hordas dos caudilhos, levantaram-se braços indomaveis e vozes romanticas, e succederam-se, assim, gerações de apostolos na America Espanhola. No Brasil, governo e opposição entendiam-se, de maneira que não precisámos vibrar punhaladas justiceiras, nem apostrophar tragicamente o tyranno. A' imposição de uma lei estupida, respondia a America Espanhola com tremendos abalos de indignação. O Brasil preferia annullar os effeitos de qualquer erro com a habilidade do sophista ou com a satyra risonha do ironista. Consequencia: ao terminar a phase caudilhesca da historia da America Espanhola e a da monarchia do Brasil, os hispano-americanos citavam novos martyres e feitos extraordinarios sobre devastações, emquanto os brasileiros desfrutavam as regalias de uma existencia pacata e productiva. Repitamos que são dois systemas, dois rumos respeitaveis, apesar de oppostos.

Cada vez a America Espanhola e o Brasil se apartavam mais, porque a ordem da escravidão e do imperio repudiava como mal o desenfreiado demagogismo das republicas da America Hespanhola. D. João VI, D. Pedro I e D. Pedro II assombravam-se da anarchia e acreditavam que a obediencia é a materia-prima da felicidade de um povo.

Na America Espanhola, hontem como hoje, e ao contrario do que se da no Brasil, que trocou as idéas de Portugal pelas da França, a metropole, de um modo geral, gravou suas pegadas com nunca vista energia, e seus caracteres não se diluiram entre ondas de intenso cosmopolitismo moral.

"Deu a Espanha (apregôa Cecil Jane) a seus dominios do outro lado do Atlantico tudo quanto podia dar-lhes, e estes dons foram conservados vivos pelos que os receberam. Em todas as regiões, desde o Rio Grande á Terra do Fogo, com a importante excepção do Brasil e a insignificante da Honduras britannica e das Guyanas, é hoje espanhola a base da cultura.

.. ..

A partir dos tempos mais remotos, o amor pela liberdade individual e pela independencia local foi instinctivo na raça espanhola. Nada menos certo do que suppôr que os espanhóes são ou foram jamais submissos á autoridade alheia, pouco zelosos do direito de ordenar a propria vida. Ao contrario, quiçá não exista um povo na Europa para o qual seja mais cara a liberdade, que fosse menos cohibido diante da autoridade ou mais decidido em sua resistencia contra os limites de seu livre-arbitrio."

Portugal não dirigiu o Brasil com a personalidade ethnico-juridica que a Espanha ostentou em suas colonias do Novo-Mundo. Portugal nunca teve cultura autonoma para transmittir-nos. A Espanha, que desempenhava no mundo papel relevantissimo, construira de mil reminiscencias uma physionomia excepcional, que não cedeu, neste continente, ás invasões de systemas e utopias de outras procedencias. E a politica modorrenta e matreira que os gabinetes portuguezes ensinaram aos brasileiros não é irrequieta, individualista, apaixonada como a que os espanhóes legaram aos hispano-americanos.

Portugal, miudinho e fraco, para sustentar-se precisou constantemente de allianças, auxilios e tratados secretos, que a Espanha só nos dias de infortunio tambem acceitou ou promoveu. Portugal foi authentica monarchia por instincto de conservação e imperio das circumstancias. A Espanha, quando entregue a si mesmo com ca-

sas reinantes a prejudical-a, era o typo simples, basico, espontaneo da republica de fundo municipalista. Esta distincção das duas potencias ibericas accentuou-se no Novo-Mundo, porque o revolucionarismo castelhano continuou e cresceu durante as lutas emancipadoras, e o conservadorismo luso retardou o cumprimento de varios ideaes como os da libertação dos escravos e o da implantação da democracia sem cabeças coroadas.

A proclamação de 15 de Novembro de 1889 integrou o Brasil no Novo-Mundo, e a conciliação da ordem com a liberdade dentro das nações da America Espanhola prova que, havendo marchado por sendas diversas, brasileiros e hispano-americanos, emfim, se irmanam naturalmente e juntos concorrem para o bem da humanidade. Nós adquirimos antes a ordem e depois a liberdade. Elles, antes a liberdade e depois a ordem. O amor illimitado á liberdade os arrastou á falta de ordem. O amor illimitado á ordem nos arrastou á falta de liberdade. Os hispano-americanos não toleraram a escravatura que os brasileiros só aboliram a 13 de Maio de 1888. Os hispano-americanos não toleraram a monarchia que os brasileiros só aboliram a 15 de Novembro de 1889. Os programmas dos partidos brasileiros visavam primordialmente a prosperidade material e opportunamente a victoria das idéas avançadas. Os programmas dos partidos hispano-americanos visavam primordialmente a victoria das idéas avançadas e opportunamente a prosperidade material.

Eis a razão de nos termos demorado na fiel consecução da concordia e da approximação de todos os filhos do Novo-Mundo. Custou a hora do triumpho, mas veio quando convinha, pois já nos encontra uniformizados ideologicamente. O Novo-Mundo é democratico, republicano e pacifista. Ninguem pretende ordem sem liberdade, nem liberdade sem ordem, e a repugnancia pelos rancores internacionaes caracteriza a todos os brasileiros e a todos os hispano-americanos.

Não fingimos ignorar que o lamentavel conflicto paraguayo-boliviano, que acaba de se encerrar, prejudicou um pouco a these. Desgraçadamente, os delictos evidenciam as falhas dos codigos. Si a absurda guerra de bolivianos e paraguayos obscureceu os claros horizontes do Novo-Mundo, tambem é certo que a unanimidade dos paizes de nosso continente reprovou o crime. Juramos mesmo que paraguayos e bolivianos preferem a paz ás perversidades de uma guerra absurda, quiçá provocada pela cupidez dos imperialistas do petroleo, desalmados e covardes.

O Paraguay constituiu-se no coração da America do Sul e salientou-se, ahi, por seu papel de nucleo de expansão civilizadora durante a conquista. Sua posição lhe facultava a vantagem de posto obrigatorio de reabastecimento e de descanço, entre o Perú e o Rio da Prata. Territorio regado e fertil, logo se prestou á funcção de Chaldéa da America do Sul: o transito das expedições, que buscavam as riquezas occultas no interior de nosso continente, tornou-o alvo de cuidados administrativos e um dos melhores apoios da obra colonizadora da Espanha. Atravessado em 1524 por Aleixo Garcia e explorado em 1527 por Sebastião Gaboto, o Paraguay se viu disputado por uma chusma de aventureiros, que, tentados pela fama lendaria dos thesouros argentiferos da região, — o que não passou de sonho, — o transformaram immediatamente num acampamento militar.

"La colonia del Paraguay (assevera Manuel Domínguez) fué un ejército en campaña. O era guerrera o perecía; no quiso perecer, claro está, y se hizo guerrera."

A procura dos metaes preciosos pelo lado do Pacifico completava-se com o avanço pelo lado do Atlantico, e as bandeiras dirigiam-se ao centro da America do Sul, onde jaziam minas fabulosas e reinos incriveis. Qualquer pedacinho de prata ou de ouro nas mãos de um indio era indicio de opulentos veios e de imperios deslumbrantes. Como sempre, a fome dos metaes preciosos gerou guerras, partidos, assassinios.

Entretanto, nenhuma caverna magica apparecia á ávida cobiça dos conquistadores. A terra, verdadeiramente, exigia a semente e offerecia-se ao gado, que seu valor estava, inteiro, no porvir agricola e pecuario. Brigou-se muito ali, porém os trabalhos do campo nunca se desprezaram.

Fundada a 15 de Agosto de 1537 por Juan de Salazar, a cidade de Assumpção tomou vulto em 1541, quando, despovoado o porto de Buenos-Aires, ella, conforme ensina Fulgencio Moreno, *fué la concentración de todos los conquistadores*. E' logico que, forçada a alimentar tanta gente, augmentou suas chacaras, incentivando a agricultura e a pecuaria. A infelicidade do porto de Buenos-Aires redundou em beneficio para a cidade de Assumpção, que cresceu subitamente e iniciou uma vida methodica.

"Los restos diezmados de la expedición de Mendoza, (ainda é de Fulgencio Moreno a lição) que se debatian con las mayores penurias en las costas del Plata, poseían, no obstante, el mejor arsenal de la conquista, sin contar con un valioso surtido de mercaderías, llevado allí casualmente por un comerciante genovés. Con el abandono de Buenos-Aires, todos esos elementos fueron traslados a la Asunción, en inmediato provecho de sus rudimentarios y escasos recursos; y el acrecentamiento de la población, ocasionado con tal motivo, marcó asimismo el período inicial de su firme expansión urbana. A esta época corresponde, según Ruy Díaz de Guzmán, la creación de sus primeras autoridades municipales entre los vecinos congregados *en forma de República*, y la constitución un tanto regular de los hogares, que iban surgiendo del robusto y desenfrenado mestizaje hispano-guaraní."

Assumpção ficou sendo uma assembléa de capitães famosos e atrevidos, authentica fonte de actos centralizadores da dominação hespanhola no interior da America do Sul. Só o Perú, ao longe, nesse tempo, lhe limitava o prestigio, graças a seus thesouros e a suas attribuições governamentaes legalmente reconhecidas. O Perú era o iman das ambições e das actividades dos habitantes de Assumpção, que de sua cidade sahiram para achar, e acharam de facto, uma via ao imperio incaico. "Fué (escreveu Félix de Azara) la capital del imperio español en estas regiones hasta que se estableció en 1620 otro gobierno y otro obispo en Buenos Aires." Assumpção teve, ahi, papel principalissimo.

As agitações individualistas que aquelles atrevidos e famosos capitães promoveram no Para-

guay nutriram a tradição revolucionaria que jamais feneceu. Contrabalançou-a o benefico influxo desses magistraes jesuitas dos seculos XVI e XVII, salvadores da severidade moral e da ordem social que o catholicismo defende. O atricto da disciplina christã e do personalismo civil, o atricto dos intuitos que moviam capitães e jesuitas enche a maior porção da historia da enorme provincia que, então, abrangia o Paraguay, a Argentina e o Brasil, integral ou parcialmente.

Não é aconselhavel sustentar que o Paraguay se submetteu, com servilismo rastejante, ao regimen collegial dos discipulos de Loyola. Educadores modelares nos seculos XVI e XVII, estes subtrahiram os selvicolas ao chicote dos conquistadores e os ergueram da barbaria a um civilização possivel. Isto é bastante. Entretanto, o *criollo* sempre os combateu, sempre os aggrediu, sempre os negou, seguindo o exemplo de seus paes, adversarios constantes dos sacerdotes. A gente branca nunca se curvou ao communismo das missões.

Convém gryphar a circumstancia: os discipulos de Loyola foram senhores das tribus guaranys, por elles sabia e santamente doutrinadas, mas não alcançaram sujeitar o nucleo levantisco de espanhóes e *criollos* que se apossaram do governo do Paraguay.

Natalício González confirma o que actualmente nenhum historiador autorizado combate ou ignora:

"Escritores superficiales, que confunden lastimosamente el Paraguay con las Misiones de Jesús, han hablado, no obstante, del servilismo del pueblo paraguayo, atribuyéndolo a la educación jesuítica. Olvidan que los hijos de Loyola no ejercieron ninguna influencia sobre la población de la Provincia, cuya historia desmiente a cada paso las conclusiones de semejante tesis."

Basta olhar um mappa da America do Sul, onde estejam determinadas as fronteiras das missões jesuiticas, para que se entenda a verdade. Desde o valle do rio Iguassú até o do Miriñay, abrangendo o do Paraná e do Uruguay, uma faixa de terra que, mais tarde, se repartiu pelo Brasil, Paraguay e Argentina, e sufficientemente separada das zonas visinhas por sua organização exclusivista, foi o theatro da experiencia que tanto celebrizou os discipulos de Loyola. O Paraguay mestiçado de espanhóes e indios, o Paraguay civil, o Paraguay assunceno, este não se enquadrou jamais na moldura do poderio sacerdotal dos ignacianos. Jamais.

O que empresta realce singular á acção dos jesuitas na zona humida e abundante que banham o Prata, o Uruguay, o Paraná e o Paraguay, não é sómente sua importancia social e pedagogica, que conteve a tigrina impetuosidade do conquistador sensual e cúpido, mas sobretudo a originalidade de seu methodo de governo. No Brasil, a cultura e a moralidade das duas colonias originaram-se do zelo e da abnegação dos discipulos de Loyola: Manuel da Nobrega, Azpilcueta Navarro, José de Anchieta, Antonio Vieira e seus companheiros collocaram-se entre os vicios dos bandeirantes, para extinguil-os, e nossa historia de então é um elogio do valor da religião catholica como educadora de barbaros e, ainda mais, como adversaria dos desregramentos dos máus christãos. Esses discipulos de Loyola, aqui nas ex-colonias lusitanas, pelejaram a favor do indio dentro das sociedades irrequietas que se iam derramando pelo littoral, de sorte que convertiam infieis e os defendiam da perversidade dos brancos ao mesmo tempo. Talvez que a catechese do selvicola fosse menos ardua do que a batalha contra a maldade daquelles que, alardeando de crentes, blasphemavam, matavam e corrompiam. A um ingenuo, ensina-se a philosophia dulcissima de Jesus Christo. A um hereje, entretanto, ninguem deve senão condemnal-o, pois, conhecedor do bem, prefere o mal. Este velho conceito da redempção, teve-o a igreja desde a idade-média, e, encarado das eminencias theologicas, parece necessariamente razoavel.

Que differença accusa o regimen das missões? Como é que elle se distingue do que se seguira no Brasil? Ameaçados pelo bandeirismo relapso e pernicioso, que levantava, em logar de templos e escolas, a fumaça e a poeira das calamidades, os jesuitas do Paraguay pensaram que a vida material e a bemaventurança espiritual dos guaranys necessitavam de muralhas que as salvassem do contacto com o conquistador libidinoso e máu. Insularam-n'os em suas terras, e um communismo de quartel os fez utilizaveis, embora machinaes. O regimen das missões era uma phase de desenvolvimento da christianização dos guaranys do Paraguay, e nunca um ideal humano de politica planetaria. Para sêres agrestes e pueris, o melhor. Para sêres constituidos em seculos de experiencias, inapplicavel. O regimen das missões lembra o dos internatos, onde tudo tem sua hora e seu logar, e a uniformização cria um typo de collectividade artificial, que se distancia dos complexos caracteristicos dos povos formados de classes, castas, raças, etc.

Seja o que fôr, porém, *el Paraguay, durante el siglo XVI, fué lo más importante del Rio de la Plata*, segundo Manuel Serrano y Sanz, que tambem diz:

"Hecho capitalísimo en la Historia del Paraguay, fué el establecimiento de la Compañía de Jesús, y de las famosas reducciones de índios, aunque de las treinta que hubo, la mayor parte, quince, se fundaron en território que hoy pertenece a la República Argentina, siete al Brasil, en el Estado de Rio Grande, y ocho al del Paraguay de nuestros días..."

Padecimentos, traições, martyrios aureolam as frontes dos jesuitas, e não adivinhamos que idéa de heroicidade têm os que, hoje, pretendem amesquinhal-os, divinizando roubos e assassinios dos Lampeões da éra colonial. Recebe o Paraguay ironias e aggressões dos liberalotes á franceza, porque, como o Brasil, deve aos apostolos da Companhia de Jesus a maior parte de suas tradições puras. E' injustiça, que o futuro annullará pela verdade. Não se compara um discipulo de Loyola, o menos illustrado, com o bandeirante mais valente. A humanidade imparcial acha que aquelle, visando o bem, trabalhava por uma causa eterna, e que este, perfido e sinistro, não conquistará senão o culto dos nacionalistas que se engaiolam no angusto do localismo.

A obra da conversão dos guaranys do Guairá principia, de facto, com a fundação, a 2 de Julho

de 1610, da reducção de Nossa Senhora de Loreto, pelos padres José Cataldino e Simão Masseta. Repisemos que a finalidade essencial dos jesuitas, prohibindo a permanencia dos brancos em suas missões, era educar o indio, instruil-o e melhoral-o, longe da degradação moral dos conquistadores, que se entregavam aos peccados torpissimos da carne e á cata de riquezas sómente. Para julgar-lhes os methodos escolhidos, é imprescindivel considerar que uma coisa significa *conversão* e outra *castigo*: ao selvicola bastava a conversão ao catholicismo, emquanto ao europeu desregrado, que desrespeitava a doutrina da igreja, depois de aprendel-a, cumpria applicar o castigo. A prova cabal de que, fóra de seus nucleos pedagogicos de pelles-vermelhas, elles não predominavam sempre, é a série de derrotas que padeceram em Assumpção.

Frei Bernardino de Cárdenas, natural de La Paz, turbulento e nefasto, vingando-se de anteriores penalidades que soffrera, e que devia ao influxo dos discipulos de Loyola, promove sua eleição para o logar de governador, e manda que Juan de Vallejo Villasanti, tenente do rei, metta em canôas suas victimas, que são abandonadas no rio sem viveres, sem nada, para não regressarem jamais á cidade. Corria o anno de 1649, quando Frei Bernardino de Cárdenas, torcendo o sentido da cédula de 12 de Setembro de 1537, conseguiu apossar-se da elevada posição que desmoralizou.

No seculo XVIII, de 13 de Dezembro de 1723 a 29 de Abril de 1725, a capital do Paraguay agita-se, convulsionada, e os discipulos de Loyola não a habitam ,graças aos partidarios de Antequera. A 13 de Dezembro de 1723 o cabido-aberto, exhausto de paciencia, nega-se a acceitar como autoridades Diego de los Reyes Valmaseda e Baltasar García Ros, apoiados pelos jesuitas e pelo poder publico de Buenos-Aires. Insistem os repudiados, e o auxilio de dois mil tapes catechizados que lhes presta o padre Tomás de la Rosa, superior da Companhia de Jesus, os enthusiasma. Isto se passava já em 1724. A 24 de Julho e a 7 de Agosto houve novas reuniões do cabido-aberto e, resolvidas as difficuldades de uma maneira bastante extremista, Antequera destróe o exercito atacante no dia 25 de Agosto.

Com a entrada, afinal, de Bruno Mauricio de Zavala, na cidade, a 29 de Abril de 1725, termina a reacção de Antequera, que paga sua temeridade com a vida, a 5 de Julho de 1731, em Lima.

Percebe-se que o povo da capital do Paraugay não se escravizava a quem quer que fosse, muito menos á Companhia de Jesus. Os discipulos de Loyola symbolizavam, aos olhos dos revoltosos, a tyrannia, e não os supportava, de tal modo, o *commum* de Assumpção. Não houve, em tempos da colonização, nem nas possessões lusas, nem nas possessões inglezas, nem nas possessões de qualquer metropole, uma gente tão inquieta e democratica como a que habitou a capital do Paraguay, onde a deposição e a deportação de governadores e bispos se tornou habito. Que é do espirito de submissão que certos escriptores jingoistas, por odio ou por ignorancia, costumam attribuir a esses nunca serenados descendentes de Irala, de Álvar Núñez, de Nuflo de Chaves, de Cáceres e de centenas de *anarchistas* authenticos e indomaveis, que não conheciam senão a lei do instincto primitivo e individual? Não martelemos no brilho da tradição libertaria dos assuncenos e de seus irmãos de outros centros, porque, si ella ás vezes deu algum bom resultado, quasi sempre serviu de entrave ao progresso. A imperfeição da natureza é segredo de Deus, e não nos cabe preferir a ordem á liberdade, nem a liberdade á ordem. Tudo tem sua occasião. Tudo tem seu prestimo.

Antequera proseguia na faina que os conquistadores estreiaram: a liberdade para elle e para seus antecessores, estava acima da ordem. Os jesuitas, que o enfrentavam, punham, abaixo da ordem, a liberdade. No Paraguay, com Antequera ficaram os europeus e os *criollos*, emquanto os jesuitas manejavam os guaranys aldeiados. O choque politico mostrava, vagamente, seus aspectos curiosos de culturas impenetraveis. Verificavam-se tão proteiformes conflictos numa época em que ainda as colonias inglezas e as colonias lusas não manifestavam nenhum indicio de idéa emancipadora.

Que nos não tomem a mal que gryphemos o que, em 1927, imprimimos no livro *Idéas e Combates*:

"Não ha terra mais calumniada que a paraguaya, nem vida tão mal divulgada como a de seus habitantes. Abeberados em folheticos sem imputabilidade, alguns sujeitos broncos ruminam-lhe os dispauterios e attribuem ao povo dessa nação pacatissimo respeito á vontade dos tyrannos, quando a verdade é outra.

.. ..

A lenda, de que os paraguayos agradeciam as normas de despotismo que os jesuitas lhes desejavam gravar, no espirito, destróe-se por si, pois os communeiros de Antequera eram a população da provincia, menos as tribus guaranys das missões onde não penetravam estranhos. Quem confunde estas tribus guaranys com os paraguayos, quem imagina que os paraguayos se integralizavam nessas tribus guaranys não tem noção, nem longinqua, do que concluiram Charlevoix, Demersay, Du Graty, Rengger, Gortari, Azara, Andrés Gelly, Blas Garay, etc."

Ahi está o que, em 1927, incluimos no livro *Idéas e Combates*. Estudos recentes corroboram nossa antiga opinião, que é a de todos os que sabem historia do Novo-Mundo mediante investigações desapaixonadas e profundas.

Não avaliemos os meritos de uma nação pelo seu estado hodierno, que póde ter começado hontem e obedecer a factores passageiros. O Paraguay, desangrado vandalicamente por successivos movimentos de rebeldia, desde que foi descoberto, representou saliente papel na formação das sociedades da America do Sul; preparou-se, após, para uma existencia laboriosa; viu-se, subitamente, compromettido em questões brasilo-platinas e, por isto, arruinado, pauperrimo, semi-deserto; esforçou-se, a trabalhar, e reerguia-se dos escombros, quando, ainda uma vez, os fados lhe exigem nova provação, terrificante e suprema. O Paraguay, através das vicissitudes, perdeu materialmente, mas é um dos poucos paizes da America do Sul que ostenta condecorações capazes de ru-

tilarem na corôa de triumphos que se confere ao berço de Miranda, Bolivar, Sucre e Andrés Bello: a da grandeza moral.

Sim. Como nação. o Paraguay não desmaia ao lado do Brasil. da Argentina, do Chile, do Perú, ou de qualquer afortunada patria. Sua grandeza moral consiste na impavidez com que soube sustentar-se independente, sacrificando o conforto, a opulencia, a propria paz, pelo direito de ser livre.

Os brasileiros não estudaram a historia do Novo-Mundo, e espantam-se de escutar coisas incontestaveis, como a do exemplo que é o Paraguay, não só de democracia espontanea, porém igualmente de espartana paixão da personalidade nacional. O futeból substituiu, aqui, a pesquiza scientifica, de modo que a falta de altitude philosophica agrilhôa nossos compatriotas ao materialismo: — *E' rico? Então, é admiravel... E' pobre? Então, nada vale..*

Afortunadamente. a fé e o idealismo reagem. No Collegio Pedro II, por exemplo, a victoria da verdade deverá a Jonathas Serrano sua data natalicia, que, fundada a cathedra de historia da America, elle a lecciona com ampla erudição e criterio magistral.

Acham-se seus alumnos aptos a testemunharem a originalidade do povo do Paraguay e a tenacidade com que evitou sempre predominios, absorpções e anniquilamentos, não contando nunca, em seu passado, ruborizantes rendições, apesar de enumerar gloriosas derrotas.

Informam-se da innumeravel bibliographia relativa ás lutas de Antequera, como de seu discipulo e continuador Mompó, pelas quaes não repetem os estribilhos das anedoctas a que os adivinhos chamam historia...

"Este estraño Mompó (encosto-me á opinião de Viriato Díaz-Pérez) era un espiritu vehemente y exaltado, animado por nobles impulsos de apostolado y proselitismo. Las prédicas comuneras de Antequera habian hecho nacer en su corazón la quijotesca empresa de continuar la obra de Antequera en el Paraguay, luchando en él por la libertad. Obsesionado por esta noble idea, no sabemos como sale de su prisión, ni que instruciones recibiera. Solo sabemos que, abandonando a Antequera, logra encaminarse al Paraguay.

. . . .

Mompó era elocuente. En Asunción declaróse valientemente *Comunero;* es decir, comenzó a predicar publicamente la doctrina de que la autoridad de la Comunidad no debia reconocer superior."

Em Dezembro de 1730 vence Mompó e as autoridades do rei da Espanha são derrubadas: governador, bispo, alcaides e corregedores. José Luís Barreyro trae a revolução e Mompó escapa-se ao Brasil, em cuja vastidão se esconde. Miguel de Garay e Bartolomé Galván depõem o hypocrita José Luís Barreyro, que foge para as missões jesuiticas. Continuou o movimento, até o dia 30 de Março de 1735, quando os absolutistas e os guaranys entram em Assumpção victoriosos.

Póde o Paraguay, virtualmente, intitular-se pae da tradição democratica, liberal-revolucionaria na America, visto que se administrou sósinho de 1723 a 1725 e de 1730 a 1735, praticando a doutrina da superioridade do povo e do interesse geral como fontes de governança: doutrina espanholissima, cuja morte, entre as communidades peninsulares, foi obra do estrangeiro e tyrannico Carlos V. Antes houve, no Novo-Mundo, levantes mais ou menos separatistas, porém não triumpharam, nem tiveram caracter democratico, liberal-revolucionario. Antequera e Mompó não eram conquistadores bellicosos e instinctivos, pois defendiam principios posteriormente bemquistos dos emancipadores *yankees* e dos francezes que arrazaram a Bastilha, tão decantados.

Pelos derradeiros decennios do seculo XVIII a calma no Paraguay deriva do cancaço de tantas disputas. Um passado de ininterruptos combates entre as missões e as cidades, entre jesuitas e colonos, entre a doutrina dictatorial da ordem e o delirio romantico da liberdade terminou, fatal e inevitavelmente, na fadiga do povo inteiro, que já desconfiava de ambos os bandos e queria trabalhar á sombra de uma neutralidade bem assegurada. Não lhe importava a liberdade nem a ordem, o jesuita nem o colono, a cidade nem a missão, porque os dois extremismos politicos causaram males sobre males apenas, e uma nova aspiração, indecisa, porém innegavel, veio concorrer para o surgimento de um Paraguay de meio termo, onde a liberdade não fosse demagogia e a ordem não fosse despotismo.

Entre 1767 e 1768 a Companhía de Jesus é banida para sempre do Paraguay. Faltando este baluarte, cessou a batalha. O duello acabou pela ausencia de um dos adversarios. Dahi á declaração da independencia, contam-se na historia desse paiz, até então revoltoso, sómente factos communs a quaesquer outros povos que se constituem dentro de relativa normalidade.

Diga-se, entretanto, a verdade dura e indisfarçavel: o estranhamento da Companhia de Jesus desconcertou a machina guaranytica, prejudicando, de repente, a economia e a civilização, como tambem deixou sem opposição os governos, que passaram a ser mais administrativos do que politicos. Repise-se a circumstancia: o jesuita restringia o colono, de maneira que, expellido da terra, não encontraram os indios senão a violencia do algoz, agora livre para o mal, e os proprios europeus e *criollos* ficaram á mercê das possiveis exorbitancias das autoridades.

"No se podrá negar, (copiamos Blas Garay) á pesar del fundamento que tengan las acusaciones tan unánimes contra los jesuitas, que desde su expulsión los pueblos de Misiones empezaron á decaer visiblement, á tal punto que su población se reducía en 1801 á 15.639 almas, de 144.337 que era en 1767."

A Espanha, algum tempo depois, creava o vice-reinado do Prata e dava franquias ao commercio de suas colonias americanas. Se não houvesse mudança no regimen economico e administrativo, nada conseguiria conter a barbarização do campo e de sua população indigena.

A 8 de Agosto de 1776 a Hespanha creava o vice-reinado do Prata.

A 12 de Outubro de 1778 dictava os cincoenta e cinco artigos do *Reglamento y Aranceles Reales para el comercio libre de España a Indias,*

que produziram vertiginosos progressos nas colonias americanas.

A 28 de Janeiro de 1782 dividia o vice-reinado do Prata em oito intendencias· Buenos-Aires, Paraguay, Tucumán, Santa Cruz de la Sierra, La Paz, Mendoza, La Plata e Potosí. E o Paraguay pôde, assim, normalizar-se, quando a extincção da Companhia de Jesus já o ameaçava de retrogradação ou quiçá de anniquilamento. Agustin Fernando de Pinedo, Pedro Melo de Portugal y Villena, Joaquín de Alós y Brú, Lázaro de Rivera y Espinosa de los Monteros e Bernardo de Velasco y Huidobro, com erros e acertos, si não attenderam constantemente e rigorosamente aos problemas moraes do povo, transfundiram sangue quente ás suas acções de indole commercial e pratica, consoante aos imperativos do seculo XVIII.

A aurora da XIXª centuria é, em todo o Novo-Mundo, porsperidade e liberalismo. A Espanha concedia a suas colonias americanas o que antes não lhes pudera franquear. Só os papagaios da calumnia ainda insistem em attribuir a guerra emancipadora á tyrannia e ao atrazo da metropole, que não permittia o menor melhoramento a suas colonias americanas. Nada disto se confirma á luz dos documentos, hoje divulgadíssimos e examinados com equidade, pois a explosão revolucionaria correspondeu a um periodo de reformas beneficas, que estavam enriquecendo as populações mundonovistas.

"La historia de la legislación comercial dictada por España durante esta época, (Ricardo Levené é quem o assegura) es un proceso, es decir, representa una paulatina evolución y no una innovación radical. Desde el proyecto de galeones de 1720 a la Real cédula de comercio con neutrales de 1797, nada hay que no haya sido un mejoramiento gradual. Si el estudioso observa cuidadosamente este desenvolvimiento se compenetraría que del proyecto de galeones a la política de los buques de registro no hay sino un paso; que de esta política a la permisión del comercio libre a las Islas Barlovento, de 1765, es patente la ampliación que abre nuevos puertos a la frecuencia del intercambio comercial; que de esta última concesión a los reglamentos del comercio libre de 1778, se logra una conquista más, comprendiendo en aquella liberalidad numerosos puertos; que la Real cédula de comercio negrero de 1791, con permiso para retornar frutos del país, fué dictada después de ensayado el isstema de los asientos y permisos; que la de 1795, sobre comercio con colonias extranjeras, y la de 1797, fueron impuestas por las necesidades apremiantes de las colonias, en virtud de la situación de que se había complicado España, produciéndose una total interrupción del comercio con las colonias."

Si existe uma prova das boas intenções da Espanha em relação aos povos do Novo-Mundo, que não foram escravizados por ella, conforme affirmam mentirosamente escriptores de pouca erudição e nenhuma justiça, esse documento vivo é o Paraguay. De Agustin Fernando de Pinedo, ate Bernardo de Velasco y Huidobro, a linha ascensional do progresso quasi que se verticaliza, taes e tantas as iniciativas consentidas pela metropole.

A derrocada do poder espanhol no Paraguay derivou do que se passára, a 25 de Maio de 1810, em Buenos Aires. Não houve espontaneidade na commoção assunceana. O levante contra a metropole não representou esforço maior do que a luta após sustentada contra os centralistas portenhos.

Emquanto os argentinos convertiam-se em apostolos do credo libertario, com a antiga autonomia, o orgulho nacional e a felicidade de que desfrutavam não se curvaram os habitantes do Paraguay aos de Buenos Aires, que se queriam tornar senhores e chefes do vice-reinado do Prata.

Corollario da divergencia nascida entre o Paraguay e Buenos Aires, a reacção de Gaspar Rodríguez de Francia caminhou, de degráu em degráu, até a desconfiança doentia, até o terrorismo, até a monocracia absolutista.

Militam certas attenuantes a favor da sombria personagem. Sobre todas, a que demonstra não lhe ser possivel sustentar a independencia do Paraguay, contra ataques simultaneos, sem a manutenção de uma cohesão interna que não perdesse um atomo de energia.

Houve luxo de mandonismo. O povo não o extirpou a balazios não por medo, porém por sentimento de conservação. Complicações com espanhóes, argentinos e luso-brasileiros sitiaram a mentalidade nacional, comprimiram-n'a, de modo que ella tomou a consistencia de um bloco granitico.

Gaspar Rodríguez de Francia não formou o Paraguay a seu talante, nem sósinho concebeu sua emancipação contra espanhóes, argentinos e luso-brasileiros; mas organizou a resistencia pela unificação ideologica de partidos e classes, exterminando qualquer veleidade de opposição. Sujeitou á externa toda a politica interna: para emancipar o paiz, acorrentou o povo.

Morto Gaspar Rodríguez de Francia, o Paraguay reconstróe-se, subindo á categoria de uma das primeiras nações da America. Carlos Antonio López reabriu escolas, incentivou a imprensa, edificou palacios, fundou arsenaes, deu a constituição de 1844 ao paiz, tudo fez para elevar sua patria ao lado das maiores do Novo-Mundo. A 20 de Dezembro de 1840, dia do fallecimento de Gaspar Rodríguez de Francia, o Paraguay estava abatido, silencioso e inculto, pois o dictador pensára exclusivamente em manter livre a terra do jugo estrangeiro e em economizar para não pedir nada aos usurarios da Europa. A 10 de Setembro de 1862, data do desapparecimento de Carlos Antonio López, a situação mudára por completo.

"Al cabo de la laboriosa administración de D. Carlos Antonio López, (Blas Garay transmitte-nos seu julgamento) el país presentaba aspecto muy distinto del que tenía cuando comenzó. Potencia militar poderosa, para lo que eran en aquel tiempo las demás naciones de América, podía poner sobre las armas, en 1859, un fuerte ejército; poseía fábricas bien montadas de polvora y balas; fundiciones de hierro en Ibicuí desde 1854; uno arsenal en la Asunción desde 1855; regular marina de guerra, que á la vez servía al comercio. Dedicó también sus desvelos a extender la instrucción pública, que hizo obligatoria y gratuita, y por extraño contraste, señalado ya

por un autorizado escritor, aplicó las teorías más liberales de los modernos reformadores. La imprenta entró por segunda vez en el Paraguay con López; la independencia de la república, por la cual hizo casi tanto como Francia, quedó assegurada; el comercio adquirió gran desenvolvimiento, y el bienestar se hizo general en la nación."

Os dados estatisticos provam que o Paraguay de Carlos Antonio López, em diversas actividades, como a instrucção, por exemplo, occupava posição de realce entre as nações americanas. Alberdi, o sociologo incomparavel da Argentina, dizia que em 1860 não havia soldado do paiz central que não soubesse ler, o que, mesmo na Europa de então, seria excepcional. Em 1862 funccionavam 435 escolas primarias do governo, além das particulares, e 24.524 meninos as frequentavam.

Teve em Francisco Solano López o Paraguay sua representação moral mais accentuada, não só no periodo de paz, de 1862 a 1864, como no de guerra, de 1864 a 1870.

Francisco Solano López não póde nem deve ser apenas retratado pelas pennas de seus adversarios, que ainda hoje o pintam selvagem, bruto, feroz, boçal, emquanto os imparciaes até lhe destacam a tenacidade, a energia, a bravura, o patriotismo.

São os brasileiros suspeitissimos para condemnal-o sem appello ou attenuante, que a ignorancia da historia americana, aqui neste caso, está aggravada com o odio. Quaesquer que sejam as causas da guerra de 1864 a 1870, quaesquer que sejam os erros politicos e diplomaticos que a precipitaram, o certo é que o heroismo de um combatente paira acima de competições, de despeitos, de injustiças.

De 1862 a 1864 a acção de Francisco Solano López é a do estadista que ama a patria fervorosamente e a quer tornar grande pela civilização, pelo trabalho e pela ordem. De 1864 a 1870, sempre nos acampamentos, entre o estrondo da artilharia e o retinir das espadas, elle prefere, ás regalias de uma rendição, o martyrio proprio e o glorioso esmagamento do povo que nunca o abandonou.

Si a historia guarda com veneração a lembrança dos que lutaram, até morrer, contra os invasores do territorio nacional, por que excluir de suas paginas a resistencia paraguaya que capitaneou Francisco Solano López?

Os que, procurando diminuil-a, forgicam a bestidade illogica de uma tyrannia nunca vista sobre o fanatismo de um povo cretinizado, ou nada sabem de abnegação e de civismo, ou repetem automaticamente as calumnias que os da Triplice-Alliança, reprovados pelos neutros do resto da Terra, tiveram de inventar para ludibriar a boa-fé de seus proprios soldados. Aos ardores bellicos de brasileiros, argentinos e uruguayos, chamam heroicidades. Aos dos paraguayos, cegueira e submissão. Por que? Então ignoram que, salvo em opportunidades raras, os paraguayos sempre pelejaram com menos armas, menos comida, menos roupa do que os brasileiros, os argentinos e os uruguayos associados? Então ignoram que as perdas do Brasil, da Argentina e do Uruguay, sommadas, não chegam á tragica destruição de todo o Paraguay, que teve suas cidades saqueadas, seus campos talados, suas populações reduzidas á miseria de velhos, mulheres e creanças? Então ignoram que, apesar do valor que porventura possuiam, Pedro II, Mitre e Flores jamais soffreram o que soffreu Francisco Solano López, cuja morte, para todos os homens de caracter, está purificada pelo sacrificio?

O máu habito de amesquinhar o adversario reduz-nos o merito dos triumphos a quasi nada. Bolívar e San Martin são generaes assombrosos, porque os espanhóes lhes deram occasião de se revelarem estupendos. Os cinco annos de resistencia paraguaya tambem crearam momentos de epopéa para os da Triplice-Alliança. Não concordamos com os desorbitamentos do jingoismo, de sorte que achamos que as violencias de Francisco Solano López, não maiores do que as de Napoleão ou Annibal, Cesar ou Alexandre, e além disto communs ás épocas de agitações armadas, nunca lhe empanaram a tenacidade, a energia, a bravura, o patriotismo.

Ha um recente entendimento entre o Brasil e a Argentina, onde vem combinada a revisão leal e rigorosa da historia internacional de ambas as nações. Assignaram-n'o os presidentes Agustin Justo e Getulio Vargas. Até agora, porém, não se tratou de applical-o, nem ao menos de se pensar em o utilizar. Elle, embora incomprehendido dos leigos, traria coordenação e equidade á philosophia dos acontecimentos preteritos, não mais permittindo que julguemos naturaes os incendios e crueldades, assassinios e roubos de nossas forças, emquanto atacamos os das forças contrarias. Eis por que, quando louvamos os bravos da Triplice-Alliança, não olvidamos os do Paraguay.

Cremos que essa revisão leal e rigorosa da historia internacional dos povos do Novo-Mundo servirá de prologo e sustentaculo ao que se convencionou chamar *a paz pela escola*. Urge que o tratado Agustin Justo-Getulio Vargas comece a produzir effeitos, unificando o criterio dos paizes americanos sobre os factos do passado, principalmente sobre os factos da historia internacional dos povos do Novo-Mundo. Usamol-o desde já, como inspirador de nossos conceitos relativos a Francisco Solano López e aos paraguayos que o acompanharam de 1862 a 1864 e de 1864 a 1870.

Escutemos o que, a respeito, escreveu em francez o peruano Francisco García Calderón:

"La lutte eut la grandeur d'une antique epopée. L'héroïsme paraguayen vainc le nombre, le destin et la mort; il bat les alliés, et, cerné par des forces supérieures, résiste sous la direction guerrière de Lopez, transformé en austère professeur de nationalisme. Il se prodigue, il attaque sans réserves, et, en un délire belliqueux, fusille ceux qui critiquent son action, puis continue la guerre sur un territoire dépeuplé et sanglant Les alliés s'emparent d'Assomption, et dans une bataille est tué Lopez lui-même, tragique personnification d'un peuple irréductible. Le premier des Lopez avait écrit à Rosas en 1845: *le Paraguay ne peut pas être conquis*. La guerre a confirmé cette prophétie. En 1870, le Brésil et l'Argentine vainqueurs ne trouvent plus qu'un pays décimé: les villes sont désertes, les étrangers se sont emparés du territoire; le grave silence que le docteur

Francia rêvait pour sa patrie recluse règne partout."

O Paraguay, que, no inicio da colonização espanhola, foi uma Chaldéa da America do Sul por sua posição entre o Rio da Prata e o Perú, ficou sendo, após a morte de Francisco Solano López, graças a seu heroismo, a Numancia do Novo-Mundo. Não existe um unico historiador especializado e imparcial que discorde deste parecer, pois todos os homens briosos que estudam as origens, o desenvolvimento e o fim da guerra da Triplice-Alliança contra o Paraguay concluem que, da poeira de tantas ruinas encharcadas de sangue, a soberania das nações ergueu sua flammula, onde se lê: — *Vive quem morre pela liberdade*, e tambem: — *Rasga tuas carnes, mas arranca os grilhões.*

Por esta razão, Jean Toussaint Bertrand commenta:

"Une telle grandeur d'âme révélait assez que ni les Jésuites, ni Francia, ni les López n'avaient diminué les Paraguayens."

As parcialidades não impõem suas theses, de sorte que, apesar dellas, já ninguem pisa os vencidos, nem crê no papel de libertadores que os triplice-alliados a si mesmos attribuem. Si precipitações e inhabilidades houve, de parte a parte ellas se manifestaram, como pedem reprovação equitativa dos espiritos independentes. A guerra de 1864 a 1870, que o Brasil, a Argentina e o Uruguay levaram ao povo do Paraguay, que foi destruido, sem se render, é o melhor dos brazões heroicos da historia americana após a luta pela emancipação. Uma nação central, sitiada, insulada, bloqueada inteiramente, resiste durante cinco annos, ao ataque de tres potencias maritimas, que dispunham de todos os recursos, e prefere ver-se em ruinas a ceder!... Não é digno da penna de Homero?

"O nosso heróe (aproveitemos o pensamento do escriptor portuguez Luiz Garrido) não é Cesar em Farsalia, nem Antonio no Forum, nem Augusto em Acio. E' Catão em Utica, Labieno em Munda, Bruto e Cassio em Filippes. São os que morreram com a liberdade, não os que a destruiram. A victoria não é um argumento."

Effectivamente, tem o Paraguay sido na America esse modelo de insubmissão e independencia, apesar de possuir só 457.720 kilometros quadrados e 1.000.000 de habitantes, dos quaes 120.000 residem em Assumpção. Não importa que elle seja menor do que Angola. O que vale é a funcção espiritual do povo que nobilita a humanidade. Na historia do Novo-Mundo, nem sempre os maiores são os melhores. Prova-o o Paraguay, que sua vida de incessante batalhar pela propria soberania o colloca na mais luminosa constellação das democracias de nosso continente e a fama de seus heróes lhe basta como titulo de gloria.

A gloria literaria e os medicos

Fabio Luz
(Da Academia Carioca de Letras)

*Un gros serpent mordit Aurèle.
Que trouvez-vous qu'il arriva?
L'Aurèle morut? — Bagatelle!
C'est la serpent qui creva!*

Não é sem certa verosimilhança que, tratando-se de medicos literatos e dos dizedores por despeito, a cobra, mesmo sem o caduceu, e o veneno ophidico appareçam com força bastante para rebentar a propria cobra, que no caso é o critico, como novo *Manuel Breton, el tuerto*, que não morreu, mas matou a vibora com seu veneno.

*Murió Breton? — Non por certo;
A Manuel Breton, el tuerto,
Que direis que succedió?
La vibora reventó!*

*
* *

Das profissões, convencionalmente denominadas liberaes, nenhum está em melhores condições para exercer esse outro sacerdocio — o literario, do que o medico. E elles, cujo curso scientifico é o mais completo pela sua generalização, têm, sempre e em todos os tempos, concorrido para melhor brilho das letras nacionaes; uns dentro da propria profissão humanitaria de alliviar os males da humanidade, não deixando de ser clinicos, outros dando nova feição a suas actividades mentaes e affectivas, curando almas com suas obras de esthetica literaria, ou no exercicio do magisterio, no livro, no jornal e em outras fórmas educativas.

Isto assim expresso parece sentença de La Palisse ou conceito de seu descendente mental o Conselheiro Acacio. Mas tem razão de vir aqui, em um *annuario literario*, para de algum modo justificar a critica que, em tempos fizemos á theoria dos expoentes na qual se basêou a maioria dos socios da Academia Brasileira de Letras para fazer o preenchimento das vagas, preferindo illustres medicos clinicos, gynecologistas, operadores, cirurgiões, aos candidatos poetas, verdadeiramente belletristas. Alguns dos escolhidos, vindos das academias medicas, eram provectos, sabios e eloquentes mestres; outros tinham valiosos trabalhos de literatura *medica*.

Cada uma das profissões liberaes tem sua literatura e nenhum livro de sciencia, hoje, dispensa fórma e estylo literarios, na redacção de suas proposições. Entretanto parece-nos que academia de letras é precisamente destinada á belletristas, representada por trabalhos escriptos em verso e prosa, — poemas, novellas, romances e sociologia em geral. Dentro da profissão humanitaria de medico, ha tanto onde a intellectualidade possa orientar-se, sem abusar da phantasia dos poetas ou dos romancistas!... Os romancistas, naturalistas, realistas ou veristas, não invadindo as attribuições dos clinicos, basêam sua esthesia ou sua phantasia nos estudos medico-psychiatricos, na physiologia, e na psychanalyse. Para taes emprehendimentos os medicos estão bem apercebidos com os recursos das muitas sciencias, que, agrupadas, formam a medicina. Quando, sem pretender fazer galardão literario por serem medicos, mas fazendo applicação do seu saber ás letras, se dedicam á literatura, elles se tornam notaveis.

Noutros sectores da mentalidade, bem podem intensificar o progresso humano, no sentido humanitarista como o fizeram os medicos francezes, illustres mestres e illus-

tres escriptores de literatura medica, formando a *Association medicale internacionale contre la guerre,* em cujo *comité d'honneur* se encontram os nomes de Berthelot, Ramon Cajal, Charles Richet, Lannelong, Hayem, Huchard, Roux, Langlois e outros. Essa congregação viveu de 1905 a 1910, sob a direcção do Dr. J. A. Rivière, em Paris.

O magistral trabalho, ao mesmo tempo de sciencia, de letras e de intensa propaganda contra a guerra — *Biologia da Guerra,* é de um notavel medico — Nicolai.

Não vá alguem suppor que, louvando a attitude dos medicos contra a guerra, estejamos a pleitear a intromissão delles na politica. O Dr. Toulouse já creou e propagou, como derivante da *Téchnocracia,* a *Biocracia,* isto é, o governo dos medicos; o estado e a nação, governados por codigos sanitarios, em vez de codigos civis ou constituições.

Por outro lado, não fazendo questão das profissões, Romain Rolland, Barbusse, Eugen Relgis, Nicolai fundaram, ao lado da *Internacional dos trabalhadores esclarecidos,* a *Internacional dos intellectuaes livres,* seguindo a trilha aberta por Flora Tristan, em 1843, com seu livro *L'Union Œuvrière,* e por Victor Considerant, no seu jornal *Democratie Pacifique.*

*
* *

Nós temos actualmente pleiades de medicos, que, fazendo literatura medica e da melhor fórma e do melhor estylo, utilizando-se com perfeição do idioma, constituem-se em mestres da linguagem, embora por vezes abusando da technologia e de gregismos, que dão, além de fóros de saber, muita imponencia ao dizer e muita sybillina expressão ao que se não quer dizer. Vejam-se Clementino Fraga, limpidamente registando suas sabias lições; — Afranio Peixoto ou Julio Afranio, fazendo romances como escreve medicina, e fazendo livros de medicina como commenta a Geographia de Camões; — Pedro Pinto, no laboratorio de Chimica, preleccionando Portuguez; Francisco Prisco escrevendo ensaios de critica como redige exames de alumnos de escolas e faz inspecção medica; Calvino Filho, dirigindo sua empreza editora e fazendo jornalismo no *Mundo Medico*; Jorge de Lima, modernista da *Negra Fulô,* romancista, ensaista e creio que gynecologista, etc., etc.

Seria talvez o caso de dizer que não córa o bisturi de se hombrear com a penna; penna que esculpe, como bisturi, escalpello ou buril; bisturi que faz de estylo, na mão dos medicos.

A gloria literaria é mais tentadora do que a fama de bom medico. Certo general publicou, adaptado, um artigo em que se indagava si — *E' a arte ou o interesse que produz as obras literarias?* Procurei a resposta a esta pergunta. Alguns artistas da palavra escripta produzem para seu gozo intimo sem preoccupação de fama, de gloria, e de lucros pecuniarios. Os artistas da palavra falada ao contrario somente acham encantos no ruido dos applausos, nos triumphos e nas corôas do Capitolio ou na tribuna dos comicios. São raros os literatos que se comprazem com o anonymato e passam a vida como espectadores e serenos juizes das glorificações passageiras ou eternas. Citam Shakespeare, que prestava pouca importancia a suas producções, si essas lhe não davam os lucros esperados, descuidado do aperfeiçoamento da fórma, com que vestia suas idéas. Alma de Shylock!... Tambem Walter Scott era assim, chegando ao extremo de estragar um romance, por accrescentar-lhe mais um volume que encareceria o preço da obra, na venda.

A obra escripta, mesmo sem intuitos de publicidade, satisfaz o artista, como expansão de seu sentir, valvula de segurança para excesso de pressão interior. Os dous *eus,* que formam a personalidade, discutem a obra, sendo a consciencia, esse outro *eu,* o mais exigente critico e o mais severo censor. Hermann Hesse bem caracterizou essa dupla personalidade no seu livro — *O Lobo da esteppe.* Mas a consciencia do proprio merito acha, por vezes, contradicta no publico e então elle prefere á consciencia de seu valor o applauso do publico, dos entendidos e até dos *philisteus.*

Shelley e Byron, desprezando zoilos e incapazes de comprehendel-os, talvez se bastassem a si mesmos. Mas Byron, exhibicionista, preferia a gloria de sua belleza, de seu heroismo e das suas façanhas de libertador, á fama de poeta, porque sabia que o futuro se encarregaria della.

Shelley, esse sim, acorrentado á arte, sómente tinha como preoccupação a arte.

Tanto a arte pura e limpa do conspurco do salario, como o interesse pecuniario e a aspiração á notoriedade se justificam como factores e estimulos da producção literaria. Si apenas o interesse de qualquer especie fosse estimulo de artista, no Brasil poucas obras de arte appareceriam. Que teria sido a magnifica obra social de Castro Alves?

Os medicos, clinicos e professores, vão desinteressados para as letras, pois já trazem garantidos o interesse e a fama, mas querem a gloria, pois que nem sempre a fama é gloria, nem a fama corresponde á ancia da immortalidade, mais facil nas letras do que nas sciencias.

*
* *

Não creia o leitor que, tomando os medicos para estudo, na sua feição de candidatos á gloria literaria, seja nossa intenção oppôr diques á invasão, por elles tentada, nas academias literarias. Seria um entrave, além de perigoso, injusto. Tambem eu *fui* medico e conservo, como tunica de Nessus, o titulo de doutor em medicina... e faço parte da Academia Carioca de Letras...

Certa revista medica franceza edita um supplemento com o titulo suggestivo de *Epidaneo*, a cidade da Argolida, onde havia o celebre templo de Esculapio. E', como o fazia outra revista publicando estudos relativos aos nevrosados na Arte e na Literatura, um repositorio de producções literarias de medicos, tanto em verso como em prosa.

Sem preoccupações de Arte versificatoria, traduzi ao pé da letra os seguintes versos do Dr. Veldin, publicados no *Epidaure*, de Agosto de 1932.

A HORA BEMDITA

Quando a Princeza Melancolia
Seu véu escuro se digna baixar,
E' para mim hora bemdita,
Si a meu lado se vem sentar!!...

Voltado para o poente, inda azul,
Em meu terraço, pleno verão,
Ou, quando vêm dias gelados,
Em meu quarto, junto ao fogão...

A mão me comprimindo, pallida,
Minha companheira não fala;
De seus olhos luz mystica se escôa,
Onde dormem reflexos de opala.

Depois diz-me, ternamente bôa,
Doce voz, em doce lá-menor,
Lindas palavras — côr d'Outomno
Que, c'o coração, aprendo de cór:

"A dôr, esse bello fructo amargo,
Dom do céu, todos devemos temer,
E' digno de lastima, ella affirma,
— Quem passou pela vida sem soffrer."

Repentinamente a doce voz expira
Em ultimo e mui subtil cicio.
Olha-me longamente, bem triste.
Então é que vejo que sorrio.

Jorra um regato, doce, de mel
Pelo intimo de meu ser,
Quando esse olhar me penetra
Como si de encanto fosse perecer.

Ella vae, pouco a pouco, desapparecer,
Se da noite escura caem os véus,
E traça na bruma, em que fluctúa
Meu sonho, — o gesto triste de adeus.

POEMA DOS TRES DESTINOS

Todo homem ou mulher,
todo ser atirado na multidão —
apostolo,
burguez,
decahida,
soldado,
assassino ou heróe —
é tres vezes sagrado,
é tres vezes irmão.

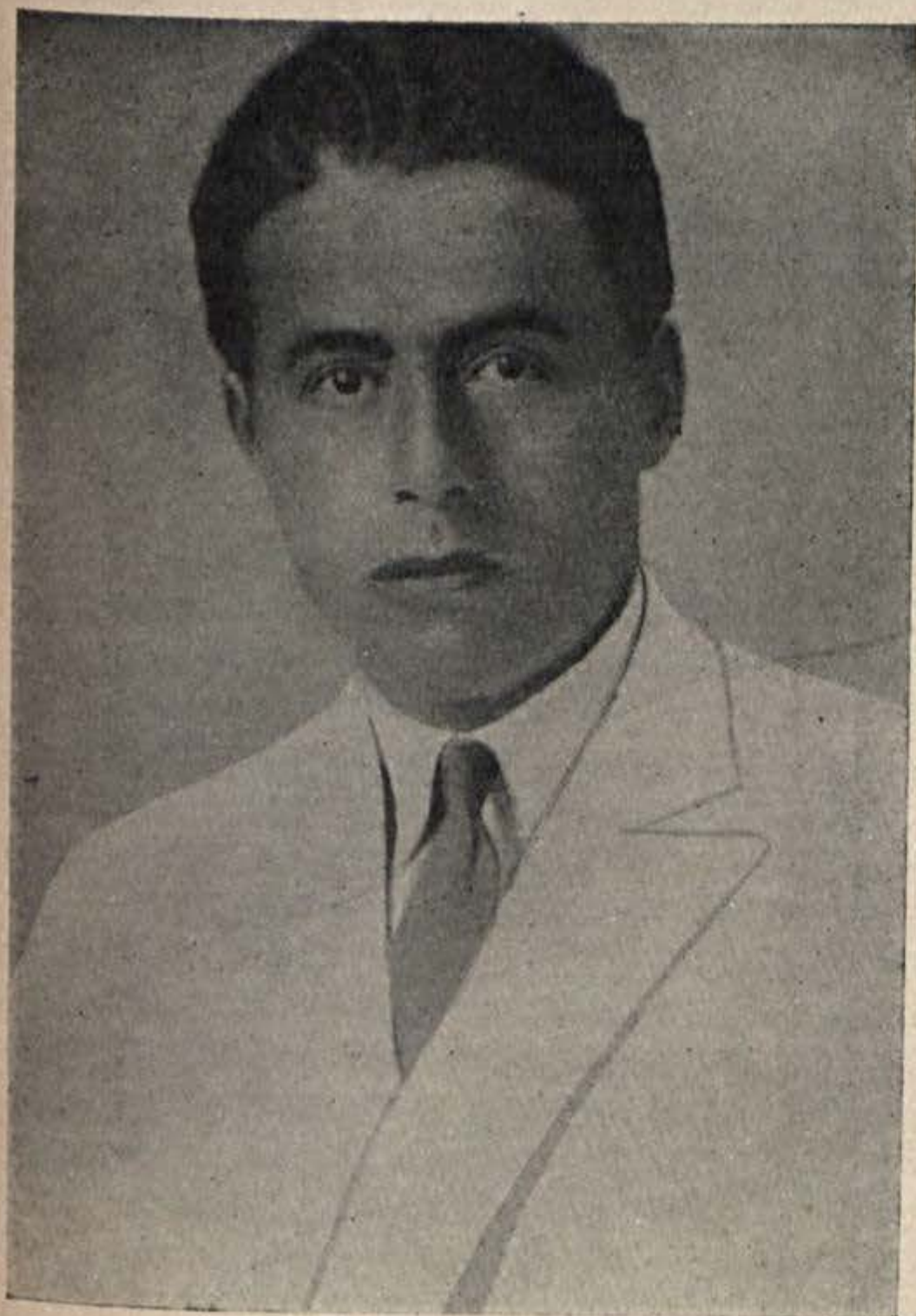
Sagrado — porque foi diáphano um dia...
foi divino;
foi aroma, pureza, esperança, alegria,
canarinho do céo, nuvem de ouro e poesia,
riso novo da luz — berço pequenino.

Sagrado porque um dia, certo,
com o coração a gorgeiar, jocundo,
foi um nauta assombrado enchendo quasi o mundo
com um mundo descoberto...
e foi fervor e cantico,
foi rosado fulgor
quando, puro e feliz como um clarim romantico,
vibrou alto com o amor!

Sagrado e irmão emfim, sagrado — porque um dia,
de pés hirtos,
gelado,
despregado da cruz,
Deus o fará viajar entre ondas longas de silencio e luz...
Sagrado, porque um dia,
num bote em negro e oiro apagado e sem mastros,
rumo a um farol lunar,
vogará mudo e só entre torrentes de astros
para voltar ou para naufragar.

MURILLO ARAUJO

"Gado Humano"

Carlos Chiacchio

Nestor Duarte

Nestor Duarte não é um desconhecido em nossas letras. Antes do *"Direito, noção e norma,* havia militado na imprensa. O *Diario da Bahia* guarda-lhe mostras combativas do ardoroso temperamento. Veio a politica e aproveitou-lhe os dons da phrase, moldada em typos concisos de expressão. A politica, em geral, infla, engorda, hipertrophia o estylo dos homens. Em Nestor Duarte o phenomeno não se observa com a mesma frequencia. E' que estylizando a politica, não perdeu os seus dotes de estylo. Ficou de chamma em pé contra às rajadas das paixões, que desdenham o sentimento esthetico dos periodos breves, das idéas claras, dos conceitos exactos. O literato não se deixou vencer pelo politico. Eis a razão de em plena vida politica apparecer com um romance absolutamente original. Original, primeiro, pela fórma, segundo, pela substancia. E' a sua verdadeira estréa.

*
* *

Não chego a pensar, com o proprio autor de *Gado humano,* que o seu romance é o dos que não têm romance. Tampouco estou de conformidade com os que dizem não passar-se nada neste romance, que não é um romance. Crea-se com a graça literaria desses paradoxos a illusão de que a originalidade de *Gado humano* está no facto excepcional de haver escripto o autor uma obra de intenção marcadamente narrativa e impressionista, planejada em capitulos, desenvolvida no tempo e no espaço, com as suas scenas, os seus typos, as suas entrosagens, tudo bem recortado, delineado, debuxado, ora reflexivo, ou sentencioso, ora sentimental, ou impassivel, e não haja feito em romance, ou tenha apenas feito um arcabouço exterior sem a flamma caracteristica da verdadeira arte do romance. Não. O que ha em *Gado humano* é a originalidade da forma schematica que, ao invez de lhe restringir o campo da imaginação creadora, lhe augmenta as possibilidades de suggerir para cada capitulo um novo capitulo, para cada fragmento de romance um novo romance, que nessa logica da associação dos sentimentos se funda a technica individualissima de Nestor Duarte. A attitude de seu espirito deante da natureza das coisas e dos seres englobados em *Gado humano* é mesmo constante interrogativa. Aqui exclama Angelo: — "Para que ficar parado?" Alli, outra duvida: — "Que vae fazer você?" E o proprio autor, ao termi-

nar o romance, commenta e interroga: "E' que ainda não começara outra historia... E que iria acontecer agora?"

*

* *

O certo é que em *Gado humano* acontece muita coisa. Apenas o escriptor não se demora, não se centraliza, não se petrifica na descripção de coisa por coisa, até coisinhas. Vae de marcha batida, a golpes vibrantes de syntheses, através de todo o mundo singular de sua concepção. Esta, comquanto condicionada á existencia de uma fazenda, onde se move o drama das personagens, representa o martyrio da gleba sertaneja em lucta com o esplendor da civilização litoranea. Os aspectos dessa lucta desigual, que promette continuar indefinida, ao que parece, Nestor Duarte os surprehende de um modo que não sei de romancista que já o fizesse melhor. *Gado humano* é o clamor do sertão contra o mar. Lembra o pensamento de Ruy, quando o quiz erguer para as reivindicações civis. Nestor Duarte pinta em cores magistraes de estylo esses contrastes da nossa sociologia indigena, traçando em topicos da mais empolgante unidade interior os quadros da vida rural em fluxos e refluxos de primaveras floridas e soalheiras desolantes. E' ver de como, obedecendo ao rythmo espontaneo das suas observações, sempre acompanhadas do espirito analytico, fixa o panorama deserto dessas terras e dessas gentes, que se equiparam, nas mesmas alternativas de grandeza e miseria de heroismo e inferioridade, de intrepidez e abandono, de resistencia e dsfallecimento. Veja-se, para exemplo do poder plastico da linguagem de Nestor Duarte, no seu *Gado humano*, esse bocado que lhe define as directrizes thematicas: — "Para que? Faz até vergonha eu dizer que estou trabalhando. A enxada pesava-lhe nas mãos e a terra era ingrata ao seu esforço infeliz. Parava a todo instante. Pereira nem olhava para os seus lados para fingir que não via. Deixava-o no matto ralo e curto por ser mais tenro ao golpe da capinação. Emquanto, porém, a turma subia rapida a enxada no terreno ingreme, Clarindo ficava lá embaixo derrotado pela canseira. Junto a elle permanecia apenas um filho pequeno, guardando a cabaça dagua, quieto e encolhido horas intieras, segurando as pernas dobradas, onde o queixo se enterrava, a enxotar, num gesto mole, os mosquitos que teimavam em lhe pousar nos olhos, nas ventas humidas e na bocca somnolenta. Cansado, pedia, ás vezes: — Pae, vamos embora."

*

* *

Figuras centraes, bem as tem *Gado humano*. Angelo e Maria Candida, os dois "cumplices da manhã sensual e lyrica". Dentre os multiplos typos, que passam e repassam, em cosmorama, pela narrativa vibratil de Nestor, são, estes, os mais sympathicos. Nem por isso, o romancista lhes dá maior relevo que aos outros. Os seus amores, com as paisagens que os emolduram, são tratados com o vigor das palhetadas mestras. Em dois traços coloridos, um idyllio. Em um rapido angulo de pagina, um beijo. E, ainda assim, frustrado. O interessante é que (mais uma particularidade) os typos lhe sahem de preferencia interpretados, antes que descriptos. Veja-se o Angelo: "Sua vida, aliás, não comportava uma introspecção profunda. Elle mesmo não a analysava, nem a attingia. Quando ensimesmado, procurava rever-se e descia ás escavações mais baixas do seu ser, tinha a impressão de incertezas, de coisas indefinidas, que lhe enchiam a cabeça de perplexidades e de cismas, mas ficava nisso. Resumia então um julgamento de sua propria indole — ás vezes tinha certeza de que era um animal revesso, com uma sina sombria. Ao voltar, porém, os olhos á luz de fóra, ao mundo externo que não convidava á analyse, nem á cisma, perdia satisfeito o curso das indagações intimas, e facil como um passaro moço, via em si, na vida, no seu destino, movimento, acção, impulsos, que o optimismo momentaneo punha a frente para a realização, sem precisar de logica, de previas resoluções, de maiores exames. — Para que ficar parado?" E' a psychologia de um typo egresso do collegio, com alguma cultura e perdido entre as brutezas esmagadoras dos eitos e dos ermos montanheses.

*

* *

Angelo, como o porta-voz dos sentimentos da gleba abandonada, encarna a revolta dos opprimidos do sertão: — "Qual sertão! Isso é um outro paiz alheio ao da banda de lá. — Pois nós descemos até elles... E Angelo repentino, com o olhar ensombrado: — Até porque estão nos chamando, eu sinto." Este chamamento existe no clangor das justiças humanas. As cidades vivem dos sertões. Os sertões querem viver das cidades. Mas, por desgraça lhes falta o sentido da vida unanime. Nestor Duarte fixou em paginas de grande merito impressionista a deficiencia secular deste sentido. Fez, portanto um livro symbolico, representativo, typico das nossas condições sociaes de incomprehendidos e isolados, luctando pela mesma vida e pelo mesmo ideal, que se continuam, numa eterna disparidade.

*

* *

Uma das flagrancias mais tragicas de *Gado humano*, que afinal todo elle é tragedia da vida sertaneja, está naquella pagina titulada de — "ao sopro do vento": "Que annunciava aquelle vento, que entrava em casa como um mensageiro apressado? Nada." E' o ponto rico de poesia entre as realidades ambientes: "Fecha essa porta; ordenou alguem. O vento, entretanto, mais prompto do que a propria ordem, fechou não só uma, como bateu todas as portas num estrepito insolente. Depois correu pela fazenda, agitou a copa das arvores assustadas, rebolou-se no capinzal e caiu nos terreiros dos agregados numa espiral vertiginosa de poeira." Tem-se a impressão exacta dos rodilhões de vento nas estancias do sertão. Nestor Duarte, aliás, em toda a obra, requinta no esmero das impressões exactas, nitidas, concisas. E' uma vantagem rara poder alguem, em trabalhos de ficção, realizar o sonho como medida da realidade. Dar aos aspectos exteriores a caracteristica que lhes defina o logico sentido fundamental. Aqui é que devo concluir pelo exito completo de uma obra, que reune, a um tempo, a paisagem e o homem, o drama e o scenario, a alma e o corpo de um Brasil inexplorado em sua sensibilidade cabocla e rude. Dos livros novos que nos interpretam essa inexgotavel mina literaria, não ha negar, sem grave injustiça, um posto de relevo a *Gado humano*, de Nestor Duarte. Uma estréa, que é uma revelação.

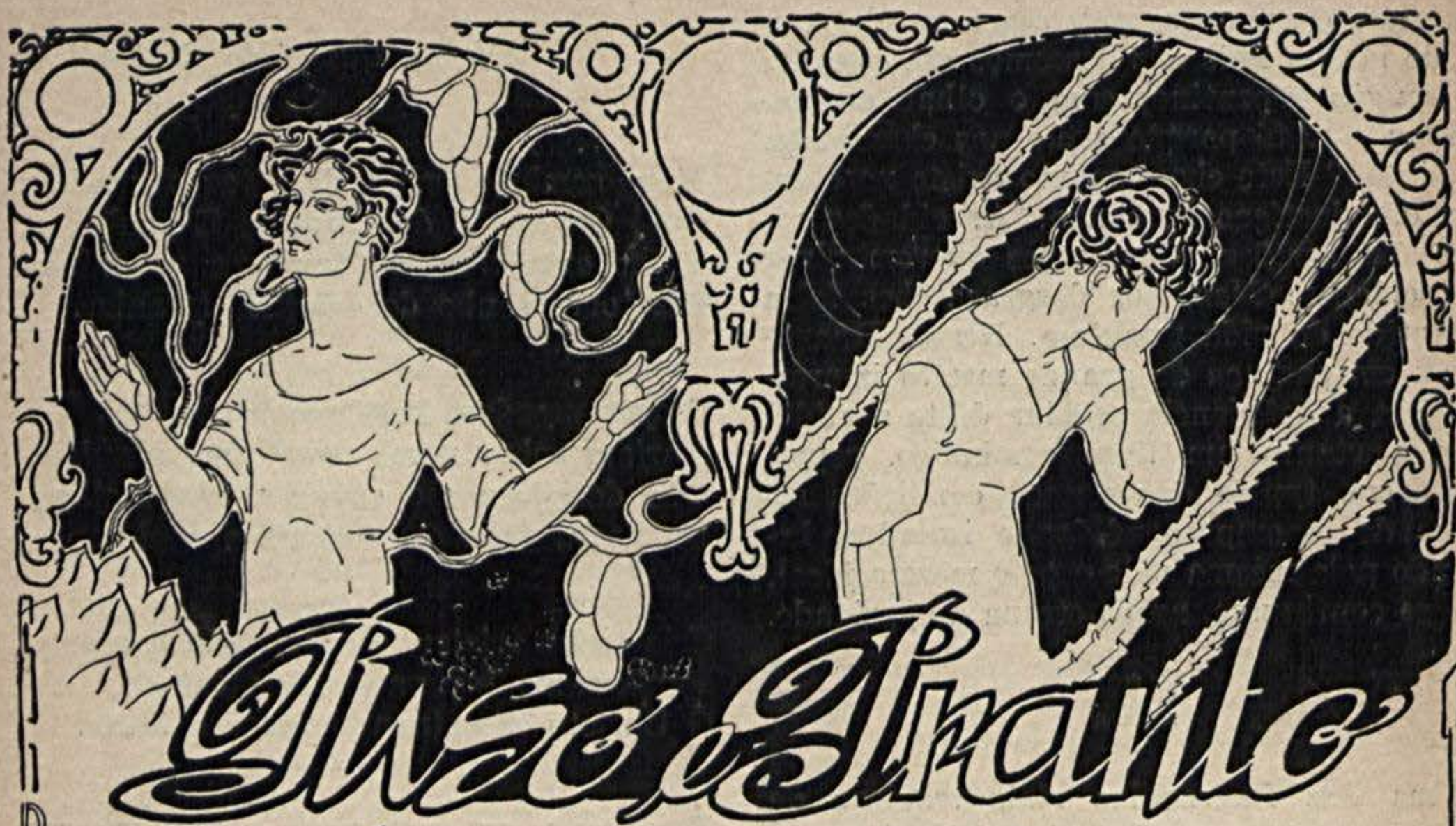
IN MORTE, LIBERTAS

Alfredo Cumplido de Sant'Anna

Num sombrio salão de altas muralhas,
Qual Carlos V, da lendaria Espanha,
Vi-me envolvido em funebres mortalhas,
Em torvo sonho de emoção estranha.

Crepes pesados, lúgubres toalhas
Abriam sobre mim, como uma aranha
Que desejasse me envolver nas malhas
Da negra teia, em tenebrosa sanha.

Seis cirios tristes, contornando a eça,
Punham-me luz na pallida cabeça,
O Christo illuminando sobre o altar.

Emquanto, em fuga para o azul ethereo,
A alma deixando o envolucro funereo,
Estrella fria, scintillava no ar!

Riso e Pranto
Poema de PAULO GUSTAVO
ILUSTRADO por DANIEL
Quando fui para o amor, um amigo dizia
Que eu seria feliz, que era o amor sempre lindo
E, inda mesmo que, acaso êle findasse um dia,
Mesmo assim, ao voltar eu viria sorrindo
Outro amigo, porém, um outro me afirmou
Que o amor traz ilusões e promessas em bando,
Mas só nos deixa a dôr... E, com pena, avisou:
Vai, se queres... No entanto, has de voltar chorando!
Crendo só no primeiro, encantado, fui indo
Aos embalos do amor, sob o doce comando.
Fui feliz! E, por isso, é que voltei sorrindo!
Sofri tanto! Por isso é que voltei chorando!
Encontrei o primeiro e indagou:—"Não é mesmo
Feliz o amor?" E eu disse:—"É um doloroso encanto!"
E ao outro, que chorou, ao ver-me andando a êsmo,
Eu sorri e lhe disse.—"Afinal, dói tanto!"
Não podia acusar a nenhum porque é certo
Que, a respeito de amor, ambos tinham razão.
A ventura nos traz, porém da dôr tão perto
Que não passa de um sonho encantador e vão!

Elogio de Machiavel

Fernando Segismundo

Descendente de familia importante, cujas origens parecem remontar ao IX seculo, embora elle proprio se proclame de "infima condição", Nicolau Machiavel nasceu a 3 de Maio de 1469, em Florença, uma das mais prosperas Republicas da Italia renascentista. Tudo nos leva a crer que seus paes — os Machiavegli (primitiva ortographia do nome) — possuiam regular fortuna, pois deram-lhe, ainda muito jovem, para professor o erudito Virgilio Adriano, literato de grande nomeada, que o aprofundou nas subtilezas da lingua italiana e a quem deveu o gosto pelos estudos classicos. Como a progenitora, Bartoloméa Nelli, poetisa de regular inspiração, Machiavel, adolescente, compoz versos amorosos, datando dahi, por certo, *I Capitoli*, poemas lyricos, onde elle, a exemplo de outros mancebos de então, imitou Dante, sem apreciaveis resultados.

Seus conhecimentos do grego e do latim, a invulgar cultura historica adquirida directamente nas fontes mais autorizadas e, sobretudo, a sua natural inclinação para a politica, fizeram delle, aos 29 annos, chanceller do "Conselho dos Senhores", organização através da qual os nobres governavam a cidade. Nesse mistér, durante 15 annos (1498-1513), emprehendeu numerosas viagens pelas Republicas vizinhas, indo até á França, e foi, sem duvida, durante o contacto permanente e obrigatorio com côrtes refinadas, onde não faltavam finos diplomatas, artistas de elevado merito e mulheres de todas as bellezas, que a sua intelligencia se desenvolveu e aprimorou.

Redigindo toda a correspondencia diplomatica da Republica, intervindo pessoalmente nos accordos entre Florença e os Estados proximos, viajando sempre, Machiavel teve opportunidade de penetrar no intimo das maiores individualidades de seu tempo, tornando-se um habil e seguro psychologo, quiçá o maior conhecedor da feição politica da Renascença. *Legações* — a obra que nos deixou desse periodo de incansaveis e importantissimas actividades — ora tratando com reis e *condottieri*, ora vivendo entre a oração e o punhal, a lisonja e o veneno — é a prova do tacto, da finura, dos singulares dotes de observação que teve de desenvolver para tratar com os mais abjectos trahidores, em ambientes de falsidade, onde o caracter e a virtude eram acções de baixo merito e, até mesmo, desconhecidas. E' por isso que as suas obras estão fartamente impregnadas de todos os vicios da época, e elle proprio é eloquente attestado de corrupção e hypocrisia. Os seus retratos apresentam-no magro, fronte estreita, olhar duro e frio, physionomia severa; outras vezes revelam-no ingenuo, timido, incapaz de uma attitude energica, decisiva. Incontestavelmente, ou elle ou os seus pintores já eram machiavelicos...

Apezar de todas as suas extraordinarias possibilidades e embora sob o modesto titulo de secretario "governasse realmente a Republica florentina" — como bem assignalou Larousse, — nunca Machiavel conseguiu passar de official de Legação, e, emquanto outros menos capazes eram elevados a embaixadores, a maior missão que lhe confiaram desempenhou-a no caracter de enviado especial do Conselho. Ao desespero destas preterições e injustiças veio juntar-se a retomada do poder pelos Medicis, aos quaes combatia. Preso, torturado, banido por um anno e, afinal, expatriado Machiavel vae para San Casciano (Outubro de 1513), onde, sem recursos, mal alimentado e doente, tem ainda animo para lêr Dante, Petrarca, Ovidio e escrever as obras que o immortalizaram. De San Casciano só sahirá quasi 14 annos após, quando, morto Lourenço de Medicis, Leão X — que já o amnistiara — o incumbe de varias missões, entre ellas a de organizar a armada que as cidades italianas deverão oppôr á investida de Carlos V. Não pôde, todavia, assistir ao desfecho da lucta: em 1527, quando Roma era invadida e saqueada, e as Republicas, de ordinario hostis e agora irmanadas ante o perigo commum, empregavam todos os esforços contra o invasor, Machiavel desapparecia aos 58 annos de edade, deixando a familia na miseria.

São dispares as versões sobre a sua morte: ha quem acredite que tenha sido envenenado e ha quem pense que foi o desgosto que o victimou, ao saber que fôra indicado para o seu antigo cargo, prestes a ser occupado por elle, de novo, Gianotti, uma mediocridade comparada ao seu talento. A razão parece assistir ao seu filho Pedro que, no mesmo dia do acontecimento (22 de Junho) escreve a um amigo dizendo que seu pae morrera de "dôres nas entranhas", provavelmente intoxicado com algum ingrediente ingerido para a cura.

Machiavel e as suas obras permaneceram na obscuridade, mesmo em sua patria, até 1787, data em que Lord Nassau Clavering lhe mandou erigir um monumento em Florença com a seguinte inscripção: *Tanto nomini nullum par elogium: Nicolas Machiavelli obiit A.P.V. MDXXVII.* Quasi um seculo depois desta homenagem, o governo italiano collocou, no centenario de seu nascimento, uma placa na casa onde nasceu, com estes dizeres, entre outros: "A Machiavel, precursor audacioso e inspirado da unidade italiana". Hoje, não existe no mundo civilizado quem lhe não conheça os livros e lhe não acceite ou repita as theorias, reconhecendo nelle, porém, com igual admiração, um dos maiores escriptores que a Italia legou á humanidade.

De seus livros — *O Principe* (1515), *Discursos sobre Tito Livio* (1516), *Tratado da arte e da guerra* (1521), *Tratado das emigrações dos povos septentrionaes* (1522), *Historias florentinas* (1525) e outros que lhe são attribuidos: *O asno de ouro, A vida de Castrucio Castracani,* etc. — nenhum alcançou a fama do primeiro. A origem delle é triste; nella vamos encontrar Machiavel exilado, dirigindo as mais humildes supplicas a Julião de Medicis — a quem dedica *O Principe* "como obra indigna de lhe ser offerecida" — e a Lourenço, "bom pae", que, succedendo áquelle, teve-o proposto como penhor de obediencia para "vel-o chegar á culminancia que a fortuna e suas qualidades pessoaes lhe promettem."

O Principe — nome attribuido á sua mais celebre obra por um erro ainda não explicado, pois a denominação dada pelo seu autor deve ter sido *Opusculo dos principados* ou, simplesmente, *Do principado* — acarretou ao florentino expressões levianas, deshonestas e injuriosas em todos os seculos. Devido a elle, a memoria de Machiavel vive num "anathema injusto" (Larousse). Cantú empresta ao seu autor a "frieza de um algebrista" e chama-lhe "o escandalo da literatura christã". Zweig, ao classifical-o como "um dos livros mais importantes e audazes da historia, verdadeiro tratado de arithmetica politica", proclama Nicolau de "cruel e perscipaz".

Melhor pensando, chega-se á conclusão de que *O Principe* é profundamente humano e só temos que nos orgulhar de seus conceitos. Elle reflecte, genialmente, uma época, definindo-a e caracterizando-a sem artificios, tal qual foi. E Cantú, embora se contradiga, parece sentir isto quando escreve: "A perfidia e a traição eram coisas de uso ordinario. A politica era a sciencia dos direitos dos principes: ella se baseava nos factos, na experiencia; era a arte de dominar decentemente, ou não, e de se manter a todo o custo. A habilidade do chefe de um Estado não consistia em affrontar o perigo, porém em fazer cair nelle o seu inimigo; em perseverar em seus odios, mas em os dissimular; em fazer exprimir ao semblante o contrario dos sentimentos do

coração; em disfarçar com palavras doces os mais atrozes designios. Machiavel limita-se a expor essas praticas como coisas naturaes, sem empregar paixão." Não foi elle o "inventor da arte que recebeu o seu nome", agindo, antes, como os "chimicos que ensinam o emprego dos venenos e dos abortivos, não lhes competindo, entretanto, decidir si convém ou não se servir delles."

Sustenta-se que *O Principe* é o resultado do convivio que Machiavel manteve, durante mezes, com Cesar Borgia, quando o filho de Alexandre VI se dispunha a invadir Florença e elle foi incumbido de negociar a paz. A hypothese é muito provavel, embora nos custe acceitar o duque de Valentinois como modelo exclusivo. Combinado, porém, a outros factores, já apontados, não resta duvida que Machiavel soube escolher, magnificamente, o typo do principe capaz, segundo os seus ardentes desejos patrioticos, de unificar a Italia, pela ordem ou pela violencia.

Em recente estudo sobre Erasmo, Zweig exalta a excellencia das idéas deste, affirmando que Machiavel "entende a politica como sciencia amoral e independente, que tem pouca relação com ethica, como a astronomia e a geometria". Não se trata, todavia, esclarece A. Petit, de averiguar-se si a ethica é ou não moral: deve-se, antes, levar em conta a psychologia do ambiente onde o florentino passou os seus dias. E Hearshnow, após convencer-se, como Machiavel, de que "a força e a fraude, a violencia e o engano, o terrorismo e a perfidia são legitimos instrumentos de governo", lembra que foi o proprio autor de *O Principe* o primeiro a expor que "a politica está divorciada da ethica, que a virtude é coisa completamente differente da virtude publica, e que tratando-se de assumptos publicos e nacionaes o fim justifica os meios."

E' extranha, aliás, a defesa que o escriptor austriaco faz de Erasmo, porquanto o autor do *Elogio da Loucura* é, ha muito, considerado legitima gloria do machiavelismo, como o são Felippe II, Cromwell, Luiz XIV, Frederico o Grande, Napoleão, Bismark e tantos outros.

Erasmo, mestre na ironia, mordaz e comico é, incontestavelmente, uma das maiores celebrações de todos os tempos; dahi, porém, a quasi santifical-o medeia distancia abysmal. Sacerdote na infancia, preceptor de bispos, frequentador das mais brilhantes côrtes, humanista de escol, elle deve sua celebridade não só a esses attributos, mas, tambem, ás rudes satyras com que ridicularizou o clero e todas as instituições sociaes, emquanto lisonjeava os poderosos — Julio II, Henrique VIII, Carlos V. Não foi, portanto, um modelo de virtude.

Que é, afinal, *O Principe?* E' uma obra "interessante pela verdade dos argumentos e pela gravidade do thema", no dizer do proprio autor; uma collecção de conselhos uteis a quem precisa viver no meio de homens; um livro despido de "palavras empoladas e rutilantes ou qualquer outro melhoramento ou effeito extrinseco"; um repositorio de verdades causticantes, adquiridas á custa de "fadigas e perigos"; é, emfim, leitura diaria, indispensavel que conduz á gloria ou á derrota, á paixão ou á ira. Nelle se aconselha a "acommodar-se aos tempos que correm"; a "exterminar as familias poderosas para não inspirarem temor"; a "humilhar e debilitar os que têm poder"; a "não se ajudar alguem sob risco de perder-se a si mesmo"; a "arruinar e destruir cidades"; a "vencer pela força ou pela astucia"; a "ser severo e agradavel, magnanimo e liberal"; a "gastar-se os bens alheios, a opprimir o povo e distrail-o com festas e espectaculos". *O Principe* é um livro de valia excepcional, a propria vida de hontem, de hoje e de amanhã plasmada nua, dolorosa, execravelmente.

NO HOSPITAL

Minha dor é um abysmo onde o tempo parou.
Tenho a horrenda impressão phantastica que estou

Em um mundo em que não existe a successão.
A força de soffrer impoz-se-me a illusão

Que este martyrio meu de tão esmagador
Não póde ser menor nem póde ser maior,

Nem ha nada maior nas grandezas fataes.
Ha tres horas, porém, eu soffro ainda mais:

Vieste me visitar no leito do hospital.
Tu, que foste na vida o meu supremo ideal,

E vendo o meu amor, atroz, me escarnecias,
Por que vens lastimar as minhas agonias?

Tu que, amada e cruel, tu que sem coração
Assistias zombando á minha humilhação,

E augmentavas brincando e rindo a minha magua,
Tu me vens visitar com os olhos rasos d'agua?!

Tu, que o meu soffrimento olhavas com vaidade,
Tu, perversa mulher, agora tens piedade,

E me afagas com a mão o rosto torturado?!!
— Só agora é que eu sei como sou desgraçado.

Ary de Mesquita

Dois Deputados

Otto Prazeres
(Secretario da Presidencia da Camara Federal)

Os Drs. Feliciano e Prudencio, que ha muito tempo militavam na politica de um grande Estado central, tiveram, emfim, a realização dos sonhos que ha muito lhes enfumaçavam os cerebros e foram eleitos para a Camara dos Deputados Federaes.

Chegaram ao Rio de Janeiro radiantes e, logo depois de reconhecidos, entregaram-se de corpo e alma ás suas tarefas.

O Dr. Feliciano, que já tinha sido juiz na sua terra e revelara fundos conhecimentos juridicos, bem servidos por uma solida moral — foi eleito para a Commissão de Constituição e Justiça e destacou-se desde logo dos seus pares pelos luminosos pareceres que lavrou e o brilhantismo com que verbalmente os sustentou perante a Commissão e, mais tarde, no plenario.

Tendo preparo, talento e capacidade de trabalho, foi elle monopolizado pelo *leader* da maioria, que o consultava sempre nas situações difficeis e o incumbia a todo momento da elaboração de projectos de leis de que tinha necessidade o governo da Republica, em bem do Estado.

Dentro de pouco tempo, o Dr. Feliciano não possuia um minuto seu que não fôsse dedicado á causa publica, que elle defendia com sabias medidas, tornando-se um deputado notavel e justamente admirado de seus collegas. Mais de um projecto de sua lavra tinha salvado o Thesouro Publico de ataques de milhares de contos de réis, o que lhe valera a honrosa alcunha de *goal keeper* do erario.

Todo o tempo do grande deputado era empregado no serviço publico, pouco lhe restando para passeios com a familia.

Os seus interesses no Estado foram inteiramente abandonados, porque elle não tinha tempo siquer para escrever com regularidade para os seus amigos e conhecidos. A sua banca de advogado, aliás muito rendosa antes da sua eleição para deputado, foi inteiramente esquecida e os clientes desappareceram completamente.

Nunca mais o Dr. Feliciano pôde estar em contacto epistolar com os cabos eleitoraes que o tinham ajudado com vantagem decisiva no pleito e deixou, mesmo, de executar algumas encommendas que delles recebera e de solicitar algumas nomeações que lhe foram pedidas.

O serviço do Estado absorvia-o inteiramente: o Dr. Feliciano realizava positivamente a ficção — era um deputado que defendia a Nação, um deputado nacional e não um pugnador de pequenos interesses locaes.

Inteiramente diverso era o Dr. Prudencio.

Bacharel formado, mas de poucas letras, possuia, no entretanto, uma grande sagacidade que empregava sempre em favor dos seus eleitores, sendo o resultado final em seu proveito.

Talvez em virtude das suas poucas le-

tras, deram-lhe um logar na Commissão de Redacção de Leis, uma especie de condecoração parlamentar muito em uso em varias assembléas politicas.

— Ao Dr. Feliciano, dizia o nosso homem, pedem para fazer leis. A mim é justamente o contrario: eu só encontro eleitores que me pedem para desfazer as leis, ou para ser contra as leis e eu prefiro agir desse modo, porque o eleitorado é quem me elege...

E accrescentava:

— Eu voto sempre pelas emendas que os ministros me pedem e approvo todos os projectos que elles apoiam; mas, em compensação, elles fazem sempre tudo quanto eu lhes solicito contra o regulamento. Si elles recalcitram, eu observo logo com energia: Ora, é muito boa! Si o que eu peço fôsse de accordo com o regulamento, o senhor não me faria favor algum. O favor está justamente em me fazer, ou fazer em favor de um amigo meu, aquillo que é contrario ao regulamento. Eu fiz mais do que isto a seu favor, porque votei emendas e projectos que eram contrarios á Constituição! E é o senhor que me vem allegar que é contra o regulamento?! Fique sabendo que contra o meu eleitorado não ha regulamento!

E, effectivamente, assim era.

O Dr. Prudencio pouco frequentava a Camara e só comparecia quando tinha interesse eleitoral em qualquer projecto ou este dizia respeito a cousas de um Ministerio qualquer.

Em compensação, era assiduo frequentador de todos os gabinetes e ante-salas dos ministros, sempre pedindo empregos e despachos, mais ou menos dentro da theoria que acima salientamos.

Parte das manhãs era empregada na execução de encommendas que recebia dos seus amigos do Estado: ora a compra de um enxoval para uma noiva, ora um frasco de um remedio que se annunciava milagroso, ora um terno de roupa feita, ora um chapéo de sol, meias, etc., etc.

O Dr. Prudencio era um perfeito e activo commissario do seu eleitorado e, certa vez, encontrei-o muito atrapalhado a escolher uma cinta de borracha para a senhora de um cabo eleitoral, a qual tinha engordado muito ultimamente e desejava conter as suas banhas dentro de uma prisão de seda e gomma elastica...

Dissemos acima que o Dr. Prudencio não frequentava a Camara com assiduidade; mas, é preciso distinguir, porquanto elle não ia muito ás sessões, porque estas se realizam justamente quando funccionam os Ministerios. Ao edificio da referida casa do Congresso Nacional ia elle quasi todos os dias pela manhã, fazer a sua profusa correspondencia em papel timbrado e dizia sempre para o continuo:

— Você não imagina a alegria do eleitor quando recebe uma carta com o papel timbrado da Camara! E' uma alegria immensa! A missiva é mostrada á familia, aos amigos, aos simples conhecidos e é depois guardada entre os papeis mais preciosos. E' por isto que eu venho fazer aqui a minha correspondencia.

Chegou-se ao fim da legislatura e tanto Feliciano como Prudencio foram incluidos na chapa situacionista e reeleitos. Ambos continuaram na vida que tinham mantido na legislatura anterior: o Dr. Feliciano inteiramente dedicado á causa publica e prestando serviços inestimaveis ao Estado; e o Dr. Prudencio tudo fazendo em favor do seu eleitorado.

Assim se passaram mais tres annos. No momento da renovação do mandato, tendo o Estado novo presidente, precisou contentar na chapa parentes e amigos mais chegados e tanto Feliciano como Prudencio foram excluidos. Resolveram, porém, manter as suas candidaturas como avulsos, cada qual fiado no seu procedimento anterior.

E o resultado do pleito foi o seguinte: o Dr. Prudencio (eleito) 27.437 votos; o Dr. Feliciano (15.º logar num districto de cinco deputados) 567 votos.

E ao saber deste resultado, o Dr. Prudencio commentou:

— Eu sempre disse que este Dr. Feliciano não dá para deputado!...

A Linguagem de RUY

PUREZA E EXTRAORDINARIA OPULENCIA VERNACULAR

A. Tenorio D'Albuquerque

Nenhum escriptor de nossa lingua teve vocabulario mais opulento, linguagem mais sumptuosa, garniu em tanta maneira a phrase, aformoseou tanto os periodos, quanto Ruy Barbosa. Foi um prodigioso artifice da palavra, quer escripta, quer oral, a maravilhar-nos com a sua genialidade impar.

A Ruy Barbosa, nenhum escriptor do nosso idioma se lhe avantajou no esplendor lexico, na abundancia vocabular, nem no escorreito da fórma, na pureza inexcedivel, no classicismo immaculo de suas phrases. As producções de Ruy Barbosa tinham um cunho personalissimo, eram inconfundiveis, traziam inobscurecivel sabor classico, denotando leitura farta de bons modelos, dos esteios indemoliveis de nossa lingua.

O immortal mestre ia esmerilhar no manancial opimo dos classicos phrases primorosas com que aformoseava as suas paginas refulgentes. Escaphandrizava-se e ia ao recesso profundo para arrepanhar joias de alta valia, que engastava nos seus periodos, que offereciam bellezas sem par, tresdobrados motivos para admiração. Elle se escrupulizava na linguagem, não a turvejava com estrangeirices, não a denegria com solecismos torpes, não a enegrajava com construcções espurias, adversas aos nossos preceitos grammaticaes, attentatorias aos canones syntaticos da lingua portugueza.

De uma feracidade miraculosa, foi extraordinaria, a productividade de Ruy Barbosa. Elle enricou a nossa literatura com milentas paginas que são joias ophirinas, de valor inimaginavel. Em todas ellas, sente-se o escriptor que preza a sua lingua, que a cultua como um fanatico, que se adentrou proficuamente na leitura dos classicos. As suas paginas são modelares, seja pela pureza adamantina da linguagem, seja pela elegancia, pela brilhantez personalissima com que revestia os seus pensamentos.

Dos escriptores de nossa lingua do seculo XIX que attingiram o actual, nenhum sobrepujou a Ruy Barbosa, nenhum o igualou, a todos elle excedeu, ou fosse pelo classicismo da linguagem, ou pelo esplendor de sua riqueza vocabular ou pela sua incrivel fertilidade.

Que de vezes, fito a fito com uma pagina ruyana, não nos extasiamos e nos quedamos attonitos, estarrecidos com a prodigalidade de bellezas, qual e qual mais a exigir-nos phrases admirativas!

Inexplicavelmente, posto enthesoure riquezas de valimento incalculavel, a linguagem do grande genio brasileiro ainda não foi estudada como era mister. De tal modo se deslumbram os que lêm a Ruy Barbosa que não ha como vencer o extase e commentar-lhe a sumptuosidade da linguagem, que nos leva a pensar na exuberancia de nossas florestas vicejantes no esplendor magico do seu tropicalismo irrivalizavel.

Ainda que de sobejo souberamos que o emprehendimento, de muito, sobrepassava as nossas forças, dispuzemo-nos a, tanto quanto nos fosse permissivel, estudar o vo-

cabulario de Ruy Barbosa, cuja insuperabilidade é notoria. Com pertinacia, numa sequencia de horas e horas por dia, sem que nunca jamais se nos apequenitasse a tenacidade ou sentiramos mingoar-nos o animo, fomos enceleirando notulas, colligindo apontamentos, amontanhando observações. CONSEGUIMOS REUNIR PASSANTE DE DOIS MIL VOCABULOS EMPREGADOS PELO EXIMIO ESCRIPTOR BAHIANO AINDA NÃO DICCIONARIADOS. Grande foi a arrepanha, quando se considera a sua contribuição para os nossos lexicos; talvez escassa si julgarmos que ainda é assaz elevada a quantidade sobejante para arrecadar.

E' uma parquissima contribuição para o muito que se póde estudar na obra grandiosa de Ruy Barbosa. Foi um trabalho paciente, minudencioso, feito com objectivo patriotico de homenagear o luminar de nossas letras. Abordoei-me no meu patriotismo, animei-me na minha acendrada admiração pelo Mestre, amparei-me na minha illinde força de vontade e, persistente, tenaz, sem entibiar-me jamais, prosegui o meu roteiro. Affrontei um sem numero de difficuldades, esbarrondei-as e continuei. Entre os obstaculos de maior tomo, deparou-se-me a obtenção de certos livros de Ruy Barbosa, que se tornaram raros e alguns rarissimos, e a minha carencia de recursos, de vez que era compellido a trabalhar para manter-me, mourejando no jornalismo.

Não quero futurar como os criticos consciencioso, os criticastros descriteriosos e os critiqueiros inconscientes vão apreciar o meu trabalho. Antecipo os meus agradecimentos ás referencias dos primeiros e dispenso as dos demais. Si bem que criticos e critiqueiros sejam immissiveis, no mais das vezes é, de todo em todo, impossivel apartal-os, tal a promiscuidade em que vivem, os segundos são como *pediculus pubis* dos primeiros.

Com prazer, acceitarei observações, ensinamentos, corrigendas sensatas dos bem intencionados, pois não tenho a estultice de pretender haver produzido trabalho perfeito. Não me considero infallivel nem sou presumpçoso.

Recordação de "Trinity Church"

Austregesilo de Athayde
(Director dos Diarios Associados)

Na minha vida de reporter tenho tido opportunidade de visitar grandes centros, famosos pelo esplendor da architectura ou pelas coisas illustres que nelles aconteceram.

Entre todas porém, guardo bem viva a lembrança de *Trinity Church*, com o seu pequeno cemiterio de tumulos negros.

Fica deante da Wall Street, logo no começo da Broadway, e desde o seculo passado, aquella necropole não recebe os ossos de novos mortaes.

O monstruoso desenvolvimento de New York envolveu as sepulturas e a capella que a piedade dos seus fundadores havia erigido para o culto de Deus e a memoria dos seus defuntos.

Admiravel coincidencia collocou o vulto severo da Igreja e a sombra melancolica das catacumbas na entrada da rua que decide dos negocios do mundo, onde fica a Bolsa, os bancos, as firmas de corretores, toda a immensa machina de dinheiro, de cujo funccionamento depende a prosperidade do povo americano. Os olhos vermelhos de ambições, os espiritos trepidantes pela emoção do lucro ou da perda, na jogatina dos titulos, as grandes esperanças e as infinitas desillusões movem-se, ao cahir da tarde, quando o relogio circumspecto da torre marca o fim das brutaes actividades do dia, para aquelles symbolos eternos, que lembram a presença do juiz implacavel e o desenlace brutal do drama da vida.

Quantas vezes nos graves momentos de panico, quando as ondas de baixa sacodem até os fundamentos da rua famosa, as almas conturbadas pelo desespero não lançarão os olhos afflictos para a divindade adorada nos altares de *Trinity Church*, esperando della o milagre do salvamento?

Numa tarde morna de Julho, parei longamente deante do cemiterio, ligeiro ponto de silencio e meditação no recanto mais agitado do planeta, não só pelos barulhos materiaes que nelle ecoam a todas as horas do dia e da noite, como ainda pelas paixões tremendas que se desencadeam nos corações dos homens da Wall Street.

A grama verde e bem tratada cerca os tumulos humildes. Lapides roidas pelo tempo conservam nomes perdidos da lembrança da posteridade. Na maioria hollandezes que primeiro povoaram a ilha de Manhattan e que nunca suppuzeram haver lançado os alicerces de uma metropole universal.

Ao lado do *subway*, do elevado, da linha de bondes, dos ruidos, dos gritos, da perpetua algazarra dos negociantes de rua, dos reclamistas, da corrente infatigavel de humanidade apressada, descançam os restos de Robert Fulton, o inventor do barco a vapor e de Alexander Hamilton, o homem que levantou o monumento da Constituição dos Estados Unidos.

Detive-me alguns minutos para contemplar as modestas pyramides de marmore, em cuja base jaz a cinza daquelles genios.

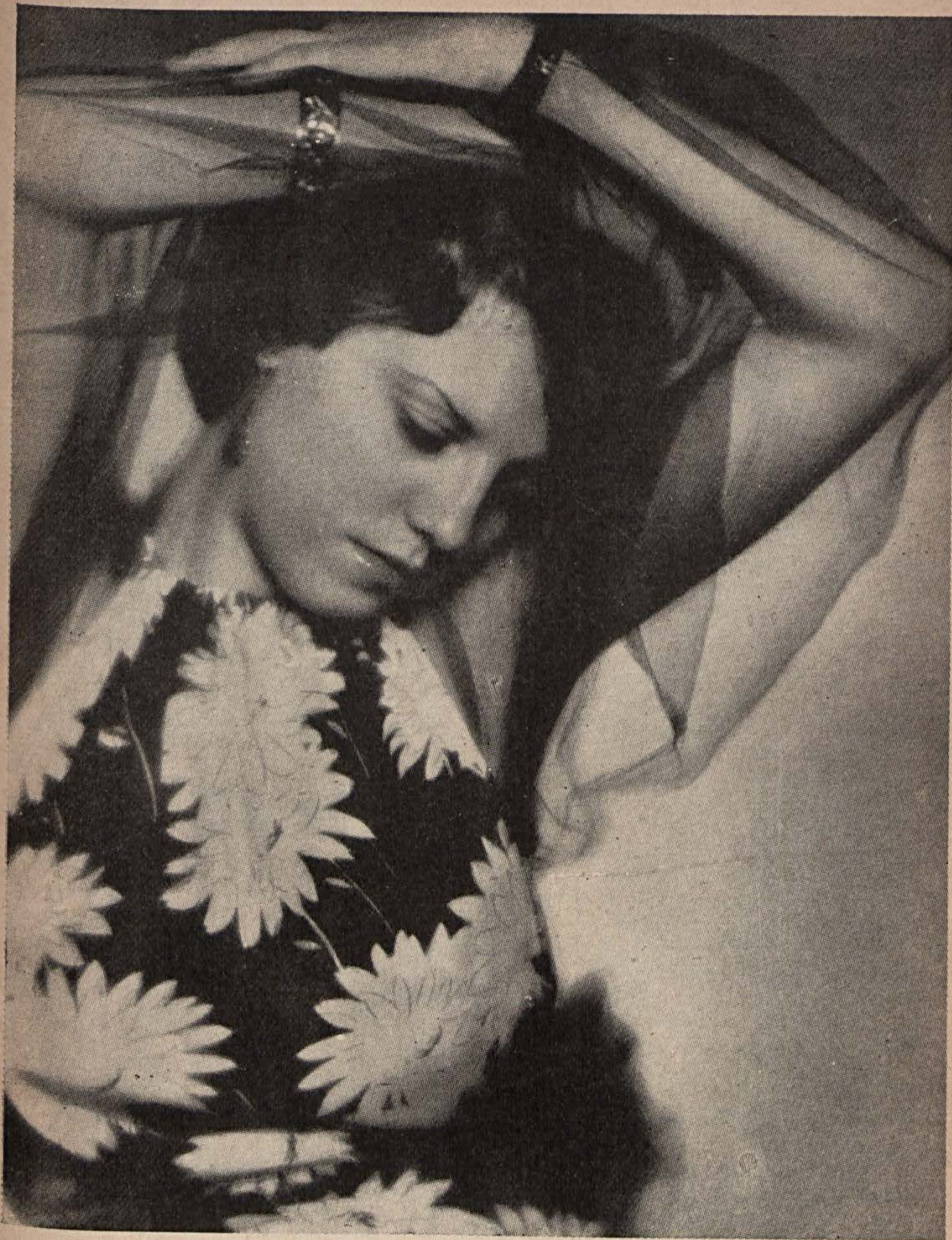
Milhões de pessoas desfilam pelas calçadas do cemiterio de *Trinity Church* que nenhuma ganancia poude ainda destruir, sem um pensamento de gratidão pela poeira de argila que a energia daquellas almas animou um dia para a creação de duas grandes maravilhas do seculo.

O philosopho encontra no cemiterio de *Trinity* amplos motivos para o desenvolvimento de commentarios amargos e profundas advertencias no genero do *Ecclesiastes*.

Providencial ironia juntou no mesmo panorama a Bolsa de New York, a serenidade evangelica de uma igreja e as pedras enegrecidas de um cemiterio antigo.

O genio politico de Hamilton e o talento inventivo de Fulton completam o quadro assombroso.

Na rua, no templo e no cemiterio estão condensadas a historia e a psychologia do povo americano.

Quando revejo no espirito a imagem da *Trinity*, as louzas sepulcraes do seu pequeno cemiterio, os barulhos e as inquietações da Broadway immensa, tudo sob a sombra dos gigantescos arranha-céus, New York apparece como uma synthese formidavel da força creadora, do idealismo, do sentido religioso que pairam sobre a obra titanica realizada pelos descendentes dos fundadores daquelle templo negro.

A senhorita Nylza Magrassi foi proclamada Rainha dos Estudantes num torneio em que a sua belleza não foi factor unico. Uma série de predicados culturaes deram ensejo a se verificar que a senhorita Magrassi estava á altura do titulo que hoje ostenta.

Commissão de Literatura Infantil do Ministerio da Educação

Foi essa commissão criada em Maio de 1936 pelo ministro Gustavo Capanema. Para ella foram nomeadas as senhoras Maria Junqueira Schmidt, Cecilia Meirelles e Elvira Nizinska da Silva, e os senhores Jorge de Lima, Manuel Bandeira, Murillo Mendes e José Lins do Rego. Tendo as senhoras Maria Junqueira Schmidt e Cecilia Meirelles solicitado ao ministro Capanema dispensa da commissão, foram ellas substituidas pela senhora Maria Eugenia Celso e pelo senhor Lourenço Filho.

A commissão elegeu para presidente o Sr. Lourenço Filho e para secretario o Sr. Murillo Mendes, entrando logo a trabalhar no programma que lhe foi fornecido por portaria do ministro, a saber: Organizar uma relação das obras de literatura infantil em lingua portugueza, originaes ou traduzidas; escolher dentre as obras de literatura infantil em lingua estrangeira aquellas cuja traducção seja conveniente; indicar as idades das crianças a que cada obra literaria possa convir; indicar ao Governo as providencias que devem ser tomadas para a eliminação das obras de literatura infantil perniciosas ou sem valor; indicar as providencias tendentes a promover em todo o paiz o desenvolvimento da boa literatura infantil, bem como a installação de bibliothecas para crianças.

De Maio a Dezembro de 1936 a commissão examinou e classificou 209 livros de literatura infantil. A commissão adoptou o criterio de recommendar ao publico os livros que, no systema de ficha por ella estabelecido, alcançassem mais de 70 pontos (100 pontos representando a classificação maxima). Nos ultimos dias de Dezembro a commissão enviou aos jornaes uma lista de vinte livros que lhe pareceram especialmente recommendaveis, e são elles:

Monteiro Lobato — *Fabulas, Memorias de Emilia, D. Quixote das Crianças.*

Viriato Correia — *Meu torrão, Historia do Brasil para crianças, Era uma vez.*

Gondim da Fonseca — *Contos do paiz das fadas.*

C. Brandenburger — *Lendas dos nossos indios.*

Olga Ferraz Kehl — *Uma historia verdadeira.*

Paulo Ribeiro de Magalhães — *Historias do matto virgem.*

Oswaldo Orico — *Historias do Pae João.*

Erico Verissimo — *Os tres porquinhos.*

Collodi — *Pinochio*, trad. de Mary Baxter Lee.

R. L. Stevenson — *A ilha do thesouro*, trad. de Pepita Leão.

Johana Spyri — *Heidi*, trad. de Pepita Leão.

E. Laboulaye — *Faisca e Maneco*, traducção de Haidée Isaac N. Lima.

Guilherme Hauff — *Contos orientaes*, trad. de Lina Hirsch.

Julia Lopes de Almeida e Affonso Lopes de Almeida — *A arvore.*

Andersen — *Contos*, trad. de Monteiro Lobato.

Grimm — *Contos*, trad. de Monteiro Lobato.

Recommendou ainda a commissão os seguintes livros como sendo dignos de traducção ou adaptação á lingua portugueza:

Scènes et biographies des temps anciens et modernes, por G. Dhombres et G. Monod.

Contes et récits en prose tirés des auteurs des XVII et XVIII siècles, por Henri Bernecque;

Contes de Shakespeare, por Macleod, traducção de S. Godet.

Les enfants de l'aurore, contes mythologiques, traduits par S. Godet.

Les enfants et leurs amis, por S. Cornaz.

Enfances célèbres, por L. Colet.

La jeuneusse des hommes célèbres, por Muller.

(Conclue no fim do Annuario)

O Dr. Gustavo Capanema vem fazendo no Ministerio da Educação uma obra formidavel de estimulo ás letras brasileiras. Instituindo concursos, premiando valores legitimos e apoiando as bôas iniciativas particulares, aquelle orgão da Administração nacional preenche com efficiencia unica sua alta finalidade.

O ANNUARIO BRASILEIRO DE LITERATURA orgulha-se de homenagear S. Excia.

A PAZ E A GUERRA

Haja sempre, a animar a miseria que opprime,
Uma gota de vinho, um bocado de pão.
Se o crime, emfim, houver, que perdôe esse crime,
Dando o bem pelo mal, o indulgente perdão.

O que o gesto não diz, porque o olhar só exprime
— Odio, inveja, desdem, mágua, escárneo, aversão —
Que se troque afinal pelo affecto, sublime,
Ligando, polo a polo, a um irmão outro irmão.

Livre-se o amor assim do interesse. Em verdade,
Mude-se a hypocrisia. Em esmola a maldade.
O espinho em flor. A treva em luz. Em agua o pó.

E que a Paz, irmanando os povos num só povo,
A' luz da liberdade — um sol ardente e novo —
Faça da treva toda um continente só.

Surja da terra em fogo, aberta em mil vulcões,
O cortejo infernal da peste, a fome e a morte.
E o direito da força, a razão do mais forte,
Se imponha pela boca hostil dos seus canhões.

Que um vendaval infrene agite em turbilhões
Mares, terras e céos, emfim, de sul a norte,
Sem a queixa sequer, sem que o pranto conforte
A orphandade, a viuvez de humanos corações.

Bemdita seja a Guerra, a Guerra que redime,
Ao ferro do castigo, ao fogo da vindicta,
A falta-offensa ou injuria, a mancha-affronta ou crime.

E no bronze immortal plasma os vultos heróes,
Extranha ao cataclysma e surda á humana grita
— Bemdita sejas tu, que as oppressões destróes.

VELHO SOBRINHO

MANUEL ARÃO e sua Epoca

(Notas para um estudo bio-bibliographico)

Raul Monteiro

— "E' aqui" — disse-lhe o guia, despedindo-se.

Achava-se diante de um velho edificio.

Olhou-o, aturdido e irresoluto.

E, antes de se decidir, quedou-se, considerando a audacia do projecto que, de ha muito, o seduzia.

Porque abandonara tudo o que o enchia de suavisante consolo, tudo que se communicava á sua alma sensitiva: durante o estio, o drama periodico e pungente das seccas, o sol flammispirante, desfazendo-se em fogo, em rebrilhantes áscuas; os mugidos melancolicos; o céu escampo ou salpicado, de longe em longe, de esparsas nuvens, distantes, filamentosas e erradias; pelo inverno, a chuva, transformada em bençam fecundante, o milagre da resurreição — os caules retorcidos e exsiccados, que eram como espectros de arvores e arbustos, cobrindo-se de renovos; a terra, ha pouco escalvada e comburente, rebentando em verduras; a alegria afanosa das requeijadas?...

A que ineluctaveis determinismos cedia para, despresando affectos que lhe enterneciam o coração, scenas e paisagens que o commoviam e enlevavam, ir tentar em terra extranha a hypothese (a mais incerta e ephemera) do renome?

..."O que parece (é elle proprio quem nos explica) é que nascemos com uma finalidade e comnosco vivem latentes as coisas que têm de desabrochar como os mundos em elaboração"...

Decidiu-se, afinal.

Bateu as palmas, timidamente.

Dentro, na sala que reduzidos moveis guarneciam, a luz fluctuante do acetyleno punha tons de penumbra.

— "Que deseja?" — pergunta-lhe um homem, com a veste negligente, a tez morena, a barba por fazer.

— "Desejo falar com o Dr. José Maria".

— "E que quer do Dr. José Maria?"

— "Eu... eu..." — tartamudeou o inexperto adventicio. — "Só com elle mesmo..."

— "Com elle mesmo? Pois você não está vendo que eu sou o Dr. José Maria?"

— "Ah!"

— "E você; quem é?"

— "Eu sou Manuel Arão..."

— "...que me mandava de Afogados de Ingazeira uns escriptos para A PROVINCIA?"

— "Esse mesmo..."

— "Menino, venha cá; — e tomando-lhe o braço — sente-se áquella mesa. Você desde este momento, é um dos noticiaristas da folha."

*

* *

O Chefe do Partido Autonomista Pernambucano, sob cujo patrocinio tantos espiritos se nortearam para o exito, deixou nos homens do seu tempo uma impressão das mais fortes e perduraveis.

Manuel Arão não se enganara, procurando-o. O destemido democrata acolheu-o com a franqueza que, sendo rude, era o traço mais vivo do seu caracter.

E foi assim que o embezerrado sertanejo se iniciou no jornalismo e nas letras.

Não o fez, porém, impunemente.

Acirrada guerra moveram-lhe os confrades do tempo.

Ainda bem!

Os ataques não desacoroçôam os talentos de polpa. Despertam-lhes, antes, as energias congenitas.

Pouco tempo depois, passou Manuel Arão a pertencer, igualmente, á redacção da *Lanterna Magica*.

Digamos menos emphaticamente: — A *Lanterna Magica* não tinha redacção pelo simples motivo de que não possuia redactores.

O Tavora fazia em casa as caricaturas e as charges, e o Arão escrevia desde a chronica literaria aos versinhos causticantes.

Essa phase foi, talvez, a, por elle, mais intensamente vivida, porque jamais a esquecera.

O Tavora, muito mais velho, tinha-lhe uma amizade fraterna.

E, aos sabbados, indefectivelmente, jantavam juntos: o caricaturista obstinava-se a participar das despesas e, deste modo, levava o vinho que, por ser o outro abstemio, sómente elle bebia.

Passando-se Arão para a redacção do *Diario de Pernambuco*, onde permaneceu de 1893 a 1901, a sua actuação e a sua actividade exercitaram-se, a partir desse periodo, com mais vigor e mais brilho.

Entretanto, os seus antagonistas não lhe davam

tregua. O poeta, o jornalista, o commentador, o romancista era, para elles, ainda o egresso das brenhas.

Não lhe perdoavam a audacia de esgrimir a penna, em vez de sopesar o ferrão ponteagudo.

Mas, não é certo que é o proprio Manuel Arão quem se surprehende desse incoercivel pendor quando nos diz que "nascido sertanejo, vivendo sua primeira juventude naquelles tranquillos rincões, as suas inclinações menos provaveis seriam as das letras?"

E depois de nos interrogar: — "Como ellas despertaram em mim?", reflexiona: — "Seria abordar um profundo problema de psyché..."

*
* *

A verdade é que si as arguições se tornavam crúas, a revide não se fazia esperar — e cruzavam-se apostrophes.

Arão preparou, então, a resistencia, fundando, como supplemento do *Diario de Pernambuco*, o *Jornal do Domingo*.

Ao seu lado formaram João Barretto de Menezes, Ernesto de Paula Santos, Arthur Bahia, Olympio Galvão, Braulio da Cunha.

No lado opposto, encastellados na *Revista Contemporanea*, Theotonio Freire, França Pereira, Arthur Muniz, Demosthenes de Olinda, Alfredo de Castro, Paulo de Arruda.

Entre os antagonistas não se antepunha, entretanto, profunda divergencia philosophica ou literaria.

Os objectivistas, os "scientificistas" (o "Scientificismo" de Martins Junior, em que havia rasgos hugoanos, não conseguiu deixar proselytos) emergiam do fundo da introspecção, muitas vezes, cheios de suspiros e lagrimas.

Comtudo, de um e do outro lado, ironisavam-se os velhos moldes, e os nomes de Flaubert, de Zola, de Balsac, de Daudet — eram citados entre tropos e hyperboles.

Achavam-se no periodo de transição entre o subjectivismo, o naturalismo e o parnasianismo. E todos mantinham-se (muitos, a seu pezar), arraigadamente romanticos...

Manuel Arão sentiu-se dos mais discutidos e atacados. Os *Intimos* — suas primicias poeticas — (1893); os romances *A Adultera* (1897) e *Magdá* (1898); o *Drama do Odio* (1900) foram atrozmente recebidos.

O adventicio desajudado retrahiu-se.

Perseverou no estudo e no trabalho.

E, annos depois, publica mais um romance — *Transfiguração* (1908).

Theotonio Freire, Arthur Orlando, França Pereira, Alfredo de Castro elogiam-no.

Desfazem-se os maus vaticinios.

Em seguida vêm: — *A Historia e a Legenda na Maçonaria* — historia e philosophia critica — (1914); *Visão Esthetica*, em que as suas qualidades de observação e de critica brilhantemente se affirmam (1917); *O Claustro*, romance (1919).

O seu nome já se não circumscreve aos circulos literarios da provincia.

As revistas do Rio e de Portugal solicitam-lhe a collaboração prestigiosa.

O sertanejo autodicdata triumpha.

Mas, das invectivas com que o receberam, ficou-lhe um como resaibo; das diatribes que lhe assacaram, guardava reconditas reminiscencias.

Dissiparam-se os resentimentos; os contendores de hontem lealmente davam-se as mãos.

Arão, não obstante, acreditava-se, ás vezes, hostilizado ainda.

Penso, comtudo, que, tendo formado o caracter no convivio dos seus conterraneos — homens simples — no longinquo logarejo em que nascera, tornou-se um inadaptado.

*
* *

Quando, em torno da revista *Heliopolis* (1913-1917), alguns rapazes se agruparam, sem que se acreditassem e se dissessem precursores de uma renovação esthetica, Manuel Arão foi, dentre os da presente geração, o enthusiasmo mais quente e a palavra mais constante de incentivo.

A sua bonhomia, o seu hospitaleiro acolhimento, a sua camaradagem sorridente, os seus despretenciosos habitos burguezes, punham-nos á vontade.

Não era o mestre, convicto da sua ascendencia, remirando-se satisfeito, franzindo o sobrolho diante dos nossos quixotescos impetos; era o companheiro, acolhendo-nos sempre com alvoroço.

O emigrande desprotegido, que amargurara no seu inicio, consagrava aos espiritos moços animadora sympathia.

De Manuel Arão — das suas idéas philosophicas e religiosas — divergi radicalmente.

Julgo-me, por isso, com a devida isenção para lhe exaltar as virtudes.

Nenhuma alma conheci mais contemplativa e ingenua.

Nenhuma que mais se commovesse diante da alheia desventura.

Nenhuma mais prompta ao sacrificio.

Não havia em Manuel Arão a arrogancia enfatuada que, antes de ser um traço de orgulho, o é de humana estulticia.

Entretanto, pelas suas maneiras reservadas, suppunham-no um inaccessivel.

Na realidade elle não passava de um timido.

O exemplo de um Estado prospero

Actualmente, quando se quer falar de um Estado da Federação prospero e feliz, volta-se logo o pensamento para a gloriosa terra mineira.

Minas Geraes é um estado modelo. Sua collectividade representa um respeitavel contingente moral, capaz de animar seus dirigentes a grande actos administrativos, certos de que não lhes faltará o apoio desse povo trabalhador e fundamentalmente honesto. Assim, tudo alli avança ao rythmo da ordem, reflexo da obra prudente e esclarecida de um governo que conhece as verdadeiras directrizes do progresso.

A riqueza do sólo não é objecto do platonismo que tem feito a fortuna imaginaria de outros estados. De ha muito os mineiros fendem as entranhas da terra para extrahirem os minerios de importancia capital nos computos da nossa balança commercial.

O adeantamento da industria pastoril, a feracidade incrivel de suas terras generosas cultivadas por homens experimentados que comprehenderam bem cedo onde reside o verdadeiro destino economico do estado, amparados por um governo capaz, deveriam fatalmente conduzir Minas Geraes á situação de destaque que occupa no conceito do paiz.

Por meio de estabelecimentos de credito especializados, os agricultores, criadores e industriaes não encontram entraves ao desenvolvimento de suas empresas. Tudo lhes é facilitado pelo governo de Minas, sempre attento ás necessidades reaes da Lavoura, Industria e Commercio.

E' por demais conhecida a sobriedade do povo mineiro, habituado ao rigor moral dos seus lares onde o respeito á palavra empenhada, a consciencia dos direitos politicos e o acato ás instituições civis constituem preceitos elementares de educação particular. A par desse instinctivo senso de civismo, uma Instrucção Publica adeantadissima eleva o nivel cultural do povo mineiro a uma situação que só os estados privilegiados logram attingir.

Minas Geraes tem agora, na pessôa do dr. Benedicto Valladares, um dirigente bem á altura das suas possibilidades. Um mineiro que reune todas as virtudes tradicionaes dos lares montanhezes. O seu orgulho é dar a Minas a prosperidade a que seu povo faz jús, cooperando com enthusiasmo em todas as iniciativas do seu governo.

Dr. Benedicto Valladares

A Secretaria de Finanças do Estado de Minas Geraes é a base sobre a qual deve assentar qualquer iniciativa financeira de restauração economica. Era necessario dar a esse orgão um novo surto de vitalidade, capaz de reactivar o equilibrio orçamentario do Estado.

Ao encarar esse problema é que o dr. Benedicto Valladares verificou a necessidade de entregar a direcção desse importante sector da administração a um homem de meritos reaes, estudioso dos phenomenos de Economia Politica. Escolhendo para a elevada in-

vestidura o dr. Ovidio de Abreu, acertou em cheio na solução do problema.

Ao assumir o espinhoso cargo que lhe foi confiado, o dr. Ovidio de Abreu não encontrou o Estado numa situação de opulencia ou siquér de desafogo. Era necessario repor a machina administrativa em sua efficiencia normal.

A primeira preoccupação da Secretaria de Finanças foi organisar um plano que resolvesse a situação financeira do Estado, consolidando sua divida fluctuante e unificando a taxa de juros em nivel supportavel pelo Thesouro. Surgiu então o Emprestimo Mineiro de Consolidação com essa dupla finalidade.

A primeira série de 200.000 contos visou simultaneamente a consolidação da divida fluctuante e o inicio da conversão alludida. No entanto, como era mais premente o problema da divida fluctuante, a primeira série só tem sido utilizada para esse fim.

Embora a divida fluctuante ainda seja de vulto, está pelo menos regularizada, grande parte consolidada junto aos bancos, a prazo mais longo e juros modicos, não havendo nenhum titulo vencido e estando apenas dependente de regularização uma parte da divida, proveniente de fornecimento, exigivel á vista.

Com o augmento de arrecadação que se vem verificando e com outras providencias de ordem administrativa em andamento, esta parte exigivel á vista será, dentro de curto prazo, paga ou transformada em divida consolidada a prazo mais longo, de maneira a resolver a situação dos fornecedores e dar ao Estado o tempo necessario para o seu resgate.

Considerada assim a situação da divida fluctuante, o governo julgou opportuno iniciar a solução da outra parte do plano, que é a relativa ao recolhimento dos titulos de juros elevados, assumpto que, por sua especial relevancia, tem sido objecto de acurados e minuciosos estudos por parte da Administração.

Os negocios financeiros das entidades publicas devem, naturalmente, obedecer ás condições do mercado de dinheiro no tempo e no espaço, oscillando para mais ou para menos os seus encargos segundo as condições da occasião do lançamento dos emprestimos, condições que estão relacionadas com a estabilidade ou instabilidade politica, prosperidade ou depressão economica, emfim, com todos os factores que influem no custo do dinheiro.

A conversão de titulos publicos, conforme se verifica em todos os tempos e em todos os paizes, tem naturalmente por fim reajustar o valor dos encargos ao typo normal do momento, sempre no sentido da obtenção de um juro mais modico, mais supportavel pelos Thesouros.

Dr. Ovidio Xavier de Abreu

Ha sempre nestas operações, uma certa reducção, que em geral não attinge de modo sensivel o patrimonio dos portadores, de vez que as oscillações interessam a portadores numerosos, pelos quaes os titulos transitam, subdividindo-se entre os titulares successivos das apolices as differenças verificadas.

O Governo de Minas Geraes, entretanto procurou encontrar uma solução que attenda aos interesses do Thesouro, preservando, ao mesmo passo, o patrimonio dos portadores das Obrigações de 9 %.

Estas foram emittidas ao praso de 3 annos, pelo decreto 9.766, de 24 de novembro de 1930 e prorogadas por mais 3 pelo decreto 11.136, de 14 de novembro de 1933.

A emissão foi de 215.000:000$000, havendo em circulação 192.891:600$000.

Ninguem desconhece a tormentosa situação em que se encontravam as finanças e a economia do Estado quando se fez o lançamento desse emprestimo, logo após o movimento revolucionario ao qual precederam graves acontecimentos politicos que são notorios.

O prazo de curso desses titulos foi justamente aquelle que se assignalou pelas maiores difficuldades de natureza economica e financeira do Estado. Entretanto, esses titulos, que encontraram preço baixo quando de

Os apparelhos usados na extracção dos premios das apolices mineiras.

sua emissão, foram subindo gradativamente, permanecendo mesmo por algum tempo, acima do par.

Ora neste momento em que, indubitavelmente, a economia mineira reage, em que a Administração sente os beneficios da estabilidade politica, e em que as finanças do Estado se normalizam, o Governo offerece a proposito do resgate das Obrigações de 9 %, a possibilidade de um titulo com o mesmo juro, durante prazo egual ao inicial daquellas Obrigações e, ainda mais, com a vantagem dos premios do Emprestimo Mineiro de Consolidação.

Offerecerá ainda durante 2 annos o juro compensador de 8 %, durante mais de 2 annos o de 7 %, taxas superiores ás de depositos bancarios a prazo fixo, finalmente, durante 1 anno, a taxa de 6 %, sempre com a vantagem compensatoria dos premios, para, afinal, entrar, do decimo anno em deante, no resgate, ao par, dos novos titulos.

Releva, ainda, frisar que a conversão das Obrigações de 9 % em as novas apolices trará para os seus portadores a vantagem da acquisição de um titulo a prazo longo e, pois, mais proprio ao emprego de economias e que está isento de todos os impostos e taxas estaduaes, o que não succedia com as obrigações de 9 %. Só a insenção quanto ao imposto de mutação de propriedade *causa mortis* representa valioso beneficio, pois casos ha em que tal mutação está sujeita a taxas tributarias elevadas.

Não parece, pois demasiado optimismo prevêr que, dadas as condições actuaes do Estado, estes titulos obterão grande exito nos mercados, exito que redundará em beneficio dos portadores das Obrigações que forem convertidas, assim como do Thesouro que, afinal, conseguirá uma taxa nos moldes do plano de Consolidação, considerada a média dos encargos durante a vida do emprestimo.

Com a formula apresentada, o Govêrno espera resolver um dos pontos capitaes do seu programma, de modo satisfactorio, porque resguarda o patrimonio dos portadores

das Obrigações de 9 % e a tende tambem as conveniencias do Thesouro do Estado.

Transcrevemos, a seguir, a lei creada em consequencia dos motivos expostos nas linhas acima.

LEI N. 131

Dispõe sobre o resgate das Obrigações de 9 % e sobre a emissão da segunda série do Emprestimo Mineiro de Consolidação.

A Assembléa Legislativa do Estado de Minas Geraes, decreta e eu sancciono a seguinte lei:

Art. 1.° — As Obrigações do Thesouro de 9%, emitidas de accordo com o decreto n. 9.766, de 24 de novembro de 1930, poderão ser resgatadas por sorteio, compra em bolsa ou conversão nas apolices desta lei, estas ao par, a criterio do Governo.

Art. 2.° — Os juros das Obrigações não resgatadas serão pagos, nas épocas proprias, por semestres vencidos, no Thesouro do Estado, em Bello Horizonte, mediante apresentação do titulo para nelle ser annotado o pagamento.

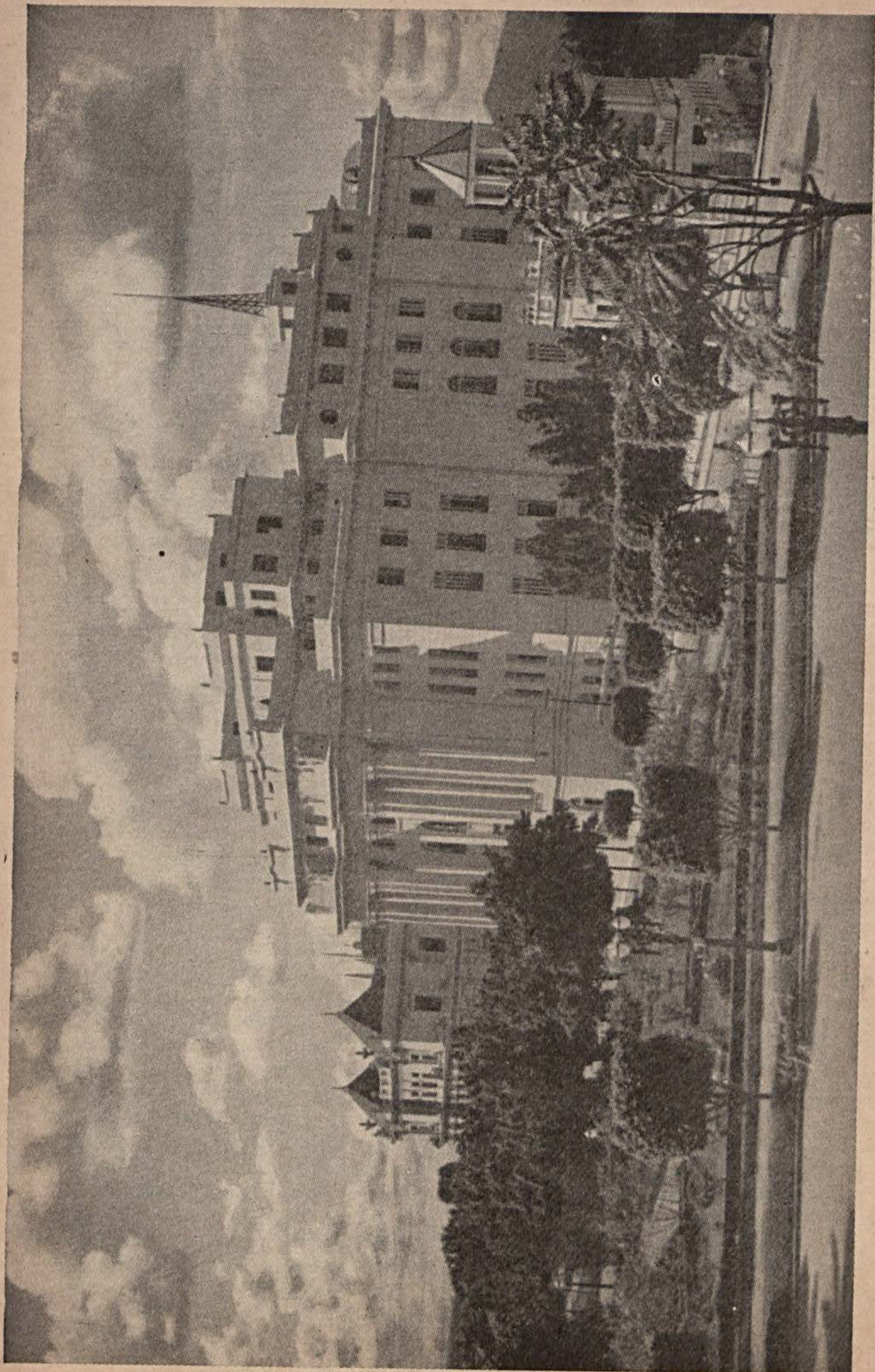
Paragrapho unico — O titular dará recibo avulso mencionando o numero e data da Obrigação, seu valor nominal e mais caracteristicos que a identifiquem.

Art. 3.° — Fica facultado ao Governo lançar a segunda série de apolices do emprestimo de 600.000 contos de réis, autorizado pelo decreto n. 11.412, de 30 de junho de 1934, modificado pelo de n. 11.419, de 5 de julho de 1934, nas mesmas condições, estabelecidas nos referidos decretos ou em conformidade com as alterações de que trata esta lei.

Art. 4.° — As apolices desta serie serão do valor nominal de 200$000 e ao portador, podendo ser convertidas e reconvertidas em nominativas e vice-versa, e collocadas a typo que permitta o resgate das Obrigações.

Art. 5.° — Além de concorrer aos premios de serie terão os juros de 9 % nos coupons que que trata o artigo seguinte, as apolices desta se vencerem em outubro de 1937 e abril de 1938, em outubro de 1938 e abril de 1939 e em outubro de 1939 e abril de 1940; 8 % nos que se vencerem em outubro de 1940 e em abril e outubro de 1941 e abril de 1942; 7 % nos que se vencerem em outubro de 1942, e em abril e outubro de 1943 e abril de 1944; 6 % nos que se vencerem em outubro de 1944 e abril de 1945; e 5 % em todos os coupons que se vencerem posteriormente, até o prazo final da emissão.

Art. 6.° — Os premios a que se refere o artigo anterior, e que são sorteaveis em abril e outubro de cada anno, são os seguintes:

Um aspecto da assistencia durante a extracção dos premios das Consolidadas Mineiras.

A Secretaria do Interior é um dos muitos edificios magnificos que possue Bello Horizonte.

Em abril:

1 premio de	500:000$	500:000$000
1 premio de	50:000$	50:000$000
1 premio de	20:000$	20:000$000
3 premios de	10:000$	30:000$000
5 premios de	5:000$	25:000$000
75 premios de	1:000$	75:000$000
Total		700:000$000

Em outubro:

1 premio de	1.000:000$	1.000:000$
1 premio de	100:000$	100:000$
1 premio de	50:000$	50:000$
2 premios de	20:000$	40:000$
3 premios de	10:000$	30:000$
5 premios de	5:000$	25:000$
55 premios de	1:000$	55:000$
Total		1.300:000$

Paragrapho unico — Os premios serão pagos na mesma occasião do pagamento dos juros.

Art. 7.° — O primeiro sorteio será effectuado em outubro de 1937.

Art. 8.° — O sorteio dos premios será regulado por instrucções que, opportunamente, forem baixadas pelo Secretario das Finanças.

Art. 9.° — As apolices contempladas com os premios estabelecidos no artigo 6.°, consideram-se resgatadas pelo valor dos respectivos premios.

Art. 10 —Concorrerão a esses premios todas as apolices emittidas, sendo facultado ao Governo estabelecer que só concorram ao sorteio de premios as apolices collocadas até á vespera do referido sorteio.

Art. 11 — O prazo desta emissão será de 40 annos, e o seu resgate se fará por meio de sorteios semestraes de apolices, na mesma occasião do sorteio de premios, a partir do decimo anno, segundo, a tabella de annuidades organizada pela Secretaria das Finanças, ou em prazo mais curto, si as circumstancias o aconselharem.

Art. 12 — São isentas de quaesquer impostos e taxas estaduaes as apolices desta emissão.

Art. 13 — A Secretaria das Finanças, si necessario, emittirá cautelas que serão opportunamente trocadas por titulos definitivos.

Art. 14 — As cautelas e as apolices levarão a chancella do Secretario das Finanças e as assignaturas do Superintendente do Departamento da Despesa Variavel e do chefe da Secção da Divida, podendo ser designados outros funcionarios para aporem suas assignaturas em lugar das acima mencionadas.

Art. 15 — Fica o Governo autorizado a effectuar as operações de credito necessarias á execução da presente lei.

Art. 16 — Fica autorizada a abertura do credito necessario para occorrer ao serviço de juros venciveis em outubro de 1937 e ao sorteio de premios que se effectuará no referido mez.

Art. 17 — O Governo do Estado poderá despender com a confecção dos titulos, seu transporte, seguro e assignaturas, bem como, divulgação e esclarecimentos da operação a que se refere a presente lei, commissões e corretagens, até o maximo de 3 % do valor da emissão, ficando autorizado a abrir, para esse fim, o respectivo credito.

Art. 18 — Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação, ficando revogadas as disposições em contrario.

Mando, portanto, a todas as autoridades, a quem o conhecimento e execução desta lei pertencer, que a cumpram e façam cumprir tão exactamente como nella se contém.

Dado no Palacio do Governo do Estado de Minas Geraes, em Bello Horizonte, aos 6 de novembro de 1936.

Benedicto Valladares Ribeiro.
Ovidio Xavier de Abreu.

O caracter scientifico do Direito

L. Nogueira de Paula
Prof. Cathedratico da Universidade do Brasil

Os mais lidimos cultores do Direito e, mesmo, os mais claros expositores didaticos, até hoje não chegaram a um accordo quanto ao caracter scientifico do Direito.

Para *uns*, o Direito é uma sciencia peculiar; para *outros*, uma arte applicada; e, finalmente, ainda ha os que o consideram uma disciplina de technica especializada.

A nosso ver, toda a razão de ser dessa discussão esteril no terreno da philosophia pura, reside, precisamente, na falta de unidade, verificada no conceito e na definição daquillo que os pensadores denominam Sciencia.

Para demonstrar que o Direito é, ao mesmo tempo, uma sciencia experimental e racional, vamos dividir o nosso estudo em duas partes bem distinctas.

Na *primeira*, estabeleceremos as condições para que um ramo qualquer do conhecimento humano se erija em sciencia positiva, demonstrando para isso um theorema de philosophia geral.

Na *segunda* parte deste trabalho, demonstraremos que o Direito, satisfazendo a todas as condições preestabelecidas, poude, finalmente, adquirir a sua autonomia no quadro geral das disciplinas sociaes e constituir-se, num corpo de doutrina que lhe permittiu o ingresso no dominio positivo e preciso da Sciencia.

*
* *

CONDIÇÕES PARA QUE UM RAMO QUALQUER DO CONHECIMENTO HUMANO SE CONSTITUA EM SCIENCIA

Para que um conjunto de conhecimentos relativos a uma determinada classe de phenomenos adquira a sua autonomia, no quadro geral da especulação humana, e constitua, em sentido restricto, uma sciencia peculiar, é condição imprescindivel a esse conjunto de conhecimentos que o material adquirido pela observação e systematizado pelo espirito, forme um todo logico coordenado, baseado em principios experimentaes autonomos, tendo unidade de objecto e leis proprias, invariaveis no espaço e no tempo, permittindo previsões e verificações immediatas.

Podemos, assim, enumerar em resumo, as condições requeridas para que um ramo qualquer do conhecimento humano se erija em sciencia definitiva. Estes conhecimentos devem:

a) — constituir um *conjunto*, relativo a uma determinada classe de phenomenos;

b) — apresentar entre si *coordenação logica;*

c) — ter *unidade de objecto;*

d) — fundamentar-se em *principios experimentaes autonomos* adquiridos pela observação directa de factos naturaes;

e) — possuir *leis proprias*, invariaveis no espaço e no tempo, permittindo previsões e verificações immediatas.

Com effeito:

I. O *conjunto* dos conhecimentos pertinentes a qualquer sciencia deve pertencer a uma unica e determinada classe de phenomenos, isto é, deve constituir uma collecção de phenomenos ou de factos, encerrando todos elles, pelo menos, um attributo principal definidor desse conjunto, ou melhor, desse *universo logico*, como o chamam os estatistas.

Assim, por exemplo, o estudo do conjunto dos phenomenos physicos, chimicos, biologicos, sociaes, etc., constitue a Physica, a Chimica, a Biologia, a Sociologia, etc., cujos fóros de sciencia ninguem mais hoje contesta.

Pela mesma razão a collecção dos conhecimentos contidos em um *diccionario* não póde, evidentemente, constituir uma sciencia peculiar, porque esses conhecimentos dizem respeito aos mais variados ramos do saber humano e aos mais diversos phenomenos da natureza. Falta-lhes o attributo commum definidor do conjunto.

II. Os conhecimentos humanos só se constituem em sciencia definitiva depois de *coordenados* e *systematizados* pelo exercicio permanente do raciocinio logico.

Qualquer sciencia deve, pois, apresentar os seus conhecimentos segundo uma determinada ordem de successão no tempo, e esses conhecimentos devem, ainda, constituir um *systema* de complexidade crescente e de generalidade decrescente.

Assim, por exemplo, a Physica começa pelo estudo da Mecanica, passa em seguida ao da Thermologia, depois ao da Optica, ao da Acustica, ao da Electrologia, etc., e, finalmente, ao da Meteorologia.

III. Todo o material relativo a uma determinada sciencia deve pertencer, ainda, a um *objecto unico*. A escolha ou o estabelecimento desse objecto é que vae qualificar, em ultima analyse, a Sciencia que se tem em vista construir.

O estudo das relações entre as grandezas constitue, por exemplo, o objecto da Mathematica; o movimento dos astros, o da Astronomia; as propriedades geraes dos corpos, o da Physica; a composição intima da materia, o da Chimica; os phenomenos vitaes, o da Biologia; os phenomenos relativos á vida das collectividades humanas, o da Sociologia, etc.

A Contabilidade, entretanto, não poderá jamais constituir-se em sciencia autonoma pela falta absoluta de um objecto proprio, isto é, que lhe pertença, exclusivamente, pois o estudo das variações da *riqueza* em funcção do tempo que constitue o seu objectivo já pertence á Economia Politica. E ficamos no seguinte dilemma: ou outorgar á Contabilidade os fóros de Sciencia e negal-o á Economia, ou vice-versa.

Mas, como a estructura da Contabilidade é puramente formal, somos obrigados a concluir que a Economia é uma Sciencia e a Contabilidade um processo methodologico de raciocinio.

IV. Toda sciencia deve possuir *principios experimentaes autonomos*. Nenhuma sciencia póde erigir-se integralmente com o auxilio da razão, nem edificar-se, exclusivamente, com os dados da experiencia.

"Todas as sciencias são do mesmo typo — escreve RUEFF — cada uma dellas comportando um ramo experimental ou de observação que rebusca os factos e delles extrahe leis empiricas e um ramo racional que "crêa as causas".

Esses principios experimentaes devem ser independentes, isto é, estabelecidos pela observação directa dos phenomenos naturaes e, não, deduzidos de outra sciencia já definitivamente constituida.

Se a Mecanica pudesse dispensar as leis experimentaes de KEPLER, GALILEU e NEWTON seria apenas um prolongamento da Geometria.

A Sciencia não é, pois, uma simples regra de acção, uma convenção arbitraria do espirito ou uma concepção abstracta da razão. E', pelo contrario, um conjunto de normas ou leis verificaveis, na pratica, pela experiencia.

E' por isso que toda sciencia repousa em duas bases: uma, *physica*, tirada da observação dos factos naturaes e outra, *logica*, construida pela razão pura.

O primeiro cuidado do analysta para o estabelecimento de uma sciencia qualquer é, pois, o de pesquisar os *principios experimentaes* que irão servir de fundamento ao enunciado das leis posteriores.

Com effeito, em seu excellente resumo de Philosophia Positiva, escreve ROBINET: "Toda sciencia propriamente dita é uma construcção theorica em parte objectiva e em parte subjectiva, cujos elementos constituintes, — acontecimentos *sui generis*, — fornecidos pela observação abstracta, são em seguida comparados e classificados pela meditação indutiva e dedutiva que delles deduz e coordena as leis, as relações constantes de semelhança e sobretudo de successão".

Sem principios experimentaes não ha, pois, sciencia, e sómente com o auxilio desses principios é que as leis scientificas podem ser verificadas pela experiencia e possibilitar, portanto, a previsão que se torna indispensavel.

E' preciso notar, entretanto, que uma sciencia é tanto mais perfeita ou exacta quanto menor fôr o numero de principios experimentaes independentes tirados da observação directa dos factos naturaes, para

constituir o fundamento de suas investigaç,es posteriores.

E isso porque a reducção desses principios a um *principio unico* ou a um pequenino grupo, traz como consequencia immediata a reducção ao minimo dos erros systematicos e accidentaes, introduzidos na Sciencia pela descontinuidade de percepção dos sentidos humanos e pela imperfeição dos instrumentos empregados na observação dos phenomenos.

A proposito dos principios experimentaes da Sciencia, esclarece PAUL JANET o seu importantissimo papel na direcção do raciocinio: "O estudo de uma sciencia qualquer torna-se singularmente facil, quando, desde o inicio, é possivel adquirir-se a noção de um *principio geral* que domine e esclareça todas as partes dessa sciencia. Todos os factos que é preciso conhecer vêm então se grupar regularmente em torno desse principio unico. Em logar de ter de percorrer-se penosamente uma multidão de phenomenos e de leis sem ligação apparente, com risco de extravios em detalhes inuteis, entra-se muito mais naturalmente nas idéas mais novas e mais difficeis, e essas proprias idéas deixam de parecer novas e difficeis, justamente porque ellas vêm a proposito tomar o lugar que lhes é assignalado pelo principio geral, do qual seguimos a direcção."

V. A Sciencia possue, finalmente, *leis proprias*, invariaveis no tempo e no espaço, que preveem e verificam as relações de coexistencia e successão entre os phenomenos.

"O mundo physico poderia talvez ter sido caótico — escreve DIVISIA — porém a observação dos phenomenos mostra-nos este mundo physico como um mundo organizado e o estudo desta organização constitue o objecto das sciencias physicas. Da mesma fórma, o mundo moral poderia ser caótico — e elle apparece como tal, de facto, a muitos espiritos superficiaes, em razão de sua extrema complexidade. Nesta hypothese, o mundo moral não poderia constituir o objecto de nenhuma sciencia. Mas se, pelo contrario, observadores mais attentos percebem-no como organizado ou descobrem ahi permanencias, elles concluirão disso que o mundo moral está submettido a leis, cujo estudo póde constituir o objecto de sciencia positiva."

Ora, sendo o fim ultimo da Sciencia o conhecimento das leis que regem os phenomenos da Natureza, cumpre em sua construcção, escolhidos os factos relativos a uma determinada classe de phenomenos, proceder á observação attenta desses mesmos factos, e submetel-os em seguida a processo logico de raciocinio, para o estabelecimento das leis geraes de coexistencia e successão.

Por *factos*, entenderemos as coisas e os acontecimentos, taes como individualmente os percebemos, com todas as suas differenças qualitativas particulares.

Por *phenomenos* designaremos os conceitos subjectivos desses factos, creados pela imaginação abstracta, como processos de estudos, e, por consequencia, differenciaveis e differenciados quantitativamente.

As relações constantes de coexistencia e successão entre os phenomenos obedecem a certas regras ou leis scientificas que são exactamente as uniformidades experimentaes apresentadas pelos phenomenos peculiares a uma determinada classe de acontecimentos.

Essas regras ou leis scientificas são de duas naturezas: leis estaticas ou de coexistencia, e leis dynamicas ou de successão.

Leis de coexistencia — são as que exprimem as relações de coordenação e de subordinação necessarias entre antecedentes e consequentes de um phenomeno qualquer.

Leis de successão — são as que regem o movimento e a evolução dos phenomenos.

*
* *

APPLICAÇÃO A' SCIENCIA DO DIREITO

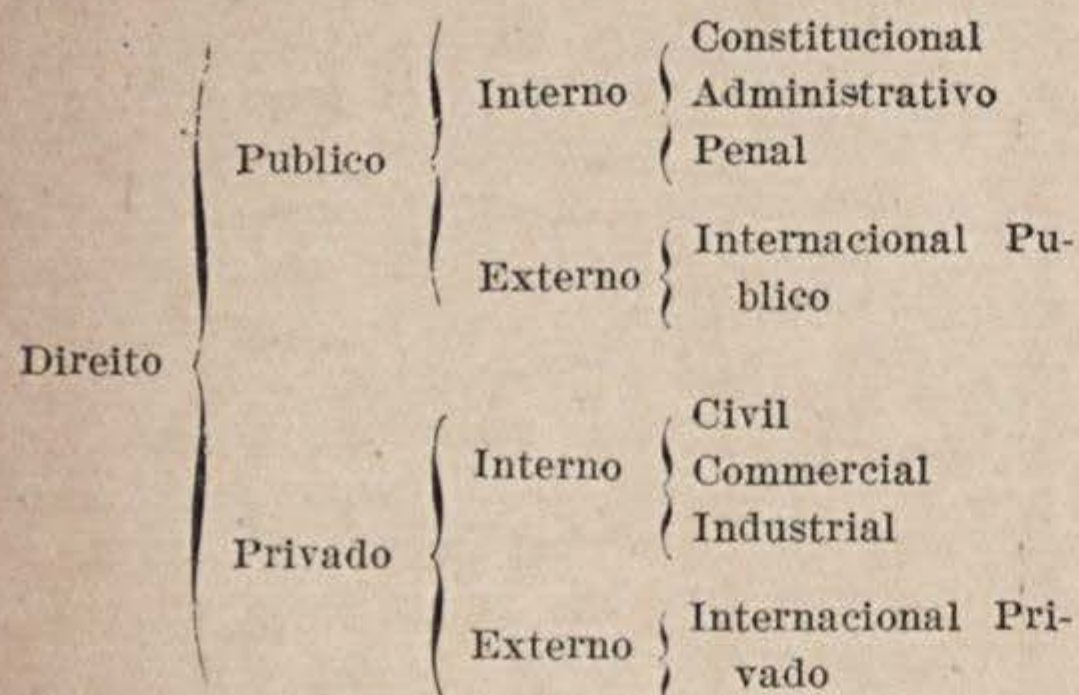
Estabelecidas estas noções fundamentaes, podemos affirmar que o Direito — como systematização e disciplinamento dos phenomenos juridicos — é uma sciencia peculiar, porque encerra todos os caracteres necessarios para que um conjunto de conhecimentos se erija em sciencia definitiva.

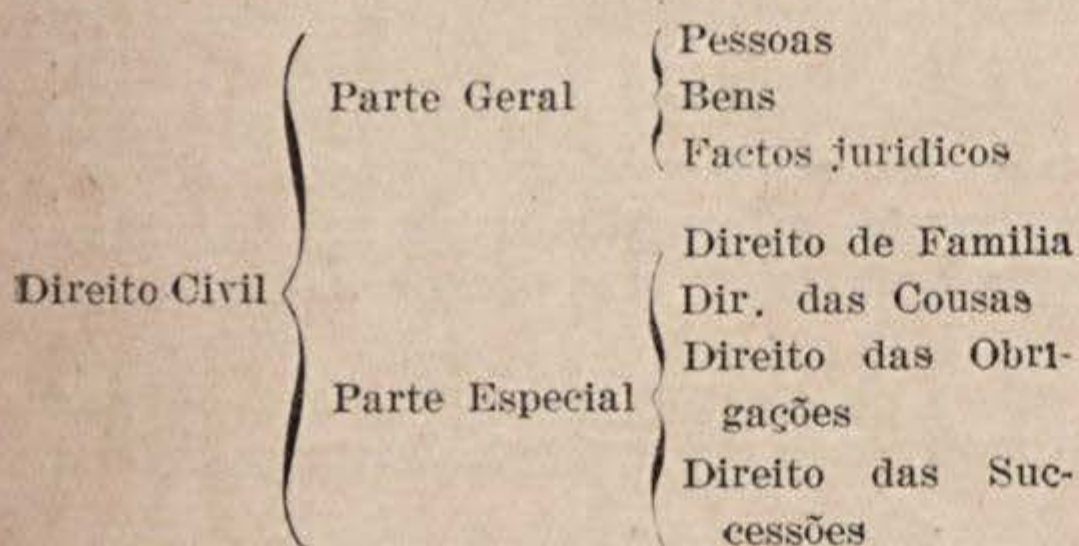
Em verdade:

I — O Direito constitue *um conjunto de conhecimentos* relativos ás funcções de relação da Sociedade Humana, grupados em torno dos conceitos de *equidade, justiça, dever* e *obrigação*.

II — O Direito apresenta uma *coordenação logica* dos phenomenos relativos á vida juridica da Sociedade. O systema juridico enfeixa os seus phenomenos em uma coordenação tão perfeita como sómente se verifica em algumas sciencias já muito adiantadas.

Com effeito, o seguinte schema dissiparia qualquer duvida a respeito:

- Direito
  - Publico
    - Interno
      - Constitucional
      - Administrativo
      - Penal
    - Externo
      - Internacional Publico
  - Privado
    - Interno
      - Civil
      - Commercial
      - Industrial
    - Externo
      - Internacional Privado

Se analysarmos o Direito Civil, por exemplo, vamos encontrar nelle o mesmo caracter de systematização já observado no universo juridico. Eil-a:

- Direito Civil
  - Parte Geral
    - Pessoas
    - Bens
    - Factos juridicos
  - Parte Especial
    - Direito de Familia
    - Dir. das Cousas
    - Direito das Obrigações
    - Direito das Successões

III — O Direito tem *unidade de objecto.* Todo Direito gira em torno de um equilibrio juridico nas relações sociaes. Esta unidade de objecto resalta claramente da analyse do phenomeno juridico.

Sobre os elementos componentes do phenomeno juridico, escreve QUEIROZ LIMA, synthetisando uma magistral lição de EDMOND PICARD: "Do exame anatomico de um phenomeno juridico qualquer se conclue que entram na composição delle cinco elementos:

1.° — O *sujeito activo,* ou o titular do direito, a pessoa que tem as vantagens e beneficios decorrentes da situação juridica.

2.° — O *sujeito passivo,* a pessoa ou as pessoas adstrictas a respeitar as prerogativas juridicas do primeiro.

3.° — O *objecto,* aquillo sobre que o titular do direito exerce sua prerogativa juridica. E' a inicidencia do direito.

4.° — A *relação — vinculum juris,* — que exprime a situação em que o sujeito ou sujeitos passivos estão para com o sujeito activo, quanto ao objecto do direito. Determina a acção passivel do primeiro elemento contra o segundo. Marca a natureza, extensão e modalidades dessa acção.

5.° — A *protecção-constrangimento,* isto é, a sancção do poder publico, a acção tutelar da força social organizada, posta ao serviço do direito, a qual se traduz no ambiente de segurança e garantias, em que todos os direitos se exercem."

IV — O Direito fundamenta-se em *principios experimentaes* adquiridos pela observação de factos essencialmente humanos.

Os *principios da penologia moderna* não repousam na observação e na experiencia do comportamento do homem quando segregado do convivio social? A *theoria da imprevisão* não se fundamenta na probabilidade e esta na experiencia? O *direito de propriedade* e suas restricções, taes como as limitações (uso nocivo), as servidões (direito de passagem) e as expropriações (interesse collectivo), não são uma consequencia natural e logica do systema economico adoptado pelo Estado? A fixação dos limites de *idade para o casamento* não é ditada pelos principios experimentaes da physiologia humana?

Tudo isso nos mostra que as leis juridicas só podem ser estaveis, mesmo, quando impostas pela sua propria força coactora, se encontrarem na natureza humana o fundamento empirico de seus preceitos.

V — O Direito possue, finalmente, *leis proprias,* invariaveis no espaço e no tempo, que prevêm e verificam as relações de coexistencia e successão entre os phenomenos que se processam na vida das relações juridicas.

Não são leis juridicas universaes — a do *respeito aos direitos adquiridos,* a da *irretroactividade das leis,* a da *não-excusa da ignorancia da lei,* a da *correlação entre o crime e a pena,* e muitas outras?

Vimos, assim, que, pelo implemento das condições preestabelecidas, o Direito adquiriu, desde logo, a sua autonomia no quadro geral das disciplinas sociaes e constituiu-se num corpo de doutrina que lhe permittiu, de longa data, o ingresso no dominio positivo e preciso da Sciencia.

Cultura literaria e sua importancia

A EDUCAÇÃO E OS RECURSOS DO BOM GOSTO

Albuquerque Lima

Niccolo Tommaseo, num livro digno da genialidade do povo italiano, a que intitulou *Della bellezza educatrice*, mostrou acreditar na influencia das grandes obras de arte sobre o caracter de todas as classes de uma sociedade, principalmente sobre as classes dirigentes e superiores, e assim defendeu o ensino da Historia e de qualquer sciencia pura como vehiculo do espiritualismo indispensavel ao progresso humano. Sem a philosophia não ha gente que se possa julgar melhor do que os bichos brutos. Sem a cultura transcendente e creadora de mundos ineditos todas as raças estacionam, repetindo-se, por não terem elementos profundos de analyse do material que manejam.

E' certo. O empyrismo grosseiro fórma sêres limitados, cuja efficiencia não transpõe nunca a fronteira do presente. O futuro prepara-o o sabio, que não descança no afan de ver os movimentos e as relações dos atomos.

Si os programmas actuaes de alguns partidos politicos hypertrophiam a acção do Estado contra a indisciplina do individuo (luta que Spencer estudára á sua maneira) é que a doença do exaggero das *causas economicas*, utilizadas pelos ambiciosos, necessita de golpes definitivos, que a equilibrem com a verdade dos demais factores: os de natureza mental, os tradicionaes, etc.

Os governos civilizados convenceram-se de que a liberdade absoluta do individuo prejudica o Estado, arrastando-o ao enfraquecimento e á amargura. Desta sorte, intensificam a propaganda do civismo, da abnegação, do desinteresse, e de tudo que é sublimização da personalidade pelo sacrificio do egoismo immediato. A literatura, em tal obra, é uma força.

No Mexico succedem-se as edições officiaes dos autores que elevam a Patria por seu talento, erudição e moralidade. A Secretaria de Educação manda imprimir livros antigos e modernos que os negociantes, guiados apenas pelo lucro, estão impossibilitados de divulgar. Tomos de poesias, chronicas coloniaes, memorias interessantes sobre themas de relevo, emfim, o que o particular não considera negocio rendoso as autoridades, com criterio louvavel, espalham dentro e fóra do paiz.

A Argentina, e não de agora, vem praticando o mesmo systema. Vale a pena acompanhar o desenvolvimento immenso da obra universitaria do povo vizinho, quanto á vulgarização dos monumentos de sua cultura. Cada Faculdade dispõe de typographia e, annualmente, lança dezenas de obras raras ou ineditas que nenhuma casa editora tomaria a seu cargo.

A Colombia, para os brasileiros mal informados, é uma simples *republiqueta*. Que engano!

A Colombia é dos mais literarios paizes do Novo Mundo. O bom gosto de sua população é notavel. O unico philologo americano, que rivaliza com o venezuelano Andrés Bello no conhecimento do idioma, nasceu na Colombia: é Rufino José Cuervo, autor de *El castellano en América*, *Apuntaciones críticas sobre el lenguaje bogotano*, *Diccionario de construcción y regimen*, etc. Nasceu na Colombia um dos tres ou quatro criticos de verdade que a America gerou: o eruditissimo e elegante Miguel Antonio Caro, hellenista, latinista e philologo de tempera, que, entre outros trabalhos, legou á posteridade *Del uso en sus relaciones con èl lenguaje*, *Americanismo en el lenguaje*, *El Quijote*, *Virgilio en España*, *Virgilio estudiado en su relación con las bellas artes*, *José Eusebio Caro*, *Páginas de crítica*. Pertencem a essa Colombia ainda um poeta fino e torturado como José Asunción Silva e um esculptural e nobre como Guilherme Valencia.

A terra do popular e querido Jorge Isaacs, o romantico sonhador de *Maria*, tambem segue o rumo do Mexico e da Argentina em sua educação social.

O Ministerio da Educação Nacional da Colombia, por meio da Bibliotheca Nacional, selecciona rigorosamente os livros que escreveram Rafael María Carrasquilla, Mar-

cos Fidel Suárez, José Manuel Marroquin, Diego Rafael de Guzmán, Santiago Pérez Triana, Antonio Gomez Restrepo, Rufino José Cuervo, Miguel Antonio Caro e seus companheiros de immortalidade, para imprimil-os com cuidado e os distribuir a preços infimos.

O que, ao mesmo tempo, louvamos na escolha, é a imparcialidade e a justiça. Na collecção faltam os cabotinos, os nullos, os maus literatos que vencem por seu prestigio financeiro, politico ou social.

São os classicos legitimos da Colombia que a integralizam.

Samper Ortega incumbiu-se das Publicações do Ministerio de Educação Nacional e é elle o responsavel pelos livros collocados na Bibliotheca Aldean da Colombia. Até este momento só applausos merece e alcança.

Conto e Novella, Crítica e Philologia, Historia e Sociologia, etc., são as secções dessa magnifica e indispensavel Bibliotheca Aldean da Colombia. Ella constitue uma especie de archivo do melhor, um canteiro de cravos, rosas e jasmins excepcionaes, uma vitrina de joias do mais alto quilate.

Deante de tão fartos e invejaveis exemplos, cabe-nos indagar: — Por que o Ministerio da Educação do Brasil não inicia sua Bibliotheca Nacional de Obras Celebres, de modo que resuscitem do esquecimento criminoso os pobres desgraçados que, aqui, durante o coloniato obscurantista, tentaram erguer a cultura de nosso povo?

Gasta-se em subvencionar duzias de molecotes que jogam *foot-ball*, para irem provocar incidentes no estrangeiro, criando uma atmosphera desfavoravel ao Brasil. Gasta-se em subvencionar clubes carnavalescos, para que não desappareçam do Brasil as borracheiras, as devassidões e as pornographias bacchicas. Gaste-se um pouco em qualquer coisa que indique civilização, cultura, sentimento do bello.

Defendamos os nossos fóros de povo capaz de pensar e o idioma opulento e lindo que a vadiagem boçal dos morros, berrando que representa o Brasil, deturpa e corrompe imbecilmente.

O patriotismo authentico differe do declamatorio e da infamia do jacobinismo illogico. O brasileiro não precisa, para ser bom brasileiro, offender homens de outras nações, nem gritar que adora a terra em que nasceu. Necessita sómente de trabalhar pelo engrandecimento do Brasil, amando-lhe o passado, respeitando-lhe os heroes, acatando-lhe as leis, falando-lhe bem a lingua e levantando-lhe o nome á altura dos melhores.

Um Estabelecimento de Credito

Entre os bancos desta cidade, goza de merecido relevo o que se encontra sob a direcção do doutor Carvalho Britto, antigo director do Banco do Brasil e figura de prestigio na vida publica de Minas Geraes.

Alguns indices da sua prosperidade economica revelam e consagram a posição especial que o estabelecimento desfructa entre os seus congeneres de todo o paiz.

Um dos melhores signaes de que um banco está se impondo á confiança publica é o montante dos seus depositos.

Nesse particular, as cifras attestam um progresso realmente notavel, realizado pelo Banco do Commercio.

Em dezembro do anno passado, os depositos em conta corrente nessa casa de credito subiam apenas a 12.369:741$742. Em julho do corrente anno, já se elevavam a 27.017:004$558 e em novembro chegavam a 34.987:725$400.

Muitos poucos serão os bancos brasileiros capazes de offerecer uma demonstração tão eloquente do seu vigor economico e sobretudo desse elemento imponderavel, que não se exprime em valor material e é, no emtanto, definitivo para o exito de um negocio dessa natureza.

Referimo-nos á confiança, que é um capital humano e insubstituivel, e, no caso do Banco do Commercio, é representada pela experiencia, pela honradez e pela capacidade de trabalho do sr. Carvalho de Britto.

Tivemos ainda agora uma prova de que o Banco do Commercio é hoje uma das instituições solidas da praça do Rio de Janeiro, no episodio do augmento do seu capital social para vinte mil contos.

Desde logo appareceram tomadores que cobriram uma vez e meia a somma necessaria para integrar aquelle augmento.

Uma das consequencias do desenvolvimento do Banco do Commercio é o projecto já em via de execução de se organizarem agencias ou filiaes em varios pontos do paiz, onde forem mais convenientes aos interesses da empreza, a criterio da sua directoria.

O Banco do Commercio foi fundado em 1875. E' assim uma casa tradicional, que tem prestado ás actividades economicas do Rio de Janeiro inestimaveis serviços.

Mas a sua nova phase depassa as anteriores em actividade e expansão.

Deve-se evidentemente ao sr. Carvalho Britto e ao seu director-gerente, sr. Oswaldo Costa, o impulso que recebeu o estabelecimento nos ultimos tempos e graças ao qual os negocios de anno para anno multiplicam-se, numa progressão verdadeiramente assombrosa.

Basta notar o facto de que as cifras do balanço de 1935, confrontadas com as de novembro do anno corrente, accusam uma ampliação superior a 300%.

A capacidade do Banco do Commercio é attestada pela formação de reservas e pelo fundo de liquidação, que attingem este anno a mil e oitocentos contos, não obstante haver a directoria elevado os dividendos dos socios para 12 %.

O sr. Carvalho Britto faz do Banco do Commercio um instrumento de progresso industrial e agricola, uma força de propulsão das actividades fecundas do paiz e, como tal, um elemento de trabalho e de equilibrio da sociedade.

(Do "O Jornal", Rio, 26-12-36).

BRANCA BILHAR

(A PIANISTA COMPOSITORA)

Alvaro Bomilcar

Qual das duas artes é mais brasileira, a musica ou a poesia?

Qual a mais caracteristica de uma raça, caldeada com elementos de todas as raças?

Posto agrade por todo o immenso Brasil a trova popular de Juvenal Galeno, H. Castello Branco, Catullo Cearense e a que, na expressão mais culta e graciosa, promana de um Belmiro Braga ou Adhemar Tavares, não alcançou ainda a poesia do povo, entre nós, os fóros de cidade. Excluem-na das anthologias — talvez porque a consideram mera expressão regional.

Por seu turno, e reciprocamente, o povo que entendia e amava a Casemiro de Abreu e Castro Alves, não decora com facilidade as bellezas parnasianas, mesmo quando os versos lyricos de um Bilac sabem falar aos corações ardorosos da mocidade.

Desse delicado conflicto entre o gosto do povo e o bom gosto das *elites*, poderemos concluir que a poesia não é propriamente a caracteristica da gente brasileira.

O mesmo não se poderá dizer no tocante ás influencias de Euterpe. Todo o brasileiro é musico de nascença. O menos emotivo dos sertanejos ama e canta as languidas modinhas da cidade; e o mais culto dos cidadãos aprecia as creações innocentes os sertões, côcos e emboladas, de que os sambas carnavalescos, cheios de licenciosidades irreverentes, são apenas uma deploravel imitação.

A musica é, portanto, de entre as artes a predilecta, ou a que conta em nosso paiz maior numero de cultores.

Ha 30 annos passados, depois de um estagio em Paris — onde tivera ensejo de ouvir os grandes mestres, chegou ao Rio de Janeiro a menina Branca Bilhar, com a sua farta bagagem de sonhos e esperanças. Como Guiomar Novaes, Maria Antonia, Antonietta Rudge, Iza de Queiroz e essa brilhante joven Eunice Lima, sua aproveitada discipula, trazia ella na fronte a aureola de uma irresistivel vocação.

Filha de uma illustre familia cearense, que deu ás letras juridicas nomes como Joaquim Bilhar, seu pae, Raul Bilhar, seu irmão, e ao magisterio a eximia educadora D. Anna Bilhar, tambem compositora inspirada, Branca encontrara, desde o berço, o ambiente propicio á formação de sua grande intelligencia. E ainda viria a conhecer, já velho, nesta capital, numa época de transição, o magico violão de Satyro Bilhar, seu tio, que a bohemia carioca, de 20 annos antes, applaudia com enthusiasmo nas serenatas de violão e flauta, de que nos restam bellas reminiscencias, como a celebre polka de sua lavra, "gosto de ti porque gosto"...

Mas Branca Bilhar não foi sómente a fiel interprete de Beethoven, Chopin, Carlos Gomes e A. Nepomuceno, a professora meticulosa que fazia as alumnas repassarem dez ou mais vezes, a mesma lição, até a mais perfeita execução; não foi sómente a discipula predilecta do professor Godofredo Leão Velloso, a conquistadora da medalha de ouro do nosso Instituto de Mu-

(Conclue no fim do Annuario)

QUINGUINGÚ

SCENAS DA ESCRAVIDÃO

Depois de mourejar o dia inteiro
Os negros, á noitinha,
Faziam *quinguingú,* serão maneiro:
Bater feijão e debulhar o milho,
Serviços de cozinha,
Preparar polvilho,
A limpeza da casa e outros mais.
Moida de cansaço, bocejavam,
E para despertar cantaloravam,
Langorosas toadas,
Rythmos sentimentaes,
Triste expansão das almas desgraçadas.
Signaes da nostalgia
Que o senhor branco não comprehendia.

Inda existe na voz do nosso poeta,
No aboio do vaqueiro,
Na tela do pintor,
Essa magua secreta,
O suave langôr
Que tolda o coração do brasileiro.

A casa de farinha
Junto ao curral do gado,
Mantendo a mesma linha
Da velha casaria.
O tecto apoiado
Sobre peças lavradas
De imbiriba e cocão.
As telhas fabricadas
De massapê curtido
Em profundos barreiros
De olaria.
Peritos carpinteiros,
De reputação,
Fizeram a prensa e o fuso bem polido
De pau d'arco maduro.
O côcho para massa
De mandioca, o rodête,
As peças do brinquete
Bem seguro
Por não causar desgraça
Sob forte pressão, como acontece
Em farinhadas que jamais se esquece.
Ha um forno circular
Muito bem ladrilhado
Para podèr cozinhar
A farinha e o beijú *bem casado.*
A tarefa mais leve sempre toca
A's meninas e ás velhas alquebradas,
Providas de quicés e acocoradas
Para raspar mandioca.
Os cachimbos de argila pendurados
Pelo canto das boccas ennervadas
Despejam baforadas
Nos ares saturados
De fatal nicotina
Que consola e arruina.

"Anda á roda Cathirina,
Mode a massa não queimá.
A farinha muito fina
E' do gosto de Sinhá."

"Sabiá está chorando
Porque o fiinho morreu
Dentro do ôco do pau,
A cobra foi quem comeu."

"Mão ligeira,
Mulatinha,
Tu não vá fazê crueira
Que é comida de gallinha."

"Esta noite, á meia noite,
Vi a coruja cantá,
Arretaiando a mortaia
Para a véia se interrá."

Interrompe a cantiga corriqueira
O grito estertorante do feitor:
—Me digam, por favor,
Vocês querem cantar a vida inteira?

F. Pinto de Abreu

Judith Nunes Pires — Publicou em 1936 "Rouge Sentimental" (Poesias). Prefacio de Leão de Vasconcellos.

"Senhora de engenho"

Decio Pacheco Silveira
Director da Radio Diffusora de S. Paulo

"Taine entendia que a historia de um povo está mais na obra dos romancistas do que na dos historiadores. Photographando os costumes, fixando as figuras do tempo, aquelles guardam, para proveito das gerações vindouras, a verdadeira physionomia da época em que viveram ou que retrataram." (1)

Este pensamento do grande critico francez acudiu-nos á mente quando deixámos as ultimas paginas dactylographadas do original refundido de "Senhora de Engenho". Mario Sette, em verdade, retratou-nos melhor o Nordeste no seu romance, — com a fixação perfeita dos seus typos, dos habitos e costumes da Terra, — do que os tratadistas de historia daquella região tropical. Em "Senhora de Engenho" vemos resuscitada uma das épocas mais interessantes do evolver da producção assucareira estandardizada e as consequencias sociaes que advieram do apparecimento desse factor economico, que immobilizou a vida dos pequenos "banguês" para dar livre curso aos interesses dos magnatas das "usinas" avassaladoras.

O autocratismo patriarchal nordestino, que era sustentado pelos braços de uma tradição centenaria, viu-se, de um momento para outro, ferido em cheio. A technica moderna, combatendo a rotina e substituindo o "tantan" mediocre das engenhocas pelo rythmo tumultuario das machinas de aço, veio impôr novos habitos á sociedade retardataria. E é justamente esse desequilibrio moral, essa luta de mentalidades oppostas, determinados pela força das competições economicas, que constituem o clima em que se desenrola a acção do romance de Mario Sette, "Senhora de Engenho", é, assim, um livro objectivo, que reflecte em suas paginas a psychologia de uma época de transição da historia nordestina.

O romance, desse modo, adquire uma como que personalidade distincta, fugindo dessa literatura inoffensiva, sem theses a defender, sem dramas collectivos a expôr, para se tornar o vehiculo que carrega dentro de si mesmo o panorama social de um povo.

No Brasil, o Norte, principalmente, tem explorado esse genero de obras, que se enquadram no pensamento de Taine. José Americo de Almeida, Jorge Amado, Amando Fontes, José Lins do Rego, Graciliano Ramos e Rachel Queiroz, estudando em seu romance os dramas da secca, do cangaço, da canna de assucar e do cacau, focalizaram typos, habitos e costumes daquelle territorio, retratando a physionomia de sua gente em varias etapas de sua historia.

*

* *

A notoriedade de Mario Sette, como escriptor, começou com o seu romance "Senhora de Engenho". Esse livro, ao apparecer, provocou desusado movimento nas nossas letras, merecendo da critica literaria do paiz attenções e elogios. Pode-se affirmar que data do apparecimento desse romance o inicio da época chamada da "literatura do norte", embora attribuam a outras obras a primazia desse periodo. "Senhora de Engenho" fugia aos ambientes extranhos e exoticos tão ao sabor dos romances de outróra. Obedecia a outra technica. Pintava as nossas cousas, os nossos aspectos, a nossa gente, com uma realidade e um colorido ainda incommuns nas nossas paginas de ficção. Além disso feria um thema, o amor e a volta á terra natal, que, embora aproveitado por Eça de Queiroz no "As cidades e as serras", tinha um desenvolvimento differente e um cunho proprio, com um gosto muito brasileiro. Aquella historia de uma familia cracunhense, de costumes modestos, de vida pacata, dentro do seu "banguê" ainda rotineiro e quasi ingenuo, tocou a sensibibilidade dos leitores. Isso porque as figuras do coronel Cazuza, de D. Ignacinha, de Lucio, do vigario Elysio eram, realmente, typos que viviam no nosso conhecimento, na nossa

---

(1) — Humberto de Campos — Critica, I serie, pag. 249.

intimidade. Quem, ainda hoje, visite um recanto do nosso interior encontrará essa gente, com aquelles habitos, aquelle modo de falar, aquelles sentimentos. O povo não se engana, ao julgar um romance, quando exclama deante de um personagem: "Parece que estou vendo Fulano". Elle poderá não saber julgar uma obra pela sua face literaria, mas é incisivo no proclamar-lhe a fidelidade dos typos e das scenas. Foi exactamente isso que se deu com "Senhora de Engenho". A sua acceitação não se limitou apenas aos decretos dos criticos. O romance teve, tambem, a approvação do publico, tornando-se conhecido em todo o paiz. Duas edições sahiram dentro de um mez. Posteriormente appareceram mais duas edições que se exgottaram, sendo uma dellas fóra do Brasil, lançada pela *Chardron*, do Porto. A que actualmente é dada ao publico, quiz o autor que fôsse por elle inteiramente revista e mesmo retocada. Mario Sette a considera uma obra definitiva.

Sem alterar o scenario e o entrecho da obra, elle refundiu alguns capitulos, modificou quadros, simplificou dialogos. Deu-lhe, revendo-a já na maturidade, o natural reflexo de seu aperfeiçoamento de romancista e da maior agudeza e serenidade do seu senso de observador das almas humanas. Não encontrou, porém, o que alterar de profundo na estructura psychica de suas personagens. Ellas, como acima dissemos, vivem ainda nos tempos modernos, por mais inquietos, egoistas e maldosos que sejam. A figura de Maria da Bethania, por exemplo, foi a que mais impressionou os leitores quando do apparecimento do livro. O autor, em artigo para a imprensa, contou mesmo que até entre intellectuaes, Maria de Bethania provocaria opinião diversas: — uns a achal-a perfeitamente humana com a sua bondade, a sua modestia, a sua renuncia; outros a situal-a numa orbita de irrealidade, de romantismo, mercê daquelles extremados sentimentos. No emtanto o autor confessa haver conhecido modelo ainda mais perfeito.

Passemos os olhos pela critica: Monteiro Lobato escrevia: "Em "Senhora de Engenho" bastaria o typo de Maria da Bethania para collocar a obra entre as melhores que nos tem dado o Norte ultimamente. Bethania é a moça que não se casa e, toda meiguice, timidez, thesouros do coração, murcha como uma flôr na haste sem que surja o eleito que a leva a colher. E' typo de que não se esquece mais."

Gilberto Amado opinava que Maria da Bethania, longe de renunciar ao seu amor, deveria conquistal-o á força, entregando-se-lhe dentro de um dos cannaviaes de Aguas-Claras.

Paulino de Andrade julgou Maria da Bethania pouco humana.

Lima Barreto, com a sua autoridade de romancista, definira Maria da Bethania como uma das figuras mais bem estudadas do livro.

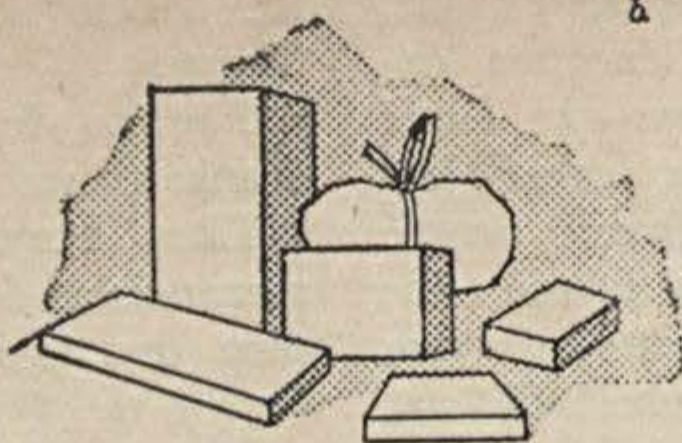
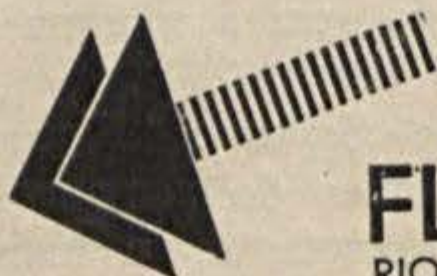
Veiga Miranda escreveu: "Ha em "Senhora de Engenho" um typo propositadamente diluido em meias tintas e que adquire, entretanto, desde o começo, singular individualidade. E' Maria da Bethania, a amorosa esquecida, resignada na sua dor, propensa a perdoar tudo sem a minima compensação de felicidade."

Armando Cayoso: "Figura menos falada que as centraes do romance, Maria da Bethania é, entretanto, a mais culminante, a unica a despertar interesse emocional com as suas lagrimas silenciosas, o seu ciume pittoresco, os seus olhos desmedidamente abertos para a felicidade dos outros..."

Mario de Lima achava que "entre as figuras principaes de "Senhora de Engenho" ha uma inolvidavel: é Maria da Bethania, formosa sertaneja, que cheia de abnegação se sacrifica pela moça carioca com quem se casara o patricio perjuro que indo para o Rio a esqueceria. Maria da Bethania é uma verdadeira creação, como poucas possue o romance nacional".

Alguns criticos, por vézo de classificação ou por exclusivo ponto de vista de realidade, attribuiram a "Senhora de Engenho" o qualificativo de "romantico". Romantismo é, como se sabe, uma denominação de muita amplitude, que se presta, por isso mesmo, a varias interpretações. O romantismo pode ser a obra de reacção contra os rigidos e severos moldes classicos, emprestando á vida um maior sentido de veracidade, de belleza e poesia. E póde ser tambem o convencional, o imaginario, o falso. Contra este ultimo romantismo reagiu a escola realista, cahindo, por sua vez, como todos os movimentos revolucionarios, num outro extremo condemnavel e tambem destrilhado do real, como o proprio romantismo já fizera com o classicismo, degenerado por sua vez.

O romance de Mario Sette ficou, proporcionalmente, collocado dentro dos limites sadios das duas escolas. Não poderia ser clas-

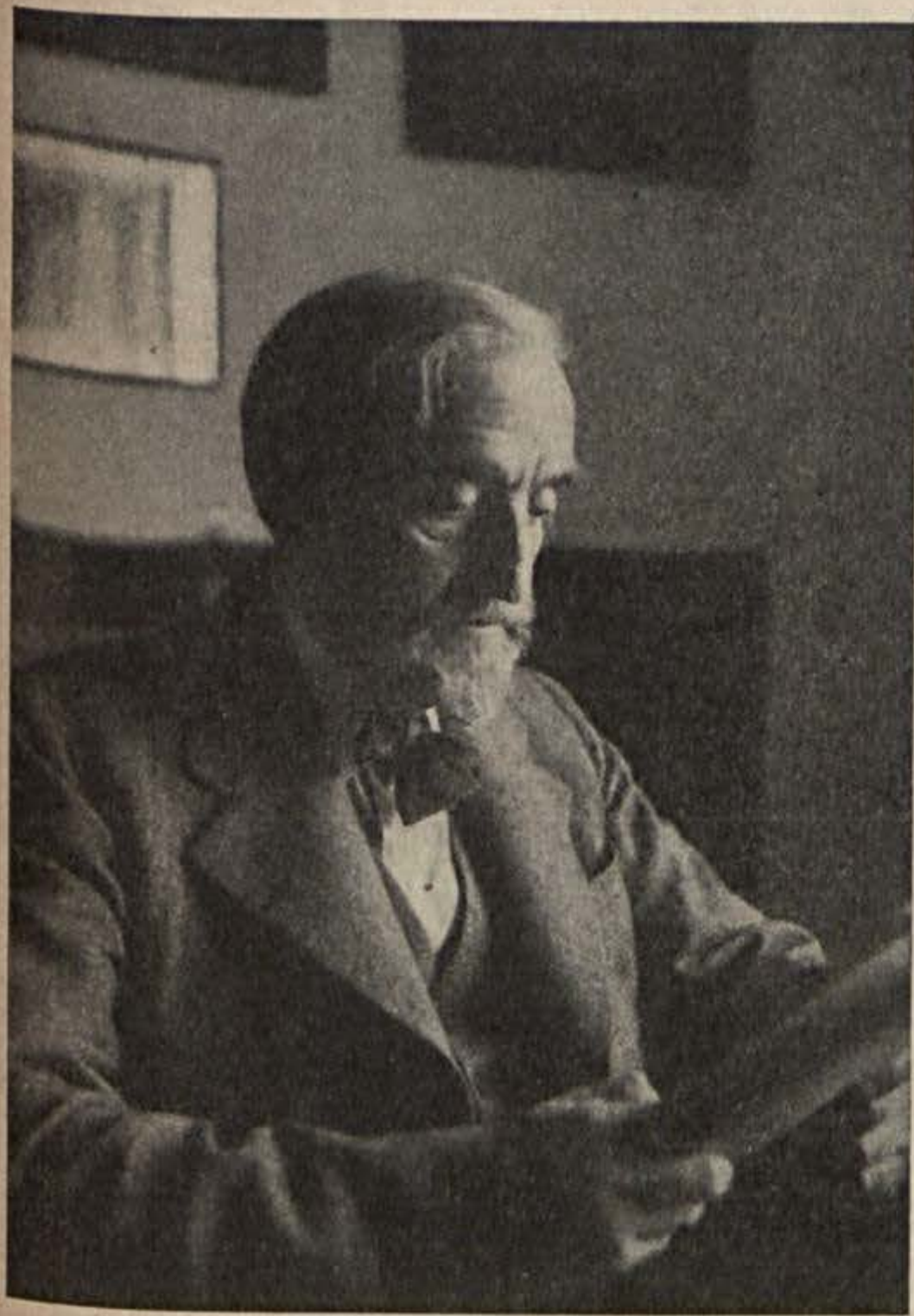
sificado como rigorosamente "romantico", porque o seu scenario, as suas figuras, o seu thema são perfeitamente logicos, humanos, verdadeiros. Não admittiria a denominação "realista", porque o autor fugiu á maior crueza dos quadros, á sujidade das expressões, ao estudo das anormalidades.

O autor não deturpou, não enfeitou os seus typos. Não os fez calungas de cêra, mas creaturas ainda encontradas no clima dos velhos engenhos. Não quiz, por exemplo, que Hortensia morresse para Bethania casar-se com Nestor. Houve até quem censurasse o autor por não tel-o feito. Este seria, no caso, um desfecho "romantico", para agradar aos leitores, mas que revelaria os cordõesinhos do romancista a mover ao seu geito a acção da obra. A acclimação do carioca ao engenho é, ao contrario, mais logica, muito mais humana, porisso que a convalescença, emprestando-lhe novo sabôr á vida, o sedativo da maternidade e os ciumes de Bethania, agiam imperativamente no seu espirito, levando-a a ser com satisfação e vaidade a "senhora de engenho".

"Senhora de Engenho" singulariza-se ainda por ser uma obra rebelde a escolas. Ella não foi beber inspiração nem nos moldes romanticos, nem nos realistas. Preferiu ser um romance verdadeiramente nosso, pintando as nossas paisagens e a nossa gente sem exaggeros e sem coloridos fortes. Como sabe ser mesmo a vida no campo. Por isso mereceu da critica de todo o paiz interesse e elogio. Marcou uma época. Tornou o nome de Mario Sette um nome nacional.

Quanto mais proximo estivermos do Livro, mais profunda será nossa concepção da Vida. Auxilia o Livro aquelle que ama a Vida a explorar o Universo, não sómente com seus proprios olhos, como com os olhos innumeraveis dos demais. — **Stefan Zweig.**

Visitantes illustres do Brasil

Faustino Nascimento

O anno de mil novecentos e trinta e seis, por circumstancias diversas, foi particularmente prodigo em visitantes illustres ás plagas hospitaleiras do Brasil.

Entre os nossos illustres visitantes, em 1936, cita-se tambem o Dr. Wilhelm Steckel, grande psychanalysta, sobre cuja personalidade fez o Dr. Ary de Mesquita um excellente estudo, estampado em outro local deste ANNUARIO.

Não tanto pelo factor numerico senão pelo valor intrinseco dessas notaveis personalidades, deve ser assignalado o feliz evento que nos propiciou opportunidades magnificas de vêr e, quasi sempre, ouvir vultos eminentissimos das letras e da sciencia, tão justa e mundialmente conhecidos e admirados.

Esse facto auspicioso merece registo especial, porque o Brasil mais do que qualquer outro paiz, tem hoje necessidade imperiosa do contacto amigo dos mestres do pensamento e da cultura, por uma serie de razões sobejamente demonstradas. Somos um povo jovem, com um grande destino a realizar, uma raça ainda em formação, mas com um grandioso papel a cumprir, perante a historia. Temos espaço geographico que equivale a um continente. Possuimos energias moraes, reservas ethnicas e riquezas telluricas para a construcção definitiva da mais pujante civilização. Poucos povos no mundo disporão de eguaes predicados e terão diante de si semelhante futuro.

Entretanto, tudo isso é quasi completamente desconhecido do estrangeiro, que geralmente nos julga como paiz semi-colonial, sem civilização propria e sem cultura original differenciada. Dahi, as vantagens dessas visitas de homens cultos, universalmente conhecidos e conscios de suas responsabilidades, que sentem o vexame de nos desconhecerem, em face do deslumbramento de que aqui ficam possuidos, como aconteceu a Stefan Zweig. Por outro lado, os nossos grandes escriptores, deante desses testemunhos insuspeitos, vão sentindo melhormente a necessidade de voltar as suas vistas para dentro do Brasil. Não se faz de mister apenas descrever as nossas paisagens empolgantes, estudar os costumes e tradições do nosso povo, traçar rumo definitivo á unidade cultural da nossa grande patria. Cumpre tambem tornal-a conhecida, admirada e respeitada no estrangeiro, para que o Brasil possa occupar o logar que lhe compete no seio das nações cultas do mundo.

Justo é assignalar, de passagem, que devemos essas desvanecedoras visitas não sómente ao diligente patriotismo e ao grande descortino diplomatico do ex-chanceller Macedo Soares, mas tambem á circumstancia

fortuita da realização, em 1936, do Congresso dos P.E.N. Clubs na America do Sul (Buenos Aires).

Da mesma forma que procedemos na resenha relativa aos grandes vultos desapparecidos no anno que findou, em que, evidentemente, nos não seria dado falar acerca de todas as grandes figuras mundiaes que se fôram no anno findo, senão daquellas que, ao nosso vêr, symbolizavam, até certo ponto, o decemvirato do pensamento universal, trataremos tambem aqui sómente desses seis eminentes escriptores e scientistas, que fôram nossos hospedes, em 1936, e contribuiram, assim, com a sua presença, com a sua palavra ou com a sua penna, para a nossa maior integração, na tarefa cultural que nos compete, e para a nossa divulgação maior, no pensamento universal, que nos reclama:

MARCONI

Guglielmo Marconi veio ao Brasil como hospede official. Não era, aliás, a primeira vez que visitava esta parte do Continente Americano. Já em 1910 aqui passava com destino a Buenos Aires, a bordo do *Princìpessa Mafalda,* em missão estreitamente ligada aos seus notaveis inventos.

Marconi, que nasceu em Bolonha, na Italia, em 25 de Abril de 1874, que mais tarde recebeu a laurea *ad honorem* das Universidades de Bolonha, Oxford e Cambridge e é hoje membro honorario das principaes instituições scientificas da Europa e da America, pode ser considerado o maior inventor do nosso tempo e aquelle que acompanhou pessoalmente o seu invento, através de todas as phases de sua evolução. Só lhe encontramos similar, talvez, em Thomaz Edison. Desde muito jovem, dedicou-se á electrotechnica. Estudou em Bolonha, Florença, Livorno e na Inglaterra, onde tinha parentes pelo lado materno. Seus paes eram Giuseppe e Annie Jameson. Estudando as ondas de Hertz, descobriu o telegrapho sem fio. Mais tarde, o radio. E, ultimamente, a televisão. Desde 1923 installou o seu laboratorio de experiencias no yacht *Elettra*. Fez jús ao Premio Nobel de Sciencias Physicas. Em 1914 foi nomeado senador. E' presidente da Real Academia da Italia e da Sociedade Amigos do Brasil. Em 1929 foi-lhe conferido o titulo de Marquez. O laboratorio de physica da

Stefan Zweig entre illustres academicos, quando de sua recepção na Academia Brasileira de Letras.

Universidade da Capital Federal, nesta cidade, tem o nome de "Sala Marconi".

STEFAN ZWEIG

Este nome, apesar de austriaco e em sons bem germanicos, já nos sôa como se fosse brasileiro e em sons quasi portuguezes... Tal é a influencia da sua obra, vertida para a nossa lingua e cujas edições se succedem com rapidos intervallos. E o escriptor viennense tem apenas actualmente cincoenta e cinco annos, pois nasceu em 28 de Novembro de 1881.

Foi nosso hospede official e aqui pronunciou um notavel discurso na Academia Brasileira de Letras e fez uma admiravel conferencia, no Instituto Nacional de Musica, sob o thema "A Unidade Espiritual do Mundo". E' poeta, theatrologo, romancista, ensaista, critico e biographo. Reside actualmente em Londres. E' de origem judaica.

EMIL LUDWIG

O famoso publicista allemão nasceu em Breslau em 25 de Janeiro de 1881, no mes-

mo anno em que veio ao mundo o romancista de *Amok*.

Tentou, no inicio de sua carreira literaria, a poesia, o romance, o theatro e a critica. O seu primeiro volume de polemica sahiu em 1913 sob o titulo *Wagner oder die Entzauberten* (Wagner ou os desencantados). Depois da Grande Guerra, cedendo á moda do momento, que aliás ainda continúa, dedicou-se á biographia. E escreveu: *Goethe* (1920), *Schliemann* (1922), *Napoleon* (1925), *Wilhelm II* (1925), *Bismarck* (1926), *Lincoln* (1930), *Der Menschensohn, Geschichte eines Propheten* (O Filho do Homem, historia de um propheta (1931), *Geschenke des Lebens, ein Rückblick* (Presentes da vida, um olhar retrospectivo (1931), *Mussolinis Gespräche mit Emil Ludwig* (Colloquios com Mussolini (1932).

Sendo judeu e, como tal, considerado contrario ao regime nacional-socialista da Allemanha,teve os seus bens confiscados pelo governo do Reich, em 1.° de Dezembro de 1933. Naturalizou-se então cidadão suisso, e reside actualmente num castello, perto da cidade de Locarno. Foi nosso hospede official. Proferiu, na Academia Brasileira de Letras, uma bella conferencia, sob o titulo "Goethe, cidadão da Europa".

GEORGES DUHAMEL

Esse conhecido poeta, critico e romancista francez, que tambem nos deu a honra

de sua visita neste anno de 1936, é natural da cidade de Paris, onde nasceu aos trinta de Junho de 1884. Ao lado de Charles Vildrac, foi um dos fundadores do famoso grupo chamado da *Abbaye*. Formou com Jules Romains o moderno movimento espiritualista denominado "unanimistas". E

escreveu as seguintes obras — *poesias lyricas*: "Des Legendes, des batailles" (1907), "Selon ma loi" (1909), "Compangon" (1912), "Le combat" (1913); *obras de meditação e narrativas*: *"Vie des Martyres"* (1917), "Civilisation" (1918), "Entretiens dans le tumulte" (1919), "Elégies" (1920), "Les hommes abandonés" (1924), "La nuit d'orages" (1928), "Scenes de la vie moderne" (1930), "Géographie cordiale de l'Europe" (1931). Escreveu tambem excellentes ensaios de critica literaria: "Paul Claudel", "Les poètes et la poésie" e "Lettres au Patagon".

JACQUES MARITAIN

Outro visitante illustre do Brasil, foi o philosopho catholico Jacques Maritain, nascido tambem em Paris, a 18 de Novembro de 1882, e que descende de um nome tambem celebre na philosophia do nosso tempo: é netto de J. Favre. Maritain foi a principio professor de escolas medias em Paris, sendo mais tarde trazido ao seio do catholicismo por L. Bloy. A partir de 1916, passou a ensinar no "Instituto Catholico", vindo a fazer parte, depois, como membro effectivo, da "Academia Pontificia São Thomaz de Aquino". E' hoje o inspirador de um grupo de artistas e literatos catholicos, o melhor combatente e o maior defensor da néo-escholastica.

Campeão imperterrito da orthodoxia catholica, combate intransigentemente até mesmo aquellas das correntes philosophicas modernas que se inclinam para o espiritualismo, como a doutrina de Henri Bergson.

São suas obras principaes: "Reflexions sur l'intelligence et sur sa vie propre" (1926), "Antimoderne" (1927) "Art et scolastique" (1928), "Trois Reformateurs": Luther, Descartes, Rousseau (1931), "Eléments de Philosophie" (1931), "La Philosophie Bergsonienne" (1931) "Le Docteur Angélique" (1931) e "Le songe de Descartes (1932).

JOÃO DE BARROS

O poeta delicado de "Anteu" e de "Sisifo", de "Algas", "O Pomar dos Sonhos", "Caminho do Amor", "Terra Florida", Ansiedade" e "Vida Victoriosa", o prosador scintillante de "A Nacionalização do Ensino", "A Escola e o Futuro", "A Energia Brasileira" e "Caminho da Atlantida", foi o nosso ultimo hospede, na ordem chronologica, durante o anno que findou.

O seu nome de escriptor e de aristocrata, duas vezes Ministro do Governo de seu paiz, lembra o daquelle outro conterraneo seu de identico nome, que viveu de 1496 a 1570, em plena era camoniana. E, tal como o famoso autor da "Chronica do Emperador Clarimundo", das "Décadas", da "Grammatica Portugueza" e do "Dialogo da Viciosa Vergonha" e que foi donatario da Capitania do Maranhão, o moderno João de Barros quiz ligar seu nome tambem á nossa evolução cultural. Filho de um antigo consul do Brasil em sua terra, desde cedo mostrou-se interessado pelas cousas do nosso paiz. Visitou-nos, pela primeira vez, em 1912. Em 1920 tornava ás nossas plagas. E, dezeseis annos mais tarde, renovava a sua fecunda visita. Fez-se denodado campeão da approximação intellectual das duas patrias, e a sua ultima estada no Brasil teve uma grande e consagradora significação cultural neste sentido. Veio como emissario da intellectualidade lusitana junto a nós, e aqui fez brilhantes conferencias na Academia Brasileira de Letras, de que já era membro correspondente, na Academia Carioca, da qual ficou sendo socio, na Academia Fluminense de Letras e na Universidade de São Paulo.

E' um legitimo embaixador e da mais alta linhagem do talento lusitano e da cultura portugueza.

"A IMPRENSA E A LEI"

UM NOTAVEL COMPENDIO POSTHUMO DO MINISTRO GEMINIANO DA FRANCA

O saudoso Ministro Geminiano da Franca, fallecido ha pouco mais de um anno, deixou, além dos seus numerosos trabalhos juridicos, qual o qual mais judicioso e mais elegante, este que vem de ser dado á publicidade, agora, posthumamente: "A Imprensa e a Lei".

O grande juiz, que tanto honrou e dignificou a Magistratura, pela sua extrema correcção moral, pelos escrupulos de sua consciencia e pela rectilineidade de suas attitudes, era uma cultura juridica invulgar, servida por faculdades excepcionaes e privilegiada memoria, culminada por uma penetração mental aguda e energica.

Estes dotes exhornaram-lhe a personalidade de juiz e de jurista em fulgurante aureola de valor. E com estas notaveis qualidades é de prever que o seu ultimo livro seja, como é, sem favor, um trabalho marcante.

O saudoso jurista Ministro Geminiano da Franca

Podemos dizer que, até o advento da lei de 31 de Outubro de 1923, não havia, entre nós, um corpo doutrinario systematico de legislação de imprensa. Nas disposições do Cod. Penal sobre o exercicio da liberdade de escrever, e, em algumas, sobre os delictos contra a honra e a boa fama, girava o nosso direito relativamente ao periodismo. Seguindo, porém, a ordem logica dos factos, a necessidade foi creando os casos, as hypo-

theses, as conjecturas, e estas, com o progresso, dilatando a sua esphera de acção até que se tornou indispensavel corporificar em disposições especiaes todas estas conjecturas, hypotheses e casos, o que fez a lei citada.

A nossa literatura juridica era, pois, relativamente aos delictos da publicidade jornalistica, esconsa e incerta, porque tinham os tribunaes de decidir sem outra norma juridica que não o sentimento do julgador e o senso de razão individualmente firmado pela propria orientação cultural de cada um.

Por outro lado, promulgada a Lei de Imprensa, era natural soffresse ella os mais sérios embates. Mal comprehendida e mal sentida, operando num meio desambientado á sua acção moralisadora, a pressão offerecida pela propria imprensa contra a Lei foi a mais violenta, a ponto de ser cognominada de "lei infame".

Seria natural que uma lei nova, elaborada com as maiores difficuldades, se resentisse de imperfeições que a pratica demonstraria, e que seriam corrigidas pela jurisprudencia.

Mas, ainda, nos faltava um trabalho nacional de vulto que, buscando nas fontes historicas e no direito comparado seguros elementos de orientação, melhormente firmasse as directrizes dos julgados. E' este o que nos deixou o inolvidavel Ministro.

Temos em mão o volume, vasado em mais de quinhentas paginas. Ahi se tem justamente o elemento historico universal e as tradições do direito patrio, não só em exposição clara e methodica, como sob a irradiação de uma critica sadia.

Desde os povos antigos, passado pela Reforma e pelo regimen totalitario, vindo a seguir o direito portuguez, para fixar os acontecimentos relativos á nossa independencia e acompanhar os principaes factos da nossa historia, onde vamos encontrar a carta politica do Imperio, a Regencia, o Governo Provisorio e, depois, todas as phases culminantes dos governos seguintes, onde repontam casos de publicidade e censura, á margem dos grandes factos, chegam a critica e a exposição do livro á Constituição de 34, para consubstanciar o que tem sido a imprensa brasileira sob a acção das leis.

Para completar este repositorio valiosissimo, encontrava mais o estudioso Ministro os dispositivos legaes sobre a liberdade de critica e os delictos de publicidade de mais de 40 paizes, constituindo assim o compendio um trabalho completo, no qual se encontrarão elementos novos para um estudo de conjuncto da materia. Finalmente, o autor defende a necessidade de se corporificarem dispositivos legaes regulando a publicidade jornalistica e applaude a lei de 23, que julga apenas carente de ligeiros reparos. Nisto se fixa a sua orientação doutrinaria. De qualquer fórma, e sob todos os aspectos, é ocioso dizer: o livro é optimo. Exteriorisa, mais uma vez, a bella cultura e o são patriotismo de seu grande autor, prestando valioso serviço aos estudiosos do Direito.

O Cinema Brasileiro

Oduvaldo Vianna, autor do argumento e director technico do bom film brasileiro "Bonequinha de Seda"

A cinematographia nacional viveu em 1936 uma phase de proficua actividade. Muitas foram as producções apresentadas ao publico, destacando-se "CIDADE MULHER", "BONEQUINHA DE SEDA" e "O GRITO DA MOCIDADE" como as melhores.

Realmente, essas pelliculas exhibiram alguma coisa de technica, argumentos acceitaveis e montagens discretas. Elementos do valor de Henrique Pongetti, Oduvaldo Vianna e Raul Roulien afastaram momentaneamente o perigo dos argumentos insufficientes e as masturbações dos cineastas ingenuos. Desse modo, entrou a nossa cinematographia no primeiro periodo constructivo, encarado como industria de futuro promissor.

Que se trata de negocio de lucros compensadores, não resta a menor duvida. Basta procurar saber as receitas formidaveis que qualquer dos films acima proporcionou aos exhibidores no Rio de Janeiro. E se dizemos "aos exhibidores" é porque, na verdade, o productor escorchado em 50% pelos cinemas e 30% pela incomprehensivel DISTRIBUIDORA DE FILMS BRASILEIROS, deve dar graças a Deus em salvar o capital empregado na sua obra.

Faz-se necessaria uma revisão na lei creada para amparar o cinema brasileiro, habilmente insinuada por elementos que farejam á margem dessa intenção um authentico negocio da China. Emquanto perdurar o *trust* de Luiz Severiano Ribeiro, detentor de quasi todos os cinemas da Capital, Nictheroy e de alguns Estados, o dinheiro dos capitalistas não se apresentará para alimentar o appetite voraz dos tubarões que dominam o mar tranquillo da cinematographia nacional.

* * *

Raul Roulien, homem experimentado em questões de theatro e cinema, habituado a organizar financeiramente qualquer emprehendimento, percebeu logo o golpe que lhe pretendiam desferir no "O GRITO DA MOCIDADE". Estrilou. E seu film foi vergonhosamente *boycotado* pelo grupo pantagruelico da Distribuidora-Luiz Severiano Ribeiro.

Exhibido em alguns cinemas do centro, teve sua carreira cortada nos bairros onde deveria produzir o maximo de renda. Assim, urge um paradeiro á ambição desses cavalheiros, ao menos no que diz respeito á producção nacional. O nosso productor não necessita da Distribuidora para cousa

alguma. E ao exhibidor, basta obrigal-o por lei á porcentagem razoavel de 30 % em todos os films que se apresentem.

Só assim, o capital tão necessario nessa primeira phase da construcção real do cinema brasileiro se apresentará com vantagens geraes.

* * *

"CIDADE MULHER" é uma pellicula regular cujo argumento sentiu a influencia nefasta dos córtes orçamentarios. Montada com mais luxo seus quadros impressionariam muito mais, dando ao entrecho de Henrique Pongetti o relevo desejado. Assim deve ser sempre que se tratar de film-revista.

Os dialogos bons, um tanto prejudicados pelas imperfeições do som. Do *cast* salientaram-se Jayme Costa, bom typo para cinema e em franco progresso, Sarah Nobre, Mara Costa Pereira, Irmãs Pagãs, Orlando Silva e o estreante Bandeira Duarte que, mais policiado pelo director, pode vir a ser um bom comico. Carmen Santos, como sempre, decepcionou. A musica de Noel Rosa apresentou de interessante a marcha "Cidade mulher", de facto bem viva e agradavel. Scenographia fraca.

* * *

"BONEQUINHA DE SEDA" é o celluloide que agradou em cheio ao publico brasileiro. A felicidade do original, a escolha do *cast* e a montagem luxuosa contribuiram para o successo.

Oduvaldo Vianna comprehendeu logo que um film romantico é sempre objecto de attenção por parte do publico de todas as platéas. E conduziu com extrema habilidade o desenvolvimento do thema amoroso. Logico. Convincente mesmo. Justamente o que sempre foi postiço no cinema nacional attingiu uma perfeição que prendeu mais do que a *feerie* dos quadros da revista. Gilda de Abreu, foi uma revelação agradavel. Ella surprehendeu o publico com sua graça, desembaraço e elegancia. Fala bem, canta e sabe emocionar.

Delorges Caminha, um bom galã á altura da elegancia dos ambientes traçados. Conchita de Moraes deu ao seu papel de senhora toda a distincção possivel. Darcy Cazarré muito bom no alfaiate Pechincha. Musica excellente, numeros de theatro de gosto impeccavel e uma scenographia bôa completaram de forma brilhante o trabalho de Oduvaldo Vianna.

* * *

"O GRITO DA MOCIDADE" differiu muito dos films até aqui apresentados no Brasil. Roulien, não sabemos por que, preferiu o drama. Ora, não é genero muito apreciado pelo grosso do nosso publico. Entretanto, o film do querido astro brasileiro é technicamente o mais perfeito. Ha na producção de Roulien conhecimentos mais profundos na collocação da *camera*, movimentação de massas e perfeição de ambientes. As scenas pasadas no Hospital são impressionantes de realidade, demonstrando logo o apuro de um conhecedor das meticulosidades do cinema americano.

Roulien e Conchita, principaes interpretes da producção, trabalham com o desembaraço dos veteranos que já não se impressionam com a objectiva. E o resto do *cast* procurou obedecer á orientação do director, sahindo-se bem. Alguns trucs bem jogados, como o do desastre de trem, impressionam de verdade a platéa.

Um bom trabalho o de Roulien e os dialogos de Henrique Pongetti muito bem interpretados.

VIRTUDE

Virtude — joia limpida e faiscante,
que, para certas damas, é o thesouro
mais feiticeiro que o cabello louro
com que illuminam outras o semblante.

E' d'algumas o brinco duradouro;
d'outras, matiz, ephemero cambiante,
pingo d'agua que aspira ser brilhante,
lamina de latão fingindo de ouro.

Prazer amabilissimo e velado,
mentira que figura entre as verdades
e que augmenta o desejo ao desejado,

Conspiração de instinctos e vontades,
vicio que, antigamente, era peccado
e hoje é a mais elegante das vaidades.

OSVALDO ORICO

A Nova Directoria da Aca

Ataulpho de Paiva

Em sua sessão de 24 de Dezembro de 1936, a Academia Brasileira de Letras, de accordo com o disposto no seu Regimento Interno, procedeu á eleição da mesa que deverá dirigir os destinos academicos no anno de 1937.

Ficou assim constituida a nova Directoria: Ataulpho de Paiva, presidente; Miguel Osorio de Almeida, secretario geral; Mucio Leão, primeiro secretario; Pedro Calmon, segundo secretario; Gustavo Barroso, the-

Miguel Osorio de Almeida

Mucio Leão

demia Brasileira de Letras

soureiro; Victor Vianna, bibliothecario; Adelmar Tavares, director da Revista da Academia.

Dizer quem são os illustres empossados, ou salientar-lhes os meritos, seria desnecessario e superfluo. Figuras notaveis de magistrado, de scientista, de critico, de historiographo, de erudito, de economista e de poeta, apenas nos compete reconhecermos a excellencia da escolha e congratularmonos com eleitos e eleitores.

Academia Brasileira de Letras

Adelmar Tavares

Pedro Calmon

Victor Vianna

Gustavo Barroso

Vocabulario de Crendices Amazonicas

CAPITULO DE UM LIVRO A APPARECER

Osvaldo Orico

M

Macacaporanga — Ainda hoje, em Belém, é consideravel o commercio de raizes e cascas cheirosas, que constituem o infusorio dos "banhos" tão apreciados e recommendados para a felicidade do individuo. Entre as materias primas que entram na composição aromatica, é indispensavel a macacaporanga, cujos galhos, ralados ou de môlho, concorrem para tornar mais deliciosa a infusão. Certas mulatas "carregam" os banhos com essa laureacea, na crença de que os seus encantos augmentam na proporção do perfume que desprendem.

Macacôa — Qualquer indisposição physica que appareça, golpe de azar ou achaque frequente, tem esse nome bastante expressivo no linguajar caboclo. Inventam-se todos os remedios para evital-a ou para sarar-lhe os effeitos desagradaveis.

Manacá — Conhecido scientificamente pelo nome de *Brunfelsia hopeana,* o nosso manacá é uma das muitas especies de plantas que gozam na Amazonia de propriedades milagrosas tanto no receituario indigena, como depurativo, como na imaginação da gente rustica, através de banhos para espantar o caiporismo e trazer sorte nas actividades que se exercitem. Os nossos caboclos, antes de irem á caça ou á pesca, julgam que um banho dessa planta favorece lindamente as rêdes e a pontaria.

Mãe dagua — Um dos nomes populares da yara indigena, da sereia européa, da yemanja africana, a mãe dagua é uma visão domestica frequente nas historietas e narrativas infantis. E' uma visão aquatica já affeiçoada á mentalidade da criança, sem as traições da primeira, sem os mysterios da segunda e sem a terrivel lubricidade da terceira. Uma especie de yara filtrada pela doçura caseira das velhas amas caboclas.

Malassombrada — Diz-se de casa em que ha suspeitas de phantasmas, espiritos, lobishomens ou coisa que o valha. Certas crendices e prevenções assumem, ás vezes, um caracter lesivo contra os objectos em que incidem. Já vi no interior e, até mesmo nas capitaes do Amazonas e Pará, muitas residencias alugadas por dez réis de mel coado, só porque a suspeita popular as marcou por malassombradas.

Manôa (El-Dorado de) — A imaginação escaldante dos tropicos permittiu que se architectasse uma fabula semelhante áquellas que se gravaram na historia dos povos orientaes. Construiu um El-Dorado, de que nos dá noticia Walter Raleigh, em sua obra citada: "The discovery of the large, rich, and beautiful empire of Guyana, with a relation of the great and golden citie of Manoa (which the spaniards call El Dorado)".

Mandinga — Uma das expressões mais pittorescas de feitiço e coisa feita. Usa-se com mais frequencia para justificar a pessôa que está embeiçada, derretida, apaixonada por outrem. Aquillo foi mandinga. Já se sabe a origem da perdição.

Mandioca — Ha uma lenda, que celebra, na Amazonia esta conhecida e utilissima raiz, da qual se extrae uma grande variedade de comestiveis: a tapioca, a farinha, o tucupy e a manipuéra. Segundo se conta, existiu em tempos uma rapariga chamada Mani. Ella foi illudida e se refugiou na terra para esconder o fructo da sua leviandade. Do corpo escondido brotou a *manioca,* que quer dizer — Casa de Mani.

Mara — Este nome, que exerce hoje grande atracção nos meios artisticos e já designa artistas do *casting,* recorda a existencia da filha de um pagé, que assimilou todas as artes paternas e dellas se valeu sempre para o mal. Mara é um symbolo da ruindade systematica. Morrendo afogada, depois de uma luta surda para escapar ao castigo e condemnação paterna, ella consegue que a sua peçonha contamine uma porção de ervas, de que hoje se servem os feiticeiros para as suas actividades sinistras.

Maracaimbara — L. G. Uma das muitas designações com que os pagés manipulavam toxicos e venenos destinados a pessoas visadas pelos seus clientes.

Marapatá — Ha na foz do Rio Negro uma pequena ilha, uma ilha sem relevo geographico, mas destacada na historia da Amazonia. E' Marapatá. Os que della tiveram noticia por informação, ou leram paginas a seu respeito, não podem sinão ficar curiosos em conhecel-a e identifical-a, transferindo das cartas para a embocadura do rio a localização de sua fama.

No tempo em que as industrias extractivas da Amazonia desafiavam a cobiça de todos os povos, principalmente a ambição dos aventureiros da estranja e dos audaciosos caboclos nordestinos, Marapatá viu erigir-se, á sua custa, uma celebridade pejorativa, desagradavel. Attribuiam-lhe as funcções de porta do mundo, junto da qual os itinerantes apressados paravam um pouco, não para repousar antes da suprema aventura, mas para alliviar-se de uma bagagem *incommoda* ao seu destino: a consciencia.

O drama dos seringaes amazonicos, que só agora começa a ser escripto, lido e sentido em toda a sua realidade, attesta o que foi essa obra de cobiça, de exaltação material, de bandeirismo lucrativo, que Ferreira de Castro nos pinta n'*A Selva*, que Eustasio Rivera nos traduz em *La Voragine* e Vianna Moog, mais recentemente, descreve em *O cyclo do ouro negro*.

A imaginação cede lugar a uma realidade feita para o romance. As imagens, os contornos, os relevos, as impressões, todos os aspectos se desencadeam no espectaculo que nos offerecem os homens tocados pela ambição. Vê-se como a ambição é, ao mesmo tempo, criadora e infecunda, vertiginosa e paralytica, esplendente e murcha. Ella engendra aquillo que Afranio Peixoto chamou com acerto a "pobre prosperidade"; pobre, porque o seu exito é rapido e fragil.

A Amazonia foi, por dilatado tempo, o El-Dorado de que falam os caçadores de chimeras; uma descoberta tão propicia aos naipes da fortuna como aquella que guiou o fascinio do ouro nas geraes; um milagre tão sensivel ao appetite de riqueza, como a região que Walter Raleigh nos enumera em "The discovery of the large, rich and beautiful empire of Guyana, with as relation of the great and golden citie of Manoa (which the spaniards call El Dorado)".

As possibilidades do lucro dementaram os homens até o extravio da consciencia. Quem quer que se arrojasse á exploração daquella matta millionaria, que trocava pelo sacrificio o leite dadivoso de suas arvores, tinha de deixar em certo ponto da viagem o sacco em que levasse a consciencia. Insolente, mas explicavel, a fabula dessa parada criou uma convicção, ou antes, uma tradição. A ilha de Marapatá ficou sendo a Sapucaia do escrupulo. Todo aquelle que se aventurava ao exercicio illicito do exito entendia de obrigação despir-se do caracter como um fardo penoso e atirava a consciencia ao lixo. Depois, assim alliviado, proseguia o caminho, mais agil nos movimentos, menos vexado nos propositos. Dessa maneira, Marapatá ficou sendo a depositaria dos melindres dos adventicios.

Ninguem nos informa si estes, de regresso de suas aventuras, bem ou mal succedidos, teriam o cuidado de procurar novamente a bagagem e reintegrar-se na posse da consciencia abandonada no caminho. Para que? Quando se tem a precaução de desimpedir o espirito desse "trambolho", é que ella, em verdade, nenhuma falta fazia.

Em tudo isso, Marapatá é apenas um symbolo perdido nas lonjuras geographicas do Brasil, um symbolo que carrega a calumnia irrogada contra uma terra fluctuante, isolada pelas aguas, e que não tem voz para defender-se.

Porque, afinal, a pratica da vida está a mostrar todo dia que os homens não precisam jogar fóra a consciencia para se ve-

rem livres da carga. Conservando-a comsigo, muitas vezes, é que se mostram della mais separados.

Matintaperera — l.g. (mati tapere). E' o nome dado a uma pequena coruja, que gosa, entre os nativos, da faculdade de transformar-se em gente e pintar o sete, brincando, ralhando, castigando os meninos vadios e malcriados. No interior e até mesmo na capital do Amazonas e Pará, a gurysada acredita que a ave solerte ronda as casas pela calada da noite afim de roubar os meninos travessos ou fazer estrepolias. Offerece-lhe, então, grande quantidade de tabaco, convidando-a a acceital-o: "Matintaperera, podes vir buscar a "encomendazinha". Mau destino está reservado á pessoa que, pela manhã seguinte, é a primeira a entrar na casa em que se faz semelhante convite. Fica encaiporado para o resto da vida, é como si virasse o Mati. Todas essas crendices foram herdadas das superstições indigenas e chegaram até nós pelo vehiculo dos pagés e curandeiros, interessados em arranjar sempre maior numero de motivos para as suas artes mysteriosas.

Mayua — l.g. de *Maa ayua*. E' a fonte do mal. Os primitivos habitantes das nossas selvas sabiam justificar com a imaginação todos os acontecimentos que lhes estavam reservados. Havia para elles um ser enigmatico, subtil, que desencadeava os maleficios, arrastando homens, mulheres e crianças para tremendas provações. Mayua multiplicou-se depois numa porção de seres identicos, que sobrevivem aos indigenas, e são respeitados e temidos pelos seus descendentes.

Mobviassú — l. g. (cobra grande). Todos os rios da Amazonia estão cheios de lendas em que apparecem, sob diversas feições, os mythos aquaticos. A cobra grande é uma das curiosas modalidades em que se manifesta a crendice popular dos caboclos, aturdidos e espantados na eterna espectativa de um ser que se esconde no fundo das aguas e que merece a elles temor mystico e um respeito quasi sagrado.

Muiraquitan — E' uma das crendices mais interessantes da planicie este pequeno amuleto de jade que Barbosa Rodrigues celebrou em uma de suas obras, com um pouco de phantasia, talvez, mas com edificante e curiosa contribuição. Em torno do maravilhoso artefacto, que a paciencia de naturalistas illustres andou catando pelo Baixo Amazonas e localizou nas praias de Obidos e na embocadura do Nhamundá e Tapajós correm as lendas mais desencontradas e as revelações mais contradictorias. De todas ellas, porém, a que mais caracteriza a pedra verde da Amazonia é a que a apresenta como lembrança das icamiabas, mulheres sem marido, aos homens que lhes faziam uma visita annual. A tradição adornou esse acto de galas e de festas, vestiu essa visitação de romantismo e de enlevo. Graças a isso, convencionou-se que a tribu de mulheres, nas noites de luar, colhiam no fundo do lago as pedras ainda humedecidas e molles, lavrando-as sob diversas fórmas e dando-lhes feitios de batrachios, serpentes, chelonios, bicos, chifres, focinhos, conforme nos apresentam os estudos de Ladislau Netto e Barbosa Rodrigues. Tempo houve em que foi facil o commercio desse amuleto. As pedras foram, porém, escasseando, constituindo hoje uma raridade tanto mais desejada, quanto se lhe attribue a virtude de favorecer ao seu possuidor a acquisição de coisas imponderaveis, com a felicidade, o bem estar, o amor e outras prendas furtivas.

Murucututú — Desta casta de aves nocturnas fizeram as velhas amas caboclas o espantalho das crianças manhosas, refractarias ao somno. Improvisaram quadrinhas de pé quebrado e compuzeram uma *berceuse* intima, que se escuta á noite, ao embalo das rêdes, como uma cantiga de ninar:

Murucututú,
da beira do telhado,
leva este menino,
que não quer ficar calado.

Em minha infancia, no Norte, ouvi muitas vezes repetida em quadrinha e ainda me recordo de haver fechado os olhos mansamente ao afago desses solfejos que me ficaram na memoria como uma nota viva do passado.

MAIS UM GRANDE MORTO DE 1936
HENRI DE REGNIER

J. Seven

Como coruja das officinas Pongetti, tive opportunidade de lêr, ainda em prova, o bello artigo de Faustino Nascimento sobre os dez grandes mortos de 1936, especialmente escripto para o ANNUARIO BRASILEIRO DE LITERATURA.

Devorei em dois tempos as sete longas tiras do seu primoroso trabalho, mas percebi com magua um serio esquecimento: não constava entre os mortos de Faustino um nome, digno de particular referencia — o poeta francez Henri de Regnier.

Emendar artigo alheio não é recommendado pela ethica, a não ser si expressamente autorizado pelo autor. Além disso, não sei si foi de caso pensado que o seu autor excluiu Regnier. Creio que não, de vez que Faustino, como poeta que é, aprecia indistinctamente os bons collegas francezes. E este, precisamente, alinha-se entre os melhores.

Resolvi, assim, fazer por minha conta, ligeira referencia ao genro do mestre parnasiano José Maria de Heredia, despretenciosa achega ao referido artigo, sem duvida magnifico.

*
* *

Henri de Regnier morreu em Paris, aos 23 de Maio de 1936. Contava 72 annos de edade. Eram 8,30 da manhã e conversava despreoccupadamente com a esposa e um filho, quando o destino lhe trocou a vida pela morte. Victimou-o um ataque cardiaco. E assim, com essa simplicidade, perdeu a França mais um dos seus filhos gloriosos...

Indiscutivelmente a França é o paiz dos poetas e dos literatos, e o numero delles é tão vasto que difficil se torna, nos dias que correm, destacar-se e impôr-se um nome entre tantos.

O proprio Regnier tinha consciencia disso e, certa vez, referindo-se á profusão de literatos de sua patria, deixou escapar estas palavras: "Si eu tivesse nascido noutro paiz, seria uma grande figura literaria, talvez mesmo uma reputação mundial. Nasci aqui, sou apenas um escriptor francez".

Apesar dessa opinião tão pittorescamente expressa sobre sua propria pessôa, Regnier foi dentro e fóra de França, uma das mais fortes e queridas expressões intellectuaes destes ultimos tempos. Escriptor de remarcada elegancia e poeta dos mais sentimentaes, seus livros são profusamente lidos, seus versos decorados e recitados, seus artigos de critica, de arte e de historia unanimemente elogiados.

Antes de tudo, porém, Henri de Regnier foi poeta. Caracteriza sua obra uma melancolia altiva, uma tristeza pudibunda. Jamais ousou importunar seus semelhantes com a narrativa de suas maguas ou de sua hypocondria. Evitou sempre, com o maior cuidado, falar insistentemente do seu Eu, mas collocou-se numa attitude objectiva, procurando esquecer-se na contemplação da belleza das coisas. E, embora symbolista, teve o bom gosto de approximar esta escola da parnasiana, dentro de uma medida justa e cabivel.

Alguem, não posso citar o nome pelo facto simples de o haver lido num jornal estrangeiro, que não guardei, falando de Regnier ao consignar-lhe o passamento, assim se expressou com relação á sua arte: "Toda a sua arte se move entre o silencio e a tristeza. Diremos, ao ler a sua obra, que passeamos num formoso parque solitario, onde repuxos murmuram suavemente e onde deslisamos sem ruido, como em um canal de Veneza, admirando as bellezas envolventes que desfilam ante nossos olhos."

Nascido em 1864, só em 1895 apresentou seu primeiro livro de versos: *Premiers Poèmes*. Tinha, portanto, 31 annos feitos, era

(Conclue no fim do Annuario)

Dos autores nacionaes vivos, é José Lins do Rego o mais lido. Seus livros, tão pittorescos no seu proposital abuso de linguagem, têm prendido a attenção de todos os brasileiros, de norte a sul do paiz.

Nasceu elle em 1901, no Engenho Corredor, municipio de Pilar, no Estado da Parahyba. Seus primeiros estudos fel-os no Instituto de Nossa Senhora do Carmo, de Itabaiana, naquelle Estado, transferindo-se, quando teve de iniciar o curso secundario, para o Collegio Diocesano da capital parahybana. Na Bahia fez seus estudos de Direito.

Os livros de José Lins do Rego são os seguintes: **Doidinho, Menino de Engenho, Banguê, Moleque Ricardo** e **Usina**. Tem em preparo, para principios de 1937, o romance **Pureza,** considerado sua obra-prima.

■ ■ ■

■ ■ ■

Manoel Bandeira nasceu na cidade de Recife, no anno de 1886. Grande poeta de sua geração, grande lyrico que vem mantendo desde os seus primeiros versos uma forte e penetrante nota de humanidade. A sua poesia nunca se entregou aos excessos de escola. Foi e continúa a ser livre de qualquer preconceito.

Agora mesmo, no seu cinquentenario, os amigos de Manoel Bandeira se reuniram para falar do homem e do poeta, num volume que honra a cultura brasileira, pela sua collaboração, pela sua factura graphica.

São os seguintes os livros publicados por Manoel Bandeira; **Cinzas das horas,** 1917; **Carnaval,** 1919; **Poesias,** 925; **Libertinagem,** 1930; **Estrella da Manhã,** 1936, edição de 56 exemplares. A publicar, em principios de 1937, **Chronicas da Provincia do Brasil,** edição da Civilização Brasileira.

Um expoente intellectual das novas gerações

Admar Cruz

Conheci Faustino Nascimento, ha annos, nas lides literarias. Jaire de Albuquerque Lima me proporcionou este momento feliz de conhecer um cearense de porte intellectual das modernas gerações da intellectualidade brasileira. Como disse, Faustino Nascimento é cearense de raça e vibra com pujança nas manifestações creadoras de sua intelligencia. Da ethnographia brasileira, o cearense representa um symbolo. E' a bravura, o estoicismo, a tenacidade na conquista da terra; é a expressão glorificadora da raça. Nem Alegria, nem Arizona, — não queremos desmerecer o valor da França, nem dos Estados-Unidos na conquista scientifica daquelles territorios perseguidos pela desdita — se compararam ao drama delirante do Nordeste brasileiro. De 77 até agora o cearense soffre com resignação. O problema não é insoluvel, porque Algeria e Arizona se transformaram. Não ha muralha que impeça a passagem do Avião, assim, é a Sciencia, na solução dos problemas da Engenharia. A successividade das crises formou o caracter do cearense, differente e cheio de valor. Ao lado de sua ternura está o vigor, a vontade grande e forte, a fulgurancia da intelligencia retemperada pela majestade de sua dôr. Euclydes da Cunha investiu com a sua profunda argucia de observação, disse muito, realisou o que Humboldt não conseguiu fazer mas o drama do Nordeste continua a desafiar a intelligencia das gerações que cultuam a sciencia e as letras.

*

E' dessa gênese Faustino Nascimento, jovem e já fadado ás realisações mais altas das letras do Paiz. Já tem escripto muito na imprensa de sua terra, já deu á publicidade varios livros de real valor, e, agora, firma-se definitivamente com a publicação de "Paizagens Sonoras", na sua vida literaria. E' conservador, e não abraçou a revolução da poesia moderna. De facto, o alexandrino, e o parnasianismo, ainda conservam a belleza da forma, da creação e da ideia superior. Em contraste com a poesia symbolica, que Ana-

Faustino Nascimento

tole France prognosticou para o futuro, e que, ainda não attingiu mêsmo á civilisação imaginada pelo genio da literatura franceza, Faustino Nascimento conta cousas bonitas de sua terra, com a musica espiritual, no dizer de Verlaine. Ainda preferimos a poesia da ultima decada do Seculo XIX, com a revolução operada pelo grande poeta negro

INTERMEZZO

Quando eu quiz desvendar, nessas pupillas
De anceios moribundos, meu olhar,
Como se vê nas aguas intranquillas
A propria imagem, tremula, a dançar,

Ella buscou ao longe a última estrella
Que as pálpebras fechava de pudor,
Para, através das lágrimas, perdel-a
Na diffusão dos raios sem calor,

E lentamente dois cristaes desfeitos,
Suaves, accenderam-lhe nos folhos,
Como dois astros tenues, liquefeitos
No céu enluarado dos seus olhos.

GUILHERME FIGUEIREDO

(Do livro "UM VIOLINO, NA SOMBRA...")

Cruz e Souza, o emparedado da sociedade, que gritou com genio a vida na especie humana, com a belleza de seus contrastes, além do egoismo e da dôr moral que o mortificaram dentro da civilisação Contemporanea.

O livro de Faustino Nascimento tem por musa a natureza. E' a paizazem de sua terra, a expansão prima de seu thema poetico. Escolheu o recanto de *Mucuripe* para fazer o seu poema que fez vibrar a sua alma, da primeira á ultima pagina.

"MUCURIPE

Nessa curva da enseada, — a Volta da Ju-
[rema
A linda tabajara a flécha abandonou.
E Martim traduziu, no gesto de Iracema
A fraternização da patria que adoptou.

Eis a Pedra do Frade occultando um the-
[soiro,
Que nenhum ser humano ousará descobrir,
Porque, junto ao caixão da prataria e do
[oiro,
A espada da jesuita está prompta a bran-
dir..."

*

A genialidade do poeta está em dizer tudo com naturalidade. O Brasil é grande, tem natureza de todos os matizes. Ao espirito creador não faltarão os contrastes mais fortes para o poeta, para o escriptor e para todos os problemas da sciencia. Alberto de Oliveira, Bilac, Goulart de Andrade, Emilio de Menezes, Castro Alves, Gonçalves Dias, C. de Abreu, Raymundo Corrêa formaram a galeria dos verdadeiros impressionistas da belleza da terra e do homem do Brasil.

*

Na modernidade, na vibração da machina, que soluciona; na chimica que transforma; na electricidade que conduz; — a poesia, lutando com a furia dos elementos, da vertigem da epoca, ainda encontra os seus defensores, contrarios á revolução espiritual do momento.

*

Faustino Nascimento inclue-se no numero dos artistas de merito. Ensaista e escriptor, poeta e jurista, professor e magistrado — assignala, na intelligencia moça do Brasil, um expoente de brilho, de força e de patriotismo fecundo.

"Poemas para esquecer"

Por LEÃO DE VASCONCELLOS

Saboya Ribeiro

"Os grandes sentimentos e as grandes emoções são sempre os mesmos.

... Como artistas, neste torvelinho moderno, em que a Belleza desappareceu, só o que é mediocre, muito mediocre, dá a sensação do passado, mesmo que seja de hontem."

Lembrei-me das phrases do personagem de Paulo Barreto, quando volvi a ultima pagina do suave e forte livro de Leão de Vasconcellos — *Poemas para esquecer*. Eu bem que as tinha visto nascer, a todas ellas, no dia a dia da nossa convivencia, naquelles annos — *helas!* — recuados de mais de um lustro, em que ambos afinámos as nossas lyras, aos influxos das nossas emoções de adolescentes mal despertos mas já perdidamente amantes, ao sol desta loura Fortaleza saudosa — inesquecivel, porque dos primeiros dias dos nossos primeiros sonhos.

De facto, nem por tão conhecidas minhas, muitas até trazidas de cór, não foi menos intensa a impressão, que me acordaram essas paginas transbordantes de alta e subtil espiritualidade e inconfundivel musica. Ha, devéras, ali, palpitante e viva, a alma de um verdadeiro poeta, no sentido que une a essa palavra, precipuamente, a idéa de força emocional e suggestiva. Ahi, precisamente, segundo a concepção do prof. Winchester, o segredo e o prestigio de todo verdadeiro artista da palavra e, em consequencia, da sua creação literaria.

"E' a faculdade de provocar emoções, escreve elle, que dá a um livro interesse permanente e, consequentemente, condição literaria." Razão, pois, autorizada, assiste ao typo citado de Paulo Barreto: é que as emoções humanas (são palavras ainda do prof. Winchester) se conservam essencialmente as mesmas.

Mas, a essa emotividade, que, só por si, faria o encanto e o realce do livro de Leão de Vasconcellos, junta-se outro caracter que o individualiza, por assim dizer, ou, ao menos, faz do seu autor um artista liberto das formulas rigidas de uma poesia mais technica. Certo, Leão de Vasconcellos não abastardou as independencias do seu estro, até o ponto daquella espurcicia da plastica poetica, a que de uma feita fez referencia notavel poeta e critico do Norte.

Refiro-me á poesia moderna, "crespa de artificialismos, de ousadias insensatas, de conquistas absurdas, extravagantes ou menineiras, de brados de loucos, de desejos pedantes, de sonhos incongruentes e crús", como ainda tão bem esboçou Alf. Castro (é o nome do critico) as linhas da sua physionomia. Não assim a plastica poetica de Leão de Vasconcellos. Antes, acertou com um rythmo sonoro e espontaneo, mas a que não falta nem disciplina, nem bom gosto, longe, porém, daquelle rigorismo, que consiste na obrigação de "repartil-os em fatias cerradas de linguagem, com um numero determinado de syllabas, de palavras, de accentos tonicos", que Medeiros e Albuquerque attribue ao parnasianismo.

Dentro desse effeito de sonoridade e espontaneidade, heis de vêl-o, aqui e ali, plenamente insurrecto dos canones rigoristas da poesia theorica, que são os tratados de versificação, mas, apesar de tudo, nunca divorciado do bom gosto e sempre poeta, isto é, vasando emoções em uma linguagem harmoniosa e limpida.

Dir-se-ia, neste especial, ter-se capacitado, avisadamente, daquella verdades que outro poeta poz nestes versos:

"Não basta a um verso ter as syllabas da conta:
E' preciso attender a uma outra lei que aponta
Para cada medidas as proprias dominantes."

Leão de Vasconcellos

Suave e forte, disse eu do livro de Leão de Vasconcellos. Melhor ao seu rythmo e phraseologia não se ajustam outros adjectivos.

Tudo, nelle, é dito assim a modo de confidencia, num como balbucio velludoso. As suas mesmas apostrophes não ressumam essa vehemencia commum, mas antes de tudo se impregnam dessa subtileza, que é ainda uma fórma da sua discreção. As suas queixas trahem algo de pudicicia vellada. Emfim, em todo o seu livro, paira esse tom dubio e vacillante que intellectualiza profundamente o seu estro. Mas, no amago da sua inspiração e pensamento, que de força implicita e suggestiva elle guarda! Forte e suave, pois. E graaçs ainda á feição primordial do seu estro, é que, sem perder em vigor, o seu lyrismo não decae, jamais, em os exaggeros romanticos d'outrora, mas, talmente recatado e sobrio, adquire um tom de serenidade intima de alta belleza emocional.

E' já tempo ,porém, de citar o poeta. Possam melhor os seus versos definir as caracteristicas da sua physionomia intellectual, de que o seu livro é magnifico espelho.

Multiplicam-se-lhe, desde a primeira pagina, as expressões da sua poetica individual. Servida sempre do instrumento novo, de uma linguagem bem sua. Como quer que seja, que não é jamais, positivamente, a linguagem corriqueira das fórmas gastas de expressão, que é o sello commum da chatice nas letras, que já cansou os espiritos. Nada desse tom de artificio patente de uma linguagem procurada dos poetas-multidões, que se vêm succedendo por gerações e gerações até o enfaramento completo de um publico que ja os não póde mais ler.

E logo á primeira pagina surgem-nos estes versos d'ouro, que não é poesia intencional, mas parece a linguagem divina de alguma divina fada:

Noite. Ouço, ao longe, um nocturno.
E' alguem que chora em sons o humano soffrimen-
[to
E ao céo, ermo e tristonho, a dôr de amar confia?
E o rumor, que me vem, soturno e lento,
Cresce, augmentando a minha nostalgia,
Que, tal qual uma sombra, avança dentro em mim.
Quem é que vem turbar o meu silencio, assim,
Quando, cheio de ti, nesta alcova que exhala
O perfume subtil do teu corpo de opala,
Que te evoco e te chamo?

Agora, o som traduz a minha angustia: eu te amo,
Sempre, oh! sempre, longe ou perto,
Anjo ou demonio, que não sei ao certo
Dizer...
(Paira no ar macio
A caricia vaga e ardente
Do teu divino sêr...)
E teu corpo—magnolia extranha—muito esguio,
Como se a subitas florisse
Por entre as notas, mysteriosamente
Me apparece...
E o nocturno declina e treme numa prece
Que eu não te disse...
E ,emquanto neste sonho immenso e doloroso,
Eu te recordo docemente
Atravez de Chopin maravilhoso,
Ao luar os lyros vão, sem rumor, fenecendo...
Dentro da noite quieta o som vae-se perdendo...
Morrendo...

Esta poesia resume toda a esthetica e feição emocional do joven artista. Ahi, está todo o lyrismo commedido, porém rico na sua mesma essencia de sentimentos.

O tom geral do livro afina sempre por ahi. Então, é o autor integrado na sua maneira pessoal e definitiva.

Não são poucas as citações que, do teôr, se poderiam para aqui trasladar.

Eu não me aventuro a tarefa tão difficil, porque não ha seleccionar, sem injustiça á materia preferida.

Agora, sempre hão de satisfazer a todos os gostos dos que amam a Belleza pura as paginas abaixo, que, antes como valor documental do autor do que a titulo de criterio anthologico, são citadas tambem:

PRAZER EPHEMERO

Do goso e do prazer a espumea taça
Numa divina sêde nós sorvemos...
E, coisa estranha! quanto mais bebemos
Mais a sêde a garganta nos traspassa...

Soffregos, esquecemos a desgraça
Pela embriaguez dos gosos, esquecemos...
E, insaciados, chegamos aos extremos,
Na illusão de que o sonho passa...

No entanto — ó mocidade inquieta e ardente! —
O prazer, que devora como a chamma,
Como a chamma tem vida passageira...

Passa o delirio repentinamente...
Passa, e ha de findar na mesma lama,
E ha de extinguir-se alfim na mesma poeira...

CANTO DO PEREGRINO

Para louvar-te
Em verso de arte
A extrema belleza,
Vim de longe — ó Princeza!

Chegou no meu tugurio a fama do teu nome!
E eu parti, lyra ás mãos, ardendo em sêde e fome,
Para vêr-te e contar a todos os mortaes
A belleza sem par de teus olhos fataes,
Do teu perfil sereno de medalha,
Do teu sorriso tremulo e divino...
Acolhe a prece, pois, do peregrino!

Vim de longe e parei ante a forte muralha
Do teu castello, o rosto exangue...
Em sangue da jornada os pés, as mãos em san-
[gue...
E exposto ao vento e á chuva, espero que appa-
[reça
O sol, para esfolhar sobre a tua cabeça
As rosas que colhi no meu triste caminho,
Deixando algo de mim em cada espinho
Por onde, só, passei, deslumbrado, a cantar
Atraz de uma chimera...

E, ó Princeza! já choram, á tua espera,
Os meus olhos cansados de sonhar!...

As definições, em critica, das physionomias autoraes, como as suas classificações, obedecem todas, é de vêr, a simples eschenalições de tendencias, gostos e expressões intellectuaes. Demais disto, em um autor joven, qual Leão de Vasconcellos, a sua mentalidade não poderia nunca ter ainda attingido a essa segureza e estabilidade, que são o sello da maturação do espirito. Vem dahi discreparem das dominantes de serenidade e subtileza do seu estro, que, alfim, haverão de ser, sem quebra de unidade, as de toda a sua poesia, paginas de um calor de emoção diverso, arrebatadas e expluentes, onde se trae, limpamente, um discipulo do nosso mais borbulhante lyrico — Olavo Bilac. Ao menos em qualidade, não duvidareis, commigo, são dignas da assignatura do autor da *Via Lactea* estes versos:

A UM ADOLESCENTE

Ama! Que saberás a delicia suprema
E unica de viver! Que importa a dôr extrema
Que depois ha de vir abater-te, que importa?
— Tombarás, como uma ave, ebria de sol, cáe
[morta...
Sentirás no teu sangue a ardencia do desejo
E em teu labio roçar a aza esguia de um beijo
A te cantar na bocca, a te fulgir no olhar!
E saberás, então, a loucura de amar!

Vezes has de gemer prevendo a tua ruina
No alvo corpo febril que te enlaça e assassina...
Desejarás fugir, allucinado, em vão!
Mais preso sentirás, sangrando, o coração
E bemdirás, alfim, a mão que te maltrata,
Que te procura, beija e affaga, prende e mata...
E soffrendo amarás a epiderme de lyrio
Causa da tua dôr, fonte do teu martyrio,
Mas que te abriu da vida a eterna primavera
Do amor que encanta e apraz, do amor que dila-
[cera,
Que te fará brotar as lagrimas dos olhos!
Ainda assim quererás as urtigas e abrolhos,
Desde que tenhas tu, ao teu lado, nervosa,
Essa carne sensual, fremente e esplendorosa,
Que á tua bocca amarga e que te delicia
E onde irás sepultar, já na ultima agonia,
O teu sonho! E, cahindo, abençoarás a sorte,
A cicuta-mulher que a summa paz da morte
Em teu beijo te deu, — cheia de vida e encanto...

E aos pés de quem te fez verter o frio pranto
Exhausto cahirás — arrependido e amando,
Sentindo a tua dôr a sangrar, gotejando...
E morrerás beijando a mão branca e homicida,
Porque soffrer e amar é ter vivido a vida!

VENCIDO

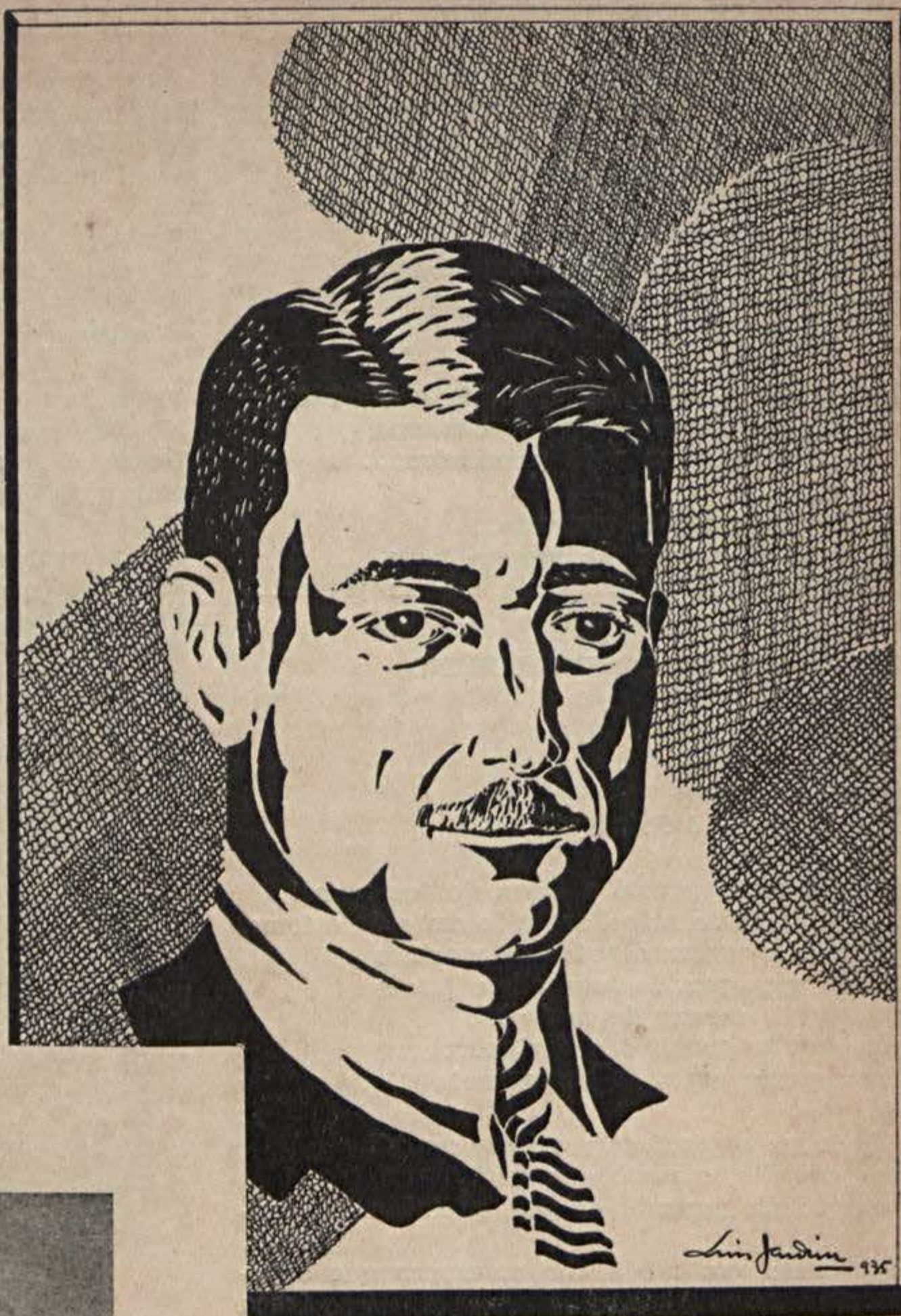
Voltas de novo! E o mesmo fel de outr'ora,
Que, em teu labio santo, dás-me a provar,
Com o mesmo riso, com o teu mesmo olhar,
Reabrindo a chaga que ainda sangue chora...

Desejei vêr-te — vim. E sinto, agora,
Que amo, de novo, a quem não sabe amar!
E o coração dorido ha de sangrar
De novo, á antiga dôr, hora por hora...

Vens despertar-me as chammas dos desejos,
Com teus olhares humidos de pranto,
Com tua bocca tremula de beijos...

Sei que só mal me fiz em te querer!
Mas me rendo, vencido, ao teu encanto,
A' tortura de amar e de soffrer!

Mas, são influencias transitorias estas, a seu bem. Em verdade, Leão de Vasconcellos possue tendencias espirituaes proprias, que delle fazem, sem rebuscamento de originalidade, um poeta de feição propria, como, afinal de contas, a possue já. Felizes, só estes. Porque sómente estes darão o encanto da novidade, cantando, naturalmente, as proprias emoções, sem confundir-se jamais.

Gilberto Freyre é um dos maiores sociologos do Brasil. Escriptor moderno, de phrases dynamicas, teve seu nome immediatamente conhecido em todo o paiz e no extrangeiro, através das paginas maravilhosas da sua obra-prima: "Casa Grande e Senzala". Deu-nos, além desse livro, "Sobrados e Mocambos", outro trabalho de penetrante observação. Promette-nos para 1937 dois ou tres livros de alto interesse nacional.

Anna Amelia publicou em 1936 o livro "A Harmonia das Coisas e dos Seres", edição Pongetti, com illustrações de Correia Dias.

Mucio Leão, no "Registro Literario" do "Jornal do Brasil", desenvolveu uma das suas brilhantes chronicas sobre a obra da poetisa brasileira. São suas as seguintes palavras:

"Essa nota de feminilidade, de amor delicado e suave, é uma das que predominam no livro da Sra. Anna Amelia. E', de resto, essa, uma das caracteristicas mais pessoaes da poetisa. Pois não é ella a autora de um dos sonetos de amor mais deliciosos da lingua portugueza, aquelle soneto que o proprio Camões teria assignado, e no qual verificamos que "o mal de amor só nesse amor tem cura"?"

O maior irmão de Ignacio de Loyola

Josué Montelo

Creio espantar os subtilissimos detentores da verdade historica, ao affirmar, sem vislumbres de ironia ou requinte de paradoxo, que José de Anchieta, apostolo do Brasil e cortezão de Deus, morou cinco annos, em pleno seculo XX, num dos mais bellos recantos de Santa Thereza. E eu me explico.

Certamente o episodio mais empolgante da vida de Balzac não é o seu apparecimento ruidoso, a impor um novo mundo ao universo e a semear loucos como no caso daquelle exotico namorado de imagens que Anatole France encontrou numa livraria de Paris a revolver alfarrabios e que se referia ao demiurgo da *Comedia humana* como se falasse de um demonio cruel.

Nenhum dos espectaculos dessa existencia agitada e fecunda guarda maior synthese emocional do que a scena que Balzac viveu nas proximidades da morte, quando a medicina se declarava impotente para continuar aquella flamma que era tumulto, vertigem e pensamento, e ameaçava extinguir-se, tremeluzindo em vascas. No delirio, o romancista de *Eugène Grandet* começou a clamar, então, pelo Dr. Bianchon. E esse Dr. Bianchon não era mais do que um dos figurantes de sua obra formidavel, typo de medico celebrado que elle imaginara e insculpira com tanta força creadora que o confundira no proprio torvelinho humano.

Idealizara o seu personagem, e o sentira, e o vivera, e lhe acompanhara a colera e a ternura, dividindo os estados psychologicos da creação, exactamente como Alexandre Dumas chorara ao ter de eliminar um dos mosqueteiros e Walter Scott dera a sensação de escrever simples memorias ao exsurgir os heroes apagados da Escocia, tanto que os fez contemporaneos de todas as edades.

Por que não dizer de José de Anchieta que o missionario das éras coloniaes foi levantado do tumulo tranquillo, onde talvez nada mais exista que o seu nome, e veio arrastar a santidade da sua sombra e erguer a melodia catholica do seu verbo de illuminado, sob o prestigio literario da imaginação profana e academica do Sr. Celso Vieira?

Na verdade, na collina de Santa Thereza, refugiado no silencio da sua bibliotheca como outrora S. Francisco na gruta calada de Rieti, o artista teceu com mãos delicadissimas de fada o novellario curioso de Anchieta, depois de compulsar *in-folios* e cotejar pacientemente os velhos livros com aquella volupia da verdade e aquella pomposa vibratilidade artistica que eram todo o orgulho de Paul de Saint-Victor.

Acompanhou assim, durante cinco annos, insensivel ao tempo como o frade da lenda, toda a sagrada e aventurosa pregrinação do missionario. Pelo poder espiritual do enlevo, recuou as edades, ouviu-lhe a palavra de ouro, sentiu-lhe a alma purissima e rytmou o coração com o compasso das alpercatas que esmolavam entre os gentios um pensamento para Jesus.

Anchieta é o mais bello momento mystico do Brasil. Fez da alma uma taça e a encheu com o vinho da eucharistia, pronunciando o nome do Christo como se fora o pão com que se alimentava e que molhava, rezando, nesse vinho. Foi-lhe toda a existencia uma empolgante viagem luminosa para o Céu. Quando abria o seu breviario, ajoelhado na terra moça e barbara, deveria fazel-o com a sensação de quem, em alto mar, consulta uma carta geographica e espia uma estrella.

Pregando nas tabas ou nas aldeias, nas pequeninas capellas semeadas nos raros nucleos de catechese, ou na prôa das embarcações, trazia no relevo da palavra facil a rustica doçura daquelle violino original do santo amigo de Giacoma de Settesoli ou a embaladora harmonia de quem passasse a vida inteira a imitar um rouxinol de Antigona.

Não mandava Fauguère que se respeitasse o amuleto de Pascal? Mesmo para esse irreverente e admiravel Anatole France que visualizara um santo de ultima hora, apagado e sombrio, no timido Luiz de Gonzaga, Anchieta haveria de impressionar como um heroe carlyleano, por que debaixo

da energia subterranea e varonil de sua crença, elle soube unir um povo e commandal-o.

Descendente de espanhoes que se fixaram em São Christovam da Laguna, em Tenerife, ficara-lhe no coração o instinto das lutas terriveis e cavalheiresca e no olhar tranquillo a doce ternura de quem copiara para uso individual um translumbrado enlevo de Santa Thereza de Cepeda.

Crescera "á sombra dos palmares, das tamareiras, dos pinheiraes, entre cerros vulcanicos e ondas azues", vendo os nove irmãos afiarem espadas e cingirem armaduras, emquanto elle, magro, recurvado, solitario, buscava o seu oratorio e dialogava com Deus, para que o fizesse capaz de semear Jesus no coração dos homens transviados.

Sentir-se-ia menos feliz na prece agradecida do que quando orava horas a fio em combate com o demonio. Vinha-lhe o mundo com o seu luxo, o seu vicio e o seu fascinio, buscando envolvel-o como uma onda de perfume venenoso, e o apostolo incipiente tornava á Nossa Senhora, no dualismo do temor á tentação e da alegria de sentir-se em peleja contra o mal.

Em Coimbra, falaram-lhe de Ignacio de Loyola. Contaram-lhe o romance do fidalgo amoroso da bella Germana de Foix, que reuniu alguns estudantes e fundou uma ordem, na capella subterranea de Notre Dame de Montmartre, depois de abandonar a sua espada e esquecer a sua dama.

Não sei por que a lenda não aureolou o nobre de Guipuzcoa com o quadro com que encheu a infancia de Benevenuto Celini. Quero referir-me, uma approximação heretica, ao preludio wagneriano da pagina de Saint-Victor.

O artista mais celebrado do renascimento, que espalharia "joias no sangue dos assassinados e emboscadas como Atalante lançava pomos de ouro na poeira das arenas", tinha ainda cinco annos, quando, em friissima noite de inverno, o seu pae o approximou de uma fogueira, e vibrou-lhe uma bofetada. O menino ia a chorar, quando elle o advertiu: "Não fiz isso por castigo, mas apenas para que sempre te recordes de ter visto uma salamandra, animal que nenhum homem viu ainda sobre a terra." E apontava, no lume, a lagartixa que dansava...

Temperamento de salamandra era-o por certo o de Ignacio de Loyola. Nascera com a vocação das batalhas, e, quando renegou a espada por amor á cruz, foi para lutar com mais desassombro, contrariando os herejes com se ferisse de frente, e com todas as armas, o proprio exercito commandado por Satanaz.

Anchieta plasmou a sua consciencia mystica neste exemplo, e foi tambem um homem vivo na flamma.

Deixando a beatitude austera e tranquilla do convento de Coimbra, veiu, com Duarte da Costa, para penetrar a floresta e impor o crucifixo ao indio bronco e barbaro. Nobrega recebeu contente esse noviço formidavel e juntos iniciaram a obra colossal da catechese, timbrando cada qual em ser mais humilde, abnegado e pobre, ao ponto de Anchieta não querer comparar-se nem ao pó que subia das sandalias dos seus irmãos.

Ora subindo rios, ora transpondo serras, o trabalho desenvolveu-se glorioso, fagulhante, culminando na pacificação dos Tamoyos, quando os dois missionarios ficaram como refens da peleja hedionda. Começa verdadeiramente nesse instante a phase mais translumbrada do patriarcha jesuita que viera de Tenerife. Porque dessa hora em diante é que Anchieta passa a figurar no agiologio com o relevo christão dos seus milagres infinitos e a clara visão prophetica com que orientava os destinos da nova terra.

Morreu tão magro que se diria ter-lhe o corpo ido para o céu antes da alma. Morreu em Rerigtibá, quando ia levar o coração a outro enfermo, depois de ter assegurado a fortaleza da Egreja, de ter baptisado numerosos gentios e escripto a fascinação literaria do seu formoso poema á Virgem. E extinguiu-se, na imagem elegante de seu biographo, como um lyrio desfeito por uma rajada.

O Sr. Celso Vieira, contando-lhe o santo romance, reviveu-lhe a figura com aquella precisão luminosa recomendada pelo calamo contemporaneo de Andre Maurois. E o fez com tanta delicadeza e graça que o poz em forma viva de presença na mais delicada das estatuas.

Para vivel-o com tanta e radiosa perfeição era necessario tel-o conhecido na inquietação mystica ou no temporal sagrado que era a sua alma de combatente christão.

PEQUENA VIAGEM AO BRASIL

VISITA AO CAFE'

Stefan Zweig

Costume pleno de sentimento amistoso, como em geral são os habitos nesta terra hospitaleira: nada mais natural do que ser offerecido café a quem visite uma casa brasileira, seja qual fôr a hora do dia, um café negro, deliciosissimo, em chicaras pequeninas. Bebe-se de um modo differente do nosso; ou, melhor, não se bebe propriamente, engole-se de um gesto, unico e brusco, como um licôr, quentissimo, tão quente que — como se proclama por aqui — um cão se escaparia uivando, se lhe pingassem apenas algumas gotas. Não seria facil organizar a estatistica de quantas dessas chicaras, escuras, perfumadas e ferventes, um brasileiro toma, em média, por dia (tenho para mim que são de dez a vinte), e é igualmente difficil distinguir com consciencia em que cidade o café sabe melhor. Todas as localidades reclamam para si, numa rivalidade homerica, a gloria do preparo mais excellente e mais correcto do café, havendo-me eu servido, por isso, nos estabelecimentos mais insignificantes do Rio (onde a chicara custa 200 réis, valor quasi inexprimivel no nosso systema monetario), com o mesmo enthusiasmo que na fazenda e em Santos, a cidade do café, que no Instituto do Café, em São Paulo, no qual a perfeita preparação é elevada á categoria de sciencia e no qual fui presenteado, após uma devida instrucção, com um sacco de grão e a mais apropriada machina, afim de que continuasse a exercitar-me; e, por toda a parte, em qualquer logar, tinha o café o mesmo gosto magico e era identicamente forte e tonificante para os nervos — um fogo preto, que torna mais lucidos os sentidos e dá mais pujança de clareza aos pensamentos.

Sua Majestade o Café, assim se deveria chamar aqui este negro potentado, pois elle domina ainda economicamente o paiz gigantesco e governa, do seu porto de Santos, com maior ou menor intensidade, multiplos mercados e bolsas do mundo; dezeseis dos vinte e quatro milhões de saccos, que o nosso orbe consome, contêm café plantado e embarcado aqui; afinal, esses diminutos grãos, aperolados e cinzentos, constituem a moeda e o cambio genuinos da nação. Com o café, o Brasil compra e paga as poucas materias primas de que carece: antes de tudo petroleo e cereaes; com grãos de café (bilhões de grãos, aliás) adquire machinas e instrumentos technicos. Dahi, que a cotação mundial do café seja o authentico thermometro da economia brasileira; ha uma alta de preço — todo o paiz floresce; mas, se surge uma ameaça de baixa, o Governo queima os saccos excedentes ou atira aos peixes ignaros, no mar, os preciosos grãos. Aqui, emfim, o café significa ouro

Só numa tarde, cerca de 300 volumes foram autographados por Stefan Zweig, a pedido de admiradores brasileiros. Essa tarefa estafante durou horas. Esse desperdicio de energias era compensado com algumas chicaras de café, tão apreciado pelo grande escriptor.

e riqueza, lucro e risco, e do seu valor e prestança depende, verdadeiramente, a sorte e bem estar geraes.

A um senhor tão poderoso, principalmente a um soberano que com tanta frequencia estimulou o meu trabalho e em horas incontaveis augmentou para mim a alegria da sociabilidade, julguei do meu dever estricto fazer uma respeitosa visita. Sem duvida, para procurar esse rei senhor na sua residencia, é mistér, hoje, viajar mais para o interior, do que antigamente. Nos primeiros tempos, quando os portuguezes trouxeram da Africa o café — Eduard Heinrich Jacob narrou, encantadoramente, em seu livro, a lenda de tal peregrinação pelo mundo — as plantações ainda se achavam muito proximas da costa. Os valles que circumdam Santos e muitos dos esplendidos parques da Tijuca, estreitamente vizinhos do Rio, dedicaram-se, durante seculos, á cultura do café; dos campos, eram os saccos directamente conduzidos para os navios aos hombros dos negros. No entretanto, depois de dezenas e centenas de annos, em que desenvolveu e nutriu bilhões e bilhões de grãos milagrosos, cansou-se ahi a terra pouco a pouco, perderam os fructos em tamanho, em força, em aroma. Destarte, como o Brasil jamais teve escassez de solo inexplorado, transplantaram-se as sementeiras, cada vez mais e mais, para o interior; de Santos a São Paulo, de São Paulo a Campinas, continuamente para longe e sempre para dentro do paiz.

Então, avante, pois, ao café, lá onde tem elle agora a sua patria! Ao café, vencida uma viagem nocturna de doze horas, do Rio de Janeiro a São Paulo, emprehendida outra, de tres horas, de São Paulo a Campinas, bastando, deste ponto, um automovel para penetrar na terra do café e, ao cabo, numa fazenda.

Fazenda ou *hacienda* (em hespanhol) — por que nos é tão familiar esta palavra? Por que nos commove de um geito tão notavelmente romantico e nos provoca sensação de coisa intima? Por que acorda em nós écos unisonos de tão vivos sentimentos olvidados? Ah! é força reconhecel-o, nada perdura tão profundamente retido em nós quanto os livros lidos apaixonadamente, com a phantasia da infancia, nestas fazendas e *haciendas* do Brasil e da Argentina, pequenos solares dentro da floresta tropical ou no meio dos pampas infinitos, quando encontravamos, nos romances de Gerstackker ou de Sealsfield, aquellas exoticas paragens longinquas, eternamente cercadas de perigos e de aventuras inauditas! Como sonhamos, de meninos, viver num logar assim! E agora estamos em um; é certo que não o attingimos trotando em fogosa alimaria, mas é o automovel que nos approxima lentamente do pateo da herdade através de um florido portão de entrada: sem embargo, a fazenda, tal como nas vetustas gravuras e nas illustrações das esquecidas novellas infantis, apparece como casa de um só andar, chata, no coração da propriedade que se estende a perder de vista, rodeada, pelos quatro cantos, de uma larga varanda sombreada. Note-se: nas immediações do edificio, erguem-se, aos lados de pequena praça quadrada, as casas dos trabalhadores, evocando o que narram os escriptores sobre a morada aqui — ha uns cincoenta annos — dos escravos, que, á tardinha, se assentavam na praça e entoavam as suas melancolicas cantigas; talvez, um ou outro dos negros encanecidos, que por aqui transitam tranquillos e contentes, relembre ainda a éra extincta. Comtudo, entrando a residencia hospitaleira, o relogio do tempo salta immediatamente para a hora actual, apesar de que subsistam os velhos tectos entalhados, a antiga e bella mobilia de custo e petreo jacarandá, as bandejas de prata e os altares domesticos oriundos da colonização portugueza, tudo piedosamente conservado. E' que taes fazendas deixaram, ha muito, de ser solidões ás quaes só raramente chegava, entre perigos, um viajor e se metamorphosearam em casas de campo commodamente modernas, dotadas de todo conforto, com piscinas e gymnasios, com radio, gramophone e livros (entre estes — isto escapou nos teu sonhos, menino! — farta provisão das obras de que és o autor). O bom-humor e a affabilidade regem aqui, substituindo os riscos do passado: o seculo da technica soube tornar habitavel até a zona mais tropical e o ermo mais deserto. Ao redor da fazenda, alonga se a plantação em vagalhões immensos, macios, perpetuamente renovados; como uma ilha, jaz cada uma daquellas casas num oceano infindavel de verdura. Todavia — adeus, romantismo! — tanta verdura é, na verdade, genuinamente monotona, não se devendo silenciar que as plantações de café, tal como as moitas de chá que se conhecem do Ceylão, mostram, no fundo, um aspecto grandemente enfadonho. Já que os arbustos do café, todos de altura identica e de identica largura, todos de identico verde inexpressivo, são plantados a bem identicas distancias uns dos outros, tem-se a sensação de uma columna militar, vestida dum glauco de folha em vez dum cinzento de campanha, que marchasse para longe sem enthusiasmo e sem alegre colorido; em breve, fatigam-se os olhos da contemplação dessas verdes collinas patenteadas e é com prazer que se esbarra numa plantação de bananas, que, com os seus rebentos desordenados, com suas corôas agitadas, se individualiza de arvore para arvore e se não exhibe com tão desconsoladora monotonia. Porém, a razão de ser daquelles arbustos não reside na respectiva belleza, mas na sua productividade; qualquer delles, que nunca alcança a altura de um homem, rende dois mil bagos, no minimo, por anno (a colheita, nas plantações de qualidade, é procedida apenas uma vez) e, quando se considera que, nessas fazendas, frequentemente se obtem a safra de centenas de milhares de arvores, apprehende-se o segredo desta terra profunda e escura, que enche de succo e de doçura até o ultimo grão de tão indizivel abundancia.

O trabalho da recolta, em si proprio, é tão simples, como de presumir. Só no que a elle se refere, a technica não descobriu, ainda, coisa alguma que ponha o homem superfluo; talqualmente ha centenas de annos, os bagos são extrahidos das plantas pela mão do labrego e, porventura, sublinhando os mesmos monotonos movimentos, cantam os operarios as mesmas monotonas canções que os escravos negros de antanho. Terminada a apanha, são os grãos carregados, como se areia fossem, em carros ou caminhões e trazidos

á fazenda, onde se celebram em honra do Rei Café algumas cerimonias preestabelecidas, que consistem numa lavagem fundamental, seguida de uma seccagem a pleno sol; sómente então, as machinas despolpadoras pellam o caroço e, logo, os grãos descascados, limpos, passando por canalizadores e peneiras, são armados nos saccos.

Com esta operação, a tarefa está (ou parece estar) concluida. Nenhum processo romantico, nada que se não assemelhe ao acto de retirar a ervilha de seu envolucro e edixal-a seccar; uma unica particularidade, em todos os procedimentos expostos, me surprehendeu, no campo, na fazenda e na fabrica: a ausencia total de qualquer aroma. Eu imaginei que, quando se percorresse uma plantação de café, com milhares de arvores, se deveria respirar a fragrancia da mais cheirosa das bebidas, uma fina fragrancia a envolver e a encobrir a verde superficie, uma fragrancia como a que é percebida mesmo na sementeira de cereaes ou na floresta e na clareira.

Ao revés: o café é absolutamente mudo e tenazmente occulta o seu perfume na profundidade do grão. Os secretos saes, azeites, ingredientes, que se desprendem tão intensa e olorosamente logo que se torram os grãos, perseveram, antes disto, inexistentes e calados; nos armazens, póde-se caminhar tendo grãos de café até á altura do tornozello e sentindo tanto odor como se se pizasse areia secca, o que motiva o facto de ninguem ser capaz de distinguir, por um só momento, de olhos vendados, numa dessas fazendas, se os fardos e saccos promptos contêm algodão, café ou cacau; para mim, que sonhava achar uma suave exhalação narcotica, foi uma pequena decepção descobrir que os milhares de saccos deste rico estimulante dos nervos se empilhavam qual se guardassem cimento.

E a segunda surpresa, posteriormente, em Santos, o grande porto exportador do Brasil: eu estava persuadido de que toda a operação finaliza-se com o ensaccamento do café. Verifiquei, então, dos importantes movimentos lá executados, que o trabalho se inicia novamente. Occorre que nem toda parte do mundo deseja o mesmo café, havendo importadores que preferem os grãos graúdos e outros que escolhem os mais meudos, o que se observa nos matadouros da Argentina, onde, tambem no centro da exportação, são seleccionadas as especies de carne conforme o gosto variado de cada paiz — gorda ou magra, de gado grande ou pequeno. Outra vez, em Santos, esse fôrno enorme e ardente a beira-mar, é preciso que um por um dos grãos seja retirado do seu sacco. Outra vez, são elles despejados em gigantescos montes, sugados, logo, poderosamente, por um tubo — o mais incansavel dos bebedores de café do universo, e a massa se converte em torrente e dispara acima e abaixo, por uma catadupa de peneiras, de tal sorte que os caroços maiores se separam dos menores, emquanto mãos morenas, ligeiras, simultaneas de mulher catam nas corredeiras, á passagem do turbilhão, os grãos sem valor e enfezados; consequentemente, a quantidade se reparte nas qualidades typicas, uniformizam-se as variedades, que recebem designação caracteristica, cabendo á machina automatica de pesar e contar o deposito de sempre exactamente cincoenta kilos de uma e de outra especie em novo sacco, já numerado e com a determinação qualitativa, e, ao tempo em que este, ainda aberto e vertiginosamente enchido, é empurrado para a frente na polia rolante, outra machina lhe cose a extremidade superior. Só após essa distribuição esmerada e super-technica, está o café realmente apto para viajar e capaz de partir, para todas as zonas, nos navios que o aguardam.

Devéras, tambêm a nova etapa do percurso do armazem para o vapor é admiravelmente digna de vêr-se. Porque o carregamento não é mais effectuado, como em priscas épocas, sacco por sacco, sobre uma espadua humana, queimada de sol, nem se utiliza uma escada para o transporte ao convez. Tão-pouco, como estamos, aliás, habituados a preparar nos portos, os guindastes, em elegante e facil movimento rotativo, levam do cáes para o porão do barco as mercadorias accumuladas; aqui, uma escada de aço é conduzida sobre trilhos e adaptada á altura do costado da embarcação. Esta ponte é munida de uma especie de nóra, um tapete rolante, sobre o qual, directamente, são os saccos despachados do fundo do seu armazem para bordo (muito mais commodamente que os passageiros).

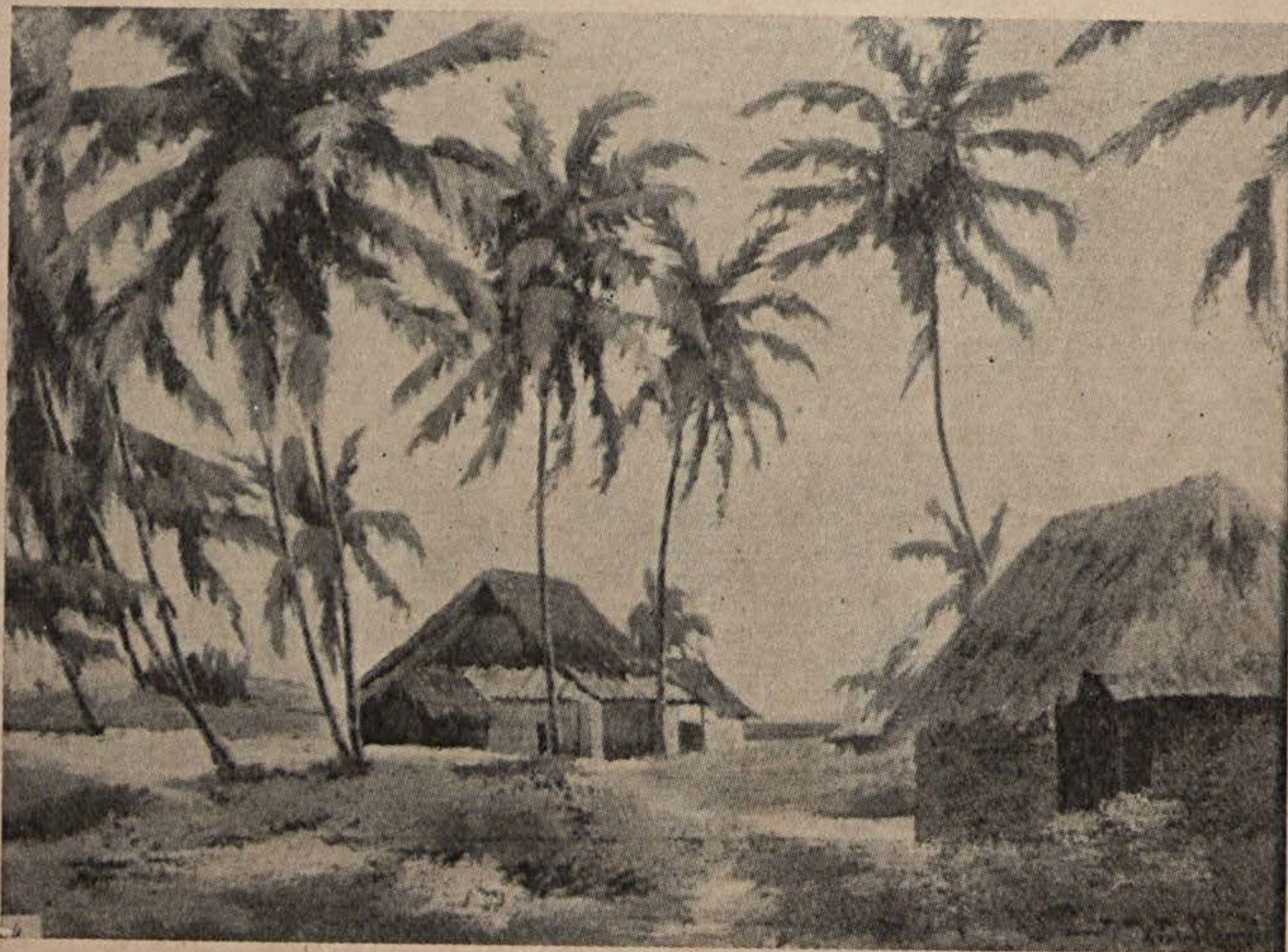
E' bello de apreciar-se esse escoamento silencioso, placido, mecanico: semelhando um rebanho de cordeiros forçado a ganhar em fila atalho estreito, um branco sacco após de outro, durante horas, é impellido do armazem para cima e de novo para baixo, no interior do paquete, pelo que se começa, effectivamente, a reconhecer (pois os numeros mesmos têm sempre o caracter de abstractos) que descommunaes sommas de carga um ventre de navio está facultado a absorver, para uma viagem de duas semanas. E, visto que aqui, diariamente, se conservam navios e navios, esperando lado a lado, adivinham-se as prodigiosas quantidades que consome, em cada hora, a nossa humanidade tomadora de café.

Por fim, o pantagruelico vapor abarrotou-se de café.

Um apito e o celere apparelho transportador faz alto; um, dois saccos resvalam, ainda atirados longe pela velocidade, retardatarios, atraz dos outros. Eis que estridula o signal de bordo, as turbinas trovejam, vagarosamente nos desprendemos da praia do café. Luzem ainda as casas ao sol, ainda se alçam, esguias, as palmeiras, porém o grande verde deste mundo tropical resplende cada vez mais distante, porém dentro em pouco enxergam-se, apenas indecisas, as collinas e subito desapparece tambem do Reino do Café este ultimo aceno de saudação. Tudo passou! Tudo passou e já é recordação! Não obstante, ao tomar, no torrão natal, esta bebida que é a mais estupenda e a mais amiga das artes entre todas as bebidas, lembraremos constantemente tudo isto, na emanação do delicado aroma: o sol tropical que infundiu ao café, no imo do grão, o fogo ignoto; a luz chammejante em que no Brasil arde tudo o que existe; e toda a arvore e toda a enseada desta paisagem estranha, a qual, se nella nos quedamos, attrae irresistivelmente o pensamento para o sonho e, se della nos distanciamos, desperta a nostalgia das zonas, onde a natureza cria, livre, poderosa, inexhaurivelmente.

Ophelia do Nascimento, distincta pianista brasileira, designada para dirigir as actividades artisticas da "Hora do Brasil".

Paschoal Carlos Magno

Fundador da Casa do Estudante do Brasil, grande paladino das causas estudantinas e um dos bons poetas da actual geração. Premio de Theatro da Academia Brasileira de Letras em 1930. No extrangeiro tem sabido honrar as letras brasileiras, fazendo uma série excellente de conferencias em Liverpool, Oxford, Cambridge, etc.

Tela de Jordão de Oliveira, onde o autor conseguiu com felicidade reproduzir um dos aspectos mais caracteristicos da paysagem nordestina: os Mocambos. As palmeiras, finas, esguias, contrastam com o restante da vegetação rachitica e rastejante daquella zona

3 grandes nomes da arte dos sons

Artista na mais ampla accepção do termo, por isso que alia á technica impeccavel uma rara sensibilidade, Dyla Josetti triumphou no Brasil e nos Estados Unidos.

Sabemos do successo retumbante que alcançou em Nova York, em Washington, em Philadelphia, em Boston, em Baltimore, em Chicago, em La Rochelle.

No transcorrer do anno a que se refere o "Annuario", a nossa insigne pianista fez uma excursão pelas cidades do seu Estado natal.

Ouviram-na, extasiadas, Porto Alegre, Pelotas, Rio Grande, Bagé, Livramento e Uruguayana.

Tambem os cariocas tiveram opportunidade de ouvil-a, inclusive como solista num dos concertos symphonicos dados no Municipal pela nossa grande orchestra official.

Maestro Lorenzo Fernandez. — Uma das glorias musicaes do Brasil, filia-se á escola nova. Autor de muitas peças notaveis, teve seu nome consagrado o anno passado na Italia, onde pela primeira vez foi ouvida sua sumptuosa "Suite Brasileira".

Maestro Francisco Braga. — Legitimo expoente dos nossos meios artisticos, qualquer commentario a respeito de sua eminente personalidade seria desnecessario.

Pneus e Camaras de Ar "BRASIL"

A FABRICA dos pneus "BRASIL" é um modelo de installação e uma das mais modernas de todo o mundo. Recentemente construida, possue todos os aperfeiçoamentos mecanicos que a sciencia hodierna creou.

Os technicos que dirigem as differentes phases da producção dos pneus "BRASIL" são da Seiberling Rubber Co. de Akron, Ohio, e trabalham sob a responsabilidade daquella fabrica americana de pneumaticos. A experiencia desses homens remonta á época do inicio da industrialização da borracha na America do Norte e o sr. F. A. Seiberling é considerado o fundador da industria de pneus nos Estados Unidos.

As lonas e os materiaes que entram na confecção dos pneus "BRASIL" são da mesma qualidade dos utilizados nos melhores pneumaticos que se fabricam no mundo.

Por conseguinte, quanto á fabrica, quanto á technica e quanto aos materiaes, os pneus "BRASIL" encontram-se, pelo menos, no mesmo pé de igualdade dos seus melhores competidores.

Ha um ponto, porém, em que o pneu "BRASIL" supera innegavelmente qualquer outro pneumatico — na qualidade da borracha, a borracha nativa do Valle Amazonico, a melhor borracha do mundo.

Comparando o pneu "BRASIL" com os melhores pneus de 1.ª linha, verificar-se-á que o pneu "BRASIL" os iguala em tudo e os supera em um ponto — a qualidade da borracha brasileira!

Experimente o pneu "BRASIL" e verificará que elle é digno da sua preferencia.

1.° — Vencedor do Circuito da Gavea — "Trampolim do Diabo" — 1936, com o carro de Copoli;
2.° — Vencedor nos saltos acrobaticos no Fluminense e no Vasco da Gama, pelos automobilistas norte-americanos Oldfield e Acton;
3.° — Vencedor das corridas promovidas para o Centenario Farroupilha — 1937, no Rio Grande do Sul.

Companhia Brasileira de Artefactos de Borracha, S. A.

Fabrica: AVENIDA SUBURBANA, 95 a 101 — Escriptorio: RUA 1.° DE MARÇO, 88 — Rio de Janeiro, Brasil.

OBRAS COMPLETAS DE HUMBERTO DE CAMPOS

	Exemplares
ULTIMAS CHRONICAS	10.000
PERFIS — 2.ª série	10.000
PERFIS — 1.ª série	10.000
CONTRASTES	10.000
MEALHEIRO DE AGRIPPA	10.000
DA SEÁRA DE BOOZ	8.000
BRASIL ANECDOTICO	10.000
REMINISCENCIAS	10.000
UM SONHO DE POBRE	10.000
NOTAS DE UM DIARISTA — 1.ª série	10.000
NOTAS DE UM DIARISTA — 2.ª série	10.000
SEPULTANDO OS MEUS MORTOS	10.000
CRITICA — 4.ª série	10.000
CRITICA — 3.ª série	10.000
CRITICA — 2.ª série	10.000
CRITICA — 1.ª série	10.000
MEMORIAS INACABADAS	24.000
MEMORIAS	45.000
DESTINOS	24.000
SOMBRAS QUE SOFFREM	21.000
OS PÁRIAS	22.000
CARVALHOS E ROSEIRAS	17.000
POESIAS COMPLETAS	10.000
Á SOMBRA DAS TAMAREIRAS	15.000
O MONSTRO E OUTROS CONTOS	16.000
LAGARTAS E LIBÉLLULAS	14.000
ANTHOLOGIA DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS	7.000
O CONCEITO e A IMAGEM NA POESIA BRASILEIRA	7.000

Série CONSELHEIRO XX

	Exemplares
TONNEL DE DIOGENES	20.000
VALLE DE JOSAPHAT	17.000
A SERPENTE DE BRONZE	18.000
GANSOS DO CAPITOLIO	17.000
A BACIA DE PILATOS	16.000
A FUNDA DE DAVID	10.000
GRÃOS DE MOSTARDA	10.000
POMBOS DE MAHOMET	8.000
ANTHOLOGIA DOS HUMORISTAS GALANTES	10.000
O ARCO DE ESOPO	10.000
ALCOVA E SALÃO	10.000

O ANNO ARTISTICO

Raul Pedroza
Vice-Presidente da Associação dos Artistas Brasileiros

A historia das Bellas Artes no Brasil caminhou aos arrancos, ora se despenhando em abysmo de ignorancia, dessa sublime ignorancia que, segundo o velho Eça, é a unica fonte de originalidade, ora se arrastando mollemente por caminhos já sovados. E, ás vezes, se transfigurava em fulgurações de puro genio, como no caso monstruoso e quasi divino do Aleijadinho. Nos primeiros annos as rudes mãos dos colonizadores, no afan de desbravar, de estraçalhar alvoroçadamente a terra para arrancar-lhe thesouros, não se podiam deter para, embora inhabeis, modelar, amorosamente, uma curva ou traçar o arabesco extranho das flores e das fructas da terra virgem... Si algum se detinha a esboçar, vagamente na areia (na mesma areia talvez em que mais tarde Anchieta escreveria seu poema á Virgem) logo os brutos feitores os empurravam para dentro, para a brava matta que os esperava com o seu verde mysterio. Assim viveram e assim morreram os primeiros homens no Brasil, ante a natureza maravilhosa que elles não souberam nem podiam interpretar.

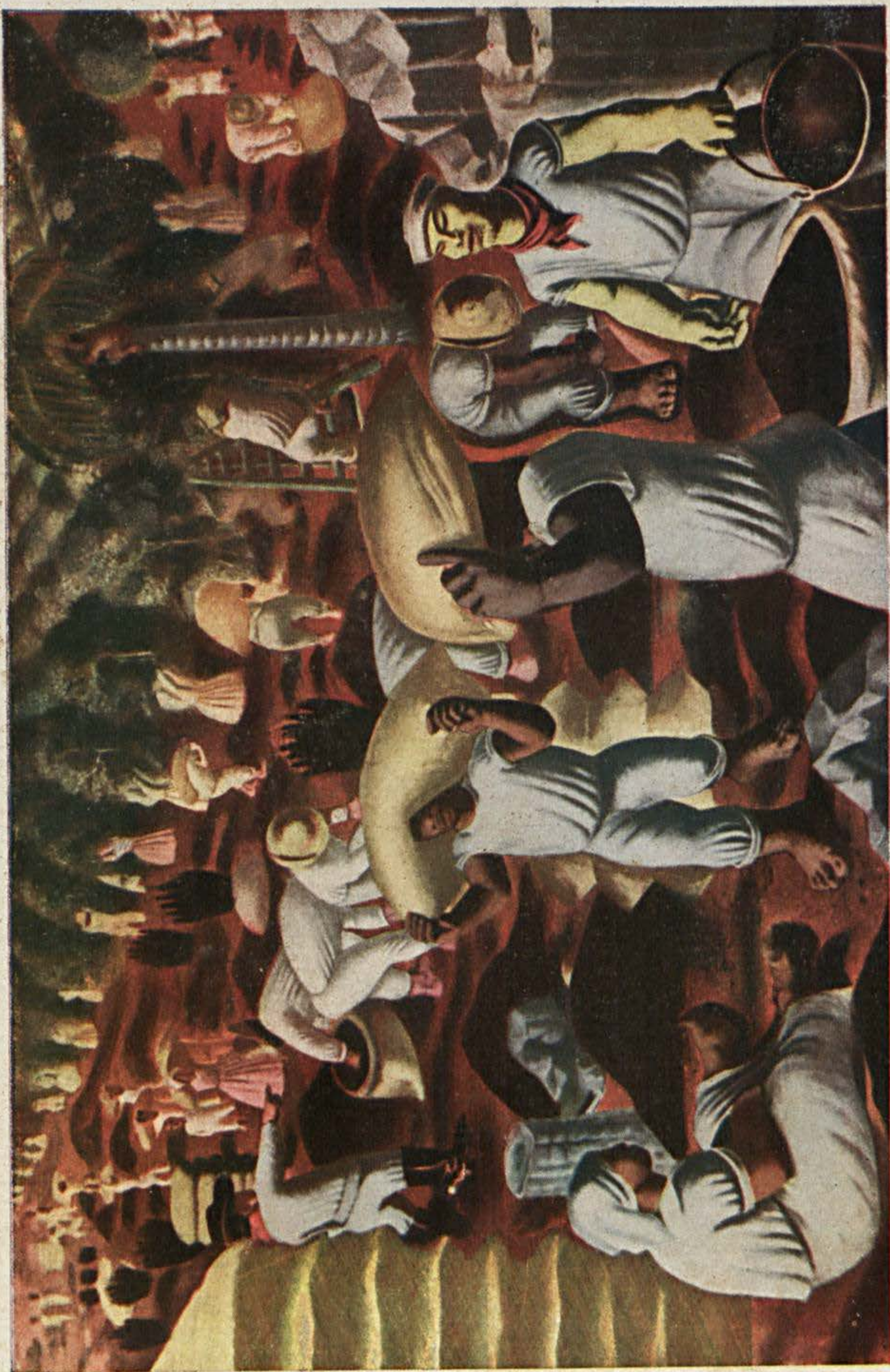
Quando Lery, entre duas imprecações a Villegaingnon, annotava no seu diario de viagem em volta de 1565 as extranhas fórmas dos animaes brasilicos ou da flora de tão magica opulencia, talvez ao lado das palavras surgissem traços que infelizmente não ficaram...

Pernambuco, na conquista de Nassau, viu surgir toda uma côrte de artistas. E um Nicolau Vischer pôde, orgulhosamente, desenhar o ataque de Olinda, a tomada da Parahyba, o bombardeio da Bahia, emquanto Van Post pintava a Paisagem Pernambucana, essa paisagem que, ha bem poucos mezes, se deixou raptar como qualquer dama romantica. Felizmente já regressou á nossa Escola de Bellas Artes, filha prodiga de tres seculos de idade...

Na sombra dos primeiros conventos surgiu a arte no Brasil, arte copiada embora, mas que já, sobre certos moveis, se retorcia em ornatos originaes baseados nos motivos da nossa flora. Ha todo um capitulo delicioso a escrever sobre a ingenuidade dos nossos santeiros coloniaes; ás vezes um artifice-escravo tinha rasgos de verdadeiro

talento, de forte sabor primitivo. O fim do seculo XVIII foi todo illuminado pela obra do Aleijadinho, pelas realizações do Mestre Valentim, pela pintura de um Joaquim Leandro de quem a igreja do Parto nos guarda duas telas preciosas. O seculo seguinte viu um Rugendas extasiar-se ante a floresta virgem e sorrir, desenhando scenas typicas como o batuque, o lundum, o capoeira... A intelligencia de um artista-sabio como foi Martius deixou monumentos de preciosissima documentação. Em 1816 a missão franceza vinda para aqui instituir o ensino artistico nos trouxe nomes como Debret, Grandjean de Montigny, Taunay. De todos talvez o maior credor da nossa gratidão seja Debret. A vida resurge palpitante das folhas do seu album. Vantagem incontestavel das artes plasticas... Nenhuma chronica (e as palavras envelhecem depressa...) nos daria com tanto vigor e tanta subtileza de interpretação, eternamente moça, scenas assim. E já em meiados do seculo passado surgem nomes que são quasi de hontem, talvez de ante-hontem... Pedro Americo, Victor Meirelles, Zeferino da Costa. Um discipulo delles ainda hoje vive para gloria da nossa arte: Rodolpho Amoedo. E mais moço e mais perto de nós pela sua actuação constante, ahi está esse grande mestre que é Elyseu Visconti. Dahi segue o tumultuar da corrente. Fins de seculo... Um novo seculo começa, inquieto, torturado por problemas sociaes que se reflectem, fortemente, na arte. Futurismo (como esse futurismo é velho...), cubismo, deformismo... O artista se debruça sobre todos os abysmos, de olhar inquieto, a querer ver o que se arrasta na sombra monstruosa do fun-

Lucilio de Albuquerque (Exposição Carnegie, de Pittsburg, em 1935)

"O GRANDE CIRCO"

"CAFÉ"

quadro do pintor brasileiro Candido Portinari, premiado na Exposição Carnegie, de Pittsburg, E. U. A., e adquirido pelo Ministerio da Educação e Saude Publica.

do. Ha os que vibram, simplesmente, deante da natureza e transmittem essa vibração á tela, sem se preoccuparem com escolas. E ha os que pesquisam ainda a luz, esse extraordinario problema da luz brasileira que não é a crueza das cores dentro do jogo brutal da claridade exacerbada. A paisagem brasileira se multiplica em aspectos diversos, do extremo norte ao extremo sul, como o proprio idioma. Certas palavras são completamente desconhecidas

"As tres graças da Macumba"

quadro de **Olga-Mary**

de muitos brasileiros, conforme sejam oriundas deste ou daquelle Estado. A propria maneira de as pronunciar se modifica, ora mais rude, ora mais cantante, arrastando-se em melopéa ou estacando em syllabas fortemente accentuadas. Assim a paisagem brasileira deverá tambem ter sotaque regional... E quanto ás escolas ahi está a Associação dos Artistas Brasileiros que acceita todas as tendencias, desde as mais classicas até as mais avançadas, tendo como objectivo unico o valor verdadeiro.

A actuação da Associação de Artistas Brasileiros foi durante o anno findo de muita intensidade nos seus diversos sectores. Em Fevereiro o salão do Carnaval, criado para transfigurar a grande festa, popular por excellencia, em motivo de arte, teve logar, reunindo tambem os concorrentes aos premios de croquis para phantasias, criados pela A.A.B., de accôrdo com o Departamento de Turismo da Municipalidade. O salão de Theatro, tambem com premios para croquis de scenarios (tendo sido escolhida a peça de Maeterlink, *Arianne et Barbe-Bleue*) mostrou magnificas realizações. Foram premiados scenarios de Santa-Rosa, Paulo Werneck e Alceu Penna. Ahi figuravam tambem documentações photographicas de grandes actores, assim como originaes de peças como *Flores de Sombra*, de Claudio de Souza, e *Deus lhe pague*, de Joracy Camargo. O salão do Livro é outra criação de grande alcance da Associação. Ahi expõem as nossas grandes casas editoras. Os nossos melhores illustradores comparecem, mostrando toda a magnifica possibilidade do livro de arte entre nós. Edições raras figuram nesse salão, annualmente cedidas por colleccionadores que têm pelo livro esse entranhado

amor que nasce da propria cultura. Citemos, como exemplo, o valiosissimo exem-

Raul Pedrosa
"O Demonio arrastando um Espirito"

plar das *Maximas* do Marquez de Maricá, annotado pelo proprio punho do autor, pertencente ao Dr. Rodrigo Octavio.

Em Maio realizou-se o tradicional Salão dos Artistas Brasileiros, onde expõem os socios e que é sempre a confirmação absoluta da forte actuação que a A.A.B. exerce entre nós. Depois outros salões collectivos, como o salão de Paisagem, o salão de Branco e Preto, o salão do Retrato e o salão de Natal, (este encerrando o anno e criado especialmente para diffundir o gosto da obra de arte, como presente de festas), completaram parte da nossa actividade. Cerca de 20 exposições individuaes, como as de Portinari, Orlando Teruz, Georgina e Lucilio de Albuquerque, tantos outros de real valor, incluiram-se no programma do Departamento de Artes Plasticas ao lado de exposições de artistas extrangeiros patrocinadas pela Associação como as dos pintores espanhoes Soria Aedo e Pedro Antonio, os artistas allemães Hedwig Woermann e Johann Jaenichen, a pintora poloneza Karpowska, outros ainda que não nos é possivel mencionar nesta resenha arida. O proprio intercambio com os Estados mereceu nossa attenção. Citemos a exposição do pintor pernambucano Luiz Jardim que nos apresentou, com talento, curiosos aspectos urbanos de sua terra.

O Salão Carioca de Bellas Artes, para cuja criação a A.A.B. interveio, teve logar pela quarta vez, na Feira Internacional de Amostras, sendo visitada por mais de meio milhão de pessoas. Nelle figura-

Georgina de Albuquerque
"NEGRINHOS"

vam nomes como de Rodolpho Amoedo, Mario Navarro da Costa, Modesto Brocos,

Belmiro de Almeida, ao par dos mais interessantes pintores contemporaneos.

E' esta uma iniciativa que tem uma grande acção cultural, pois faz com que o povo veja arte nossa e se habitue aos nossos valores. E' uma cunha penetrando na grande massa e cujos effeitos educacionaes vão agindo com segurança. No Salão Carioca figurou, convidado, o notavel esculptor argentino, Luiz Perlotti.

Os Departamentos de Musica e de Letras da A.A.B. tiveram tambem acção intensa. Uma serie de grandes concertos ao par de conferencias feitas por nomes como Peregrino Junior, Pedro Calmon que nos apresentou um magnifico estudo dos tres grandes cyclos da civilização brasileira (o do Assucar, o do Ouro e o do Café), e mais o curso de Angyone Costa sobre Archeologia, o de Celso Kelly, presidente da Associação, sobre Iniciação Artistica, attrahiram sempre grande publico, assim como a serie de conferencias do Professor Andrade Muricy que teve por motivo a historia

Yolanda expoz, no Salão dos Artistas Brasileiros, mais uma série dos seus admiraveis "portrait - charges". Appareceu este anno ainda mais segura na sua technica, agora marcando uma personalidade definitiva em pleno apogeu.

A malicia do seu agudo senso critico vae buscar no caricaturado o detalhe justo para o exaggero intencional, insignificante para o conjuncto, mas sufficiente para focalizar um defeito physico ou uma expressão physionomica inconfundivel.

Retiradas essas intenções, seus trabalhos ficariam convertidos em retratos perfeitos, de uma fidelidade impressionante.

A frequencia á sua mostra reuniu o que de mais representativo existe em nossa "elite" intellectual.

O saudoso artista Mario Navarro da Costa, fundador da Associação dos Artistas Brasileiros e seu primeiro Presidente.

da musica brasileira, illustrada sempre por concertistas de merito, e que constituiu esplendido successo.

O Departamento de Theatro, criação nova chefiada por Tasso da Silveira, estreou com intenso fulgor. O concurso de peças (originaes e traducções) teve grande repercussão. E, pela primeira vez no Brasil, foi realizado um concurso de interpretação para amadores, tendo por fim a apresenta-

"Rua Páu da Bandeira" (Morro do Castello) — quadro de OLGA-MARY, pertencente á Municipalidade do Districto Federal.

A lição de Socrates

Essa curiosidade, que me inflamma,
De tudo revolver e interrogar,
Vem da fome que tenho de pesquizas,
Vem da sêde que tenho de estudar!

Tanto mais os problemas são profundos,
Mais me tenta o rigor das soluções.
Aos desatinos das paixões bravias
Opponho o laconismo do bom senso.

Rendo aos genios a palma do meu culto!
Maravilha-me a flôr da intelligencia!
Mas confesso que, ás vezes, dou mais preço
A' virtude invejavel do equilibrio.

Abro um livro de versos como o crente
Deve as folhas abrir da sua biblia.
Os poetas para mim são como os santos:
Não me canso de lel-os e louval-os.

Os cerebros humanos são usinas
De constante e dynamico trabalho:
Nelles o pensamento é que commanda,
Nelles a idéa se transforma em luz!

Irmão de sonho, não te exaltes nunca!
Quanto mais frio, mais o golpe é duro!
Seja a vida de Socrates o espelho
Dos teus anseios e das tuas lutas!

Osorio Dutra

ção e a descoberta de valores novos para nosso theatro. Basta citar o programma com que se apresentou o grupo dos *Independentes*, classificado em 1.º logar, para avaliar de quanto esse concurso valeu como incentivo cultural. Faziam parte desse programma as seguintes peças: *Uma anedocta*, de Marcelino Mesquita, *D. Beltrão de Figueirôa*, de Julio Dantas, *Que pena ser só ladrão...* de João do Rio, e *Tragedia Florentina*, de Oscar Wilde... Raros theatros profissionaes terão apresentado peças de tanto valor em um só programma.

A Associação dos Artistas Brasileiros que já inaugurou o intercambio artistico com outras nações, tendo eu tido a felicidade de, como Director de Artes Plasticas, promover a vinda ao Rio da Sociedade Argentina de Artistas Plasticos e da exposição de gravuras da Escola Superior de Bellas Artes da Republica Argentina, tem, em varios paizes, representantes e cuida actualmente (parte essa que lhe está mais especialmente attribuida) de uma grande articulação. O pintor Aliseris é nosso representante em Montevidéo. Temos em Buenos Aires o esculptor Oliva Navarro, um dos maiores amigos do Brasil e dos artistas brasileiros. Em Paris o delegado do Brasil junto ao Instituto de Cooperação Intellectual, o Sr. E. Montarroyos, cuja dedicação e cujo carinho e amor por tudo que diz á cultura brasileira não tem limites, é nosso representante. Breve teremos uma rêde de correspondentes actuando em quasi todos os paizes do mundo. E assim o sangue da arte poderá circular livremente através desse organismo cuidadosamente estudado e que só tem um fim: — a elevação da arte e dos artistas brasileiros.

Movimento Artistico Brasileiro

Cumprindo o seu programma de incentivação e disseminação da arte em seus mais differentes aspectos, o Movimento Artistico Brasileiro realizou, no *Salão Essenfelder,* mais de cincoenta recitaes, audições, exposições, conferencias, etc. Dessas demonstrações artisticas, as principaes foram:

CONFERENCIAS — Da Professora Maria Rosa Moreira Ribeiro; do poeta Alfredo Trajan; dos Drs. Geraldo Rocha e Celso Kelly e do academico Aloysio Barata.

HORAS DE ARTE — Do Departamento Social da Ordem dos Professores, pela cantora Tania Maria e pelo poeta Laurindo Britto.

EXPOSIÇÕES — De pintura, pelos Srs. Francisco Bonelli e Olympio de Menezes e pela senhora Julieta Muller de Almeida; de desenho e arte decorativa, pelas alumnas da professora Maria Georgina Rego Silva e de trabalhos dos alumnos do Gymnasio Vera Cruz.

CONCERTO — Pela pianista Lygia Cerqueira.

AUDIÇÃO DE ALUMNOS — De piano: das professoras Emile Xima e Celina Roxo; do professor Octavio Maul; de declamação: das professoras Maria Sabina, Henriqueta Carinha e Isaura Miatas; canto: Maria Augusta Joppert; de violão: do professor Isaias Savio e da professora Gilda de Carvalho.

RECITAES — De piano, de Olympio Bevilaqua; de declamação: de Zoraide Aranha; de piano: de Marina Quartin de Moura e Maria Duarte de Moura; de poesia: de Wilma Stamato.

AUDIÇÃO DE CANTO — Da folklorista maranhense Dilu Mello.

CONCURSO — Musical de *A Noite* para escolha da melhor composição para as festas de Junho.

Yolanda Vilhena Ferreira

Promovendo a approximação entre os artistas nacionaes e os grandes artistas estrangeiros que nos visitam, o Movimento Artistico Brasileiro recepcionou o eminente pianista Cortot, a quem foram apresentadas obras brasileiras, interpretadas pela pianista Yolanda Vilhena Ferreira, sendo a parte lyrica interpretada pelos artistas Carmen Gomes e Reis e Silva. Enthusiasmado com o desempenho de Carmen Gomes, Cortot fez questão de acompanhal-a na execução de um trecho de opera, tendo a grande soprano patricia cantado com enorme emoção.

No salão Essenfelder foi apresentada á imprensa carioca a celebre orchestra typica paraguaya "Chaco Boreal".

O Movimento Artistico Brasileiro, no dia 10 de Maio, no Instituto Nacional de Musica, apresentou ao publico carioca, num

Murillo Araujo

Secretario do "Movimento Artistico Brasileiro"

grande concerto symphonico, com uma orchestra de 60 professores, o joven regente patricio Jorge G. Brauninger.

No encerramento da temporada lyrica, o M.A.B. prestou uma homenagem a Bidú Sayão, no Theatro Municipal.

O Movimento Artistico Brasileiro entregou ao Presidente da Republica uma placa de bronze, representando a photographia do abraço trocado entre o chefe da nação brasileira e o Presidente da Argentina, por occasião da visita do Presidente Justo ao Brasil. Essa placa estava encerrada em uma caixa artistica, de madeiras brasileiras e forrada com setim com as cores das bandeiras dos dois paizes, e foi obra da artista patricia Julieta Muller de Almeida.

No salão Essenfelder, durante o anno de 1936 realizaram festas e conferencias os Centros Paranaense, Maranhense, Alagoano, Amazonense e Goyano.

Em homenagem ao consocio Walfredo Machado, o Movimento Artistico Brasileiro realizou uma hora de arte no Club Central de Nictheroy, nella tomando parte intellectuaes e artistas cariocas e fluminenses.

O M. A. B. sempre esteve, desde a sua fundação, em 1932, á frente de quasi todas as iniciativas artisticas e diffusão cultural não só nesta capital, como nos Estados, até onde chegam os seus associados, realizando concertos e mostras de arte.

DIRECTORIA DO M.A.B.

Presidente — Nicolas Alagemovitz.

Secretario Geral — Murillo Araujo.

1.º *Secretario* — Celso de Figueiredo.

Conselho Fiscal — Mario Domingues e Henrique Pongetti.

Em homenagem a Carlos Gomes, uma sala da séde do M.A.B. tomou o nome do grande compositor nacional. Naquella sala, toda forrada de madeira de lei (embuia do Paraná) decorada por Paulo Wite, foi collocada uma linda allegoria evocando a opera *Condor*, varios quadros em madeira representando scenas indigenas e varias lembranças do centenario de Carlos Gomes.

Laurindo de Britto

Retrospecto sentimental do anno artistico de 1936

Alexandre Brailowsky

O anno de 1936 foi, innegavelmente, de agradaveis sensações para todos quantos procuram na arte sublime dos sons um derivativo reconfortante ás banalidades desalentadoras da vida quotidiana.

Deram-nos a honra de sua amavel visita artistas mundialmente celebres: Cortot, Brailowsky, Szigeti, Hoffman, Friedman.

Falemos, por ordem chronologica, um pouco de cada um:

Brailowsky, chegou ao Rio em Maio, precedendo de dias a Cortot. Foi um periodo memoravel aquelle. O maior romantico do teclado e o mais consummado technico do piano se encontraram aqui, e num desafio divino, um no Theatro João Caetano, outro no Municipal, souberam arrebatar-nos a um céo de felicidade. O russo já era nosso conhecido, o francez apparecia pela primeira vez. Precedia-o a sua fama universal. Ambos, personalidades inconfundiveis entre todos e entre elles mesmos. Um, sentimental, artista demais, cheio de derrames emotivos e devaneios dolentes sobre o teclado; o outro, frio, austero, preciso, economico de movimentos, discreto nas attitudes. Num mesmo dia, tocaram os dois uma das celebres *Polonaises* de Chopin: um á tarde,

Alfred Cortot

outro á noite. E a mesma *Polonaise*, egualmente surprehendente, teve o poder de despertar em nós sensações totalmente diversas...

Friedman

Com Alexandre Brailowsky e Alfredo Cortot, iniciou-se a temporada da bôa musica.

Após elles, veiu o violinista hungaro Szigeti, considerado o maior do mundo, actualmente. Deu-nos concertos excellentes, sobresahindo-se na execução de Beethoven, sua especialidade.

Em seguida um gigante do teclado: Hoffmann. Exigente, talvez por ser demasiadamente conscio do seu valor, por que houvesse um atrazo no desembaraçar-se seu piano em nossa Alfandega, deixou-nos anciosamente á espera de seu primeiro concerto dias e dias. Só toca num piano especial, seu, exclusivamente seu, que o acompanha pelos quatro cantos da Terra...

Mas é justificavel o capricho de Hoffmann: elle é inexcedivel. Faz milagres no seu piano magico! Enfeitiçava a assistencia, prendia a tal ponto o auditorio que, num consenso geral, os seus espectaculos seriam prorogados indefinidamente si não fôssem os porteiros e o electricista do theatro... por ventura receiosos de alli os surprehenderem os primeiros clarões da manhã.

Foi mais ou menos nessa época que tivemos um hiato triste na nossa vida de arte. Chegou-nos da Italia a noticia dolorosa de uma perda irreparavel... Morrera Claudia Muzio. Quem a substituirá? Quem? Veiu-nos uma vontade immensa de chorar lembrando-nos da sua *Traviata* do anno anterior. Vimol-a tão empolgante na interpretação magistral da Violeta, ao lado de Gigli, de Stracciari, que nunca poderiamos suppôr fôsse a ultima vez que lhe batiamos palmas e lhe jogavamos flôres do alto das torrinhas.

A Hoffmann seguiu-se Friedman, ou me-

Claudia Muzio entre Gigli e Stracciari

lhor, Hoffmann não havia sahido e já nos surgia Friedman. Houve até um acontecimento interessante: pousaram para o artista da photographia — Nicolas — os dois artistas do piano, em companhia da nossa illustre patricia Guiomar Novaes. E' a photographia que aqui se vê.

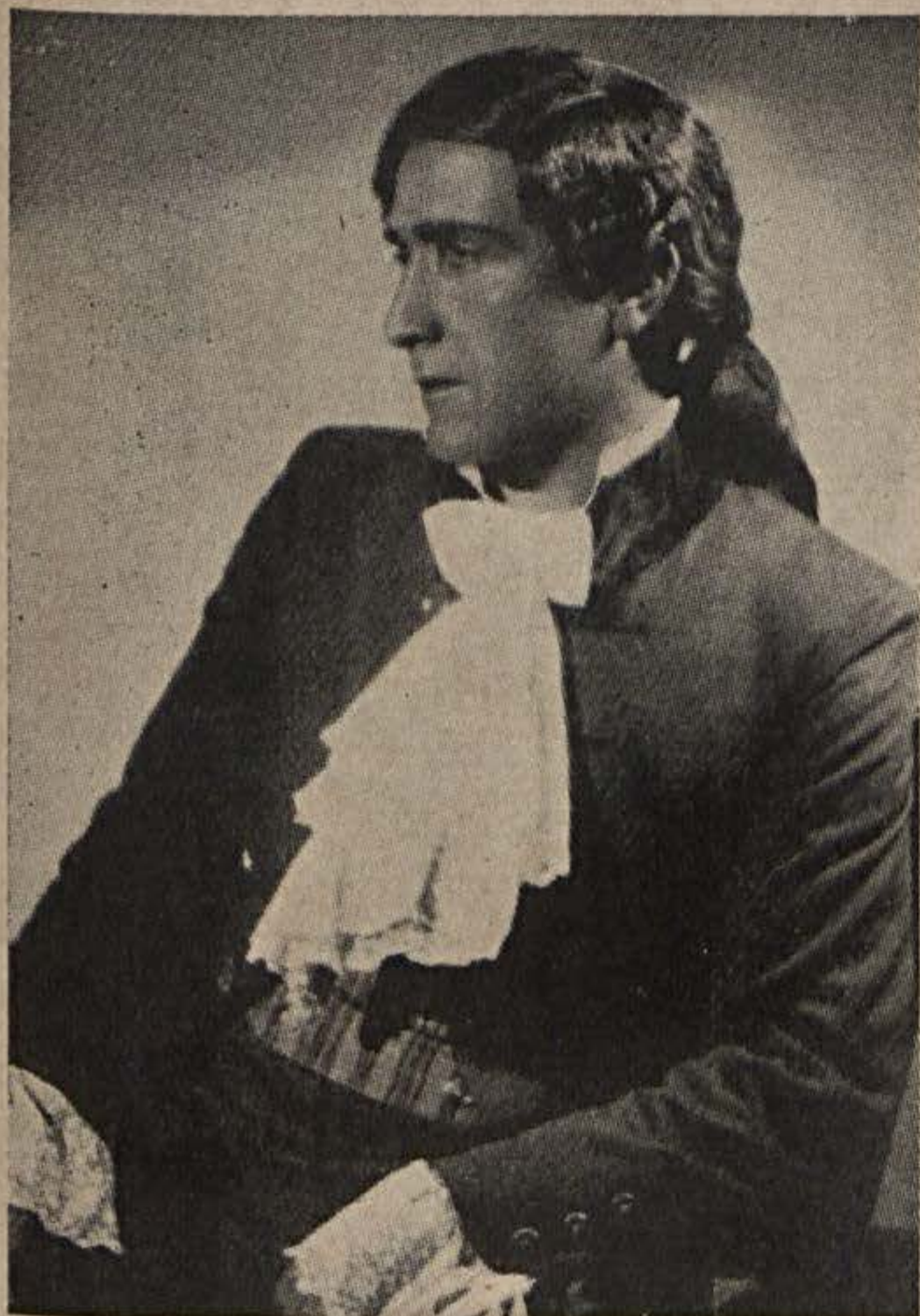
Os annuncios espalhafatosos que andam ahi pelos muros e andaimes a enfeiar tanto a nossa urbe, appellidaram Friedman de "o titan do teclado". E' desnecessario frisar que o artista correspondeu plenamente aos dizeres da sua immodesta propaganda. E' realmente um titan. Empolga, arrebata, extasia, anniquila!

Agora cabe-nos falar do quarteto Colisch. Deu-lhe o nome, o seu chefe, o violinista Rodolpho Colisch. Rodolpho foi soldado na grande guerra. Um estilhaço de granada arrancou-lhe o braço com que tocava. Desistiria de tocar? Abandonaria sua arte? Não! Começou immediatamente um aprendizado com a mão que lhe restava e o Colisch mutilado tornou-se melhor, muito melhor do que o Colisch perfeito, completo, de antes da guerra.

A essa altura teve inicio a temporada lyrica do anno. Mais uma victoria da Empresa Artistica Limitada, que soube attrahir ao Brasil nomes de merito incontestavel e escolher um repertorio soberbo, para todos os paladares.

Gina Cigna

Os espectaculos, com pequenos senões, transcorreram brilhantemente. De inicio, vimos no *Barbeiro de Sevilha*, brilhar a nos-

TRES GRANDES NOMES UNIVERSAES — Hoffman, Guiomar Novaes e Friedman, notaveis entre os mais notaveis pianistas da actualidade, portadores de fina sensibilidade artistica e de technica impeccavel.

Luccioni em "Werther"

Georges Thill em "Il Guarany"

Armando Borgioli em Mr. de Germont da "Traviata"

Maria de Lourdes Sá Earp

sa querida Bidú, no papel de Rosina. Secundou-a Vaghi, no de Don Basilio, com não menor felicidade.

Indeleveis nos ficaram as interpretações de Gina Cigna em *Lo Schiavo,* Ebe Stignani em *Samsão e Dalila,* José Luccioni, no *Werther,* Georges Thill no *Guarany,* Bidú Sayão em *Lakmé* e, finalmente, Borgioli no papel do Senhor de Germont, da *Traviata,* em substituição a Danise, subitamente enfermo.

Maria de Sá Earp fez uma duquesinha franceza sympathica e impeccavel em *Lo Schiavo.* Muito moça e cheia de recursos, será uma cantora de merito si persistir na arte. Parece, porém, que o marido não quer vel-a mais no palco... Maria de Sá Earp, a antiga alumna do Sion, alli da rua Cosme Velho, soube fechar a temporada com uma *nota* de amôr, de elegancia e de originalidade: desposou o baixo italiano Giacomo Vaghi, de tão alta expressão nos meios lyricos.

Pretendiamos, tambem, fazer um elogiosinho ao *Giulio Cezare* de Malepiero, mas esta opera foi tão atacada, tão condemnada, tão villipendiada por todos ou quasi todos, que não queremos a pecha de originaes, de loucos ou de imbecis.

Os adoraveis Meninos de Vienna aqui tambem estiveram. Proporcionaram-nos espectaculos ineditos, que permanecerão inapagaveis em nossa memoria. E, numa homenagem especial ao Brasil, cantaram o Hymno Nacional, inteiramente em portuguez e num gesto delicado para com a gente do Rio, a marcha carioca *Cidade Maravilhosa.*

Já os conheciamos, a esses meninos cantores, a esses passaros canoros e alácres, quando os ouvimos na fita *Symphonia Inacabada.* Cantaram trechos de Schubert, então. Tivemos agora opportunidade de os ver pessoalmente. Applaudimol-os nas suas operetas, nas suas audições de musica sacra, nos seus concertos vocaes "a secco".

Bidú Sayão em tres de seus grandes papeis.

Quando os viamos sahir do "Palace Hotel", nos seus lindos uniformes á marinheira, todos eguaesinhos, todos cheios de contentamento, de disciplina, de distincção, sentiamos orgulho de os agasalhar entre nós e como que partilhavamos de sua innocente despreoccupação de creanças felizes e já celebres.

Antes delles, desses anjos, tivemos ensejo de ouvir o demonio da musica, o genial Igor Strawinsky. Aqui esteve, tambem elle. Sim, aqui esteve, mas se foi depressa e profundamente desilludido. A' sua formidolosa concepção, respondeu o povo brasileir com a mais absoluta e irresponsavel incomprehensão. Ao mais discutido compositor do seculo, era justa uma acolhida que não a que se lhe deu. Emquanto na Europa e mesmo em Buenos Aires, disputam-se as localidades do theatro para se ouvir Strawinsky, o nosso Municipal andou criminosamente vasio. Visão desalentadora... Tivemos vergonha do juizo que Strawinsky estaria fazendo de nós.

Chegou ao Rio cheio de esperanças e de bôa vontade. Trouxe comsigo uma das maiores intellectuaes portenhas: a declamadora e poetisa Vitoria Ocampo. Deu-nos uma audição surprehendente de *Persephone*. Offereceu-nos, numa noitada inesquecivel, o seu já tão celebre *Petrushka*. Offertou-nos o sangue de seu sangue, a carne de sua carne, isto é, o seu filho Sulima, interpretando as musicas paternas. Porém, máo grado tanto, teve que se despedir ironicamente triste e desgostoso.

Igor Strawinsky

Talvez por ter dado a perceber que andamos atrazados em materia de musica, é que se disseram, a seu respeito, phrases como esta: "Strawinsky é o exemplo vivo do desequilibrio artistico."

Espera voltar ao Brasil daqui a cincoenta annos... Será tempo sufficiente?

Um grande amigo das Artes e dos Homens

Agostinho Dias Nunes D'Almeida

Nasceu em 18 de Agosto de 1877 na rua Mata Cavallos, actual rua do Riachuelo, na antiga *Côrte*, cidade do Rio de Janeiro (Brasil).

Filho legitimo do Commendador Antonio Pires de Almeida e de D. Maria Augusta da Fontoura, tendo sido baptisado na Igreja de N. S. da Candelaria.

Em 1883 embarcou com seus paes para Portugal, onde esteve até meiados de 1894, frequentando varios collegios da cidade do Porto, em cujo Lyceu fez seus preparatorios.

Regressando a sua patria em 1894, empregou-se no commercio do Rio de Janeiro, seguindo a carreira de guarda-livros, cuja profissão exerce, ha cerca de 29 annos, no Hotel Avenida, na Capital dos Estados Unidos do Brasil.

As horas de lazer emprega-as em obras de philantropia, de civismo, arte, colheita de reliquias historicas, devotando-se ás tradições com o culto sincero de patriota.

Incentivou demonstrações publicas e exposições de trabalhos confeccionados pelos cegos, tendo exercido o cargo de Vice-Presidente da Liga de Auxilios Mutuos dos Cegos, hoje Liga de Protecção aos Cegos.

Fundou a "União dos Cegos no Brasil", da qual foi seu presidente, pugnando pelo afastamento dos cegos da mendicidade, proporcionando-lhes amparo e tendo conseguido formar uma excellente *jazz-band* que fez successo, na cidade de Bello Horizonte, por occasião da commemoração do 1.º anniversario do Instituto S. Raphael.

Foi presidente da Sociedade União Commercial Suburbana do Rio de Janeiro, socio benemerito da Associação Commercial Suburbana, do Centro Carioca e da centenaria Sociedade Beneficiente Auxiliadora das Artes Mechanicas e Liberaes.

Um trabalho de Agostinho Dias Nunes de Almeida.

O "Annuario" e seus auxiliares

João Luiz

O operario brasileiro muito tem feito pelo progresso da arte graphica no paiz. Si considerarmos a qualidade do material empregado em nossas officinas com o que se emprega nos grandes centros europeus, verificamos logo o esforço despendido por esses homens para dar á nossa producção a melhora sensivel que se vem observando.

Emquanto nas grandes officinas européas e americanas se usam tintas de optima qualidade, clichés finissimos, machinas modernas e material de composição sempre novo e abundante, nossos operarios trabalham e produzem com o que existe.

Ao envez de formularem reclamações, tratam de supprir com seus recursos technicos a deficiencia esmagadora dos recursos materiaes. Esse devotamento á profissão representa um esforço digno de ser registrado por aquelles que acompanham de perto a faina diaria desses collaboradores do nosso progresso intellectual.

Das suas mãos saem o livro, o jornal e a revista. São vehiculos indispensaveis do desenvolvimento cultural dos povos. O esforço dos graphicos vem revestir a producção dos intellectuaes da necessaria belleza material. Uma arte difficil e bem nobre.

Nas officinas do ANNUARIO BRASILEIRO DE LITERATURA trabalham cerca de 40 operarios brasileiros, chefiados por dois veteranos technicos: João Luiz dos Santos e Ernesto Ferreira Coutinho. O que esses chefes fazem em pról do aperfeiçoamento dos seus subordinados é dignificante. João Luiz dos Santos, na Impressão, é conhecedor de todos os segredos e subtilezas da arte, aos quaes allia um infatigavel desejo de evoluir.

Ernesto Ferreira Coutinho, na Composição, domina com sua experiencia de longos annos todas as difficuldades que a secção póde criar.

São dois elementos, já feitos na arte, que se completam admiravelmente, formando com seus auxiliares esse conjuncto harmonioso e ordeiro que é apontado como uma das melhores organizações graphicas existentes no Rio de Janeiro.

Ernesto Coutinho

O "ANNUARIO BRASILEIRO DE LITERATURA", prestando essa homenagem aos seus dedicados collaboradores, pratica acto de justiça e reconhecimento.

O seu nome se encontra entre os associados da União dos Empregados no Commercio, da Sociedade dos Admiradores de Francisco Manuel, da qual é vice-presidente, e fundador, do Instituto da Ordem dos Contadores, Instituto Brasileiro de Contabilidade, Sociedade Brasileira de Bellas Artes e outras mais.

E' o autor, no Brasil, da arte de aspecto pictorico, confeccionada com sellos do correio e bem assim do neologismo *"Pinacotelia"* que serve de designação á mesma, que foi premiada na Exposição Nacional de 1922, pela Escola Nacional de Bellas Artes, com medalha de bronze, tendo alcançado, por essa mesma occasião, o Diploma de Honra e respectiva medalha de ouro, conferidos pelo Jury da referida Exposição.

Uma das suas ultimas campanhas patrioticas tem sido a de erguer o merito e as obras do autor do Hymno Nacional Brasileiro, procurando em archivos publicos e particulares tudo quanto possa attestar o valor do maestro Francisco Manuel da Silva que deixou para o Brasil grandiosos legados, como sejam: o Conservatorio de Musica, hoje denominado Instituto Nacional de Musica e a *Voz da Patria Brasileira* sob a harmonia do mais sublime hymno do mundo.

Escriptores estrangeiros cujas

O povo do nosso paiz, embora conte com escriptores nacionaes notaveis, antigos e contemporaneos, dá-se com intensidade á leitura de autores estrangeiros traduzidos para nossa lingua. Infelizmente, essas traducções nem sempre são bôas. Eloy Pontes, Mucio Leão, Agrippino Grieco, do alto de suas cathedras de criticos, vivem verberando os traductores incompetentes. E cremos que, si o Ministro da Educação tambem olhar para o caso, as coisas melhorarão, certamente. De facto, ha generos de literatura inteiramente descuidados entre nós, sendo obrigado, quem não conhece idiomas de além-mar, a valer-se das traducções. E são justamente os generos mais lidos. Entre esses cumprenos citar dois: o policial e o romance para moças. São todos

Karl May

KARL MAY nasceu na Allemanha, em 1842, e morreu em 1912. E' o idolo da mocidade allemã, sendo considerado o moderno Julio Verne. Na sua patria, existe o Museu Karl May, onde se guardam objectos raros relacionados com os povos exoticos que o escriptor descreveu em seus romances. Ha na Allemanha uma casa editora que se dedica exclusivamente ás obras desse romancista.

Sax Rohmer

SAX ROHMER, nascido na Inglaterra, em 1883, estreou no jornalismo, onde adoptou o pseudonymo com que é conhecido. Seu verdadeiro nome é Arthur Sarsfield Ward. Creador da impressionante figura do dr. Fu-Manchú. Seus livros giram, em geral, em torno de mysterios orientaes.

Edgard Wallace

EDGARD WALLACE, o autor policial mais lido entre nós, nasceu na Inglaterra em 1875 e morreu em 1932. Escriptor de uma fertilidade prodigiosa, o numero de seus romances sobe a quasi duzentos. Ganhou sommas enormes com a sua especialidade literaria. São elle e Conan Doyle os autores mais populares no genero de aventuras policiaes. Autor do **"Homem Sinistro"**, **"O Milhão Perdido"**, **"O Voador 55"**, etc., conhecidos do Amazonas ao Rio Grande do Sul.

traducções são mais lidas no Brasil

importados, porque aqui ninguem quer fazer ou sabe fazer essas modalidades de literatura.

São ás dezenas de milhares os livros de Edgard Wallace, Sax Rohmer e de outros, vendidos annualmente no Brasil. Tambem ás dezenas de milhares as novellas de Elinor Glyn, Dyvonne, Delly.

Ha egualmente outros escriptores, de outros generos, que tambem "pegaram" no Brasil: André Maurois, Zweig, Axel Munthe.

Para satisfazer á curiosidade de muita gente, resolvemos dar a seguir alguns dados biographicos ligeiros sobre varios dos maiores idolos literarios populares.

AXEL MUNTHE não é um profissional das letras. Medico e dos mais eminentes (procurado por principes e magnatas de todo o mundo), escreveu uma unica obra — "O Livro de S. Michele" — e com ella conseguiu gloria universal. E' a historia de sua propria vida contada de um modo originalissimo. No Brasil o successo deste livro foi identico ao obtido nas outras nações.

Axel Munthe

ANDRÉ MAUROIS. Seu verdadeiro nome é Herzog e provém de familia judaica. Nasceu em 1885, em Elbeuf. Autor fino e subtil, escreve com especialidade sobre a Inglaterra. Seus livros têm tido grande voga aqui no Brasil, principalmente "Disraeli" e "Mundos Imaginarios", talvez por ter posto nelles o maximo de sua arte inegualavel.

André Maurois

STEFAN ZWEIG, nascido em Vienna, em 1881, é actualmente o escriptor mais lido em todo o mundo. No Brasil, as suas obras alcançaram uma divulgação jámais attingida por qualquer outro escriptor estrangeiro. Conhecedor de todas as literaturas, apaixonado pelas viagens, percorreu toda a Europa, sendo um dos intellectuaes europeus que mais curiosidade têm demonstrado pela vida dos povos mais distantes.

De assombrosa actividade intellectual, em toda a sua vasta obra tem se revelado um pensador exuberante, possuidor de um estylo extranho e fascinador.

Os seus famosos estudos psycho-biographicos, traduzidos em todos os idiomas, espalharam-se pelo mundo. Em sua recente visita ao Brasil, teve opportunidade de verificar o quanto é aqui comprehendido e admirado, pois, a par das significativas manifestações officiaes, o publico demonstrou-lhe carinhosamente toda a sua sympathia.

Stefan Zweig

Cia. Dramatica Franceza

Um dos grandes acontecimentos artisticos de 1936 foi a vinda ao Brasil da Companhia Dramatica Franceza de Grandes Espectaculos Musicados sob a direcção do famoso "metteur en scène" Pierre Aldebert.

Essa companhia, tão glorificada no mundo inteiro, soffreu no Brasil uma desalentadora decepção. O Theatro Municipal andou ás moscas... E embora, desde a primeira representação, a imprensa carioca dissesse da belleza e grandiosidade dos espectaculos, nem por isso poude a empreza escapar do fracasso e de um grande prejuizo financeiro. Eis uma verdade tristissima: uma das maiores companhias dramaticas do mundo dar-nos a honra de vir ao Brasil, e voltar com suas finanças abaladas pela falta de apoio e comprehensão de um publico que se diz culto.

Ha quem allegue, como explicação para o facto, a vinda, pouco antes, de outra companhia franceza e, outrosim, de uma bôa Cia. de Comedias Ingleza, não comportando o Rio de Janeiro, numa temporada, tres grandes companhias estrangeiras.

Aliás, é a unica desculpa cabivel e mais ou menos acceitavel, que somos forçados a endossar e propalar.

Seja como fôr, aqui deixamos consignada a nossa estranheza e, numa homenagem a Pierre Aldebert e ao seu inegualavel elenco, do qual sobresahem as figuras inconfundiveis de Romuald Joubé e Juliette Verneuil, estampamos a photographia do director e de algumas caracterizações dos principaes artistas da companhia.

Do seu magnifico repertorio, podem-se apontar como destaque "L'Arlesienne", com musica de Bizet, original de Alphonse Daudet, e "Le Vrai Mystère de la Passion", de Arnould Gréban, com adaptação de musica de Bach, um dos mais bellos espectaculos vistos em nossa vida.

Movimento bibliographico de 1936

CASA MANDARINO EDITORA

Loja: Rua do Passeio, 70. Officinas: Rua do Nuncio, 64 a 66 — Rio de Janeiro.

Fundada em 1935 pelo Sr. Ernesto Mandarino, seu proprietario, esta empresa editora vem apresentando ao publico uma serie de interessantes romances para moças, a chamada *Collecção Rosa*, cujo programma em 1936, foi o seguinte:

RUTH — de *F. Lafargue*.
UMA SEPARAÇÃO — de *G. Peyrebrune*.
ESTRELLA DE GRANADA — de *Dyvonne*, a delicada e culta escriptora franceza, traducção esmerada de J. L. Costa Neves.
A ORPHÃ — de *Jules Sandeau* (da Academia Franceda) tambem traduzido por C. Neves.
GISELLA — de *G. Peyrebrune*.
O PRAZER DOS DEUSES — de *Eveline le Maire* e em caprichosa traducção de Aurelio Pinheiro. Um dos melhores livros de moças publicados no Brasil.
SUA ALTEZA — de *A. Alaphilippe*.
A DAMA DE COMPANHIA — de *George Sand*, traducção de J. L. Costa Neves.

Além desses livros a Editora Mandarino lançou um livro precioso de José Saturnino de Britto: *A Evolução do Cooperativismo* e um dos melhores volumes de Marco Aurelio, o imperador philosopho: *Pensamentos e Reflexões*.

SOCIEDADE EDITORA AMIGOS DO LIVRO, DE BELLO HORIZONTE

Esta interessante casa editora fundou-se em 1931, em Bello Horizonte, por iniciativa do conhecido escriptor mineiro Eduardo Frieiro.

A Sociedade Editora Amigos do Livro se compõe da reunião de 27 intellectuaes, que editam por um systema de contribuições individuaes, pequenas *plaquettes*, de seus componentes, assim como obras de maior vulto, por conta de seus autores.

O successo desta iniciativa foi magnifico, pois conseguiu dar a lume, até agora, 20 volumes de prosa e de poesia, dos mais notorios da literatura mineira contemporanea.

E' a seguinte a lista de obras até o presente editadas pelos "Amigos do Livro".

Poesia:

INGENUIDADE — de *Emilio Moura*.
BREJO DAS ALMAS — de *Carlos Drummond de Andrade*.
A ANTIGA MELODIA — de *Heli Menegale*.
SIMPLICIDADE — de *Branca Adjucto Botelho*.
CANTO DA HORA AMARGA — de *Emilio Moura*.

Prosa:

O BRASILEIRO NÃO É TRISTE — de *Eduardo Frieiro*, um dos grandes escriptores de Minas Geraes.
A EDUCAÇÃO DOS CEGOS NO BRASIL — de *Aires da Matta Machado Filho*.
A GALLINHA CEGA — de *João Alphonsus* (premio Machado de Assis).
MINAS E OS MINEIROS NA OBRA DE MACHADO DE ASSIS — de *Mario Casasanta*, critico e historiador de merito.
A ALMA DOS LIVROS — de *Oscar Mendes*.
A ILLUSÃO LITERARIA — de *Eduardo Frieiro*.
ENSAIOS DE POLITICA ECONOMICA — de *Orlando M. Carvalho*.
MACHADO DE ASSIS E O TEDIO Á CONTROVERSIA — de *Mario Casasanta*.
VINDICIAE — de *Labieno* (Cons. Lafayette Rodrigues Pereira).
O ULTIMO BANDEIRANTE — de *Mario Mattos*.
ESCREVER CERTO — de *Aires da Matta Machado Filho*.
O TRATADOR DE PASSAROS — de *Wellington Brandão*.
DUAS OFFICINAS DE POLICIA TECHNICA — de *Orlando M. Carvalho*.
ACERCA DA ARTE DE ESCREVER PARA O THEATRO — de *José Maria Senna*.
O CABO DAS TORMENTAS — de *Eduardo Frieiro*.
VELORIOS — de *Rodrigo M. F. de Andrade*, uma das mais bellas intelligencias do Brasil de hoje.

A REEDIÇÃO DE "VINDICIAE"

Participando de fórma effectiva nas commemorações especiaes com que o povo e o governo de Minas Geraes celebraram o centenario do nascimento do grande mineiro, Conselheiro Lafayette Rodrigues Pereira, a S.E. Amigos do Livro, pro-

moveu a reedição do famoso opusculo *Vindiciae*, resultado de uma polemica do Conselheiro com Sylvio Romero, a proposito de Machado de Assis e Tobias Barreto.

O primor do acabamento da obra e o cuidado de sua parte graphica fizeram com que a edição se esgotasse immediatamente após sua entrega ao mercado nacional.

OS MEMBROS DA S.E.A.L.

São os seguintes os membros da S.E.A.L.:

Abgar Renault, Affonso Arinos de Mello Franco, Aires da Matta Machado Filho, Alfredo Balena, Annibal Machado, Antonio Borges, Arthur Versiani Velloso, Carlos Drummond de Andrade, Ciro dos Anjos, Eduardo Frieiro, Emilio Moura, Francisco Magalhães Gomes, Gabriel Passos, Guilhermino Cesar, Gustavo Capanema, João Alphonsus, Lincoln Prates, Luiz Camillo, Mario Casasanta, Mario Mattos, Martins de Andrade, Milton Campos, Murilo Mendes, Orlando M. Carvalho, Orozimbo Nonato da Silva, Oscar Mendes, Rodrigo M. F. de Andrade.

LIVRARIA JOSE' OLYMPIO, EDITORA

Loja: Rua do Ouvidor, 110 — Tel. 23-2389. Escriptorio: Rua 1.° de Março, 13 — Tel. 23-2831 — Rio de Janeiro.

Fundada em S. Paulo pelo Sr. José Olympio Pereira Filho, esta importante casa editora foi transferida em 1933 para esta Capital, onde veiu continuando no mais bello programma editorial até hoje emprehendido no Brasil. Seu fundador e proprietario, o maior editor nacional na mais lidima accepção da palavra, não tem poupado esforços ou economizado energias no sentido de converter a pequena ou, digamos com mais propriedade, a inexistente industria do livro genuinamente brasileiro numa realidade brilhante. Em torno de sua pessoa agglomeram-se os nomes dos intellectuaes de mais prestigio no nosso mundo culto. Tem "descoberto" gente nova e boa, prodigaliza concessões quando se lhe apresenta um escriptor de merito real e, muitas vezes, deixando de lado a idéa de lucro, abrindo mão de qualquer vantagem financeira, tão justificavel aliás, apenas cuida de "lançar" um nome que virá augmentar o prestigio das letras patrias e accrescer de mais uma pedra o nosso edificio literario, que, um dia, ainda virá a figurar entre os mais bellos de quantos se têm erguido no mundo.

O anno de 1936 foi cheio de acção por parte do editor José Olympio. Varias dezenas de livros novos e reedições foram por elle apresentados ao publico. Apresentaremos a seguir, de accordo com as nossas normas, primeiramente os livros novos e depois as reedições.

LIVROS NOVOS

TERRITORIO HUMANO — de *José Geraldo Vieira* (o immortal autor de *A Mulher que fugiu de Sodoma*, romance premiado pela Academia de Letras).

HEROINAS BAHIANAS — do historiador *José Bernardino de Souza*, a quem muito deve o Instituto Historico da Bahia.

NOTAS DE UM DIARISTA (2.ª Serie) — de de *Humberto de Campos*, em que são retratadas figuras conhecidas le politicos e literatos.

O CONDE E O PASSARINHO — de *Rubem Braga* (um dos mais brilhantes chronistas actuaes do Brasil).

UMA NOVA EDADE MEDIA — do escriptor *Nicolau Berdiaeff*, numa traducção impeccavel do escriptor catholico e critico de merito *Tasso da Silveira*.

O ESPIRITO E O MUNDO — de *Alceu Amoroso Lima* (Tristão de Athayde), um livro de ensaios do grande pensador catholico.

PERFIS (1.ª Serie) — mais uma obra posthuma de *Humberto de Campos*, em que são retratadas figuras conhecidas de politicos e literatos.

CONTRASTES — ainda de *Humberto de Campos* (chronicas).

LETRAS E LITERATOS — obra posthuma de *José Verissimo*.

EDUCAÇÃO PARA A DEMOCRACIA — livro precioso do grande educador *Anisio Teixeira*, contendo um prefacio no qual o autor se defende da accusação de communista.

ALMA DO ORIENTE — de *Malba Tahan*, pseudonymo com que se encobre o conhecido engenheiro e professor Mello e Souza. Trata-se de um livro de contos orientaes.

ACTUALIDADES DE UM MUNDO ANTIGO — de *Miguel Reale*, o sociologo do Integralismo.

PALAVRA NOVA DOS TEMPOS NOVOS — um novo livro do chefe do movimento nacional integralista, *Plinio Salgado*.

USINA — de *José Lins do Rego* (o grande romancista de *Banguê* e *Menino de Engenho*). *Usina* é o fecho da serie "Cyclo da Canna de Assucar".

MANA MARIA — do saudoso escriptor paulista *Antonio de Alcantara Machado*. Este volume compõe-se do romance inacabado *Mana Maria* e de varios contos.

PAISAGEM SENTIMENTAL — de *Benjamin Costallat* (chronicas).

MINHAS MEMORIAS DOS OUTROS — ultima serie das velhas reminiscencias do Ministro *Rodrigo Octavio*.

MAR MORTO — do escriptor bahiano *Jorge Amado*, uma das mais pujantes expressões literarias do Brasil actual. Sobre o autor deste romance podemos adeantar a grata noticia de que vão sahir traducções franceza e ingleza de dois livros seus: *Jubiabá*, obra-mestra brasileira e *Cacau*. Deste ultimo já existe uma traducção espanhola feita na Argentina.

A LUZ DO SUB-SOLO — de *Lucio Cardoso* (o mais jovem e mais promettedor romancista brasileiro).

TERRAS MORTAS — de *Xavier Marques* (livro de contos).

INTRODUCÇÃO A' PSYCHOLOGIA GERAL — de *Arthur Ramos*, pensador e sociologo.

ANGUSTIA — de *Graciliano Ramos* (na opinião do editor o maior romance de 1936).

TEMPO PERDIDO — de *Alvaro Moryera* (chronicas).

MARCHA A' RÉ — de *Sergio Milliet* (chronicas).

ZACARIAS — de *Vivaldo Coaracy*. (Contos sobre a Realidade Brasileira).

CADEIRAS NA CALÇADA — de *Telmo Vergara* (premio de contos do Concurso Humberto de Campos de 1936). A proposito cumpre dar uma noticia sobre esse interessante concurso instituido pela Editora José Olympio: Creado para incentivar a producção do conto — genero tão pouco cuidado no Brasil — soube apresentar premios compensadores, afóra a possibilidade de uma consagração no meio literario, e assim, logo no seu primeiro anno, conseguiu que uma centena de concurrentes apresentasse trabalhos á commissão julgadora. Esta commissão compunha-se dos seguintes nomes, todos de destaque: Prudente de Moraes Neto, Jorge Amado, Peregrino Junior, Arnaldo Tabaiá e Marques Rebello.

PERFIS (2.ª Serie) — de *Humberto de Campos*.

DEMOCRACIA INTEGRALISTA — de *Jayme Regalo Pereira*. Mais um livro interessante sobre o movimento que vem empolgando o espirito brasileiro.

PANORAMA DO BRASIL — de *José Maria Bello*. Obra de actualidade, trabalho de valor de um grande observador dos assumptos nacionaes.

RAIZES DO BRASIL — de *Sergio Buarque de Hollanda*. (Primeiro livro da serie "Documentos Brasileiros", publicada sob a direcção de Gilberto Freyre, o grande sociologo que escreveu *Casa Grande e Senzala* e *Sobrados e Mucambos*). O jovem Sergio Buarque de Hollanda com este livro consagrou-se definitivamente entre os nossos melhores pensadores.

HISTORIAS DA AMAZONIA — contos vivos e intensos do jornalista e medico *Peregrino Junior*.

ULTIMAS CHRONICAS — de *Humberto de Campos*.

ESPELHO DOS LIVROS — de *Jayme de Barros*, grande critico de letras e artes.

HISTORIAS DA VELHA TOTONIA — de *José Lins do Rego*, que com este livro se mostrou, além de grande romancista, um excellente *conteur* para o povinho pequeno. (Illustrações de Santa Rosa).

PARECERES (2.ª Serie) — do eminente jurista *Francisco Campos*.

EDUCAÇÃO DOS PAES — de *Wilhelm Stekel* (traducção do Dr. Leme Lopes e prefacio do Dr. Silva Mello).

O ALMIRANTE SALDANHA E A REVOLTA DA ARMADA (Reminiscencias de um Revoltoso) — do *Vice-Almirante Souza e Silva*.

DA INTERPRETAÇÃO NA PSYCHOLOGIA — de *Almir de Andrade*, moço de 25 annos mas com uma notavel bagagem de cultura e erudição.

TUBERCULOSE PULMONAR — de *Aloysio de Paula*.

Estas, as obras editadas com successo pela Livraria José Olympio Editora. Além dellas, distribuiu tambem uma obra preciosissima do Ministerio da Educação: AUTOS DE DEVASSA DA INCONFIDENCIA MINEIRA (3 volumes) e a revista official da Sociedade Felippe de Oliveira: LANTERNA VERDE (n. 4).

LIVROS REEDITADOS

MEMORIAS (9.ª edição) — de *Humberto de Campos*. Com esta nova tiragem de 5.000 exemplares, esta obra immorredoura attingiu seu 45.° milheiro, facto sem precedente no nosso mercado livresco.

MACHADO DE ASSIS — de *Sylvio Romero*. O discutido livro de um dos nossos maiores criticos literarios, em nova edição sob a orientação de seu filho, o professor Nelson Romero.

MEALHEIRO DE AGRIPPA e DA SEARA DE BOOZ — de *Humberto de Campos*. Seus primeiros livros de chronicas.

CARICIAS (4.ª edição) — de *Garcia Redondo*.

O BRASIL ANEDOCTICO — de *Humberto de Campos*.

SUOR e CACAU — de *Jorge Amado*, sobre quem já tivemos occasião de falar linhas atraz.

DESTINOS (4.ª edição) — de *Humberto de Campos*. Com esta edição attingiu este bello livro de chronicas 25 milheiros.

BAGACEIRA (6.ª edição) — do ex-ministro *José Americo de Almeida*. Este romance e o *Estrangeiro*, de Plinio Slagado, são os mais brasileiros de quantos romances se publicaram no Brásil e têm um destino longo e importante na vida do nosso paiz.

O SOFFRIMENTO UNIVERSAL e A QUARTA HUMANIDADE — de *Plinio Salgado*. Neste ultimo livro ha um capitulo interessantissimo e original sobre Machado: "O sentido optimista na obra de Machado de Assis" — curiosa contradita á generalidade dos estudiosos do nosso maior romancista.

O MOLEQUE RICARDO (2.ª edição) — bom romance de *José Lins do Rego* que alcança 7.000 exemplares num periodo de menos de 1 anno.

O ESTRANGEIRO (3.ª edição) e O ESPERADO (2.ª edição) — de *Plinio Salgado*.

Finalmente, citamos a reedição completa e padronizada de toda a obra de Humberto de Campos, publicada ao tempo em que ainda usava o pseudonymo de Conselheiro XX (11 volumes).

O programma da Livraria José Olympio Editora para 1937 é vasto e interessante. Conseguimos destacar desse plano, notavel todo elle, alguma coisa cuja noticia antecipada sempre será uma orientação para aquelles que acham nisso alguma curiosidade.

Na serie "Documentos Brasileiros", figuram os seguintes nomes:

Oliveira Lima — com suas *Memorias* e a reedição do livro precioso *D. João VI no Brasil*.

Gilberto Freyre — apresentando dois trabalhos notaveis: *Nordeste* e *Ordem e Progresso* (3.° volume dos estudos iniciados com *Casa Grande e Senzala* e *Sobrados e Mucambos*).

Oliveira Vianna — e sua obra profunda *Typos Ethnicos do Brasil*.

José Americo de Almeida — dando com *Memorias* mais um subsidio valioso para os estudos do Nordeste e do Brasil.

Julio Bello — com *Memorias de um Senhor de Engenho*.

Saint-Hilaire — numa *Viagem a São Paulo* (traducção e notas de A. Couto de Barros e Rubens Borba Alves de Moraes).

Affonso Arinos de Mello Franco — que apresentará inestimavel trabalho sobre *O Indio Brasileiro e a Revolução Franceza* e ainda *A Unidade Nacional*.

Sylvio Romero — na reedição do livro que Arthur Orlando chamou de "Cathedral do Pensamento Brasileiro", a primorosa *Historia da Literatura Brasileira*.

E mais ainda, Octavio Tarquinio de Souza (*Bernardino Pereira de Vasconcellos e seu tempo*), Alcantara Machado (*Bernardino Machado*), Djacir Menezes (*O Outro Nordeste — Nordeste Pastoril*).

No genero romance, destaca-se:

Rua do Siriry — de Armando Fontes (autor de *Corumbas*).

Caminho de Pedras — de Rachel de Queiroz (autora de *Os 15*).

Carvão da Vida — de Armando de Oliveira.

Experiencia — do embaixador portuguez Martinho Nobre de Mello.

Pureza — de José Lins do Rego.

Pedra Bonita — do mesmo autor.

Bahia — de Jorge Amado.

A Estrella sobe — de Marques Rebello.

Mundos Mortos — de Octavio de Faria.

Ha outros livros que devem ser salientados: uma edição escolar das *Memorias* de Humberto de Campos, feita sob a orientação da professora Elvira Nizinska da Silva; um volume do fino e satyrico escriptor Agrippino Grieco — *Romancistas*; um novo livro do critico Eloy Pontes — *A Vida Dramatica de Euclydes da Cunha*; um outro do notavel jornalista Victor Vianna — *O Brasil entre as Nações*; mais um outro de Plinio Salgado — *Vida de Bolivar*; dois volumes de chronicas de Antonio de Alcantara Machado — *Saxophone* e *Cavaquinho*; outro trabalho profundo do escriptor catholico Tristão de Athayde — *Meditação sobre o Mundo Moderno* e, finalmente dois livros de contos de Raul Pompeia, publicados sob o patrocinio do Centro Carioca e orientação de Eloy Pontes.

A Livraria José Olympio apresentará ainda um bello volume de saudades, um *In Memoriam* dedicado a Humberto de Campos, no qual se conterá tudo o que de melhor se tem escripto sobre o grande brasileiro.

Outrosim, mostrando não descurar da literatura dita popular, iniciará breve sua annunciada e tão esperada collecção de livros policiaes, cujas traducções serão entregues a escriptores de nome feito no nosso meio literario.

ATHENA EDITORA

Athena Editora, de P. Petraccone & Cia., estabelecida á rua General Camara, 141, nesta capital, foi fundada no anno de 1935, por seus actuaes proprietarios.

Athena Editora nasceu, como tantas outras emprezas congeneres, do surto cultural que ha annos vem accelerando o rythmo da vida brasileira.

Seu programma é essencialmente um programma de cultura. Nesse sentido, dada a enorme lacuna que para o cabedal literario do paiz significa o não possuir traducções da quasi totalidade das grandes obras da literatura classica, poz hombros á tarefa de explorar esse terreno quasi virgem, lançando a *Bibliotheca Classica*, cuja inesperada acolhida por parte do publico attesta a opportunidade da iniciativa.

As actividades de Athena Editora, cujo escopo é a elevação em globo do nivel cultural da nação, têm-se desenvolvido dentro do seguinte quadro:

a) Versão para o vernaculo das grandes obras da literatura classica universal. Dahi a sua *Bibliotheca Classica*, cuja selecção e traducção foi entregue a especialistas de attestada competencia.

b) Traducção das obras capitaes do theatro antigo e moderno. Donde a *Bibliotheca Theatral*, na qual muitas das maiores producções do pensamento humano serão pela primeira vez postas ao alcance do publico brasileiro.

c) Lançamento de uma ampla bibliotheca de divulgação scientifica ao alcance do povo, constante de pequenos compendios — de autores nacionaes e estrangeiros — que, vendidos a preços minimos, assegurarão a penetração da cultura nas camadas populares. E' a sua *Bibliotheca Universal*, que já conta com bom numero de volumes versando os mais diversos ramos das sciencias.

d) Lançamento de uma *Collecção Moderna de Cultura*, destinada a manter o leitor brasileiro em dia com as ultimas conquistas do pensamento mundial, quer no campo das sciencias naturaes, quer no campo das sciencias sociaes.

e) Formação de uma Bibliotheca Historica, que enfeixará as melhores obras que sobre a materia se escreveram no paiz e no estrangeiro.

f) Transladação para o portuguez dos *grandes classicos da Philosophia moderna*, o que já foi iniciado com a edição da *Encyclopedia das Sciencias Philosophicas* de G. W. F. Hegels.

g) Lançamento de uma *Bibliotheca de Economia e Finança*, que se estreou com uma das obras maximas de Francesco Nitti — *Tratado da Sciencia das Finanças* — e destinada a, englobando os maiores nomes da materia, fornecer aos estudiosos os meios de conhceimento dos grandes problemas com que lucta a civilização contemporanea.

SUAS EDIÇÕES

Contando menos de dois annos de existencia, orça a bagagem editorial de Athena Editora em mais de cincoenta obras, tendo, ademais, cerca de uma dezena no prélo.

Damos, a seguir, a lista das edições apparecidas em 1936:

Obras nacionaes

O RIO DE JANEIRO NO TEMPO DOS VICE-REIS (Em segunda edição) — de *Luiz Edmundo*, o grande jornalista, poeta e historiador brasileiro.

CARCERES E FOGUEIRAS DA INQUISIÇÃO — de *Evaristo de Moraes*, o nosso maior criminalista.

DA MONARCHIA PARA A REPUBLICA — de *Evaristo de Moraes*.

BREJO — romance de *Cordeiro de Andrade*.

Obras estrangeiras

A INFANCIA DE KLIM SANGUINE — de *Maximo Gorki*, traducção de Lucio do Nascimento Rangel.

ASPECTOS MORAES DA VIDA POLITICA — de *Benedetto Croce*, traducção de Miguel Ruas.

ORIENTAÇÕES (Ensaios de philosophia e politica) — de *Benedetto Croce*, tradução de Miguel Ruas.

VIDAS DOS HOMENS ILLUSTRES (Alexandre e Cesar) — de *Plutarco*, traducção de Helio Veiga.

APOLOGIA DE SOCRATES — de *Platão*, traducção e prefacio de Maria Lacerda de Moura.

O SOBRINHO DE RAMEAU — de *Denis Diderot*, traducção de Victor de Azevedo.

A CONFISSÃO DE UM FILHO DO SECULO — de *Alfred de Musset*, traducção de Paulo M. Oliveira e A. P. Guimarães. (2 volumes).

GARGANTUA — de *François Rabelais*, traducção de Paulo M. Oliveira.

VIDA DOS HOMENS ILLUSTRES (Demosthenes e Cicero) — de *Plutarco*, traducção de Sady-Garibaldi.

DA REPUBLICA — de *Marco Tulio Cicero*, traducção de Amador Cisneiros Amaral.

PENSAMENTOS — de *Blaise Pascal*, traducção de Paulo M. Oliveira.

DISCURSOS SOBRE AS SCIENCIAS E AS ARTES E SOBRE A ORIGEM DA DESIGUAL-

DADE — de *J. J. Rousseau*, traducção de Maria Lacerda de Moura.

CONFISSÕES — de *J. J. Rousseau*, traducção de Rachel de Queiroz.

VIDAS DOS HOMENS ILLUSTRES (Agis e Cleomenes e Tiberio e Caio Graco) — traducção de Sady-Garibaldi.

A ORAÇÃO DA CORÔA — de *Demosthenes*, traducção de Victor de Azevedo.

I FIORETTI DE S. FRANCISCO — traducção de Antonio Capistrano. (Seguidos do *Cantico do Sol* em portuguez, em italiano moderno e no original).

A MEGERA DOMADA — de *William Shakespeare*, traducção de Berenice Xavier.

DOM JOÃO TENORIO — de *José Zorrilla*, traducção de Sady-Garibaldi.

OS TECELÕES — de *Gerhart Hauptmann*, traducção de J.A. Soares.

Seu programma para 1937 não é menos importante. São dignas de registro as seguintes grandes obras a sahir naquelle periodo:

Caracteres, de La Bruyère; *Diccionario Philosophico*, de Voltaire; *A Vida dos Doze Cesares*, de Suetonio; *As Historias de Tacito; Memorias sobre Socrates*, de Xenofonte.

LIVRARIA H. ANTUNES

J. O. Antunes & Cia.

Rua Buenos Aires, 133 — Rio de Janeiro

Esta livraria foi fundada em 1909 por Heitor Antunes. São seus socios actuaes: Joaquim de Almeida Carvalho e Joaquim de Oliveira Antunes.

Trata-se de uma livraria fundada quasi exclusivamente para importação e expansão no Brasil de todas as edições portuguezas.

Livros brasileiros, em 1936, publicou os seguintes:

A MULHER DOS OLHOS DE GELO — de *Madame Chrysanthème*.

O SONHO DO PHILOSOPHO INTEGRALISTA — de *Custodio de Viveiros*.

OS INIMIGOS DO SIGMA — de *Custodio de Viveiros*. (Em preparo).

RUMO AO SIGMA — do *Comte. Victor Pujol*.

PERSPECTIVAS INTEGRALISTAS — de *Miguel Reale*.

BIBLIOTHECA MINEIRA DE CULTURA

Bello Horizonte

Edições historicas e culturaes, sob a direcção do professor Anibal Mattos. Desde 1934 que vem dando ao paiz obras de merito, como *Memorias Scientificas*, de Peter Wilhelm Lund (1935) e *Anchieta e a Medicina* (1934).

No periodo a que se refere este ANNUARIO, publicou a Bibliotheca Mineira de Cultura:

HISTORIA DA CIVILIZAÇÃO — de *Diogo de Vasconcellos*.

MONUMENTOS HISTORICOS, ARTISTICOS E RELIGIOSOS DE MINAS GERAES — do *Prof. Anibal Mattos*.

AS ARTES NAS EGREJAS DE MINAS GERAES — do *Prof. Anibal Mattos*.

VERDADES HISTORICAS — do *Dr. Salomão Vasconcellos*.

DAS ORIGENS DA ARTE BRASILEIRA — do *Prof. Anibal Mattos*.

ARTE COLONIAL BRASILEIRA — do *Prof. Anibal Mattos*.

Para 1937, promette-nos a Bibliotheca Mineira de Cultura, entre outros livros, a obra notavel do Prof. Anibal Mattos: *Historia da Arte Brasileira*.

IRMÃOS PONGETTI, EDITORES

Av. Mem de Sá, 78 — Tel. 22-4417

Rio de Janeiro

Rogerio e Rodolpho Pongetti são seus proprietarios. Grandes conhecedores da arte graphica, têm elles apresentado trabalhos realmente bellos e, sem offender suceptibilidades, pode-se dizer que foram os renovadores da industria do livro no Rio de Janeiro.

Embora a secção typographica exista ha muitos annos, seu departamento editorial começou a funccionar de 1935 para cá, contando, assim, menos de 2 annos de existencia.

O primeiro anno foi cheio de actividade, mas foge ao nosso programma catalogar-lhes as obras publicadas naquelle periodo.

O anno de 1936, não foi menos interessante. Deram á estampa os seguintes volumes:

MUNDOS IMAGINARIOS — de *André Maurois* e em traducção de J. L. Costa Neves. Livro unanimemente bem acolhido pela critica e pelo publico.

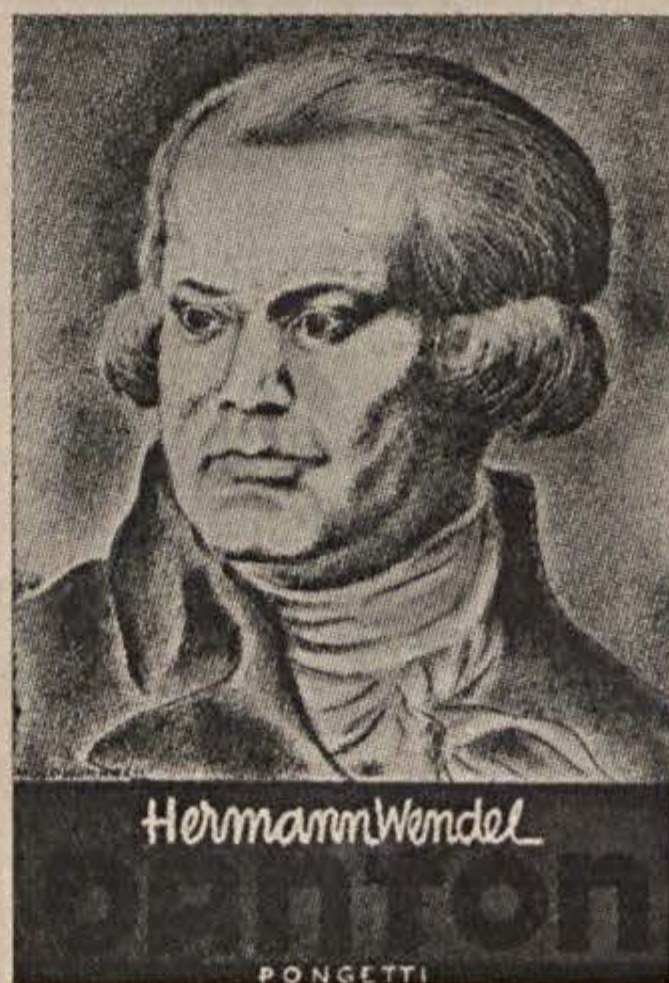
DOIS MESTRES (reedição) — de *Stefan Zweig* e traduzido com esmero por Faustino Nascimento, membro da Academia Carioca de Letras.

CRIME E CASTIGO — a obra immortal de *Dostoiewsky* — em nova traducção a cargo de J. Jobinsky e Aurelio Pinheiro.

RETRATO DE UMA ACTRIZ — de *André Maurois*. Traducção de J. L. Costa Neves e bellas illustrações de Paulo Werneck.

MESMER — de *Stefan Zweig*. Este livro, traduzido por Candido de Carvalho, faz parte da interessante trilogia — *A Cura pelo Espirito* — cujas outras duas partes são: *Freud*, editada pela Livraria Guanabara e *Mary Baker-Eddy*, a cujo respeito a seguir falaremos.

A PHANTASTICA EXISTENCIA DE MARY BAKER-EDDY — de *Stefan Zweig*. A 2.ª edição deste bello estudo da fundadora da *Christian Science*, que teve uma nova traducção confiada a J. L. Costa Neves, foi feita em commemoração á viagem do seu grande autor ao Brasil.

DANTON — de *Hermann Wendel*, traducção de Carlos Domingues. Um dos melhores livros do anno. O autor estudou a personalidade do tremendo tribuno revolucionario sob aspectos inteiramente ineditos e nos admiramos de como foi preciso que Danton fôsse estudado fóra de sua patria, e logo por um allemão, para sahir tão bem retratado. Sobre sua traducção só temos uma palavra: perfeita.

OCCASO DE UM CORAÇÃO — de *Stefan Zweig* e cuidadosamente traduzido por Aurelio Pinheiro. Illustrou-o P. Wreneck.

LITERATURAS ESTRANGEIRAS — do ministro *A. Velloso Rebello*. Um apanhado feito com grande propriedade das literaturas do mundo, principalmente da hispano-americana da qual o autor, que é membro do Instituto Historico e Geographico do Rio de Janeiro, se mostrou um conhecedor profundo.

GADO HUMANO — de *Nestor Duarte*, intellectual bahiano. Este livro iniciou a serie de "Romances Brasileiros" dos Irmãos Pongetti,

EMQUANTO ELLA DORME — de *Ernani Fornari*. Novella interessante com illustrações de Werneck.

A HORA H DO CAFE' — de *Benedicto Mergulhão*.

NOVAS DIRECTRIZES — de *J. Rodrigues do Valle*.

DA PRIMEIRA A' SEGUNDA REPUBLICA — do *General Hastimpilo de Moura*.

A NAMORADA DO SAPO — contos para creanças de *Sebastião Fernandes*, com illustrações de Gouveia.

CONTOS AZUES — livro infantil de *Chrisanthème*, com illustrações de Paulo Werneck.

A HARMONIA DAS COISAS E DOS SERES — — de *Anna Amelia de Queiroz Carneiro de Mendonça*.

SILENCIO, DOCE SILENCIO... — poesias de *Osorio Dutra*.

PAISAGENS SONORAS — livro de rimas delicadas de *Faustino Nascimento*.

METHODOLOGIA DA ECONOMIA POLITICA — do professor *A. Nogueira de Paula*, que põe á mostra nesta obra grande cultura politico-social a par de um fino talento de escriptor.

SOCIEDADES DE ECONOMIA COLLECTIVA — de *Hugo Gonthier*, que estuda com proficiencia todas as modalidades do chamado cooperativismo.

LA CONSTRUCTION EN BÉTON ARME' — do *Dr. René Charlier*, illustre professor belga formado pela Universidade de Gand.

COMPANHIA BRASIL EDITORA, S. A.

Rua Buenos Aires, 20-A. Caixa Postal, 3066.
Tel. 23-4142 — *Rio de Janeiro*

Directores: Oswaldo Rezende, Paulo Lotufo e Roland de Souza.

Esta empresa editora funcciona ha cinco annos no Rio de Janeiro e se vem dedicando á divulgação de livros de ensinamentos moraes, recreativos e de viagens.

Além disso, publica uma utilissima revista bimestral — revista technica de esportes e athletismo que apoia amplamente a causa da educação physica entre nós.

vulgarizando os principios scientificos que servem de base á educação physica;

favorecendo o surto dos esportes como factor de aperfeiçoamento da raça;

incentivando a formação de technicos especialistas;

propagando os fins moraes e sociaes das actividades physicas;

despertando a attenção publica para esse aspecto do problema educativo;

coadjuvando o governo e instituições particulares na execução de seus programmas de educação physica.

Suas edições no transcorrer de 1936 foram as seguintes:

JOGOS, DIVERSÕES E PASSATEMPOS — de

Adolf Weisigk, contendo explicações minuciosas para a execução de jogos recreativos de qualquer natureza.

O LIVRO DAS MAGICAS — (100 magicas faceis de executar), do mesmo autor.

TRUCS e ILLUSIONISMO — o ultimo livro de *Adolf Weisigk* e tão interessante como os primeiros.

RETRATO VERTICAL DO BRASIL — de *Raul de Polillo*. Sensacional relato de uma viagem aerea do Rio de Janeiro ao Amazonas.

A VICTORIA DO HOMEM DE ACÇÃO (reedição) — de *Edward Earle Purinton* e em traducção revista por Agrippino Grieco e Othoniel Motta. Os varios escriptos de Purinton têm tido uma circulação total de mais de 12.000.000 de exemplares em todos os Estados Unidos e em cerca de vinte paizes. Lord Kitchener distribuiu 1.000.000 de exemplares de um capitulo de um dos livros de Puriton, entre os soldados do Exercito britannico nas vesperas da partida para a frente de Flandres.

VIDA EFFICIENTE (reedição) — de *Edgard Earle Purinton* e traduzido por J. Carvalho e Carlos Rubens. O governo de Nova Zelandia solicitou recentemente o concurso de Purinton na adopção de medidas de efficiencia sobre assumptos de administração publica.

EFFICIENCIA PESSOAL NOS NEGOCIOS — de *Edward Earle Purinton* e em traducção de Raul de Polillo.

EMPRESA EDITORA J. FAGUNDES

Predio Martinelli — 12.° andar — sala 1.233
S. Paulo

Obras publicadas e a publicar breve:

Collecção Reminiscencia (direcção de Decio Pacheco Silveira):

A NORMALISTA — de *Adolpho Caminha*.

SENHORA DE ENGENHO — de *Mario Sette*.

PADRE BELCHIOR DE PONTES — de *Julio Ribeiro*.

BOM CRIOULO — de *Adolpho Caminha*.

CARTAS SERTANEJAS — de *Julio Ribeiro*.

Collecção Obras de Pensamento (direcção de Tasso da Silveira):

CAMINHOS DO ESPIRITO — de *Tasso da Silveira*.

DIRECTRIZES DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA — de *Leoni Kaseff*.

OS DE HOJE — de *Nestor Victor*.

DA EDUCAÇÃO NOS ESTADOS UNIDOS — de *Isaias Alves*.

Collecção Universal:

PAN — de *Knut Hansum*.

O DIABO COXO — de *Le Sage*.

AS ALMAS DO PURGATORIO — de *Prosper Merimée*.

Collecção Vultos da Humanidade:

VIDA DE BUDDHA — de *E. H. Brewster*.

VIDA DE DANTE — de *F. Lamenais*.

O NETO DE MARCO AURELIO — de *L. Amaral Gurgel*. (Extra serie).

Collecção Romances Realistas:

LUPANAR — de *Ivan Bjarne.*
AS NOITES DO TRIANON — de *Henri de Vermeuse.*
FILHOS?... NEM POR SONHO!... — de *Clement Vautel.*

Cartas amorosas:

OS AMORES DE NAPOLEÃO E JOSEPHINA — Traducção de Assis Cintra.

Chronicas:

FRASCO DE VENENO — de *Severo Perdigão.*
FANTASTICA — de *Martins Fontes.*
NÓS, AS ABELHAS — de *Martins Fontes.*
PAIZ DE ORATES — de *Eduardo Paim.*

Romances:

JARAGUÁ — de *Alfredo Ellis Junior.*
ENTRE O CORAÇÃO E A CORÔA — de *Lauro de Avellar.*
BECCO DA CACHAÇA — de *Heraldo Barbuy.*

Novellas:

VOZES DA CARNE — de *J. de Souza Martins.*
ESPECTROS DA RUSSIA IMPERIAL — de *René Michelet.*

Collecção Policial:

NOITES DE PLANTÃO — de *Amando Caiuby.*
MYSTERIOS DO GRANDE HOTEL — de *Vicki Baum.*

Historia:

O GENERAL QUE VENDEU O IMPERIO — — de *Assis Cintra.*
OS ESCANDALOS DA PRIMEIRA REPUBLICA de *Assis Cintra.*
ENSAIOS QUINHENTISTAS — de *L. Amaral Gurgel.*
AMADOR BUENO (O REI DE S. PAULO) — de *Alfredo Ellis Junior.*

Poesias:

GUANABARA — de *Martins Fontes.*

Collecção Viagens:

NOS SERTÕES DO ARAGUAYA — de *Hermano Ribeiro da Silva.*
GARIMPOS DE MATTO-GROSSO — de *Hermano Ribeiro da Silva.*
TERRA SEM DONO — de *Francisco Brasileiro.*

Collecção Brasiliada:

OS PRIMEIROS DOCUMENTOS DA HISTORIA DO BRASIL — de *Assis Cintra.*

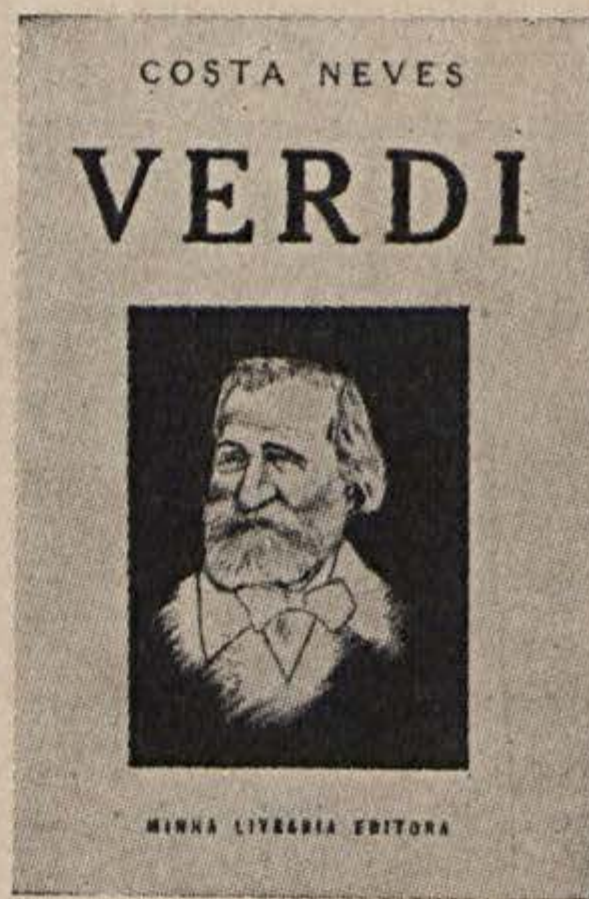
MINHA LIVRARIA EDITORA

Rua Pedro I, n. 2 — *Rio de Janeiro*

Fundada por Benjamin Costallat, foi adquirida em 1934 pelo Sr. Nello Garavini, seu actual proprietario.

Seu programma editorial em 1936, embora pequeno, foi interessante.

São os seguintes os livros que deu a lume no periodo de que tratamos:

NAPOLEÃO E CROMWELL — de *Thomaz Carlyle*, traducção de Aurelio Pinheiro.
DANTE E SHAKESPEARE — tambem de *Carlyle* e traducção de Aurelio Pinheiro.

VERDI — de *J. C. Costa Neves*, que se revelou com essa obra, um biographo consciencioso e attrahente.
NICOLAI E A BIOLOGIA DA GUERRA — de *Romain Rolland.*
ORIGEM DO HOMEM — de *Ernst Haeckel.*
DUELLO DOS SEXOS — de *André Lorulot.*
O ANTI-CHRISTO — de *Frederico Nietzsche.*
LIMITAÇÃO DOS NASCIMENTOS — de *Juan Lazarte.*
O BOM AMIGO E OUTROS CONTOS — de *Oscar Wilde.*

SAROBÁ (poemas) — de *Lobivar Mattos*, jovem poeta e escriptor matto-grossense que com este livro firmou sua reputação nos circulos intellectuaes do paiz.
A MINHA INFANCIA — de *Maximo Gorki*. E' a formidavel auto-biographia do grande escriptor russo, fallecido ha poucos mezes.

Para 1937, promete-nos "Minha Livraria Editora", entre outros, dois livros muito interessantes: *Petroleo*, de Upton Sinclair e *Luthero e Mahomet*, de Thomaz Carlyle, o qual, depois de *Napoleão e Cromwell* e *Dante e Shakespeare*, completará a obra prodigiosa — *Os Heroes* — do genial autor inglez.

LIVRARIA DO GLOBO

Barcellos, Bertaso & Cia.

Matriz: Rua dos Andradas, 1416 e Praça 15 de Novembro, 101.
Filiaes: Santa Maria e Pelotas. (Rio Grande do Sul).

A Livraria do Globo foi fundada em 1883 pelo fallecido Laudelino Pinheiro Barcellos. Era naquella época um pequeno estabelecimento, funccionando em modesto predio de duas portas e uma janella. Em continua ascensão, hoje está installada em grande edificio de tres andares, com frente para a rua dos Andradas e praça 15 de Novembro.

A firma proprietaria actual é composta dos Srs. José Bertaso, Mario Barcellos e Oswaldo Rentszch.

Trabalham na Livraria cerca de 500 pessoas, distribuidas pelas suas differentes secções.

No primeiro andar fica o vasto salão das vendas, onde o publico encontra novidades literarias nacionaes, revistas, artigos de escriptorio, livros em branco, etc. No segundo andar existe uma bem montada secção de livros technicos e literatura estrangeira.

A casa dispõe de innumeras secções: encadernação, pautação, douração, photogravura, impressão, composição typographica, litographia, brochura, cartonagem, desenho, relevogravura, etc. A secção de impressão está equipada com machinario moderno: machinas planas, off-sets, etc. A secção de composição dispõe de 20 modernas linotypos.

Um aspecto da Livraria do Globo em 1883. Como se vê, suas installações eram então modestas

Secção editora

Ha apenas pouco mais de quatro annos é que a Livraria do Globo está trabalhando activamente como casa editora. Levando-se em conta este facto, pode-se dizer que já é bem grande o numero de edições proprias: cerca de 500 volumes differentes, sem contar as reedições. Acha-se á frente desta importante secção o Sr. Henrique Bertaso, auxiliado pelo escriptor Erico Verissimo.

De accordo com o criterio adoptado por este ANNUARIO, damos a seguir a lista das obras publicadas em 1936, excepção feita das didacticas, as quaes nenhum interesse apresentam para esta publicação. Entretanto, pelo successo invulgar alcançado, consignamos aqui dois trabalhos notaveis que, embora didacticos, merecem referencia especial: a HISTORIA UNIVERSAL DA LITERATURA, do professor *Estevão Cruz*, morto em

fins de 1936, obra de grande erudição, em 2 grossos volumes num total de 1.130 paginas ricas em bellas illustrações, e o DICCIONARIO ANALOGICO do padre *Carlos Spitzer, S.J.*, já fallecido, livro de uma utilidade incalculavel. Com effeito, onde os diccionarios communs são de pouco ou nenhum auxilio, o *Diccionario Analogico* é o melhor collaborador do homem que escreve ou estuda.

Por volta de 1900, a Livraria do Globo já se apresentava visivelmente melhorada, denotando o progresso possivel naquella epoca

Passemos agora á lista geral das edições da Livraria do Globo, em 1936:

Ficção, biographias, etc. (autores nacionaes):

ANDRÉ, O FARRAPO (romance historico) — de *João Maia*.

OS PRAIEIROS (novellas) — de *Xavier Marques*.

VISÃO DOS PAMPAS (romance regional) — de *Rivadavia Severo*.

KALUM, O MYSTERIO DO SERTÃO (aventuras) — de *Menotti del Picchia*.

NOVELLAS — de *Radagasio Taborda*.

UM LOGAR AO SOL (romance psychologico e de costumes) — de *Erico Verissimo*. Um dos livros de maior successo firmados por autores nacionaes.

(Autores estrangeiros):

DANTE VIVO (2.ª edição) — de *Giovanni Papini*, o grande escriptor italiano que entre outros livros notaveis produziu: *Historia de Christo, Gog, Palavras e Sangue*, etc.

O LIVRO DE SAN MICHELE (2.ª edição) — de *Axel Munthe*. De seu autor sabe-se que é um medico sueco de reputação mundial e que resolveu fazer sua auto-biographia, de forma originalissima, depois de haver vivido mais de sessenta annos. *O Livro de San Michele* é a historia da vida desse scientista famoso.

LEADERS DA EUROPA — de *Emil Ludwig*. Seu autor, judeu, e cujo nome verdadeiro é Cohn, nasceu na Allemanha em 1881. E' muito querido do publico brasileiro.

ERASMO DE ROTTERDAM — de *Stefan Zweig*. Sobre o autor nada mais se precisa falar.

CATHARINA II — de *Gina Kauss*, grande romancista viennense. Este livro, segundo a critica franceza, é o consorcio mais perfeito entre a Historia e a ficção.

LEÃO XIII — de *René Fulop Miller*. Uma biographia como poucas de um Papa como poucos.

NAVIOS — de *Hendrik van Loon*. E' a historia dos marinheiros e das nações maritimas e de como ellas conquistaram os mares, desde 5.000 annos antes de Christo até os nossos dias.

Hoje, mais eloquente do que simples palavras, ahi está o imponente edificio actual da Livraria do Globo, uma das maiores do Brasil

A VIDA COMEÇA AOS QUARENTA — de *Walter B. Pitkin*. Este livro, que nos offerece uma nova e amavel philosophia da vida, causou vertiginoso successo nos Estados Unidos, onde as edições se succederam. Quanto ao exito aqui alcançado, basta dizer que no mes-

mo anno, com espaço de poucos mezes, fizeram-se duas edições da traducção brasileira.

O TUFÃO — de *Joseph Conrad*. Seu autor, embora tido como inglez, nasceu na Polonia e seu nome verdadeiro é Teodor Josef Kontad Korzeniovsky. Nasceu em 1857 e morreu em 1924.

OS SILENCIOS DO CORONEL BANBLE — de *André Maurois*. Nada mais temos que dizer sobre o autor.

Cumpre-nos agora citar as obras que constituem a celebre collecção policial e de aventuras, de tão grande successo entre os apreciadores do genero, não só por sua intlligente selecção como pela correcção da maioria de suas traducções:

A PORTA DAS SETE CHAVES — de *Edgard Wallace*.
IMPERADOR DA AMERICA — de *Sax Rohmer*.

Poesia:

OUTOMNO — de *Reynaldo Moura*.
VINHO NOVO — de *Olmiro de Azevedo*.
OS DEUSES INSOLENTES — de *Alexandre da Costa*.
POEMAS DA MINHA CIDADE — de *Athos Damasceno Ferreira*.

Chronicas, ensaios, erudição, sceincias, etc.:

HOMENS E FACTOS DE TRIUMPHO — de *Marino J. Almeida*.
O ETERNO E O EPHEMERO — de *Magalhães de Azevedo*.
O CYCLO DO OURO NEGRO (impressões da Amazonia) — de *Vianna Moog*. Um dos melhores livros do anno.
OS MISSIONARIOS JESUITAS NO BRASIL NO TEMPO DE POMBAL — de *Antonio Fernandes*.
A EVOLUÇÃO DO PENSAMENTO ANTIGO — de *Castro Nery*.

COBRA AMARELLA — de *Edgard Wallace*.
O HOMEM SINISTRO — de *Edgard Wallace*.
O SIGNAL FATIDICO — de *Louis Wilton*.
A FILHA DE FU-MANCHU — de *Sax Rohmer*.
O PHANTASMA VERDE — de *Edgard Wallace*.
O VASO CHINEZ — de *Edgard Wallace*.
O PEIOR HOMEM DO MUNDO — de *Sidney Horler*.
A LUCTA DAS CARAVANAS — de *Zane Grey*.
O CAÇADOR DE BUFFALOS — de *Zane Grey*.
OLD SUREHAND — de *Karl May*. (2 volumes).
O CRIME DE UM ARISTOCRATA — de *Mignon Eberhart*.
O MYSTERIO DE GROOTE-PARK — de *F. Wills Crofts*.
PIRATAS MODERNOS — de *Hans Dominik*.
OS TRES HOMENS JUSTOS — de *Edgard Wallace*.
REBELLIÃO EM ALTO MAR — de *Nordhoff & Hall*.
SENHORITA MYSTERIO — de *Sidney Horler*.
O ESPECTRO DA CARA CINZENTA — de *Sax Rohmer*.
UMA AVENTURA NO FAR-WEST — de *Karl May*.
O CAPITÃO CORSARIO — de *Karl May*.

A NOVA LITERATURA BRASILEIRA — de *Andrade Muricy*. Esplendido panorama da nossa literatura de hoje.
O ESTADO CORPORATIVO — de *Anor Butler Maciel*.
REGULARIZAÇÃO SCIENTIFICA DA NATALIDADE — de *Ervin Wolffenbuttel*.
HISTORIA GERAL DA ECONOMIA — de *E. Willems*.
A CÔRTE NO BRASIL — de *C. d'Araujo Guimarães*.
A BATALHA DE CAIBOATÉ — de *Assis Brasil* (Gal.)
FIGURAS E PLANOS — de *Renato de Almeida*.
O PROBLEMA FUNDAMENTAL DO CONHECIMENTO — le *Pontes de Miranda*.
HISTORIA DA REPUBLICA RIOGRANDENSE — de *Dante Laytano*.
ESCOLA NOVA — de *Renato Jardim*.
ECONOMIA POLITICA — de *Djacir Menezes*.
ESTUDOS DE PATHOLOGIA E CLINICA — de *Thomaz Mariante*.
SEMIOLOGIA CIRURGICA — de *Libindo Ferraz*.
CLINICA MEDICA (4.ª serie) — de *Annes Dias*.
PHYSICA MEDICA (2 vols.) — de *Ney Cabral*.
DIABETE — de *Annes Dias* e seus assistentes.

Renato de Almeida

CHIMICA BIOLOGICA — de *Sanchez Ubeda*.
A QUESTÃO SEXUAL — de *Giuseppi Mariani*.
CHIMICA PHYSIOLOGICA — de *W. D. Halliburton*.
DOENÇAS DO FIGADO E DAS VIAS BILIARES — de *F. Rosenthal*.
QUESTÕES PRATICAS DE DIREITO PENAL — de *Innocencio Borges da Rosa*.
CODIGO DO PROCESSO CIVIL E COMMERCIAL DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL — de *Oswaldo Vergára*.
A GUERRA SECRETA PELO ALGODÃO — de *Anton Zischka*. Um dos maiores livros destes ultimos tempos. Seu autor, filho de um diplomata hungaro, tem viajado o mundo inetiro, estudando, observando, annotando e, em seguida, tudo relatando com a maior sinceridade. O seu livro em torno do algodão contém revelações sensacionaes.
A GUERRA SECRETA PELO PETROLEO — tambem de *Anton Zischka*. Outro livro altamente impressionante pelo grande numero de depoimentos tremendos. Obra de actualidade, que deve ser lida por todos quanto ainda se interessam pelo destino da humanidade.
ESTUDANTES, AMOR, TSCHEKA E MORTE — por *Alia Rachmanova*. Sua autora é uma estudante russa que a Revolução Vermelha expulsou de sua patria. Trata-se de um diario, escripto sem a preoccupação de publicidade. A's vezes tinha de escrever em farrapos de papel velho, que guardava entre a roupa. Na sua fuga desordenada pela Siberia por vezes esteve em risco de perder esse precioso relato. Hoje está publicado graças a um acaso feliz. Casada com um ex-prisioneiro de guerra austriaco na Russia, Alia foi incumbida de dizer a editores allemães que o marido não havia apromptado em tempo um livro de memorias promettido. Mostrou timidamente o seu diario, perguntando *si servia*. Os editores leram e pasmaram. E assim nós ganhamos um dos livros mais vivos e impressionantes dos ultimos annos.

Literatura infantil:

A Livraria do Globo tem dado uma attenção especial a este genero. Sua "Collecção Nanquinote", composta de livros de grande formato, com abundanets gravuras a cores, merece citação especial. Compõe-se dos seguintes volumes:

MEU ABC — de *Nanquinote*. Desenhos de Ernst Zeuner.
ROSA MARIA NO CASTELLO ENCANTADO — de *Erico Verissimo*. Desenhos de Nelson B. Faedrich.
AVENTURAS DO AVIÃO VERMELHO — de *Erico Verissimo*. Desenhos de João Fahrion.
OS 3 PORQUINHOS POBRES — de *Erico Verissimo*. Desenhos de Edgard Goetz.

Finalizando, cabe-nos citar as revistas e publicações editadas pela Livraria do Globo:

PRETO E BRANCO — Boletim literario. Apparece de dois em dois mezes, e sua distribuição é gratuita entre os amigos das edições Globo. Traz noticias sobre livros, artigos literarios, contos, etc. Tiragem 35.000 exemplares.
REVISTA DO GLOBO — Revista quinzennal da vida social de Porto Alegre. Tiragem 8.000 exemplares, com 56 paginas.
A NOVELLA — Revista mensal de literatura. O seu objectivo principal é dar em cada numero *um romance inteiro* illustrado, além de contos, humorismo, noticias bibliographicas, etc. Tiragem 15.000 exemplares.
ALMANACH DA REVISTA DO GLOBO — Apparece em Novembro de cada anno. Tem 256 paginas. Materia variada.

CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA, S. A.

Rua Sete de Setembro, 162 — *Rio de Janeiro*

Fundada em 1929 pelo Sr. Getulio M. Costa, sendo, tempos depois, adquirida pela Cia. Editora Nacional, de S. Paulo. Continúa, entretanto, com autonomia editorial e suas edições proprias são numerosas.

Em 1936, foram as seguintes as obras editadas pela Civilização:

AS EX-ESPOSAS — autor X.
MINHA CAMA NÃO FOI DE ROSAS — de *O.W.*
RECORDAÇÃO DA CASA DOS MORTOS — de *F. Dostoiewsky.*
A TULIPA NEGRA — de *Alexandre Dumas.*
O SERTANEJO — de *José de Alencar.*
OS VAGABUNDOS — de *Maximo Gorki.*
EDUCAÇÃO DO CARACTER — de *Vignes Rouges.*
TEXTOS FRANCEZES — de *Henry Lanteuil.*
INDICAÇÕES POLITICAS — *Tristão de Athayde.*
OS QUARENTA E CINCO — de *A. Dumas.*
PARA GRANDES E PEQUENOS — de *C. Wagner.*
O GUARANY — *de José de Alencar.*
AMOR NA SCANDINAVIA — de *Maurice Bedel.*
BOAS MANEIRAS — de *Carmen d'Avila.*
ATRAVÉS DO DICCIONARIO E DA GRAMMATICA — de *Mario Barreto.*
TECHNICA DE PEDAGOGIA MODERNA — de *Everardo Backeuser.*
ESPIRITO SECULO XX — de *Gustavo Barroso.*
O CAMINHO DA FELICIDADE — de *Victor Pouchet.*
OS HOMENS DO MAR — de *Victor Hugo.*
QUE ESTÁ ERRADO NO CASAMENTO — de *Kenneth Maggowan.*
LILY DOS DIAMANTES — de *Mae West.*
ALMA DE CRIANÇA — de *Fedor Dostoiesky.*
O TIO GORIOT — de *H. de Balzac.*
METHODO NA LIMITAÇÃO DOS FILHOS — do *Dr. Threnscott Welton.*
O MESMO SANGUE — de *André Maurois.*
UM ESTADISTA DO IMPERIO — de *Joaquim Nabuco,* um dos mais illustres brasileiros.
O INTEGRALISMO E O MUNDO — de *Gustavo Barroso.*
HEREDITARIEDADE E EUGENIA — de *Octavio Domingues.*
O CRIME DO PADRE MURET — de *Emilio Zola.*
RESURREIÇÃO — de *Leon Tolstoi.*
UM COMEÇO DE VIDA — de *H. de Balzac.*
POR AMOR AO MEU AMOR — de *P. Gustavo.*
UMA LOUCURA DE AMOR — de *Paulo Gustavo.*
O CONDE DE MONTE CHRISTO — de *Alexandre Dumas.*
INTEGRALISMO EM MARCHA — de *Gustavo Barroso.*
RELIGIÕES NEGRAS — de *Edson Carneiro.*
APARTAMENTO N. 2 — de *Edgard Wallace.*
PSYCHOLOGIA DA FÉ — do *P. Leonel Franca.*
HYPNOTISMO — de *Medeiros e Albuquerque.*
O QUE O INTEGRALISTA DEVE SABER — de *Gustavo Barroso.*
O VALOR SOCIAL DA ALIMENTAÇÃO — de *Ruy Coutinho.*
A AVERSÃO AO CASAMENTO — de *Van de Velde.*
ESPIRITO SECULO XX — de *Gustavo Barroso.*
NOSSA SENHORA DA AUSENCIA — de *Leão de Vasconcellos,* poeta moderno de grande delicadeza.

LIVRARIA EDITORA FREITAS BASTOS

DE

Freitas Bastos & Cia.

Ruas Bethencourt da Silva, 21-A e Treze de Maio, 74 e 76. — Caixa do Correiro, 899 — End. telegr. *Etiel* — Telephone: 22-0250

Essa empresa editora vem se especializando na publicação de obras scientificas, sejam de Direito, Melicina ou Sociologia. Damos a seguir a relação das obras publicadas em 1936 por essa casa:

DELICTOS CONTRA A HONRA DA MULHER — de *Viveiros de Castro.*
CODIGO CIVIL BRASILEIRO INTERPRETADO — de *Carvalho dos Santos.*
SOCIOLOGIA JURIDICA — de *Euzebio Queiroz Lima.*
DIREITO ADMINISTRATIVO — de *Themistocles Cavalcante.*
CIRURGIA DE URGENCIA — de *Augusto Paulino.*
CODIGO CIVIL BRASILEIRO INTERPRETADO (13.° vol.) — de *Carvalho dos Santos.*
CODIGO CIVIL BRASILEIRO INTERPRETADO (14.° vol.) — de *Carvalho dos Santos.*
THERAPEUTICA DAS SYNDROMES GRAVIDOS PUERPERAES — de *João Pereira Camargo.*
BREVES NOÇÕES DE GRAMMATICA PORTUGUEZA — de *Achilles Alves.*
CODIGO CIVIL BRASILEIRO INTERPRETADO (15.° vol.) — de *Carvalho dos Santos.*
MANDADO DE SEGURANÇA — de *Themistocles Cavalcante.*
CODIGO CIVIL BRASILEIRO — de *Achilles Bevilaqua.*
PARECERES (3.° vol.) — de *J. X. Carvalho Mendonça.*
DESQUITE — de *Ferreira dos Santos.*
CODIGO CIVIL BRASILEIRO INTERPRETADO (16.° vol.) — de *Carvalho dos Santos.*
EXECUÇÕES FISCAES — de *Mario Accioly.*
MEDICINA DE URGENCIA — de *C. Oddo.*
CODIGO CIVIL BRASILEIRO INTERPRETADO (17.° vol.) — de *Carvalho dos Santos.*
CODIGO CIVIL BRASILEIRO INTERPRETADO (18.° vol.) — de *Carvalho dos Santos.*
CONSOLIDAÇÃO DAS LEIS PENAES — de *Vicente Piragibe.*

LIÇÕES DE CLINICA MEDICA (1.ª serie) — de *Garfiel de Almeida.*
CODIGO CIVIL BRASILEIRO INTERPRETADO (19.° vol.) — de *Carvalho dos Santos.*
CODIGO CIVIL BRASILEIRO INTERPRETADO (20.° vol.) — de *Carvalho dos Santos.*
CODIGO CIVIL BRASILEIRO INTERPRETADO (3.° vol.) — de *Carvalho dos Santos.*
DIREITO DAS SUCCESSÕES (1.° vol.) — de *Carlos Maximiliano.*
DICCIONARIO DE JURISPRUDENCIA PENAL (2.° Supplemento) — de *Vicente Piragibe.*
SEXUALIDADE PERFEITA — de *Hernani de Irajá.*
TRATAMENTO DOS MALES SEXUAES — de *Hernani de Irajá.*
MORPHOLOGIA DA MULHER — de *Hernani de Irajá.*
SEXUALIDADE E AMOR — de *Hernani de Irajá.*

COMPANHIA EDITORA NACIONAL

Rua dos Gusmões — *S. Paulo*

Esta grande casa editora, fundada em 1927 por seu actual director-presidente, Sr. Ottales Marcondes, vem se mantendo como uma das mais importantes do Brasil. Dedicando-se a todos os ramos da industria editora tem creado collecções especializadas, todas ellas efficientemente dirigidas. Haja vista a predilecção do publico pelas suas 4 series: "Negra" (romances policiaes), "Bibliotheca das Moças" (literatura escolhida para senhorinhas), "Terramarear" (novellas para a juventude, cuidadosamente seleccionadas), "Para Todos" (romances em geral). Cumpre salientar de modo especial a excellente Bibliotheca "Brasiliana", onde se contam livros de innegavel valor, dos maiores expoentes, vivos e mortos, da nossa literatura.

No anno de 1936, nessa brilhante collecção, destacaram-se as seguintes obras:

SOBRADOS E MOCAMBOS — do sociologo *Gilberto Freyre,* o autor inesquecivel de *Casa Grande e Senzala.*
HISTORIA SECRETA DO BRASIL — de *Gustavo Barroso,* membro da Academia Brasileira de Letras, de que é um dos directores, e um dos chefes intellectuaes do movimento integralista nacional.
MACHADO DE ASSIS — da jovem escriptora *Lucia Miguel Pereira,* livro que mereceu as mais amplas e desencontradas opiniões da critica.

Muito poderiamos ainda falar sobre a Editora Nacional, não nos faltassem dados maiores.

"A NOITE" EDITORA

A Noite, o grande orgão jornalistico do Rio, depois de se desenvolver de todos os modos, inclusive com a publicação de varias revistas semanaes, cuja popularidade immediatamente se firmou, resolveu em principios deste anno, organizar uma secção editora.

Do successo dessa medida fala claramente o numero de livros já publicados em tão curto espaço de tempo.

Obedecendo ao nosso criterio, estampamos a seguir a lista de suas obras no periodo a que nos referimos:

O AMOR INFELIZ DE MARILIA DE DIRCEU — de *Augusto de Lima Junior.*
VIDA DE SANTOS DUMONT — de *Ophelia* e *Narbal Fontes.*
FUGA E OUTROS CONTOS — de *R. Magalhães Junior.*
ARES DA CIDADE — de *João Luso.*
FERAS DO PANTANAL (aventuras de um reporter em Matto Grosso) — de *Ernesto Vinhaes.*
ASPECTOS DO BRASIL — de *Celso Vieira.*
CARLOS GOMES — de *Itala Gomes Vaz de Carvalho.*
SOL DAS ALMAS — de *Martins Fontes.*
CONTOS DO NATAL — de *João Luso.*
REGRAS PRATICAS PARA BEM ESCREVER — de *Laudelino Freire,* da Academia Brasileira de Letras.

LIVRARIA EDITORA CARVALHO

DE

R. Carvalho & Cia., Ltda.

Avenida Rio Branco, 143 — *Rio de Janeiro*

Livraria recentemente fundada, ha poucos mezes deu inicio á sua secção editora. Assim, pois, até agora apresentou:

TERRA E POVO DO CEARÁ — de *Silvio Julio,* livro em que o autor focaliza aspectos sociaes e intellectuaes do bravo povo cearense.
A QUESTÃO SOCIAL E O CATHOLICISMO — 2.ª edição da obra tão discutida do professor *Joaquim Pimenta.*
CANTIGAS DE PAN — poesias de *Amora Maciel.*

OS GRANDES PROCESSOS DA HISTORIA (1.ª serie) — do escriptor francez *Henri Robert* e traducção de J. L. Costa Neves.

ALBA EDITORA

Rio de Janeiro

FRETANA (romance) — de *Carlos D. Fernandes.*
NO EXTREMO ORIENTE (O Japão) — de *Moreira Guimarães.*
LA REPUBLICA CLASSISTA (ensaio sociologico sul-americano) — de *Argentino B. Rassani.*
O TURBILHÃO (ensaios) — de *Petrarcha Maranhão.*

RECORD EDITORA

VIDAS E TRADIÇÕES JAPONEZAS (chronicas e estudos sobre o Japão) — de *Alexandre Konder.*
O ELEMENTO NEGRO (estudo dos negros do Brasil e sua contribuição para a lingua falada no Brasil) — de *João Ribeiro.*
MARUJADA (contos) — de *D. Martins de Oliveira.*
O NEGRO BRASILEIRO E OUTROS ESCRIPTOS (ensaios) — de *Jacques Raymundo.*

EDITORA A. B. C. LIMITADA

MORAL CHRISTÃ E EDUCAÇÃO — de *Laura Jacobina Lacombe.*
ANALOGIAS DIVINAS NO MONUMENTO DO CORCOVADO — de *Silva Costa.*
AS VIRTUDES — do *Padre Julio Maria.*
ESPANHA EM SANGUE... (impressões) — de *Soares de Azevedo.*
INTRODUCÇÃO A' BIBLIA SAGRADA — de *Alba C. do Nascimento.*

LIVRARIA EDITORA GUANABARA

Waissman Koogan Ltda.

Rua do Ouvidor, 132 — Telephone 22-7231 — *Rio de Janeiro*

CONFUSÃO DOS SENTIMENTOS — de *Stefan Zweig.* (Reedição).
FREUD — de *Stefan Zweig.* (Reedição).
TOLSTOI — de *Stefan Zweig.* (Reedição).
DOSTOIEWSKY — de *Stefan Zweig.* (Reedição).
LEPORELLA — de *Stefan Zweig.* (Reedição).
UMA CONSCIENCIA — de *Stefan Zweig.*
MAGICOS E LOGICOS — de *André Maurois.*
MEDITERRANEO — de *Panait Istrati.*
EIS A VIDA — de *Panait Istrati.*
CONFLICTO SENTIMENTAL — de *André Maurois*, traducção de Manuel Ribeiro.
HISTORIA DA LITERATURA — de *Klabund.*
CLINICA MEDICA (XI e XII) — de *Ramond.*
ANESTHESIA REGIONAL — de *Victor Pauchet.*
FORMULARIO DE ENDOCRINOLOGIA — de *G. Jeanneney-J. Hertz.*
GINECOLOGIA — de *M. Rosset.*
CONSTITUIÇÃO DO BRASIL (1.° Tomo) — de *Pontes de Miranda.*
CONSTITUIÇÃO DO BRASIL (2.° Tomo) — de *Pontes de Miranda.*
ATRAVÉS DA CHINA — de *Mazzini Bueno.*
MINHAS ORAÇÕES — de *Mazzini Bueno.*
CONFERENCIAS DA CONSTITUIÇÃO — de *Levy Carneiro.*
VIAGEM PELO BRASIL — de *Affonso de Carvalho.*
VALE A PENA ACORDAR AMANHÃ? — de *Affonso de Carvalho.*
ERROS E PRECEITOS — de *Fraga.*
GRAPHOSCOPIA — de *Arroxellas Galvão.*

EDIÇÕES AVULSAS

CERTOS CAMINHOS DO MUNDO (romance) — de *Abguar Bastos.*
FABRICA (romance) — *Edgar Carvalho.*
SUBCONSCIENTE, O NOSSO IMMENSO MUNDO INTERIOR (chronicas) — de *Christovão de Camargo.*
NOTAS DE HONTEM E DE HOJE (chronicas) — de *Christovão de Camargo.*
PROSAS EXCENTRICAS (chronicas) — de *Christovão de Camargo.*
FRAGMENTOS HISTORICOS (ensaios) — de *Alvim Menge.*
EXEMPLOS E PROBLEMAS — de *A. Gomes Carmo.*
CAFÉ E BANCOS (critica economica) — do *Consul Raul Gomes.*
MME. CHÁ (poema theatral) — de *Fabio Aarão Reis.*
MISERERE! (romance) — de *Luiz Autuori.*
SAÚCHA (contos) — de *Nancy Villar.*

VULTOS DO MEU CAMINHO (ensaios biographicos) — de *Paulo José Pires Brandão*.

INTRODUCÇÃO AO INTEGRALISMO — de *A. Machado Panferio* e *J .Rocha Moreira*.

O COMMERCIO INTERNACIONAL E AS MARINHAS MERCANTES NO MUNDO — de *Audifax Aguiar*.

ESTUDOS OBJECTIVOS DE EDUCAÇÃO — de *Isaias Alves*.

O CONSCIENCIALISMO (ensaios) — de *J. Torres D'Alba*.

CREDITO POPULAR E CAIXAS ECONOMICAS — de *João Lyra Filho*.

DHELIA (contos) — le *Sylvia du Verney Sanerbraun*.

CHARLATÃES DE BECA (critica) — de *Alfredo Soares da Cunha*.

O ESCULPTOR DE POPPÉA (novella) — de *Felipe Nefa Cheinali*.

A CRISE RELIGIOSA EM FACE DA PSYCHOLOGIA EXPERIMENTAL (ensaios) — de *Helio Bastos Tornaghi*.

O ROMANCE DE CARLOS GOMES (prefacio de Menotti del Picchia) — de *Hermes Vieira*.

VIDA E OBRA DO BARÃO DE MACAHUBAS (bibliographia) — de *Isaias Alves*.

ESFOLA DE UM MENTIROSO (critica) — de *J.J. Seabra*.

O S.R.M. DE HONTEM E DE HOJE (resumo historico do Serviço Radio da Marinha) — de *L. J. de Brito Reis*.

HISTORIA DE UM COICE (ensaios de psychologia social) — de *Oswaldo Paixão*.

MOMENTOS PHANTASTICOS (contos) — de *O. de Moraes Bastos*.

A VICTIMA DO COMMUNISMO (contos) — de *Olga Cabral Costa*.

MOCAMBOS (romance proletario) — de *Chagas Ribeiro*.

ARTIGOS DE JORNAL (ensaios) — de *Gilberto Freyre*.

ENSAIOS — de *José Julio Rodrigues*.

O BOM HOMEM (theatro) — de *Silvino Lopes*.

O LOBO E A OVELHA — (chronicas) — *Lucillo Varejão*.

INSURREIÇÕES NEGRAS NO BRASIL (ensaios) — *Aderbal Jurema*.

A INICIAÇÃO JUDICIARIA — de *Djalma Tavares da Cunha Mello*.

ASPECTOS DA HISTORIA — de *Mario Mello*.

PONTES E CHAFARIZES DE VILLA RICA DE OURO PRETO — de *Feu de Carvalho*.

ULTIMA EDIÇÃO (poemas) — de *Octavio Dias Leite*.

CABO DEDATO — de *Heli Monegali*.

ITAÚNA — de *João Dornas Filho*.

BELLO HORIZONTE (2 vol.) — de *Abilio Barreto*.

O AMIGO DE DUCLERC — de *Paulo Rehfeld*.

OS ANDRADAS NA HISTORIA DO BRASIL — de *João Dornas Filho*.

POEMAS DO PASSADO E DO PRESENTE (versos) — de *Anibal Mattos*.

Olegario Mariano, o grande poeta das cigarras cariocas e illustre membro da Academia Brasileira de Letras, publicará, em principios de 1937, um novo livro intitulado "O Enamorado da Vida" (Guanabara).

O poeta Cumplido de Sant'Anna, da Academia Carioca de Letras, que collaborou neste "Annuario" com um primoroso soneto de fino lavor.

O CEARÁ LITERARIO

(Conclusão)

seus esforços pacientes e meritorios. E', pois, digno de todas as nossas homenagens.

* *

O "Salão Juvenal Galeno", hoje, "Casa Juvenal Galeno" é um ponto de convergencia intellectual. Mais que as duas Academias, ali existentes, congrega os escriptores para frequentes tertulias; organiza gabinete de leituras; recebe visitantes illustres. Já é uma instituição reconhecida pelos poderes publicos do Estado. Henriqueta Galeno, sob os manes sagrados de seu Pae, faz daquella casa um tabernaculo. Por seu turno, sua irmã Julinha Galeno, tambem escriptora de merito, transformou sua "Cabana Azul", aqui em Ipanema, á Rua Montenegro n. 284, num prolongamento daquelle velho e augusto solar.

* *

Ha, alli, em minha terra, sempre, um sopro de vida nova, numa reacção efficaz contra a apathia tão antagonica á indole irrequieta, ardente e visionaria da alma cearense que nunca deteve, mesmo nas horas mais torvas, a marcha resoluta do seu imprescriptivel destino historico.

ALTER EGO

(Conclusão)

Ignorando que outrem é elle mesmo e que elle é outrem, o aborigene australiano está livre de complicações e acredita naturalmente que elle é elle mesmo.

Tal não é, porém, o meu caso, porque toda vez que outrem se degrada na pratica de crimes ou se sublima no exercicio de peregrinas virtudes, sobrevem-me a complicação, porque verifico que sou eu outrem, *alter ego*, que me degrado ou me sublimo.

Meu desejo, entretanto, não é que outrem seja outro eu mesmo — como pretende o prof. Tradens — mas que outrem seja outrem mesmo e que eu seja eu mesmo livre de responsabilidade para com outrem animado de egoismo negativo, e assim desejo, afim de que eu e outrem achemos soluções para os problemas da vida, na fórma do possivel, bem entendido, porque o impossivel, não tendo remedio, remediado está .

Assim, outrem só poderia ser outro eu mesmo na Alma unica de que nos dá noticia o professor Tradens e para a qual, segundo este, tendem todas as almas.

Em todo caso ha nessa pluralidade do eu uma grande vantagem, a sabem: quando meus actos forem máos, eu me declararei outro eu mesmo e quando forem bons, eu serei eu mesmo.

O ROMANCE REAL

(Conclusão)

rismo infantil. Meiguice. *Clarissa* é um começo minusculo. Vae crescendo. Em *Musica ao longe* apparecem duvidas.

Caminhos cruzados complica. Romance-enxurrada. As aguas que correm se encontram no meio da chuva. *Um lugar ao sol.* O titulo é um pedido romantico de classificação. Possue typos cosmopolitas. E sujeitos encravados em si mesmos. As paisagens humanas de Erico Verissimo são muitas vezes truncadas e harmoniosamente violentas. Contraste de scenarios. Noel vae tendo aos poucos um desencantamento onirico.

Vasco se esgotta na procura estafante de emprego. E um visinho morre pausadamente, aos goles, na fomes ascetica de um cancro. Mas lá fóra... Dentro da maciez festiva da vida, de uma vida levemente indifferente, o rio lambe molengo as carnes das praias; ha flores quietas e humidas em todos os jardins verdes da cidade. E o sol, o autor gosta do sol, anda pondo coloridos de ouro nas arvores, nos telhados rubros das casas e nos homens. Tudo isso num balanço onduloso, na harmonia emotiva de um olhar, até de um gesto...

Afinal, nós tiramos uma conclusão. O nosso romance moderno está correndo das ficções vasias. O empanturramento indigesto do romantismo mythomano desapparece do temperamento critico dos autores de hoje. O romance entra na phase da procura da verdade. Seu primeiro intuito é o de ser real. As tendencias dos autores que vimos têm esse intuito. O individuo restricto a si mesmo não significa nada collectivamente. E o romancista deve ser justamente o contrario da polarização individualista. E' preciso que elle comprehenda os grandes impulsos e amarguras sociaes. E é muito mais necessario ainda que elle arranque de cada personagem e de cada grupo um destino que todo mundo procura e pouca gente encontra.

MAIS UM GRANDE MORTO DE 1936

já experiente da vida e não manifestára a precocidade da maioria dos poetas (principalmente brasileiros) que aos 18 ou 20 annos já têm seu volumesinho impresso, a attestar seu genio creador.

Em 1897 publicou *Les Jeux rustiques e divins;* em 1900, *Les Médailles d'Argille; La cité des eaux,* em 1903. Em seguida, vieram *Les Amants singuliers, Le bon plaisir, Les vacances d'un jeune homme sage, Le passé vivant, Sujets et paysages, La peur de l'amour, La flambée, La pecheresse, La Sandale ailée, Le Miroir des heures.*

Regnier era tambem um romancista de primeira ordem e entre suas producções mais notaveis podem-se destacar: *La Double Maitresse, Le Bon Plaisir, Le Mariage de Minuit, Les Rencontres de Monsieur Bréot.*

Como critico de arte e de historia, deixou alguns volumes, collectaneas de artigos publicados em jornaes e revistas, afóra discursos e ensaios de natureza varia.

Em 1911 foi recebido na Academia Franceza. Sua esposa, filha de José Maria Heredia, tambem é literata de fama, conhecida pelo pseudonymo de Gérard d'Houville. Filha de um grande poeta parnasiano e mulher de outro grande poeta, tambem ella é uma poetisa de raro merito.

COMMISSÃO DE LITERATURA INFANTIL DO MIMISTERIO DE EDUCAÇÃO

Just so stories, por Kippling.

Les enfants célèbres, por M. Masson.

Légendes et récits pour la jeuneusse, por Mme. de Witt.

Histoires de bêtes, por Mme. de Witt-Guizot.

Contes cosmopolites, por Leila Hanoum.

The jungle books, por Kippling.

Stories of Robin Hood, por J. W. Mc. Spaden.

Gleanings in Buddha Fields, por Lafcadio Hearn.

The golden windows, por Laura E. Richards.

Indian fairy tales, por Joseph Jacobs.

Contes et légendes des pays d'Orient, por Charles Dumas.

A commissão tem intervindo junto á Associação Brasileira de Imprensa no sentido de serem melhorados os supplementos infantis de jornaes e revistas, e os programmas infantis de radio; pleiteou e obteve 15 minutos por semana no Instituto de Cinema Educativo para que todos os seus membros transmittam ao publico pelo radio noticias referentes ás actividades da commissão, o que tem sido regularmente feito; suggeriu ao Governo a criação de bibliothecas ambulantes para serem utilizadas pelas crianças pobres; discutiu varias theses relativamente á literatura infantil; abriu tres concursos para livros infantis, sendo um album de estampas, com texto breve, para crianças em idade pre-escolar, um livro para crianças de 8 a 10 annos e outro para crianças acima de 10 annos. Está para entrar no prelo um boletim contendo toda a materia que resultou da actividade da commissão nos seus primeiros mezes de trabalho.

LIVROS PARA A INFANCIA

cula a extranheza dos filhos dessa terra tropical, cheia de sol e varrida de ventos amplos quando as paginas se apresentam sombrias e cheias de neves. As duvidas que sentem quando lhes falam da neve!

Nada de neve, nada de casas onde se fica em volta da lareira.

As crianças do Brasil têm todas as noites a claridade bonita das estrellas no azul e não podem ficar pensando em ambiente que desconhecem. E que tortura quando nos contos estrangeiros apparecem bichos que nunca se viu!...

Portanto, antes de tudo fugir da desnacionalização dos nossos guris deixando esse crime para o saboroso cinematographo...

BRANCA BILHAR

sica, ao ser aqui diplomada. Compunha tambem, com facilidade, magnificas phantasias, hymnos, valsas, melodias, modinhas e canções, destinadas, as de grande estylo, ao gosto das *elites*, e outras ao entendimento do publico. As suas musicas suggestivas falavam ao sentimento patriotico.

Destacam-se entre as mais vibrantes: — *Dedicação, Romance, Reminiscencia, Catêretê, Alayde, Samba sertanejo, Bailado indigena, Os heroes de Copacabana* (5 de Julho, hymno heroico), os sonetos musicados *Sabiá*, de Luiz Murat e *Esmeraldas* de Alvaro Bomilcar. De outras, já publicadas, não mais se encontram exemplares nas casas editoras.

Parece que Branca viveu para realizar uma obra muito acima de seu renome de artista.

Depois de seu passamento, occorrido em 22 de Dezembro de 1929, fez-se um grande silencio em torno de seu nome. Não importa dizer que as suas bellissimas creações tenham passado da moda. Ellas não foram nem poderão jamais ser esquecidas. Servem ainda, infelizmente, para a safra criminosa de certos plagiarios, autores de sambas e outros arranjos carnavalescos... Não raro ouvimos, ao radio, pensamentos, creações de Branca Bilhar, em musicas recentes com pretenções á originalidade...

Isso dá bom testemunho da dolorosa época de utilitarismo que atravessamos.

E' que, em vida, a eximia pianista cuidava mais em ser o que foi: uma artista estudiosa dos mestres; uma compositora inspirada na belleza dos proprios sentimentos; não apenas um nome retumbante imposto ao publico pela força magica do empenho e dos reclamos alcançados pelas bôas relações entre os criticos de arte.

CASIMIRO DE ABREU

musica do rythmo espontaneo e a nota do sentimento puro extreme de toda eiva de pensamento alheio ao ideal da verdadeira poesia, dessa poesia que soe agora andar quasi sempre divorciada da arte do verso. Extranho não é, desafortunadamente, ao espirito dos nossos dias, o desprezo das bellezas singelas que se traduzem na poética juvenil do bardo das *Primaveras*. Igual desprezo é o que envolve, em polo opposto, a obra maxima da nossa lingua, a epopéa incomparavel que immortalizou aquelles "varões assignalados" a cujo peito illustre "Neptuno e Marte obedeceram". Sobram porém ainda, felizmente, os que escaparam ao generalizado embotamento da sensibilidade, de onde procede a commum indifferença pelos encantos do puro lyrismo, desse lyrismo irmão gemeo da musica, a menos intellectual das artes; remanescem ainda os que se não deixaram fascinar pelo contagioso desamor ás bellezas classicas e á cultura ordenada do espirito, tão necessaria á penetração das excellencias poeticas e literarias que se condensam em todos os cantos da epopéa immortal. Si o poema de Camões é a harmonia incomparavel da lingua e da poesia classica de Portugal, o producto maximo do genio latino moderno, as poesias simplicissimas de Casimiro constituem a mais fluente melodia obtida atravez das gamas riquissimas da linguagem contemporanea. A Academia Carioca de Letras deu mostras de bem comprehender a valía da inspiração do poeta fluminense, ao commemorar-lhe a passagem do primeiro centenario natalicio, occorrido a 4 de Janeiro deste anno.

ACADEMIA CARIOCA DE LETRAS

Letras e Sociedade de Cultura Literaria do Brasil.

A Academia tem 30 cadeiras e nellas se assentam, em caracter de perpetuidade, escriptores brasileiros, residentes no Districto Federal, desde que satisfaçam as condições estatutarias.

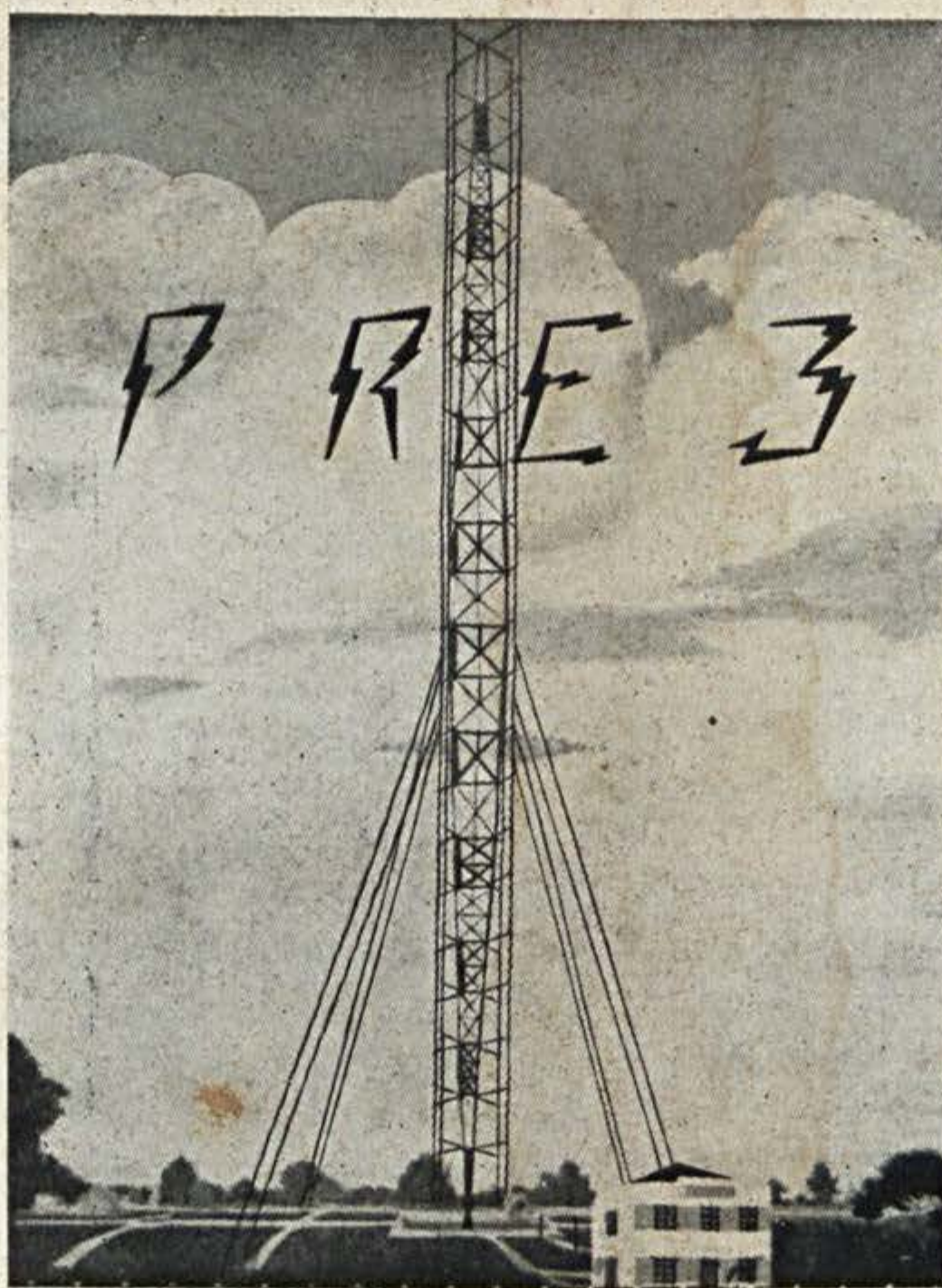
Mantém já um orgam de divulgação sob o titulo de "Publicações", pretende publicar sua "Revista" e installar sua bibliotheca, especializada em obras de patronos e de academicos, bem como por meio de publicidade divulgar a obra daquelles que dão patrocinio ás respectivas cadeiras.

Na Academia não se vem a titulo de merecer consagração, senão para trabalhar e produzir.

Estes os apontamentos relativos á sua historia que começa.

Sociedade Radiotransmissora Brasileira

RUA PAULO BREGARO, 22-3.º (Antiga do Mercado)

Caixa Postal 159 — Telephone 23-1959 — RIO DE JANEIRO

CARACTERISTICAS:

Altura da Torre, 127 metros; potencia nos picos de modulação, 40 kilowatts; potencia irradiadora, 10 kilowatts; frequencia (onda), 1.220 kilociclos, ou (onda) 245,9 metros; antenna, unica na America do Sul; antifading, amortecimento periodico; control a crystal, 100 % nos picos de modulação. Estudios desenhados especialmente pelos technicos da Cia. Celotex. Installações em **Edificio Proprio.**

Ouça **P R E - 3**, que apresenta todas as noites um programma especial **differente:**

Segundas — "Hora Sertaneja".
Terças — "Hora Viennense".
Quartas — "Hora Só... Rindo".
Quintas — "Hora para os Nossos Avós".
Sextas — "Hora da Bota de 7 Leguas".
Sabbados — "Hora Portugueza"
Domingos — Operas, transmittidas pelo "Theatro Imaginario" de P R E 3".